



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

### **Usage guidelines**

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

### **About Google Book Search**

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>

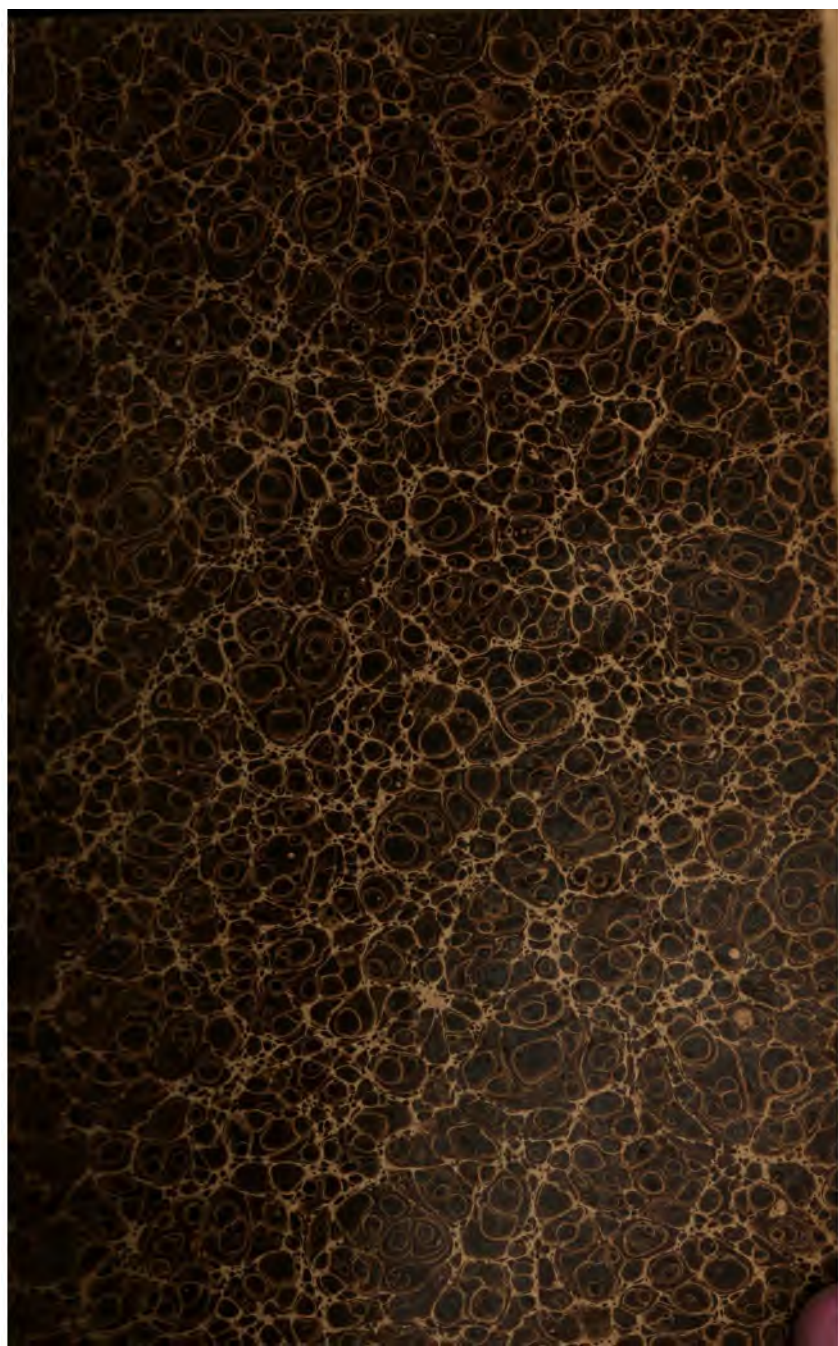


~~264840~~

~~275 e. 5~~



Vet. Port. III B. 21

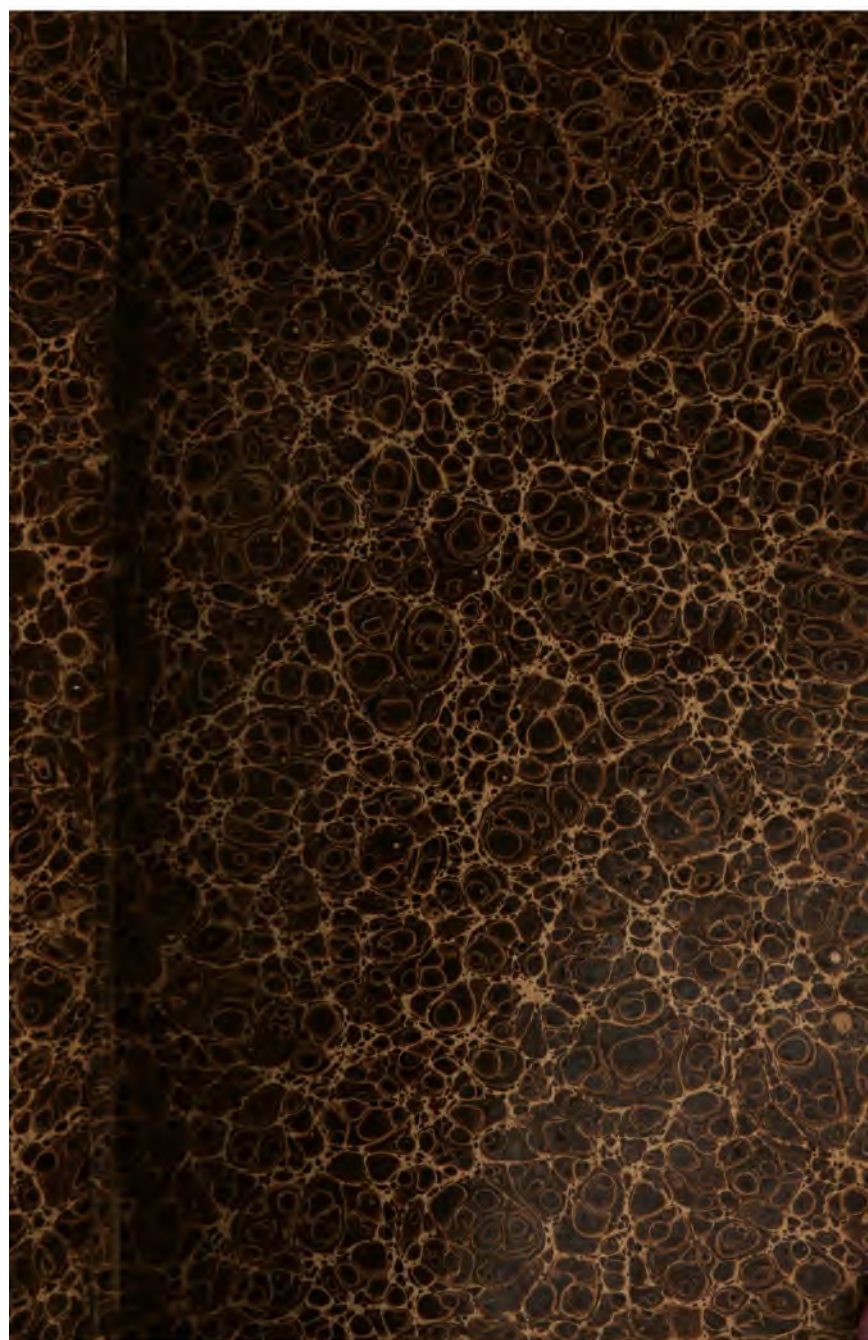


~~264840~~  
~~275 e. 5~~



Vet. Port. III B. 21







CANTOS POPULARES

DO

ARQUIPELAGO

AÇORIANO



## CANCIONEIRO

•

# ROMANCEIRO GERAL

PORTUGUEZ

---

5 volumes in-8.º

- ✓ I — HISTORIA DA POESIA POPULAR PORTUGUEZA — *Primeira parte*: Vestigios da primitiva poesia popular portugueza. — *Segunda parte*: Unidade dos romances populares do Meio Dia da Europa. Porto, 1867. 1 volume.
- ✓ II — CANCIONEIRO POPULAR — Colligido da tradição oral — Reliquias da poesia portugueza do seculo XII a XVI. Sylva de cantigas soltas, Fados e Canções da rua, Orações, Prophecias nacionaes e Aphorismos poeticos da lavoura. Coimbra, 1867. 1 volume.
- ✓ III — ROMANCEIRO GERAL — Contendo a Flor dos romances anonyms do Cyclo Bretão e Carlingiano, e um Vergel de romances mouriscos, Contos de cativos, Lendas piedosas e Xacaras. Com estudos sobre as origens de cada romance. Coimbra, 1867. 1 volume.
- ✓ IV — CANTOS POPULARES DO ARCHIPELAGO AÇORIANO — Rosal de Enamorados — Romanceiro de Aravias. Com estudos sobre as origens e paradigmas de cada romance. Porto, 1869. 1 volume.
- ✓ V — FLORESTA DE VARIOS ROMANCES — Romances com fórma litteraria do seculo XVI a XVII. - Romanceiro historiado, contendo os romances da historia portugueza que andam nas Collecções hespanholas. — Porto, 1869. (*No prelo.*) 1 volume.

Preço da obra completa 2\$500 reis.

4

CANTOS POPULARES

DO

ARCHIPELAGO

AÇORIANO

PUBLICADOS E ANNOTADOS

POR

THEOPHILO BRAGA

*Se olhardes ás cantigas  
Do prazer acostumado,  
Todas tem som lamentado,  
Carregado de fadigas  
Longe do tempo passado.  
O d'então era cantar  
E bailar como hade ser,  
O cantar para folgar,  
O bailar para prazer:  
Que agora é mão d'uchar.*

GIL VICENTE, Triunpho  
do Inverno.

PORTO

TYP. DA LIVRARIA NACIONAL,

Rua do Laranjal, 2.<sup>o</sup> 22

1869



AO ILL.<sup>llo</sup> E EX.<sup>llo</sup> SNR.

## DR. JOÃO TEIXEIRA SOARES

DA ILHA DE S. JORGE

*Se o escrever o nome na primeira pagina de um livro fosse em Portugal uma cousa honrosa e digna, pertencia a maior gloria d'este trabalho áquelle que se deixou entranhar no labyrintho da imaginação do povo, para entregar-me o fio da tradição poetica das ilhas dos Açores. Um livro portuguez, e sobre o assumpto mais nacional, está destinado para poucos leitores; para alguns d'elles não passa de uma obra esteril, quando a não tomam por um logro. O meu amigo estuda no seu canto, não conhece isto; mas sei que é bastante nobre para não soffrer que lhe attribuam taes intenções.*

*Grande parte dos romances aqui publicados foram recolhidos para coadjuvar Garrett na sua tentativa de Romanceiro; não quiz a fatalidade que lhe aproveitassem; acceitei-os da mão do meu amigo, como o propheta menor ao receber o manto de Elias. Se a boa fé e um respeito profundo pelos cantos populares suppreem a intuição artistica, fez bem em entregar-me o deposito sagrado. Juntar o seu nome com o meu no frontispicio da obra, era expôr um homem de merecimento incontestavel a facecias de folhetim; mas lá chegará a hora em que a justiça hade illuminar a pagina aonde está escripto o nome do fervoroso obreiro, que na bôa confraternidade da juranda, veiu confiar-me as mais bellas e antigas rhapsodias da epopêa legendar portugueza.*

Theophilo Braga.

NOTA Á PAGINA 389. — O padre Cordeiro na *Historia Insulana*, liv. vi, cap. xxx, n.º 338, explica a origem do alcunho *faca sem ponta* dado aos Terecienses, como um vexame exercido pelo governador João de Urbina no tempo de Filippe II.

## INTRODUÇÃO

---

Os cantos populares do Archipelago açoriano dividem-se em duas partes: uma actual, movel, continuamente em elaboração, por que é um ecco da vida, uma linguagem das paixões e dos sentimentos de hoje; a outra é tradicional, historica, em desharmonia com os costumes presentes, mas repetida ainda religiosamente como lembrança de costumes e successos que já passaram. O cancionero é a parte lyrica; o romanceiro a parte epica, e a de mais importancia.

Ao estudar-se o romanceiro das Ilhas dos Açores devemos ter em vista: que as tradições cavalleirescas foram para ali levadas nos principios do seculo xv, pelos primeiros descobridores e colonos mandados pelo Infante Dom Henrique; que no século xv, os romances eram considerados como propriedade do baixo povo, e por isso despreziveis, *infimos*, lhes chamava o Marquez de Santilana; que até ao presente os povos dos Açores viveram quasi, por assim dizer, incommunicaveis; que o seculo xv é o periodo em que na Peninsula se formou a parte mais bella dos romanceiros, que principiou a ser recolhida no *Cancionero general* de Hernando del Castillo em 1491, e no *Cancionero de Anvers* de 1550; finalmente, que o numero dos romances perfeitamente anonymos e bellos andará pouco mais ou menos por cem. Portanto, os romances açorianos estão em um estado de pureza e de originalidade tal, que uma grande parte dos

costumes juridicos do tempo das cartas de Foral lá se encontram, não comprehendidos, mas ainda lembrados; e a lingua, falada n'essas pequenas epopeas, é a do seculo xv, contemporanea do *Cancioneiro* de Resende.

Seja qual fôr a epoca do descobrimento das ilhas dos Açores, ou em 1432, como quer Gabriel de Valsequa na carta inedita feita em Malhorca em 1439, ou recuando ao seculo xiv, como indicam as cartas de Parma e a catalan, ou entre 1380 e 1400, por isso que se acham no Atlas inedito da Bibliotheca Pinelli, os cantos insulanos são os mais antigos da tradição popular portugueza. Creados na grande elaboração poetica dos seculos xiv e xv, que a Reforma abafou, pertencem exclusivamente a uma epoca em que estavam livres de todas as influencias cultas e artisticas, que tem desnaturado os Romanceiros de Hespanha. Em 1428, data em que se julga ter Dom Duarte começado a escrever o *Leal Conselheiro*, lá cita a palavra *rimanço* como significando uma fórmula *simpres*, para melhor se reter de memoria. Enumerando as causas da mudança do nosso character, escreve assim:

— Da terra, compreissom ;  
do leite e vyandas, criaçom ;  
dos parentes naçom ;  
das doenças e acontecimentos, occasion ;  
dos pranetas, costellação ;  
dos Senhores e amygos, conversaçom ;  
de nosso Senhor Deos, per special spiraçom  
nos he outorgada condiçom e discreçom. 1

---

1 *Leal Conselheiro*, cap. xxxix, p. 218. — Azurara, na *Chronica da Conquista de Guiné* allude ao *Poema do Cid*. Edição de Paris, p. 4. Fala tambem dos grandes poemas cavalleirescos, quando allude aos «clamores da grandeza dos Alemães, e da gentilleza da França, e da fortaleza de Inglaterra, e da sabedoria de Italia...» p. 12. Tal é a opinião do Visconde de Santarem, p. ix, not. 2.

Em seguida diz o rei: «Aquestas cousas suso scriptas que mudam nossa discreçom e condiçom escrevy em *simpres rimança por se melhor podem reter.*» Dom Duarte fazia uma má ideia da fórma do romance e vagamente a conhecia, porque não a soube imitar, dando-lhe a fórma monorríma, que era o que mais feria o ouvido. Note-se que a palavra *rimança* não se deve confundir com *linguagem vulgar*, por que o monarcha escrevia o livro n'ella, e escusava de caracterisar assim as maximas a que deu um certo arranjo de rima.

Como originarios do baixo povo da Peninsula formado dos *mosarabes*, ou fusão do godo-lige com o arabe, os romances populares, do seculo XV para traz, podem com certeza attribuir-se ao mesmo genio que dictou as profundas normas de liberdade nas cartas dos Foraes, e na Architectura. <sup>1</sup> Religião, arte, poesia e direito tudo creou de novo o genio *mosarabe*.

Na ilha de Sam Jorge ainda hoje se denominam os romances populares com a palavra *Aravias*. <sup>2</sup> A designação é nada menos do que uma revelação historica: a origem arabe dos romances populares da Peninsula. Esta questão foi primeiramente proposta por Antonio José Conde, no prologo da *Historia de la Dominacion de los Arabes*: «Como a sciencia e a poesia eram uma parte essencial da educação cavalheiresca dos nossos Arabes e contribuiam para reproduzir o espirito e os costumes d'este povo, não quiz privar a minha

---

<sup>1</sup> União do estylo *byzantino* com o *gothico*, por influencia dos cativos arabes, que trabalharam nas cathedraes do seculo XII.

<sup>2</sup> Em uma carta o meu illustre compatriota João Teixeira Soares diz: «Observarei a V. que o povo applica a todos os Romances e Xacaras o epitheto de *Aravias*. 24 de Novembro de 1868.»



Historia d'estes ornamentos do gosto oriental, já porque não existe entre os Mouros uma historia valiosa que não traga mais ou menos versos. Inseri os trechos mais caracteristicos que tem relação com os acontecimentos. *N'isto mesmo quiz imitar os Arabes na minha traducção, empregando o nosso verso de romance.* E' o rythmo mais usado na poesia arabe, e que, sem duvida alguma, nos serviu de modelo. Imprimi os versos como os arabes os escrevem. Dois versos de romance equivalem a um verso arabe, que é dividido em duas partes: O nosso primeiro verso fórma a primeira metade ou primeiro hemistichio do verso arabe que se chama *saldribait* ou entrada do verso; o nosso segundo fórma o segundo hemistichio arabe que se chama *ogrilibait* ou fecho do verso. Uma estancia dos nossos romances, de quatro versos, corresponde a quatro hemistichios ou a dois versos arabes. Faça esta reflexão para que se não extranhe a nova maneira de imprimir os versos castelhanos. *Imprimi-os assim para que esta prova material da origem arabe dos nossos romances saltasse aos olhos.* » <sup>1</sup> O illustre orientalista hollandez Dozy combate esta opinião de um modo absoluto, dizendo que a poesia arabe era assás artistica e aristocratica para que se popularisasse. <sup>2</sup> Apesar de isto ser assim, os arabes da Peninsula tiveram uma poesia vulgar, que o baixo povo ouvia, e de que nos restam documentos nas citações do Arcipreste de Hita quando enumera os instrumentos que não serviam para os cantares arabicos, e aponta o canto

---

<sup>1</sup> Obra cit. p. XIII.

<sup>2</sup> Recherches sur l'histoire politique e littéraire de l'Espagne pendant le moyen âge. Apud Ticknor.

de *Caguil hallaco*. Em uma rubrica do *Cancionero* de Baena se aponta uma *Jogralessa mourisca*. Argote y de Molina, no discurso com que remata a edição do *Conde de Lucanor*, diz que ouviu cantos repetidos pelos arabes vencidos na conquista de Granada; e os snrs. Dom Pascual de Gayangos e Vedia dizem, que ainda hoje em Tetuão se repetem no baixo povo cantos com allusões a Cordova e Granada. <sup>1</sup>

Quando El-Rei Mauregato exigia para os harens de Cordova o tributo das donzellas, Goesto Ansuers, falando com as cativas, diz:

As compridas vias  
Por vos andarey:  
Lingua de *aravias*  
Eu las falarei.

Esta lingua de *aravias* ou *algarabia* era a lingua da nova classe os *mosarabes*, e n'ella se redigiram as primeiras cartas de Foral e os primeiros documentos juridicos, em contraposição com os dialectos provençaes galleziano e catalão, empregados na poetica dos nobres e nas canções da côrte. Nos escriptos dos seculos XIV e XV encontram-se allusões á lingua de *aravia*. Na III *Memoria avulsa de Santa Cruz de Coimbra* vem: «E este Mem Moniz era muy ardido cavalleiro e sabia muy bem falar a *aravia*... <sup>2</sup> Na *Chronica geral de Hespanha*, mandada traduzir por El-Rei Dom Diniz, se lê: «E era em seuyha o arcebispo dom joham... muy sabedor na *lingua daravy-*

<sup>1</sup> Nota ao cap. vi de Ticknor.

<sup>2</sup> Mon. Hist.: Scriptores, I, p. 28.

go...»<sup>1</sup> No *Cancioneiro geral* abundam as referências :

D'estas novas não dou mais,  
porque seraa demasya  
querer falar *Aravia*  
com vós que a ensynays.  
TOM. II, p. 300.

Dous pontinhos da *Aravya*  
TOM. II, p. 430.

E falla mil *aravias*  
TOM. III, p. 186.

Pareceys por *aravya*,  
grande couvão de vesugos  
TOM. III, p. 647.

Pelas citações historicas se depreheende, que a *aravia* era o arabe ou um mixto d'essa linguagem; pelas citações poeticas se vê que era uma linguagem de giria, humilde e obscura. Como expressão usual do baixo povo, bastantes vezes se encontra citada nos poetas que mais lhe agradaram ou melhor o conheceram. Gil Vicente, Jorge Ferreira de Vasconcellos<sup>2</sup> e Dom Francisco Manoel, citam a *aravia* como uma cousa existente, conhecida e como um canto vulgar :

Cantarey a'garabia  
Se mandaes. 3

Para comprehender o alcance da designação de *Aravia* é preciso não esquecer, que os romances foram na sua origem privativos do baixo povo,

<sup>1</sup> Cap. 198, p. 188 da edição — fragmento.

<sup>2</sup> Aulegraphia, p. 79.

<sup>3</sup> D. Francisco Manoel, Obras metricas, tom. II, p. 248.

como diz o Marquez de Santillana : « *Infimos son aquellos que sin ningunt regla ni cuento facen estes romances ò contares con que la gente baja e de servil condicion se alegra.* » Condição servil era a dos *mosarabes* antes das revoltas communaes e das Cartas de Foral; nada mais coherente diante da historia do que a origem mosarabica dos Romanceiros, producto das novas relações sociaes fixadas com a formação do terceiro estado.

Esta verdade torna-se mais evidente vendo as analogias profundas que existem entre os *costumes* legalisados na carta de Foral e as allusões, hoje sem sentido, conservadas nos romances :

A penalidade heroica do *banido*, vestigio germanico dos nossos Foraes, está lembrada nos romances de *Joãosinho e Flores e Ventos*. O tribunal sobre o mar, como se encontra na legislação grega, celtica e germanica, apparece na acção do romance de *Maria*. O *Malado*, estado das classes servas da Peninsula, tantas vezes citado nos documentos do seculo XII e XIII, ainda entretece o enredo da ficção lindissima da *Filha do Rei de França*. No romance da *Condessa*, a mãe do pagem vem vingar a morte do filho com a mesma audacia da Bruhnild dos *Niebelungen*. No *Gerinaldo*, Carlos Magno deixa o seu punhal metido entre a filha e o amante, com o mesmo rigor do velho symbolismo germanico; depois, quando lhe perdôa, senta-o comsigo *á meza*, como o maior signal da egualdade nos tempos feudaes. No romance de *Sylvana*, o velho barão, pae da menina, deixa-a *desherdada*, segundo o costume do direito germanico; é a mãe que fica recommendada; na *Donzella guerreira*, o barão feudatario não pôde, já cansado pela velhice, accudir

ao *appellido* do seu monarcha, e a filha mais velha offerece-se para ir sustentar o seu nome. A negação de pousada ao cavalleiro em casa do burguez, segundo os Foraes de Santarem e Coimbra, vem citada no romance de *Santa Iria*; a pena de fogo para o adulterio e para a deshonna de mulher nobre forma a acção do *Dom Claros d'Além mar*. O *cabello atado* symbolo da submissão marital, lá se vae repetindo nas cantigas, apesar de terem passado seis seculos por sobre esse uso.

Todos estes factos eram contemporaneos na imaginação do povo, quando elle se sentiu impressionado e começou a lançar aos ventos as primeiras strophes da epopêa dos tempos modernos; o povo, como diz Jacob Grimm, repete os cantos como os transmittiram, sem saber porque, mas com um respeito profundo. Portanto, a designação de *Aravias*, que os Açorianos dão aos seus romances, encerra uma revelação profunda da historia: a allusão á raça a quem pertencia essa poesia, do mesmo modo que se deu o nome de *Xacara* á composição truanesca dos vadios e tunantes, que se chamavam *Xaques*, como se vê em Portugal n'estes versos do *Cancioneiro Geral*:

Pyam muy folam em *xaques*  
Bebedinho que dá *baques*  
e rrazões.

CANC. GER. t. III, p. 548,

Dissemos que os romances não envelhecem na tradição oral; mas, acompanhando as evoluções da lingua e dos costumes, conservam através dos tempos as impressões profundas que lhes deram origem. Se observarmos o glossario das palavras antigas de que o povo se serve nos seus romances, vemos uma grande parte d'ellas de origem anterior aos

Quinhentistas, usuaes e vernaculas no seculo XIV e XV. São restos d'essa desconhecida lingua de *arabias*, cujo apparecimento longiquo nas ilhas dos Açores é tão natural, como a descoberta do *portuguez archaico* da ilha de Ceylão. Apresentaremos aqui algumas d'essas palavras, para confirmação do que avançamos:

*Accometter*, seduzir; *alçar*, levantar; *alperros*, turcos; *applacar*, apagar; *arreado*, corrido, talvez da imprecação *arre*; *arrojar*, apresentar diante; *atimar*, findar, usado no poema de *Cava*. — *Baixão*, instrumento e canto; *baju*, vestia curta, derivado do arabe; *balanço*, compasso; *bandarro*, vadio; *barceu*, sitio onde se dão as braças; *belchor*, corrupção de elche ou renegado; *bitante*, bitacula; *bizarría*, gentileza, do arabe; *branquinhas*, certo dinheiro corrente no tempo de Affonso V; *brocado*, seda bordada a ouro. — *Castelobranco*, roupas brancas; *castillo*; *catar*, guardar, forma vernacula de *acatar*; *catre*, leito baixo; *causadeira*, causadora; *cerrado*, campo, horta; *chamalote*, tecido de lã de camello; *charolla*, andor, hoje tornado chulo; *chocalhar*, descobrir, do velho exemplo do Espelho, manta e pandeiro, que vem no Leal Conselheiro de Dom Duarte, p. 418; *christandia*, christandade; *clausura*, tristeza; *cobros*, doença de impingens; *combataria*, combate; *companha*, troço de soldados. — *Dina*, digna; *dobras marcadas*, as dobras valedias, que eram marcadas para poderem correr e ter valor; *dobras por marcar*, talvez aquellas de que fala Fernão Lopes na Chronica de Dom João I, cap. 49, que valiam cem libras. *Donzilla*, forma antiga de donzella, mais proxima da baixa latinidade *dominicella*; *dormitorio*, quarto

de dormir. — *Encerrar*, acabar; *enfadado*, queixoso; *enflorecido*, florescido; *enterramento*, enterro; *escrivanaria*, de escrivão; *estamagado*, afflicto; *extremado*, distincto. — *Françaria*, ramagem. — *Gargantilha*, collar solto; *garrazes*, diabos de garras; *garrido*, bonito; *gasalhado*, hospedagem; *gelosia*, janella; *gibão*, vestimenta interior, derivado do arabe. — *Impenetrar*, imperar. — *Lebrinar*, fazer nebrina. — *Malato*, *malataria*, estado intermediario á escravidão e liberdade, do tempo das classes servas da Peninsula; *mancebia*, mocidade; *manilha*, sineta que toca *manida*, ou repouso de finado; *marcejar* fazer março; *marinha*, sereia; *montilha*; *marralheiro*, finorio; *moimento*, sepultura; *mantilha*, manta. — *Ninha*, menina. — *Orphinhos*, orphãosinhos. — *Partes*, terras; *patrão*, patrono; *pecados miudos*, veniaes; *perros*, cães; *ponião*, opinião; *prantar*, pôr. — *Quitar*, tirar. — *Reger*, guiar; *resado*, recitado; *retinir*, soar; *romance*, canto. — *Saial*, veste talar em contraposição a veste *leigal*; *sangreira*, quantidade de sangue; *selaria*, nome indeterminado de sela; *sobredourado*, muito dourado; *solia*, soia, costumava; *sondes* do verbo ser, sois. — *Tafetá*, lucto; *talleigada*, a porção que se se leva no taleigo; *tanger*, tocar; *tinós*, assobios. — *Zoada*, bulha de agua; *zunido*, silvo.

Estas palavras são de uso vulgar, e anteriores a João de Barros; encontram-se nas *Ordenações Affonsinas* e no *Cancioneiro Geral*, as duas obras que mais descrevem a vida portugueza dos seculos XIV e XV. A maior parte d'ellas são hoje *archaísmos* no continente, mas ainda se falam nos Açores.

Theophilo Braga.

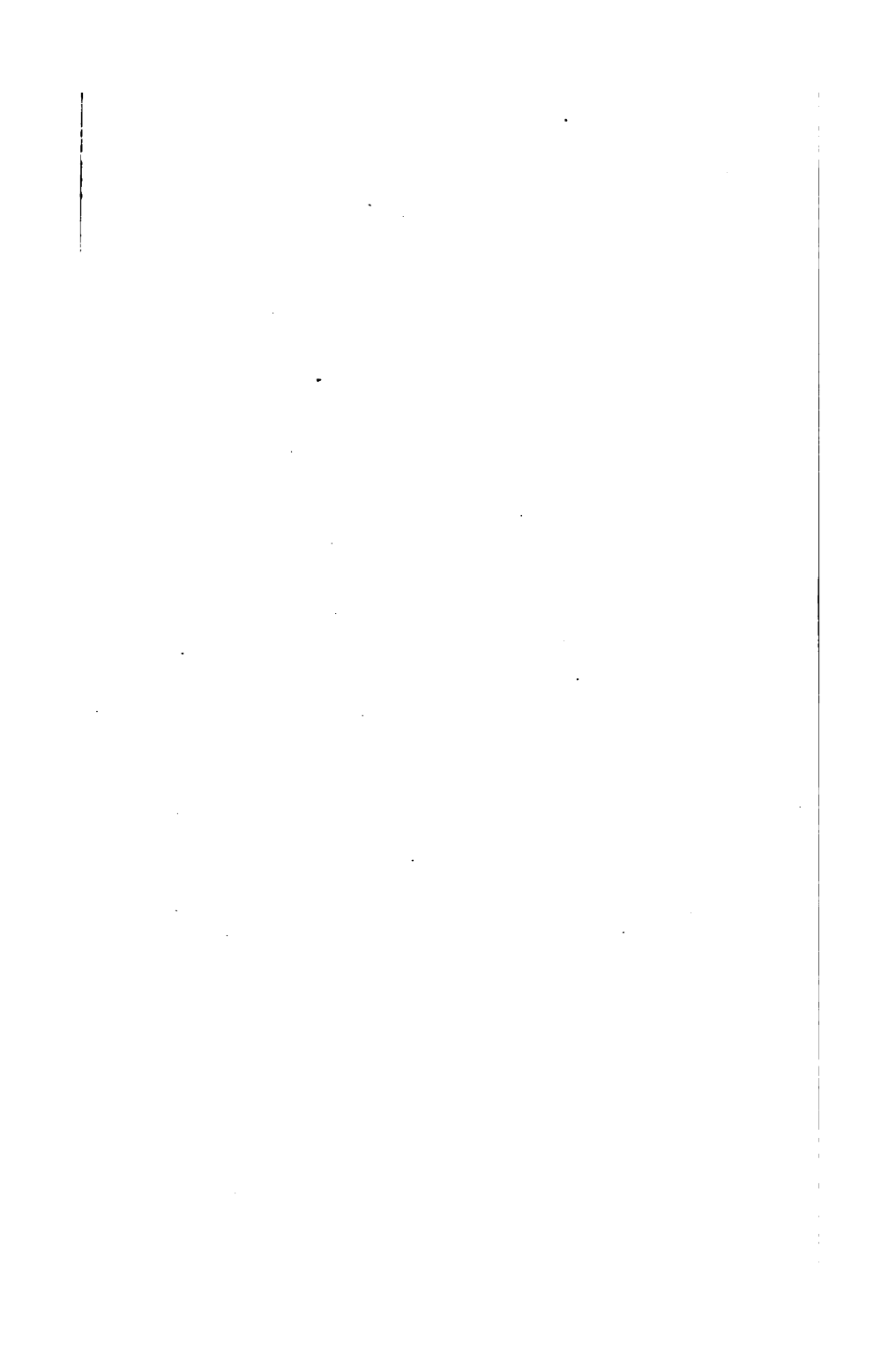
---

CANCIONEIRO

DAS ILHAS

4





# ROSAL DE ENAMORADOS

---

## I

### NO TERREIRO

O cantar á meia noite  
É um cantar excellente :  
Acorda quem está dormindo,  
Alegra quem está doente. \*

A viola sem a prima  
É como a filha sem pae :  
Cada corda seu suspiro,  
Cada suspiro seu ai.

Senhor mestre da viola,  
Dizei se quereis, ou não,  
Que eu cante uma cantiga  
Ao toque de vossa mão?

\*

Sei um saco de cantigas,  
E mais uma taleigada :  
E se as hoje canto todas  
Amanhã não canto nada.

Cante lá uma cantiga,  
Deixe ouvir a sua voz ;  
Ou diga lá um segredo,  
Que fique aqui entre nós.

Quero cantar que é de noite,  
A noite a tudo encobre ;  
Abre-me a porta, meu bem,  
Que a vizinhança já dorme.

O tocador da viola  
Precisa bem de uns calções :  
Haja quem lhe dê o panno,  
Que eu lhe darei os botões.

O tocador da viola  
Carece de uma jaqueta,  
Haja quem lhe dê o fôrro,  
Que eu lhe darei a baêta.

Cantae, menino, cantae,  
Se não cantaes, canto eu ;  
Eu não posso estar calada,  
Foi dote que Deos me deu.

O cantar por divertir  
Não é nenhuma clausura,  
Cantando peço a Deos  
Que me dê melhor ventura.

Ai! quando eu aqui cheguei,  
Esqueceu-me a cortezia;  
Agora, que estou cá dentro,  
Viva toda a bizzarria.

Dizei-me uma cantiguinha,  
Antes que seja resada;  
Vossa bocca não é d'ouro,  
De prata que se não abra.

Sabía tanta cantiga,  
Todas o vento levou;  
Só a do meu amorsinho  
No coração me ficou.

Já me quitam que não cante,  
Haja quem compre alegria,  
Pois ella na minha mão  
Teve tão pouca valia.

A sereia quando canta,  
Canta no pégo do mar;  
Tanto navio se perde,  
Oh que tão doce cantar!

Já fui alegre, cantei,  
Agora sou d'esta sorte;  
Já fui retrato de vida,  
Agora o serei da morte.

## II

## DECLARAÇÕES E REQUEBROS

Apalpei no lado esquerdo,  
Não achei o coração;  
De repente me lembrou  
Que estava na vossa mão.

Quem me dera ser a franja  
Que tu tens no teu vental;  
Quem me dera ser a rosa  
Que tu colhes no quintal.

Quem me dera ser as contas  
D'esse teu lindo collar,  
Para dormir em teu seio  
E nunca mais acordar.

A pombinha vae voando,  
Nas azas leva o descanso;  
Assim são estes meus olhos,  
Em olhar p'ra os teus não cansam.

E' de noite, faz escuro,  
Ladram os cães, tenho medo;  
Bem podéra Deos do céo  
Tirar-me d'este degredo.

Triste vida leva a garça  
Metida no lameirão,  
Esperando que a maré vaze  
Para apanhar camarão.

Não ha cheiro mais activo  
Que é o cheiro do limão,  
Não ha nome mais lindo  
Que é o nome de João.

Esta noite hade chover,  
Chuva que derrama a salsa;  
Tu dizes que tens amores,  
Eu tambem não estou descalsa.

Inda não tomei amores,  
Nem tenção de os tomar;  
Se um dia me resolver,  
Estás em primeiro logar.

Rua abaixo, rua acima,  
Toda a gente me quer bem;  
Só a mãe do meu amor  
Não sei que raiva me tem.

Fui á fonte dos amores,  
Tornei pela dos cuidados;  
Enchi o cantaro de rosas,  
Fiz a rodilha de cravos.

Hei-de atar o meu cabelo  
E viral-o para traz,  
Com uma fitinha vermelha  
Que me deu o meu rapaz.

Rua abaixo, rua acima,  
Mariquinhas á janella,  
Enfiando contas d'oiro  
Em retroz de primavera.

Mariquinhas tecedeira  
Tem o tear á janella;  
Dá-lhe o vento, dá-lhe a chuva  
Todo o fiado lhe quebra.

Oh que lindo luar faz  
Para irmos ás maçãs,  
Na rua da formosura,  
Onde estão as tres irmãs.

Quem aqui vem de tão longe  
Por tal noite de chover,  
Ou cá tem os seus amores,  
Ou espera de os cá ver.

Alma, vida, coração,  
Já tudo te entreguei;  
Tens tudo quanto me anima,  
Como sem ti viverei?

Quem me déra a liberdade  
Que a réstea do luar tem;  
Entrava pela janella,  
Ia falar ao meu bem.

Sobre mim caiam mil raios,  
A meus pés se abra o chão,  
Se eu nunca deixar de dar-te  
Alma, vida, coração.

Quando o somno me acommette,  
Entro contigo a sonhar;  
Ou acordado ou dormindo,  
Vivo só para te amar.

A mais segura montanha  
Bem pode o tempo volver;  
Mas eu deixar de te amar,  
Menina, não pode ser.

Atirei com uma azeitona  
A' menina da janella;  
A azeitona caíu dentro,  
O' menina, quem m'a déra.

Nasce um rei n'este mundo  
Para um reino governar;  
Minha sorte é mais ditosa  
Se nasci para te amar.

Toda esta noite sonhei  
Que te tinha nos meus braços;  
Oh que bello braçadinho,  
Se os sonhos não fossem falsos.

Contigo em pobre choça,  
Mais contente eu viveria  
Do que em soberbos palacios,  
Sem a tua companhia

Vae-se o dia, vem a noite,  
Chegou a minha alegria,  
Para falar ao meu bem,  
Já que não posso de dia.



Quem me dera ser o linho  
Que vós, menina, faes;  
Que vos dera tanto beijo  
Como vós no linho daes.

Amor, se queres, façâmos  
Uma troca sem lezão:  
E' trocar alma por alma,  
Coração por coração.

Quem quizer tomar amores  
Sem ninguem o suspeitar :  
Se passar não se hade rir,  
Se se rir não hade olhar.

Vós chamaes-me trevo, trevo,  
Trevo rasteiro do chão;  
Eu, com ser *trevo*, me *atrevo*  
Lograr a vossa afeição.

Toda a moça que é bonita,  
Que se preza do seu brio,  
Não acceta cravo ou rosa  
Da mão de nenhum vadio.

O primeiro amorsinho  
Que no mundo tem a gente,  
Não sei que doçura tem,  
Que dura eternamente.

Eu não sei que *sympathia*,  
Minha alma contigo tem;  
Não me pede o coração  
Senão que te queira bem.

Chega-te cá para mim,  
Cheiro de roupa lavada;  
Chega-te bem chegadoinho,  
Que uma noite não é nada.

Fui ao mar por vêr as aguas,  
Ao jardim por vêr as flores;  
Ao céo por vêr as estrellas,  
Aqui por vêr meus amores.

Toda esta noite eu andei  
Volta ao mar e volta á terra;  
Para vêr se dava fundo  
Ao pé da tua janella.

Se eu fôra o sol que subira,  
Dava na tua janella;  
Fôra-te falar á cama,  
Raios da manhã te dera.

Estrellinha do Nordeste,  
Que me andaes alumiano,  
Alumia-me de noite,  
Que eu de dia vou andando.

Depois que os meus olhos viram  
A graça que os teus têm,  
Nunca mais foram senhores  
De olhar para mais ninguem.

O mar é vivo, não fala,  
O rio corre e não cansa;  
Desejava de saber  
Se me tinhas na lembrança.

O meu amor é um cravo,  
Deos m'ó deu, não lh'ó mereço;  
Já m'ó quizeram comprar,  
Um cravo só não tem preço.

O sol quando quer nascer  
Bota seus raios ao monte;  
Quem quizer que a rosa abra,  
Ponha-lhe o cravo defronte.

Fui á fonte por te vêr,  
Ao rio por te falar;  
Nem na fonte, nem no rio  
Nunca te pude alcançar.

Quem quizer armar á rola  
Arme-lhe ao pé da ladeira,  
Um laço de fita azul,  
Que a rola vem de carreira.

Se me quizeres vir ver,  
As noites bem bellas são;  
Foge de casa a teu pae,  
Vem p'ra'qui fazer serão.

Se quereis passar a serra,  
Zabellinha, madrugae:  
Por detraz d'aquella serra  
Outra maior serra vae.

Da janella de meu pae  
Vejo a casa de meu sogro;  
Quero mais ao seu filho,  
Do que ao seu dinheiro todo.

Da janella de meu pae  
Vejo a casa do meu sogro;  
Pelo pae não é que choro,  
Pelo filho é que morro.

Os amores encobertos  
Esses são os mais queridos:  
Vão de dia por acenos,  
De noite por assobios.

Perguntae aos sete estrellos,  
São maganos, correm tudo,  
Como se tratam amores  
De noite pelo escuro.

Fui á missa, não resei,  
Meu pae pelejou commigo:  
Rapariga tola, louca,  
Onde trazes o sentido?

Eu não o trago na roca,  
Nem tampouco no sarilho;  
Trago-o n'aquelle mancebo  
Que anda de amores comigo.

Fui á missa não resei,  
Fiz um peccado mortal,  
C'o sentido no meu bem  
Não vi mudar o missal.

Vou á missa, não a ouço,  
Vejo a Deos, não o assisto;  
Só p'ra vêr o logarinho  
Onde ajoelha Francisco.

Tenho raiva á gente gorda,  
O meu amor é magrinho ;  
Quando vae para a egreja  
Parece um ramalhetinho.

Triste vida tem quem ama,  
Se o amor é lisongeiro :  
Tanto mais bonita dama,  
Tanto peor captiveiro.

Oh Maria, lava a louça,  
Deixa-te de namorar,  
Que o amor aperta a mão,  
Fica a louça por lavar.

Oh Maria, tu não sabes,  
Meus olhos morrem por ti ;  
Tu queres saber de quando ?  
Foi do dia em que te vi.

Oh Maria, oh Maria,  
Para te amar ando louco ;  
Passo frio, passo fome,  
Levo má vida, ando roto.

O amor nasce do dar,  
Meu amor que te darei ?  
O amor que não dispende,  
É certo que não tem lei.

Coitado quem tem amores  
E se deita sem os vêr :  
Toda a noite está sonhando  
Quando hade amanhecer.

A ribeira, quando corre,  
No meio faz a zoada ;  
Quem tem amores não dorme  
O somno da madrugada.

A pombinha chega o bico  
Ao pombinho rolador:  
São signaes que symbolizam  
A doce união d'amor.

Rapariga, da-me um beijo,  
Um beijo pela tua alma;  
Tu não sabes quanto gosto  
Da sombra, quando faz calma.

Noite escura, noite escura,  
Quem ama não arreceia,  
Quem quer bem ao seu amor  
Pela porta lhe passeia.

Esta noite choveu ouro,  
Diamantes orvalhou;  
Lá vem o sol com seus raios  
Enxugar quem alagou.

Eu dei-te o meu coração,  
Eu não t'ó dei por libello ;  
Eu dei-te amor por amor,  
Amor te dei, amor quero.

Tendes amorinhos novos,  
Que vos faça bom proveito;  
Deos vol-os deixe gozar  
Que nem sereno no feto.

O dia tem duas horas,  
Duas horas não tem mais:  
Uma é quando vos vejo,  
Outra quando me lembraes.

Deos me déra ser uma ave,  
Ou pombo ou codorniz,  
Que eu fôra dar um vôo  
A' cama onde dormís.

Eu vergonha, vós vergonha,  
Vergonha me hade matar,  
Eu vergonha de o pedir,  
Vós vergonha de m'o dar.

Rapariga, rapariga,  
Deos te dê boa saude;  
Que andei para te enganar,  
Rapariga, nunca pude.

Menina, sodes o leite,  
O leite tambem se come;  
Mal empregada menina  
Dormir na cama sem home'.

Ó estrella matutina  
Que andas no primeiro grão,  
És a mais brilhante estrella,  
Que até ao sol dás quinau.

Toda a moça que é solteira  
Pelo andar se conhece:  
Bota o pé á miudinha,  
Todo o corpo lhe estremecc.

O preto é das viúvas,  
O azul é das casadas,  
O vermelho é das solteiras,  
O rosado das namoradas.

Se eu fôra rica, tu pobre,  
Eu morgada, tu ninguém,  
Não me importára riqueza  
Se tu me quizeras bem.

Lá vem a lua saindo  
Redonda como um botão;  
Quem tem seu amor á vista  
Regala seu coração.

Nem ao preterito tive,  
Nem ao presente eu o tenho,  
Nem ao futuro terei  
Amor de tanto empenho.

O meu amor é José:  
San José venha com elle,  
E o traga a esta terra  
Para me namorar d'elle.

José quero, José amo,  
José trago no sentido;  
Por amor de ti, José,  
Trago meu somno perdido.

Manoel é nome doce,  
Nome que Deos escolheu;  
Quando Deos te não deixou,  
Como te deixarei eu?



Antoninho, cravo roxo,  
Tu não vás ao meu quintal :  
Que te querem dar um tiro,  
Não te posso vêr matar.

Oh João, oh Joãosinho,  
Folha de cravo, meu bem ;  
Não vos deixeis enganar,  
Se enganado vos não tem.

Antonio, me deu um cravo,  
Manoel um anel d'ouro ;  
Mais vale o cravo d'Antonio  
Que o anel d'aquelle doudo.

## III

## FLORES... AMORES

Viva o cravo, viva a rosa,  
Viva a flôr que nasceu honte',  
Viva quem tem seus amores,  
Porta com porta, defronte.

Eu sou cravo, tu és rosa ;  
Qual de nós valerá mais ?  
O cravo põe-se á janella,  
A rosa está nos quintaes.

O cravo, depois de secco,  
Bota-se por aí além;  
A rosa, quanto mais secca,  
Tanto mais prestimo tem.

Que lindo botão de rosa  
Que aquella roseira tem !  
Debaixo ninguem lhe chega,  
Acima não vae ninguem.

A rosa que é bem nascida,  
Tem acções de bem creada;  
Ainda que se ache offendida  
Não se mostra apaixonada.

A rosa muito aberta  
Qualquer vento a desfolha;  
A moça muito garrida  
Qualquer rapaz a namora.

Brilha rosa, que nascestes  
Na mais linda primavera;  
Foste nada entre espinhos,  
Para mais brilhares na terra.

Aqui d'onde estou bem vejo  
Uma rosa singular;  
Tenho gosto de a vêr,  
Pena de a não gosar.

Rosa branca na silveira,  
Cravo rosado do monte:  
Quem quer vêr a rosa alegre  
Ponha-lhe o cravo defronte.

\*

A rosa muito aberta  
Nenhuma valia tem ;  
Ao botõesinho fechado  
Todó o mundo lhe quer bem.

Perde a rosa o cheiro fresco,  
Tambem perde a linda côr :  
Tudo tem sua mudança,  
Só não deixo o meu amor.

Oh rapaz que vendes rosas,  
Vem cá que eu tenho dinheiro ;  
Vende-me das mais fechadinhas,  
Que as abertas não tem cheiro.

Aqui d'onde estou bem vejo  
Uma rosa para abrir ;  
Deos me dera ser sereno,  
Que n'ella fôra cair.

Minha rosa mui brilhante,  
Todo o mundo te cobiça ;  
Ao domingo na egreja  
Quem te vê não ouve missa.

Eu não te adoro, janella,  
Porque não tens merecimentos ;  
Adóro aquella rosa,  
Que está da banda de dentro.

A rosa quer-se apanhada  
Antes do saír do sol ;  
O cravo ao meio dia,  
P'ra seu cheiro ser melhor.

Se quereis, rosa, ser rosa,  
Fugi do cravo, fugi :  
No tempo que eu era rosa,  
Por um cravo me perdi!

Heide ir ao teu quintal,  
Se encontrar a porta aberta,  
Que a rosa de Alexandria  
Onde está logo penetra.

O cravo vende-se ao pêso,  
A rosa a açafate cheio;  
Só pelo cheiro da rosa  
Vos darei o meu dinheiro.

Tendes o cravo ao peito,  
E' signal de casamento;  
Tirae o cravo do peito,  
Que o casar inda tem tempo.

Esta noite choveu ouro  
No gargalo do meu poço :  
Todas as flôres murcharão,  
Só tu não, meu cravo roxo.

Eu fui ao jardim dos cravos,  
Todas as flôres vi lá;  
Só não vi amor perfeito,  
E' certo que o não ha.

O meu amor é um cravo,  
Foi o que o craveiro deu;  
Ninguem se hade gabar  
De ter amor como o meu.

Quem tem o amor marujo,  
Tem o cravo no craveiro;  
Ainda bem não está na barra,  
Já em casa deita o cheiro.

Cravo roxo, sentimento,  
Tanto sentida que estou ;  
Não me cabe no meu peito  
Amar a quem me deixou.

A rosa para ser rosa  
Hade ser alexandrada,  
A moça p'ra ser formosa  
Hade ser alva e rosada.

A madre-silva cheirosa  
Anda no meu limoeiro ;  
Saltando de ramo em ramo,  
Cae a baixo, perde o cheiro.

Trigo loiro, trigo loiro,  
Quem me déra a tua côr,  
Que entrára no calix bento  
Onde entra nosso Senhor.

O silvado na parede  
Vae comer á outra banda ;  
Teus olhos hão-de ser meus,  
Ainda que eu corra demanda.

Dae-me d'isso que comeis,  
Do limão uma talhada ;  
Dae-me da ponta que é doce,  
E não do pé que elle amarga.

A giesta faz-se branca,  
Em dar a flôr amarella;  
Mais branca se faz a rosa,  
Quando o cravo chega a ella.

O jasmin é todo branco,  
Todo querido das damas;  
Pelo muito que te quero  
Sempre cuido que me enganas.

Adeos, jasmin de Virginia,  
Que no meu peito nasceste;  
Adeos, cravo almiscarado,  
Que em minha alma floresceste.

O limão tira o fastio,  
Eu em te vêr não o tenho;  
Se tu em mim fórmas gosto,  
Eu em ti maior empenho.

Encostei-me á cana verde,  
A cana verde rangiu;  
Fui para te falar,  
Teu pae, tua mãe sentiu.

Tendes a figueira á porta,  
Tendes sombra regalada;  
Tendes fama de bonita,  
Haveis de ser procurada.

No jardim das brancas flores  
Uma só apanharei;  
Abraça-as quem quizer,  
Eu só uma abraçarei.

Manjaricão á janella,  
Menina, não o apanhaes;  
Dá-lhe o vento, bole a frança,  
Cuido que vós me chamaes.

Quando eu vou ao jardim,  
Reparo e tenho dó:  
Por apanhar uma flôr,  
Uma flôr para mim só.

Vem cá tu, meu caro goivo,  
Criado á goivaria;  
Quem quer bem trata por tu,  
Amor não tem senhoria.

Uma silva, duas silvas  
Fazem uma silva emmoutada;  
Uma pica, outra arranha:  
Com silvas não quero nada.

A flôr do manjaricão  
Não abre se não de noite,  
Por não dar a conhecer  
Os seus amores a outrem.

Perguntaes-me d'onde eu sou?  
D'onde é minha freguezia?  
Sou filha de uma perpetua,  
Neta de uma pionia.

A hortelã é crueza,  
Menina, não seja crua;  
Seu pae não a tem pr'a freira,  
Acceite quem a procura.

## IV

## RETRATO

Os olhos que d'aqui vejo,  
Não me armem falsidade;  
Ainda hoje não dei olhos  
Tanto de minha vontade.

Delicado é o fumo  
Que passa telha dobrada;  
Delicados são os olhos  
Que namoram de pancada.

Esse teu peito menina  
E' um pombal de pombinhas:  
Deixae-me lá ir com a mão  
Apalpar se tem azinhas.

Vossos cabellos são laços,  
São laços que eu bem os vi:  
Todos passam e não caem,  
Só eu fui passar, caí.

Os teus cabellos são mares,  
São mares que deitam ondas,  
Onde navega um triste,  
Um triste de quem tu zombas.



Não me atires com pedrinhas,  
Que pedrinhas são desgostos ;  
Atira-me com beijinhos  
Aqui á maçã do rosto.

O meu amor me pediu  
O que lhe eu não posso dar,  
As meninas de meus olhos :  
Quem não vê não póde amar.

Os olhos de tecedeira  
São olhos agoniados :  
Ora estão na lançadeira,  
Ora nos fios quebrados.

Olhos azues, lindos olhos,  
Olhos da minha paixão :  
Quem os tem elles são seus,  
Cativa o meu coração.

Quando caminhei de casa,  
Estava em ir, não irei ;  
Alembráram-me os teus olhos,  
Mais depressa caminhei.

Ai Jesus ! valha-me o céu !  
Não sei que céu hade ser ;  
Valha-me o céu dos teus braços,  
Que eu n'elles quero morrer.

Dae-me uma gottinha d'agua,  
Da lingua fazei a bica ;  
Quanta mais agua me daes  
Tanta mais sêde me fica.

Olhos que sonhando vedes,  
Olhos para quem acordaes?  
Se vós sonhando estaes vendo  
Tudo quanto desejaes !

Se queres saber se eu amo,  
Repara em meus olhos bem,  
Que elles encobrir não podem  
O amor que esta alma tem.

Oh cara de branca neve,  
Não te ponhas mal comigo,  
Que o rigor das saudades  
Basta para o meu castigo

Vem-te, amor, aos meus braços  
Pelo que tens de menino ;  
Amor em braços se cria  
Em quanto é pequenino.

Dá-me a tua mão mimosa,  
Os teus dedos estendidos ;  
Palpitem mimosamente  
Nossos corações unidos.

Fui-me botar a nadar  
No leito de teus peitinhos ;  
Se me vires ir ao fundo,  
Atira-me com beijinhos.

O coelho foge ao laço,  
O ladrão foge aos abrolhos ;  
Só eu não pude fugir  
Aos ladrões d'esses teus olhos.

Vós chamaes-me trigucirinha,  
Eu do sangue não o sou ;  
Isto foi do pó da eira,  
Da calma que me queimou.

Não vos encosteis á cal,  
Que ella é branca, larga pó ;  
Encostae-vos aos meus braços,  
Que esta noite durmo só.

Os olhos azues tem graça,  
Os pardos mais graça tem :  
Os olhos do meu amor  
São azues, quero-lhe bem.

Já vi olhos que por olhos  
Se botaram a perder ;  
Estes meus por esses vossos  
Assim pódem vir a ser.

A raiz da faia forte  
A terra vae alluindo ;  
Vosso corpo vae crescendo,  
Vossas feições vão abrindo.

Os teus olhos me prenderam  
Domingo estando á missa ;  
Arrengo de teus olhos  
Que prendem mais que a justiça.

Oh anel de sete pedras,  
Põe-te fóra do meu dedo,  
Tu é que foste a causa  
De me eu cativar tão cedo.

Tendes a boca forrada  
De tafetá côr de rosa,  
Quando a ides a abrir  
E' cousa maravilhosa.

Eu vesti-me, eu aceiei-me,  
Não sei se aceiada venho ;  
Venho-me vêr aos teus olhos,  
Já que espelho não tenho.

Chega-te a essa janella,  
Castiçal de bella prata ;  
Não tragas candeia accesa,  
Que a luz dos teus olhos basta.

O meu amor é tão lindo !  
Com quem o compararei ?  
Com as estrellas não posso,  
Com Jesus do céu não sei.

Bem sei que me andaes mirando  
Por debaixo do chapéu ;  
Se eu não sou do vosso gosto,  
Quem quer anjos, vae ao céu.

Se ha divindade no mundo,  
Divino é o meu bem ;  
Divinos são os seus olhos,  
Mais o seu rosto tambem.

Oh olhos azues queridos,  
Côr do mar quando está manso ;  
O dia em que te não vejo,  
Meu coração dá balanço.

Tendes os olhos azues,  
Quem me déra assim os meus!  
Paciencia! que remedio?  
Não mereci mais a Deos.

Tenho raiva a olhos grandes,  
Porque lhe caem argueiros;  
Os olhos de um bem que adoro,  
São pequenos, feiticeiros.

Olhos azues, lindos olhos,  
Olhos da minha paixão;  
Quem os tiver pôde crer  
Cativa minha attenção.

Aqui d'el-rei! vou gritando  
Sobre dous salteadores;  
Que os ladrões d'esses teus olhos  
Dos meus querem ser senhores.

Todos atiram ao alvo,  
Só eu não tenho pelouro;  
No peito da minha dama  
Tenho duas balas de ouro.

O amor nasce da vista,  
D'esta passa ao coração;  
Entra na correspondencia,  
Acaba na ingratitude.

Oh olhos azues garridos,  
Em campo de azul celeste;  
Lembra-te que eu que fui tua  
O tempo que tu quizeste.

As ondas do mar são verdes,  
Em todo o mar ha verdura;  
Nas faces d'esse teu rosto  
Pintou Deos a formosura.

Espero pelo domingo  
Como pela salvação,  
Para tomar agua benta  
Onde o amor mette a mão.

Teus olhos, teus lindos olhos  
Não guardam silencio mudo;  
Quanto tua alma sente,  
Os teus olhos dizem tudo.

Dae-me um bocado de lacre  
D'esses beijos de rubim,  
Para cerrar uma carta  
De saudades sem fim.

Deixa-me ir com as mãos ambas  
Ao talho do teu collete,  
Ao lugar mais delicado,  
Onde pões o ramalhete.

Tendes o pé pequenino,  
Dais a passadinha curta;  
Mal haja o pae que te tem,  
O ladrão que te não furta.

Vós chamaes-me bexigosa,  
Dou graças a Deos a tel-as;  
Que graça teria o céu  
Se não fossem as estrellas?

Se eu algum dia não desse,  
Aos meus olhos larga vista,  
Não os via agora presos  
Sem ser ás mãos da justiça.

O amor entra pelos olhos  
No coração é que habita,  
Entra nas potencias d'alma,  
Todos os nervos palpita.

Menina do chapéo grande,  
Mandae-o arredondar;  
Debaixo do chapéo andam  
Olhinhos de namorar.

Os meus olhos são dois mouros  
Que vieram da Moirama ;  
Mas sejam mouros embora,  
São leaes a quem os ama.

Quem me déra ser o cinto  
Que afivellas na cintura ;  
Quem me déra ser espelho,  
P'ra veres tua formosura.

Eu quizera ser a relva  
Que verdeja aí no prado,  
Quando tu lhe pões em cima  
Teu pésinho delicado.

Tenho ciumes da agua,  
Quando tu bebes na fonte ;  
Ciumes tenho do céo,  
Se fitas o horizonte.

De vento ciumes tenho,  
Quando beija o teu cabelo;  
E do sol tenho ciumes,  
Como tu quasi tão bello.

A sombra d'esse teu corpo,  
Quando eu a vejo no chão...  
Aperto, p'ra não fugir-me,  
O meu pobre coração.

Eu fizera um lindo cesto  
Da tua bocca innocente;  
P'ra mandar cheio de rosas  
Aos anjinhos de presente.

As rosas não é preciso  
Ir colhel-as na roseira;  
As rosas são os sorrisos,  
D'essa bocca feiticeira.

Os meus olhos estão cegos,  
Mas eu não sei confessar  
Se foi o sol que deu n'elles,  
Se será de te fitar.

Das tranças dos teus cabellos  
Quizera fazer cadeias;  
P'ra prender meu coração,  
P'ra ligar minhas ideias.

Fui-me deitar entre as nuvens,  
Das estrellas fiz encosto;  
Abracei-me a uma d'ellas  
Cuidando que era convosco.



Olhos que vindes a vêr,  
Vinde bem acautelados ;  
Que eu sempre ouvi dizer,  
Que do vêr nascem cuidados.

Esses olhos que vós tendes,  
Enterrados n'essa alvura,  
Cativaram os meus affectos,  
Com um olhar de doçura.

Estrella do céo brilhante,  
Raio do sol, prenda rica,  
Corpo de cirio lavrado,  
Quem te vê pensando fica.

## V

## ARRUFOS

Cabeça toma juizo,  
Oh juizo assocega ;  
Não sejas barco latino,  
Com todo o vento navega.

Oh Maria tu bem sabes  
O que tua mãe falou ;  
Toda a semente se perde,  
Só a da lingua granou.

Minha pêra joanica,  
Comida dos canarinhos ;  
Aquem destes os abraços,  
Dae-lhe tambem os beijinhos.

Minha pereirinha doce,  
Comida dos tentilhões ;  
A quem destes os abraços,  
Dae tambem os beliscões.

Não vos encosteis ao alamo,  
Que alamo verde é mudança ;  
Encostae-vos ao pinheiro,  
Que dá os pinhos na frança.

A salsa mais o coentro  
São o tempêro do peixe ;  
Dizei áquella má lingua,  
Que se calle e que me deixe.

O tempo que te quiz bem  
Já lá vae, já se acabou ;  
Se ainda ólho para ti,  
Foi geito que me ficou.

A giesta é uma flôr,  
Que ninguem faz caso d'ella ;  
Uma por ser pequenina,  
Outra por ser amarella.

Não quero que á minha porta  
Ponhaes o pé da aguilhada ;  
Eu sou mulher, perco muito,  
Vós homem, não perdeis nada.

O vosso amor menina,  
E' um amor bandoleiro ;  
Pega aqui, larga acolá,  
Não tem amor verdadeiro.

Rapariga, não te fies  
Em palavras de rapaz ;  
São como o calhau miudo,  
Que a maré leva e traz.

Já me não quero casar,  
Já tomei meu parecer ;  
Falo e rio com todas,  
Casado não póde ser.

Já me não quero casar,  
Já tomei meu parecer ;  
Boi solto lambe-se todo,  
Prêso não póde comer.

Coitado o pae que tem filhas,  
No tempo que agora corre ;  
Não sei como tem cabeça,  
Nem de noite como dorme.

Coitada a mãe que tem filhas,  
Coitado o pae que as tem ;  
Conta com ellas em casa,  
Ellas de fóra lue vem.

Oh minha bella menina,  
Vós 'stais-me *chechumiando* ;  
Ao perto fugis de mim,  
Ao longe estaes-me acenando.

Quando eu tiver amores,  
Hão-de ser eguaes a mim;  
Não diga a prata com o ouro,  
Mas o ouro com rubim.

Eu estou mal com o meu bem,  
Mal com o meu bem a morrer ;  
Debaixo d'este odiosinho  
Desejando de o vêr.

Dei um ai entre dois picos,  
Ouviram-me dois penedos ;  
Se tu me não fôras falsa,  
Contára-te os meus segredos.

Retirae-vos para lá,  
Não quero que me toqueis ;  
Se não cazares comigo,  
Não quero que vos gabeis.

Quem quizer que a silva pegue,  
Faça-lhe um fundo valado ;  
Quem quizer o amor firme,  
Traga-o escandalisado.

Espelho que não tem aço,  
Vira-se para a parede ;  
O homem que não tem barbas  
Poucas falinhas com elle.

Eu já vi o sol de noite,  
Estrellas ao meio dia ;  
Quem anda cégo de amores  
Veria mais, que veria.

Madre-silva cheirosa,  
Que no campo enfiorece ;  
Quem eu quero não me quer,  
Quem me quer não me merece.

O trigo é miudinho,  
Bem custoso de nascer ;  
O vosso amor, menina,  
E' custoso de entender.

Já no mato não ha mato,  
Com que se colhem canecas ;  
Aquellas que mais se fazem,  
São as mais desinquietas.

Ao dezerto fui chamada,  
Sem ter culpa commetida ;  
Sem ter pé deixei pegada,  
Sem dar fala fui ouvida.

Quem tem janella de vidro,  
Não póde atirar pedrada ;  
Vae atirar ás alheias,  
Já acha a sua quebrada.

Se eu quizesse estar casada  
Ha muito que fui pedida ;  
Eu não vejo as casadas,  
Levarem tão boa vida.

Cá em casa de meu pae,  
Ninguem está melhor do que eu ;  
O peixe na agua está vivo,  
Saíndo d'agua morreu.

Estas meninas de agora,  
Estas que de agora são:  
Trazem assucar na bocca,  
Rosalgar no coração.

Estas meninas de agora,  
São como o pão bolorento;  
Mui bornidinhas por fóra,  
Deos sabe o que vae por dentro.

Oh amores! oh amores!  
Quem os não tem é discreto;  
Deita-se na sua cama,  
Dorme seu somno quieto.

Hade ter muito que vêr,  
Dois amantes a brincar;  
Um diz: *eu quero-te bem!*  
Outro: *vaes-me enganar!*

Amor enjeitado de outro,  
Ninguem faça caso d'elle;  
E' como a agua salobra,  
Salobra não mata a sede.

O sol quando vae nascendo  
Deita raios á baliza;  
Quem nasceu com pouca graça  
Até nas pedras se piza.

O meu amor me deixou,  
Não foi por mais boniteza;  
Disse-me que eu era pobre,  
Foi em cata da riqueza.

Deixae vós falar quem fala,  
Deixae vós dizer quem diz,  
Deixae vós correr as aguas  
Direitas ao chafariz.

O azul é côr do céu,  
O amarello da lua ;  
O branco é lealdade,  
Meu bem me não tem nenhuma.

Al'mo branco buliçoso,  
Delicado no bolir ;  
Tivestes o amor nos braços,  
P'ra que o deixastes fugir?

O viver entre incertezas  
E' dura, barbara lei ;  
Bem sei que me não desprezas,  
Mas se me adoras não sei.

A giesta se faz grave  
Com dar a flôr amarella ;  
Poe-se em pontos de vinte outo,  
P'ra ninguem chegar a ella.

Oh menina, você cuida  
Que não ha outra no mundo ?  
Não é o caldo tão gordo  
Que se lhe não veja o fundo.

Quando eu te queria bem,  
Quando eu bem te queria,  
Não via palmo de terra  
Na cegueira em que vivia.

Quando eu te queria bem,  
Dava passadas no ar ;  
Agora dinheiro déra  
Para te não encontrar.

Coração de amor ferido,  
Mais pode a tua ventura ;  
Por fóra prisioneiro,  
Por dentro malicia pura.

Quem se cala vence tudo,  
Cal'-te, amor, que assim serás ;  
O que Deos talha no céo  
Ninguem no mundo o desfaz.

Se eu soubera o que era amores,  
Vivêra menos contente ;  
Mas eu que d'amores zombo  
Levo vida alegremente.

Oh amores ! oh amores !  
Quem os tiver não os poupe ;  
Muitas vezes asuccede  
Vel-os passar na mão d'outre'.

A giesta se embalança,  
Deve de querer chover ;  
Não seja isto mudança  
Que o amor precisa fazer.

Mezes para mim são annos,  
Dias p'ra mim são semanas ;  
Oh que tempo tão comprido,  
Ha tanto que tu me enganas.



Oh menina do pé leve,  
Da cabeça muito mais ;  
Vós daes conselhos aos outros,  
Para vós não os tomais.

Meu amor não desconfies,  
Quem desconfiou perdeu ;  
Falo e rio com todos,  
Meu coração sempre é teu.

O alecrim de pedreira,  
De comprido não emoita ;  
Tambem vós, minha menina,  
Sois uma, e pareceis-me outra.

Passei pela tua porta,  
Pedi-te agua, não m'a déste ;  
Nem os mouros da Moirama,  
Fazem o que tu fizeste.

Menina, diga a seu pae,  
Que eu lhe direi se o vir,  
Que não diga mal de mim,  
Que em casa lhe heide ir cair.

Não me importa que tu digas  
Do meu corpo mal ou bem ;  
A minha sorte no mundo,  
Não 'stá na mão de ninguem.

Coração bom para amar,  
De um cento não se acha um ;  
Corra-se o mundo á roda,  
Como eu não ha nenhum.

Lembras-te d'aquella noite  
Que contámos, ao luar,  
Eu as areias do chão,  
Tu as estrellas no ar?

Atirei o limão á areia,  
Apodreceu a metade;  
Quem ama a dois corações,  
Ama a um com falsidade.

Atiraste-me, atirei-te,  
Encontráram-se as pedradas;  
Quando as pedras se encontram,  
Que farão as nossas falas!

Rapariga tola, tola,  
Leve o diabo o teu brio;  
Já agora te não lavas  
Com toda a agua do rio.

Toda a vida desejei  
Uma mulher mediana;  
Deu-me Deos uma pandorca  
Que me não cabe na cama.

Tyranna, tira, tyranna,  
Tyranna, e olé, olé:  
Casar com mulher sem dote  
E' remar contra a maré.

Limoeiro da calçada  
Já não torna a dar limões,  
Que lhe cortáram as guias  
Para render corações.

Fui ao céo por uma ameixa,  
Tornei por um cacho de uvas;  
Ninguem se fie nos homens  
Que são falsos como Judas.

Tu chamaste amor perfeito  
A' flor que a terra cria;  
Amor perfeito só Deos  
Filho da virgem Maria.

O sol é fogo divino  
Que a todos nós nos aqueita;  
O amor não é tão firme  
Consante se representa.

Dizes tu que tenho amores,  
Jesus! cruces! anjo bento!  
Nem os tenho, nem espero,  
Não me vem ao pensamento.

Suspiraes quando me vêdes,  
Suspiros de piedade;  
Oxalá que isso não seja  
Suspiros de falsidade.

Sou casado, sou solteiro,  
Vivendo estou a meu gosto;  
Casado com Deos do céo,  
Solteiro para convosco.

Oh que pinheiro tão alto,  
Rico pau para colheres;  
Ninguem se fie nos homens  
E inda menos nas mulheres.

O amor é uma albarda  
Que se *pranta* em quem quer bem;  
Eu p'ra não ser albardado  
Não quero bem a ninguém.

Coração não gastes d'ella,  
Que ella não gosta de ti;  
Não estejas, coração,  
Tape, tepe, tepe, ti.

Se o amor quer ser rogado,  
Eu nunca roguei ninguém;  
Arrengo do amor  
Que á força de rogos vem.

Os homens tem duas caras,  
Mesmo assim lhe convém;  
Affectam de amar a todas,  
Não querem bem a ninguém.

Quem será este senhor  
Que nunca vi, nem conheço?  
Pela sua boa graça  
O meu coração lhe offereço.

Não quero bem a ninguém,  
Nem ninguém m'ó quer a mim;  
Quero andar entre as rosas,  
A' sombra do alecrim.

Vem-te cá meu limão verde,  
Que é a primeira fructa que ha;  
Se quem madruga não alcança,  
Que fará quem se ergue tarde?

Tomára que já chegasse  
Domingo de paschoella,  
Prometteste de me dar  
Sôpas da vossa panella.

Por detraz d'aquella serra  
Vae outra serra maior;  
Se o teu amor é alferes,  
O meu é capitão-mór.

O limão maduro cheira,  
Você verde o apanhou;  
Eu sempre lhe fui leal,  
Você me refalseou.

Meu coração é leal  
Para toda a creatura;  
Se elle fôra refalsado  
Tivera maior ventura.

Olha o brio, olha a graça  
Do marióla galante!  
Não é para ser meu moço,  
Quanto mais meu firme amante!

Lá no mais alto das nuvens  
Raios completam trovões;  
Já se não pagam finezas  
Senão com ingravidões.

Já vos disse, lorangeira,  
Que não desseis flores brancas;  
Já vos disse, meu amor,  
Que não desseis falas a tantas.

## VI

## CIUMES

Nem todas as madrugadas  
Cae o sereno nas flores,  
Nem todos os corações  
São leaes aos seus amores.

Oh minha bella menina  
Escuta, repara bem,  
Olha que os mattos têm olhos,  
Paredes ouvidos têm.

Por te amar deixei a Deos,  
E Deos me deixou a mim;  
Não quero ficar sem Deos,  
Fica tu, amor, sem mim.

Oh meu amor, fala baixo,  
Fala baixo, fala bem;  
Que as parades têm ouvidos,  
Os mattos olhos, e vêem.

Se tu fôras o meu bem,  
Muito te havia de querer;  
Nas palmas das minhas mãos  
E' que te havia de trazer.

Atirei, não matei caça,  
Oh mal empregado tiro!  
Oh minha polv'ra queimada!  
Oh meu chumbo derretido!

Tendes a dama bonita,  
Não a ponhaes á janella;  
Passam uns, e passam outros,  
Todos dizem: — quem m'a dera!

Segredo em boca d'outro,  
Cousa que bem arreceio;  
Tirar do teu coração  
Pôr no coração alheio!

No principio do meu mundo  
Fui lavrador varios annos;  
Semeêi bellas finezas,  
Recebi falsos enganos.

Ando triste, como vèdes,  
De continuo dando ais,  
Desejoso de saber  
Se por outro me deixaes.

O sobrado bole, bole,  
Bem devagar põe o pé;  
Diga-me ó minha menina:  
A sua cama onde é?

Você passa e não me fala,  
Leva do seu *ponião*;  
Olhe lá não escorregue,  
Não dê com o bico no chão.

Déste-me alecrim por prenda,  
Por ter a folha miuda ;  
Quizeste-me exp'imentar:  
Amor firme não se muda.

Como pode uma candêa  
Allumiar duas salas ?  
Como pode um coração  
Querer bem a duas almas ?

Não ha machado que corte  
A raiz á verde cana ;  
De famas ninguem se livra,  
Bem tôlo é quem não ama.

Rosa branca, flor de espinhos,  
Rigorosa na porfia,  
Quem tem ciumes de amores  
Ouve falar, desconfia.

Todos os rios correntes  
Corre-lhe a areia no fundo,  
Quem amores tem, tem enredos  
Em toda a parte do mundo.

Dizei-me, peixinho-rei  
Com quem guerreaes no mar ?  
— Guerreio com a garoupa  
Que vivo me quer tragar.

Oh amor applaca o lume  
Antes que se accenda a chamma ;  
Onde ha amores ha ciumes,  
Onde ha ciumes ha fama.



O amor que eu heide amar  
Não hade amar mais ninguem;  
Que eu sou muito bellicosa  
Em pontos de querer bem.

Deixa-me assubir ao alto,  
Que eu do alto vejo bem;  
Quero vêr o meu amor  
Se me fala com alguem.

O melro canta na faia  
O tontilhão no almendro;  
Não sei onde te vá pôr,  
Que te esteja sempre vendo.

Ai de mim, morro de certo  
Morro no mesmo instante;  
Em que souber que nós sômos  
Tu mudavel, eu constante.

Eu subi ao altar mór,  
Accendi a luz do throno;  
E' desgraçado quem ama  
Um amor que já tem dono.

Esta noite heide ir ás ginjas,  
Esta noite heide ir a ellas,  
Quem tiver as filhas guarde-as,  
Que não me heide guardar d'ellas.

Eu havia de adorar-te  
Como o sol adora a terra;  
Mas tu tens novos amores  
Não te quero fazer guerra.

Quem tem pinheiros tem pinhas,  
Quem tem pinhas, tem pinhões;  
Quem tem amores tem zelos,  
Quem tem zelos tem paixões.

Laranjeira ao pé da serra  
Só lhe fica o desengano;  
Mais faz amor n'uma hora,  
Do que a justiça n'um anno.

Quero ir para a figueira  
Já que não tenho amor;  
Que a figueira é arvore  
Que dá fructo sem dar flor.

## VII

## PEZARES

Os nossos dois corações  
Unidos podiam ser;  
Mas havia de ser já,  
Que tarde eu posso morrer.

Quero-te bem porque quero,  
Queira não queira a razão;  
A razão diz que t'eu deixe,  
Deixar-te não heide, não.

Eu fui a mais triste folha,  
Que nasceu ao pé da vinha;  
Nada se faz n'este mundo  
Que a culpa não seja minha.

Ai Jesus, arde-me o peito  
Em labaredas de fogo;  
Se eu não vejo um bem que adoro,  
Ai Jesus do céu, que môrro.

Oh cruel, deixa-me entrar  
No teu delicado peito;  
Que eu quero vêr o destroço  
Que o meu amor te tem feito.

Atirei com um limão ao céu,  
Cuidando que lá ficasse;  
Verde foi e verde veiu,  
Coitado de quem triste nasce.

Coração de pedra dura  
Que nem pedra de afiar;  
Abranda o ferro no fogo,  
Só tu não queres abrandar.

Oh minha virgem, valei-me,  
Quanto mais cedo melhor;  
Corre a fortuna commigo,  
Cada vez será peor.

Quando eu cuidei que tinha  
Os meus males acabados,  
Então é que me vieram  
De novamente dobrados.

Tanto ai, tanto suspiro,  
Todos á bocca fechada!  
Meu coração sabe tudo,  
Minha bocca não diz nada.

Toda esta noite sonhei  
Que o meu rosto ao teu se unia;  
Acordei, achei-me só,  
Sem a tua companhia.

Esta rua n'algum tempo  
Era o meu divertimento;  
Agora passo por ella  
Que nem corrido do vento.

Eu já me lembrei deixar-te,  
Da mesma lembrança choro;  
Lembrar que me heide apartar  
De um bem que tanto adoro.

Aqui me tendes, matae-me,  
Se eu a morte vos mereço!  
Se não matas, alivia-me  
D'estas penas que padeço.

Oh mar das variedades,  
Nunca em ti variei;  
Variaram os meus olhos  
Quando para os teus olhei.

O sol é caixa de prata,  
A lua é a fechadura;  
As estrellas são as chaves  
Com que se fecha a ventura.

No retiro aonde móro  
Onde a fortuna me tem;  
Eu chamo, ninguem me fala,  
Olho, não vejo ninguem.

Trabalhae minhas mãosinhas,  
Não canseis de trabalhar;  
Assim fazem as donzellas,  
Para o seu brio sustentar.

De que me presta ter sido  
Da ventura tão mimosa,  
Se me faz mais desgraçada  
O ter sido venturosa.

O meu coração me diz  
Quando palpita em segredo,  
Que hade ser feliz contigo  
Quer mais tarde, quer mais cedo.

Eu heide ser como o cysne,  
Todo o seu canto é choro;  
O cysne morre cantando,  
Eu a chorar por ti morro.

Se souberas os meus sonhos  
Tu de mim terias dó;  
Eu sonho que estou contigo,  
Acordado acho-me só.

Eu n'algum tempo me ria  
De quem chorava de amores;  
Agora estou condemnado,  
Curtindo as mesmas dôres.

Triste era malfadada  
Foi a do meu nascimento;  
A quem de véras amei  
Deu-me tão máo pagamento.

Para curar paixão de alma  
Chamar medico é loucura;  
Uma tal molestia é esta  
Quem a tem é que a cura.

O sereno da manhã  
Quebrou a flor ao poêjo;  
Maior desgraça é a minha  
Em não ver o que desejo.

O *bramim* é cousa fina,  
Nasce na costa do mar;  
O amor para contigo  
Por morte se hade acabar.

Puz-me a escrever na areia  
O retrato do meu bem;  
Escrevi, fugi de pressa,  
P'ra que não me visse alguem.

Janella que estaes ao norte,  
Ao desamparo do vento;  
Fôste minha secretaria,  
E do meu bem em certo tempo.

Semie, não me nasceu  
A'lamo branco na estrada;  
Ao longe parece egreja,  
Ao perto casa caiada.

Quem me dera um caminho  
Por debaixo d'este chão;  
Fôra vêr o meu amor  
Sem haver murmuração.

A folha da fava triste  
De noite mete pavor;  
Quem me quiz bem n'algum tempo  
Ainda me hade ter amor.

Já os atalhos tem erva,  
Depois que cá não vieste;  
Dize-me, amor da minha alma,  
Que aggravado de mim tiveste?

Oh altas serras de neve,  
Qualquer estrella dá luz;  
Eu nunca te heide perder  
O affecto em ti puz.

Tenho jurado ser tua,  
E's do meu peito senhor;  
Recebe, bem adorado,  
Meu coração por penhor.

No retiro aonde vivo,  
N'esta solidão tão só,  
Quem ouvirá meus gemidos,  
Que de mim não tenha dó?

Coração não vivas triste,  
Vive alegre se poderes;  
Por mais que a fortuna corra,  
Coração não desesperes.

Oh amores! oh amores!  
Oh amores, para que são?  
Para quebramento de olhos,  
Da raiz do coração.

O sol não nega seus raios  
A quem d'elles necessita!  
Porque me negas, ingrata,  
Os raios de tua vista?

Ainda que mãos mais ditosas  
Outros mimos te darão,  
Não importa, dou com isto  
Alivio ao meu coração.

Já não tenho alegria,  
A minha vida é chorar;  
Por eu vêr que te não logro,  
E por outro te lograr.

Minha alma adora constante  
Só a ti, a ninguem mais;  
Só tu roubaste a meu peito  
A ternura de meus ais.

Da minha janella reso  
A' Senhora da Saude,  
Que me tire do sentido  
Quem quiz amar e não pude.

Eu não sei que sympathia  
Minha alma contigo tem;  
Quando te vejo chorar  
Metto-me a chorar tambem.



Borboleta que sempre andas,  
Nem de noite tens socego;  
Tu chegas á luz e morres,  
Eu morro porque não chego.

Sou feita de ais e suspiros,  
Assim me mandei fazer;  
Dou ais por te não falar,  
Suspiros por te não vêr.

Oh sol! oh lua! oh estrellas!  
Oh anjos! descei cá abaixo;  
Vinde vêr a sepultura,  
O logar ondè me eu acho.

Oh sol! oh lua! oh estrellas!  
Andae, dae luz em meu peito,  
Vinde achar morada firme  
Em palacio tão estreito.

Já os campos verdes choram  
Porque não tem que vestir;  
Já romperam suas galas  
Que lhes dava o mez de abril.

Só a morte, não o tempo,  
Póde em mim fazer mudança;  
Gravado tenho o teu nome  
Sempre na minha lembrança.

Retirada vivo triste,  
Suspirando para o tempo;  
Vivo sempre no encanto  
Só por seguir teu intento.

Quem não ama e não adora  
Vivo está na sepultura ;  
Só amando é que se vive,  
Sem amor não ha ventura.

Lança para mim teus olhos,  
Meu amor, de quando em quando ;  
De noite, que ninguem veja,  
Que nos 'stamos namorando.

Acordei antes da aurora  
Dando suspiros por ti ;  
Suspirei um dia inteiro,  
Suspirando adormeci.

Se eu a ventura tivesse  
De achar amor verdadeiro,  
Seria feliz no mundo,  
Talvez seria o primeiro.

Se os meus suspiros podessem  
Aos teus ouvidos chegar,  
Verias que uma saudade,  
Tem poder de assassinar.

Vae ditoso passarinho,  
Gosar tua liberdade,  
Que eu dei a minha a quem quiz  
Por minha livre vontade.

Se o meu bem aqui chegasse,  
E me jurasse ternura,  
Talvez que então renovasse  
Minha perdida ventura.

Tenho o meu coração triste  
Que não póde suspirar ;  
Por não ter occasião,  
Meu amor, de te falar.

Ter fineza e ter amor  
Não póde haver peor lida ;  
Se eu no mundo te não logro,  
Mais vale a morte que a vida.

Oh penas, não venhaes tantas,  
Vinde mais poucas e poucas ;  
Vinde mais bem repartidas,  
Dae logar umas ás outras.

Com pennas escrevo penas,  
Com a tinta me declaro ;  
Com as lagrimas dos olhos  
Quanto escrevo eu apago.

Dize-me amor se é tempo  
De fazer fliz minha sorte ;  
Hade ser antes que cheguem  
Os laços da cruel morte.

Perde quem anda de noíte,  
Ganha quem anda de dia ;  
Perde quem serve uns amores,  
Ganha quem os não servia.

Fui ao tronco de uma planta  
Para o teu nome gravar ;  
A mesma planta chorou,  
Só por me vêr suspirar.

No retiro aonde estou  
Nada me faz alegrar ;  
Até as aves do campo  
Lamentam o meu pesar.

Até as aves do campo  
Suspiram, de mim tem dôr ;  
Por verem a crueldade  
Com que me trata, amor.

Não se me dá de ter Cruz,  
Tendo o Calvario ao pé;  
Não se me dá de morrer  
Sabendo que por ti é.

Serpentina verde, triste  
No campo publica a morte ;  
Morrendo por teu respeito,  
Não quero ter melhor sorte.

Suspiros ao céu darei,  
Até lá chegar meu choro ;  
Para vêr se alcançar posso  
Um bem d'alma porque morro.

Suspiros com tristes ais  
Não atrahem o meu amor ;  
Porque já do que é teu  
Mais ninguem será senhor.

Trez vezes a maré vaza,  
Lá n'esses mares salgados ;  
Só para mim não se acabam  
Os meus dias desgraçados.

Canarinho que cantaes  
Em raminhos delicados,  
Cantae vós, chorarei eu,  
Que assim faz quem tem cuidados.

Contae aquellas pedrinhas  
Que aquella maré revolve,  
Que eu vos contarei as magoas  
Que o meu coração envolve.

O palmito é fechado,  
Quem o abre tem segredo ;  
Espero de ser feliz  
Com o meu bem tarde ou cedo.

Coitado de quem espera  
Pelo que está na mão d'outre',  
Cedo lhe parece tarde,  
Tarde lhe parece noute.

Chorae olhos, chorae olhos,  
Chorae que bem tendes rido,  
E' bem que agora pagueis  
Regalos que tendes tido.

Oh meu terno passarinho  
Posto nos pés, adejando ;  
Com o movimento das pennas,  
Parece estares-me chamando.

Se por ventura és meu bem,  
A causa da minha dôr,  
Paga um bem com outro bem,  
Tem dó de mim, tem-me amor.

Eu heide ir para o deserto  
Fazer vida com os pastores ;  
Já que não tive a ventura  
De lograr os teus amores.

Eu heide ir para o deserto,  
Para onde foi o meu Deos ;  
Elle não tinha peccados,  
Foi padecer pelos meus.

Quando eu nasci no mundo,  
Estavam á repartição ;  
Todos tiveram ventura,  
Só eu fiquei sem quinhão.

Meu coração já não bate  
Não sei isto o que quer ser ;  
Devem ser signaes de morte,  
Amor vem-me vêr morrer.

Quem me déra agora vêr  
Quem eu vi hontem á noute ;  
Dissera-lhe os meus segredos  
Não lh'os mandára por outro.

Cravo roxo ama, ama,  
Oh jasmin adora, adora ;  
Branca rosa da roseira  
Se tens penas chora, chora.

Tenho somno de gallinha,  
Que a gallinha dorme em pé ;  
Olha as penas que padeço  
Por amor de ti, José.

Tu aonde estás me esqueces,  
Eu aonde estou te adóro,  
Tu andas lá entre as flores,  
Eu cá entre penas choro.

Até onde as nuvens giram  
Vão meus suspiros parar;  
E tu tão perto de mim,  
Sem me ouvires suspirar !

De noite tudo são sombras,  
Por ellas te heide ir buscar;  
Já que eu de dia não posso  
Falas tuas alcançar !

Mil vezes peço a morte  
E me torno a arrepender,  
Pois considero se morro  
Que te não torno a vêr.

Já vi correr um regato  
Mais uma fonte tambem,  
Vejo tudo sem dar ais  
Sem ter amor à ninguém.

Não sejas amor ingrato,  
Que os ingratos tem mau fim;  
Olha que do céu caíu  
Um ingrato Seraphim.

Tenho pena em te não ver,  
Sentimento em não te amar;  
O alivio maior que tenho  
E' em te ouvir nomear.

Oh coração, coração,  
Coração sempre doente,  
A quem contas tuas magoas?  
A quem tua dor não sente.

Tenho uma pena em meu peito,  
Contal-a me não convem;  
Penas que não tem alivio,  
Não se contam a ninguém.

Alecrim verde viçoso,  
Alegria dos mortaes,  
Foi signo em que nasci,  
Quero-te cada vez mais.

Ninguém se póde chamar  
Nem feliz, nem desgraçado,  
Que dos males que se queixa  
Podia ter evitado.

Tenho penas sobre penas,  
Todas da banda direita;  
Como pode adormecer  
Quem sobre penas se deita?

Os meus olhos, mais os vossos  
De longe se estão mirando;  
Os vossos dizem que sim,  
Os meus perguntam-lhe — quando?

Já vi chover e ventar,  
Lebrinar, fazer escuro;  
Já vi tirar o amor  
D'onde estava bem seguro.



## VIII

## AUZENCIAS E SAUDADES

Não sei se te diga adeos,  
Se diga — fica-te embora ;  
Um adeos é saudoso,  
Quem diz adeos sempre chora.

Oh José da crueldade  
Vem ver a tua querida,  
Revolvida em saudades,  
Oh José, que está perdida.

Mangerona com o pé n'agua  
Bota raminhos de prata ;  
Não é nada o ter amores,  
O apartar é que mata.

A laranja tem dez gommos  
Debaixo da sua capa ;  
Não é nada o ter amores  
O apartar é que mata.

Saudades de oito dias  
Ainda se podem soffrer,  
Chegando aos quinze dias,  
Não ha senão padecer.

Pomba leva-me esta carta  
Nas azas, nanja no bico;  
Se t'a quizerem tomar,  
Bate as azas, põe um grito.

E' certo que o tempo gasta  
Ferro e bronze tambem;  
Só eu desgastar não posso  
Saudades do meu bem.

Todos os males se curam  
Com remedios da botica;  
Só as saudades não,  
Quem as tem com ellas fica.

Quem me dera vêr agora  
Quem me alembrou de repente,  
Que eu víra se tem saude,  
Se está na cama doente.

As saudades são roxas,  
As auzencias amarellas,  
Ai de mim que sou criança,  
Sou tão perseguida d'ellas.

Tenho tantas saudades  
Como folhas tem o trigo;  
Não as conto a ninguem,  
Todas consummo commigo.

Trago-te na mão fechado  
Meu diamante escolhido,  
Na memoria retratado,  
No coração escondido.

Meu amor se tu te vires  
No deserto sem ninguem,  
Dá um ai com sentimento,  
Que eu sou contigo, meu bem.

Meu amor se tu te fôres  
Dize-me a quem hei de amar?  
Amarás a Deos do céo,  
Que se eu fôr heide tornar.

Um corpo sem ametade  
Como possa viver não sei;  
Se tu és minha metade  
Como sem ti viverei?

Os mimosos passarinhos  
Aqui já cantar não vem,  
Vem gemer commigo afflictos  
N'esta ausencia do meu bem.

Já que me ensinaste a amar,  
Ensina-me agora a lêr;  
Não quero que ninguem saiba  
O que me mandas dizer.

Quero-me casar por cartas,  
No Fayal me dão amores  
Fica-te embora S. Jorge,  
Meu ramalhete de flores.

Querem-me casar por cartas,  
Oh minha mãe, que farei?  
Um homem que nunca vi,  
Que respeito lhe terei?

Oh meu amor lá de longe  
Escreve-me uma cartinha,  
Se não tiveres papel  
Nas azas de uma pombinha.

Vós mandastes-me uma carta,  
Desculpae, que eu não sei lêr ;  
A culpa foi do meu pae,  
Que me não poz a aprender.

Você se vae e me deixa  
N'esta solidão tão triste;  
Tem pouco de amante firme,  
Que se vae me não assiste.

Coitado quem tem amores  
Pela freguezia alheia,  
Quantas vezes acontece  
O jantar servir de ceia.

Puz-me a escrever na areia,  
Ao som do mar que corria;  
Veiu o mar levou-me a penna,  
Apagou-me o que fazia.

Se vires o meu amor  
Na eira do pae trilhando,  
Dize-lhe que eu cá estou  
Na de meu pae joeirando.

Vou-me embora, vou-me embora,  
Vou fazer vontade á sorte ;  
Vou-me rolar com a vida,  
Até encontrar a morte.

Quem me dera caminhar  
Caminhos longos contigo;  
Que eu te fôra perguntando  
Que determinavas commigo.

Vejo o mar, não vejo terra,  
Vejo navios além,  
Vejo vir barco á vela,  
Só o meu amor não vem.

Lá no céu existe um Deos,  
Deos de tanta compaixão;  
Para que deixou no mundo  
A cruel separação?

Se as saudades matassem,  
Muita gente morreria;  
As saudades não matam,  
Mas apoquentam a vida.

Quando lanço os tristes olhos  
Para a tua habitação,  
Sinto voar para ti  
Meu afflicto coração.

N'esta terra não ha tinta,  
Nem papel que tenha côr;  
Nem ave que tenha penna  
Para escrever ao amor.

Quem adora o impossivel  
Que esperança pode ter?  
Vive n'uma saudade  
Gosa pena até morrer.

Auzente da tua vista  
Nada me faz alegrar ;  
Eu não vivo para o mundo,  
Vivo só para te amar.

Nossos corações unidos  
Nasceram para se amar ;  
Não podem 'star um sem o outro,  
Assim mesmo hãode acabar.

Nossos corações unidos  
Por ternos laços de amor,  
Nada os pode separar,  
Nem auzencia, nem rigor.

Tanto ai, tanto suspiro,  
Que do fundo d'alma vem ;  
Não são ais, não são suspiros,  
São auzencias do meu bem.

Nas terras que o sol cobre,  
Nas que o sol não chega a ver,  
Por toda a parte do mundo  
Heide amar-te até morrer.

Oh coração toma azas,  
Oh azas tomae valôr,  
Que havemos de ir esta noite  
Ao resgate de uma flor.

O meu amor quer-me tanto,  
Que até ao mar me levou,  
N'uma lanchinha de prata,  
Remos de ouro lhe deitou.

Que importa mudar de terra  
Sem o amor abrandar?  
Por toda a parte que vou  
Vae commigo meu pezar.

As saudades occultas  
São custosas de aturar;  
Se dão n'um peito mimoso  
O seu alivio é chorar.

Saudades, saudades,  
Saudades tenho eu ;  
Quem não hade ter saudades  
De um amor que já foi seu ?

Saudades te persigam  
Que te não possas valer ;  
Para que saibas, amor,  
Quanto custa o bem querer.

Oh saudade tyranna  
Vem a mim, tira-me a vida ;  
A prenda que eu mais amava  
Já de mim está arrependida.

Saudades me têm posto  
Na maior consternação,  
Sem forças e sem alento,  
Cuido que me matarão.

Saudades são recusas,  
Auzencias são tyrannias ;  
Se eu não lograr os teus olhos  
Acabados 'stão meus dias.

Tristes ais, correi depressa,  
Ide dizer ao meu bem,  
Que morro de saudades  
Se elle acudir-me não vem.

Oh meu amor da cidade,  
Tira tempo, vem-me vêr ;  
Que as cartas são escusadas  
Para mim que não sei ler.

Vem-te, amor, para os meus braços  
Que não vens a padecer ;  
Os meus braços dão a vida  
A quem está para morrer.

Mandei fazer altas torres  
No retiro aonde móro,  
Quando tenho saudades  
Subo-me a ellas e choro.

Não te torças, não te mires,  
Que eu não olho para ti ;  
O amor que heide amar  
Longes terras 'stá d'aqui.

Já viestes, já chegastes,  
Já esta casa está cheia ;  
Esta cidade sem vós  
Para mim é uma aldeia.

Não ha setta mais aguda,  
Nem penas tão penetrantes,  
Como são as saudades  
Entre dois finos amantes.



Este meu coraçãozinho  
Tão pequenino que é!  
E' um mar de saudades  
Onde não entra a maré.

Puz-me a chorar saudades  
No portal do meu jardim;  
Uma flôr me respondeu:  
Call'-te, que tudo tem fim.

Quiz dizer-te adeos, não pude,  
A linda mão te apertei;  
Quando me vens á memoria  
Como não morro, não sei.

Já o adro criou rama,  
Já não ha passeadores;  
Já se foram d'esta terra,  
Menina, os meus amores.

O meu amor foi-se embora,  
Pedi-me que não chorasse;  
Que se eu lhe queria bem  
Que o não mortificasse.

Amores de ao pé da porta  
Só servem para tormento;  
Amores, querem-se ao longe,  
Mas perto no pensamento.

Pelo céo vae uma nuvem,  
Leva seu relógio dentro;  
Com que vae contando as horas  
Do nosso apartamento.

Quem disser que o sol que chora  
Digam todos que é mentira;  
Como pôde o sol chorar  
Se elle é o rei da alegria!

O meu amor me mandou  
Remedio para uma auzencia;  
Veiu um ai com dois suspiros  
Que eu tivesse paciencia.

A carta que me mandaste  
Não lhe pude entrar com a letra;  
Abraçei-a e beijei-a,  
Fechei-a n'uma gaveta.

## IX

## MORAES E GRACIOSAS

A desgraça é nascer,  
Depois de nascer penar;  
Depois de penar morrer,  
Depois de morrer penar.

Namorados, falae baixo,  
Que as paredes tem ouvidos;  
Os segredos mais secretos  
Esses são os mais sabidos.

Eu heide subir ao alto,  
Ao alto heide assubir;  
Quem ao mais alto se sobe  
Ao mais baixo vem cair.

Fechei a porta á fortuna,  
Entrou-me pela janella,  
Quem nasceu para a fortuna  
Não pode fugir a ella.

Olha agora o milho verde  
O segredo que sabia!  
Guardar a agua na ponta  
Para beber todo o dia.

Não quero tomar tabaco  
Nem do fumo, nem do pó,  
A estanqueira está rica,  
Eu estou pobre como Job.

Este vinho é bom vinho  
Na taça tem boa côr,  
Quem beber d'elle uma gotta  
Bem dispensa cobertor.

Oh minha bella menina  
Escuta que vou dizer:  
Tenho uma mão para dar,  
Outra para receber.

Ninguem descubra seu peito  
Para aliviar sua pena;  
Quem o seu peito descobre  
Mesmo a si se condemna.

A maçã na macieira  
E' como a mãe com a filha,  
Que não é senhora d'ella  
Senão em mentes a cria.

Semieo linho na serra,  
Do linho me nasceu mato;  
Quem toma amores com um velho  
Nunca de amores é farto.

Os homens entre as mulheres  
E' um caso bellicoso;  
E' como a pera madura  
Na boca de algum guloso.

Botae as ovelhas fóra,  
Que vem o sol arraiando;  
Botae uma, botae duas,  
Botae-as todas n'um bando.

Lá no mato salta a cabra,  
No mar *adana* a baleia;  
Canta o melro na gaiola,  
Chora o preso na cadeia.

O vento do noroeste  
Faz andar o mar picado,  
Faz andar o marinheiro.  
Pelo convés enjoado.

Coitado de quem não tem  
Grandezas a offerecer;  
E' engeitado do bem  
Onde veiu a pertender.

Diga-me, oh senhor piloto,  
Que do mar sabe a lição,  
Diga-me do norte ao sul  
Quantas legoas do mar são.

O sol quando nasce é rei,  
Ao meio dia é morgado;  
A' tarde já vae doente,  
A' noute é sepultado.

Rapariga se casares  
Toma conselho primeiro;  
Mais vale um rapaz sem nada,  
Do que um velho com dinheiro.

Se a inveja fosse tinha  
Todos estavam tinhosos;  
A inveja não é tinha,  
Mas é quebranto dos olhos.

Eu sempre ouvi dizer  
Aos lavradores da cidade,  
Quem semêa boa terra  
Colhe boa novidade.

Que lhe importa a cada um,  
Que lhe importa a cada qual,  
Que lhe importa a cada um  
Quem faz bem, ou quem faz mal?

Que lhe importa a cada um  
Co' a vida de cada qual?  
Que lhe importa a cada um  
Se me eu trato bem ou mal?

Amor fere quando fere  
Sem distinguir qualidade ;  
Fere o pobre, fere o rico,  
O vassallo, a magestade.

O passarinho no bosque  
Busca algum de sua côr,  
Mostra em tudo a natureza  
A doce união do amôr.

Coitado de quem não tem  
Grandezas a offerecer,  
Fica isempto do bem  
Que podia pertender.

Eu devia de nascer  
Na maré do caranguejo;  
Quanto mais vou para diante,  
Quanto mais atraz me vejo.

Eu subí ao altar mór,  
Accendi a luz da tribuna;  
E' desgraçado quem nasce  
No mundo sem ter fortuna.

Estudantes são maganos,  
Amigos de apalpar tudo ;  
Apalparam-me a jaqueta  
Se era ganga ou veludo.

Dei alta para ser soldado,  
Já estou arrependido;  
O dinheiro já está gasto,  
O meu corpo está vendido.

Estudante larga o livro,  
Anda, vamos ao jardim;  
Mais vale uma hora de gosto,  
Do que duas em latim.

O amor do estudante  
E' muito, mas dura pouco;  
E' como o milho vermelho,  
Que se aparta um do outro.

Esta rua tem pedrinhas,  
Eu hei-l-as mandar tirar  
Com biquinhos de alfinete,  
Para o meu bem passear.

Do Brazil o fino ouro,  
Da seda o melhor setim,  
Das pedras o diamante,  
Das flores o alecrim.

Lá vem o barco á vela  
A' vela, que vem rachando;  
Lá vem o meu bem á popa  
Que bem se vem regalando.

Manoel engana o pae  
Com uma flautinha de cana;  
Diz que vae vigiar gado,  
Vae para casa da dama.

Minha mãe, minha mãesinha,  
Minha mãesinha do céu,  
Que me trouxe nove mezes  
Debaixo do seu mantéu.

Dei um nó que eu nunca déra,  
Nunca o eu chegasse a dar;  
Dei-o com a mão direita,  
Não o posso desatar.

Ainda hoje não fiz caldo,  
Nem panella puz ao lume;  
Só lá tenho um pucarinho  
Que levará um almude.

Minha mãe é minha amiga,  
Quando cose dá-me um bôlo;  
Quando se enraiva commigo,  
Dá-me com a pá do forno.

Não quero homem altivo  
Com brazões de alta nobreza;  
Eu não quero fidalguia,  
Que sou filha da pobreza.

Ninguem se fie nos homens  
No tempo das favas verdes;  
Umás baixas, outras altas,  
Assim são as falas d'elles.

Oh coração de baeta,  
D'aquella mais denegrída!  
Ha tantos annos que te amo,  
Não te posso vêr vencida.

Quando eu vou para casa  
E a mulher não tem ceia,  
Pego na minha viola,  
Já a minha casa está cheia.



O amor do estudante  
E' em quanto está presente ;  
Vêm as ferias, vae-se embora,  
Fiem-se lá de tal gente !

Taverneiro, deita vinho,  
Deita vinho com fartura ;  
Que o dinheiro do estudante  
Tarde vem e pouco dura.

A pomba dorme na rocha,  
Faz a cama no barceu ;  
Tambem eu faço a minha  
Na roda do teu manteu.

## X

## LOCAES

Lisboa com ser Lisboa,  
Com ter o Senhor que tem,  
Não ha terra como a minha  
Para amar e querer bem.

Oh Lisboa, oh Lisboa,  
Quem te atirára dous tiros,  
A polvora fôra de ais,  
A munição de suspiros.

Oh terra da California,  
Terra da minha alegria,  
Tu sempre me estás lembrando  
Quer de noute, quer de dia.

Oh ilha de S. Miguel,  
A desgraça que lá vae ;  
Tanta mulher sem marido,  
Tanto filhinho sem pae.

Adeos Furnas vou deixar-te,  
E' lei do fado cruel ;  
Para sempre abandonar-te,  
Meu amor de S. Miguel.

S. Miguel unha na palma,  
Terceira faca sem ponta,  
Pico, Fayal, Graciosa,  
Tudo vae na mesma conta.

Oh ilha de S. Miguel,  
Quem te largou o fogo,  
Para semear de nabos  
Para sustento do povo.

Na Terceira são alferes,  
Em S. Jorge capitães ;  
No Pico são picarotos,  
No Fayal finos ladrões.

Oh Angra, nobre cidade,  
Assim diz quem de lá vem ;  
Terra que dá tanta rosa,  
Só não dá cravos tambem.

\*

A Terceira veste seda,  
S. Miguel o chamalote,  
O Pico pano da terra,  
O Fayal de toda a sorte.

Adeos, ilha do Fayal,  
Terra de tanto dinheiro ;  
Terra que nada valêra  
Se não fôra o estrangeiro.

Oh Pico, Pico das faias,  
Oh Fayal, Fayal das canas ;  
Oh Pico, tu me não logras,  
Oh Fayal, tu não me enganas.

Oh meu amor pequenino,  
Não vades á Graciosa,  
Que o canal é mui comprido,  
E a barra é mais perigosa.

Urzelina, Urzelina,  
São quatro dias de verão,  
Fatia de pão de rála,  
Cachinho de uva na mão.

Lá vem a lua saindo  
A' ladeira das Manadas,  
Com sua saia amarella  
Suas meias laranjadas.

Oh que vida regalada  
Heide eu levar este verão,  
Pelos atalhos das vinhas  
C'o meu amor pela mão.

Oh minha Ribeira secca,  
Minha ribeira de flores,  
Para lá de ti, Ribeira,  
E' que eu tenho os meus amores.

Oh minha Fajan dos Vimes,  
Oh minha rica Fajan ;  
Ainda hontem de lá vim,  
Para lá torno amanhã.

Norte, pequeno, airoso,  
Calheta, escuridão,  
Para lá de ti, Calheta,  
Tenho a minha afeição.

Olha o Senhor Santo Christo  
Onde foi fazer morada,  
Para lá do Norte grande  
A' borda d'agua salgada.

Quem me déra um carro novo,  
Com bois e com campainhas,  
Para ir ao Norte Grande  
Carregal-o de meninas.

Oh Toledo, oh Toledo,  
Ribeiras que deita ao mar,  
Oh maldita freguezia,  
Eu não quero lá tornar.

Quero-me casar por carta,  
No Fayal me dão amores ;  
Fica-te embora S. Jorge,  
Meu ramilhete de flores.

Rapariga não te fies  
Em palavras de homem rico,  
São como o calhau miudo  
Rola na costa do Pico.

## XI

## POLITICAS

O Junot quando embarcou  
Embarcou em caes de pedra ;  
Com a lagrima no olho  
Pela Condessa da Ega.

Oh Junot, oh general,  
Quem te mandou cá meter?  
Desprezaste as cinco chagas!  
Junot, quem te hade valer?

A Condessa chora, chora,  
Chora sem consolação;  
Que o seu Junot arribou  
A' quinta do Hortelão.

A Rainha de Castella  
Está fiando n'uma roca ;  
Ella quer ganhar dinheiro  
P'ra pagar á sua tropa.

# SERENADAS DO LUAR

---

## I

### ABC DE AMORES

Adorada prenda minha,  
Sol e lua a quem venero;  
N'este ABC dos amores  
Te digo quanto te quero :

O A é pela ausencia  
Que tenho do meu amor ;  
Eu passo crueis tormentos,  
Eu sinto uma grande dôr.

O B é pelo brincar  
Eu contigo n'algum tempo ;  
Muito nos hade custar  
O nosso apartamento.

O C é ser constante,  
Bem constante tenho sido ;  
Adorada prenda minha,  
Disvello de meu sentido.

O D é para dizer  
A quem tenho na afeição;  
Só a ti, caro amor,  
Darei alma e coração.

O E é pelo estar  
Vivendo de ti ausente;  
Oh que grande penitencia  
Para um terno vivente.

O F é ser fiel,  
Bem fiel te tenho sido;  
Se me fôres outro tanto,  
Unida serás commigo.

O G são muitas glorias  
Que eu por ti tenho passado;  
Mais me consólo de esperanças,  
Que ainda serei amado.

O H é pela hora  
Que te eu não posso vêr,  
Cercado de saudades,  
Arriscado a morrer.

O J quer dizêr joia,  
Joia do meu coração;  
Quero-te mais do que a vida,  
Tenho-te grande afeição.

O L é pela lembrança,  
Vós sempre me alembraes;  
O dia que vos não vejo  
Não faço senão dar ais.

O M é pelo amor  
Que sempre te tive e tenho;  
E's a prenda a quem adoro,  
Por quem faço mais empenho.

O N quer dizer nada  
Desfallece no amante;  
O direito do amor  
E' ser firme e ser constante.

O O é pelos teus olhos  
Que são dois finos ladrões ;  
Dispostos no auditorio  
Para render corações.

O P são muitas penas  
Que eu por ti tenho passado ;  
Mas eu achando-as certas  
Vivo sempre magoado.

O Q é pelo querer,  
Que eu sempre te quiz e quero ;  
Espero de seres minha,  
Que eu por isso te venero.

O R é reverencia,  
Reverencia posso ter,  
Heide amar-te até á morte,  
Heide amar-te até morrer.

O S são as saudades  
Que eu tenho por ti meu bem ;  
Eu passo crueis tormentos,  
Vivo só sem mais ninguém.



O T é a tyrannia,  
Que tyrannia te fiz ?  
O meu gosto é amar-te,  
Viver contigo feliz.

O U é por vos vêr  
E por vos ter affeição;  
O dia que vos não vejo  
Me entristece o coração.

O X é pelas chaves  
Com que abristes o meu peito ;  
Feristes meu coração  
Com raios de amor perfeito.

O Z é pela zombaria  
Que vós commigo uzaes ;  
Eu como firme amante  
Cada vez vos quero mais.

A's regras do ABC  
Ainda aqui faltam quatro :  
Traz a tinta e o papel,  
Assenta ali teu retrato.

## VARIANTE :

— Menina que passeiaes  
Em campo verde de flores,  
Dizei-me lá por cantigas  
O ABC dos amores.

« O *ABC* dos amores  
Vós cuidaes que o não sei?  
Dizei-me a primeira letra  
Que então vos responderei.

— O *A* é a primeira letra  
Que se põe no *ABC*;  
Diga-me a minha menina  
Quantos morrem por você.

« O *A* é a primeira letra  
Que se escreve no papel,  
Escrevi-te no sentido  
Minha pedrinha de anel.

— O *B* é pelos beijinhos,  
Mais também pela doçura;  
Na face d'esse teu rosto  
Criou Deos a formosura.

« O *B* é pelo bem querer,  
Ninguém te quer mais do que eu;  
Porque não me correspondes  
Mui adorado bem meu?

— O *C* significa o cravo,  
Esse cravo bem disposto;  
Corre a fama que sou teu,  
N'isso faço muito gosto.

« O *C* é pela ciencia  
Meu amor com que te amei!  
Ingrato porque não pões  
Em mim essa tua lei?

— *D* — defronte do teu peito  
Uma flor eu vi nascer;  
Se não souberes amar  
Faze como vires fazer.

« *D* — digo eu que só quero  
Vêr-te firme até á morte;  
Se me não corresponderes  
Será em mim pouca sorte.

— *O E* é pelos enredos,  
Enredos te eu heide armar;  
Menina se fores minha  
Por meios te heide ir buscar.

« *O E* significa a era  
Que te comecei a amar;  
Quem por ti não enlouquece  
Vive em peccado mortal.

— *O F* é pela firmeza,  
Vós bem firme podeis estar;  
Que á palavra que vos dei  
Nunca vos heide faltar.

« *O F* é pela fé  
Que tenho em te gosar,  
Ou heide vir a ser tua,  
Ou eu heide me matar.

— *O G* é um generoso,  
Heide sel-o até ao fim;  
Dei-te o coração por prenda,  
Que mais queres tu de mim?

« O *G* é a gentileza,  
Não vi cara mais formosa;  
Pelo branco és açucena,  
Pelo encarnado és rosa.

— O *H* é humildade,  
Por sentido te conheço;  
Não te faças tão altiva,  
Julgas que eu te não mereço?

« O *H* é pela hora  
Que te eu comecei a amar,  
Ainda espero em Deos,  
Meu, amor, de te lograr.

« O *I* quer dizer irei  
Para onde ninguém sabe;  
Dize-me se n'esse teu peito  
Este meu coração cabe.

— *J* é um jardim  
Onde se apanham flores;  
Ainda heide ser jardineiro  
Menina dos teus amores.

« O *J* quer dizer já estou  
Meu amor n'esse teu peito;  
Estou preza da tua mão  
Em laços de amor perfeito.

— O *K* quer dizer cadeia  
Em que te tenho prendido,  
E's a flor de mais empenho  
Que trago no meu sentido.

« *O L* é pela lei  
Que o meu coração te tem;  
Desde que eu logo te vi  
Não quiz bem a mais ninguém.

— *O M* é pelas mãos,  
Que as tendes delicadas;  
Menina, se fores minha  
As trareis mais estimadas.

« *M* significa a morte,  
Amor que me hasde causar;  
A's tuas ingratidões  
E' que me hasde matar.

— *O N* é uma nau  
Que navega com bom vento;  
Diga-me, minha menina,  
Quanto traz no pensamento.

« *N* é pela nobreza,  
Vós a todos excedeis;  
Já confesso que sou vossa,  
De todo me não mateis.

— *O O* quer dizer os olhos,  
Tambem quer dizer ouvir,  
Anda, amor, para os meus braços  
Que ninguém te hade impedir.

« *P* é — porque razão  
Desprezas o meu amor?  
Já de mim tem compaixão  
Se o não fazes com dor.

— O *P* é pelo poder  
Que tendes nas vossas mãos;  
Tirae-me d'estas cadeias,  
Livrae-me d'estas prisões.

« *Q* é que sempre te quiz,  
Em verdade te adoro;  
Por ti ando suspirando,  
Por ti dou ais, por ti choro.

— O *Q* é quando ides,  
Menina, para o jardim;  
Que na entrada choraes  
E' com lembrança de mim.

— O *R* é pelo rir,  
Que o tendes engraçado;  
Com gaitadinhas que daes  
Me tendes enfeitigado.

« O *R* é pela relação  
Da reverencia do peito;  
Ainda espero de gosar  
Esse teu corpo bem feito.

— O *S* é pelo seres,  
Menina, bem delicada,  
Eu vos trago na lembrança  
Nos braços bem declinada.

« O *S* é a suspeita  
Não sendo bem soletrado;  
Bem sabeis, meu amorsinho,  
Que no meu peito tens 'tado.

— O *T* é pelas thesouras  
Menina, com que talhaes ;  
De ouro são as agulhas,  
De prata são os dedaes.

« O *T* quer dizer que tenho  
Amor a quem me não tem ;  
Mereces nome de ingrato,  
Mas tudo te fica bem.

— O *U* é quando vos *ides*  
Menina, pelo caminho ;  
Ainda espero em Deos  
De andares ao meu dominio.

« O *X* diz achei principio  
Primeiro, mas não o fim ;  
Estou metida entre flores,  
Ninguem tenha dó de mim.

— O *X*, ande pelo chão,  
Menina por onde andaes,  
Apressae os vossos passos,  
Dae aceios aos meus ais.

— O *Z* é pelo zelo,  
Menina, que eu vos tenho ;  
Se vós em mim, formaes gosto,  
Eu em vós maior empenho.

« O *Z* é pela zombaria  
D'este galante *ABC* ;  
Fino pedindo a Deos  
Saude e vida nos dê.»

A's letras do *ABC*  
Ainda aqui faltam quatro ;  
Mas aqui fica o logar  
Para pôres o teu retrato.

## II

## RETRATO DE UMA BELLEZA

— Eu sou réo e vós autora  
Em certas occasiões,  
Menina, dae-me licença  
Que eu note vossas feições :

Quer m'a deis, quer m'a não deis,  
Sempre vol-as vou notar,  
Começarei da cabeça,  
Aos pés irei acabar.

Vossos cabellos dourados,  
Compostos da vossa mão,  
Todo o mundo se admira  
De tão linda perfeição.

A vossa testa é espelho  
Onde o sol se vae mirar,  
Onde vae tomar altura  
Dos raios que hade botar.



Os vossos olhos, menina,  
São pharoes de mar e guerra,  
Quando vão para o mar largo  
Deitam faiscas em terra.

Vosso nariz é um cravo,  
Redusido do craveiro,  
Onde n'elle *impenetraes*  
Amor firme, verdadeiro.

Vossas maçãs do rosto,  
Como a rosa alexandria,  
Dão tanta luz de noute  
Como o proprio claro dia.

Tendes os beiços vermelhos  
Como o sangue do nariz ;  
Estaes corrente no amor,  
Que nem agua em chafariz.

Tendes os dentinhos ralos,  
Mettei-lhe cravos no meio ;  
Sondes a mais linda dama  
Que n'esta terra passeia.

Essas vossas orelhinhas,  
Vermelhas assignaladas,  
Tem differença das minhas  
Só por terem arrecadas.

Tendes o pescoço alto  
Para o amor abraçar,  
Se até aqui muito gostei,  
Muito mais heide gostar.

Os vossos hombros, menina,  
Ambos de dous são iguaes,  
Não sois bonita, nem feia,  
Sois o quanto precisaes.

Vossas mãos de clara neve,  
Fio d'ouro rebatido,  
Bem podia vir um sonho  
Tirar-te do meu sentido.

Vós, menina, de cintura  
Sondes a mais delicada ;  
Tem differença da minha  
Só por andar apertada.

Tendes o pé pequenino,  
Do tamanho de um vintem,  
Bem podia calçar de ouro  
Quem tão pequeno pé tem.

Comecei em fios d'ouro  
A notar vossos signaes ;  
Menina, vós sondes d'ouro,  
D'ouro sois, d'ouro ficaes.

## VARIANTE :

— Eu plantei no meu quintal  
O brio da minha dama,  
Nasceram perolas finas,  
Angélicas côr de cana.

\*

Os vossos cabellos, sécia,  
E' que vos dão toda a graça,  
Parecem meadas de ouro  
Aonde o sol se embarça.

Os vossos cabellos, sécia,  
Largos, virados ao vento,  
Vós a todos daes a graça,  
Só a mim causaes tormento.

Oh arco da sobancelha  
Onde meu intento tenho,  
Não te empenhes por amores  
Que eu por ti, meu bem, me empenho.

Os lindos olhos que tendes  
Abaixo d'essas pestanas,  
Rico esparecimento  
Tem creaturas humanas.

A vossa face encarnada  
Se póde mirar por gosto,  
Não ha joia mais subida  
Que é vosso tão lindo rosto.

Vossas orelhas de neve,  
Viradinhas para traz,  
Sobre ellas vae caíndo  
Raminho d'ouro que traz.

Tendes os dentes meudos  
Que nem pedrinhas de sal,  
Tendes a fala ciosa  
Para mais graça lhe dar.

A garganta tira a vida,  
A vida por ella déra,  
Tivera duas mil vidas  
Por tua garganta dera.

Abaixo d'essa garganta  
Duas joias de crystaes,  
Quando para ellas olho  
Logo se internam meus ais.

Tendes os braços compridos,  
As mãos alvas e mimosas,  
Os dedos cheios de aneis  
De pedrinhas preciosas.

Tendes cintura delgada,  
Mais delgada que uma cana,  
Qual será o venturoso  
Que logre tão linda dama.

Tendes o pé pequenino,  
Mais pequeno que um vintem,  
Bem pode calçar veludo  
Quem tão pequeno pé tem.

Que lindas mãos para luvas,  
Lindos pés para sapatos,  
Linda cara para beijos,  
Lindo corpo para abraços.

« Eu não sou perola fina,  
Nem bonina côr do mar ;  
Sou flôr de nunca me deixes,  
Que eu nunca te heide deixar.

## VARIANTE :

— E's a flôr das bellas flôres,  
E's o mimo da lindeza;  
Para te tirar feições  
Começo-te na cabeça :

Vossos cabellos humanos  
Penteae-os de contin'o;  
Mandae-os engrandecer,  
São madeixas de ouro fino.

Vós trazei-os amarrados  
Com fitas de varias côres ;  
Os meus são vossos escravos,  
Os vossos são meus senhores.

Vossa testa, branco leite,  
Luz que nem um crystal ;  
Mandae-lhe deitar um véo  
P'ra a calma vos não queimar.

Os arcos das sobrancehas  
São pontes em que me tenho ;  
Se elles por vida dão vida,  
Tambem por vida me empenho.

Oh lindos olhos que tendes  
Debaixo d'essas pestanas,  
Com elles fazeis perder  
As creaturas humanas.

As maçãsinhas do rosto  
Mandae-as sobredourar ;  
Que ellas são mui galantinhas,  
Com beijos se hãode gastar.

A vossa bocca é de prata,  
Os dentinhos de marfim ;  
A lingua pena aparada,  
Os beicinhos d'*arrebim*.

Vossa garganta de neve  
Merece perolas d'ouro ;  
Essa garganta me mata,  
As penas me trazem doudo.

Vossos braços são correntes,  
Meu Deos, quem fôra culpado !  
Que estivera dez mil annos  
N'essas correntes atado.

Ao pé da vossa garganta  
Dois montinhos de crystaes ;  
Onde emprego os meus sentidos,  
Dou alivio aos meus ais.

Esses vossos joelinhos  
Em que chão ajoelhaes ?  
Vossos pés de branca neve  
Em que terra passeaes ?  
Passeae mais ameúdo,  
Dae alivio aos meus ais.

## III

## OS MANDAMENTOS DO AMOR

O primeiro é amar,  
Não te amo como devo ;  
Ama-me com lealdade,  
Que eu serei o teu emprego.

O segundo é não jurar  
O seu santo nome em vão ;  
Juro amar a uma Rosa,  
Nome do meu coração.

O terceiro é guardar  
Os domingos e as festas ;  
Venho amar uma Rosa,  
Grandes cegueiras são estas.

O quarto é de honra ;  
A honra é de quem a tem ;  
Heide-vos amar, menina,  
Haveis de ser o meu bem.

O quinto não matarás,  
Eu sou o que já 'stou morto ;  
O delirio de uma Rosa,  
N'este estado me tem posto.

O sexto é não furtar,  
N'esse vivo descansado;  
Inda que te furte, menina,  
N'isso não faço peccado.

O septimo não te explico,  
Bem me podes entender;  
Antes de muito tempo,  
Nos teus braços me heide vêr.

O oitavo, não levantar  
Nenhum falso testemunho;  
Coitadinhas das meninas,  
Que andam nas boccas do mundo.

O nono é não cubiçar  
A mulher que é casada;  
Hade ser uma solteira,  
Que essa é mais desejada.

O decimo é não cobiçar  
As cousas que são alheias;  
Venho amar uma Rosa,  
Aqui por terras alheias.

Mas estes dez mandamentos  
Em dois se vem encerrar:  
Ou vós haveis de ser minha,  
Ou eu vos heide furtar.



## IV

## MANDAMENTOS DA EGREJA

N'estes cinco mandamentos,  
Meu amor, tende cautella :

O primeiro é ouvir missa,  
Eu nunca fiquei sem ella ;  
Senão domingo passado  
Com uma menina á janella.

O segundo é confessar,  
Eu sempre me confessei ;  
Só não disse ao confessor  
O que com ella passei.

O terceiro é commungar,  
Quem se confessa communga ;  
Quem é rebelde á egreja  
O vigario o excommunga.

O quarto é jejuar,  
O jejum não é p'ra homens ;  
Eu sempre ouvi dizer :  
Bem jejúa quem mal come.

O quinto é pagar dividas,  
Eu nunca fiquei devendo,  
Se não o anno passado,  
E este que vae correndo.

## V

## OS SETE SACRAMENTOS

Oh menina eu te peço  
Que sigas os meus intentos ;  
Olha que eu te proponho  
Estes sete sacramentos :

O primeiro é baptismo,  
Não sei se sou baptisado ;  
Creio em tudo o que Deos disse,  
Não sei se sou confirmado.

Segundo é confirmação,  
Confirma amor na verdade ;  
Se te eu quero bem ou não,  
Deos do céu é quem o sabe.

O terceiro é commungar,  
Quem communga confessou ;  
Para uns começa o mundo,  
Para outros se acabou.

O quarto é penitencia,  
Penitente tenho sido ;  
Quando me ausento de ti  
Não sei se morro, se vivo.

O quinto é a extrema-unção,  
São palavras em latim ;  
Fostes uma linda rosa  
Que criei no meu jardim.

O sexto é a ordem  
Que eu tenho de te prender ;  
Na cadeia dos teus braços  
E' que eu me queria vêr.

O septimo é matrimonio,  
Quando é o dar da mão ;  
Nunca se pode apartar  
Uma rosa de um botão.

Estes sete sacramentos  
São da santa madre igreja ;  
Anda o mundo ás avessas,  
Ninguem logra o que deseja.

## VI

## OS CINCO SENTIDOS

Passei pela majarona  
Cinco ramos lhe apanhei,  
Cinco sentidos que eu tinha  
Todos em ti empreguei,

O primeiro é o vêr,  
Quem não vê não sabe amar,  
Sempre o primeiro amor  
No coração tem lugar.

O segundo é ouvir  
Ais do coração sentido ;  
Não tem graça no mundo  
Quem não chega a ser querido.

O terceiro é cheirar,  
Flores que em ti *remonecem* ;  
Quem não tem amores certos  
Grande trabalho padece.

O quarto é gostar,  
Em tudo és do meu gosto ;  
Adeos tyranna, ingrata,  
Em ti trago o amor posto.

O quinto é apalpar  
Tudo o que o amor pertende ;  
Adeos tyranna ingrata,  
Já os meus ais te não rendem.

## VII

## A CONFISSÃO DA MENINA

(VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE)

« Oíça, padre, as minhas culpas.  
— Diga, filha, com bem dôr.  
« Eu, meu padre, alguma trago,  
Mas não deixo o meu amor.

— Olhe, filha, que ha inferno  
E fogo abrasador.  
« Tudo isso sei, meu padre,  
Mas não deixo o meu amor.

— Diga, porém, seus paccados  
Sem receio, nem temor.  
« Meus peccados vou dizer,  
Mas não deixo o meu amor.

— Oh menina tenha medo  
De Christo, nosso senhor.  
« Eu de Christo tenho medo,  
Mas não deixo o meu amor.

« Como pode ser peccado  
Do mundo o maior sabor ?  
Se a natureza o ensina,  
Eu não deixo o meu amor.

— Não fale na natureza,  
Que me encho de calôr!  
« Sinta pois o que sentir,  
Eu não deixo o meu amor.

« Para que é que me ensina  
A ter de Christo pavor ?  
Se a natureza obriga,  
Eu não deixo o meu amor.

— Menina lembre-se bem  
Do demonio tentador !  
« Eu de tudo bem me lembro,  
Mas não deixo o meu amor.

— Esta justa menina  
Da alma é destemidora !  
« Embora perca a minha alma  
Mas não deixo o meu amor.

— Já de teimar com você  
Estou cheio de suor !  
« Teime pois o que quizer,  
Que eu não deixo o meu amor.

— Então oiça um conselho  
Que lhe dá seu director . . .  
« Diga pois o seu conselho,  
Mas não deixo o meu amor.

« Lembra-me o meu bem  
Sinto medo e temor,  
Ha mais tempo que eu sei,  
Mas não deixo o meu amor.

— Pois tome amores commigo...  
Que eu tambem sou peccador...  
« Padre, padre, não me inquiete,  
Que eu não deixo o meu amor.

« Olha lá o tal padrinho  
Como se faz prégador!  
Prégue lá d'essas a outra,  
Que eu não deixo o meu amor.

— Menina, eu lhe darei  
Muitas joias de valor!  
« Vá lá dal-as ao demonio,  
Que eu não deixo o meu amor.

— Linda moça, em teu dedo  
Este anel eu quero pôr!  
« Ponha-o em quem quizer,  
Que eu não deixo o meu amor.

— D'aqui ávante, menina,  
Serei seu conversador.  
« Converse lá outra dama,  
Que eu não deixo o meu amor.

« Que este seu procedimento  
De Judas é imitador;  
Como revelação digo  
Que não deixo o meu amor.

— Tyranna, o teu teimar  
Do meu mal é causador !  
« Eu não tenho culpa d'isso,  
Pois não deixo o meu amor.

Contra o padre eu já estou  
Cheia de odio e furor ;  
E já lhe disse a respeito,  
Que não deixo o meu amor.

— Menina que heide fazer  
Para abrandar seu rigor ?  
« Posso embora ser meiga,  
Mas não deixo o meu amor.

— Já em confissões obtive  
De raparigas favores...  
« Satisfaça-se com elles,  
Que eu não deixo os meus amores.

— Oh menina, fale baixo,  
Pode haver escutador...  
« Em voz mais alta lhe falo  
Que não deixo o meu amor.

— Dou minha alma e coração  
Ao meu bem psalmeador !  
« Jurei-lhe eterna amisade,  
Já não deixo o meu amor.

— Este punhal que aqui trago  
Será meu despicator !  
« Mostre, padre, um milhão d'elles,  
Que eu não deixo o meu amor.



Se o padre com o punhal  
Quizer ser pr'a mim traidor,  
Soffrerei comtudo a morte,  
Mas não deixo o meu amor.

— Menina, heide benzel-a  
Quando a sua casa fôr.  
«Nunca o padre lá hade ir,  
Que eu não deixo o meu amor.

— Ou por força, ou por geito,  
Eu serei seu roubador!  
«Não seja o padre maroto,  
Que eu não deixo o meu amor.

— Ah cruel, que assim me deixas  
Com magoa e dissabor!  
«E' verdade que assim fica,  
Mas não deixo o meu amor.

Padre tome o meu conselho,  
Não se faça impostor;  
Não aperte mais commigo,  
Que eu não deixo o meu amor.

— Já que me não queres amar,  
Coma-te um bicho roedor.  
«Que me coma um milhão d'elles,  
Eu não deixo o meu amor.

— Na fraqueza em que estou  
Tem a cabeça um vapor...  
«Eu com isso não me importo,  
E não deixo o meu amor.

— Menina, guarde segredo  
P'las chagas do Redemptor!  
«Segredo posso guardar,  
Mas não deixo o meu amor.

— Então pode-se ir embora,  
Procure outro confessor!  
«Isso sim, meu padresinho,  
Mas não deixo o meu amor.

## VIII

## A TRICANA

(VERSÃO DA ILHA DE SAM MIGUEL)

Tricana da aldeia,  
Que fazes aqui?  
E's meiga, és sincera,  
Eu gosto de ti.

Nos montes, nas serras,  
Meu peito sentia  
Saudades por ella,  
Mas ella fugia.

Ingrata fugiste,  
Deixaste-me só;  
Sósinha nos montes,  
Sem pena, sem dó!

\*

Não penses que eu trago  
Punhal de assassino ;  
Sou homem, respeito  
Do fado o destino.

Ora olha, escuta  
No meu coração;  
Não fujas, não fujas,  
Não me fujas não...

Tricana, tricana,  
Minha tricaninha,  
Minha Rosa branca,  
Oh mansa pombinha.

## IX

## FADO DO MARUJO

(VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE)

Quando nasci n'este mundo  
Tive a sorte desgraçada  
De ir para aquelle navio,  
Sem saber pouco, nem nada.

Oh meu pae e minha mãe,  
Botem-me a sua benção,  
Que eu vou para aquelle mar,  
Para aquella embarcação.

Adeos casa de meu pae,  
As costas te vou virando,  
Chega-te cá náu de guerra,  
Para ti me vou chegando.

Quando eu cheguei a bordo,  
Quando a bordo cheguei,  
Adeos meu pae, minha mãe,  
Que tão cedo vos deixei.

O capitão me escondeu  
Debaixo da luz do sol,  
Chega-te p'ra 'qui, marujo,  
Quero-te assentar no rol.

No outro dia seguinte  
Primeiro almoço me dão :  
— Moço, pega n'aquelle balde  
Para ir dar no alcatrão.

«Oh meu senhor contra-mestre,  
E' cousa que nunca fiz.  
— Anda p'ra fóra, marujo,  
Respondes ao que se diz?

Com uma dor no coração  
Eu me metti a chorar,  
Veiu o piloto para mim,  
Que me havia de calar.

Antes em casa do pae  
Apanhando com corrêas,  
Do que ser pobre marujo,  
Andar por terras alhêas.

Ninguem deixe pae e mãe  
P'ra subir maior altura,  
Que a bordo d'este navio  
A fome ninguem a atura.

Eu por deixar pae e mãe  
'Stou levando vida negra,  
A bordo d'este navio  
Onde a fortuna não chega.

Já não torno a levar vida  
Como a que levava em terra,  
Que a bordo d'este navio  
Não ha senão fome e guerra.

Como posso passar bem  
Com tres vintens de ração?  
Se a marujada quer carne,  
O capitão quer feijão.

Tenho o meu coração triste  
Que já não tem alegria,  
Alma que não tem remedio  
Chora de noute e de dia.

A tristura me diverte,  
O passeio me entretém,  
Ditoso commigo mesmo,  
Sem querer, bem a ninguem.

## DESPIQUES DE CONVERSADOS

(VERSÕES DA ILHA DE S. JORGE)

## I

— Nasce a Aurora em mar de zimbro,  
No mundo deita seus raios;  
Só tu nasceste, menina,  
Para eu sentir desmaios.

«Se por mim sentes desmaios  
Não corre da minha conta;  
Se o amor é de vontade  
N'isso me não faz affronta.

— Se a ti te não faz affronta  
Estas penas em que vivo,  
P'ra que me matas, tyranna,  
A mim, que sou teu cativo?

«Por cativo t'eu não tenho,  
Por criado muito menos;  
Se elle é o que você cuida  
Nós nada d'isso fazemos.

— Nós nada d'isso fazemos  
Sem tua livre vontade;  
De quem te deveras ama  
Deves de haver piedade.

«Que piedade heide eu ter  
De quem me procura a morte?  
Siga o senhor seu caminho,  
Que eu vou seguindo o meu norte.

— Outro norte não sigaes,  
Tamanha ingratidão!  
Pois eu vos trago, menina,  
Dentro do meu coração.

«Este meu coraçãozinho  
Pelo teu anda penoso;  
Este meu quando te avista  
Já vae ficando raivoso.

— Mais raivoso fica o meu  
Em te vêr tal confiança;  
Dou-vos desculpa, menina,  
Por seres muito criança.

«Não me chameis criancinha,  
Muito que o sou na idade;  
Que eu sou menina e moça  
De toda a capacidade.

— Se tendes capacidade,  
Guardae-a até ao fim;  
Que haveis fazer vós, menina,  
Se nascestes para mim.

«Se nasci para você,  
Aqui me tem, meu querido;  
Se me tratar por mulher;  
Tratal-o-hei por marido.

— Plantei os cravos goivos  
Dentro de um copo de vidro;  
Não quero que o mundo saiba  
Que ando de amores contigo.

«Tenho rosas semeadas,  
Nascerão se Deos quizer;  
Hasde ser o meu marido,  
Que eu serei tua mulher.

## II

— Eu vivendo por vós morro,  
Vós por mim viveis morrendo;  
Quizera acabar a vida  
Para ficares vivendo.

«Para eu ficar vivendo?  
Vós a mim me daes tormento;  
'Stou vendo que desejaes  
Que eu morra antes do tempo.

— Não morres antes do tempo,  
Minha prenda tão querida;  
Se eu te conhecera a morte,  
Eu te compraria a vida.

«Eu te compraria a vida,  
Depois n'uma prima dêra,  
No alicerce do amor  
Vós sois a primeira pedra.



— Vós sois a primeira pedra  
No alicerce do amor;  
Por amor de vós, menina,  
Tenho soffrido rigor.

Tenho soffrido rigor  
Por amor de vós, menina;  
Na onda do amor dispuz  
Corpo, alma, vida minha.

«Corpo, alma, vida minha,  
Eu de nada sou ciosa,  
Entendo que procuraes  
Outra mais caprichosa.

«Caprichosa achareis,  
Mas não que vos queira muito,  
Que o pomar tem muitas arvores,  
Cada uma dá seu fruto.

— Cada uma dá seu fruto,  
A quem trazeis na vontade;  
Bem sabeis que cativei  
Por vós minha liberdade.

Por vós minha liberdade,  
Ramo de manjaricão,  
Eu não vivo descansado  
Sem te acolher á mão.

«Sem me acolher á mão,  
Dizei-me aonde moraes?  
Intendo para commigo  
Falares-me aí por demais.

— Não te falo por demais,  
Oh minha angelica flor ;  
Dormindo sonho contigo,  
Hasde ser o meu amor.

« Se heide ser o teu amor,  
Minha vida, oxalá!  
Dormindo sonho contigo,  
Tomára que fosse já.

— Tomára que fôra já,  
Falo-te d'esta maneira ;  
Vae-o dizer a teu pae,  
Fal-o-hemos á carreira.

« Oh meu cravo serenado,  
Meu refinado feitiço,  
Mais me valêra morrer,  
Que a meu pae eu falar n'isso.

— O que vosso pae disser  
Vós o haveis escutar,  
Que antes que elle peje  
Não vos hade molestar.

« Não me hade molestar,  
Valha-me S. Beatriz ;  
Que temores que eu terei!  
Verei o que elle me diz.

## III

— Menina dos olhos verdes,  
Chegue-se cá para mim,  
Que lhe quero dar um cravo,  
Uma rosa e um jasmim.

« O cravo que me oferece  
Já o tenho em meu peito,  
O jasmim e mais a rosa  
São favores que não aceito.

— Sou feliz, estou contente  
Com a sua acceitação :  
Quem tem o cravo no peito  
Tem amor no coração.

Um suspiro lhe vou dar  
Por não ter mimosa flôr;  
E' uma planta que existe  
Reunida com amor.

Todo o lugar é jardim  
Onde suspiros se dão ;  
Quer seja no povoado,  
Quer mesmo na solidão.

« Queria que me dissesse  
O nome que você tem ?  
Pertendia eu saber  
Como se chama o meu bem.

— O meu nome é Jacintho,  
Que em breve quer dizer:  
Dôr, pesar e sentimento,  
Que eu tenho em te não vêr.

« Pois o meu tem seus espinhos  
Que defende meu amor;  
Rosa sou, gostos da vida,  
Sou tratada com primor.

— Por certo deves de ter  
Espinhas bem penetrantes,  
Que ferem sem compaixão  
Os compassivos amantes.

« Porém junta c'o Jacintho  
Modifico minha aspereza;  
Sei amar e bem conheço  
A ordem da natureza.

— Também eu junto á Rosa  
Fico como um cordeirinho;  
Mas sempre com o receio  
Não me pique algum espinho.

« Vossas graças me namoram,  
Vosso genio me agrada;  
Possui meu coração,  
Por vós quero ser amada.

— Venturoso seja o dia  
Da nossa dôce união;  
Já eu sinto no meu peito  
Abrazar-se o coração.

« O tempo já se apressa  
Em dar luz a outra gente,  
Vamos vêr o nosso gado  
Que de nós ficou ausente.

— Adeos amor da minh'alma  
Adeos pastora querida,  
Sinto mais do que a morte  
Esta cruel despedida.

« Não chores pastor querido  
A nossa separação ;  
Cedo me verás contigo  
E terás satisfação.

## IV

Tenho um papel de cantigas  
Pr'a cantar aos namorados ;  
Servem-lhe de esparecimento  
Se se vêem enfadados.

— Primeiro fostes meu bem  
Falar com quem eu não queria ;  
Ensinastes-me a mentir,  
Cousa que eu não sabia.

« Nunca te menti, meu bem  
Sempre te falei verdade ;  
Que eu espero de gosar  
Essa tua mocidade.

— Esta minha mocidade  
Já para ti se acabou;  
Quando eu de lá sai  
Outro sujeito entrou.

« Se outro sujeito entrou  
Foi a falar com meu pae;  
Se elle é o que você pensa  
Esse tempo já lá vae.

— Se esse tempo já lá vae  
Pois te hasde arrepender,  
Que eu não quero os teus amores,  
Outro amor heide ter.

« Se tens outra rapariga  
Eu disfarço a chorar;  
Que essa não foi a palavra  
Com que me quizeste apanhar.

— Se te apanhei, menina,  
Não foi muito a correr;  
Foi muito do meu vagar,  
E muito do teu querer.

« Se era o que tinha de ser,  
Anda mais para *diente*;  
Heide romper meus joelhos  
Em te rogar pragas sempre.

— Meu bem não me rogues pragas,  
Que eu nuuca te heide deixar;  
Tu hasde ser minha amiga,  
E com outra heide casar.

« Eu heide ser tua amiga,  
E' cousa que póde ser ;  
Dando-me tu o vestir,  
E mais tambem o comer.

— Para te dar de comer  
Meu bem hade guerrear;  
Para te dar de vestir  
Meu bem hade pelejar.

Mas ande d'aí commigo  
Que tudo se hade arranjar.  
« Dize-me agora, meu bem,  
Quando te vaes a casar?

Que eu quero procurar trigo,  
Meu bem, para te botar:  
O dia de dar a mão  
E' um dia de chorar.

— O dia de dar a mão  
Não é dia de chorar;  
Hade ser logo á noute,  
Se eu te não fôr falar.

Se eu te não fôr falar  
A' noute depois de cêa,  
De vagar se vae ao longe,  
Olha amor minha cegueira.

« Se eu soubera de tu vires  
Aliviar minhas penas,  
Tinha-te a casa varrida,  
Enramada de açucenas.

## V

— D'onde vindes, bella dama,  
Com vosso lenço lavado?  
« Corre a agua dos meus olhos,  
Lembra-me o tempo passado.

« Lembra-me o tempo passado  
E o passatempo tambem;  
Choro pelo meu amor,  
Não sei que remedio tem.

— Não sabe que remedio tem,  
Que remedio lhe faltou;  
Acabe-se o teu amor  
Que este meu já se acabou.

« Qual era esse teu amor,  
Qual era a tua affeição,  
Em mim empregaste os olhos,  
Já em outra o coração.

— O meu coração é mudo,  
Por isso se não declara;  
Se os meus ouvidos ouvissem,  
A minha bocca falára.

« Todos os males tem cura  
Os que vão ao hospital;  
Eu como louca por vós  
Vos quero contar meu mal.



Vos quero contar meu mal,  
Senhor, que me succedeu,  
Que eu perdi um lenço branco  
Que vossa mercê me deu.

Não se me dá do lenço,  
Dá-se-me do que dirão,  
Que eu que sou tão desgraçada  
Que perco quanto me dão.

— Confessa-te bella dama  
Ao teu amor outra vez;  
Quem é bom sempre perdôa  
Uma, duas até tres.

## VI

— Rosa branca encarnada,  
Delicada no saber,  
Vas dormir além do mar  
Só por me não poder vêr.

«Eu bem julgo de te vêr,  
Meus olhinhos de azeviche;  
Mas todo o mundo está cheio  
De que tu não me eras fixe.

— Se eu te não fôra fixe  
Não te andava adorando;  
Pela graça dos teus olhos,  
Minha alma se anda matando.

Oh rosa, tomae alento  
D'essa morte que trazeis,  
Bem sei que me chamaes cravo,  
Rosa em quanto quereis.

«Aperta-me estes meus braços,  
Prenda minha mais querida,  
Ajuda-me a dar um ai,  
N'esta nossa despedida.

— N'esta 'espedida de amor  
Só uma cousa te peço,  
Que te alembres de mim,  
Que de ti me não esqueço.

Esquecer-me não costumo,  
Oh rosa de Alexandria ;  
Mas por não dizer comvosco  
Vosso pae me não queria.

Vosso pae me não queria,  
Eu botei-me ao mar de *adano* ;  
Olha o que foste fazer,  
Oh que corpo tão tyranno.

Lancei-me entre flores,  
Em craveiros serenados ;  
Logo vi que eram amores,  
Que nos estavam guardados.

Para nós estavam guardados  
Para teres o teu quinhão,  
Só pela vossa brancura  
Vos iria ganhar pão.

\*

Vos iria ganhar pão  
Antes que fosse a Lisboa,  
P'ra gosar a presumpção  
Que existe em vossa pessoa.

## VII

## A CONVERSADA DA FONTE

— Entre canas nascem silvas,  
Tambem rosas hãode haver;  
Menina que estaes na fonte,  
Dae-me agua, quero beber.

«Pucarinho é vidrado,  
Tocadinho do amor,  
Por ditosa me eu achára  
De dar agua a tal senhor.

— Aguas claras corredias  
Correm debaixo do chão,  
Por ditoso me eu achára  
Bebel-a da vossa mão.

«Com licença dos senhores,  
Nossa Senhora da Guia!  
Perguntarei ao mancebo  
Se vem por alguma guia.

— A guia por onde eu cá venho,  
Eu a digo na verdade,  
Venho por passar meu tempo,  
Que é cousa da mocidade.

«A razão está bem dita,  
Pois vós senhor a dissestes ;  
O caminho está seguido,  
Tornae por onde viestes.

— O caminho está seguido,  
Eu bem o vejo d'aqui ;  
Mas esperava de levar  
Essa rosa após de mim.

«A rosa não levareis  
Que seu pae não quererá,  
Tornareis cá outro dia  
Resposta se vos dará.

— Não torno cá outro dia,  
Não gasto solas de balde ;  
Não quero cousas á força  
Descontra sua vontade.

O claro sol já vae baixo,  
Vae baixo já Deos o manda ;  
Vamos tirar os papeis,  
Correrei uma demanda.

Antes eu queria ser cravo,  
Enxertado na raiz,  
Do que na mão de uma nescia,  
De uma secia que tal diz.

«Antes eu quero ser rosa,  
Fechadinha n'um botão,  
Do que na mão de um vadio,  
Desfolhada pelo chão.

«Antes eu queria ser porca  
E andar apastorada,  
Do que dama tão galante  
De tão fraco namorado.

— Antes eu queria ser cravo,  
Enxertado na raiz,  
Do que da dama galante,  
Dama porca que tal diz.

Cobra que vae pela serra,  
Corre que desaparece,  
Quem de mulheres se fia  
Grande castigo merece.

A folha da ortelã  
E' comprida mas estreita;  
Dize-me que amas a outro,  
Tira-me d'esta suspeita.

Nunca vi o mar sem agua,  
Nem jardim sem arvoredos,  
Nem formosa sem senão,  
Nem letrado sem seu erro.

## VIII

— Na eschola de Cupido  
Para te amar aprendi ;  
Para bem de te falar  
Uma carta te escrevi.

«A carta que me escrevestes  
Ainda cá me não chegou,  
Se me queres alguma cousa,  
Fala-me que eu aqui 'stou.

— Eu aí te vejo estar,  
Bem bonita, bem perfeita ;  
Desejava de saber  
Se me queres ser sujeita ?

«Para aí não digo nada,  
Mas vou dar minha rasão,  
Desejava de saber  
Qual era a vossa tenção ?

— A minha tenção, menina,  
E' esta, já vol-a digo :  
Desejava de saber  
Se vós quereis ir commigo.

«Eu comvosco não irei,  
Meu pae não será contente,  
Deitaria-me na rua,  
Despresada para sempre.

— Senhora, não arreceie,  
Não tem de que arreceiar;  
Que as famas que lh'eu pozer  
Essas lh'as heide tirar.

«Para famas não as tenho,  
Mas d'at me podem vir;  
Fale baixo, de vagar  
Que meu pae 'stá a dormir.

— Tanto se me dá que durma,  
Como fazel-o acordar,  
Se elle agora aqui viesse  
Sogro lhe *havera* chamar.

«Se n'isso forma seu gosto  
Eu mesma o vou acordar;  
Escriptinhos na igreja  
Para nos irmos casar.

— Escriptos, minha menina,  
Mais de mil vos eu farei,  
Se me deixares amar  
De uma moda que eu cá sei.

«Eu fui a mais infeliz,  
Que no mundo pôde haver;  
No melhor pano cae nodoa,  
Amor, que te heide fazer.

Oh meu bem, oh laranjeira,  
Oh meu bem, oh pau de cana;  
Quem da arvor' tira o fructo  
Torne a traz, leve-lhe a rama.

Pelo amor de Deos te peço,  
Pelo leite que mamastes,  
Que não digas a ninguém  
O que commigo passastes.

«No beber te falte a agua,  
No comer te falte o pão,  
Nunca tu entres no céu  
Sem me pedires perdão.

— O perdão, minha menina,  
E' cousa que pode ser;  
Guar'-te de diante de mim,  
Que já te não posso vêr.

«Pelo amor de Deos te peço,  
Pela alma do teu amor,  
Que não descubras teu peito  
Senão ao teu confessor.

## IX

## CANTAR Á DESGARRADA

« D'onde chega este senhor,  
Que entra tão marralheiro?  
Abri-me lá essa porta,  
Deitae-m'o para o chiqueiro.



— Mandas-me para o chiqueiro,  
Com muito justas rasões;  
Eu serei o pae dos bácoros,  
E vós a mãe dos leitões.

« Vae-te lá touro da serra,  
Criado á reveria!  
Quem te mandou cá meter  
Talhão de Santa Maria?

— Vós chamastes-me talhão,  
Eu com isso me contento,  
Tenho o fundo muito largo,  
Só em vós farei assento.

# DOCTRINAL DE ORAÇÕES

---

## I

### MEZES DO ANNO

Eu sou o Janeiro,  
Que espalho o meu grão ;  
E peço a Deos  
Boa conjunção.

Eu sou o Fevereiro,  
Mez dos temporaes ;  
Descubro as casas,  
'Sborralho os portaes.

Eu sou o Março,  
Que sempre marcejo,  
Farto as terras  
De agua a desejo.

Eu sou o Abril,  
Sou o mez das flores ;  
Cantam as aves,  
Desperta os amores.

Eu sou o Maio  
Da pouca ventura,  
Que não guardo grão  
Para a amassadura.

Eu sou o Junho,  
Que não dou nada ;  
Mato a fome  
Com a minha cevada.

Eu sou o Julho,  
Que encho o paúl,  
Que farto cidades,  
Aldêas e tudo.

Eu sou o Agosto,  
Que toco guitarra,  
E vendo o vinho  
A meia canada.

Eu sou o Setembro,  
Que tudo recolho,  
Trigos e milhos,  
Palhas de restolho.

Eu sou o Outubro,  
O mez dos outonos,  
Engrosso as terras,  
Proveito dos donos.

Eu sou o Novembro,  
O mez dos sanctinhos,  
Em que os lavradores  
Provam os seus vinhos.

Eu sou o Dezembro,  
Engordo o meu porco,  
E como torresmos,  
Regalo o meu corpo.

## II

## ANNO BOM

Bons annos e annos bons,  
Dae-nos outros melhorados ;  
Christo Deos nosso Senhor,  
Perdoae nossos peccados.

Perdoae nossos peccados  
Hoje n'este alegre dia,  
Nado é o bom Jesus  
Filho da Virgem Maria.

Filho da Virgem Maria  
Faz que dorme, está acordado  
Sempre c'os braços abertos  
Para o mais desamparado.

As senhoras d'esta casa  
Cobrem o rosto c'um véo ;  
Mandaram-me abrir a porta,  
Deos lh'as abra assim no céo.

Botei um arco de flores  
Por cima do Limoeiro,  
Deos lhe dê annos de vida  
Mais ás meninas solteiras.

Estas meninas solteiras  
São flores que estão vendendo,  
Deos lhe dê uma boa sorte,  
Como ellas a estão merecendo.

E os meninos solteiros  
Que não percam o cuidado,  
Os que não tem pae, nem mãe,  
Deos lhe dê um bom estado.

Estas santas orações,  
Que eu aqui tenho resado,  
Eu as offereço e entrego  
Por quem me tem escutado.

### III

#### A CIRCUMCISÃO

Porta aberta, mesa posta,  
Cantemos nós de alegria;  
Vamos cantar os bons annos  
A' virgem santa Maria.

Este dia de janeiro  
E' de grandes merecimentos,  
Por ser o dia primeiro  
Em que Deos passou tormentos.

Suas cernes lhe cortaram,  
O seu sangue a derramar;  
Tudo isto passou Christo  
Para bem de nos salvar.

Não quiz nascer em palacios,  
Nem em camas de Belém,  
Em umas tristes palhinhas  
Foi nascer a Jerusalém.

Arrodeado de luto,  
Chorando mil lagriminhas,  
Sua mãe lhe está cantando:  
Filho meu, morres com frio.

Sam João ajoelhou  
Que o baptisassem no rio,  
O rio era sagrado  
Levava amores comsigo.

Para bem de nos salvar  
Cobri o rosto c'um véo;  
Quem nos abriu a porta  
Deos que lh'as abra no céo.

Deos nos dê da sua graça,  
Mais tambem do seu amor,  
Quem se apanhasse no céo,  
A par com nosso Senhor.

Apar com nosso Senhor,  
Da figueira nascem figos;  
Deos lhe dê muito bons annos  
Para amparo de seus filhos.

## IV

## OS REIS MAGOS

Santos reis, santos coroados  
Vinde vêr quem vos coroôu;  
E mais quem vos ordenou  
O vosso santo caminho.

Por uma estrella guiados  
Até chegar a Belém,  
A estrella se foi pôr  
Em cima de uma cabana.

A cabana era pequena  
Não cabiam todos tres;  
Adoraram o menino  
Cada qual por sua vez.

Escutae, oh nobre gente,  
Escutae e ouvireis;  
Que das partes do Oriente  
São chegados os tres Reis.

## V

## FOLIAS DO ESPIRITO SANTO

Ao ir buscar a corôa a casa do Imperador:

Ajunte-se a gente toda,  
A quem nós queremos tanto;  
Vamos buscar a corôa,  
Do Senhor Espirito Santo.

Ao sair da casa do Imperador :

Botae as ovelhas fóra,  
Que vem o sol arraiando;  
Botae uma, botae duas,  
Botae-as todas em bando.

Lá vem o Espirito Santo,  
Mais alvo do que um crystal;  
Déra-lhe o vento nas azas,  
Começara de voar.

Caminha o Sam José,  
Bom Jesus leva por guia;  
Ambos vão p'ra Nazareth  
Mais a Virgem da alegria.

Olhae para aquelle altar,  
N'elle vereis uma cruz :  
Serve de cama e leito  
Ao corpo do bom Jesus.

Olhae para aquelle altar,  
N'elle vereis nove rosas ;  
Tres brancas e tres vermelhas,  
Qualquer d'ellas mais formosa.

Ao entrar o adro da Egreja :

Nossa Senhora das Neves  
Eu no vosso adro estou;  
Botae-me a vossa benção,  
Que sem ella me não vou.



Abri as portas, Sam Pedro,  
A esta tão nobre gente,  
Que vem vêr o bom Jesus  
Lá das partes do Oriente.

Abri-vos portas do céu,  
Com muito grande alegria!  
O divino Espirito Santo  
Está em nossa companhia.

Ao entrar na Egreja :

Deos vos salve, casa santa  
De Jesus acompanhada,  
Onde está o calix bento,  
Mais a ostia consagrada.

Bemdito e louvado seja  
O santissimo Sacramento,  
Pois elle é o pão dos anjos  
E dos homens mantimento.

Oh divino Sacramento  
Aonde é que estaes agora?  
Aonde cantam os anjos  
E mais a nossa Senhora.

Depois da coroação :

Vejo um resplendor de gloria  
Todo bem alumiado ;  
Todo cercado dos anjos,  
Todo dos anjos cercado.

Oh meu nobre imperador  
Olhae para vós, vereis,  
Vereis toda a bizzarria  
Ao redor dos vossos pés.

Oh meu nobre imperador  
Folha do cravo rosado ;  
Sois a mais brilhante fiôr  
Que habita n'este lugar.

Dizei que direi agora  
Entre tanta fidalguia ?  
Heide metter-me a cantar,  
Chorarei com alegria ?

A' meza :

Quero agora aqui cantar  
Hoje com grande amor ;  
Ellas vem a offerecer  
Ao mui nobre imperador.

Quero agora cantar,  
Ellas são muitas e gordas ;  
Segundo me a mim parece  
O manjar são boas sôpas.

Divino Espirito Santo  
Eu á vossa casa heide ir ;  
Ao pé do vosso altar  
Um somno heide dormir.

\*

Divino Espirito Santo,  
Senhor de sceptro e corôa ;  
Vós na terra sois pombinha,  
No céu divina pessoa.

Senhor Espirito Santo  
Como está tanto alegre !  
Está dando as suas graças  
Aos devotos que o servem.

Lá vem o Espirito Santo  
Eil-o lá vem ao ilheu !  
Com a corôa na cabeça,  
Que vem coroado do céu.

## VI

## RESPONSO A SANTO ANTONIO

(VERSÃO DA ILHA DE SANTA MARIA)

O beato santo Antoninho  
Se vestiu, e se calçou,  
Suas santas mãos lavou,  
Seu cajadinho tomou,  
Seu caminhar andou,  
Jesu-Christo encontrou :  
« Tu, Antonio, aonde vás ?  
— Eu, Senhor, comvosco vou.  
« Tu, comigo não irás.  
« A's missas, que se disserem,  
« Todas tu ajudarás.  
« Todas as cousas perdidas,  
« Todas tu depararás. »

(VERSÕES DA ILHA DE S. JORGE)

Oh beato santo Antonio,  
Pelo habito que vestiste,  
Pelo cordão que cingiste,  
Já que vosso pae quizeste  
A graça de Deos houvesse :  
Dizei-me esses nove mezes  
Que andaste pelo deserto  
Procurando Jesus Christo  
E perguntaste que lança  
Foi a que mais lhe doeu ?  
Disse : — Foi a de Longuinhos  
Que no meu coração deu.  
O qual botou leite e agua  
Na hora da salvação.  
Salvae-me a mim Santo Antonio  
E a todo o fiel christão.

OUTRA :

Oh beato santo Antonio,  
Oh santo conformidote  
Da santa contemplação,  
Rogae por este varão.  
Santo Antonio confessor  
Peço-te por teu amor,  
Sejas meu advogado  
Por mim a nosso Senhor.  
Glorié padre, piedoso  
Com o filho glorificado,

Em Lisboa te é dado  
Doutrina dos Talianos,  
Com presos e Africanos  
Morte e vida favoravel.  
Sondes nosso padroeiro,  
De christão forte arnez,  
Santo bemaventurado,  
Se alguma cousa é perdida,  
A seu dono é bem achada  
Com alegria crescida.  
Oh escola da verdade,  
Cofre da santa bondade,  
Balsamo tão milagroso,  
Em toda a enfermidade.  
Sois de Lisboa patrão,  
Da christandade victoria;  
Alcançae de Deos perdão,  
E na outra vida gloria.

## VII

## SANTO ANTONIO LIVRANDO O PAE DA FORÇA

## PRESO :

Santo Antonio da gloria,  
Nascido da flôr da palma,  
Remedio da nova lei  
Eu preso aqui estarei,  
E perante el-rei irei!  
Morte tão sentenciada,  
Que por mim foste provada;  
Eu tenho mulher e filhos,  
Ficam *orphinhos* perdidos;

Eu te peço anjo bemdito,  
Que do céu vens mandado,  
Eu te torno a pedir  
Que vás para o céu sagrado.

UM ANJO :

Avia-te, santo Antonio,  
Avia-te brevemente ;  
Vae livrar teu pae da forca,  
Que está preso innocente.  
Em o pino do meio dia  
Elle sae logo a matar,  
Tirado do Limoeiro  
Para ir a enforcar.

—  
Santo Antonio ajoelhou,  
Ave-Maria pediu,  
E em quanto a reso:  
Duas mil leguas andou.  
Chegou á dita cidade,  
E a justiça encontrou.

PREGÃO :

Velho preso mal levado,  
Matastes por vossa mão  
Um menino innocente  
Sem mais causa, nem razão.

SANTO ANTONIO :

Eu te requeiro justiça,  
Que adiante não vás mais ;

Esse homem que levas,  
Não matou quem vós cuidaes,  
Se cuidaes que falo trumfo  
Não vos falo confrangido,  
P'la bocca do homem morto  
Eu farei falar o vivo.  
Moço morto fala, fala,  
Dize-me aqui commigo  
Se este homem te matou,  
Ou sequer por ti passou?

## JUSTIÇA:

Este homem sae a penar  
Por um homem que matou;  
No seu quintal o enterrou  
Testemunha o jurou,  
E elle lá se achou  
Vestidinho e calçado  
Como no mundo andou.

## SANTO ANTONIO:

Eu te peço homem morto,  
Pelo Deos que te creou,  
Que te levantes do chão,  
E digas quem te matou!

## MORTO:

Esse homem não me matou,  
Nem a morte me causou;  
Antes me aconselhou  
Como o pae que me creou!

JUSTIÇA :

Solto, solto o padecente,  
Vá governar sua vida.

PRESO :

Oh meu padre reverendo,  
Dizei-me aonde moraes?  
Quero-vos ir visitar,  
Já que não sirvo p'ra mais.

SANTO ANTONIO :

N'este estado em que me vêdes  
Sou vosso filho Fernando,  
Mas tomei o nome Antonio  
P'ra me livrar do demonio.

PRESO :

Filho meu, muito amado!  
De mim tam 'scandalizado!  
Cadeiras tenhas no céo,  
Para estares assentado.

SANTO ANTONIO :

Meu pae, botae-me a benção,  
Que eu quero ir a Padua  
Acabar o meu sermão,  
Que se eu o não acabar  
Ai, que de mim não dirão?



PAE:

Eu te abenço, filho,  
Que sejas abençoado ;  
Confessor das creaturas,  
Que vás para o céu sagrado.

## VIII

## ORAÇÃO DE SANTA BARBARA

Santa Barbara Ludovina,  
Pérola mui estimada ;  
Quando nascestes no mundo  
Logo devoção tomaste,  
C'o filho de Deos falaste,  
Com elle vos saudaste!  
Vosso pae, como gentio,  
Rouxinol que lhe diria?  
A menina que era Santa,  
Para o céu assubiria.  
Jurou o mouro acabar,  
Se ella o céu fosse gozar,  
Debaixo da mesma fé.  
Quizera-a degolar,  
Ella não obedeceu,  
Sem do céu vir embaixada.  
Vem um anjo com cuidado  
A trazer a embaixada:  
— Santa Barbara padece  
Até santo luminar,  
Que depois de padecer  
Bom Jesus te hade salvar.  
Trovões, faiscas de fogo  
A teu pae hãode abraçar.—

Logo ao primeiro trovão  
Santa Barbara foi coroada;  
Desceram os anjos todos:  
Milagre de Santa Barbara!  
Santa Barbara Ludovina,  
Escutae nossa oração;  
Alcançae do bom Jesus  
Para nossa salvação.

## IX

## ORAÇÃO DE SANTA CATHERINA

Beata Santa Catherina  
Clara, branca e dina!  
Seu pae era o rei Cosme,  
A mãe era Constantina.  
E lhe puzeram por nome  
Beata Santa Catherina;  
Nada foste vós, senhora,  
Cidade de Alexandria;  
Jesus Christo avistaste  
Com muita grande alegria.  
Treze dias, treze noites  
Em vossa casa estiveste,  
Sem comer e sem beber  
Aos Doutores converteste,  
Com phantazias e flores,  
Com navalhas de redor;  
Que passasses mais tormentos  
Já não quiz o Redemptor.  
Mandou os anjos á terra

Quebrar rodas de navalhas,  
E d'aquella vez morreram  
Onze mil quinhentas almas.  
Quando a Senhora tal viu  
Seus joelhos poz em terra ;  
Suas mãos alçou ao céo,  
E diz : Senhores, Senhoras,  
Quem minha oraçãe souber,  
Será livre, se a disser,  
De carceres e prizões,  
E de falsos testemunhos  
Para sempre, e Amen.

## X

## ORAÇÃO DE SANTA APOLLONIA

A Virgem Santa Apollonia  
Pelos calhaus do mar ia ;  
E com a dor dos seus dentes  
Encontra a Virgem Maria.

E perguntou-lhe a Sonhora :  
«Santa Apollonia aonde ia ?»  
Ella respondeu :—Senhora  
Em cata de vós me ia.

«Torna atrás, Santa Apollonia,  
Que por esses nove mezes,  
Que andei com o filho no ventre,  
Que os teus dentes se adormentem.

## XI

## ORAÇÃO CONTRA OS COBROS

Jesus ia mais José  
Por um caminho iam ambos;  
Jesus pergunta a José:  
— Oh José, porque não andas?

«Senhor! porque vou doente  
De um fogo, e de um cobro!  
— Anda, que eu te curarei  
C'o agua da fonte que corre;

E com a folha do monte,  
E tambem com o pó da guia,  
Em nome de Deos,  
E da Virgem Maria,  
E o cobro se secaria.

## XII

## ORAÇÃO DE S. BARTHOLOMEU

Sam Bartholomeu me disse:  
Quer dormisse, quer velasse,  
Que nenhum medo tomasse  
Nem da onda, nem do mar,  
Na d'aquella malfadada  
Que tem uma mão furada,  
E a bocca esfarrapada.  
Cruz em monte, cruz em ponte, etc.

## XIII

— Vinde para mim, meu Deos e Senhor,  
Salvae a minha alma, que eu sou peccador.

Que eu sou peccador, não vos sei pedir;  
Em vos não amar penas me assistiram.

Penas me assistiram, vou continuando,  
Que a minha alma é triste, anda pelo chão.

Anda pelo chão, não se póde erguer,  
Meu Deos e Senhor, vinde-me valer.

«Quizera-te valer, mas tens-me offendido,  
Dá-me aqui um beijo, cerra-me esta ferida.

— Beijo tão cruel, sem graça nenhuma,  
Reparti, Senhor, commigo alguma.

«Quizera, não posso tirar do meu peito,  
Eis aqui as chagas que tu me tens feito?

Se tu queres saber o meu sangue divino,  
Vae-te aquella fonte beber um pinguinho.

— Se me daes licença quero ajoelhar,  
Da vossa lindeza quem se hade apartar?

Da vossa lindeza, do seu esplendor?  
Vinde para mim, meu Deos e Senhor.

## XIV

Oh verbo divino,  
Cordeiro na cruz,  
Salvae a minha alma,  
Valei-me Jesus.  
Valei-me Jesus  
Do meu coração,  
Pelos tormentos  
Da vossa paixão.  
Da vossa paixão  
O sangue benigno,  
Nos seja propicio  
Clemente e divino.  
Clemente e divino  
Senhor e bem meu,  
Eu quero ser vosso,  
Não quero ser meu.  
Eu quero ser vosso  
Porque eu vosso sou,  
Se vida me destes  
A alma vos dou.  
Por vosso amor  
Meu Deus e meu bem;  
Livrae-me do Inferno  
Para sempre, amen.

## XV

Senhora da Conceição,  
Consolae meu coração,  
Que elle anda desconsolado  
Com peccados carregado.

Se eu tivesse a vós, Senhora,  
Sempre por minha advogada,  
Minhas culpas não temera,  
Para diante de vós nada.  
Sondes uma arca fechada,  
Com portinholas vidradas,  
Bem dita seja e louvada  
A hora em que de Gabriel,  
Senhora, fostes saudada.  
Senhora da Conceição,  
Madre da comprida graça,  
No ventre de Santa Anna  
Fôstes já sanctificada.  
Rainha do céu coroada,  
Se alguma má sentença  
Sobre mim está dada,  
Por vós e o vosso filho  
Me ella seja revogada.  
Meu corpo fique livre,  
Minha alma seja salva!  
Rosa da consolação,  
Rogae por mim ao Senhor,  
Peça pelo seu amor  
Remedio p'ra salvação.

## XVI

Deos vos salve cruz sagrada,  
Porta do remedio humano!  
P'ra no céu termos entrada  
Fazeis o caminho plano.  
Deito-me aos vossos pés  
Humildemente rendida;  
O conçolo que acho em Deos  
E' levar a cruz na vida.

Quem a leva mais pesada  
N'ella tem maior partido.  
Acaba alma de entender  
O que o mundo não explica :  
N'outra vida é gloria,  
Nos trabalhos é a dita.  
Peccador, olha que tens  
Muitas culpas contra ti ;  
Olha que tens só uma alma,  
Se a perdes, ai de ti !  
Olha que a morte é só uma,  
Só uma vez hasde morrer ;  
E não tornas a vêr Deos,  
Eternamente hasde arder.  
Não tornar a vêr a Deos,  
Nem acabar de penar !  
Chega-te aos sacramentos,  
Faze a oração mental.  
Reza o rosario á Virgem  
Que as almas vae visitar.  
A musica de um anjo  
Enche o mundo de alegria ;  
Que farão os anjos todos  
De meu Deos em companhia ?  
Oh alma, despreza o mundo  
Que é uma grande immundice,  
Faze por ganhar a gloria,  
Que é uma grande delicia.



## XVII

## ORAÇÃO DO JUSTO JUIZ

(VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE)

Justo juiz regedor,  
Sois direito rei senhor!  
Senhor do tempo antigo,  
Fôste preso e amarrado  
Da mão do vosso inimigo.  
Fazei, fazei meu senhor,  
Por vossa morte e paixão,  
Que se quebrante o inferno,  
E pela vossa ascensão,  
Os espiritos malignos  
De mim queiram-se afastar,  
Sem me poder fazer mal.  
Com a vossa santa paz  
O descuido foi bem forte,  
Livrae, senhor, da má morte  
Da morte da amargura,  
Aquella que sempre dura,  
Dae-nol-a sim, se puderes,  
A'quelles que mal nos querem!  
Oh meu senhor bom Jesus,  
P'lo signal da santa cruz,  
Mais clara do que um espelho,  
Ajudae-nos vós senhor  
Com verdadeiro conselho.

## XVIII

## SOBRE O DIA DE JUIZO

Agora me obriga a vida  
A cuidar na triste sorte,  
Quando o meu corpo se vir  
Nos braços da cruel morte.

Quando o meu corpo se vir  
No fundo da sepultura,  
Por debaixo terra fria,  
Por de cima pedra dura.

Lá diante em largos annos,  
Quando Deos o permittir,  
Meus ossos se hãode juntar,  
E a minha pelle vestir.

Oh que pejo ! oh que vergonha !  
Sentirei n'aquelle dia,  
A' vista de um rei supremo,  
A quem tanto offendia.

Não me queixo contra a hora,  
Nem contra o meu nascimento,  
Queixo-me contra mim mesmo,  
Que não tomei bom exemplo.

Quando ia confessar-me  
Ia por satisfação,  
Que nunca conheci dôr  
Dentro no meu coração.

\*

Pois agora a penitencia,  
Que me deu o confessor,  
Não resei com devoção,  
Que é essa a minha dôr.

Almas, que vão p'ra direita,  
Essas são as bem julgadas,  
As que estiverem á esquerda,  
Almas tão estamagadas!

Nós cuidamos que este mundo  
Que nos dura para sempre,  
E' uma luz que se acende,  
Que se apaga de repente.

## XIX

### A B C DO SENHOR AMOROSO

Ai meu Senhor amoroso,  
Meu Jesus crucificado;  
Quem fôra tão venturoso,  
Que morrera confessado!

Bem conheço, meu Jesus,  
As culpas que tenho graves,  
Que vos puzestes na cruz  
Para nol-as perdoares.

Com a grande contricção  
Vos peço, senhor, perdão;  
Por vossas divinas chagas,  
Por vossa morte e paixão.

*Dae-me, senhor, liberdade,  
Com a grande contricção,  
De minha propria vontade  
Procure eu a confissão.*

*Em as vossas mãos sagradas  
Encommendo a alma, senhor,  
Por vossas divinas chagas,  
Por vosso grande amor.*

*Fostes, Senhor, a nascer  
A' cidade de Belem,  
Tambem fostes padecer  
Dentro a Jerusalem.*

*Grandes mysterios se encerram,  
Maravilha tão notoria,  
Descestes do céu á terra  
Então fostes para a gloria.*

*Hera de mil e seis centos  
Sessenta e quatro fazia,  
Que tomastes alimento  
Nas entranhas de Maria.*

*Já veiu o Senhor da luz  
Nos alcançou a victoria,  
Vós sois o mesmo Jesus,  
Que nos haveis de dar gloria.*

*Louvada seja a hora  
Em que vós, Senhor, nascestes,  
Immaculada Senhora,  
Que em teu ventre o concebetes.*

Meu Deos de misericordia,  
Vós comvosso Padre eterno,  
Nos haveis de dar a gloria,  
E livrar-nos do Inferno.

Nunca pude comprehender,  
Senhor, os vossos mysterios,  
Que infundiste em meu poder,  
Sendo vós um Deos eterno.

Oh immensa luz da gloria,  
Thesouro de graça cheio,  
Alta soberana victoria,  
Que por nós á terra veiu.

Para que quereis vós, meu Deos,  
Mostrar os vossos rigores,  
Sendo vós um rei dos reis,  
Sendo um senhor dos senhores?

Quando vós, um Deos soberano,  
Descestes do céo á terra,  
Para todos sois humano,  
Dae-nos paz, não nos deis guerra.

Resuscitastes a Lasaro,  
Salvastes a Cananêa,  
Grandes mysterios se encerram,  
Jonas no ventre da balêa.

Sendo Messias chamado,  
Fostes um manso cordeiro,  
Tambem vos fizeram filho  
De José o carpinteiro.

Tambem diziam senhores  
Que eras fino feiticeiro,  
Vossos discipulos traidores  
Vos venderam por dinheiro.

Vae-se o Senhor acabando,  
Não se acabem os louvores  
D'este *abc* tão santo,  
Todo cercado de flores.

Xpo é Christo, que morreu,  
Padeceu p'los peccadores,  
N'uma cruz crucificado,  
Cheio de angustias e dores.

Zombando tomei a penna  
Para escrever estas regras ;  
Livre-nos nosso Senhor  
Das penas que são eternas.

## XX

## A B C DE NOSSA SENHORA

Amo-vos muito, senhora,  
Sois meu amor tão constante ;  
Vós sempre deveis, senhora,  
Conhecer-me por amante.

Bella e formosa senhora,  
Sois qual rosa no jardim ;  
Sondes rainha dos Anjos,  
De Thronos e Serafins.

Cativo estou de vós,  
Maria, minha flor,  
Podera sim assubir  
Não descera meu amor.

Dizei que faça senhora,  
P'ra vossa graça merecer,  
Farei tudo o que puder  
P'ra no coração vos metter.

Estaes viva e presente  
Sempre na minha memoria,  
Quando de vós me alembro  
Cuido que estou na gloria.

Formosa sois de tal sorte  
Que não ha que vos dizer,  
Sois ramalhete de flores,  
Do melhor que póde haver.

Gravidade tendes, senhora  
Sobre todas estremada,  
Sois gelosia da aurora,  
Sois a estrella dourada.

Hora tão afortunada  
Aquella em que me lembraes,  
De entrares na minha memoria,  
Cada vez vos quero mais.

Janella sois vós de gloria,  
Eu n'ella quero entrar,  
Fazei, Senhora, que eu possa  
Essa dita alcançar.

*Leal foi o meu amor,  
Com que sempre vos amei,  
E' sempre o vosso desejo,  
E eu outro não buscarei.*

*Medecina do peccado,  
A cura podeis fazer,  
Na vossa mão 'stá o remedio,  
Não me deixeis padecer.*

*Não posso deixar, senhora,  
De sempre vos adorar,  
Nem menos de vos servir  
E constantemente amar.*

*Os vossos olhos, senhora,  
Todos misericordiosos,  
Para nós os volvei,  
Todos seremos ditosos.*

*Poder tendes muito grande,  
Fazeis tudo quanto quereis,  
Na hora da minha morte,  
Senhora, não me deixeis.*

*Razão tenho grande, senhora,  
De sempre vos adorar,  
Bem sei que sondes rainha  
De todo o mundo em geral.*

*Sondes vida da minha alma,  
Amor do meu coração,  
Tendes acção de belleza  
Por lira da discripção.*



Tudo tendes bem perfeito,  
Nada em vós se acha falta ;  
Quem com devoção vos ama,  
Não lhe haveis de ser ingrata.

Vida sois da minha vida,  
E tambem dos meus cuidados ;  
Quando de vós me alembro,  
Tenho os maiores regalos.

Zombar posso do demonio  
Se me assistires na morte ;  
Com vossa ajuda, Senhora,  
Eu terei a melhor sorte.

## XXI

## A CONFISSÃO

A Virgem se confessou  
Pela manhã ao domingo,  
Nanja por ter peccados,  
Nem por os ter commettido ;  
Foi só por guardar preceito  
Ao seu bemdito filho.  
Mas o padre que a vira  
Pensamento duvidára,  
Ao pé se assentára  
Onde ella ajoelhára.  
Vamos a remir peccados  
Todos pelos mandamentos :  
Primeiro foi que adorei  
Ao meu adorado Senhor,

Que o trouxe no meu ventre  
Criado a meu favor.  
O segundo foi que amei  
A minha mãe mais que á vossa;  
Não sei se faço offença  
A tratar Jesus por vós?  
O terceiro — desejei  
Ser creada de um menor,  
Ser esposa de Jesus,  
Mãe do divino sol.  
O quarto foi que matei  
Um demonio infernal,  
Queria matar a Jesus  
Sem ter culpa original.  
O quinto foi que jurei  
Certa jura de contin'ó:  
A vinte e cinco de março  
Encarnei o verbo divino.  
O sexto — que communguei  
Meu Jesus sacramentado;  
Filho confessa-te bem  
Diante do teu ministro;  
Olha que nada se esconde  
Diante de Jesus Christo.  
Oh que linda confissão  
Veiu nossa Mãe fazer,  
Para o seu filho aprender.  
Filho confessa tua culpa  
Que eu confesso o meu peccado;  
Logo o confessor me disse:  
Christão estás perdoado.

## XXII

## AS QUINZE PETIÇÕES

Vossa sagrada cabeça  
Coroadá com mil espinhos!  
Por amor dos meus peccados  
Passastes tantos martyrios.

Vosso sagrado cabelo  
Mais puro que o fio d'ouro,  
A minha alma entrou pr'a elle  
Entrou pr'o vosso thezouro.

Vossos sagrados olhos  
Inclinados para o chão,  
Por amor dos meus peccados  
Passastes morte e paixão.

Vosso sagrado rosto  
Cheio de escarros nojentos!  
Por amor dos meus peccados  
Passastes tantos tormentos.

Vossa sagrada bocca  
Cheia de fel amargoso!  
Por amor dos meus peccados  
Oh meu Deos todo poderoso.

Vossos sagrados hombros  
Denegridos de um madeiro,  
Por amor dos meus peccados  
Meu bom Jesus verdadeiro.

Vossos sagrados braços  
Estendidos n'uma cruz,  
Por amor de meus peccados  
Oh meu divino Jesus.

Vossas sagradas mãos  
São pregadas com dous cravos,  
Senhor Deos de misericordia  
Por amor de meus peccados.

Vosso sagrado peito  
Foi aberto c'uma lança,  
A minha alma entrou por elle,  
Entrou, que tem confiança.

Vossa sagrada cintura  
Amarraram com mil cordas,  
Por amor de meus peccados  
Senhor Deos de misericordia.

Vossos sagrados joelhos  
Arrastados pela terra!  
A minha alma já é vossa,  
Dae-me salvação a ella.

Vossos sagrados pés  
Mais alvos que a neve pura,  
Gotas de sangue derramam  
Pela Rua da Amargura.

Indo mais para diante  
Vi estar uma charola,  
Onde n'ella ajoelhou  
A virgem nossa Senhora.

Indo mais para diante  
Bem vi estar um andor,  
Aonde n'elle ajoelhou  
Meu Deos, meu pae, meu Senhor.

Indo mais para diante  
N'aquelle outeiro sagrado,  
Vi estar os pastorinhos  
Cada qual com seu cajado.

Respondera o mais moço  
Por ser mui bem doutrinado :

D'onde vens, Santa Maria  
Que vindes tanto orvalhada?  
Venho de seguir os passos  
D'esta terra mui sagrada.

Sete passos são corridos,  
Outros sete por correr;  
Aqui hade vir Jesus  
Acabar de padecer.

Dae-me do pago que d'este,  
Meu senhor santo Sudario,  
A'quella santa mulher  
Que assistiu no Calvario.

Estas quinze petições  
As offereço ao Senhor,  
Que me abra as portas do céu  
Quando d'este mundo fôr.

## XXIII

## OS MANDAMENTOS DA LEI DE DEOS

Dos Mandamentos divinos  
Que devemos de guardar,  
Dados pelo rei da gloria  
Para bem de nos salvar :

O primeiro amarás  
A Deos como bom christão,  
Amarás a um só Deos,  
Sobre quantas cousas são.

Segundo não jurarás  
O seu santo nome em vão ;  
Mas antes o pedirás  
De todo o teu coração.

O terceiro guardarás  
Os domingos e as festas,  
Officio nenhum farás  
Nem as cousas deshonestas.

O quarto é que honrarás  
A teu padre e tua madre;  
Longos dias viverás  
Sobre a terra de Deos padre.

O quinto não matarás  
N'isso serás avisado,  
Teu corpo defenderá  
A tua alma do peccado.

O sexto não communicarás,  
Livrará de tal torpesa ;  
Casto, limpo tu serás  
P'ra que os anjos te apareçam.

O setimo não furtarás  
Livrará-te do peccado,  
Que no céo não entrarás  
Tendo o alheio furtado.

O oitavo não levantarás  
Falso testemunho erguendo ;  
Que no céo não entrarás  
Tal beneficio fazendo.

O nono não desejarás  
A mulher que é casada,  
Põe o sentido em Deos  
Que te não lembre mais nada.

O decimo não cubiçarás  
As cousas que alheias são ;  
Contenta-te com o que é teu,  
Viverás como christão.

Estes dez mandamentos  
Se vêm a encerrar em dois :  
O primeiro amar a Deos  
E ao proximo depois.

## XXIV

## PARLENDAS E JOGOS POPULARES

## I

A'manhã é domingo  
Do pé do cachimbo,  
Toca na gaita,  
Repica no sino,  
O sino é d'ouro,  
Repica no touro;  
O touro é bravo  
Mata fidalgo;  
Fidalgo é valente,  
Enterra o menino  
Na cova de um dente.

## II

Pico, pico, me piquei,  
Um grão de milho achei;  
Um moinho me moeu,  
Um ratinho me comeu,  
Eu chamei por sam Thiago,  
Sam Thiago não me ouviu,  
Ouviram-me dois ladrões,  
Apalparam-me os calções;  
Eu cuidei que era graça,  
Bebi vinho da cabaça.



## III

Era e não era  
No tempo da era,  
Meu pae era vivo,  
Minha mãe por nascer,  
Que lhe havia de fazer?  
Deitei as pernas ás costas  
E puz-me a correr.  
Subi por escada abaixo,  
Desci por ella acima,  
Encontrei um pecegueiro  
Carregado de maçãs,  
Fui-me a elle  
E comi avelãs.  
Veiu o seu dono  
E deu-me com um páo,  
Bateu-me n'um olho  
Magoôu-me um joelho.

## IV

Ora vâmos e venhámos  
Pela terra dos ciganos,  
Um burrinho compraremos,  
O folar que elle fizer  
Será para o primeiro  
Que aqui falar quizer;  
Fóra eu que sou juiz,  
Como perna de perdiz,  
Fóra eu que sou capitão,  
Como perna de leitão.

## V

« Cabra cega, d'onde vens ?  
— De Castella.  
« Que me trazes ?  
— Pão e canella.  
« Dás-me d'ella ?  
— Não que é para mim  
E p'ra minha velha.  
« Pica-me n'ella.

## VI

Rei e rainha  
Condeça, cestinha ;  
Vamos a dar  
Uma tarefinha.  
Sam Pedro me leve,  
Me queira levar,  
Se alguma menina  
Me fizer olhar,  
Rir ou conversar.  
— Agora o senhor sam Pedro  
Dá licença de eu olhar ?  
— « Não te deixo olhar  
Sem essa agulha acabada,  
E a outra começada.  
— Já acabei, já comecei,  
Já tornei a começar.  
Agora o senhor sam Pedro  
Deu licença de eu olhar.

\*

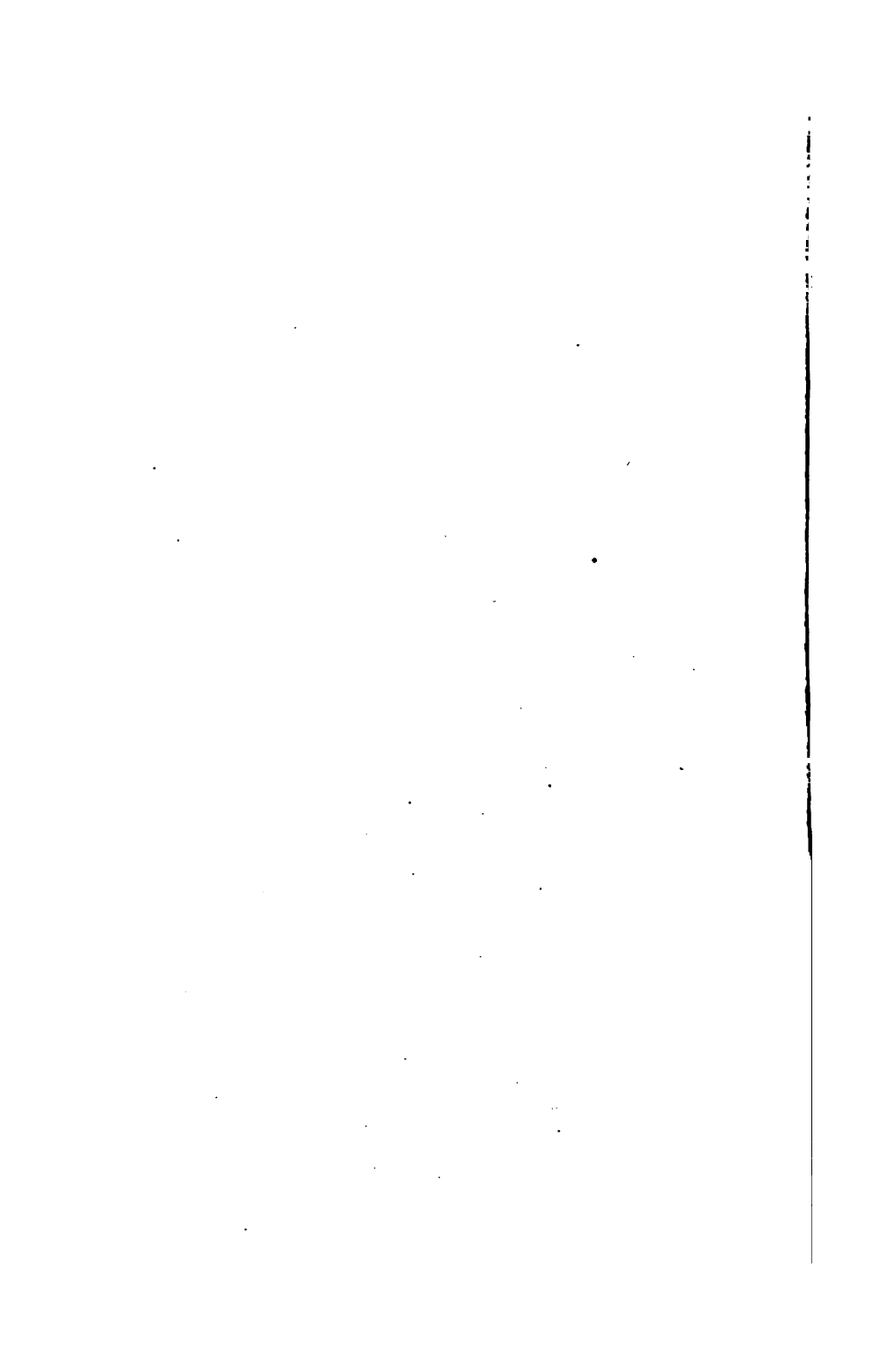
## VII

«Truz, truz.  
— Quem é?  
« O velho das contas.  
— Elle o que quer?  
« Vender contas.  
— Não ha dinheiro.  
« Fia até Janeiro.

## VIII

Sorrobico,  
Massarico,  
Quem te deu  
Tamanho bico?  
Foi nosso senhor  
Jesus Christo.  
Bicho vae,  
Bicho vem,  
A ganhar  
O seu vintem.  
Piolho na lama,  
Pulga na cama,  
Dá um pincho,  
Põe-se em França.

ROMANCEIRO  
DE ARAVIAS



# ROMANCES NOVELLESCOS

---

1

## Romances da filha do rei de França

I — VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE.

A caçar se foi Dom Jorge,  
A caçar como solia;  
Seus perros leva cansados,  
Seu falcão perdido havia.  
Anoutecera na serra,  
N'uma escura montilla;  
Vira estar um arvoredado  
Bem alto á maravilha;  
No pé lhe tinia o ouro,  
Na rama a prata fina.  
Lá nõ mais alto dos galhos  
Vira estar uma menina,  
Com pente de ouro na mão  
Que pentear-se queria.

— Que fazeis aqui donzella,  
Que fazeis aqui menina?  
« Sete fadas me fadaram  
Nos braços de uma mãe minha,

Que estivesse aqui sete annos,  
Sete annos e um dia.  
Hontem se encerraram annos,  
Hoje se acaba o dia!  
Leva-me tu, cavalleiro,  
Leva-me por tua vida!  
Não me leves por mulher,  
Nem mais pouco por amiga;  
Leva-me por tua moça,  
Por tua escrava captiva,  
Que eu sou filha de um *malato*,  
Da maior *malataria*,  
Homem que a mim se chegasse  
*Malato* se tornaria.

Puzera-a na sua sela,  
Nas andilhas não cabia.  
Indo mais para diante  
A donzella se sorria.

— De que vos rides donzella,  
De que vos rides, menina?  
« Não me rio do cavallo,  
Nem da sua selaria,  
Rio-me de um estorninho  
Que pelo ár vae zunindo.

Indo mais para diante  
A donzella se sorria:

— De que vos rides donzella,  
De que vos rides, menina?  
« Rio-me do cavalleiro,  
Mais da sua covardia.

— Torna atraz meu cavallinho,  
Que a espora é perdida ;  
Na fonte aonde estivemos  
Ella lá nos ficaria.  
« Tate, tate, cavalleiro  
Não façaes tal tyrannia ;  
Se a espora é de prata  
Meu pae de ouro t'a daria.  
O meu pae lavra no ouro,  
Minha mãe na prata fina :  
Sou filha do Rei de França,  
Da rainha Constantina.  
— Válha-me Deos, Deos me valha,  
Valha-me a Virgem Maria !  
Cuidei que trazia amores,  
Trago uma irmã minha.  
« Se meu pae tal soubera  
Que sua filha aqui ia,  
Mandára correr cavallos,  
Mandára tanger manilha.

---

## 2

## O caçador e a donzella

II -- VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE.

Caçador que foi a caça  
Na caça lhe foi o dia ;  
Anotecera na serra  
Onde casas não havia.  
Vira estar um arvoredo  
De uma alta françaria ;



No pé lhe tinia o ouro,  
 E na rama a prata fina,  
 E nos galinhos mais altos,  
 No derradeiro de cima,  
 Vira estar uma donzella,  
 Vira estar uma donzilla,  
 Com pente de ouro na mão  
 Que pentear-se queria.  
 O cabelo da cabeça,  
 Todo o arvoredado cobria,  
 Os olhos da sua cara  
 Todo o mundo *relumbria*.  
 Da maçã do seu rosto  
 Arrubim bello corria ;  
 Os dentes da sua bocca  
 Crystaes bellos pareciam ;  
 Dos beiços da sua bocca  
 Sangue vermelho corria.

— Que fazeis aqui donzella ?  
 Que fazeis aqui donzilla ?  
 « Sete fadas me fadaram  
 No collo de uma mãe minha,  
 Que estivesse aqui sete annos,  
 Sete annos e um dia ;  
 Hontem se acabaram annos,  
 Hontem se encerra o dia.  
 Quer-me levar, cavalleiro,  
 N'essa sua companhia ?  
 Sem me levar por mulher,  
 Nem tampouco por amiga ;  
 Leve-me por sua serva,  
 Por sua escrava cativa.  
 — Dize-me, por a tua alma,  
 Dize-me de quem és filha ?

« Sou filha de um *malato*,  
Da maior *malataria* !  
Quem no meu corpo tocar  
*Malato* se tornaria.  
— Diga-me a minha menina  
Se quer ancas ou andilhas ?  
« Quero ancas, cavalleiro,  
Que eu na sela não regia.

Indo em meio da serra  
A donzella se sorria.

— De que vos rides donzella,  
De que vos rides donzilla ?  
Ou vos rides do cavallo,  
Ou da sua selaria;  
« Não me rio do cavallo,  
Nem da sua sellaria.  
Rio-me de um estorninho  
Que pelo ar vae zunindo.

Avistando a cidade,  
A donzella se sorria :

— Valha-te Deos, oh donzella,  
Oh valha-te Deos, donzilla;  
Tu ou te ris do cavallo,  
Ou da sua selaria ?  
« Não me rio do cavallo,  
Nem da sua selaria :  
Rio-me do cavalleiro,  
Da sua má covardia :  
Achou a *ninha* no campo,  
Não a quiz por sua amiga...  
— Volta p'ra traz meu cavallo,

Que a espora é perdida !  
« Tenha-se em si, cavalleiro,  
Não faça tal tyrannia !  
Se a espora é de prata  
Meu pae de ouro lh'a daria ;  
Que em casa de meu pae  
Lavra-se ouro todo o dia.  
— Dize-me, pela tua alma,  
Dize-me de quem és filha ?  
« Sou filha do Rei de França,  
Minha mãe Dona Maria !  
— Valha-te Deos, oh donzella,  
Valha-te Deos, donzilla.  
Disseste que eras *malata*,  
Tu és uma mana minha !...

## 3

**Donzella encantada**

III — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE.

Caçador que ia á caça,  
Caçador que á caça ia,  
Seus cães leva cansados,  
Sua furôa perdida ;  
Se sentára a descansar  
De tão cansado que ia,  
Debaixo de um arvoreda  
Bem alto da françaria.  
Levantou olhos p'ra cima,  
Viu estar uma donzilla,  
Com pente de ouro na mão,  
Que pentear-se queria.  
O cabelo da cabeça

Todo o arvoredado cobria ;  
Os olhos da sua cara  
Todo o mundo relumbria ;  
Os dentes da sua bocca  
Marfim bello pareciam.

— Que fazeis aqui donzella,  
Que fazeis aqui donzilla?  
« Sete fadas me fadaram  
No collo de uma mãe minha,  
Para estar aqui sete annos,  
Sete annos e um dia.

Hontem se atimaram annos,  
Hoje se atima o dia.

Bem podias, cavalleiro,  
Levar-me na companhia ;  
Não me leveis por mulher  
Nem tampouco por amiga,  
Levae-me por vossa serva  
Que eu tambem vos serviria.

— Espera-me aqui donzella,  
Té ámanhã, que é dia ;  
Que eu vou a tomar conselho  
De uma mãe que me pariu.

Resposta que me mandar  
Essa mesma vos daria:

— « Não a tragas por criada,  
Nem tambem por tua amiga ;  
Tral-a por tua mulher,  
Tua mulher toda a vida. »—

Puzera-a no seu cavallo,  
Pois nas ancas a trazia ;  
Lá no meio da estrada  
De amores a accommettia.

« Tem-te, tem-te, cavalleiro,  
 Não faças tal tyrannia;  
 Que eu sou filha de um *malato*,  
 Da maior *malataria* :  
 Homem que a mim se chegasse  
*Malato* se tornaria.  
 A fonte aonde eu beber  
 Sangue lá correria.

Indo mais para diante  
 A donzella se sorria :

— De que vos rides donzella ?  
 De que vos rides donzilla,  
 « Não me rio do cavallo,  
 Nem da sua selaria ;  
 Rio-me de um estorninho  
 Que pelo ár vae zunindo.

A' entrada da cidade  
 A donzella se sorria.

— De que vos rides donzella ?  
 De que vos rides donzilla ?  
 « Não me rio do cavallo,  
 Nem da sua selaria,  
 Rio-me do cavalleiro  
 Mais da sua phantasia ;  
 Achou menina na serra  
 E logo a acommettia !  
 — Torna atraz meu cavallo,  
 Temos uma espora perdida !  
 « Adiante cavalleiro,  
 Adiante, paz em guia !  
 Se a espora é de prata,

Meu pae de ouro t'a daria,  
Eu sou filha do rei Cosme,  
Da rainha Constantina.  
— Mais tolo é o menino,  
Que de meninas se fia!  
Cuidei de levar mulher  
Levo uma irmã minha.

---

## 4

**Romance da Sylvana**

I — VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE.

Passeava-se Sylvana  
Por um corredor acima;  
Seu pae estava mirando  
Passos d'onde ella vivia:

— Bem puderas tu, Sylvana,  
Gosar minha companhia!  
« E as penas do inferno,  
Pae meu, quem as passaria?  
— Passava-as eu, Sylvana,  
Por ter um gosto na vida.  
« Mas deixae-me ir a palacio  
Vestire outra camisa;  
Que esta que tenho no corpo  
Peccado não o faria.

Chegara d'onde a mãe estava  
Justiça do céu pedia,  
Justiça do céu á terra,  
Que no mundo não na havia.

« Um pae que Deos me déra  
De amores me commettia.  
— «Despe esses trajos Sylvana,  
Que d'elles me vestiria;  
Irei aonde o rei estava,  
Pois muito bem no sabia.

Tanto cego estava o pae,  
Cuidava que era a filha.

— Se eu sabia, tal peccado  
Pois d'elle não commettia.  
— « Não tive senão dois filhos,  
Dom Pedro e a Sylvaninha!  
— Filha que chocalha o pae  
Que castigo merecia?  
— « O pae que acommette a filha  
Mil infernos merecia.

Mandou fazer altas torres  
A fim d'elle lá não ir;  
Ao cabo de sete annos  
A mãe as mandou abrir,  
Chegára onde o pae estava,  
Estava o pae p'ra acabar :

« Oh meu pae da minha alma  
Vós estaes para acabar!  
Lembrae-vos da grande conta  
Que a Deos tendes para dar!  
A Dom Pedro deixaes tudo,  
Só a mim nada deixaes.  
— Que mulher é esta aqui,  
Que tanto está de enfadada?

— « E' vossa filha Sylvana  
 Que a deixaes desherdada ;  
 A Dom Pedro deixaes tudo,  
 A ella não deixaes nada ?  
 — Deos se não lembre de mim,  
 Se tal filha me lembrava !  
 Aqui tem um punhal de ouro,  
 Para seu brio sustentar ;  
 Agora que a tua mãe,  
 Que te acabe de herdar.

---

## 5

## Aldina

II — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE (VELLAS)

Um rei tinha tres filhas,  
 Alvas como prata fina ;  
 Namorou-se da mais moça  
 Por lhe chamarem Aldina :

— Bem podias tu, Aldina,  
 Fazer-me a cama um dia !  
 « Padre Santo não confessa  
 Peccados de pae com filha.  
 — Bem puderas vós, Aldina,  
 Ser a minha namorada ;  
 Eu te vestiria de ouro,  
 De prata fina lavrada.  
 « Não o permita Jesus,  
 Nem a ostia consagrada



Que eu sendo vossa filha  
Fôsse a vossa namorada.  
Nem meu pae por amor d'isso  
Não condemne a sua alma.  
— Pois as penas do inferno  
Eu por ti as passaria.  
« Deixae-me ir á minha sala  
Vestir uma alva camisa,  
Que esta que eu tenho vestida  
Tal peccado não faria.

Indo para a sua sala  
Com sua mãe se encontrou :

« Oh rica mãe da minha alma  
Casae-me hoje n'este dia,  
Que um pae que Deos me deu  
De amores me commettia.  
— « Dae-me cá os teus vestidos  
De semana cada dia,  
Que eu por ti, Dona Aldina,  
Faço essa romaria.

— Se eu soubera, Dona Aldina,  
Que estavas tão corrompida,  
Eu as penas do inferno  
Por ti as não passaria.  
— « Quando zombavas commigo,  
Oh Dom Pedro de Castilla,  
Eu era mulher honrada,  
Não era mulher vadia.  
— Maldição cubra a Aldina  
Que a seu pae foi descobrir.  
— « Maldição cubra seu pae  
Que de amores a commettia.

Mandou fazer altas torres  
De prata fina lavrada,  
Para lá meter Aldina  
Sete annos degradada,  
A comer a carne crua,  
A beber agua salgada!  
Ao cabo de sete annos  
Aldina fôra soltada,  
Fôra ter a uma varanda  
Onde sua mana estava :

« Rica mana da minha alma,  
Dae-me uma gotinha d'agua,  
Que eu tenho os meus bofes seccos,  
A minha alma se me aparta,  
De comer a carne crua,  
De beber agua salgada.  
— Rica mana da minha alma  
Eu não te posso dar agua,  
Que meu pae me tem jurado  
Pela ponta da sua espada,  
Quem a ti agua désse  
Que a vida lhe tirava.

Chegou a uma varanda  
Onde sua mãe estava :

« Oh rica mãe da minha alma,  
Dae-me uma gotinha d'agua,  
Que eu tenho os meus bofes seccos,  
A minha alma se meaparta,  
De comer a carne crua,  
De beber agua salgada.  
— « Guar'-te tu d'ai, Aldina,  
Triste filha mal fadada ;

Que ha sete annos, vae em outo,  
Que eu por ti sou mal casada.

Chegara a uma varanda  
Aonde seu pae estava :

« Oh rico pae da minha alma,  
Dae-me uma gotinha d'agua;  
Heide ser a vossa filha,  
Mais a vossa namorada.  
— Corre, corre, cavalleiro,  
A' Aldina buscar agua,  
Em garrafinhas de prata,  
Em taça sobredourada!  
O primeiro que chegar  
Será Rei de Portugal.

O Rei como mais esperto  
Foi o primeiro a chegar;  
Quando elle cá chegou  
Já Aldina era passada,  
Com sete tochas accezas  
A cabeça arrodada.  
Estava no céu a cantar  
N'uma rosa encarnada!  
O pae estava no inferno  
Com sua alma condemnada;  
Mandara forrar as ruas  
De preto e tafetá,  
Não quiz a boa fortuna  
Que as chegasse a lograr.  
Ajuntaram-se os anjinhos  
Logo em Aldina pegaram,  
Ajuntaram-se os garrazes  
Logo em seu pae agarraram.

## 6

**Silvana Desamparada**

III — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE.

Passeava Dona Sylvana  
Por o corredor acima,  
Viola de ouro ao peito  
Pois ella bem retinia,  
Pois se ella bem retinia  
Melhor romance fazia;  
Com sua viola á cinta  
Melhor balanço trazia.  
Seu pae a estava mirando  
Da sala aonde assistia.

— Bem me pareces, Sylvana,  
Em vestias de cada dia,  
Do que tua mãe rainha  
Com quanto ouro havia.  
Bem puderas tu, Sylvana  
Ser o meu amor um dia?  
«Pois as penas do inferno,  
Meu pae, quem as passaria?  
— Passaria-as eu, Sylvana,  
Por ter um gosto na vida.  
«Deixae-me, senhor, deixae-me  
Com honra e cortezia;  
Quero ir á minha sala  
Vestir uma alva camiza,  
Pois esta que tenho no corpo  
Com ella não peccaria.

—«Que tendes, bella Sylvana,  
Que vindes tão assustada?  
«Um pae, que Deos me deu,  
Quer que eu seja sua amada.  
—«Dae-me cá os teus vestidos,  
Vestidos de cada dia,  
Quero ir a esse logar  
Cumprir essa romaria.  
— Se eu soubera, oh Sylvana,  
Que estavas tão corrompida,  
As penas lá do inferno  
Por ti não as passaria.  
—«Eu não sou Dona Sylvana,  
Sou a mãe que a paria ;  
Em quanto falei contigo,  
Oh Dom Pedro de Castilla,  
Eu era mulher honrada,  
Não era mulher vadia.  
— Maldição cubra a filha  
Que o seu pae descobria.  
—«Maldição cubra o pae  
Que tal filha commetia.

Mandara-a meter n'um carcer'  
D'onde sol nem lua havia ;  
Dava-lhe o pão por onça,  
Agua por uma medida ;  
Ao cabo de nove mezes  
Corredores ella corria.  
Encontrara sua mãe,  
Pediulhe um pinguinho d'agua :

«Oh rica mãe da minha alma,  
Dae-me um pinguinho d'agua,  
Que eu trago os meus bofés seccos,

Minha alma se desaparta,  
De comer a carne crua,  
De beber agua salgada,  
De comer pão bolorento  
Que o senhor pae me mandava.  
— «Rica filha da minha alma  
Eu' não te posso dar agua,  
Pois teu pae me tem jurado  
Pelo fio da sua espada,  
Que a quem te desse agua  
Sete vidas lhe tirara !  
Vae ter com o teu irmão  
Que te dê uma pinga d'agua.  
«Oh rico irmão da minha alma  
Dae-me uma gotinha d'agua, — etc.  
= Rica irmã da minha alma,  
Quem vol-a pudesse dar !  
O rei meu pae, se o sabe  
Logo me manda matar ;  
Mas vae ter ao senhor pae  
Que te dê uma gotinha d'agua.  
«Oh rico pae da minha alma  
Dae-me uma gotinha d'agua ;  
Que eu d'hoje por diante  
Serei sempre a tua amada.  
— Inda me appareces diante  
Sylvana desamparada ?  
Deos se lembre da minha alma  
Se tu filha me lembravas.  
Andem moços, corram moços  
Depressa a buscar agua ;  
O que mais depressa fôr  
Será rei de Portugal.  
«Oh rico pae da minha alma  
Já não quero a vossa agua,

Que a minha alma está no céu  
Está n'uma rosa pintada;  
A vossa está no inferno,  
Pois bem o tendes ganhado  
— Andem moços, corram moços  
Depressa a forrar palacio,  
A minha alma está no inferno,  
Pois ella o tinha jurado.

---

## 7

**Romance da Uoiva Desertora**

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE.

— Deos esteja com as tias  
Todas trez a costurar!  
« Deos venha com o sobrinho  
Que vem de passar o mar.  
— Que é do meu cavallo branco  
Que eu deixei aqui ficar?  
« Vosso cavallo, menino,  
Lá nas guerras hade andar;  
— Que é do meu anel de ouro,  
Que eu deixei aqui ficar?  
« O vosso anel, menino,  
No dedo da prima hade andar.  
— Que é da minha rica prima  
Que eu deixei aqui ficar?  
« A vossa prima, menino,  
Já comnosco não quiz estar;

Está hoje cosendo pão  
Para amanhã se casar.  
— Digam-me as senhoras tias  
Ella aonde vae morar?  
Quero ir a sua casa,  
Quero com ella falar.  
« Menino, não vades lá,  
Que elles podem-vos matar.  
— Matarem-me, senhoras, não,  
Que eu tambem sei praticar;  
Nas terras por onde andei  
Aprendi a conversar.

Quando lhe bateu á porta  
Já estavam p'ra jantar;  
Arrearam-se as cadeiras  
Para o senhor se assentar :

— Deos esteja com os folgantes,  
Pois bem sabem de brincar;  
Não se arrojem as cadeiras,  
Não me quero assentar,  
Não me quero assentar, não,  
Nem nada quero gastar ;  
Se o noivo dá licença  
A' noiva quero falar.  
— « Licença, senhor, a tem,  
Se ella lh'a quizer dar.

— Toma lá este vestido  
Para lebares a casar ;  
Outros melhores que eu tinha  
Não os quizeste ganhar.  
« Aqui d'El-Rei quem me acode,  
Justiça d'este logar !



Os meus primeiros amores  
No coração tem lugar,  
Vá o noivo para a rua,  
Fique este no seu logar.

---

## 8

**Romance de Bernal-Françoilo**

I — VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE (URZELINA)

—Francisquinha, Francisquinha,  
D'esse corpo tão gentil!  
Abri-me lá essa porta,  
Que m'a costumaes abrir.  
« Não abro a minha porta,  
Que são horas de dormir.  
—Abri ao homem de França,  
Que lh'a costumaes abrir.  
«Se é outro no seu logar,  
Digo que não quero ir;  
Se elle é Bernal-Françoilo,  
Descalsa lhe vou abrir;  
Lhe pegarei pela mão,  
O levarei ao jardim,  
Lavei-lhe pernas e braços  
Com agua do alecrim,  
Tornei-lhe a pegar na mão,  
O deitei a par de mim.  
Era meia noite em ponto,  
Outra meia por venir,  
E vós Bernal-Françoilo  
Sem vos virares p'ra mim?

Ou tendes dama em França,  
A quem queiraes mais que a mim?

— Não tenho dama em França  
A quem queira mais que a ti...

« Não te temas de meu pae  
Que é velho não vem aqui;  
Não temas de meus irmãos  
Que inda agora vão d'aqui.  
Não temas o meu marido  
Longas terras está d'aqui:  
Oh maus mouros o cativem,  
Novas me venham á mim.

— Eu não temo a teu pae,  
Homem que nunca temi,  
Eu não temo a teus irmãos  
Que são homens com'a mim:  
Teme-te do teu marido  
Que o tens a par de ti!  
« Se tu és o meu marido  
Que é que me trazes a mim?

— Trago-te saia de grana,  
E *bajú* de carmezim;  
Gargantilha de cutello  
Pois a mereceste assim.  
« Oh lua que vás tam alta  
Que não quer amanhecer,  
Para esta triste coitada  
Acabar de padecer.

— Nem com essas, nem com outras  
Pois tu me hasde vencer;  
Antes da manhã ser fóra  
Pertendo de tu morreres.

— Onde te vaes, cavalleiro,  
Vaes tão furioso em ti?

— « Vou a vêr a minha dama  
Que ha muito que a não vi.

— Tua dama já é morta,  
E' morta, eu bem a vi.

Sete frades a levaram  
N'uma tumba de marfim.

Sete cirios accenderam,  
Todos sete eu accendi:

— Volta, volta meu cavallo,  
Vamos vêr se isto é assim !

Chegando ao pé de uma ermida  
Lá um vulto preto vira:

« Não te temas, cavalleiro,  
Não te temas tu de mim,  
Que eu já fui a tua dama,  
Por amores teus morri.

Olhos com que te mirava,  
Já não tem vistas em si ;  
Beijos com que te beijava  
Já não tem sabor em si ;  
Braços com que te abraçava  
Já não tem forças em si.

A mulher com quem casares  
Não lhe queiras mais que a mim ;

Filha que d'ella tiverês  
Põe-lhe o nome de mim ;

Quando para ella olhares  
Para te lembrares de mim.

— Quer eu case, quer não case,  
Heide-me lembrar de ti ;

Abre lá já essa campa,  
Quero-me enterrar contigo.

« Vive, vive, cavalleiro,  
Por amor de ti morri.

## 9

## Dom Pedro Françaçoilo

II — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE (ROSAES)

«Alecrim bateu á porta,  
Manjerona quem está aí?

— E' um cravo d'Arrochela,  
Oh Rosa, mandae-lhe abrir!  
«Se elle é Dom Pedro de França,  
Descalsa lhe vou abrir.

Pois se erguera d'onde estava  
Descalsa lhe fôra abrir,  
Lhe pegara pela mão  
O levára ao seu jardim;  
Lhe lavára pés e mãos  
Com bella agua de alecrim;  
Uma gota que ficara  
Lavara tambem a si,  
Vestira-lhe uma camisa  
Como quem vestira a si,  
Fizera cama de rosas,  
O deitara a par de si.

« Era meia noite em ponto,  
Outra meia por dormir,

E tu, Dom Pedro Françaço,  
Sem te virares para mim!  
Se temes o meu marido  
Longes terras 'stá d'aqui;  
Más ballas frias o passem,  
Novas me venham aqui.  
Se tu temes meus irmãos  
Inda agora vão d'aqui!  
— Eu não temo o teu marido,  
Que o tens ao par de ti,  
Eu não temo os teus irmãos  
Que são homens como a mim.  
Manda chamar teus irmãos  
Que te venham a carpir,  
Manda chamar thesoureiro  
Que dobre os sinos por ti!  
Manda chamar o coveiro  
Que a cova te venha abrir.  
Antes da manhã nascida  
Eu quero voltar d'aqui,  
Tenho navio no porto  
E n'elle me quero ir.  
« Oh que sonho seria este  
Que agora sonhei aqui?  
Se tu és o meu marido  
Que me trazes para mim?  
— Trago saia de brocado,  
Vestido de carmezim.  
Tambem trago um punhal de ouro,  
Que o quizestes assim;  
Quando vier a manhã  
Tu já morta jazerias.  
« Matae-me, senhor, matae-me,  
Pois a morte mereci!

Quando viu coisas tão bellas,  
E o sangue pelo chão,  
A's mãos tivera quebrado  
As cordas do coração.  
Elle que vinha saindo  
O cavalleiro encontrou :

— Onde vás, tu, cavalleiro?  
Tão penoso vás em ti!  
— « Eu vou vêr a minha amada,  
Que ha dias que a não vi!  
— Tua dama já é morta,  
E' morta que eu bem a vi;  
Sete frades a levaram  
N'uma tumba de marfim!  
Com sete tochas accezas,  
Todas sete lhe accendi;  
Sete missas lhe disseram,  
Todas sete eu as ouvi.  
Aqui levo pá e enchada  
Com que de terra a cobri!  
— « Volta, volta, meu cavallo,  
Vamos vêr se isto é assim?  
Abre-te campa sagrada,  
Quero vêr quem está em ti:  
Francisquinha da minha alma,  
Tu já moras por aqui?

Indo pelo adro dentro  
Vira um vulto para si.

«Não temas tu, cavalleiro,  
Não tenhas medo de mim;  
Que eu sou a tua dama,  
Sete annos te servi!

Pernas com que te aguentava  
Já calor não tem em si ;  
Braços com que te abraçava  
Já força não tem em si ;  
Bocca com que te beijava  
Já de terra a enchi !  
Olhos com que te mirava  
Já de terra os cobri !  
Mulher com quem tu casares  
Não lhe queiras mais que a mim ;  
Filha que d'ella tiveres  
Poem-lhe o nome como a mim ;  
Quando por ella chamares  
Que te alembres de mim.  
Filho que d'ella tiveres  
Seja lindo como ti,  
Que se perca o mundo por elle  
Como me eu perdi por ti ;  
E a esmola que fizeres  
Fal-a por ti mais por mim ;  
Quando puzeres a meza  
Resa-me uma Ave-Maria,  
Para bem de me pagares  
Sete annos que te servia.

## 10

**Romance do Conde da Alemanha**

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE.

Já o sol dá na vidraça,  
Ai Jesus! tão claro dia!

Ainda o Conde de Alemanha  
Com a rainha dormia !  
Não o sabia el-rei,  
Nem quantos na côrte havia ;  
Sabia-o Dona Bernarda,  
Filha da mesma rainha.

— Senhora Dona Bernarda,  
Bem nos podeis encobrir ;  
Que este Conde é muito rico,  
De ouro vos hade vestir.  
«Não quero vestido de ouro,  
Que eu o tenho de damasco;  
Ainda tenho meu pae vivo,  
Já me querem dar padraсто !  
Mangas da minha camisa  
Não as chegue eu a romper,  
Se meu pae vier p'ra casa,  
Se lh'o eu não fôr dizer.

Estando com este verso,  
O pae á porta a bater :

— «Que tendes, Dona Bernarda,  
Que tendes, oh filha minha?  
Conta-me das tuas magoas,  
Que eu contarei maravilhas.  
«Estando no meu tear,  
Bordando ouro e tela,  
Veio o Conde de Alemanha  
Dois fios me furtou d'ella.  
—«Calae-vos, Dona Bernarda,  
Andae p'ra meza jantar,



Que o Conde é pequenino,  
E' menino, quer brincar.  
«Leve o diabo seus brincos,  
Mais o seu lindo brincar,  
Que me pegou pela mão  
A' cama me quiz levar.  
—«Calae-vos, Dona Bernarda,  
Vinde p'ra meza jantar,  
Que o pagem de Alemanha  
A'manhã vae a matar.

«Meu pae, se o mandar matar  
Não o enterre em sagrado;  
Enterre-o em campo verde  
Onde se apastou o gado,  
Com um letreiro na testa,  
Um letreiro bem lavrado,  
Que o letreiro vá dizendo:  
Já morreu o namorado.  
Senhora Dona Maria  
Andae, chegae á janella;  
Vêde o Conde de Alemanha  
A companhia que leva!  
Oh minha mãe, vinde vêr  
O Conde da bizzarria,  
Elle acolá vae morto,  
Leva toda a fidalguia.  
Chegue-se, senhora mãe,  
Chegue á janella do mar,  
Vêr o Conde de Alemanha  
Como vae a desbancar.  
Chegue-se, senhora mãe  
Chegue á vidraça do meio,  
Vêr o Conde de Alemanha  
Como lhe fica o vermelho.

— Eira-má te leve, filha,  
Mais o leite que mamaste!  
Era um Conde tão perfeito,  
A morte que lhe causaste.  
Oh que corpo tão pequeno,  
Maldito te seja filha;  
Oh cadella que mataste  
Minha leal companhia!  
«Calae-vos, senhora mãe,  
Calae-vos por cortezia;  
Se o senhor pae tal soubera  
Outro tanto lhe faria.

---

## 11

**Romance de Dom Varão**

1 — VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE (RIBEIRA DO NABO)

— Hoje se apregôam guerras  
Entre França e Aragão;  
Ai de mim! um pobre velho,  
As guerras me acabarão:  
De tres filhas que eu tenho,  
Sem ter um filho varão!

Responde a filha mais moça  
Por ter grande descripção:

«Venham-me armas e cavallo,  
Quero ser filho varão!

\*

Quero ir vencer as guerras  
Entre França e Aragão.  
— Tendes o cabelo grande,  
Filha, conhecer-vos-hão?  
«Venha-me pente e tesoura,  
Que o vereis cair ao chão.  
— Tendes os olhos bonitos,  
Filha, conhecer-vos-hão.  
«Quando falar c'os soldados  
Heide inclinal-os p'ro chão.  
— Tendes os hombros mui altos,  
Filha, conhecer-vos-hão;  
«Venham-me armas carregadas,  
Meus hombros abaixarão.  
— Tendes os peitos mui grandes,  
Filha, conhecer-vos-hão.  
«Vou-me a casa do alfaiate  
Fazer apertado gibão.  
— Tendes as mãos fidalguinhas,  
Filha, conhecer-vos-hão.  
«Metel-as-hei n'umas luvas,  
Nunca d'ellas sairão.  
— Tendes o pé pequenino,  
Filha, conhecer-vos-hão?  
«Metel-os-hei n'umas botas,  
Nunca d'ellas sairão.

Foi p'ra casa do alfaiate  
Fazer apertado gibão;  
Montou logo para a guerra  
A brigar como varão.

—«Minha mãe eu trago magoas  
 Dentro do meu coração;  
 Que os olhos de Dom Varão  
 São de mulher, de homem não.  
 «—Convidae-o vós, meu filho,  
 Para ir comvosco ao pomar,  
 Que se elle mulher fôr  
 A' maçã se hade apegar.

Dom Varão como discreto  
 A uma cidra foi mirar :

«Oh que rica cidra esta  
 Para Dom Varão cheirar !  
 Oh que ricas maçãsinhas  
 P'ra uma secia merendar.  
 —«Minha mãe, eu trago magoas  
 Dentro do meu coração;  
 Os olhos de Dom Varão  
 São de mulher, de homem não.  
 «—Convidae-o vós, meu filho,  
 Para comvosco jantar,  
 Ponde-lhe cadeiras altas  
 E baixas p'ra se sentar,  
 Que se elle mulher fôr  
 Nas baixas se hade assentar,  
 E quando fôr a partir pão  
 Ao peito o hade levar.

Dom Varão como discreto  
 Nas mais altas se assentou :  
 E quando foi a partir pão  
 Sómente ao punho o levou.

—«Minha mãe, eu trago magoas  
 Dentro do meu coração,  
 Que os olhos de Dom Varão  
 São de mulher, de homem não.  
 «— Convidae-o vós, meu filho,  
 P'ra ir comvosco á botica,  
 Que se ella mulher fôr  
 Hade se apegar ás fitas.

Dom Varão como discreto  
 A's espadas se apegou:

«Oh que rica espada esta  
 Para Dom Varão brigar;  
 Mas que lindas fitas estas  
 Para moças enganar.  
 —«Minha mãe eu trago magoas  
 Dentro do meu coração;  
 Os olhos de Dom Varão  
 São de mulher, de homem não.  
 «— Convidae-o vós, meu filho,  
 Para ir comvosco dormir;  
 Que se elle mulher fôr  
 Não se hade querer despir.

Dom Varão como discreto  
 Começou a descalsar;  
 'Naquelle noite seguinte  
 As guerras a começar.

—«Minha mãe eu trago magoas  
 Dentro do meu coração,

Que os olhos de Dom Varão  
São de mulher, de homem não.  
« — Convidae-o vós, meu filho,  
Para ir comvosco nadar,  
Que se elle mulher fôr  
Não se hade querer botar.

Dom Varão como discreto  
Começou-se a descalsar;

«Oh que novas, oh que novas  
Me acabaram de chegar!  
Que meu pae que era morto,  
Minha mãe para acabar.  
Acompanhe-me, acompanhe-me  
Se quereis-me acompanhar;  
Sete annos servi el-rei  
Em palacio a brigar!  
Virgem vim, e virgem vou,  
O filho do rei como asno ficou;  
Se quizer casar commigo,  
Siga-me por onde eu vou.

---

12

### Donzella guerreira

II -- VARIANTE DOS ROSAES

— Ai de mim! um pobre velho,  
Que as guerras me acabarão!

De tres filhas que eu tenho,  
Não ter um filho varão!

Respondera-lhe a mais moça  
Com toda a deliberação :

«Meu pae, dê-me o seu cavallo,  
Que eu serei o Dom Varão.

— Tendel-o cabello grande,

Filha, conhecer-vos-hão.

«Dê-me cá pente e tesoura

Vel-o-heis cair ao chão.

— Tendes os olhos mui lindos,

Filha, conhecer-vos-hão.

«Quando falar c'os soldados

Inclinarei-os ao chão.

— Tendes os beiços vermelhos,

Filha, conhecer-vos-hão.

«Quando olhar para os soldados

Meus beiços se cerrarão.

— Tendes as orelhas furadas,

Filha conhecer-vos-hão.

«D'ellas tirarei os brincos,

Os buracos se cerrarão.

— Tendes os peitinhos altos,

Filha, conhecer-vos-hão.

«Eu vestirei uma farda

Que me aperte o coração.

— Tendes as mãos muito lindas,

Filha, conhecer-vos-hão.

«Metel-as-hei n'umas luvas,

Nunca d'ellas sairão.

— Tendes o pé pequenino,

Filha, conhecer-vos-hão.

« Os meterei n'umas botas,  
De lá nunca sairão.

Vae Dom Varão para a guerra,  
Com toda a deliberação!  
O filho do rei indo á caça  
Logo disse a sua mãe :

— « Os olhos de Dom Varão  
São de mulher, de homem não!  
« — Convidae-o vós, meu filho,  
P'ra comvosco vir jantar,  
Que se elle fôr mulher  
A' couve se hade apegar.

Dom Varão como discreto  
Pela couve não quiz dar,  
Pegara de pão e carne,  
Começara de gastar.

« — Convidae-o vós, meu filho,  
P'ra comvosco ir ao quintal,  
Que se elle fôr mulher  
A' maçã se hade apegar.

Dom Varão como discreto  
Pelas maçãs não quiz dar;  
Pegara n'um limão doce,  
Começara de o gabar.

« Que rico limão cheiroso  
Para moças enganar!



—«Oh minha querida mãe  
 Já não ha que exp'rimentar.  
 Dom Varão como discreto  
 Pelas maçãs não quiz dar!  
 Pegara n'um limão doce;  
 Começou de o gabar :  
 Que rico limão cheiroso  
 Para moças enganar.  
 «—Convidae-o vós, meu filho,  
 P'ra ir comvosco á botica;  
 Que se elle mulher fôr  
 Hade se apegar ás fitas.

Dom Varão como discreto  
 Pelas fitas não quiz dar!  
 Pegara-se ao pano fino  
 Começou de o gabar :

«Oh que rico pano fino  
 Para uma farda talhar!  
 —«Oh minha querida mãe,  
 Já não ha que exp'rimentar !  
 Dom Varão como discreto  
 Pelas fitas não quiz dar...  
 «—Convidae-o vós, meu filho,  
 Para comvosco ir dormir,  
 Que se elle mulher fôr,  
 Não se hade querer despir.  
 —«E' meia noite passada,  
 Outra meia para vir;  
 Ande lá senhor amigo  
 Vâmo-nos deitar a dormir.  
 «Deixe-me, senhor amigo,  
 Não me queira affrontar,

Que na casa aonde habito  
Por mim estão a esperar.  
—«Oh minha querida mãe,  
Já não ha que exp'rimentar...  
«— Convidae-o vós, meu filho;  
Para com vosco ir nadar,  
Que se elle mulher fôr  
Não se hade querer botar.

Dom Varão como discreto  
Em bragas se foi botar;  
Levou-o lá tanto fóra  
Arriscado a o matar.  
Viu um barquinho na agua  
Começou de navegar:

«Donzella vim, e donzella vou  
O filho do rei como asno ficou.

---

13

### Romance da Donzella que se fina de amor

I — VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE (VELLAS)

A fortuna convidou-me  
P'ra ir com ella jantar,  
Em meza de sentimentos,  
Toalhinha de pesar:

«Dize-me tu, oh fortuna,  
Quando me hasde deixar?

— Quando se seccarem fontes,  
E rios que correm ao mar.  
«Fica-te embora fortuna,  
Que bem te podes ficar,  
Eu vou-me de terra em terra,  
E de logar em logar,  
Vêr se encontro um cavalleiro,  
O meu amor natural.

Indo por uma praça acima,  
Tres senhores vira estar :

«Beijo-vos as mãos, senhores,  
Cada qual no seu logar.  
Não pergunto por ermida,  
Nem por contas de resar,  
E' só por um cavalleiro  
Freguez do meu natural?  
— Namoremos a donzella  
Discreta no seu falar;  
Não pergunta por ermida,  
Nem por livros de resar;  
E' só por um cavalleiro  
Freguez do seu natural.  
—«O senhor Dom foi p'ra caça,  
Aqui não póde tardar;  
Mas se a pressa é muita  
Eu o mandarei chamar.  
«Elle a pressa não é muita,  
Tambem posso esperar.

Palavras não eram ditas  
O senhor Dom a chegar.

«—Que fazeis aqui, donzella,  
Terra do meu natural?  
«Meus suspiros c'os teus ais  
Me fizeram cá chegar!  
Dize-me tu, cavalleiro,  
Que dia vâmos casar?  
«— Quando te eu mandava prendas  
Não m'as quizeste acceitar;  
Quando t'eu falar queria  
Não me quizeste escutar.  
Quando eu quiz não quizeste,  
Agora que vens buscar?  
Agora, bella donzella,  
Está outra no teu logar;  
Tenho mulher mui gentil,  
Meninos para criar.  
«Bem a vejo acolá  
Com filhinhos de criar!  
Dae-me licença, senhora,  
Que eu o quero abraçar.  
—«A licença vós a tendes,  
Não vol-a posso negar.

Palavras não eram ditas  
Donzella: o foi abraçar;  
Ella caiu para traz  
Ali se deixou finir.

— Jesus! tamanha é a dôr,  
Jesus, tamanho o pesar;  
Cavalleiro, dá-lhe um beijo  
Que torna a ressuscitar.  
«—Nem com beijo, nem sem beijo  
Não torna a ressuscitar,

Ella já está tão fria  
Como o ferro natural.  
Venha cá minha mulher  
Conselho quero tomar;  
Que faremos á donzella,  
De ermida para a enterrar?  
—«O conselho que te dou  
E' que a mandes arrastar,  
Arrastar pelo cabelo,  
E lança-a n'aquelle mar.  
Vae andando, vae rolando,  
Irá ter ao seu logar.  
«— Esse conselho, mulher,  
Eu não o quero tomar;  
Eu inda tenho dinheiro  
Para a mandar enterrar.  
—«Carregae-a d'ouro e prata,  
Mandae-a deitar ao mar;  
Para que aonde ella chegue  
Ter com que a enterrar.  
— «Esse conselho não tomo,  
Esse não heide tomar;  
Ainda tenho uma ermida  
Para n'ella se enterrar;  
Esse ouro, essa prata  
Para com ella gastar.  
Heide fazer-lhe um enterro  
Como seja pae e mãe,  
Mandarei fazer uma cova  
Para a mandar enterrar;  
Os seus cabellos dourados  
Por fóra hãode ficar,  
P'ra todos os namorados  
Ali irem acabar.

Palavras não eram ditas  
Cavalleiro se finára;  
Enterrou-se um na capella,  
Outro ao pé do altar;  
A rainha com inveja  
Se mandára degolar;  
Aqui vereis vós menina  
O que é amor natural.

---

## 14

**Rosal-florido**

II — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE (RIBEIRA DE AREIAS)

— Rosa que estas na roseira,  
Manda-me um vintem de rosas;  
As abertas não as ha,  
Fechadas são mais formosas.  
«Vá-se embora cavalleiro,  
Não me queira attentar,  
Que o rosal é muito alto  
Não as posso apanhar.  
— Rosinha, dê-me licença,  
Que eu as irei apanhar!  
«Vá-se embora, cavalleiro,  
A má ida vá contigo;  
Pelo bafo que me botas  
Cheiras-me a lodo pudrido.  
— Volta, volta meu cavallo,  
A boa ida vá contigo!  
Pelo bafo que me cheira  
E' rosal enfiorecido.

Ao cabo de sete annos  
Rosinha d'ali partia,  
N'uma lanchinha de prata  
A par da Virgem Maria.  
Fôra ter a uma terra  
Onde gente não havia,  
Senão só duas senhoras  
Cada uma em seu lugar.

«Senhora, dae-me noticia  
Do que vos vou perguntar,  
Por um senhor estrangeiro  
Do meu paiz natural?  
—«Esse senhor foi p'ra caça  
Aqui não póde tardar.  
«Senhora, dê-me licença,  
Que eu me quero assentar.

Palavras não eram ditas,  
O senhor ali a chegar.

— Que fazeis aqui donzella  
De mi terra natural?  
«A vossa vinda, senhor,  
E' que me fez aqui chegar.  
— Quando eu quiz tu não quizeste,  
Está outra em teu logar,  
Aí tens a par de ti  
Um filhinho de criar.

Ella quando tal ouviu  
Logo ficou passada.

— «Pega-lhe pelo cabello  
E bota-a n'aquelle mar.  
— Esse conselho, mulher,  
Eu não o quero tomar;  
Ainda tenho prata e ouro  
Para com ella gastar.

Mandou fazer um moimento,  
Para o mandar enterrar;  
O seu cabello de fóra  
Para por elles chorar.

## 15

**Romance de Dona Helena**

I — VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE

Chorava Dona Helena,  
Chorava que rasão tinha.

— Que tendes, Dona Helena,  
Que estaes pósta a chorar?

«As saudades me apertam  
Pela casa de meu pae.

— Se isso é assim, Dona Helena,  
Cavallo mando sellar.

«Se o homem vier da caça,  
Quem o hade ir visitar?

— Vou eu, vou eu, Dona Helena,  
Vou eu em vosso logar;  
Em elle vindo da caça,  
Na caça lhe irei pegar.



Quando ella tal ouviu  
Tratou sim de caminhar ;  
Dona Helena caminhando  
Seu marido a chegar.

— «Que é da minha esposa Helena,  
Que me não vem visitar ?

— A tua esposa Helena  
Foi p'ra casa de seu pae ;  
A mim me chamou má velha,  
A ti filho de mau pae.

— «Se assim é, minha mãe,  
Trato sim de caminhar ;  
Viagem de outo dias  
Faço-a até ao jantar.

Mete esporas ao cavallo,  
Tratou sim de caminhar ;  
Chegou a casa do sogro,  
Seu cunhado a montar :

«— Dou-vos novas, meu cunhado,  
Que tendes filho varão!

— «Pois a mãe que o teve  
Ou o criará ou não !

N'aquelle mesmo tempo  
Mandou-a logo montar.

«Ai Jesus, vou tão fraquinha,  
Quem me dera confessar.

— «A quem deixas teus vestidos  
Que tu deixaste de usar ?  
«A' minha irmã mais velha,  
Que Deos lh'os deixe gosar.

— «A quem deixas tuas joias,  
Que tu deixas de' usar ?  
«A' minha irmã mais moça,  
Que Deos lh'as deixe gosar.  
— «A quem deixas o teu filho  
Que tu deixas de criar ?  
«A' perra de tua mãe,  
Causadora de meus males !  
— «Antes o deixes á tua,  
Que a minha t'o hade matar.  
«Oh que ermida é aquella,  
Que a vejo alvejar ?  
Chama-me um padre d'ella  
Que me quero confessar.  
— « Confessa-os a mim Helena,  
Que elles serão perdoados !  
«Confesso-te os mais miudos,  
Que os grandes não tem logar.

---

## 16

## Dona Helena

II — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE

Passeava Dona Helena  
Por um corredor acima ;  
Cantares que ella cantava,  
Ouvidos que a sogra ouvia.

— O que tens, oh Dona Helena,  
O que tens, oh nora minha ?

\*

«As saudades me matam,  
Que a casa de meu pae via !  
— Se as saudades te matam  
Caminha, caminha, e vae,  
No cavallo andaluz  
Que é ligeiro no andar.  
Viagem de outo dias  
N'uma hora a ides passar.  
«Se meu marido vier,  
Quem lhe porá de cear ?  
— Se teu marido vier  
Eu lhe porei de cear,  
A caça que elle trouxer  
Eu a saberei guardar.

— «Que é da minha esposa Helena,  
Que eu aqui deixei ficar?  
— A vossa esposa Helena  
Foi p'ra casa de seu pae;  
A mim me chamou má velha,  
A ti, filho de mau pae!  
Se quereis ir ter com ella,  
Caminha depressa e vae,  
No cavallinho andaluz,  
Que é ligeiro no andar;  
Viagem de outo dias,  
Fáze-l-a até ao jantar.

Elle por escada acima,  
Cunhado por ella abaixo :

«— Dou-te novas, meu cunhado,  
Tendes um filho varão.  
— «Essas novas que me daes  
Tanto me dá como não;

Porque a mãe que o teve  
Ou o criará ou não.  
Levanta-te, mulher minha,  
Vâmos para nossa casa.  
«Pois doentinha de uma hora  
P'ra onde heide caminhar?  
—«A viagem é d'outo dias,  
N'uma hora a vâmos passar.  
O cavallinho andaluz  
E' ligeiro no andar.  
«Olha para esse cavallo  
Como em sangue vae banhado!  
Vae banhado com o sangue  
Que d'este meu corpo sae!  
Pois que ermida é aquella  
Que eu vejo branquejar?  
Chamae-me um padre de missa  
Que me quero confessar.  
—«Confessa-te a mim, Helena,  
Que Deos te hade perdoar,  
Dos peccadinhos miudos,  
Que os grandes não tem logar.  
A quem deixas o teu fato  
Que t'ó haja de estimar?  
«A' minha irmã mais velha,  
Que Deos lh'ó deixe gosar.  
— A quem deixas o teu ouro,  
Que t'ó haja de estimar?  
«A' minha irmã mais moça  
Que Deos lh'ó deixe gosar.  
—«A quem deixas o teu filho  
Que t'ó haja de estimar?  
«A' perra de tua mãe,  
Causadeira de meus males.  
—«Tu não o deixes á minha,

Que ella t'ó hade matar ;  
 Deixa-o antes á tua,  
 Que ella t'ó hade criar ;  
 Com as lagrimas dos olhos  
 E' que t'ó hade levar,  
 Com a coifa da cabeça  
 E' que t'ó hade limpar.

### Romances de Joãozinho ou o Banido

I — VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE (VELLAS).

Joãozinho foi jogar  
 Uma noite de Natal,  
 Ganhou cem dobras d'ouro,  
 Marcadas e por marcar.  
 Matou um padre de missa  
 Revestido no altar !  
 Enganon sete donzellas  
 Que estavam para casar ;  
 E furtou sete castillos  
 Todos do passo real.  
 O seu pae quando tal soube  
 Quizera-o mandar matar ;  
 A mãe, como triste mãe,  
 Começou de prantear :

« Não mateis o nosso filho,  
 Que bem custou a criar ;  
 Mandae-o p'ra terras longés  
 Fóra do céu natural. »

Andando por terras dentro,  
Começou de perguntar:

— Aqui onde haverá pão  
P'ra este pobre mercar?  
— «N'esta terra não ha pão,  
Nem padeira p'r'o guisar.

Andando mais por diante,  
Começou de perguntar:

— Aqui onde haverá vinho  
Para este pobre mercar?  
— «N'esta terra não ha vinho,  
Nem se usa cultivar.»

Andando mais para diante,  
Começou de perguntar:

— Aqui onde haverá agua  
P'ra este pobre mercar?  
— «N'esta terra não ha agua  
Nem Deos destina a mandar.

Andando mais para diante,  
Começou de perguntar:

— Aqui onde haverá erva  
Para este pobre mercar?  
— «Nesta terra não ha erva  
Nem se usa a semeiar.

Foi tal a dor que lhe deu  
Que logo santo acabára.

**Flores e Ventos**

II — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE (SIBREIRA D'AREIAS)

Caminhou Flores e Ventos  
Uma noite de natal,  
Deshonrou sete donzellas  
Todas de sangue real!  
Arrasou sete cidades  
Que o pae tinha p'ra lhe dar;  
Matou seis padres de missa  
Revestidos no altar!  
Jogou cem dobrões de ouro  
Marcados e por marcar.  
Sua mãe quando tal soube  
Logo ao rei foi falar:

«Não o mateis, senhor rei,  
Que é o nosso filho carnal,  
Desterrae-o para longe,  
Longe do vosso reinado;  
Que não tenha pão, nem vinho,  
Nem comida o seu cavallo!  
— Se lhe eu não der castigo,  
Ou outro qualquer extranho,  
Já não sou imperador,  
Sou imperador de engano.

Andando de terra em terra,  
Começou de perguntar:

«— A senhora vende pão  
P'ra ajuda do meu jantar ?  
—«Eu não, senhor cavalleiro,  
Não o ha n'este logar.  
«— Senhora, vendeis cevada,  
Para dar ao meu cavallo ?  
—«Eu não, senhor cavalleiro,  
Não a ha n'este cerrado.  
«— A senhora me desculpe,  
Que eu sou um pobre vassallo.  
—«Deos o encaminhe, senhor,  
Não tenho que desculpar.

Sete annos andou em sella,  
Outros sete andou a pé,  
Foi acabar santamente  
Ao adro de Nazareth.

## 19

**Dona Branca**

III — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE (URZELINA)

Deos me dera ter a graça  
Além das ondas do mar,  
Que teve Flores e Ventos  
N'uma noite do Natal.  
Deshonrou sete donzellas  
Que o rei tinha p'ra casar !  
Abrazou sete cidades,  
Que o rei tinha p'ra lhes dar.  
Jogou cem dobras de ouro  
Que o rei tinha p'r'as dotar.



Tambem matou sete padres  
 Revestidos no altar!  
 O Rei quanto que o soube  
 Logo o mandou matar!  
 Sua mãe, que lh'o disseram,  
 Por elle foi apellar:

«Se deshonrou as donzellas  
 Sete tenho p'ra lhe dar;  
 Se abrazou sete cidades  
 Sete tenho p'ra lhe dar;  
 Se jogou cem dobras de ouro,  
 Eu cem tenho p'ra lhe dar.  
 Se elle matou sete padres  
 Deos lhe queira perdoar.  
 Vem-te cá, oh filho meu,  
 Que te quero amaldiçoar!  
 Que a mulher com quem casares  
 Nunca te seja leal.»

Caminha Flores e Ventos,  
 Longes terras foi casar;  
 Foi casar com Dona Branca  
 A mais linda do logar.  
 E d'ali a sete mezes  
 Tratara de caminhar;  
 Foi p'ras partes de Aragão,  
 Longes terras foi caçar.

Caminhara Dona Branca  
 Para o jardim passear;  
 Com agua n'um copo d'ouro,  
 Para o seu rosto lavar.  
 Passaram dois cavalleiros  
 Iam por lá a passar:

— Oh que rica Dona Branca,  
Deos ma dera namorar!  
«Vinde, vinde cavalleiros,  
Uma noite e outra não,  
Que o meu homem foi caçar  
A's partes de Aragão.

Mas d'ali a quinze dias  
Já para casa viera:

— Quem eram aquelles pombos  
Que 'stavam na minha janella?  
«Aquelles dois pombos, vosso  
Pae devia-os mandar.  
— De quem são os dois cavallos  
Que estavam no meu saguão?  
«Aquelles dois cavallos,  
Vosso pae cá os mandou.  
— Quem eram esses dois homens  
Que estavam na minha sala?  
«Matae-me homem, matae-me,  
Que a morte tenho ganhado.  
— Não te mato, Dona Branca,  
Mate Deos que te criou;  
Que isto tudo foram pragas  
Que a minha mãe me rogou.

**Dom Alberto**

IV — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE (ROSAES)

«Dom Alberto foi á caça  
Lá á terra dos Leões,  
Lá lhe apodreçam os ossos,  
Mais tambem os seus falcões.

Estando n'estas rasões,  
Dom Alberto a chegar:

— Que tendes, Dona Maria  
Que estaes tam descorada?  
Alguma traição se armou,  
Ou está p'ra ser armada!  
«Não é nada, senhor Alberto,  
Traição nenhuma é armada;  
Fui eu que perdi as chaves  
As chaves do cadeiado.

— Calae-vos, minha senhora,  
Calae-vos Dona Maria,  
Que se ellas são de prata  
Eu d'ouro vol-as daria.

Que cavallo é aquelle  
Que em minha loja rinchou?  
«E' o nosso, senhor Alberto,  
Meu irmão vol-o mandou.

— Pois que selim é aquelle  
Que no meu cabido está?  
«E' vosso, senhor Alberto,  
Meu irmão o mandou cá.

— Que espingarda é aquella  
Que no meu quarto está?  
«E' vossa, senhor Alberto,  
Meu irmão a mandau já.  
— Que esporas são aquellas  
Que na minha meza estão?  
«São vossas senhor Alberto,  
Mandou-vol-as meu irmão.  
— Que cavalleiro é aquelle  
Que em meu logar se deitou?  
« Matac-me, senhor Alberto,  
Gram traição se vos armou.  
— Não te mato, minha rosa,  
Pelo muito que te quero!  
Vou mandar chamar teu pae  
P'ra de ti ser entregue.  
— « Você se a não confessou  
Trate de se confessar,  
Que eu sou caçador do rei  
E mato caça real.  
Vim apanhar uma pomba  
Que pousou n'este logar.

---

## 21

*Flor de Marília*

V — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE

— Marília, flor das Marílias,  
Mais bella que o sol e a lua;  
Quizera dormir contigo  
Uma noite e mais nenhuma.

«Suba, suba cavalleiro,  
 Uma noite e mais nenhuma.  
 Meu marido foi p'ra caça  
 Para as partes de Aragão;  
 Disse que ia matar mouros,  
 Os mouros o matarão.

Estando ella n'estas praticas  
 Seu marido ao portão:

—«Que cavallo branco é aquelle  
 Que 'stá aqui no meu saguão?  
 «Aquelle cavallo é vosso,  
 E meu pae vol-o mandou.  
 —«Que espada nova é aquella  
 Que está n'aquella janella?  
 «Aquella espada é vossa  
 Para vós venceres guerras.  
 —«Que cavalleiro é aquelle  
 Que está no meu dormitorio?  
 «Elle é um irmão meu,  
 Irmão meu, cunhado vosso!  
 —«Se elle é um irmão teu  
 Porque me não vem falar?

Pegara no seu punhal  
 Logo para o ir matar.

«Não no mateis, meu marido,  
 Não no mates, Dom João,  
 Matae-me antes a mim  
 Que vos ando com traição.  
 Pegara no seu punhal  
 Metera-lh'o no coração;

Sangue que d'ella corria  
Fazia poças no chão.  
Elle o mandou ajuntar  
Com dor do seu coração,  
E o mandou enterrar  
Ao pé de um manjaricão.

— «Quebradas tivesse as mãos,  
E as cordas do coração ! »  
Quando viu as carnes bellas  
Derramadas pelo chão.

## 22

**Romances de Dom Aleixo**

I — VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE.

Levantou-se Dom Aleixo  
Da cama d'onde dormia,  
Chegou á sua janella  
A vêr que horas seriam.  
E' meia noite passada,  
Outra meia está por vir;  
São horas de caminhar  
A quem tem de seguir.  
Aleixo como valente  
Adiante caminhou;  
Encontrou um vulto preto  
D'onde se não assustou.  
— Que fazes, oh vulto preto,  
Que fazes, alma penada?

«Sou a morte, Dom Aleixo,  
Que te venho dar aviso;  
Que na côrte estão sete homens  
Para te tirar a vida!  
— Antes que sejam mais sete,  
Não fazem valentaria!

Aleixo, como valente  
Adiante foi seguindo;  
Os vira estar todos sete,  
Onde se não assustou.  
Chegou onde elles estavam  
D'esta sorte lhes falou:

— Que fazeis, oh gente nobre?  
Que fazeis, oh gente ouzada?

Elles como eram sete  
Nenhum lhe respondeu nada;  
Aleixo como valente  
Desembainhou sua espada.  
Levou a dois de um golpe,  
A trez de uma cutilada.  
Os outros dois que ficaram  
A cabeça lhe cortaram,  
E a levaram a sua mãe  
Na ponta da sua espada:  
Sua mãe quando tal viu,  
Começou de prantear:

— «Eu bem te avisei, filho,  
E melhor te aconselhava;  
Que as tuas saídas de noite  
Não davam ganho, nem nada.

— Conselhos de minha mãe  
Eu havia-os ter tomado;  
Antes quiz morrer d'amores,  
Do que deixar de amar!  
Peço a minha mãe,  
Faça bom enterramento;  
Uma sepultura de prata,  
Forrada de ouro por dentro.  
Perde quem serve os amores,  
Ganha quem os não servia;  
Perde quem anda de noite,  
Ganha quem anda de dia.

---

## 23

**Dom Aleixo**

II — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE

Na cidade de Hungria  
Passeava um cavalleiro;  
Cavalleiro, gente nobre,  
E' chamado Dom Aleixo.  
O chamado Dom Aleixo  
Uma noite que saia,  
Vira estar um Ermitão  
Oh bem alto, em demazia!

— Se tu és carne humana,  
Vae na minha companhia;  
Se tu és alma que pena,  
Eu te esconjuraria.  
«Eu não sou carne humana,



Que te vá em companhia ;  
Tambem não sou alma em pena  
Que tu me esconjurarias ;  
Sou a morte de Dom Aleixo  
Que te venho avisar,  
Na côrte estão sete homens  
Para a vida te tirar !  
— Antes que sejam outros sete  
Dom Aleixo não temia ;  
E juro por minha espada,  
Por a sagrada Maria,  
Vou cumprir uma promessa,  
Que fiz a Dona Maria.

Palavras não eram dadas  
As espadas retiniam.  
Quatro já estavam mortos  
E trez já eram feridos ;  
O mais pequenino d'elles  
Uma pedra lhe atiraria.

— Magano, não jogues pedras,  
Que é guerra de covardia ;  
Jogae a vossa espada  
Que é guerra de valentia !  
Se essa vossa vos não vale,  
Vos emprestaria a minha.

Aos gritos de Dom Aleixo  
Acordae, Dona Maria !  
Vós me matastes, senhora,  
Vossos irmãos não podiam.  
Dêem-me tinta e papel,  
Oh minha escrivanaria,  
Quero deixar os meus bens

Todos a Dona Maria,  
Que não morra por amores,  
Que foi porque m'eu perdi.

Mal de amores não tem cura,  
Que é um mal desesperado ;  
Quem morre de mal de amores,  
Não se enterra em sagrado.  
Enterra-se em campo verde,  
Onde vae pastar o gado.

## 24

**Romances de Claralinda**

I — VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE (RIBEIRA DE ARRÍAS)

— Claralinda está doente  
Vejo-a tão descorada?  
«Foi de um pucarinho de agua  
Que bebeu na madrugada.

Seu pae tanto que o soube  
Logo a mandou sangrar ;  
Mandou chamar tres donzellas  
P'ra com Claralinda estar.  
D'onde vinha uma d'ellas  
Mui liberal no falar:

«Claralinda está pejada,  
Já o não pode negar.

\*

Seu pae quanto que o soube  
Logo a mandou matar ;  
Todos os primos e primas  
Lá a foram visitar.

— «Todos os primos e primas  
Aqui me vem visitar ;  
Só não ha um primo de alma  
Que se dôa do meu mal,  
Que me vá levar uma carta  
A João de Gibraltar.

Respondeu-lhe o mais moço,  
O mais moço que ali estava :

«—Oh prima, apromptae a carta,  
Quero vol-a ir levar ;  
Se a jornada é de dez dias  
N'uma hora a quero andar.

Quando elle lá chegou  
'Stavam á mesa a jantar,  
Arrojaram-se as cadeiras  
Para o senhor se assentar.

«— Venho aqui com uma carta  
Não me quero assentar ;  
Claralinda está doente,  
Seu pae a manda matar.  
— Eu não se me dá que a mate,  
Nem que a mande matar,  
Da-se-me do ventre d'ella  
Que é filho de tão bom pae.

Respondera sua mãe  
A sua mãe que ali estava :

«Se isso tem algum remedio  
Filho, trata de lh'o dar.  
— Eu não lhe sinto remedio,  
Que remedio lhe heide dar?  
«Despe o vestido de seda,  
E veste habito saial,  
Dize que és um clérigo  
Que a queres confessar.

Quando elle lá chegou  
Já estavam p'ra matar.  
Já o theatro está feito  
Para ir a degolar.

— Tate, tate, bons algozes,  
Que eu quero aí chegar ;  
Que ella é menina e moça,  
Terá de que se accusar.

Primeiro lhe perguntou :  
— Vós a quem deveis amar?  
«Primeiro a Jesus do Céu,  
E a João de Gibraltar.  
— Os senhores dão licença  
Deixem-m'a ir confessar ;  
Ella pede sacramentos,  
Tem tempo de se emendar.

Entram pela porta travessa,  
Saíram pela principal...

— Embarque-se, senhora, embarque-se  
 Vâmos para Gibraltar!  
 Fica-te embora meu sogro,  
 Aqui não quero tornar;  
 Toda a filha da fortuna  
 Commigo queira embarcar,  
 A nossa cama está feita  
 Sobre as ondas do mar.

---

### Dom Carlos de Montealvar

II — VARIANTE DE RIBEIRA DE ARRIAS

Claralinda está presa,  
 Seu pae a manda matar;  
 Seu tio a veiu vêr,  
 Seu primo a visitar.

— Muito me pésa prima,  
 Muito me pésa o seu mal.  
 « Assim elle me não pése  
 E não me póde pesar,  
 Que o que anda em meu ventre  
 E' filho de bom pae.  
 Não se me dá de morrer,  
 Que eu nasci para acabar;  
 Dá-se-me do meu filhinho,  
 Que outra mãe não hade achar.  
 Não haver anjo no céo,  
 Para carta me levar,

A portos da Inglaterra  
A Dom Carlos Montealvar!

Appareceu um pombinho  
Na janella foi poisar:

— Dae-me cá essas cartas  
Que eu quero-as ir levar  
A portos de Inglaterra,  
A Dom Carlos Montealvar.  
Viagem de outo dias  
N'uma hora se hade passar.

Entrando pelo palacio  
Senhores á mesa a jantar;  
Apromptem-se as cadeiras  
Para o senhor se assentar.

— Não se apromptem as cadeiras  
Que eu não me venho assentar;  
Aqui tendes estas cartas  
Tratae já de as passar.  
Claralinda está presa,  
Seu pae a manda matar.

Entrou de lêr logo as cartas  
Entrou de as passar;  
As lagrimas eram tantas  
Que eram de par a par.  
Respondeu a sua mãe  
Lá da sala onde estava:

« — Anda filho, anda filho,  
Se tem remedio vae dar.

— « Como pôde ter remedio  
 Se elle já não tem logar?  
 « — Mete-te pelo convento,  
 Veste-te em trajo de frade,  
 Que ella é moça, é menina  
 Hade ter que confessar;  
 Debaixo da confissão,  
 Nada se pode negar.

— « Oh justiça, oh justiça,  
 Vós podeis bem descansar;  
 Claralinda é menina,  
 Hade ter que confessar!  
 Diga-me a minha menina  
 A quem deve de amar?  
 « Eu amo a Deos do céo,  
 E a Dom Carlos Montealvar;  
 Lá lhe mandei umas cartas,  
 Não lhe puderam chegar.  
 — « Diga-me a minha menina  
 A quem deve de amar?  
 Debaixo de confissão  
 Se um bejo me pôde dar?  
 « Não permitta Deos do céo,  
 Nem os santos do altar,  
 Onde o Conde poz os beiços  
 Que os ponha nenhum frade;  
 Nem vos posso dar um beijo  
 Porque eu vou a matar.  
 — « Dê-me a menina um beijo,  
 Que já não vae a matar.

Puzera-a no seu cavallo,  
 Tratou já de caminhar;

Passára por uma rua,  
A mãe á janella estava :

« Deos te guie cavalleiro,  
Deos te queira guiar ;  
Que livraste Claralinda  
D'ella não ir a queimar.

## 26

**Romances da Condessa**

I — VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE.

A Condessa teve um filho,  
Teve um só, não teve mais ;  
Foram offerecer ao rei  
P'ra saber e valer mais.  
Se o rei muito lhe queria  
A rainha muito mais.  
El-rei dava o bom vestido,  
A rainha o bom calçado ;  
Mandavam-no passear  
Com cavalleiros fidalgos.  
Os vassallos com inveja  
Ao rei foram-no accusar,  
Que elle estava e a rainha  
Debaixo de um laranjal,  
Elle em gibão de linho,  
Ella em rico saial.

— Corre, corre, cavalleiro  
Anda, vae-m'o apanhar ;



Logo que chegar aqui,  
Quero-o mandar castigar.

Mandou-lhe tirar as pernas  
Para lhe quitar seu andar;  
Mandou-lhe tirar os olhos  
Para mais não a mirar;  
Mandou-lhe tirar a lingua  
Para perder seu falar;  
Mandou-lhe tirar os braços  
Para mais não abraçar.  
Nem os olhos, nem a lingua  
Não lh'os quizeram tirar;  
Mandou-o deitar na praça  
Para ir a apedrejar.

— Passasse um anjo do céu,  
Novas a minha mãe levasse!  
Se não tivesse papel  
Sobre as azas lh'as levasse.

Passára um anjo do céu  
Voando pelo seu ar:

« — Oh moço dá-me uma carta  
Que t'a quero ir levar;  
Jornada é de oito dias  
Hoje lh'a vou entregar.

Chega a casa da Condessa  
Ella o mandou entrar;  
Mandou-lhe deitar cadeira  
P'ra com elle conversar.

« — Não quero sua cadeira  
Que me não venho assentar;  
Trago-vos novas, senhora,  
Bem custosas de vir dar!  
« Que fará a quem as ouve,  
Se são caras de contar!  
« — Trago-vos novas, senhora,  
Seu filho quer-se casar.  
« Diga-me o senhor menino  
Que tal é a qualidade;  
Se é filha de algum Duque,  
Ou de rei de Portugal?  
« — Pois não é filha de Duque,  
Nem de rei de Portugal,  
E' filha de um carneiro,  
Neta de um que talha carne.

Logo cobriu seu manto  
Começou de caminhar;  
Criados que vão com ella  
Não a podem alcançar.  
Quando lá chegou á praça  
Aquelle vulto viu estar;  
Metteu a mão no seu manto  
Para uma esmola lhe dar.

— Não quero vossa esmola  
Que lhe não posso pegar;  
Dae-me a vossa mão direita  
Que vol-a quero beijar!  
« Oh meu filho, oh meu filho,  
Quem vos fez tamanho mal?  
— Foram os vassallos do rei  
Que me foram accusar,  
Que eu estava mais a rainha

Debaixo de um laranjal,  
Eu em castello branco,  
Ella em rico saial.  
« Oh meu filho, oh meu filho,  
Tua morte vou vingar.

Fôra-se a casa do rei,  
Elle a mandára entrar :  
Mandára-lhe pôr cadeira  
P'ra com ella conversar :

« Senhor rei que é do meu filho ;  
Que eu o venho visitar ?  
— « O seu filho é na caça,  
E' na caça, foi caçar.

Botou seu manto p'ra traz  
Que queria desabafar :

« Não me soffre o coração  
Que não torne a perguntar,  
Senhor rei que é do meu filho  
Que o quero abraçar ?  
— « O seu filho é na caça,  
Aqui não pôde tardar ;  
Do meio dia para a uma  
Elle aqui hade ficar.  
« Não me soffre o coração  
Que não torne a perguntar :  
Senhor rei que é do meu filho,  
Que o venho visitar ?  
Que caça tão rigorosa,  
Tão custosa de apanhar . . .

Puchára do seu punhal,  
Logo ali o matára.

« Ali te fica, rainha,  
Manda-o agora enterrar ;  
Tambem te fica meu filho  
Para com elle casares.  
Fica-te embora meu filho,  
Tua morte está vingada,  
Que eu vou corrida da morte  
Da justiça arreada.

---

## 27

**Dom Pedro Menino**

II — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE

O Marquez tinha tres filhos,  
Tres filhos tinha o Marquez ;  
O rei os mandou chamar  
Cada um por sua vez.  
Do primeiro fez um Bispo,  
Do outro fez seu barbeiro ;  
Dom Pedro, por ser mais moço,  
Ficou para dispenseiro ;  
P'ra servir o rei á mesa  
Como triste maravilha,  
A princeza que o viu  
Logo d'elle se agradou.  
Seu pae assim que o soube  
Logo em carcere o fechou ;

A rainha que o soube  
Logo o mandou chamar :

« Que fazes aqui, sobrinho,  
Minha carne natural?  
— Estou preso por ter amores  
Com a princeza real.

Puchára da sua manga  
Esmola para lhe dar.

— Agradeço, minha tia,  
Não posso esmola pegar;  
El-rei me quitou as mãos  
Para esmolla não pegar;  
Tambem me quitou os braços  
Para amores não abraçar;  
Tambem me quitou a bocca  
Para amores não falar!  
Tambem me quitou os olhos  
Para amores não mirar!  
Diga lá a minha mãe  
Que me venha visitar,  
Nos dias em que nós estamos,  
Que é tempo de caminhar,  
Com seu mantinho no braço  
Sem o poder enfiar,  
Sua viola na mão  
Para seu filho tocar.

« Que fazeis aqui meu filho  
Minha carne natural?  
— Estou preso por ter amores  
Com a princeza real.

Puchára de sua manga  
Esmola para lhe dar.

— Agradeço, senhora mãe,  
Que não a possa acceitar;  
Que o rei me quitou as mãos  
Para esmola não pegar!  
Tambem me quitou os braços  
Para amor não abraçar;  
Tambem me quitou a bocca  
Para amores não falar.  
Tambem me quitou os olhos  
Para amores não olhar.  
« Tomae lá esta viola,  
Ide tocar um *baixão!*  
— Oh minha mãe tão cruel  
Tão dura do coração!  
Seu filho para enforcar,  
Manda tocar um *baixão!*  
Deos me dera um portador  
Que esta carta levara  
A' minha esposa Leonor.  
« Dá-me cá essas cartas  
Quero ser o portador.

Fôra-lhe bater á porta  
Mesa posta p'ra jantar:

« Oh El-rei, que é do meu filho,  
Com elle quero falar!  
— « Teu filho foi para a caça,  
Aqui não póde tardar!  
« Oh El-rei, que é do meu filho,  
Com elle quero falar.

— « Valha-te Deos, mulher,  
Mais o teu importunar ;  
Teu filho foi para a caça  
Aqui não póde tardar.  
« Que mal te fez o meu filho,  
Para o mandares matar ?

— Já os linhos enfiorem,  
'Stão os trigos em pendão !  
Ajuntem-se as moças todas  
No dia de Sam João ;  
Uns com cravos e rosas,  
Outros com manjaricão ;  
Aquelles que o não tiverem  
Tragam-me um verde limão.—

— « Vinde, vinde, minha filha  
Ouvir tão doce cantar ;  
Ou são anjinhos no céu,  
Ou são sereias no mar ?  
« Não são anjinhos no céu  
Nem são sereias no mar ;  
E' o Dom Pedro Menino  
Que o senhor pae manda matar.  
— « Se elle é Dom Pedro Menino  
Comvosco venha reinar !  
Tragam tinta e papel,  
Comvosco venha casar.

**Dom Pedro Pequenino**

III — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE

O Marquez tinha tres filhos,  
Tres filhos tinha o Marquez;  
O rei os mandou pedir  
Cada um por sua vez:  
O mais velho p'r'o vestir,  
O do meio p'r'o calçar;  
O mais moço d'elles todos  
Para o rei barbear.  
A princeza que tal soube  
D'elle se quiz namorar;  
O rei que tal soubera  
Quizera-o mandar matar;  
Manda-o meter n'uma torre  
Até elle ir degollar.

Passava um caçador  
A caçar caça real:

— Que fazeis aqui Dom Pedro,  
Minha carne natural?  
« 'Stou com sentença de forca,  
A'manhã vou a matar,  
Por uma fala de amor  
Que á princeza qu'ria dar.

Foi-se embora o caçador  
A caçar caça real:



— Eu trago noticias novas  
 As quaes as não posso dar;  
 Vi vosso filho na forca,  
 A'manhã vae a matar.

Ella, que ouviu aquillo,  
 Tratou já de caminhar;  
 Suas aias e criadas  
 Não a podem alcançar!  
 Os seus vestidos no braço  
 Sem os poder enfiar.

— « Que fazeis aqui meu filho  
 N'este escuro hospital?  
 « Estou com sentença de forca,  
 A'manhã vou a matar,  
 Por uma palavra de amor  
 Que á princeza queria dar.  
 — « Tomae-lá n'esta viola,  
 Toca-me n'ella um *baixão*,  
 Como vosso pae tocava  
 No dia de Sam João.

Dae vós a Deos tal mulher  
 Tão dura do coração!  
 Tem o filho para morrer,  
 Manda tocar um *baixão*.

« Oh dia, que eras um dia,  
 Oh dia de Sam João!  
 Quando todos os mancebos  
 Com as suas damas vão,  
 Uns levam cravos e rosas,  
 Outros um manjaricão;

Ai de mim, triste coitado  
'Stou n'esta escura prisão,  
D'onde não vejo sair  
O tão lindo claro sol.

O rei, que ia passeando,  
Cavallo mandou parar :

« — Que vozes do céu são estas,  
Que eu aqui ouço cantar?  
Ou são os anjos no céu,  
Ou as sereias no mar?

— Não são os anjos no céu  
Nem as sereias do mar,  
E' Dom Pedro Pequenino,  
Que meu pae manda matar!  
Eu o queria por marido,  
Se o pae m'o quizera dar.

« — Chama á pressa o carcereiro,  
Que á pressa o vá soltar;  
Ai o tens por marido,  
Deos vol-o deixe gosar.

### Romance do Conde Vano

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE (RIBEIRA DE AREIAS)

Passeava-se a Sylvana  
Por um corredor acima;  
Seu pae a estava mirando  
Da cama d'onde jazia;

Se ella mui bem passeava,  
Melhor romance fazia.

— Bem me pareces, Sylvana,  
Em traje de cada dia,  
Que a madre de vossa mãe  
Com quanto ouro havia.  
Bem podieis vós, Sylvana,  
Dormir commigo um dia!  
Que as penas do inferno  
Eu por vós as penaria.  
« Deixae-me ir ao meu quarto  
Vestir um novo vestido,  
Que este que agora tenho  
Tal cousa não commettia.

« Case-me, senhora mãe,  
Hoje n'este santo dia;  
Que um pae que Deos me deu  
De amores me commettia.  
— « Vosso pae é homem velho,  
Isso foi em zombaria.  
« Renego do seu zombar,  
Mais da sua zombaria;  
Case-me, senhora mãe,  
Hoje n'este santo dia.  
— « Filha, já não ha na côrte  
Um que vos merecia.  
« Eu mereço-me de um Conde,  
Marido de minha tia.  
Mandae vós cá chamar  
Para cá jantar um dia;  
Que depois da sobremeza  
Eu propria lhe falaria.

A rasão não era dita  
Criado á porta batia :

« — Senhor Conde está em casa?  
El-rei o manda chamar.  
— « Isso não é p'ra meu bem,  
Certo será p'ra meu mal.

Indo pela côrte dentro  
Mil cortezias fazia ;  
Mandaram-lhe pôr a mesa,  
Puzeram-lhe graves comidas.  
Atimante a sobremeza  
O seu prato de alegria :

« Alembra-te Conde, alembra-te  
O que fizestes um dia?  
= Eu tal cousa não me lembra,  
Nem isso me parecia.  
« Anda, vae para casa,  
Vae matar Dona Maria.  
= Saiba o senhor Rei Conde  
Que ella a morte não merecia.  
— Pega por agua dos pés,  
Por outras cousas que tal ;  
Se ella não a tiver prompta  
Rasão tens ; vae-a matar.

Foi-se o Conde para casa,  
Bem triste, bem anojado :

= Contae-me, Conde, contae-me,  
Contae-me das vossas magoas.  
— Como heide contar magoas,  
Senhora Dona Maria?

Se elle a ceia está prompta  
Eu ceiar quereria.  
= A ceia está já prompta  
Como d'antes succedia;  
Contae-me das vossas magoas,  
Como contas alegrias.

Foram-se assentar á meza,  
Nem um, nem outro comia;

— Como heide contar magoas,  
Senhora Dona Maria?  
Se a agua dos pés está prompta  
Eu lavar-me quereria.  
= A agua dos pés está prompta  
Como d'antes succedia.  
Contae-me das vossas magoas,  
Como contas alegrias.  
— Se a cama está feita  
Eu deitar-me quereria.

Foram-se deitar na cama,  
Nem um, nem outro dormia;  
As lagrimas de um e outro  
Toda a cama alagariam.

= Contae-me das vossas magoas,  
Como contaes alegrias.  
— Como vos contarei magoas,  
Senhora Dona Maria?  
O rei vos manda matar  
Para dar honra á filha!  
= E vós não lhe perguntastes  
Isso que remedio tinha?

— Isso lhe perguntei eu,  
Disse elle que não sabia.  
= Esse rei de mil diabos  
Que raiva me tomaria?  
Já me matou pae e mãe,  
E tres irmãos que havia.

Estando n'esta afflicção  
O rei á porta batia:  
A condessa não é morta?  
Senão elle a mataria.

— A condessa não é morta,  
Mas já está n'essa agonia.  
— « Mata Conde, mata Conde,  
Antes de uma Ave-Maria.  
= Deixa-me dar um passeio  
Da sala para o quintal;  
Adeos cravos, adeos rosas,  
Adeos flôr do laranjal!  
Deixa-me dar um passeio  
Da sala para o jardim,  
Adeos cravos, adeos rosas,  
Adeos flor do alecrim.  
Deixem-me dar um passeio.  
Da sala para a cosinha;  
Venham-me cá os escravos  
Que tanto bem me serviram,  
A'manhã servirão outra  
De mais alta senhoria.  
Venham-me cá os meus filhos,  
Que os quero abraçar;  
As palavras da madrasta  
Nunca os hãode acalentar;

Quando lhe pedirem pão  
Água fria lhe hade dar ;  
Quando lhe pedirem vinho  
Com um viminho lhe hade dar !  
Mama, mama, meu menino,  
N'este leite derradeiro ;  
Nunca tornarás a achar  
Uma mãe como a primeira.  
Chamem-me o filho mais velho  
Que eu o quero aconselhar,  
Que conselhos da madrasta  
M'o hãode escandalisar.  
Venha cá uma toalha,  
D'essas mais finas que houver,  
Para apertar a garganta  
Que o nosso rei assim quer.

Tocam os sinos na corte,  
Ai Jesus ! quem morreria ?  
Responde o infante do berço  
Que ainda falar não sabia :

« Alviçaras, senhor pae,  
Que eu as dou com alegria :  
Morreu a Dona Sylvana  
Pela traição que fazia ;  
Quiz descasar um casal,  
Cousa que Deos não queria.

## Romances de Gerinaldo

I — VERSÃO DA ILHA DE S. MIGUEL

« Gerinaldo, Gerinaldo  
Pagem do Rei bem querido;  
Porque não falas de amores,  
Que estás aqui só commigo?  
— Por eu ser vosso vassallo,  
Senhora, zombaes commigo?  
« Gerinaldo, eu não zombo,  
Falo de veras contigo.  
— Vós quando quereis, senhora,  
Que vá ao vosso serviço?  
« Das dez horas para as onze,  
Quando o rei 'stiver dormindo.

Ainda não eram dez horas  
Gerinaldo já erguido,  
Sapatinho descalçou  
A fim de não ser sentido;  
Foi á sala da Infanta  
Deu um ai mai dolorido.

« Quem é esse cavalleiro  
Das armas tão atrevido?  
— E' Gerinaldo, senhora,  
Que vem ao vosso serviço.  
« Levanta os cortinados,  
Vem-te aqui deitar commigo.



De beijinhos e abraços  
Hasde ser mui bem servido!  
Nada mais t'eu não prometto  
Que entre nós será sentido.

D'ali mais a poucochinho  
O rei andava erguido,  
Chamando por Gerenaldo,  
Que lhe dêsse o seu vestido.  
Andou de sala em sala,  
De postigo em postigo:

— « Gerenaldo não me fala,  
Gerenaldo é falecido!  
Ou Gerenaldo é morto,  
Ou traição tem commettido;  
Ou me está com a Infanta,  
A prenda que eu mais estimo.

Alevantou-se o bom rei,  
O seu vestido vestiu;  
Seus sapatos na mão  
P'ra o passo não ser sentido.  
Fôra de passo em passo,  
De castillo em castillo!  
Foi á cama da princeza  
Aonde elle nunca ia;  
Estavam cara com cara,  
Como mulher com marido!

— « Para matar Gerenaldo  
Criei-o de pequenino!  
Para matar a Infanta  
Meu reino fica perdido.

Pegára do seu punhal  
Entre elles ficou metido.

— Acordae, senhora Infanta,  
Que o nosso mal é sabido!  
O punhal de vosso pae,  
Entre nós está metido.  
« Cal'-te, cal'-te Gerenaldo,  
Que meu pae é meu amigo!  
Se elle te mandar matar,  
Applico que és meu marido;  
Se elle te mandar prender,  
Não hasde ser mal servido.  
Se elle te perguntar,  
Não lhe negues o partido :

— « Donde vens, oh Gerenaldo,  
Que vens tão descolorido?

— Venho de regar a horta  
Pela manhã do rocio.

— « Não me mintas Gerenaldo,  
Que nunca me has mentido!

— Venho de caçar a rôla  
Da outra banda do rio.

— « A rola que tu caçaste  
Já t'a tinha promettido,  
Pois toma-a por tua mulher,  
E ella a ti por marido;  
Se queria outro mais alto  
Tivera ella juizo!

**Girinaldo**

II — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE

« Girinaldo, Girinaldo,  
Pagem d'El-rei tão querido!  
Porque não trataes de amores  
Quando te achas só commigo?  
— Porque sou vosso vassallo,  
Senhora, zombaes commigo!  
« Girinaldo, Girinaldo,  
Pois eu devéras t'o digo.  
— Vós quando quereis, senhora,  
Que eu vá ao vosso serviço?  
Das dez horas para as onze  
Quando meu pae está dormindo.

Inda as dez não eram dadas,  
Girinaldo já erguido:  
Foi á porta da Infanta,  
Deu um ai muito sentido.

« D'onde vindes, cavalleiro,  
Das armas tão atrevido?  
— Elle não é cavalleiro,  
Nem traz armas atrevido;  
E' Girinaldo, senhora,  
Quem vem ao vosso serviço.  
« Aferra-te a essas cortinas,  
Vem-te cá deitar commigo.

Ainda bem não eram onze  
Já o rei andava erguido;  
Andava de sala em sala,  
De postigo em postigo  
A chamar por Girinaldo,  
Que lhe dêsse o seu vestido.

— « Girinaldo não me fala,  
Que lhe terá succedido?  
Ou Girinaldo é morto,  
Ou d'amores está rendido.

Foi-se á camara da Infanta,  
Aonde nunca tinha ido,  
Com seu calçado na mão  
Para menos ser sentido;  
E os achara estar dormindo  
Que nem mulher com marido.

— « Para matar Girinaldo,  
Criei-o de pequenino!  
Para matar a Infanta  
Fica o meu reino perdido.

Pegára do seu cutello  
Deixa-o entre ambós metido,  
Com a ponta para a filha  
Que a morte tinha merecido!  
Despertára Girinaldo  
Do somno adormecido:

— Acorda, oh bella Infanta,  
Já nosso mal é sabido!

O punhal de vosso pae  
Entre nós está metido,  
Com a ponta para vós,  
Que a morte tens merecido.

« Cal'-te, cal'-te, Girinaldo,  
Que meu pae é meu amigo!  
Vae-te botar aos seus pés  
Que elle te dará o castigo.  
Se te elle mandar matar,  
Carpir-te-hei por marido;  
Se elle te mandar prender,  
Canta que hasde ser ouvido :

— « Erguei-vos bella Infanta,  
Vinde ouvir lindo cantar ;  
Ou são os anjos no céo,  
Ou as sereias no mar?  
« Pois não são anjos no céo,  
Nem as sereias no mar;  
E' um triste prisioneiro  
Que meu pae manda matar.  
— « Dizei-me, bella Infanta,  
Se com elle queres casar?  
« Esse é o melhor dote  
Que meu pae me póde dar.  
— « Girinaldo, Girinaldo  
Tu foste bem atrevido!  
Hontem eras meu vassallo,  
Hoje és meu genro, querido;  
Hontem comias de parte,  
Hoje é á meza commigo.

**Romances da Filha Maria**

I — VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE.

— Escutae, se qu'reis ouvir  
Um rico, doce cantar!  
Devem de ser as marinhas,  
Ou os peixinhos do mar?  
« Elle não são as marinhas,  
Nem os peixinhos do mar;  
Deve de ser Dom Doardos  
Que aqui nos vem visitar.  
— Elle se fôr Dom Doardos  
Eu o mandarei matar!  
« Se o mandares matar,  
Mandae-me a mim degollar.

Quando Dom Doardos chegou  
O rei o mandou matar;  
E tambem o rei mandou  
A' princeza degollar.  
Elle se enterrou ás grades,  
Ella á porta principal;  
Ella se formou em arvor'  
Elle n'um pinho real;  
Um cresceu, outro cresceu,  
Ao ár foram-se abraçar.  
Seu pae tanto que o soube  
Os mandou logo cortar.  
Nunca houve ferramenta  
Que com elles podesse entrar;

Ella se tornou em pomba,  
Elle n'um pombo real;  
Um voou, outro voou,  
Longes terras foram dar.  
Ella se formou em ermida,  
Elle n'um altar real!  
Seu pae tanto que o soube,  
Logo os foi visitar.

« Ajoelhae, pae da minha alma,  
E começae a resar;  
Que eu sou a filha Maria  
Que não quizestes casar;  
Alimpae as vossas lagrimas  
Não caiam a este mar.  
Nunca haja pae, nem mãe,  
Que tal torne a augmentar:  
Apartar o matrimonio  
Que Deos tem para ajuntar.

### Dom Doardos

II — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE

— Chegae, Infanta, á janella,  
Ouvi um doce cantar;  
Ouvi cantar as sereias  
No meio d'aquelle mar.  
« Elle não são as sereias,  
Nem o seu doce cantar;

Elle é o Dom Doardos,  
Que a mim me vem visitar.  
— Se elle é o Dom Doardos,  
Heide mandal-o matar!  
« Se o mandares matar, pae,  
Mandae-me a mim degollar.

Mataram a Dom Doardos  
A' noite pelo luar;  
Degollaram a princeza  
Antes do sol arraiar.  
Enterrou-se um na capella,  
Outro á porta principal;  
D'ella nasceu oliveira,  
E d'elle um pinho real;  
Cresceu um e cresceu outro,  
Ao ár foram-se abraçar.  
O pae quando tal soube  
Logo os mandára cortar!  
Da oliveira corre leite,  
Do pinho sangue real.  
A rainha com inveja  
Mandara-os botar ao mar!  
Foram os barcos ao peixe,  
Nada de peixe pilharam;  
Viram estar uma Ermida  
C'uma santa no altar!  
Chamaram os padres todos  
Que a fossem baptizar,  
Que lhe fossem pôr por nome  
Sam João de Baixa-mar;  
Que a Senhora que está n'ella  
Fosse a Virgem do Pilar.  
Ajuntou-se muita gente  
Onde ia tambem seu pae;



Seu pae, quando lá chegou  
Começára de chorar.

« Calae-vos, pae da minha alma,  
Calae-vos, não choreis mais;  
Não haja pae, nem mãe  
Que tal torne a considerar,  
Desmanchar o casamento  
Que Deos tem para ajuntar.

## 34

## A Ermida no mar

III — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE

Maria, pondo a meza,  
Para seu pae vir jantar,  
Viu vir uma nau á vella,  
A' vella por esse mar.  
São os amores de Maria  
Que a vem enamorar!

— Se são amores de Maria,  
Eu não a quero casar!

Ella não se dá d'isso,  
O mandou apregoar;  
Seu pae quando o soube  
O mandaria matar.

« Se o mandares matar,  
Mandae-me a mim degollar.

Mandou-o matar a elle,  
E à ella degollar.  
O senhor se enterraria  
Antes do gallo cantar,  
E a senhora rainha  
Antes do sol arraiar!  
Um se enterrou na capella,  
Outro ao pé do altar;  
A um nasceu um craveiro,  
A outro um pinheiro real;  
Foram crescendo e andando,  
Se vieram a abraçar!  
Seu pae com toda a inveja,  
Os mandaria cortar;  
Da mais alta rocha que havia  
Os mandou botar ao mar.  
Andavam os marinheiros  
Tirando peixe do mar,  
D'onde viram uma Ermida  
Que a fossem baptisar.  
Ajuntou-se muita gente,  
Na companhia ía o pae;  
Seu pae, quanto que a viu,  
Começou de prantear:

« Que tendes pae da minha alma  
Que estaes tanto a chorar?  
Casamentos que Deos fez  
Não os faças desmanchar;  
Tudo o que tendes resado  
Seja á Virgem-do Pilar,  
Que esta é a vossa filha  
Que aqui está no altar.

**Romance de Flóra**

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE

— Bemvindo sejas, sobrinho,  
Sobrinho meu, muito amado,  
Muito folgo de vos vêr  
A esta casa chegada;  
Com esta vossa chegada  
Estou cheio de prazer,  
Dae-me p'ra cá essas cartas  
Que eu as quero ir lêr.  
Entrae, e ide falar  
A' vossa tia e á prima,  
Que hãode gostar de vêr-vos  
E estimar a vossa vinda?

«As mãos vos beijo, senhoras,  
Os céos vos queiram guardar;  
Sois vós minha prima Flóra,  
A quem tanto ouço gabar?  
— « Eu é que sou a Flóra,  
Eu é que sou essa tal,  
Mas a fama não condiz  
A' pessoa natural.  
Vinde tomar gasalhado,  
Que vos será importante;  
Haveis de vir mui caçado  
De um caminho tão distante.

Gasalhado foi tomar  
N'uma sala mui brilhante,

Ao pé d'onde Flóra ia  
A falar ao seu amante.  
Flóra se preparou  
Com seu lenço de volante,  
E como era de costume,  
Foi falar ao seu amante.

= Flóra, minha Flóra,  
Minha Flóra querida!  
Comtigo quero falar  
Uma vez por despedida:  
Outros amores te occupam,  
Tu amas com affeição,  
Em casa tens já morando  
Quem te rouba o coração,  
— « Quem te disse que eu amava  
A Felix com affeição?  
Meu amor sempre foi firme,  
Não muda minha eleição.  
= De certo mudas, Flóra,  
Eu t'o direi verdadeiro,  
Que em má hora entrou em casa  
Aquelle homem forasteiro.  
— « Que importa elle em casa assista,  
Se o meu amor está fóra;  
Se o meu coração é teu,  
Que assim m'o diz toda hora.  
= Ninguem se deve fiar  
Em palavras de mulher;  
Ellas mudam como o vento,  
Firme só em quanto quer.  
— « Não passes mais adiante,  
Que te não posso ouvir,  
Fazes-me dobrar a pena,  
Não me posso despedir.

= Adeos meu cravo rosado,  
Adeos minha branca flor,  
Adeos joia do meu peito,  
Adeos meu lindo amor ?

« Ouvi-me, senhor, ouvi-me,  
O que vos quero dizer,  
Para evitar certas cousas  
Que possam acontecer:  
Estava na minha cama,  
Estava eu já deitado,  
Ouvi uma voz mui doce  
A'quelle muro chegado.  
Levantei-me de repente  
Para me certificar ;  
Nas varandas das janellas  
Me fui pôr a escutar:  
Era minha prima Flóra  
Mais o seu bello amado,  
Que lhe falava de amores  
N'aquelle muro encostado ;  
Por pouco tempo falaram  
Mas em caricias de amor ;  
E do coração de Flóra  
Elle está possuidor.  
— Ainda que minha filha  
Amores queira tomar,  
Dará a mão a seu primo,  
Ou seu sangue derramar ?  
« Não vos convém, senhor,  
Partir tão acelerado,  
O casamento de Flóra  
Não está ainda ultimado ;  
Saíndo nós d'esta terra,  
Procurando outra nação,

O coração de Flóra  
Talvez perca esta afeição.  
— Oh Flóra, oh Flóra,  
Trata de te preparar,  
Que ás quatro horas da tarde  
Nos devemos embarcar?  
— « Que partida, senhor, é esta  
Sem nada se me dizer?  
Ainda a uma criada  
Não se deve isto fazer?  
— Também eu, com ser mais velho,  
Não sei tudo á vontade;  
Não me pediste conselho,  
Sendo de menor idade.  
Caminha Dona Flóra,  
São horas de embarcar;  
Pela tua má cabeça  
Terra alheia vou andar.  
— « Ainda que meu pae me mate,  
Me chegue á sepultura,  
Nunca deixo o meu amor,  
Com elle é minha ventura.  
Que partida tão cruel,  
Com tanta acceleração!  
Cá me fica o meu amor,  
Eu vou morrer de paixão!

O pae disse p'ra companha:  
Os musicos toquem que vão,  
Para alegrarem a Flóra  
De sua triste paixão.

— Principiemos tocando  
A nossa moda do mar:  
Quem ama sem reflexão

Vem a ter grande pesar!  
— « Oh coração magoado,  
Mais triste que a noute escura;  
Melhor fôra que este mar  
Fosse minha sepultura!

O filho faltou em casa,  
O pae o foi procurar;  
Foi dar com elle no muro  
Como um velho a caducar.

— Que tens meu amado filho,  
Que a vida te faz perder?  
= Perdi minha amada Flóra,  
Não a torno mais a vêr?  
— Foram n'uma romaria,  
Elles não devem tardar,  
Devemos dar tempo ao tempo,  
O tempo se deve esperar!  
= Senhor, não digaes isso  
Porque não me dá contento,  
O seu fim foi estorvar  
Fazer-se o meu casamento.  
— Córta já os teus cabellos,  
De pelles nos vestiremos,  
Correndo por toda a terra  
Flóra descobriremos.  
Embarcaram pae e filho  
Correram tudo por ella;  
Passando por certo rua  
Flóra viram á janella.  
— « Diga-me, senhor, d'onde é,  
Eu o quero conhecer,  
Se será da minha terra,  
Se d'ella se quer esquecer!

= Eu nasci na mesma terra  
Onde o amor vi nascer,  
Sam de partes da Hungria,  
Fugindo quero morrer!  
Essas partes da Hungria  
Hãode ter muito que vêr,  
Pois as do norte são frias  
Enfadonhas no viver.

— « A terra onde nasceu  
Muito o fez esquecer,  
O amor que lhe fugiu  
Não o sabe conhecer.

= O amor que me fugiu  
Eu bem o sei conhecer;  
Mas se elle me é firme  
Isso não posso dizer.

— « Suba, senhor, cá p'ra cima  
Que o quero receber,  
E fujâmos d'esta terra,  
Onde eu estou sem querer.  
Acudam, senhores, acudam,  
Justiça d'este logar;  
Os meus primeiros amores,  
No coração tem logar.



**Romance de Lizarda**

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE.

No jardim do seu recreio  
Passeava uma donzella,  
Tão linda, como engraçada,  
Como as mesmas flores bella ;  
Seus cuidados e disvellos  
Era no jardim das flores,  
Por não saber até ali  
Que haviam outros amores.  
Seu nome era Lizarda,  
Unica filha herdeira,  
Filha do rei d'Aragão,  
Por ser na casa a primeira.  
Saindo á tarde á caça  
A um monte que ali 'stava,  
A um monte sobranceiro,  
O principe á caça andava.  
Lizarda botou seus olhos  
Ao principe, como innocente,  
E já com settas d'amor  
Seu peito ferido sente.  
Quando o principe a viu  
Foi tal a inquietação,  
Que aos olhos lhe arrebentaram  
Lagrimas do coração.

« Trata já querida ama  
Minhas joias ajuntar ;

Que eu pertendo esta noute  
Com o principe me ausentar...

— Socegue vossa alteza,

Advirta que não convém,

Menos passear de cór

A troco de querer bem...

« Dizes bem, querida ama,

Bem discreta entre as flores,

Mas d'elle podes saber

Se por mim morre d'amores.

— Socegue vossa alteza,

Que isso fica á minha conta,

Que o principe que desejaes

Seus passos para nós monta.

— No mais alto d'este monte,

No meio d'este jardim,

Está uma flor de encanto

Parece-me a ser jasmim.

« Pois esse jasmim, senhor,

Que procura vossa alteza,

E' d'este jardim senhora,

E' d'este reino princeza;

Louca d'amores me diz

A saber o que quereis,

Que á noite áquella porta

Uma fala lhe dareis.

— Este anel, oh bella dama,

Por alviçaras offereço,

Se chegar a possuir

Esta flôr que não mereço.

« Adeos, senhor Dom João,

Haja segredo e cautella;

Que eu lhe dou minha palavra

D'esta ser sua flor bella.

— Oh sol, que a quarenta raios  
Luzes ao mundo vas dando,  
Apressa mais os teus passos,  
Que por amores 'stou penando.  
Chega, chega, noute escura,  
Dos amantes desejada ;  
Quero vêr a feliz pessoa  
D'aquella prenda adorada.

— Estás aqui, luz dos meus olhos,  
Minha linda prenda amada ?  
« Estou aqui luz dos teus olhos,  
Tua afeição adorada.  
— Dá-me cá esses teus braços  
E juntamente o querer ;  
Quero apagar o fogo,  
Que no peito sinto arder.  
« Heide dar-te alma e vida,  
Juntamente o coração ;  
Por firme e leal esposa  
Amor acceita esta mão.  
Adeos casa, adeos espelhos,  
Adeos pae da minha vida,  
Que hoje de ti se aparta  
Uma prenda tão querida.  
Fica-te embora Menónia,  
Minha leal companhia ;  
Se meu pae te perguntar,  
Pois que muito me queria,  
Dize-lhe que o amor me leva,  
A culpa que não é minha.  
Adeos meu jardim das flores,  
Minha fonte d'agua fria ;  
Que em quanto eu mais viver  
Te verei tam só lo dia.

## ROMANCES MARITIMOS

---

37

### Romances da Nau Catharineta

I — VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE

Ha sete annos e um dia  
Que andam na volta do mar !  
Já não tinham que comer,  
Já não tinham que manjar ;  
Botaram sola de mólho  
Para a poderem rilhar ;  
A sola era mui dura  
Não a poderam tragar.  
Botam sortes ao acaso  
A qual haviam matar !  
Cafu por infelicidade  
No tenente general.

— Arriba, p'riquito, arriba,  
A'quelle tópe real !  
Olha se vês minhas terras,  
Areias de Portugal ?  
« Eu não vejo vossas terras,  
Areias de Portugal ;  
Véjo tres espadas nuas,  
P'ra comvosco guerrear.  
Tambem aqui tenho uma,  
Ella me defenderá.

— Arriba, p'riquito, arriba,  
A'quelle tópe real,  
Olha se vês minhas terras,  
Que Deos te hade ajudar.  
« Alviçaras, senhor, alviçaras,  
Meu Tenente general;  
Já vêjo terras de Hespanha,  
Areias de Portugal.  
Tambem vêjo tres meninas  
Debaixo de um laranja:  
Uma doba fio de ouro,  
Outra fio de crystal;  
A mais pequenina d'ellas  
Essa perdeu o dedal.  
E vêjo cinco mulheres  
N'uma ribeira a lavar;  
E vêjo cinco marchantes  
No açougue a cortar carne,  
Tambem vêjo seis padeiras  
N'um forno a padejar.  
— Essas são as minhas filhas  
Todas tres te eu heide dar;  
Uma para te vestir,  
Outra para te calçar;  
A mais excellente d'ellas  
Para contigo casar.  
« Não quero as tuas filhas,  
Te custaram a criar.  
— Hei-te dar cavallo branco,  
Que é para tu passeares.  
« Não quero o teu cavallo  
Que é para tu passeares.  
— Hei-te dar tanto dinheiro,  
Não hade ter fim a contar.  
« Não quero o teu dinheiro

Que te custou a ganhar;  
Quero a Nau Catherineta  
Para n'ella navegar.

Ainda a troco d'essa Nau  
Inda ha muito que contar;  
Que sete annos e um dia  
Andou na volta do mar.

— Essa Nau já não é minha  
E' do Rei de Portugal;  
Que ella assim que lá chegar  
Elle a mandará queimar.

---

## 38

## A Nau Catherineta

II — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE (ROSAÉS)

Lá vem a Nau Catherineta  
Que tem muito que contar;  
Ha sete annos e um dia  
Sobre as aguas do mar!  
Já não tinham que comer,  
Já não tinham que manjar;  
Botaram sola de mólho  
Para ao domingo jantar;  
A sola era mui dura,  
Não a puderam rilhar.  
Botam sortes á ventura,  
A qual haviam matar!

A sorte caiu em preto  
Ao capitão general.

— Assobe acima gageiro,  
A'quelle tope real !  
Vê se vês terras de Hespanha,  
Areias de Portugal.  
« Não vêjo terras de Hespanha,  
Areias de Portugal;  
Vêjo tres espadas nuas  
P'ra cabeça te cortar.

Pensando que era verdade  
As sortes botou ao mar ;  
Tanta cutilada deram,  
Sem nenhuma lhe acertar.

— Assobe acima, chiquito,  
A'quelle tópe real ;  
Senão poderes assobir  
Pois Deos te hade ajudar.

Palavras não eram ditas  
Chiquito caiu ao mar ;  
Eram botes, e escaleres  
Sem o poder agarrar.

— Assobe acima, gageiro,  
Acima, á gávea real,  
Vê se vês terras de Hespanha,  
Areias de Portugal.

« Alviçaras, senhor, alviçaras,  
Meu capitão general ;

Já vêjo terras de Hespanha,  
Areias de Portugal;  
Tambem vêjo tres meninas  
Debaixo de um laranjal.  
Uma está lavrando ouro,  
Outra fio de crystal,  
A mais mocinha de todas  
Anda buscando o dedal.  
— Essas são as minhas filhas,  
Todas tres t'eu quero dar,  
Uma para te vestir  
Outra para te calçar;  
A mais bonitinha d'ellas  
Para contigo casar.  
« Não quero as tuas filhas,  
Deos vol-as deixe criar;  
O que te quero pedir,  
Se vós me quizeres dar,  
E' a Nau Catherineta  
Para n'ella navegar.  
— Essa Nau já não é minha,  
E' do Rei de Portugal,  
Elle, assim que lá chegar,  
Elle a mandará queimar.



## A Nau Catherineta

III — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE

Lá vem a Nau Catherineta,  
 Que traz muito que contar;  
 Ha sete annos e um dia  
 Sem nunca terra encontrar!  
 Já não tinham que comer,  
 Nem mais pouco que manjar;  
 Botaram sola de mólho  
 P'ra no domingo jantar.  
 A sola era mui dura,  
 Não a puderam rilhar!  
 Entraram a botar sortes  
 A qual haviam matar;  
 Todas as sortes caíram  
 No capitão general.

— Acima, gageiro, acima,  
 A'quelle tópe real!  
 Vê se vês partes de França,  
 Ou reinos de Portugal?  
 « Não vêjo partes de França,  
 Nem reinos de Portugal;  
 Vêjo tres espadas nuas  
 Que vem para vos matar;  
 Tambem aqui tenho uma,  
 Ella me defenderá.

Tornaram a botar sortes  
 A qual haviam matar,

Todas as sortes caíram  
No capitão general.

— Acima, gageiro, acima,  
Torna-te bem a afirmar!  
Vê se vês partes de França  
Ou reinos de Portugal?  
« O que vêjo são tres lanças  
Para te espostejar.

Tornaram a botar sortes  
A qual haviam matar;  
Todas as sortes caíram  
No capitão general.

— Acima, gageiro, acima,  
Que Deos te hade ajudar:  
Vê se vês partes de França,  
Ou reinos de Portugal.  
« Alviçaras, senhor, alviçaras  
Meu capitão general;  
Já vêjo terras de Hespanha,  
Areias de Portugal.  
Ribeirinhas a correr  
Lavadeiras a lavar;  
Bem vêjo fornos a arder,  
Padeiras a padejar.  
Tambem vejo tres meninas  
Debaixo de um laranjal;  
Uma fiando fio de ouro,  
Outra fio de crystal;  
A mais bonita de todas  
Anda buscando um dedal.  
— Essas são as minhas filhas,

Todas tres t'eu quero dar,  
Uma para te vestir,  
Outra para te calçar;  
A mais bonita de todas  
Para contigo casar.  
« Não lhe quero as suas filhas,  
Lhe custaram a criar!  
— Tambem te heide dar dinheiro  
Que o não saibas contar.  
« Não lhe quero o seu dinheiro,  
Pois lhe custou a ganhar.  
— Tambem te heide dar cavallo  
Para em terra passear.  
« Não lhe quero o seu cavallo  
Pois lhe custou a domar;  
Quero a Nau Catherineta  
Para no mar navegar.  
— A Nau Catherineta, amigo,  
Essa não t'a posso dar;  
Que ella assim que fôr em terra  
Logo irá a queimar.

---

### A Nau Catherineta

IV — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE

Lá vem a Nau Catherineta,  
Que traz muito que contar,  
Ha sete annos e um dia  
Que andam na volta do mar!

Não tinham já que comer,  
Nem tam pouco que manjar.  
Já mataram o seu gallo  
Que tinham para cantar.  
Já mataram o seu cão  
Que tinham para ladrar.  
Não tinham mais que comer,  
Nem tampouco que manjar.  
Botaram sola de mólho  
P'ra no outro dia jantar.  
A sola era muito dura  
Não a puderam rilhar.  
Botaram sortes ao fundo  
A qual haviam matar,  
A primeira que caiu  
Foi ao capitão general.

— Arriba, gageiro, arriba,  
Arriba ao mastro real!  
Olha se vês minhas terras,  
Ou reinos de Portugal?  
«Eu não vêjo tuas terras,  
Nem reinos de Portugal,  
Vêjo tres espadas nuas  
Todas para te matar.

— Arriba, Pedro, arriba,  
Meu marinheiro leal;  
Olha se vês minha terras,  
Ou reinos de Portugal.

O gageiro lá em riba  
Em altas vozes gritára :

«Alviçaras, senhor, alviçaras  
Meu Capitão general!  
Que eu já vêjo as tuas terras  
E reinos de Portugal.  
Se não nos faltar o vento  
A terra iremos jantar.  
Lá vêjo muitas ribeiras,  
Lavadeiras a lavar;  
Vejo muito forno accêso,  
Padeiras a padejar.  
E vejo muitos açougues,  
Carniceiros a matar.  
Tambem vejo tres meninas  
Debaixo de um laranjal.  
Uma lavrando ouro,  
Outra a prata real;  
A mais bonitinha d'ellas  
Em procura do dedal.  
— Essas tres são minhas filhas,  
Todas tres t'eu heide dar.  
Uma para te vestir,  
Outra para te calçar,  
A mais bonitinha d'ellas  
Para contigo casar.  
« Não quero as tuas filhas,  
Que Deos t'as deixe gosar;  
Que eu tenho mulher em França,  
Filhinhos de sustentar;  
Quero a Nau Catherineta  
Para n'ella navegar.  
— A Nau Catherineta, amigo,  
Eu te não posso dar.  
Assim que chegar a terra  
Pois ella vae a queimar.  
Dar-te-hei tanto dinheiro

Que o não saibas contar.  
« Não quero os teus dinheiros  
Pois te custam a ganhar;  
Quero a Nau Catherineta  
Para n'ella navegar,  
Que assim como escapou d'esta  
D'outra ainda hade escapar.

---

40

### A Nau Catherineta

V — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE

A Nau Santa Catherina  
Nove annos andou no mar!  
Já não tinham que comer,  
Nem mais pouco que manjar;  
Botaram sola de mólho  
P'ra no domingo jantar.  
Ella era tanto dura,  
Não a poderam rilhar.  
Pegaram a botar sortes  
A qual haviam matar;  
As sortes caíram todas  
Ao Capitão general.

— Affirma-te, Pedro, affirma-te,  
Torna-te bem a affirmar,  
Olha se vês nossas terras  
Ou reinos de Portugal?  
« Eu não vêjo vossas terras  
Nem reinos de Portugal,

Vêjo duas 'spadas nuas  
Que são para te matar.

Pegaram a botar sortes  
A qual haviam matar ;  
As sortes caíram todas  
Ao capitão general.

— Afirma-te, Pedro, afirma-te,  
Torna-te bem a afirmar ;  
Olha se vês nossas terras  
Ou reinos de Portugal ?  
« Vêjo rios a correr,  
Lavadeiras a lavar ;  
Tambem vêjo trez donzellas  
Debaixo de um laranjal ;  
Uma caíu-lhe a agulha,  
Outra caíu-lhe o dedal ;  
Ergueu-se a mais mocinha,  
Ergueu-se, foi-lh'os buscar.  
— Se ellas forem minhas filhas,  
Todas trez t'as quero dar ;  
Uma para te vestir,  
Outra para te calçar  
A mais bonitinha d'ellas  
Para contigo casar.  
« Não quero as vossas filhas,  
Deos vol-as deixe lograr,  
Quero a Nau Catherineta  
Para n'ella navegar.  
— Afirma-te, Pedro, afirma-te,  
Torna-te bem a afirmar ;  
Se o vento nos fôr á pôpa  
Em terra havemos jantar.

Se elle nos não fôr á pôpa  
Nós hemos lá ir cear.

Capitão pilhou-se em terra  
De Pedro não fez mais caso!  
Pedro p'la palavra dada  
Foi-se meter no quintal.  
As tres filhas á janella,  
Do Capitão general,  
Respondera uma d'ellas :

— « Está um homem no quintal.  
Rospondeu uma outra :  
« — Nós hemos il-o matar.  
Caminharam todas tres  
Com suas tochas accesas,  
E bordões de laranja;  
Deram-lhe tanta pancada  
Que elle se não pode virar.  
Foi ter com um confessor  
Para este o confessar :

— O' Pedro quem te fez isto,  
Que te causou tanto mal.  
« Foram essas tres filhas  
Do Capitão general.  
A mais velha é Maria,  
A do meio Brianal,  
A mais moça Flor-do-Dia  
Com quem eu quero casar.



**Romance da Bella Infanta**

I — VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE (ROSAES.)

Estando a bella Infanta  
No seu jardim assentada,  
Com pentes de ouro na mão  
Seu cabello penteava.  
Correra os olhos ao mar  
Vira vir tão linda Armada ;  
Capitão que n'ella vinha  
Tanto bem a governava.

«Dize-me tu, Capitão,  
Dize-me pela tua alma,  
Marido que Deos me deu  
Se o trazes na tua alçada?  
— Não o vi, nem o conheço,  
Dae-me os signaes que levava.  
«Levava cavallo branco,  
Com sua sella dourada,  
Na ponta da sua sella  
Um Christo d'ouro levava ;  
Na copa do seu chapéo  
Laço de fita encarnada.  
— Bem o vi, bem o conheço !  
Com vinte e cinco facadas,  
Lá ficou morto na guerra  
De outras tantas estocadas :  
A mais pequena de todas  
Era a cabeça cortada.  
«Ai de mim, triste viuva !  
Ai de mim, triste coitada !

Tres filhinhas que eu tenho  
Sem nenhuma ser casada!  
— Sou soldado ando na guerra,  
Não habito por aqui;  
Que darieis vós, senhora,  
A quem o trouxesse aqui?  
«Dera-lhe tanto dinheiro,  
Que no contar não tem fim!  
— Não quero o vosso dinheiro,  
Que não me convem a mim!  
Que mais darieis, senhora,  
A quem o trouxesse aqui?  
«As telhas do meu telhado,  
Que são de ouro e marfim;  
Tres moinhos que eu tenho,  
Todos tres os dera a ti:  
Um é de moer canella,  
Outro de moer farinha;  
Dos trez moinhos que tenho  
O outro móe *gerzelim*.  
— Não quero as vossas telhas,  
Não quero os vossos moinhos;  
Sou soldado, sirvo o rei,  
Não assisto por aqui.  
Que mais darieis, senhora,  
A quem o trouxesse aqui?  
«Trez filhinhas que eu tenho,  
Todas trez t'as dera a ti,  
Uma para te vestir,  
Outra para te calçar;  
A mais bonitinha d'ellas  
Para comtigo casar.  
— Não quero as vossas filhas,  
Que me não convém a mim!  
Sou soldado, sirvo o rei,

Não assisto por aqui.  
Que mais dariéis, senhora,  
A quem o trouxesse aqui?  
«Valha-me Deos! Deos me valha,  
Isto já não leva fim!  
Não tenho mais que te dar,  
Nem tu mais que me pedir.  
— Vós tendes mais que me dar,  
E eu mais que vos pedir:  
Vosso corpo bem gentil  
Para com elle dormir.  
«Cavalleiro que tal diz,  
Hade mister arrastado  
A' roda do meu jardim,  
Ao rabo do meu cavallo.  
Abaixo, pretos, abaixo,  
Matem-m'o agora qui;  
Que eu abaixarei meus olhos,  
Farei que o não vi.  
— Alto, alto meus criados,  
Que criados são de mim!  
«Se tu és o meu marido  
Ai não zombavas commigo.  
— Se o queres saber ao certo,  
Anda, vamos ao jardim  
O anel de sete pedras  
Que eu contigo reparti,  
Mostrae-me a vossa ametade,  
Pois a minha eil-a aqui.  
«Se tu és o meu marido  
Que me vem experimentar,  
Se eu a morte te mereci  
Podes-me agora matar.  
— A morte me não merecestes,  
Sempre me foste leal.

**Romance de Flor do Dia.**

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE.

Eram trez irmãsinhas,  
Todas trez de um parecer;  
Ensinavam umas ás outras  
A bordar e a coser.  
A mais velha respondeu :

«Irmãs, vâmo-nos deitar;

A do meio respondeu :

— Anda um homem no quintal.

A mais moça respondeu :

— «Irmãs, vâmol-o matar.

Foram com tochas accezas  
E seus paos ao laranjal;  
Deram-lhe tanta pancada,  
Fica em risco de escapar.  
Lá pela meia noite  
Começou de engatinhar,  
Foi ao hospital de Sam Bento :  
Se o queriam confessar?

— Oh amigo, oh tyranno,  
Quem te fez tamanho mal?  
« — Foram as trez irmãsinhas

Que Deos as livre do mal,  
A' mais velha chamam-lhe Anna,  
A' do meio Lealdade;  
A' mais moça Flor do Dia  
Com quem eu queria casar.

---

43

### Romance de Dona Maria

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE

Eu era a filha de um rei,  
Chamada Dona Maria;  
Amava um capitão  
Pelo bem que me elle queria.  
Meu pae tanto que o soube  
Dava-me muita má vida,  
Dava-me o pão por onça,  
E a agua por medida;  
Mandou botar um pregão  
Por toda a cidade acima,  
Calafates, carpinteiros  
Se juntassem n'esse dia,  
Para fazer uma nau  
Para ir Dona Maria.  
Calafates eram muitos,  
Deram-na feita n'um dia;  
Metteram-lhe mantimentos  
Para sete annos e um dia,  
Deitaram-na n'esses mares  
Sem velas, nem remaria,  
Dona Maria foi n'ella,  
Só sem a mais companhia.

Chegou lá a uma terra  
Onde gente não havia,  
Senão um Ermitão santo  
Que vida santa fazia.

— Quem te trouxe aqui, mulher,  
A fazer perder minha vida?  
«Vá d'aí, Ermitão santo,  
Mais a sua santa vida,  
Que o vento que aqui me trouxe  
Outra vez me levaria.  
Carrega, vento, carrega,  
Obedece marezia,  
Levae-me á minha terra  
Que isso era o que eu queria.

Estando o rei á janella  
A' hora do meio dia,  
Vira entrar uma nau  
Sem vela, nem remaria.

— «Dizei-me que nau é aquella,  
Que entra sem licença minha?  
«E' vossa filha, senhor,  
Chamada Dona Maria.  
— «Pois se ella é minha filha  
Quero-a ir visitar:

— «Dize-me tu, filha minha,  
Como passastel-o mar?  
«Os mares me cataram honra,  
E os ventos cortezia,  
E os anjos iam de noite  
Para minha companhia;

Iam com uma hora de sol,  
E vinham com outra de dia,  
E a Virgem me chamava  
Sua donzella Maria

---

### Dom João da Armada

I — VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE (RIBEIRA DO NABO.)

Sua alteza, a quem Deos guarde,  
Aviso mandou ao mar,  
Que se aparelhasse o Conde  
Para de noite largar.  
Dom João se aparelhou  
N'uma fragata mui bella,  
Para em pino do meio dia  
Pegar a largar á vella.  
Em pinos do meio dia  
Deitou a peça de leva,  
P'ra a companha se ajuntar  
Que queria dar á vella.  
Uns a saltarem p'ra bordo,  
Outros no caes a chorar,  
Com saudades da terra  
Não ouzavam embarcar.

— Deixae-vos ficar em terra  
Homens de maior idade,  
Deixae ir a mancebia  
Que vae para o mar brigar.

A' partida da galera  
 Houve taes gritos e choros !  
 Capitão e Commandantes  
 Todos se encheram de dores.  
 Entrando pelo mar dentro  
 Ouviram grandes terrores :  
 Eram Mestres, Contra-mestres  
 Amostrando os seus valores.  
 Indo mais pelo mar fora  
 Ouviram tinos de prata :  
 Oh que rico commandante,  
 Leva esta real fragata.  
 Indo mais pelo mar fóra  
 Onde terras se não viam,  
 Chegou a armada uma á outra,  
 Lá em pinos do meio dia.

— Dize-me alferes da bitante  
 Que na retaguarda vinha,  
 Dize-me alferes habitante  
 Galeras que traz Turquia?  
 «Se me perdôas a morte  
 Dom João, eu t'ó diria ;  
 Novecentas e oitenta  
 Galeras que traz Turquia.

Pegara em Jesus nas mãos,  
 De pôpa á proa dizia :

— Sondes neto de Santa Anna,  
 Filho da Virgem Maria!  
 Vós, Senhor, não permittaes  
 Que eu vá parar á Turquia,  
 Nem permittaes que alperros  
 Se encham de valentia ;



Nem os fracos portuguezes  
Se encham de cobardia.

Chegou a armada uma á outra  
Lá em pinos do meio dia!  
As ballas que lhe atiravam  
Tornavam-se mosquetaria;  
As que Dom João lhe atirava  
Eram de grande valia.  
As cabeças pelos ares  
A luz do sol encobriam.  
Oh Jesus! oh tanto sangue  
Nem um pingo d'agua havia!  
Mandou o gageiro acima  
Para vêr que descobria?  
O gageiro lá de cima  
Que em altas vozes dizia:

— «Alviçaras, senhor, alviçaras,  
Alviçaras com alegria!  
De novecentos e oitenta  
Só uma galera havia.  
Leva a bandeira de rasto  
A' pôpa atraz rendida;  
E rendida traz a pôpa  
Só para desprezar Turquia.

Ainda a Nau não apontava  
Lá na barra de Lisboa,  
Já diziam: vem a armada  
Com o scetro mais a corôa.

« — Dize-me Alferes da bitante  
Que na reta-guarda vinhas,

Quem venceu esta batalha,  
Que era de tanta valia ?  
«Foi Dom João rei da armada,  
Que é o rei da valentia.  
Capitão e Commandantes  
Vâmo-nos para a Turquia,  
Vâmos fazer um rei novo  
D'esta nossa fidalguia.

---

45

### Dom João Rei da Armada

II — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE (RIBEIRA D'ARCIAS)

Dom João se preparou  
'Numa fragata mui bella!  
Atirou peça de leva  
Que queria gente n'ella.

— Oh homens do mar mais velhos  
Não vos queiraes embarcar;  
Deixae ir a mancebia  
P'ro meio do mar brigar!

Oh que choro vae no porto,  
Apartamento no caes;  
Choram os paes pelos filhos,  
Não os tornam a ver mais.  
Oh que choro vae no porto  
Ao partir dos mareantes;  
Choram as mães pelos filhos,

\*

As secias pelos amantes.  
Oh que choro vae no porto,  
Ao embarcar dos soldados;  
Choram os paes pelos filhos,  
As secias p'los namorados.  
Ao ir das lanchas a bordo  
Ouviu-se grandes terrores:  
Eram mestre e contra-mestre  
Amostrando os seus amores.  
A içar panos acima  
Com seus apitos de prata!  
Oh que ricos mandadores  
Traz esta real fragata.  
Já estavam em mar largo  
Onde terras não havia:

— Acima, acima gageiro,  
Vae vêr o que descobria!  
«Gageiros da nossa Nau  
Alimpem a artilheria,  
Que aqui para a nossa Nau  
Vem uma combataria.

«Aonde vinha um *belchor*  
Que na retaguarda vinha:

— Dize-me tu, oh *belchor*,  
Que navios traz Turquia?  
«Se Dom João me perdôa  
Eu tudo lhe contaria!  
Novecentas e oitenta  
Galeras traz a Turquia,  
Fóra doze naus de linha  
Que trazem a fidalguia.

Pegára em Jesus nos braços  
Da ré p'ra prôa dizia :

— Vós sois neto de Santa Anna,  
Filho da Virgem Maria!  
Vós não permittaes, Senhor,  
Que morra tal christandia!  
Morrám esses mouros perros  
Bem cheios de phantazia.

O que elles de lá botavam  
Tornou-se em mosquetaria ;  
O que elle de cá botava  
Lindo emprego fazia.

• Pelas duas horas da tarde,  
Passado do meio dia :

— Acima, acima gageiro,  
A vêr o que descobria !

O gageiro lá de cima  
Em altas vozes dizia :

« Tanto sangue derramado,  
Já nenhuma agua havia !  
Cabeças por esses ares  
Sol e lua encobriam.  
De novecentos e oitenta  
Só uma galera havia ;  
Leva seus mastros quebrados,  
Suas vellas vão rendidas,  
Leva bandeira de rastos  
Só p'ra desprezar Turquia.

— Leva novas, leva novas,  
 Micheriqueira afamada,  
 Leva novas a el-rei Turco  
 Que sua armada é tomada.  
 — «Eu não se me dá dos navios,  
 Eu outros de pau fazia;  
 Dá-se-me da gente d'elles  
 Que era a flor da bizzarria.

Dom João mal apontava  
 Contra a barra de Lisboa:  
 Já lá vem Dom João da Armada,  
 Traz o sceptro mais a corôa.

### Batalha De Lepanto

III — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE (VELLAS)

Sua alteza, a quem Deos guarde,  
 Aviso mandou ao mar,  
 Que se aparelhasse o Conde  
 Para uma manhã largar.  
 O Conde se aparelhou  
 De uma maneira tão bella!  
 Pela meia noite em ponto  
 Atirou peça de leva.  
 As lagrimas eram tantas  
 Em riba d'aquelle caes;  
 Choram as mães pelos filhos  
 Que vão para nunca mais.  
 Chegando á dita Nau

Ouviram grandes terrores :  
Eram mestre e contra-mestre  
Amostrando os seus valores.  
Oh que rico Commandante  
Leva esta real fragata,  
Tocando novos apitos  
Encastoados em prata.  
Oh que rico Commandante  
Leva este real thesouro,  
Tocando novos apitos  
Encastoados em ouro.

Caminhara Dom João  
Na sua viagem sêguida;  
Era meio dia em ponto  
Mandou gageiro acima.  
O gageiro subiu logo  
Para vêr que descobria,  
O gageiro lá de cima  
Em altas vozes dizia :

«Safa, safa Dom João,  
Safa a tua artilheria,  
Que aqui vem tamanha armada  
Que o sol e a lua encobria.

Dentro da mesma armada  
Um arrenegado vinha ;  
Empenhando as suas barbas,  
Dom João lh'o pagaria !  
Dom João que tal ouvira  
De tristeza se cobria ;  
Pega em Jesus nos seus braços  
De pôpa á prôa corria :

— Sondes neto de Santa Anna,  
Filho da Virgem Maria;  
Não permittaes vós, Senhor,  
De eu acabar em Turquia!  
Não permittaes que os mouros  
Se encham de phantazia;  
Não queiraes que os vossos filhos  
Se encham de cobardia!  
Chegou a armada uma á outra  
Em pino do meio dia;  
A fumaria era tanta,  
Nem uns, nem outros se viam.  
Bala que Dom João botava,  
Era de ferro, rendia;  
Bala que elles deitavam  
Tornava-se em mosquetaria  
A sangreira era tanta  
Que pl'os embornaes corria.  
Era tanta a gente morta  
Os navios empeçariam.  
De setecentós e oitenta  
Só uma galera havia;  
Com os seus mastros quebrados,  
O seu garupés rendido;  
Com a bandeira de rastos  
P'ra desprezo da Turquia.  
Chegando á sua terra  
Ancoram em francaria;  
O seu rei que o ouvira  
Pergunta que succedia.

«Foi o Dom João da Armada  
Que a todos meteu a pique.

O rei lhe respondeu :

— «Não se me dá dos navios,  
Eu outros melhores faria ;  
Dá-se da minha gente,  
Que era a flor da Turquia.  
Quem venceu esta batalha,  
Que era de tanta valia ?  
«Foi o Dom João da Armada,  
Que era o rei da valentia.

---



## ROMANCES MOURISCOS

---

47

### Romance do Moiro atraído

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE.

— Vesti-vos vós, minha filha,  
Vesti-vos d'ouro e prata ;  
Detende-me aquelle Moiro  
De palavra em palavra.  
As palavras sejam poucas,  
Sejam bem arrematadas,  
Essas poucas que lhe deres  
Sejam de amores tocadas.

« Bem vindo sejas, bom Moiro,  
Melhor a vossa chegada !  
Ha sete annos, oh bom Moiro,  
Que sou tua namorada.  
— « Ha sete annos, vae em oito  
Que eu por vós cinjo a espada  
« Se por mim cingís a espada  
Com vosco quero ir de casa.  
— « Se o fizerdes, senhora,  
Não sereis mal avisada ;  
Sereis rainha dos moiros  
Em minha terra estimada.  
« Se por mim cingís a espada  
Não digas que te fui falsa ;

Que eu vêjo vir cavalleiros,  
Sinto-lhe tocar as armas.  
Lá vêjo vir uma armada  
N'ella vejo vir um homem  
Que se parece meu pae.  
— «Eu não temo cavalleiros,  
Nem armas que elles tragam;  
Não temo senão Gabello,  
Filho da minha egua baia,  
Que o perdi em pequenino  
Andando n'uma batalha.

Chegados os cavalleiros  
Elle se foi na desfillada.

— Valha-me o Deos dos moiros,  
Em tão comprida lavrada.  
— Essa lavrada perro moiro,  
Fôra lavrada em Maio,  
Quando os bois andavam gordos,  
E os mancebinhos em bragas;  
Eram bois de cinco annos,  
Mancebos de vinte e quatro.  
— «Oh mal haja o barqueiro  
Que não tem a barca n'agua;  
Que a hora da minha morte  
Já para mim é chegada.

**Romances de Dom Franco**

I — VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE (ROSAES)

Lá no mais alto da serra,  
Em terra de massapez,  
Morava uma menina  
Chamada Dona Inez;  
Os seus paes a não davam  
A Duque, nem a Marquez.  
Passara um cavalleiro  
Lhe pagára e a levára;  
Chegou ao meio da serra  
A descansar se assentara.  
Fôra olhar para ella  
A vira estar a chorar :

— Que tendes Dona Inez,  
Que tendes, que 'staes a chorar?  
Se choraes por vossos paes  
Vós os não tornaes a vêr,  
Se choraes vossos irmãos  
Eu matei-os todos trez.  
«Eu não choro por meus paes,  
Se os não torno a vêr;  
Choro por meus irmãos,  
Que um d'elles era Marquez.  
Emprestae-me a vossa faca,  
Vosso cutello joanez,  
Que eu quero desmanchar gallas,  
Gallas que minha mãe fez.

Tomae lá a vossa faca,  
Vosso cutello outra vez,  
Que a morte de meus irmãos  
Está vingada a todas trez.

---

49

**Dona Inez**

II — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE

Lá por traz d'aquella serra  
Vae uma serra Monez,  
Onde vae uma menina  
Chamada Dona Inez,  
Que seu pae a não dava  
A Duque, nem a Marquez,  
Nem a dava por dinheiro  
Que se contasse n'um mez.  
Veiu o Duque da Turquia  
E furtou a Dona Inez.

«Dê-me cá, senhor Dom Franco,  
O seu punhal joanez,  
Que eu quero desmanchar gallas,  
Gallas que minha mãe fez.  
Tome lá senhor Dom Franco  
O seu punhal outra vez,  
Que eu quero vingar a morte  
De meus irmãos todos trez.

**Romances de Florbella**

I — VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE

Estava uma triste viuva  
Mettida em sua terra ;  
Ella tinha duas filhas  
Como duas flores bellas.  
Veiu um turco da Turquia  
E lhe pediu uma d'ellas ;  
Elle pediu a mais moça,  
Ella lhe deu a mais velha.  
Mandou-lhe talhar vestidos  
Ao uzo da sua terra ;  
Puzera-a no seu cavallo  
E caminhára com ella.  
No fim de trez semanas  
A casa da sogra viera :

— Deos 'steja comvosco, sogra.  
«Deos venha comvosco em bo' hora,  
Como está Branca-flor  
Filha minha e mulher vossa?  
— Muito doente na cama  
Com mil saudades vossas ;  
Manda-vos pedir Florbella  
Para sua companhia,  
Que está lá na terra alheia  
Onde ninguem a conhecia.  
«A Florbella eu não a dou  
Porque é menina donzella ;  
Da salla para a cosinha

Cuido que o vento m'a leva.  
— Florbella com seu cunhado  
Mal nenhum lhe viera.  
«Pois avia-e-vos, Florbella,  
Ide com vosso cunhado.

Mandou selar seu cavallo  
Ao seu lado a puzera.  
Indo no meio da serra  
Rasões d'amor teve com ella :  
«Olha turco da Turquia  
Olha turco arrenegado,  
Olha turco da Turquia  
Olha que és meu cunhado.

Elle que a razão ouviu  
Logo ali se apeiára,  
Tirou-lhe a lingua da bocca,  
E os olhos da sua cara.  
Os seus olhos lhe tirou  
Pelo mal que ella o olhara,  
A ponta da sua lingua  
Pelo mal que ella falava.

— Branca-flor ponde-me a meza  
Que aqui trago que jantar,  
A lingua de Florbella  
E os olhos da sua cara.

Branca-flor que tal ouviu  
Começou de prantear :

« — Oh mães que tendes filhas,  
Casae-as em vossas terras,  
Duas que minha mãe teve

Goso nenhum viu d'ellas :  
 Uma morreu nos caminhos,  
 A outra em tão longes terras.  
 Foi um turco da Turquia  
 Que é que foi o senhor d'ellas.  
 'Nesta terra não ha tinta,  
 Nem papel, por meus peccados ;  
 Nem aves que tenham penna  
 Para escrever meus cuidados.  
 Pastores que andaes aqui  
 Escrevei isto a mi madre ;  
 Se não tiveres papel,  
 No bastão d'esta bengala.

---

51

### A pobre Viuva

II -- VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE

Sendo uma pobre viuva  
 Dentro em casa arrecollida,  
 Tendo eu duas filhas bellas  
 Mais lindas que a prata fina ;  
 Estando ellas á janella  
 Passa o Duque da Turquia,  
 Me pedira uma d'ellas  
 Me pedira a mais bonita.  
 Eu lhe dera a mais velha,  
 Se foi embora com ella ;  
 Ao cabo de sete mezes  
 Não li tornára a apparecer :

« Oh de fóra, oh de dentro,  
Oh de dentro, quem está hi ?  
— Senhora, é o vosso genro,  
Senhora mandae-lhe abrir.  
« Se elle é o meu genro  
Eu mesmo lhe irei abrir,  
Como está Dona Angelica ?  
— A minha mulher é viva.  
Dona Angelica é doente  
Com as saudades que tinha,  
Florinda mandou buscar,  
Sua irmã p'ra companhia.  
« A sua irmã não a dou  
Que ella é menina donzilla.  
Cuido que o vento n'a leva  
Da sala para a cosinha.  
Mas como é com seu cunhado  
Eu posso deixal-a ir,  
Vão-lhe apromptar o cavallo  
Que ella se irá vestir.  
— « Requeiro de caminhar  
Por terras de povoado,  
Fosse pelos quintaes d'ella  
Não o attente o peccado.

Só com aquellas palavras  
Mui assombrado ficou !  
Cortou-lhe com a espada  
A lingua com que falou ;  
Tirou-lhe com a espada  
Olhos com que ella mirou.

— Põe a mesa, Dona Angelica,  
Que eu já trago que jantar,



Lingua de tua irmã Florinda,  
E os olhos da sua cara.

Dona Angelica que ouvira  
Logo caíra por terra :

= Toda a mãe que tiver filhas  
Não as case fóra da terra ;  
Minha mãe que teve duas  
Não viu mais nenhuma d'ellas,  
Foi o Duque da Turquia,  
Que é que foi o senhor d'ellas.  
Oh de fóra, oh de dentro,  
Oh de dentro, quem está aí ?  
— Senhora é um pastor,  
Má nova vos vem trazer.  
« Se ellas são ruins novas  
Diga-m'as logo d'aí.  
— Florinda que já é morta,  
E' morta, eu bem n'a vi !  
Aqui trago pá e enchada,  
Terra com que a cobri.

« Toma lá tinta e tinteiro  
Escreve n'essa bengala,  
Já que se perdeu o corpo,  
Que se lhe não perca a alma :  
Toda a mãe que tiver filhas  
Não case-as fóra da terra,  
Que eu tive duas e dei-as  
Fiquei sem nenhuma d'ellas.  
Foi o Duque da Turquia,  
Que é que foi o senhor d'ellas.

**Romances do Cativo de Argel**

I — VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE (VELLAS)

Os mouros me cativaram  
Entre a paz e a guerra ;  
Me levaram a vender  
Para Argelim, que é sua terra.  
Não houve perro, nem perra  
Que o comprar-me quizera ;  
Só o perro de um mouro  
A mim só comprar houvera.  
Dava-me tanta má vida,  
Tanta má vida me déra !  
De noite a moêr esparto,  
De dia a pisar canella ;  
Punha-me um freio na bocca  
Para eu não comer d'ella ;  
Mas parabens á ventura  
Da filha ser minha amiga ;  
Quando o perro ia á caça  
Commigo se divertia ;  
Dava-me a comer pão branco  
Do que o perro comia,  
Deitava-me em catre d'ouro,  
Junto commigo dormia.

« Christiano, vae a tu terra,  
Christiano, eu bem t'ó digo.  
— Como posso ir a mi terra,  
Se eu sou escravo e cativo ?

Um dia pela manhã  
Mil branquinhas me trouxera :

« Toma lá, meu bom Christiano,  
Resgate para tu terra.  
Pelo Deos que tu adoras  
Tu não digas a meu pae :

Palavras não eram ditas,  
O patrão era chegado.

— Vem-te cá, oh meu bom turco,  
Vem-me agora aqui ouvir,  
Toma lá este dinheiro  
Para me eu redimir.

— « Vem-te cá, meu bom Christiano,  
Dize-me aqui a verdade,  
Quem te deu esse dinheiro  
Para tua liberdade?

— Meu pae, é um pobre velho,  
Por mim anda desterrado ;  
As manas que eu tivera  
Por mim andam assoldadadas.  
Um irmão que eu tivera  
Sentou praça de soldado ;  
Me mandaram o dinheiro  
Para minha liberdade.

— « Oh vem cá, meu Christiano,  
Vem agora aqui ouvir,  
Eu te faria alferes,  
Capitão d'este reinado,  
Dera-te a cara mais linda  
Que em Argel ha afamado.  
— Como posso eu ser alferes,  
Capitão do teu reinado,

Se eu trago a Jesus Christo  
No coração retratado?  
— « Vem-te cá Angela, filha,  
Dize-me aqui a verdade!  
Se o bom do christiano  
A ti deve a liberdade?  
« Deixae-o vós ir o bom Christiano,  
Que elle a mim não deve nada,  
Se não a flôr de mi bocca,  
Que a dou por bem empregada.  
Abre-me aquella janella,  
Fecha-me aquelle postigo,  
Deos que me fez tão bella  
Deos me hade dar marido.

---

## 53

## O Cativo

II — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE (RIBEIRA D'ARRIAS)

— Meu pae era de Hamburgo,  
Minha mãe de Hamburgo era;  
Cativaram-me os mouros  
No canal de Inglaterra.  
Foi fortuna, sorte minha  
Dar com patrôa tão bella.  
De dia moía pimenta,  
A' noite cravo e canella;  
D'aquella hora em diante  
Dormia no collo d'ella!  
Ella por vezes me disse:  
Christiano, vae p'ra tu terra.

— Como m'eu heide ir, senhora,  
 Se me faltára a moeda? —  
 Meteua a mão na algibeira  
 Trinta mil d'oiro me déra.  
 « Vae-te embora, Christiano,  
 Vae-te p'ra tua terra.  
 Dize-me oh Christiano,  
 Se vas por mar ou por terra?  
 — Por terra irei, senhora,  
 Por mar não póde ser,  
 O canal é mui comprido  
 N'elle me posso perder.  
 « Vem-te cá, oh Christiano,  
 Monta aqui na minha egoa,  
 Se encontrares os soldados  
 Diz-lhe que vas para a guerra;  
 Se encontrares a meu pae  
 Diz-lhe que vas para a herua.

Rasões não eram ditas,  
 Seu pae ali chegára.

— « Dize-me, oh Christiano,  
 Dize-me, oh meu escravo,  
 Quem te deu tanto dinheiro  
 Para seres resgatado?  
 -- Tres irmãos que eu tinha  
 Todos para mim ganharam;  
 No primeiro paquete  
 Para aqui m'ó enviaram.  
 — « Tu ou te hades tornar moiro,  
 Ou turco arrenegado.  
 — Não me quero tornar moiro,  
 Nem turco arrenegado,  
 Que aqui trago commigo

Um Senhor crucificado ;  
Quem a mim me offender  
D'elle será castigado.  
— « Se casasses co'a princeza  
Te faria rei coroado,  
Te faria commandante  
Das minhas tropas reaes.  
« Deixae ir o Christiano  
Que a mim não deve nada,  
Senão a vista dos olhos,  
Dou-lh'a por bem empregada.  
— « Vae-te embora Christiano,  
Vae-te para a tua terra,  
Dize a el-rei de Portugal  
Que me não arme mais guerra.  
— Adeos, oh alta princeza,  
Adeos, oh rei da Turquia ;  
Que eu vou-me d'aqui embora  
Com Deos e a Virgem Maria.  
« Deixae-me ir para a janella  
Tocar na minha guitarra ;  
Que não digam os mouriscos  
Que eu fiquei anojada :  
Por aquelle mar abaixo  
Vae o meu amor João ;  
Já não quero mais viola,  
Nem mais guitarra na mão.

---

## ROMANCES HISTORICOS

---

54

### Romances da Má-nova

I — VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE (URZELINA)

Casada de oito dias  
A' janella foi chegar ;  
Viu vir um cavalleiro  
Tão de contente a mirar :

« Que novas traz, cavalleiro,  
Que novas traz p'ra me dar?  
— Novas vos trago, senhora,  
Má nova é de contar...  
Vosso marido é morto,  
Caíu no areal ;  
Rebentou o fel no corpo  
Em duvida de escapar ;  
Se o quereis inda vêr vivo,  
Tratae já de caminhar !

Cobriu o seu manto preto,  
Começou de caminhar ;  
Ao pranto que ella fazia  
O chão fazia abrandar.  
Tres Infantes atraz d'ella  
Sem a poder alcançar.

Chegando á freguezia  
Começou de perguntar ;  
Chegando aonde elle estava  
Começou de prantear.

— Isto são ais da Infanta,  
Quem tal nova lhe foi dar ?  
Calae-vos, minha mulher,  
Não me dobres o meu mal ;  
D'aqui não vos ficam filhos  
Que vos custem a criar ;  
Sondes menina e moça  
Vos tornareis a casar.

Pegam na mão um ao outro,  
Ambos foram acabar.

— Toquem-me harpas e violas  
E sinos á reveria,  
Para entrar a senhora,  
Senhora Dona Maria.  
« Já me não chamem senhora,  
Senhora Dona Maria,  
Chamem-me triste coitada  
Apartada de alegria,  
Que lhe morreu o seu bem  
Capitão de infantaria ;  
Elle não morreu em guerra,  
Nem batalha que trazia,  
Morreu no areial  
De poços e agua fria.



### Ⓞ Casamento mallogrado

II — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE

Casadinha de oito dias,  
Sentadinha á janella,  
Vira vir um cavalleiro  
Com cartinhas a abanar :

« Que trazeis vós cavalleiro?  
Que trazeis p'ra me contar?  
— Senhora, trago-vos novas  
Muito caras para as dar.  
« Quando vós de as dares,  
Que farei eu de aceitar!  
— Vosso marido caíu  
No fundo do areial;  
Rebentou-lhe o fel no corpo,  
Está em risco de escapar!  
Se o quereis achar vivo,  
Tratae já de caminhar.

Cobrira-se com o seu manto,  
Tratara de caminhar ;  
As servas iam traz ella,  
Cuidando de a não alcançar.  
O pranto que ella fazia  
Pedras fazia abrandar.  
Respondeu-lhe o marido  
Do logar aonde estava :

— Calae-vos, minha mulher,  
Não me dobreis o meu mal;  
Tendes pae e tendes mãe,  
Podem-vos tornar a levar.  
Ficaes menina e moça,  
Podeis tornar a casar.  
« Esse conselho, marido,  
Eu não o heide tomar,  
Heide pegar n'umas contas,  
Não farei fim a resar.  
— Abri lá esse portão  
O portão da galhardia,  
Para a senhora entrar,  
Senhora Dona Maria.  
« Chamem-me triste viuva  
Apartada da alegria!  
Que me morreu um cravo  
A quem eu tanto queria.  
Elle não morreu na guerra,  
Nem em batalha vencida;  
Morreu, morreu cá em terra  
N'um poço de agua fria.

---

**Romances de Dom Quardos e Slerida**

GIL VICENTE (VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE)

Era pelo mez d'Abril,  
De Maio antes um dia,  
Quando a bella Infanta  
Já da frota se espedia;  
Fôra ao jardim de seu pae,

Ella chorava e dizia :

« Fica-te embora mil flores;  
 Meus jardins d'agoa fria,  
 Qu'eu te não torno a vêr  
 Senão hoje, n'este dia.  
 Se meu pae te perguntar  
 Pelo bem que me queria,  
 Diz-lhe que o amor me leva,  
 Que me venceu uma porfia ;  
 Não sei pr'a onde me leva  
 Nem que ventura é a minha.

Respondeu Dom Duardos  
 Que escutava o que dizia :

— Calae-vos bella infanta,  
 Calae-vos pérola minha!  
 Em portos de Inglaterra  
 Mais claras agoas havia,  
 Mais jardins e arvoredos  
 Para vossa senhoria ;  
 Tambem isto quero donzella  
 Para vossa companhia

Chegados são ás galleras  
 Que Dom Duardos trazia ;  
 A mar lhe catava honra  
 E as ondas cortezia !  
 Ao doce remar dos remos  
 A menina adormecia  
 No collo do seu amor,  
 Pois assim lhe convencia.

57

**Dom Duardos**

II — LIÇÃO DO CAVALHEIRO DE OLIVEIRA

Era pelo mez d'abril,  
De maio antes um dia,  
Quando lyrios e rosas  
Mostram mais alegria ;  
Era a noite mais serena  
Que fazer no céo podia,  
Quando a formosa infanta  
Flérída já se partia ;  
E na horta de seu padre  
Entre as arvores dizia :

« Com Deos vos ficade, flores,  
Que ereis a minha alegria !  
Vou-me a terras estrangeiras  
Pois lá ventura me guia ;  
E se meu pae me buscare,  
Pae que tanto me queria,  
Digam-lhe que amor me leva,  
Que eu por vontade não ia ;  
Mas tanto ateimou commigo,  
Que me venceu co'a porfia.  
Triste não sei onde vou,  
E ninguem m'o dizia !...

Ali fala Dom Duardos :

— Não choreis, minha alegria,  
Que nos reinos de Inglaterra

Mais claras aguas havia,  
E mais formosos jardins,  
E flores de mais valia.  
Tereis trezentas donzellas,  
De alta genealogia;  
De prata são os palacios  
Para vossa senhoria;  
De esmeraldas e jacinthos,  
E ouro fino da Turquia  
Com letreiros esmaltados,  
Que a minha vida se lia,  
Contando das vivas dores  
Que me déstes n'esse dia  
Quando com Primalião  
Fortemente combatia:  
Mataste-me vós, senhora,  
Que eu a elle não temia...

Suas lagrimas enchuga  
Flérída, que isto ouvia.  
Já se foram ás galleras  
Que Dom Duardos havia;  
Cincoenta eram por conta,  
Todas vão em companhia.  
Ao som do doce remar  
A princeza adormecia,  
Nos braços de Dom Duardos,  
Que tão bem a merecia.

Saibam quantos são nascidos  
Sentença que não varia:  
Contra a morte e contra amor  
Que ninguem não tem valia.

**Romance que se fez d'algumas magoas, e perdas  
que causou o tremor de Villa Franca do Cam-  
po — em 1522.**

LIÇÃO DE GASPAR FRUCTUOSO

Em Villa Franca do Campo  
Que de nobre precedia  
Na ilha de S. Miguel  
A quantas villas havia,  
Era de mil e quinhentos  
E vinte e dois que corria,  
Vinte e dois dias de outubro,  
Quarto de Lua seria :  
Era uma quarta-feira  
Quarta-feira triste dia,  
E em a noite mais serena  
Que o céo fazer podia,  
Inda que corre Levante  
Nada d'elle se sentia ;  
Não corre bafo de vento,  
Nem folha d'aryore bolia,  
Estrellado estava o céo,  
Nuvem não o escurecia.  
Ante manhã duas horas  
Inda não amanhacia,  
Começou tremer a terra,  
Mais que outras vezes tremia,  
E a dar fortes balanços  
Parecendo marezia :  
Não treme de baixo a cima,  
Mas para os lados tremia ;

Nem abre bocca nenhuma  
O espirito que isto fazia;  
Sacodiu sómente a terra  
Dos lados em que feria.  
Sacode a terra dos hombros,  
Com o peso que sentia  
O gram gigante Almoural  
Que deitado ali jazia.  
Movem-se todas as cousas  
Quando seu corpo movia;  
Estrondo que faz a terra  
Roncos são do que dormia,  
Que de ser velho cansado  
Ronca quando adormecia.  
Correo a terra d'um monte  
Que d'alta serra pendia,  
E com impeto furioso  
Sobre a villa se estendia,  
Ali começa a dar gritos  
A gente que se affligia,  
D'elles chamaram por Deos,  
D'elles por Santa Maria.  
Quando chegou a manhã  
Nenhum d'elles parecia  
Que correu d'aquella terra  
Que sobre a villa jazia,  
Essa gente que escapara  
Como pasmada morria;  
Outra que viva ficava  
Vivendo assi não vivia.  
Aqui chega Frei Affonso,  
E com a tocha que trazia  
Da Ordem de Sam Domingos  
De Toledo reluzia,  
Esse padre glorioso

Que da gloria parecia.  
Para consolar o povo  
Assi falava e dizia :

— Confessae-vos, irmãos meus,  
Em quanto vos dura o dia,  
Resae todos o rosario  
Da virgem Santa Maria ;  
Edificalhe uma casa  
Indo a ella em romaria,  
Tomae-a por valedora  
Que ella por vós rogaria,  
Tende n'ella confiança  
Que certo vos valeria.

Não acaba de falar  
Quando a casa se fazia,  
Uns acarretam pedra  
Outros madeira á porfia.  
Trabalham moços e velhos,  
Pessoas de gram valia,  
Até as nobres mulheres  
Serviam sem fantezia.  
Trazem telha dos telhados  
Que no arrabalde havia,  
Como formigas ligeiras,  
Andam a quem mais faria,  
Tanto que em poucos dias  
A Ermida já servia,  
Já celebram missa n'ella  
Já lá vão em romaria.  
O Capitão Ruy Gonçalves  
Que da Camara se dizia,  
Como soube em sua quinta  
D'esta terra que corria,



Manda sellar seu cavallo  
A' espora-fita corria,  
Por soccorrer o seu povo  
Que estava n'esta agonia.  
E chegando a Villa Franca  
Do Campo, campo só via,  
Campo em que estivera Troia  
Que soberba ser soia  
De mui populosas casas  
Nem uma só apparecia,  
Seus paços postos por terra  
Terra que n'elles cobria,  
Com seu filho e duas filhas  
A que elle muito queria,  
Tambem um filho bastardo  
Que não tinha bastardia,  
E uma sua irmã  
Chamada dona Melicia.  
Dissimula sua dor  
Ainda que muito a sentia;  
Seus olhos se arrazam d'agua  
Por mais que elle se encobria,  
Com coração esforçado  
De senhor de gram valia,  
Esforça todo seu povo  
Que de pasmo fallecia.  
Manda logo cavar gente  
Onde antes estar soia  
O Santissimo Sacramento  
Cuidando que se acharia,  
Vendo quanto Deos nos ama  
Quam grande bem nos queria,  
Que querendo dar castigo  
Sobre si o tomaria,  
Em todos nossos trabalhos

Companhia nos faria ;  
Dos açoutes que nos dava  
Tambem participaria,  
Sendo uma vez sepultado  
Outra se sepultaria ;  
Por extranhar nossas culpas  
A si mesmo enterraria,  
Mas tão mal cheiravam ellas  
Que Deos d'ali se desvia ;  
Pois que cavando a gram pressa  
Ali já não apparecia.  
A arca acham no Altar  
Mas sem elle estava vazia :  
Não sabem se foi ao céo,  
Se na terra ficaria  
N'algum sacrario mettido,  
Para o qual se mudaria.  
Alguns signaes viram d'isto  
A gente que ali acudia,  
Vendo d'aquelle logar  
Uma nuvem que subia,  
Ouvindo muitos cantares  
De suave melodia,  
Suspeitando ser dos anjos,  
Alguma gram companhia  
Que da terra para os céos  
A Deos acompanharia ;  
Ou por mãos angelicaes  
N'outra Villa se poria :  
Mas quando não foi achado,  
Um grande grito se erguia,  
D'aquella grande companha,  
Que misericordia pedia ;  
Vendo uma tal maravilha  
Com gritos ninguem se ouvia

D'aquelle povo tão triste  
Quem então não gritaria?  
Batendo todos nos peitos  
Quem peitos não quebraria?  
Em tempo de tanta angustia  
Pois d'elles seu Deos fugia.  
Para lhe pedir remedio  
N'aquella triste agonia,  
Já não sentem perder nada  
Só não vêr Deos se sentia.  
Este castigo mais choram,  
Este só mais lhe doia,  
Vendo apartar-se Deos d'elles  
Quem não esmoreceria?  
Depois cavam em outras partes  
Por vêr se alguém vivia,  
Acham mortos pelas ruas,  
Que a terra afogado havia.  
Outros acham em seus leitos  
Sem temor do que viria,  
Cuidando dormir de noite  
Mas tambem dormem de dia.  
Somno de uma noute só  
Para sempre duraria.  
Alguns vivos se acharam  
Pouco numero seria,  
Mas quem quer que os vira vivos  
Por mortos os julgaria:  
Tinham todos côr da terra  
Que toda a Villa cobria:  
Mas não cobre uma criança  
Que só tres annos havia,  
A qual achára folgando  
Sobre a taboa em que jazia,  
Nove dias são passados

Depois de morta a alegria  
Quando com gram diligencia  
A gente cavando ia.  
Causa de grande tremor /  
Quem contar ousaria,  
Indo o povo em procissão  
Que com choro se fazia.  
Ouvida foi uma voz,  
D'outro mundo parecia,  
Mui fraco vem o tom d'ella  
Porque do centro saía.  
Muitos ouvem o som confuso  
Mas ninguem o entendia;  
Ali vem um Capitão  
Que a tudo sempre acudia :  
Manda cavar a gram pressa  
Aonde aquelle tom se ouvia,  
Entendendo que era gente,  
Que soterrada gemia.  
Depois de muito cavar  
Uma trave se descobria,  
Com a ponta para o chão  
Que encostada assi jazia ;  
Fazem logo uma abertura  
Em um vão que ali havia,  
Vão era que fôra logea  
Onde sobrado caia.  
Saem por ellas trez vivos,  
Mortos cada um parecia,  
Com as mãos alevantadas  
Como cada um saía ;  
Joelhos postos no chão  
A seu Deos graça rendia,  
Pelo livrar de tal morte,  
Que, vivendo, ali soffria ;

Onde estavam mais confusos  
Não sabendo o que seria,  
Se era toda a gente morta  
Ou se o mundo se fundia :  
Não sabem quando amanhece  
Se um gallo lh'o não dizia,  
Que cantava a horas certas,  
Que sempre cantar soía ;  
Mantinhm-se de biscouto  
Que para viagem havia,  
Que queriam navegar  
Para onde o sol saía ;  
Onde tinham sua terra  
Mas a terra lh'o impedia,  
Que correndo aquella noute  
Ali todos os prendia ;  
Bebem agua que do lodo  
Gota a gota lhe caía,  
E tambem de uma fundagem  
Que vinagre se fazia :  
Assaz de morte passava  
Quem escuro ali vivia,  
Contavam isto chorando,  
Com choro o povo os ouvia,  
Tantas lagrimas choravam  
Que a terra se humedecia,  
Já não choram seus parentes  
Mortos que a terra cobria ;  
Muito mais choravam os vivos  
Que mais morre o que vivia,  
Não choram amigos mortos  
Nada d'isto lhes doía ;  
Pois sabem que tarde ou cedo  
Qualquer dos vivos morreria,  
Choram não saber da morte

Em que estado os tomaria;  
E mais choram a si mesmos  
Pelo que ainda se temia,  
Choram seus proprios peccados  
De que o castigo nascia;  
Que quem planta culpas graves  
Graves castigos colhia.  
Era tudo ali um grito  
Que ao céo empyreo subia:  
Pedem misericordia a Deos  
Cada um assim dizia:  
« Senhor Deos, misericordia,  
Que eu, meu Deos, não merecia.  
Tambem tiraram um morto  
Que entre elles jazia,  
Que falleceu ás escuras  
Entre a viva companhia,  
A quem dava gram trabalho  
Pelo muito que fedia,  
O qual depois d'enterrado  
Como a outros se fazia:  
Vão todos em procissão  
A uma Ermida que havia,  
Da Virgem Santa Catharina  
Que de parochia servia;  
Dão todos graças a Deos  
Como cada um podia,  
Pelos livrar da prisão  
Da terra que os cobria:  
Cinco mil foram os mortos  
Que em toda a Ilha haveria,  
Por que affirmam os antigos  
Tantos morreram em tal dia:  
Outros contam n'esta conta  
Os que a peste feria,

Logo nos annos seguintes  
Em que entre os vivos ardia :  
O que parece mais certo,  
Que então tantos não havia,  
Alguns morreram nos logares  
Debaixo da casaria,  
Que com o tremor de terra  
Em todas partes caía :  
Morreram religiosos,  
Morreu muita cleregia ;  
Morre muita gente nobre  
Que em toda a Ilha vivia,  
Qualquer rico e poderoso  
Sem as riquezas partia ;  
Que por ventura ficava  
A quem não lhe agradecia  
Cuidando gosal-a muito  
No melhor se despedia ;  
Não a logrou muitos annos  
Nem jámais a lograria,  
Se fez algum bem com ella  
Isto só lhe valeria.  
Morreram altos e baixos  
Sem lhe valer fidalguia,  
Morrem grandes e pequenos,  
Todos a morte offendia :  
Mas ímais morrem em Villa Franca  
Onde mais povo havia  
Quasi todos ali morrem  
Se não algum que fugia ;  
Mas são poucos os que fogem  
Porque cada um dormia,  
Poucos são os que escaparam  
Debaixo da terra fria :  
E alguns no arrabalde

Além da agua que corria ;  
Outros escapam nas quintas  
Porque Deos assim queria.  
Cuidando ser acabado  
O mal que mais não seria,  
As nove horas são passadas  
Depois que já o sol saía,  
E eis torna a tremor a terra  
Mais que d'antes parecia,  
Corre na Ponta da Garça  
E na Maia o mesmo dia ;  
Terra que matou a muitos  
D'este numero e quantia,  
Contando moços pequenos  
De que contar não sabia ;  
Lembra-me das dôres grandes  
Das pequenas me esquecia,  
Onde houve magoas sem conto  
Quem contar as poderia!

---

**Romance de Dona Inez de Castro**

LIÇÃO MS. DO SÉCULO XVIII

Dos seus paços de Coimbra  
Nobre Infante se partia,  
Com seus pagens e creados  
Para real montaria.  
Vae em ginete formoso  
Que encantava quem o via ;  
Leva seu açôr em punho,  
Falcoeiro a quem cumpria.



Da mui bella Dona Inez  
Com amor se despedia!  
Mal sabia ao seu esposo  
Que nunca mais o veria.  
Embuçado no seu manto  
O bello rosto cobria,  
Para não verem o pranto  
Que de seus olhos corria.  
No seu ginete alaaão  
Oh que saudoso que ía :

— Onde vás, senhor Infante  
Mal haja tal montaria!  
Mau fado senhor Dom Pedro  
'Te traz essa romaria ;  
Volta depressa aos teus paços  
Que matam tua alegria.

Mas em vão, que seu fadario  
Destinado assi o havia ;  
Ficou sosinha a esposa  
Tão exposta a tyrannia ;  
A sua voz maviosa  
Toda a noite se ouvia,  
Cantando suas saudades  
Com mui triste melodia.  
No bandolim abraçada,  
Oh que tão doce o tangia ;  
Seu cantar mui lastimoso  
N'este sentido dizia :

«Meu Infante, meu senhor,  
Que me déste a regia mão,  
Escuta de d'onde estás  
Da tua Inez a canção.

Já não podem meus suspiros  
Chegar ao teu coração;  
Repitam montes e valles  
Da tua Inez a canção.

Em prantos mui lastimosos  
Está esta habitação;  
Só se ouve n'estes paços  
Da tua Inez a canção.

Os meus olhos tão quebrados  
Sangue choram que al não!  
Sabem de cór estes vales  
Da tua Inez a canção.

---

## ROMANCES SACROS

---

60

### Romance da Noite de Natal.

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE.

O gallo bateu as azas  
Quando o Salvador nasceu,  
Os anjos todos cantaram,  
Glorias ao céo descendeu.  
Deos andava pelo mundo,  
Mas Sam Pedro assim dizia:

— Quem não quer pobres em casa  
Tambem me não quereria?

Vinte quatro de Dezembro  
Foi a noite do Natal,  
Que rompeu a primavera  
Meia noite do signal.  
Vamos, vamos nossa gente,  
Que aqui não fica ninguem,  
Vamos visitar Maria,  
Teve o Menino em Belem.  
Em Belem nasce o menino,  
O bom Jesus verdadeiro,  
Que desceu do céo á terra  
A livrar do cativoiro.

61

**Romance de Natal.**

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE

A Virgem nossa Senhora  
Está ao portal de Belem,  
C'o seu menino nos braços,  
Jesus! que está tanto bem!  
Cantou-lhe uma cantiguinha:

«Filho meu, que te farei?  
«Não tenho cama, nem berço,  
«Em braços te embalarei.  
«C'o as lagrimas dos olhos  
«Filho meu te lavarei!  
«Na manguinha da camisa,  
«Filho meu, te alimparei.  
«Nas mantilhas do meu rosto,  
«Filho meu, te embrulharei.

---

62

**Vilancico do Natal.**

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE

A lua vae tanto alta  
Como o sol ao meio dia;  
Mais alta ia a Senhora  
Quando p'ra Belem corria.

Sam José ia atraz d'ella  
Sem alcançal-a podia;  
Quando chegou a alcançal-a,  
Já seu menino nascia.  
Sam José foi para o céo,  
Os anjos lhe perguntaram :

— Como ficou lá Maria? —  
Como Rainha a trataram.  
Respondeu-lhe Sam José  
Cantando a Ave Maria:  
« Maria lá ficou bem,  
Ficou n'uma estrebaria,  
Com suas portas de prata,  
E paredes de ouro fino,  
Quem seria o lavrador,  
Que taes portas lavraria?  
Era o Menino Jesus,  
Filho da Virgem Maria.

### Romance dos Tres Reis.

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE.

Uma fragata divina  
Nove mezes navegou,  
Achou o mar em bonança  
Em Belem descarregou.  
Ella parece que é pobre,  
Traz fazendas excellentes,  
Para ir vender á India  
A partes do Oriente.

Marinheiros que vão n'ella  
Levam um tão doce cantar,  
As aves dos altos ceos  
Nos mastros lhe vem poisar!  
Os peixinhos do mar fundo  
A' borda vem escutar.  
Os tres Reis do Oriente  
Todos tres em romaria,  
Foram visitar Deos-homem,  
Filho da Virgem Maria;  
Guiados por uma estrella,  
Que a todo o mundo dá luz,  
Iam vêr outra mais bella  
Que era o menino Jesus.

---

64

### Romance dos Reis Magos.

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE.

Partiram os tres Reis Magos  
Das partes do Oriente,  
Visitaram a Deos-homem,  
Nosso Deos omnipotente.  
Em caminho de um anno  
Gastaram só treze dias,  
Com favor muito soberano  
Do infante rei Messias.  
Guiados d'uma estrella,  
Que a todo o mundo dá luz,  
Iam vêr outra mais bella,  
Que era o menino Jesus.

Elles ouviram dizer  
Ha presepio em Belem,  
Onde estava Deos nascido  
Remedio p'ra nosso bem.  
Herodes como malvado,  
Como perverso inimigo,  
A's avessas ensinou  
Aos tres Reis o caminho.  
A estrella se escondeu  
Chegada a uma cabana,  
Logo os tres reis adoraram  
A Jesus, neto de Anna.  
Oh meu menino Jesus  
Em que palhas 'staes deitado,  
Sendo vós um Creador  
Que o mundo tinhas creado!  
Offereceram-se ao menino,  
Cada um por sua vez,  
Por a lapinha ser pequena  
Não couberam todos tres.  
Offereceram-lhe ouro fino  
Como rei oriental,  
Incenso como divino,  
E myrrha como a mortal.  
Porta aberta, meza posta,  
Cantemos com alegria,  
Nado é o rei de gloria,  
Filho da Virgem Maria,  
Que nasceu pobre em Belem  
Para a todos nos salvar,  
Entre a mula e o boi bento,  
Que o estava a bafejar.  
Patriarcha Sam José  
Pegae no vosso menino,  
Que entre palhas 'stá deitado

A chorar que é pequenino.  
Os anjos com alegria  
Musicas lhe vão cantando,  
E' o rei dos altos céos  
Que na gloria está reinando.

---

65

**Romance da fugida para Belem.**

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE

P'ra Belem páte a Senhora  
Com o seu esposo amado;  
Sempre foi e hade ser  
O seu rosto delicado.

«Oh Belem tão rigoroso,  
De gente tão desastrada!  
Nem á Rainha da gloria  
Vós quizestes dar pousada.  
Não tiveram dó da Virgem,  
Da Virgem n'aquella hora!  
Não quizeram obrar com Deos  
As obras de Misericordia.  
A Virgem se recolheu  
A um curral de animaes,  
Para haver as estalagens  
Que o logar não deu p'ra mais.  
Sam José muito sentiu  
De vêr tão fraco amparo...



— Quem será este menino,  
Qual será pae que se atreva  
Não deitar esta senhora  
Na mais amorosa cama?  
Se não dê-m'o cá, que o levo,  
Minha mãe lhe dará mama.  
Tambem me offereço, senhora,  
Para o embalar no berço:  
O senhor é mui poderoso,  
Não sei se será travesso.  
Essas vossas travessuras,  
Senhor, bem vol-as entendo:  
Vós viestes dar alivio  
A quem estava padecendo.

---

### Romance do Presentimento da Paixão.

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE.

Senhora Santa Maria,  
Seu cabelo de ouro fino!  
Perguntou seu bento filho:  
«Se velava ou dormia?»  
Respondeu Nossa Senhora:  
— Filho perguntas se vélo?  
Eu não velo e não durmo,  
Pela vossa vinda espero!  
Sonhei esta noite um sonho,  
Mais valera não sonhal-o:  
Que o meu filho era morto  
N'uma cruz crucificado!

Seus sagrados pés e mãos  
N'uma cruz estão pregados!  
A sua sagrada bocca,  
Cheia de fel e vinagre!  
«Calae-vos oh minha mãe,  
Senhora Santa Maria!  
Não valera não sonhar,  
Que isso verdade seria!

Quem esta oração souber,  
Quando este mundo largar,  
As portas do céu abertas  
De par em par achará,  
Pelas portas do inferno  
Nunca por lá passará.

---

## 67

**Romance da Vespera do Sacrificio.**

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE.

Falou a Senhora a Christo,  
Grande pranto lhe fez ter:

«Oh meu filho tão amado,  
Parece que ouvi dizer,  
Que andavam os Phariseus  
Meu filho, p'ra vos prender!  
Assim andaes demudado...  
Filho, a semana que vem,  
Vos hãode vir buscar prêso  
P'ra ir a Jerusalem.

Meu filho, não vades lá,  
Filho da minha alegria!  
Eu não posso estar no mundo  
Sem a vossa companhia.  
— Lagrimas de minha mãe,  
Que bem as vejo correr!  
Antes da Festa chegar  
Tambem vos quero dizer:  
Que terei crueis martyrios  
Pelas ruas e caminhos,  
Na cabeça me porão  
Uma corôa de espinhos,  
E a corôa é toda feita  
Feita de juncos marinhos.  
Corra verdadeiramente,  
Corra o sangue do meu lado,  
Para abrandar o meu povo  
Que vae tão atormentado.

Quem esta oração souber,  
E por um anno a rezar,  
Jesus lhe manda dizer  
A hora em que hade acabar.

### Romance da Paixão.

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE.

Estando a Virgem Maria  
N'uma santa sexta feira,  
Esperando Sam João  
Com grande nova tristeza:

— Que fazeis aqui Senhora  
N'este triste desamparo?  
Os judeus e gentios  
'Stão cegos por seus peccados.  
Já o vosso bento filho  
Já o tem crucificado!  
Se o queres achar vivo  
Começae de caminhar.

A logar de mau quebranto,  
Chegando a um tal logar,  
Vira estar o seu filho  
Estando elle semelhante,  
Com chagas e açoutes  
Que os judeus lhe tinham dado.  
Abraçou-se n'uma cruz  
Que era de pau de limo;  
Por uma banda corre agua,  
Por outra sangue divino.

«Oh Jesus que fico só  
Em tristes enganadorès,  
Que é que foram causantes  
De haverem veadores;  
Peço ao meu bento filho  
Por todos os peccadores.

Quem minha oração souber  
A sua alma será salva,  
Com cem annos de perdão  
Para sua mãe e seu pae.

**Romance do Planto da Senhora.**

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE

Alto Deos omnipotente,  
Rei dos céos e flôr da palma,  
Toda a vida andei cuidando  
De salvar a nossa alma.  
Em nome de Deos, amen,  
E a Virgem Santa Maria,  
Ella chorava dizendo  
Que o seu filho abrandaria:

«Oh meu filho mui amado,  
Que mal fizeste aos judeus?  
Rei dos judeus vos chamaram  
Antes do gallo primeiro!  
Cavalleiros traz comsigo  
Judas, vosso despenseiro!  
Entre bispos e escrivães  
Vos levaram a dinheiro.  
Que mal fizeste aos judeus  
Que tanto mal vos julgaram?  
O ataram á columna,  
Seus cabellos arrancaram,  
Cordas lhe fiaram d'elles  
Com que de rasto o levaram.  
Sentaram-n'o n'uma cadeira  
A' morte o condemnaram.  
Antes do gallo primeiro  
No vosso rosto escarraram!  
Já vem a mulher Veronica:

— Que é que por aqui buscaes?  
« Busco a esse homem que está preso  
Amarrado á columna!  
— Quanto sangue por hi está,  
Olha bem por essa rua.  
« Vosso sangue derramado  
Meu Deos, sem culpa nenhuma!  
Oh Jesus que leva a Cruz,  
Tão pezada que ella é!  
Nem sete homens a levaram,  
Filho, sósinho é que a levas.

Passos que dava Jesus  
Todo o chão ajoelhava.  
Logo o Senhor se alevanta  
Com açoutes que lhe davam.  
Lá vem a nossa Senhora  
Toda cheia de tristura,  
Que ella no planto dizia  
Pela rua da Amargura:

« Oh sangue tão precioso  
Gerado em minhas entranhas;  
Um pingo d'elle bastava  
P'ra remir culpas tamanhas.  
— Onde vás por essa rua,  
Onde vás mulher tão pura,  
Fartae-vos bem de me vêr  
Pela rua da Amargura.  
Morto me vereis levar  
A'manhã á sepultura.  
Aí fica Sam João  
Que é o vosso sobrinho,  
Ell' vos tomará por mãe,  
Vós o amareis por filho.

« Como é que posso trocar,  
Fazendo o vosso mandado,  
Filho de Deos verdadeiro  
Pelo filho de um vassallo?

Foi-se a Senhora embora  
A andar de rua em rua,  
Com o planto que fazia  
Té chegar á da Amargura,  
Quando viu estar seu filho  
Prêso e atado á columna:  
« Oh falsos, enganadores  
Que escrevestes aos phariseus!  
Soltem a Christo por nós  
Que não fez mal aos judeus.  
Oh mulheres, oh mulheres  
Que tendes filhos criado,  
Que sabeis a dôr que é  
A morte de um filho amado,  
Ajudae-me a carpir  
Que o meu planto é acabado.  
Quem o meu planto souber  
E escripto o trazer tambem,  
Ganhará tantos perdões  
Como areias o mar tem;  
Como hervas tem o campo,  
Como areias tem o prado.  
Quem o souber que o diga,  
Quem o ouvir que o aprenda,  
Lá no Dia do Juizo  
Verá o que elle defende.  
Quem minha oração souber  
Todo o anno a dirá,  
Se no sentido a trazer  
Má morte não morrerá,

Nem d'agua será vencido,  
Nem terá medo ou pavor;  
E nem dos Mouros cativo,  
E quando do mundo fôr  
Um côro de anjos o guia  
Ao pé de Nosso Senhor.

---

70

**Romance dos Passos do Senhor.**

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE

Ai Jesus da minha alma,  
Senhor do meu coração,  
Quem soubera imitar  
Passos da vossa Paixão!  
Quinta feira d'Endoenças  
Vos deram sacramentado,  
Pra livrar do cativoiro  
O que está em peccado.  
Tambem lavastes os pés  
A'quelles judeus malvados,  
Vos destes por convencido  
De vos terem condemnado.  
Ai Filho, não me deixeis  
Em tamanho desamparo:  
Fico coberta de lucto  
A' falta de sol mais claro.  
Filho haveis de morrer,  
O que se não póde escusar;  
As prophcias sagradas  
Se não hãode quebrantar



Filho, haveis de viver  
Para o mundo se salvar!  
Pedro e João enleiraram  
Que dormiam descansados;  
Acordae amigo meu,  
Acordae tende cuidado  
Vede que lá vem Judas  
C'os judeus acompanhado,  
P'ra fazer uma prisão  
A este innocente culpado.  
Já lá vem o Senhor preso  
Em tão injusta prisão;  
Vem preso por nos livrar  
Do cativo de Adão.  
Já lá vem o Senhor preso  
Meu verdadeiro Jesus!  
Por amor de nós o cravam  
No alto d'aquella cruz.  
E os judeus lhe fizeram  
A justiça com rigor,  
Jogaram a pata-cega  
Com meu Deos, pae e senhor:  
O levaram a Caiphás,  
Foi a primeira estação  
Onde padeceu sem culpa  
O senhor do coração.  
Oh lenço mais inferior  
Ditoso rosto coberto!  
Grande é o vosso amor,  
Maior o vosso affecto.  
Rigorosa bofetada  
Levou o ditoso rosto,  
Bem dita e louvada seja  
A paixão do Redemptor.  
Já que te dizes Messias

Que és só um Deos verdadeiro,  
Dizem que és adivinhão  
Adivinha quem te deu?  
O levaram a Annaz,  
Para tanto padecer,  
Feiticeiro lhe chamaram  
Por maior desprezo ser.  
O levaram á varanda,  
Botaram capa de louro,  
Na mão uma cana verde  
Lhe puzeram em desdouro.  
Lá vem o Senhor preso.  
Pela rua da Amargura ;  
Elle era o sol mais brilhante  
Mas já vem sem luz nenhuma.  
Lá vem Simão Cyreneu  
Que á cruz o vem ajudar,  
Vem a dispor nos seus hombros  
Para o não mortificar.  
Lá vem os dois varões santos  
Que á cruz o vem despregar,  
Nos braços da mãe magoada  
Para o irem lançar.  
Que encontro tão cruel  
Tiveram dois corações,  
Quando a mãe viu o filho  
Mudado em suas feições.  
— Isto não é o meu filho,  
Alguem aí o trocou ;  
Quem isto fez a meu filho  
Minha alma traspassou.  
Lá vem mulher valorosa  
Cheia de todo o valor,  
Com a mais alva toalha  
Para alimpar o Senhor.

Muito vos custa, Senhor,  
 Lograr o vosso thesouro ;  
 Descançar já no sepulchro  
 Que é mais fino que o ouro.  
 Filhas de Jerusalem  
 Choraes por vossos peccados,  
 Permitta o Padre eterno  
 Que torne a resuscitar,  
 Para na vida eterna  
 Comnosco ires cantar.  
 Quem esta oração souber,  
 E a disser com attenção,  
 No meu reino seja salvo  
 E toda a sua geração.

## 71

**Romance de Sancta Iria.**

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE.

Estando cosendo na minha almofada,  
 Minha agulha d'ouro, meu dedal de prata,  
 Chegára um cavalleiro a pedir pousada,  
 Meu pae lh'a dera, a mim bem pesára.  
 Entrára p'ra dentro, elle se assentára,  
 Fizera-lhe a ceia, elle ceiára;  
 Botára-lhe agua, elle se lavára,  
 Fizera-lhe a cama, elle se deitára.  
 Lá por meia noite elle se levantára,  
 De tres que nós eramos só a mim levára.  
 Lá por terras longas a mim perguntára :

— Como te chamavam em casa de teu pae?  
 « Chamavam-me Iria, Iria fidalga...

Por terras alheias Iria coitada.  
Ao pé de um pinheiro a mim degolára,  
Fizera uma cova, a mim me enterrára.

D'ali a sete annos por ali passára :  
— Que ermida é aquella, ou casa caiada?  
« Não é ermida, nem casa caiada,  
E' a santa Iria bemaventurada.  
— Oh santa Iria, meu amor primeiro,  
Se me perdoares, serei teu romeiro.  
« Não te perdôo; a um cão carniceiro,  
Que me degolastes que nem um cordeiro!  
Da minha garganta fez um picadeiro,  
Da minha cabeça fez um machadeiro.

Entrára p'ra dentro mui apaixonado,  
Safra p'ra fóra já bem perdoado:  
Vestiste-te de verde, tambem de amarello,  
Assim Deos me queira, como eu te quero.

---

### Santo Antonio e a Princeza de Leão

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE.

Era el-rei de Leão  
Casado c'uma princeza  
Devota de Portugal  
De Santo Antonio varão;  
Tinha uma só rainha,  
Uma filha já mulher,  
Ella só lhe convém

Pelo muito que lhe quer ;  
Tres dias chegou a 'star  
Morta e por enterrar.  
O rei mais e mais a corte  
Para a sepultura se ajuntam ;  
A mãe em continuo pranto,  
Com grande fé no seu santo  
Que lh'a hade ressuscitar,  
Ergueu seu rosto choroso  
Ao céo com fé verdadeira :

« Vós que sois universal  
Dos milagres que fazeis,  
Dae-me a minha filha viva,  
A verdade a não negueis.

Ainda não tinha feito  
Sua oração santa,  
O santo lhe poz a mão  
A moça se alevanta.  
Aggravada, offendida,  
Contra a mãe responderia :  
— Deos vol-o perdoe, senhora,  
D'entre as virgens me tirastes  
Do côro celeste, santo  
Onde eu estava agora,  
Tres dias trago dispensa  
P'ra estar em vossa presença  
E tornar a subir á gloria.

Oh que ditoso recado  
Traz a ditosa menina,  
E' o tempo acabado  
Diz p'ra pratica divina.

**Romance do Pobre preso**

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE

— Senhora santa Catherina,  
Senhora Catherina santa,  
Que era tanto cantadeira,  
E porque agora não canta?  
« Não canto, nem cantarei,  
Tenho o meu marido preso  
No Limoeiro do Rei!  
Talhei-lhe sete camizas,  
Todas sete lh'as mandei;  
Acceitou-as e beijou-as  
E tornou-m'as a mandar:  
— « Para que quero eu camisas,  
Se as não posso eu lograr?  
Dizei-lhe aos meus filhinhos,  
Que orfãos se podem chamar.  
E dizei aos meus visinhos  
Que me podem perdoar.  
Dizei á minha mulher  
Que se trate de casar;  
E dizei ao thesoureiro  
Que me toque o meu signal,  
E dizei aos padres santos  
Que venham-me acompanhar;  
Que tragam as cruces todas  
Mais o habito saial.

« Cavalleiros vão por terra  
E as cartas pelo mar,

Dar novas a el-rei que mande  
O meu marido soltar!  
Irão pelo mar as cartas,  
Cavalleiros vão por terra;  
Que me solte o meu marido,  
Senão, que eu lhe armarei guerra.

---

74

### Romance de Santa Thereza

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE

Dae Altissimo Senhor  
Vossa graça com presteza :  
Do céo desceu uma estrella  
A madre Santa Thereza.  
Santa que era procedida  
De uma illustre geração,  
Por ser por Deos escolhida  
Para mestra da oração.  
Esta era a gloriosa,  
Que tinha amor verdadeiro;  
Santa que era esposa  
De trinta e dois mosteiros.  
Com humildade e mór fé,  
Fez voto de castidade,  
Era esposa divina  
Da Santissima Trindade.  
Appareceu-lhe o Senhor,  
N'um velho se convertera,  
A pedir esmola a Thereza,  
Santa Thereza lhe dissera :

« Ai muito, muito me peza,  
Peza-me na alma e na vida  
Já ter dado a comida,  
Não lhe fazer caridade.

Mas no coração lhe pediu  
Que ao refeitório tornasse,  
A vêr se achava algum pão  
Que áquelle irmão offerlasse.  
Achou o refeitório cheio,  
A comida em quantidade,  
Com excessiva alegria  
Enchia o seu arregasso,  
D'esta maneira dizia :  
« Irmão, irmão tomae lá;  
Pois já que Deos vol-a deu,  
Peço-vos que aqui venhaes,  
Quero-vos em cada dia  
Fazer uma caridade.  
— Eu a esta portaria  
Por ter occasião e luz,  
Por quem heide perguntar ?  
« Por Thereza de Jesus.

Em breve se foi o pobre,  
Ao outro dia tornou,  
Com caridade e certeza,  
Thereza lhe perguntou :

« Meu velho, como se chama ?  
— Chamo-me Jesus de Thereza.

Quem d'isto tiver memoria  
Receberá divina alteza.



**Romance de Jesus Peregrino**

VERSÃO DA ILHA TERCEIRA

Vindo o lavrador da arada,  
Encontrou um pobresinho,  
O pobresinho lhe disse:  
«Leva-me no teu carrinho.»  
O lavrador se desceu  
E subiu o pobresinho,  
Levou-o p'ra sua casa,  
P'ra a melhor sala que tinha;  
Mandou-lhe fazer a ceia  
De capão e de gallinha;  
Mandou-lhe fazer a cama,  
Oh! que rica cama tinha,  
Por cima lençoes de renda,  
Por baixo cambraia fina.  
Lá pela noute adiante  
O pobresinho gemia;  
Levantou-se o lavrador  
A vêr o que o pobre tinha,  
Achou-o crucificado  
N'uma cruz de prata fina.

«Se eu soubera, oh meu Jesus,  
Que em minha casa vos tinha,  
Vos teria outros preparos  
Que a minha casa precisa.»  
— Cala-te, oh lavrador,  
Deixa-te d'essa porfia;  
Lá no reino de Deos Padre

Uma cadeira te tinha,  
P'ra teu pae, p'ra tua mãe,  
P'ra toda a tua familia.  
A'manhã por estas horas  
Cá te mandarei buscar:  
Sete anjos e nove archanjos  
Te virão acompanhar.

---

## ROMANCES ENTRETENIDOS

---

76

### Facara do Cégo

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE

Era meia noite quando o ladrão veio,  
Bateu tres pancadas á porta do meio :  
— Abre a tua porta, cerra o teu postigo,  
Deita cá um lenço, que eu venho ferido.  
« Se tu vens ferido, ferido embora,  
Que a minha portinha não se abre agora ;  
Qual é o vadio que a estas horas vem,  
Eu 'stava em anágoa para ir a Belem.  
— Se estavas em 'nágoa, em 'nagua te quero,  
Has ser meu amor, n'esse logar te espero.  
« Minha mãe, acordae do vosso dormir,  
Escutae o cégo a cantar e pedir.  
« — Se o cégo pede, dá-lhe pão e vinho,  
Para o pobre cégo passar o caminho.  
— Não quero o seu pão, nem tambem seu vinho,  
Quero que a menina, me ensine o caminho.  
« — Pega n'uma roca, carrega-a de linho,  
Vae c'o pobre cego, ensina-lhe o caminho.  
« Minha roca espiada, acabou-se o linho ;  
Adiante cégo, que aí vae caminho.  
— Ande a menina mais um bocadinho,  
Sou curto da vista, não vejo o caminho ;  
Ande a menina, vamos mais além,  
Que eu era ceguinho, mas já vêjo bem.

« Adeos minhas vinhas, adeos minhas terras,  
 Adeos minha mãe, que tão falsa me eras.  
 « — Adeos minha filha, que eu bem te dizia  
 Que ao cégo fizesses uma cortezia.  
 « Uma cortezia lhe quiz eu fazer,  
 O ladrão do cégo me quiz commetter;  
 De fidalgos e duques eu fui cometida,  
 Agora de um cégo me acho rendida.

77

### Kacara da Rosa Pastorinha

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE

— Deos vos salve Rosa, se sois para mim;  
 Pastora tão bella, que fazeis aqui?  
 « A falar verdade, que eu mentir não sei,  
 Vigio o meu gado, que eu aqui deitei...  
 — Pastora tão bella vigiando gado!..  
 « Sim, senhor, nasci para este fado...  
 — Por altas montanhas corre grande p'rgo,  
 Diga-me a menina se quer vir commigo...  
 « Rasão como essa nunca a ouvirei,  
 Perguntarão meus amos em que me occupei.  
 — Se elles perguntarem em que se occupou,  
 Uma nuvem d'agua que a demorou...  
 « A falar verdade que eu mentir não sei,  
 Vou buscar meu gado que acolá deixei...  
 — Vosso gado, senhora, aqui vol-o trago,  
 Venturoso moço ser vosso criado.  
 Deixe ir o gado lá por serra fóra,  
 Deixe ir o gado, deixe-o ir embora;

Perca-se o gado por serra adiente,  
Perca-se o gado, não se perca a gente...  
« Senhor vá-se embora, não me dê desgosto,  
Não venham meus amos trazer-me o almoço...  
— Se os amos vierem, comeremos juntos  
As boas alcatras, melhores presuntos...  
« Senhor vá-se embora, não me dê pesar,  
Não venham meus amos trazer-me o jantar.  
— Pastora tão bella, tão impertinente!  
Homens não são lobos, que comam a gente...  
« Homens não são lobos, que comam a gente,  
Mas pelejarão por estares presente.  
Senhor vá-se embora, não me dê mais pena,  
Não venham meus amos trazer-me a merenda.  
— Pastora tão bella e tão rigorosa:  
Como está ingrata, como está zelosa!  
« Se eu estou zelosa faço muito bem,  
Se estou ingrata assim me convém.  
— Cá me vou, senhora, cá me quero ir,  
Eu me vou chorando, vós ficaes a rir.  
« Senhor, vá-se embora, não dê tormento,  
Já o não posso vêr nem por pensamento.  
— Cá me vou, senhora, cá me vou andando,  
Vós ficaes a rir, eu me vou chorando.  
« Como vae bandarro por essa restêva!  
Não rompa o sapato, nem meia de seda.  
— Meias e sapatos, tudo romperei,  
Só por lhe dar gosto eu tudo farei.  
« Sentae-vos á sombra que o mundo está vendo  
Mulheres não querem e estarem querendo.  
— Bem sei que quereis de mim um abraço  
Não vol-o posso dar, tenho um embaraço.  
« Venha cá meu amo, venha cá correndo,  
Que o amor é cego, já me vae rendendo.  
— Sentar-me hei á sombra, não com má tenção,

Que a falar verdade sou vosso irmão.  
« Irmão da minha alma, do meu coração,  
D'aqui d'onde estou vos peço perdão;  
Se sois meu irmão, não de geração;  
Vós sois o amor do meu coração.  
— Cala-te pastora, não digas mais nada,  
Que a aposta que fiz tenho-a ganhada;  
A aposta que fiz tenho-a ganhada,  
Metade d'um navio com a sua carga.  
Vinde para baixo, dae cá vossa mão,  
Vinde acceitar prendas de vosso irmão.  
« Se tu tens ganhado, eu tenho perdido,  
Que essas tuas falas já me tem rendido.  
— Já te tem rendido, isso mesmo quero,  
Vae buscar teu gado, que eu aqui te espero.

Oh gente da Ilha acudí ao gado,  
Que foge a pastora com o seu namorado.

---

### Kacaras da Morena

I — VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE

Erguera-se Frei João  
Um dia de madrugada,  
Atacando seu calção,  
Tocando sua guitarra,  
Chegou á porta da dama  
Um romance lhe cantára :

— Abre-me a porta Morena,  
Abre-m'a pela tua alma.  
« Como te hei-de abrir a porta,  
Meu Frei João da minha alma,  
Se estou c'o meu filho ao peito  
E meu marido á ilharga.  
— « Dize-me tu, mulher minha,  
A quem dás as tuas falas?  
« E' ao moço da padeira,  
Que vem saber se amassava;  
Se o pão era de leite  
Que lhe não deitasse eu agoa.  
— « Ergue-te d'aí, mulher minha,  
Vae reger a tua casa,  
Manda os cativos á lenha,  
Manda os criados á agua ;  
Para mais descanso vosso  
Vos irei varrer a casa.  
« Erguei-vos d'aí, homem meu,  
Chamae os cães, ide á caça,  
Que o mais certo coelho  
E' esse da madrugada,  
Que não ha caça mais certa  
Do que a da madrugada.

Assim que elle caminhou,  
Ella toda se arreicara,  
Com sua saia de seda  
Pela cidade arrastava,  
Com sua capinha nova,  
Seu nó de fita rosada,  
Com seu chapéu na cabeça  
Que o seu ouro lhe abanava.

Chegára á portaria  
Por Frei João perguntára?  
Frei João que tal ouviu,  
Se havia correr saltava ;  
Pegára-lhe pela mão  
Levara-a p'ra sua sala,  
Com galinhas e capões  
Nada de comer faltava...  
Déra-lhe pão e vinho  
Do que a sua Ordem dava ;  
Comprou-lhe saia de seda  
De cem mil reis cada vara.

Ao saír da portaria  
Seu marido encontrára:

— « D'onde vens tu, mulher minha,  
Que vens tanto arreiada?  
« Venho de ouvir missa nova,  
Que venho bem regalada.  
— « Qual foi o padre que a disse,  
Qual foi o que a cantou?  
« Foi Frei João da minha alma,  
Que tão bem me regalou.  
— « Quem me te dera, mulher,  
N'uma fogueira queimada,  
Com cem carradas de lenha,  
Todas cem t'eu atiçara.  
« Quem me te dera, bem meu,  
N'umas meias laranjadas,  
Todas lavradas em sangue  
Ccm duas mil adagadas.



*Frei João*

II — VARIANTE DA ILHA DE S. JORGE

Erguera-se Frei João  
Uma manhã de geada  
Penteando o seu cabelo  
Tocando sua guitarra,  
Foi á porta da Morena,  
Da Morena mal casada :

— Abre-me a porta, Morena,  
Que estou c'o pé na geada,  
Se me não abres a porta  
Não és Morena, nem nada.  
« Como te posso abrir,  
Frei João da minha alma,  
Se eu tenho um filho ao peito  
E meu marido áilharga.  
— « Dizei-me minha mulher,  
A quem daes as vossas falas?  
« Dou á filha da padeira,  
Que me veiu perguntar :  
Se amassava pão de milho  
Que lhe deitasse pouca agua,  
Se amassava pão de trigo  
Qualquer gotinha bastava.

— « Levantae-vos, oh mulher,  
Arranjae a vossa casa,  
Chamae as vossas criadas  
Para vos vir ajudar.

« Levantae-vos, homem meu,  
Ide p'ra caça caçar,  
Que a caça da manhã,  
E' mais certa que a da tarde.

Seu marido caminhando,  
A Morena se accára,  
Calçára meia de seda  
Que na perna lhe estalava,  
O seu vestido de seda  
Que no corpo desbancava;  
O seu lencinho de seda  
Que o ventinho lhe abanava;  
Chegou ao portão dos frades  
Por Frei João perguntára?  
Frei João que tal ouviu  
Se havia correr saltava;  
Pegara-lhe pela mão  
Levara-a p'ra sua sala,  
Deu-lhe um copinho de vinho,  
Talhada de marmelada,  
Deu-lhe um vestido de seda  
De cem mil reis cada vara;  
Chegou ao meio do caminho  
Seu marido encontrára:

— « D'onde vindes, mulher minha,  
Que vindes tão arrejada?  
« Venho de ouvir missa nova,  
D'isso venho regalada.  
— « Qual foi o padre que a disse,  
Quem foi o que a cantou?  
« Foi o padre Frei João  
Que muito me regalou.

— « Deixae estar, mulher minha,  
 Temos contas para ajustar.  
 « Não se me dá de morrer  
 Que eu nasci para acabar;  
 Importa-me os meus filhinhos  
 Que me ficam por criar.  
 — « Não te importes c'os teus filhos,  
 Que outra mãe lhe heide dar.  
 « Não se me dá de morrer  
 Que eu nasci para acabar,  
 Dá-se-me da triste conta  
 Que a Deos tenho para dar.  
 — « Pega lá uma facada  
 Do lado do coração,  
 P'ra teu não tornar a vêr  
 Em braços de Frei João.

« Se vires a Frei João,  
 Dizei-lhe que digo eu,  
 Que não ponha chapéo pardo,  
 Que a Morena já morreu.

### Facara da Confissão do Pastor

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE (RIBEIRA D'ARVIAS)

— Meu padre cura, que eu resar não sei,  
 Fui á confissão, não me confessei!  
 « Não te confessaste onde não hasde ir,  
 E's um penitente, Deos ha-te acudir.  
 — Deos ha-me acudir, não o sei dizer,

Que me não ensina que lhe heide fazer.  
« Que lhe hades fazer, dizes muito bem;  
Dize-me, pastor, dize d'onde vens.  
— Oh meu padre eu venho c'ó suór em bica,  
Tudo me ensinaram, eu nada me fica.  
« Não te fica nada, o teu corpo sente,  
Já me está mentindo este penitente;  
Este penitente eu vou desculpando,  
Tu d'hoje em diante já has-de ir resando.  
— Já heide ir resando, palavra me déstes.  
« O que tu querias, é safar-te d'esta.  
— Safar-me d'esta, bem dizia eu;  
Padre como este ainda cá não veiu.  
« Ainda cá não veiu tão bonito caso!  
Dize-me, pastor, o mal que t'eu faço.  
— O mal que me fazes não é nada bom,  
Confessar ao padre, direi que é bem bom.  
« Dirás que é bem bom, cabeça de vento,  
Confessar as freiras dentro do convento.  
— Dentro do convento faço sentinella,  
Meia noite á noute eu durmo com ella.  
« Dorme com ella ninguem te acoite,  
Dize-me, pastor, que fazes á noite.  
— Meu padre cura, são cousas sem dono,  
Deito-me na cama porque tenho somno.  
« Isso não é somno, é grande prigiça,  
Dize-me, pastor, se assistes á missa.  
— Oh meu padre cura, qu'eu não te engano,  
Assisto á missa uma vez no anno;  
Uma vez no anno porque sou pastor,  
Eu vigiu o gado, que é do meu amor.  
« Ajoelha, pastor, dize a confissão.  
— Frechada de leite, dentada de pão.

**Facata da Vida da Freira**

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE

Já não ha, nem pode haver  
Uma vida tão penosa!  
Sendo eu a mais formosa,  
Me encerraram, me encerraram.

A meu pae aconselharam  
Que me não dêsse o meu dote,  
Que era a minha melhor sorte  
O ser freira, o ser freira.

Meu dote não é ser freira,  
O meu dote é o casar;  
Que meu pae se aconselhou  
Com a gente do Faial.

O meu dote é casar,  
O meu dote não é freira;  
Que meu pae aconselhou-se  
Com a gente da Madeira.

Avisaram a Rodeira,  
E juntamente a Abbadessa,  
Que me metesse em cabeça  
Que casaria, que casaria.

Eu como tolinha cria,  
Cuidando que era verdade,  
Que qualquer freira ou frade  
Casar podia, casar podia.

Cuidando que assim seria,  
Que depois de professar  
Inda podia casar,  
Cai no laço, cai no laço.

Agora que aqui me acho  
Metida n'esta clausura,  
Parece-me noite escura  
O meio dia, o meio dia.

Já não tenho alegria,  
Que alegria posso ter ;  
Lembrar-me eu que heide ir comer  
Ao refeitório, ao refeitório.

A' sombra do dormitório  
Onde dormem outras mães,  
Suspiram por seculares  
Cá entre nós, cá entre nós.

Cuidar que dormimos sós  
Nos causa grande agonia,  
Sempre toda a noite fria  
Me alevanto, me alevanto.

Acordo, faço o meu pranto  
Toda me lavo em choro,  
Em ouvir tocar ao coro  
E ás matinas, e ás matinas.

Resando resas divinas  
Lá por certos corredores,  
Me lembram os meus amores  
Por quem morro, por quem morro.

Toda a minha cella corro,  
Vejo-me ao meu espelho;  
Vejo o meu rosto já velho.  
Malfadada! malfadada.

O regalo da casada  
E' lograr os seus amores,  
De continuo os seus favores;  
Mas eu nada, mas eu nada.

Antes ser mulher casada  
De noite embalar meninos,  
Do que ser freira professa  
Afinar orgão, tocar os sinos.

Meus paes, que Deos lá tem,  
Deos lhes dê contentamento;  
Deixaram em testamento  
Que me casassem.

Se me não cazassem bem  
Que gritasse em altas vozes,  
E que arrenegasse da casa  
Que não tem homens.

---

82

### Facara do Galante

VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE

Foi-se o galantinho  
 Rondar pela vida;  
 Eu fui-me atraz d'elle  
 A vêr para onde ia,  
 Eu vi-o entrar  
 P'ra casa da amiga;  
 Beijos que lhe dava  
 Na rua se ouviam,  
 Abraços lhe dava  
 Que os ossos rangiam;  
 Voltei para casa  
 Mais triste que o que ia,  
 Fechei minha porta  
 Melhor não podia.  
 Era meia noite  
 Galante não vinha,  
 Os gallos cantavam  
 Galante batia.

— Abre-me essa porta,  
 Abre lá mi vida,  
 Que eu venho cansado  
 De rondar na vida.  
 « Mentos Dom velhaco,  
 Mentos meu marido;  
 Se tu vens cansado  
 E' de casa da amiga,



Beijos que lhe davas  
Na rua se ouviam,  
Abraços que davas  
Ossos lhe rangiam.  
— Abre-me essa porta,  
Abre lá que chove,  
Que a capa é curta  
Não me encobre.  
Já os canarinhos  
Pelas faias cantam,  
Já os meus visinhos  
Por aqui se levantam,  
Já os estudantes  
Vão pr'os seus estudos;  
Com meias de seda,  
Calção de veludo,  
Fivellas de prata,  
Que desbancam tudo.

---

# NOTAS E PARADIGMAS

## CANCIONEIRO

- I. A intuição popular nas cantigas: Ideias jurídicas, Cosmographia e Botanica.
- II. Medicina popular, orações e encantamentos.
- III. Folia do Espírito Santo, e Imperio dos Nobres.
- IV. O Santo Antonio no Cancioneiro hespanhol.

I. O que mais admira e surprehende na poesia popular, quando a estudamos pelo lado historico, são as reminiscencias profundas de costumes antigos hoje totalmente obliterados. Os romances colhidos da tradição oral estão em um accordo completo com o direito consuetudinario dos *Foraes*. Nas cantigas, visivelmente mais modernas, torna-se maravilhosa a analogia:

Heide atar o meu cabelo,  
E viral-o para traz,  
Com uma fitinha vermelha  
Que me deu o meu rapáz.

Quem não vê n'esta quadra esse costume juridico a que alludem os *Foraes* portuguezes na phrase *mancipia in capillo*? « No Foral da Ponte do Sôr, dado por Dom Sancho II em 1225, esta-

belecendo as penas do que faz violencia a uma mulher, distingue-se *si fuerit mancipia in capillo, aut cum touca*. Os cabellos soltos eram signal da mulher solteira, e que ainda estava sob o poder paternal; os *cabellos atados* eram symbolo da submissão matrimonial; e os cabellos curtos, *aut cum touca*, como diz o Foral, designavam a viuvez<sup>1</sup>. Nas cantigas do continente encontrámos esta mesma reminiscencia: é um namorado que fala de casamento muito por alto, e com certa malicia:

Menina, ate o cabelo,  
Que atado fica-lhe bem...

Quando a alma do povo se sente desolada, gera os prophetas. Elle tem a intuição das grandes verdades, como Dante e como Seneca, quando annunciavam no ardor da inspiração o polo do norte e as quatro estrellas do sul. O povo diz:

Coração bom para amar  
De certo não se acha um;  
*Corra-se o mundo á roda.*  
Como o meu não ha nenhum.

D'onde lhe viria esta idea da circumducção da terra, quando se obstina a não se convencer das mais claras demonstrações da rotundidade do orbe. E' a verdade inconsciente, que lhe irrompe dos labios. Ignora os processos do calculo mathematico, e annuncia a possibilidade de medir o globo:

Diga-me, oh senhor piloto  
Que do mar sabe a lição,  
Diga-me do norte a sul  
*Quantas leguas do mar são?*

<sup>1</sup> Vid. Historia do Direito portugez, Parte 1, cap. iv, p. 59.

O povo não conhece a sexualidade das plantas, não caracteriza as cryptogamicas de Linneu, mas a paixão d'alma leva-o a tocar a natureza como ella é:

A flor do manjaricão  
 Não abre senão de noute,  
 Para não dar a saber  
 Os seus amores a outrem.

Algumas d'estas observações foram lembradas pelo sabio collecter insulano o snr. João Teixeira Soares, dotado de um sentimento profundo do genio do povo e fervoroso admirador da sua naturalidade e verdade.

Nas cantigas açorianas reflecte-se a rivalidade que se dá de ilha a ilha. São como vizinhas da porta, abocanham-se e alcunham-se; aos habitantes da ilha de Santa Maria chamam *caçarros*; aos de Sam Miguel *unha na palma*; aos da Terceira *rabos-tortos*:

Sam Miguel *unha na palma*,  
 Terceira *faca sem ponta*,  
 Pico, Fayal, Graciosa,  
 Tudo vae na mesma conta.

A phrase *unha na palma* no seculo XVI não tinha ainda o sentido mau que lhe damos hoje; significava força de pulso e não ladroeira. A tradição da valentia e destreza dos habitantes da ilha de Sam Miguel, conhecida no continente, d'onde iam varios atletas desafial-os, ainda hoje se propaga nos cantos populares. Gaspar Fructuoso, no livro das *Saudades da Terra*, capitulo 60 até 64, appresenta alguns casos bastante curiosos, que Cordeiro resumiu na *Historia Insulana*, cap. XIX, pag. 215. De um Antonio de Sá,

que se afamou nas guerras de Africa, se lê que «sobre as duas *palmas* das mãos levantava dous homens.» De um Belchior Baldaya conta Cordeiro: «A mais grossa ferradura quebrava entre as mãos, em cujas *palmas* pondo dous homens os levava como pellas vinte passos». <sup>4</sup>

Os grandes desastres das convulsões volcanicas, ainda hoje são lembrados nos cantos populares açorianos. O terremoto de Villa Franca do Campo de 1522, foi historiado em um romance anonymo, conservado por Gaspar Fructuoso. Nas cantigas soltas ainda se diz :

Oh ilha de Sam Miguel,  
Quanta desgraça lá vae!  
Tanta mulher sem marido,  
Tanta criança sem pae.

II. O povo tem por medecina especial as orações de quebranto. A velha oração a Santa Apollonia, contra a dor de dentes, que já no seculo XIV a *Celestina* recitava, lá se encontra na ilha de Sam Jorge, ainda inteira na sua veneranda antiguidade. Os documentos explicam este capitulo.

Em uma sentença do Santo Officio se enumera o poder de uma feiticeira, chamada Maria Antonia, a qual «sem saber lêr, nem escrever, nem aprender sciencia alguma, curava todo o genero de enfermidade de quaesquer pessoas ou animaes que se lhe offereciam, lançando dos corpos de outras endemoninhadas espiritos malignos; fazia unir as vontades discordes entre os casados, levantava os queixos da bocca aos que lhe cahiam, e fazia parir com bom successo as mulheres pejudas; ob-

<sup>4</sup> Pag. 218, Liv. v, Cap. XIV, da *Hist. Ins.*

servando para os effeitos das ditas cousas especialmente as quartas e sextas feiras da semana por as ter mais proporcionados para os fins que procurava; usando para elles sómente de *pala-vras, orações, benção, agua benta, terra de adro, de nove hervas, de cruces* que fazia nos braços dos ditos enfermos ou sobre alguma cousa dos mesmos, estando ausentes, mandando encher em rios ou fontes nove vezes uma *quarta de agoa*, a fim de vasadas as outo a nona servisse para remedio dos ditos males. Para a cura das quaes primeiro estremecia e se esperguiçava e fazia visagens com a bocca cobrindo-a. Dizia que ella tomava os males e ar dos ditos enfermos, aos quaes mandava que passassem por pontes escuras para traz. Dava cartas, a que chamava de tocar para fins torpes e deshonestos, mandando-as metter primeiro escondidamente debaixo da pedra de Ara sobre a qual se dissesse missa. Fazia supersticiosamente devoções, armando uma mesa de tres pés para cima, pondo em cada um sua véla, ou candeia accesa, e no meio uma imagem de S. Arasmó, dando passos ao redor e fazendo rezas, e finalmente chamava *pintãos*, os quaes logo visivelmete lhe appareciam negros, e os consultava para saber d'elles como havia de fazer as ditas curas, e dada a resposta, desapareciam.» (*Mem. do seculo XVIII.*)

III. O povo parodia, com a mesma audacia da idade media, as orações religiosas, fazendo uma *farçiture* de amor dos Cinco sentidos, da oração dos Dez mandamentos e dos Sacramentos; é o instincto revolucionario que introduziu no canon da missa a canção da *Bella Alix*. A oração antiquissima, traduzida por el-rei Dom Duarte,

do *Justo Juiz*, ainda se repete nas ilhas, quasi com os mesinos versos, senão com a mesma crença.

As festas do *Espirito Santo*, de origem aristocratica, quasi completamente esquecidas no Reino, ainda estão no seu fervor primitivo nas ilhas dos Açores, e conservam o nome historico de *Imperio dos Nobres*.

Nos Apontamentos historicos de Coimbra, do snr. Ayres de Campos, veiu uma curiosa noticia do *Imperador de Eiras*, d'onde aproveitaremos bastantes subsidios. <sup>1</sup> Esta solemnidade foi estabelecida pela rainha Santa Isabel, mulher de Dom Diniz, na villa de Alemquer, e d'ali passou para os paços de Cintra, até que se alargou a todas as povoações, como se pode vêr nas Chronicas de Frei Manoel da Esperança <sup>2</sup>, e Dom Fernando Correia de Lacerda, bispo do Porto. <sup>3</sup> A origem da festa do Espirito Santo, em Eiras, acha-se descripta pelo Dr. Fabião Soares de Paredes, vigario da freguezia em 1734; e do manuscripto da junta da Parochia, intitulado *Rol dos confessados da Freguezia de Sam Thiago da Villa de Eiras*, tirou o snr. Ayres de Campos o seguinte extracto: « Consta por tradição antiquissima entre os moradores d'esta villa, que sendo combatida da peste a comarca de Coimbra, todos elles com o seu parochio entraram a fazer gravissimas deprecações ao Divino Espirito Santo para que os livrasse de tão grande estrago; e como quer que ficassem singularmente livres, logo fizeram voto ou promessa de em todos os annos elegerem um homem dos melhores do povo, a quem os mais

1 Instituto de Coimbra, vol. XII, pag. 43.

2 Historia Seraphica, P. I, L. I, C. xxxvii, e P. II, L. IX, C. xvii.

3 Historia da Vida, morte e milagres, consideração, etc. 194.

haviam de tributar offertas dos seus fructos, para que com o nome de *Imperador* do Espirito Santo, festejasse ao mesmo Divino nos dias da Paschoa, da Ressurreição e Pentecostes, etc.» A descripção é extensa e curiosissima, e em nada discrepa com os usos dos Açores. A origem das festas do Espirito Santo em muitos pontos dos Açores proveiu do conflicto da peste, e Cordeiro conta o *milagre da Pombinha*, d'onde nasceu o *Imperio dos Nobres* de Ponta Delgada. Muitas Constituições dos Bispados e Cartas Pastoraes combateram esta festa que se tornava popular, mas nada conseguiram. O Padre Manoel Fernandes <sup>4</sup>, explica a presistencia da festa, porque « cae n'aquelle tempo do anno o mais faminto, e particularmente em terras menos populosas, fica esta devassam reparando muito da penuria do tempo e alegrando a gente pobre em aquelle modo de festa.» Em uma nota que acompanhava as cantigas da *Folia do Espirito Santo*, dizia o snr. João Teixeira Soares: « A devoção com o Espirito Santo e as festas que hoje nos Açores em sua honra se celebram, tiveram origem no continente. Importaram-nas no archipelago os primeiros colonos. Foram ainda nos Açores em seu principio uma devoção e festividade toda aristocratica. João Soares d'Albergaria em Santa Maria, e João Vaz Corte Real em Angra, foram seus grandes devotos. Esta devoção teve nos primeiros tempos uma mais ampla esphera caritativa do que hoje; as irmandades sustentavam hospitaes e praticavam a assistencia domiciliaria. Foi sobre estas irmandades que assentaram as da Misericordia que ha nos Açores, con-

<sup>4</sup> Alma Instruida, t. II, p. 914.



servando sempre annexa a primitiva instituição, que por ser sustentada pela classe nobre d'ellas, sempre o melhor da terra, se denominava o *Imperio dos Nobres*.

«Hoje são uma instituição eminentemente popular e a mais ruidosa dos Açores. Só com o volver de muitos seculos se poderá modificar, tão implantada está nos habitos e costumes populares.

«Lembro-me ter lido ha muitos annos em uma nota do *Passeio* de Costa e Silva, que este ainda conhecera a coroação e festividade do Espirito Santo, nas immedições de Lisboa.

«A folia compunha-se primitivamente de cinco foliões; hoje ordinariamente são quatro;—os instrumentos musicos de que usam são tambor e pandeiro. Em S. Miguel usam viola ou rebeca; um d'elles leva uma bandeira branca ou vermelha com insignia adequada, em pintura ou bordadura, etc.

«Antigamente nas cabeças dos Municipios eram as Camaras quem faziam a nomeação dos foliões, constrangendo-os até com prisão ao exercicio do cargo; e isto pela rasão de que ellas tambem se serviam de folia nas festividades religiosas que tinham a seu cuidado!

«O Cancioneiro da *Folia* tem pouco de privativo, recorrendo quasi constantemente os foliões ao cancionero geral.

«Os foliões tem de mencionar em cantigas especies cada um dos manjares que vem á mesa; e no fim tem de adivinhar os objectos que vem cobertos, o que de ordinario é objecto de longo processo. Remetto este cancionero mais para desengano dos que o suppõem rico (o que tambem suppuz em algum tempo) do que pela sua importancia».

IV. Das devoções populares a mais viva e poética é a de Santo Antonio, que, desde os primeiros seculos da monarchia até hoje, tem dado que fazer aos cancioneiros, romanceiros e legendarios portuguezes, hespanhoes e italianos. No *Cancioneiro español*, de D. Emilio Lafuente y Alcantara, ha pouco fallecido, vem muitas e engraçadas segundilhas ao patrono do casamento das novas:

A' San Antonio le pido  
Que me dé conformidad,  
Que los bienes de este mundo  
Dios los quita y Dios los da.

Qué tienes com San Antonio  
Que tanto te acuerdas de él ?  
— San Antonio está en el cielo,  
Quien estiwiera con él.

San Antonio está en el cielo  
Eso no lo iguoro yo,  
Y tambien está en la tierra  
La Antonia que adoro yo.

La estampa de San Antonio  
Siempre la llevo en el pecho,  
Quando me acuerdo de Antonio  
Saco la estampa. y la beso.

San Antonio lleva el nino,  
Santo Domingo la estrella,  
Y san Juan lleva la palma :  
Entiéndame quien me entienda.

Tan imposible lo hallo  
El duvidar tu carino,  
Como llegar á quitarle  
Á San Antonio su nino.

Ni mi padre, ni tu madre,  
Ni San Antonio bendito  
Me pueden a mi quitar  
Que yo te quiera un poquito

Aunque me digan de ti  
Lo que dicen do demonio,  
Yo te tengo de querer  
Carita de San Antonio.

San Antonio bendito,  
Ramo de flores,  
A las descoloridas  
Dáles colores

La primera verbena  
Que Dios envía,  
Es la de San Antonio  
De la florida.

De San Antonio vengo,  
Antonia mía,  
Solo de ver lo Santo  
Tengo alegría.

Tienes una carita  
De San Antonio,  
Y una condiconcita  
Como un demonio.

---

# ROMANCEIRO

---

1, 2, 3.—Romances da Filha do Rei de França. —O illustre collector insulano, o snr. João Teixeira Soares, remettendo-me essas tres versões, escreve: «Peço a v. conserve a estes romances a designação que tem de *Filha do Rei de França*, porque é a que o povo aqui lhe dá, e é na verdade preferivel á de *Infanta de França*. A palavra *Infanta*, na poesia popular, não significa filha de rei, mas simplesmente senhora de alta qualidade; e demais, terão as filhas do Rei de França a denominação de Infanta? Algumas das versões acima tambem me vieram com o titulo do *Caçador e a donzilla*, que bom será conservar.» Este romance é commum á poesia popular do Meio-Dia da Europa, como já provámos nas notas 10 e 11 do *Romanceiro geral*, p. 179 a 180. Agora ha a accrescentar, que desde o seculo xvii encontramos vestigios d'este romance na tradição portugueza, por isso que Dom Francisco Manoel de Mello no *Fidalgo Aprendiz* o cita n'aquella bella scena de

Gil Alcoforado cantando á janella da dama a quem galanteava. <sup>1</sup> Garrett quando fala d'este romance, phantasia á vontade. Diz: « A anecdota não está nos nossos costumes, nem dos nossos visinhos, nem siquer nos costumes das eras cavalheirescas <sup>2</sup>. » E' porém certo que se encontra no *Nobiliario* esta mesma tradição na velha e ingenua prosa do seculo XIV; é a mimosa lenda de *Dom Inigo Guerra e da Dama pé de cabra*, que o snr. Alexandre Herculano desenvolveu nas suas *Lendas e Narrativas*:

« Este Dom Diego Lopez era muy boo monteyro, e estando hum dia em sa armada e atemendo quando verria o porco, ouvyo cantar muyta alta voz huma molher em çima de huma pena; e el foy pera lá e vioa seer muy fermosa e muy bem vistida, e namorousse logo della muy fortemente e preguntoulhe quem era: e ella lhe disse que era huma molher de muito alto linhagem, e ell lhe disse que pois era molher d'alto linhagem que casaria com ella se ella quizesse, ca elle era senhor daquella terra toda: e ella lhe disse que o faria, se lhe promettesse que nunca se santificasse, e elle lhe outorgou, e ella foisse logo com elle » <sup>3</sup>.

Todas as circumstancias do romance provam a a sua alta antiguidade e até a identidade com os primitivos costumes da Peninsula. Os versos:

Filha sou de um *malado*,  
Da maior *malalaria*;  
O homem que a mim chegasse  
*Malato* se tornaria.

<sup>1</sup> Vid. *Floresta de Varios Romances*, introd. pag. xxxix.

<sup>2</sup> *Rom.*, t. II, p. 34. Ed. 1854.

<sup>3</sup> *Livros de Linhagens*, p. 258.

estão de accordo com a organização social da sociedade moderna da Peninsula. Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, no *Elucidario*, Antonio Caetano do Amaral, nas *Memorias da Academia*, P. 2, p. 149, João Pedro Ribeiro, nas *Dissertações Chronologicas*, t. II, p. 126 e o snr. Herculano na *Historia de Portugal*, t. IV, p. 480, nota 3.<sup>a</sup>, dissertaram largamente sobre a intelligencia da palavra *malado*. Nenhum d'estes escriptores procurou no direito germanico as origens do direito consuetudinario portuguez, por isso não precisaram o valor juridico d'esta palavra.

Na *Historia do Direito portuguez* <sup>1</sup> dissemos que o *home-lige* corresponde ao estado de *malado*, e tinhamos equiparado antes <sup>2</sup> o *lite* ao *colono*. O profundo Guérard, na sua celebre introdução á *Polyptica de Irmion*, estabelece uma differença quasi insensivel entre o *colono* e o *lite*: ambos estão em um estado intermediario que os separa da liberdade, porém o *colono* estava ligado á terra, pertencia á gleba e não ao homem, e com o rendimento d'essa terra remia a pequena independencia que gosava; pelo contrario o *lite* ou *lige* estava na dependencia de um senhor que em troca das terras que lhe concedia, exigia prestações e serviços. Segundo outros o *lite* era propriamente o servo germanico, equiparado ao *colono*. Tal é a opinião de Laboulaye na *Histoire du Droit de propriété foncière en Occident*, p. 448: « Reparando para a afinidade da condição do *litus* com o *colonato*, afinidade tão estreita, que leva a fazer explicar a origem da instituição romana por imitação dos usos barbaros,—é facil de compre-

<sup>1</sup> Pag. 16. — <sup>2</sup> Pag. 14.

hender como estas duas condições se confundiram; o nome de *lite* foi mais usado no Norte, o de *colono* no Meio Dia, mas a lei da tenencia foi pouco mais ou menos a mesma.» A palavra *Ome-lige* encontra-se empregada no nosso *Cancioneiro gallesiano* do seculo XIII, conhecido com o nome de *Cancioneiro da Ajuda*. Ali se deve de emendar a strophe d'esta sorte, seguindo a indicação da rima:

Dizer vos quer' eu una ren, Senhor,  
Or sachaz que sempre ben quige,  
Ya a min qu'oje soy votr' *ome-lige*. 1

Assim entendemos que a palavra *Malado* é uma corrupção natural da palavra *ome-lige*, que nada tem de forçado quando se conhecem tantos exemplos d'esta ordem nos documentos da idade media. *Ome-lige* ou *Ome-lite*: '*me-lide* e *ma-lado* ou *malato* como ainda se usa no romance popular. Insistimos n'estes pontos para mostrar a luz que se pode tirar da poesia do povo para a intelligencia do seu direito; tal foi o criterio descoberto por Jacob Grimm.

N'este romance tambem se encontra uma palavra antiquissima empregada no celebre fragmento da *Canção de Cava*:

Hua *atimaram* prasmada façanha.

Bluteau define este vocabulo, como emprehen-der e acabar, e tal é o sentido da dicção do povo:

Hontem se *atimaram* annos,  
Hoje se *atima* o dia.

<sup>1</sup> Edição de Lord Stuart, pag. 67, verso; na de Varnhagem, p. 145, n.º 140.

Na III variante d'este romance, quando a donzella perde o encantamento, acha-se ensanguentada:

Dos beijos da sua bocca  
Sangue vermelho corria.

Ainda hoje, nas superstições das ilhas dos Açores, só se pode romper o encantamento fazendo sangue á pessoa infeitiçada; e tanto, que para fixar o dinheiro que se acha enterrado é necessario derramar algumas gotas de sangue do proprio descridor, sob pena de converter-se o thesouro em carvão. Tambem os *lobis-homens* não podem vencer o seu fadario e deixar a vida vagabunda em quanto não acham quem lhes faça sangue. <sup>1</sup>

Na versão asturiana d'este romance, colligida por Amador de los Rios, que elle intitula *El caballero burlado*, a donzella não é encantada; ella está no monte, porque

Fiz puesta con mis hermanas  
Cien vasos de plata fina,  
De rondar con vos el monte  
Volver con honra á la villa. <sup>2</sup>

Nos *Canti popolari del Piemonte*, (Fascicolo v, p. 178) o cavalheiro Nigra traz um romance bastante parecido com o portuguez. Du Puymaigre, nos *Chants populaires recueillis dans le Pays Messin*, (pag. 112,) publica duas versões d'este mesmo canto, em uma fórma visivelmente mais moderna, e accrescenta: «Sente-se a gente tentado a reconhecer n'estes romances uma origem franceza, quando lê esta velha canção normanda:»

<sup>1</sup> Vide as *Superstições e préjuizos populares açorianos*, por F. M. Sulpico, no seu *Almanak do Archipelago dos Açores* para 1868, pag. 106 a 116.

<sup>2</sup> Vid. *Hist. critica da Litteratura hespanhola*, t. vii, pag. 443.



— Eh! qui vous passera le bois  
 Dictes ma douce amye?  
 Nous le passerons cette foi  
 Sans point de villenye.

Quant elle feust au bois si beau  
 D'aymer y la requoise:

«Je suis la fille d'un *mezeau*,  
 De cela vous advise.  
 — De Dieu soit maudit le merdier  
 Qui la fille a nourrie!  
 Quant il ne la mest a mestier  
 On ne la faict en lieu bouter  
 Que homme n'en ayt envie!

Quant elle fut deshors du bois,  
 Elle se print à subzrire:

— Belle qui menez tel desgoys,  
 Dictes moy, qu'esse à dire?

Et respondit a basse voix:

«Je suis la fille d'un bourgeois  
 Le plus grand de la ville,  
 L'on doit conard maudire.  
 — Femme je ne croiray d'un mois  
 Tant soit belle ou habille.

(*Viaux de Vires*, d'Olivier Basselin, p. 225).

4, 5, 6. — Romances da *Sylvana*. — A versão do romance de *Sylvana*, recolhida nas Ilhas, é muito mais simples do que as de Lisboa e Coimbra. A sua antiguidade prova-se com a allusão ao costume barbaro da desherdação da mulher:

— Que mulher é esta aqui,  
 Que tanto está enfadada?  
 «E' vossa filha *Sylvana*  
 Que a deixaes *desherdada*.

Sobre este costume, diz Michelet nas *Origines du Droit Français*, (p. 33): «A exclusão da herança ou, pelo menos, da terra salica, com que a mu-

lher é ferida nas leis barbaras, vigorou durante a idade media. Em muitas de nossas provincias a filha nada tem a esperar; ella é dotada com uma simples *capella de rosas*; muitas vezes, ainda tem menos, *uma noz*, como em Anjou e Maine.» No romance insulano o barão moribundo deixa á filha um *punhal de ouro*. Nas formulas lombardas, os esponsaes faziam-se pela *espada*, e pelo *guante*: «Por esta *espada* e por este guante eu te dou a minha filha por esposa.» Canciani, *Leges Barbarorum*, (t. II, p. 467). Segundo Tacito, o noivo é que trazia o dote á mulher, entre os Germanos; o velho barão desherdava a filha, mas deixando-lhe o *punhal de ouro* dava a entender no symbolismo heroico que procurasse o casamento, que era a sua riqueza. Os cantos populares portuguezes estão cheios de allusões juridicas, aonde florescem restos do symbolismo germanico:

Agora que a tua mãe,  
Que te acabe de herdar.

Segundo o direito germanico, pertenciam ás filhas as joias das mães. Michelet, (*op. cit.* p. 65.) O romance de *Sylvana* é antiquissimo na tradição da Europa; pertence, segundo o nosso entender, ao seculo X, ao tempo dos contos de Fadas, por isso que este amor desnaturado de um pae por sua filha se encontra no conto de *Peau d'Ane*, recolhido pela primeira vez da tradição moderna por Ferrault. Na historia apparecem factos semelhantes. Jacob Grimm traz a seguinte lenda, recolhida da tradição oral, e encontrada tambem no *Gargantua*: «Mathilde, filha do Imperador Henrique III, era tão bella e tão graciosa, que seu pae concebeu por ella um violento amor. A me-

nina pediu a Deos, e rogou do imo de sua alma que a puzesse feia, para extinguir os desejos de seu pae; mas Deos não a ouviu. Então o espirito maligno lhe appareceu e offereceu-se, com a condição, que ella lhe pertenceria de mudar a inclinação e o amor do Imperador em raiva e colera. Mathilde consentiu, com a reserva, de que não cairia no seu poder, senão depois d'elle a encontrar adormecida trez noites a fio; e que se estivesse acordada, não teria nada que lhe exigir. Em vista d'isto, começou um magnifico bordado, e passou a noite a lavrar, com o que conseguiu estar acordada; tinha comsigo um cãozinho fiel, chamado *Queld* ou *Weld*, que ladrava, e lhe batia com o rabo logo que fechava os olhos e parecia ceder ao somno. Ora, como o diabo tivesse vindo todas as trez noites e a encontrasse sempre acordada, enfureceu-se; meteu-lhe as unhas na cara, achatou-lhe o nariz, rasgou-lhe a bocca até ás orelhas, e lhe vazou um olho. Quando seu pae viu o olho arrancado, a bocarra e o nariz amassado, passou-lhe toda a paixão que sentira, e o culpado amor deixou de o atormentar. Mathilde consagrou-se á vida religiosa, e em lembrança do cão, edificou uma abbadia, a que poz o nome de *Castello de Queld*.» *Tradições allem.* t. II, p. 217.

Nas duas ultimas versões da *Sylvana*, o povo descreve o Paraizo do mesmo modo que se acha na *Divina Comedia* de Dante :

Estava no céu a cantar  
'Numa *Rosa encarnada*.

e tambem:

A minha alma está no céu,  
Está n'uma *Rosa pintada*.

Confrontados estes versos da tradição popular com os admiráveis tercetos do vate florentino, torna-se para nós evidente a theoria de Aroux, que considera a *Divina Comedia* como a historia das luctas dos Albigenses, ou da França municipal contra a prepotencia da Egreja Romana e dos Barões feudaes. Essa lucta deu-se em todo o Meio Dia da Europa, e em Portugal tambem, não só pela existencia dos Templarios aqui, que eram os sectarios d'essa politica, senão tambem pelas continuas revoltas com que se alcançaram os Foraes. Como temos observado, a poesia popular está sempre em harmonia com o direito consuetudinario foraleiro. Eis os tercetos de Dante:

In forma dunque di *candida rosa*  
 Mi si mostrava la militia santa,  
 Che nel suo sangue Cristo fece sposa.  
 Ma l'altra, que volando vede e canta  
 La gloria di colui, che l'innamora,  
 E la bontà che la fece cotanta;  
 Sì come schiera d'api, che s'infiora  
 Una fiata, e d'altra si ritorna  
 Là, dove suo lavoro s'insapora,  
 Nel gran fior discendeva, che s'adorna  
 Di tante foglie, e quindi risaliva  
 Là, dove il suo amor sempre soggiorna.

*Paradiso*, canto xxxi.

A aproximação d'estes factos parecerá extraordinaria, mas a realidade existe. A novella de *Ama-dis de Gaula*, apesar de ser escripta em portuguez, é a historia da perseguição dos Albigenses, ou do partido democrata do seculo xii. Estas vagas allusões hoje achadas na poesia do povo já não tem sentido, mas ainda denotam a commoção primitiva.

O romance da *Delgadina*, que é a versão asturiana do romance portuguez da *Sylvana*, é tambem popular em Navarra, Rioja e Aragão, e na Serrania de Ronda. Na versão insulana os diabos

que vem arrebatat o pae de *Sylvana* são os *Garrazes*: na asturiana chamam-se *degorrios*.

Sobre o romance de *Sylvana* veja-se tambem a nota 12, no *Romanceiro geral*, p. 180.

7. — Romance da Noiva Desertora — E' pela segunda vez recolhido este romance do tempo das Cruzadas, mas agora mais simples, mais primitivo, em uma ilha dos Açores aonde a tradição não foi perturbada por novos successos. No *Romanceiro Geral*, (p. 172) já o comparámos com um canto da Grecia moderna. A noiva está prestes a casar-se, porque a tinham illudido com a falsa noticia da morte do primo. Esta scena parece uma *confarreatio* do casamento romano, em que o verdadeiro noivo apparece de repente e leva á força a noiva para sua casa. O povo conserva os costumes immemoriaes, mesmo sem lhes conhecer o sentido; portanto, estas aproximações nunca se devem julgar forçadas. A versão recolhida por Garrett, (Rom. t. III p. 108) tem o titulo de *Noiva arraiana*, posto, por ser o *logar da scena inquestionavelmente na raia do Algarve*. E' uma razão á falta de outra melhor. O romance não pertence, como elle diz, ao tempo das nossas emprezas de Africa, por isso que se encontra tambem na Grecia moderna. Ora, pode-se concluir que todos os romances que ali se encontram, apparecendo entre qualquer povo da raça neo-latina, são do tempo das Cruzadas, e por tanto originarios da Provença. Temos bastantes vezes verificado este principio descoberto pelo cavalheiro Nigra. O romance de *Flora* parece uma versão mais moderna, ou, para melhor dizer, uma nova elaboração da *Noiva desertora*. Sobre a passagem das tradi-

ções do Occidente para o Oriente, é notavel este periodo de Chassang na *Histoire du Roman*, (pag. 438): «A quarta Cruzada teve consequencias profundas: os conquistadores estabeleceram na Grecia e na Morêa suas leis, costumes, e até a propria litteratura; muitos dos romances de cavallaria foram traduzidos ou imitados em grego moderno, e as mais illustres familias do imperio pensavam que ficariam mais honradas criando uma genealogia imaginaria, inscrevendo entre os seus antepassados os paladins francezes, os Roland e e os Olivier.» Pode vêr-se a auctoridade de Fau-ri-er, nos *Chants populaires da Grecia*, (pref. p. 15) e sobre tudo a vasta e conscienciosa introdução de Du-Méril á edição do romance de *Flore et de Blanceflor*, d'onde Chassang tirou a sua asserção.

Esta situação em que o marido chega e encontra sua esposa prestes a casar-se, ou a sua prometida já nas festas da boda, é frequente na poesia popular de toda a Europa. No velho poema carlingiano *La Spagna*, Carlos Magno vem achar a sua esposa a casar-se com outro. Os romances carolíneos hespanhoes e italianos não são affectos ao seu heroe. Nas *Observaciones sobre la poesia popular, Romancerillo catalan*, por Don Manuel Milá y Fontanals, (pag. 108,) vem o romance de um marido que volta da guerra depois de uma ausencia de sete annos; sabendo que a sua mulher está em poder de um mouro, veste-se de peregrino e rouba-a. Du Puymaigre, nos *Chants populaires du pays Messin*, traz um canto intitulado *Le retour du Mari*, em que algumas strophes apresentam a situação da *Noiva desertora*:

Tous les gens de la noce  
M'y ont tous regardé.

— Oh! non, mon beau gendarme  
 Ne vous y trompez pas,  
 Notre belle mariée  
 Ne vous appartient pas.  
 — Je ne jouerai point aux cartes  
 Aux cartes ni aux dés;  
 Et si j'aurai la belle  
 Ce soir à mon concher.

Pág. 20, n.º III.

8, 9.— Romances de Dom Pedro França. — O lindo romance de *Bernal-Francez*, foi encontrado na ilha de S. Jorge com o titulo de *Dom Pedro de França, Dom Pedro França*; Garrett diz que se não encontra nas collecções hespanholas, mas é inegavel que de lá nos veiu, apesar de que o povo criou novamente sobre o mesmo thema. França, ainda hoje, na imaginação popular é a capital das tradições; o povo não se engana no seu instincto: é da Provença que saíram os mais bellos cantos que ainda hoje circulam na Europa. No *Decameron* de Boccacio já se encontram equívocos como os d'este romance, mas em vez de ser no thalamo é no confessionario. O romance, posto que entre nós se vulgarisasse pelo seculo XVI, é mais antigo, como se deprehende dos versos:

Mandae chamar teus irmãos  
 Que te venham a carpir.

No tempo de Dom João I, uma postura da camara de Lisboa, de 1385, prohibia o uso das carpideiras. No romance da *Bella mal maridada* do *Cancioneiro d'Anvers*, tantas vezes glosado pelos Quinhentistas, ha situações identicas. Cumpre notar que a maior parte dos romances colligidos na edição de Anvers, são do seculo XIV e XV. Veja-se sobre os paradigmas d'este romance a nota 13 do meu *Romanceiro geral*, (p. 184.)

No *Cancioneiro de Romances*, de Anvers, (pag. 289,) vem o romance da *Blanca Niña*, que apresenta tambem analogias capitaes com o *Bernal Francez*, ou *Dom Pedro Françoilo*. Du Ménil nos Prolegomenos da *Historia da Poesia Scandinava*, diz que sobre o mesmo assumpto ha uma ballada dinamarqueza, (*Dauske Viser fra Middelalderen*, t. IV, p. 228, 362 e 363); uma ballada sueca (*Svenska Folk-Visor*, t. III, p. 107) e uma escossesa (*Scotish songs*, London, 1794, t. I, p. 231). A cada investigação se descobre cada vez mais evidentemente a unidade das tradições poeticas da idade media da Europa.

**10.— Romance do Conde de Allemanha.**— Recebemos quatro versões, todas da ilha de Sam Jorge; a lição de Ribeira de Areias era a mais antiga na linguagem; traz aquella praga de *Eira-má* tam usada nos Autos de Gil Vicente A lição de Rosaes terminava com o mesmo fecho do romance da *Sylvana*, d'onde se vê que os romances populares tendem a confundir-se, e que ha na memoria do povo um certo numero de versos *centões*, que servem para todos os romances. A versão da Beira era a mais original; apresentava o pedido da infanta, que queria um letreiro na sepultura do Conde, e que apontava o sitio aonde havia de ser enterrado. Na versão de Urzelina, a donzella chamava-se *Dona Claudina*, e aquellas partes dithyrambicas, em que a filha convida a rainha para vêr o saimento do Conde, são mais acintosas e extensas. A lição escolhida tem todas estas bellezas e é superior ás já publicadas no *Romanceiro geral*, n.º 29 e 30, aonde se lerá a nota a pag. 198.



11, 12.— **Dom Varão — Donzella Guerreira.**— Estes romances são dos mais frequentes na tradição popular; são todos compostos de partes dithyrambicas, nas quaes o narrador improvisa á vontade. As duas versões que apresentamos são notaveis pela graça pittoresca, e em tudo superiores ás lições do continente. Recebemos outras versões de Ribeira de Areias e de Santo Amaro, na ilha de Sam Jorge, mas nada tinham de aproveitavel, confrontadas com as duas escolhidas. No *Romanceiro geral* já apresentamos os estudos e paradigmas d'este romance, o primeiro que modernamente foi colligido em Portugal por Costa e Silva. O snr. João Teixeira Soares indica um facto da historia portugueza, muito popular, que talvez não pouco contribuisse para a vulgarisação d'este romance commum aos povos do Meio Dia da Europa. E' a historia da celebre Antonia Rodrigues, que militou e se distinguiu no Oriente como soldado, que se conta no *Theatro heroico* de Froes Perym, t. I, p. 54, e de que fala Duarte Nunes na *Descripção de Portugal*, cap. 89, pag. 346, edição de 1785.

D'este mesmo romance, colhido no Piemonte, diz o cavalheiro Nigra : « Qualunque ne sia l'origine, io penso che non altramente che dalla Provenza venne tresmesso alle due peninsole italiana e iberica, passando poi colle prime crociate in Grecia e ne' paesi slavi. » (*Canti popolari del Piemonte*, Fascicolo III, p. 90.) Esta observação do cavalheiro Nigra torna-se justissima, á medida que os factos a corroboram. Os cavalleiros francezes ajudaram Affonso Henriques na conquista de Lisboa, quando iam pelo Mediterraneo á Terra Santa; o romance da *Donzella guerreira* não se encontra

nas antigas collecções hespanholas, circumstancia que mostra ser o romance uma tradição do litoral; na collecção do Conde de Marcellus dos *Cantos populares da Grecia moderna*, encontra-se uma versão: a *Partida do hospede*, em que a donzella se veste de guerreiro, (p. 143.) Tudo isto comprova a seguinte lei de tradição poetica descoberta por Nigra: « Questi canti romanzeschi comuni alle nazioni di razza latina, debbono, nel dubio, considerarsi como trasmessi e spesso originati dalla Provenza. » (Fascicolo II, p. 60.) Este romance é um dos mais vulgares do Meio Dia da Europa. Wolf publicou um canto veneziano, variante do romance piemontez, intitulado *la Figlia coragiosa*. (*Volklieder aus Venetien*, gesammelt von Georg Widter heransgegeben von Adolf Wolf. Vien, 1864, p. 57, n.º 79.) Segundo as indicações de Wolf, este canto acha-se tambem colligido no *Boehmische Granaten*, t. I, p. 266; no *Slavische melodien*, p. 34, e no *Neugriessche Volklieder*, p. 5.

Na poesia popular da França tambem se encontra a *Donzella guerreira*; não vae á guerra em logar do pae já velho, que tem de obedecer ao preito feudal de acudir ao seu monarcha, vae sim em busca de um amante. Nos *Chants populaires du pays Messin*, Du Puymaigre traz o seguinte romance :

La petite Claudine s'habille en garçon  
 C'est pour aller en ville, pour s'engager Dragon.  
 Le capitaine la regarde. — Tu es joli garçon,  
 Même tu n'as point de barbe, point de barbe au menton.  
 « Ah ! si je n'ai point de barbe, point de barbe au menton,  
 Ah si je n'ai point de barbe, j'ai un cœur de lion.  
 Le capitaine l'engage, l'engage dans les dragons.  
 La petite Claudine retrouva son mignon,  
 Son mignon qui la laisse em triste abandon.  
 Elle lui chercha querelle et tua son mignon,  
 On la prend, on l'emène jusque à la prison,  
 Elle se declare fille pour avoir son pardon.

Em muitos outros pontos da França este romance é cantado; é sempre uma donzella que vae servir na tropa para se encontrar de frente com o amante que a despresára. Não será isto uma tradição já totalmente obliterada, produzida pela confusão dos velhos romances *Donzella guerreira*, e *Donzella que se fina de amor*?

13, 14. — *Donzella que se fina de amor* — *Rosal florido*. — Que lindos, estes dois romances açorianos, comparados com o romance da *Promessa de Noivado*, colligido na Beira Baixa! (Rom. geral, n.º 15.) Nos *Chants populaires du Pays Messin*, encontram-se duas variantes mais simples e modernas, que ajudam a seguir o veio da tradição:

#### LA FEMME ABANDONÉE

Mon amant s'est engagé  
 Pour aller dans la Flandre;  
 N'ai-je pas sujet de pleurer  
 Mon ami qui s'est engagé?  
 Je cours en bas, je monte en haut  
 Dans ma plus haute chambre,  
 Je ne vois rien venir  
 Qu' un messenger de Flandre.  
 — Messenger, bon messenger,  
 Quelle nouvelle dans la Flandre?  
 « Les nouvelles que j'apporte  
 Ne vous rendront pas contente.  
 Votre amant s'est marié  
 Avec une Flamande;  
 Elle n'est plus si riche que vous,  
 Mais elle est plus puissante.  
 Elle fait venir le soleil  
 A minuit dans sa chambre,  
 Elle fait bouillir la marmite  
 Sans feu et sans rente.

N.º VII, p. 31.

N'esta mesma collecção se encontra outra variante intitulada *Petite Rosalie*, cujo titulo não

sei que analogia tem com *Rosal florido*, a donzella abandonada; tanto n'esta variante portugueza como na *Petite Rosalie*, ella vae encontrar o amante já casado e com filhos. Na poesia das Asturias, do Piemonte e da Inglaterra ha bastantes analogias com este romance insulano, o mais puro e antigo que se tem conservado.

**15, 16.**— Romance de Helena.— Tambem foi encontrado na tradição oral das Asturias, pelo sr. Amador de los Rios, que o colligiu com o titulo de Romance de *Arbela* (Collec. n.º XXXI y XXXII). Na poesia popular da Catalunha tambem se encontra este mesmo romance, colhido por Milá y Fontanals, com o titulo *La vuelta de Don Guillermo*. (*Poesia popular*, p. 119.)

Tambem nos *Cantos populares da Provença* publicados por Damase Arbaud, existe esta mesma legenda com o titulo *Pourcheireto*. Na versão portugueza o assumpto já se não refere á realza, mas sim á vida vulgar; na lição asturiana, vem:

Oh palacios, los palacios  
Palacios de Valledale!  
El rey mi padre vos fizo!  
Quien fuera parir allae?

*Alfargo*, é o nome do marido cruel; o nosso povo chamou-lhe *Pedro*, talvez pela tradição do *Cruel* ou *Justiceiro*.

**17, 18.**— Romances de Joãozinho ou o Banido, Flores e Ventos. — Estes dois mimosos e ignorados romances merecem uma particular attenção dos philologos e eruditos. E' o unico documento da poesia popular portugueza em que encontramos

a antiga tradição germanica do *banido*, tantas vezes empregada na penalidade foraleira. Sustentem os escriptores academicos o que quizerem acerca da origem romana dos Foraes, que os factos comprovarão sempre a sua origem germanica. Eis o que tinhamos dito na *Historia do Direito portuguez*, (cap. IV, parte I, p. 52:) «A penalidade germanica do *banido* acha-se no nosso povo, tal como o *Wargus*, o sentenciado para quem o *tecto*, *lar* e *agua* estão interdictos nos Codigos Barbaros. O *Wargus* é comparado ao *lobo nocturno*; póde ser morto impunemente. No baixo povo a expressão de *lobis-homens* tem o mesmo sentido. No Foral da Ponte do Sôr encontra-se tambem a mesma penalidade severa do *banido*, o *Wargus* a quem se prohibe *tecto*, *lar* e *agua*: «A quem demandarem que omem a traysom lide et si caer, pectet mille morabitos: et si non habuerit de que los pectet, faciant de illo iusticiam como de aleiuoso et de traditor: *Si los pectar exeat de sancta cruce pro aleiue, et de suo termino, et derribem suas cazas*: et per istam vocem vicinum ad vicinum det directum et non ad iudicem: etc.» No Foral de Freixo ha tambem a penalidade do *banido*: manda que se lhe derribem as casas, e que, ao espalhar-se sobre elle a voz de aleivoso e de traidor, os visinhos fiquem sobre elle com direito como de seus juizes. A interdicção do *tecto*, *lar* e *agua* encontra-se nas versões da ilha de Sam Jorge, bellas pela sua antiguidade, e como monumento de uma poesia que se extingue. Não é a primeira vez que encontramos a poesia do povo em accordo perfeito com o direito consuetudinario dos Foraes, principalmente quando o velho uso a que allude tem uma côr germanica. A perda do

estado de liberdade, era peor entre os povos da idade media do que a *capitis diminutio magna* dos romanos. O criminoso, que estava fóra da garantia civil era como o *lobo nocturno*, o bruto. No velho romance hespanhol de *Lanzarote del Lago*, se allude a esta metamorphose :

Tres hijuelos habia el rey,  
Tres hijuelos que no mas ;  
Por enojo, que hubo d'ellos  
Todos malditos los ha.  
*El uno se tornò ciervo,*  
*El otro se toruo can, etc. 4*

Não podemos deixar de transcrever aqui as illustractivas palavras do snr. João Teixeira Soares ácerca d'estas duas versões : « Eis aqui um romance de alto preço. Não podia ir parar a melhor mão do que ás de V. para lhe fazer um con-digno commentario philologico e criminalistico. Eis aqui a philosophia popular precedendo Beccaria e seus discipulos ; ha ainda muito a percorrer para satisfazer as exigencias d'ella, as unicas verdadeiras no meu sentir. Eu não sei que se possa com mais eloquencia pintar as amarguras do exilio. Recolhi este romance ha doze annos ; não tomei nota do nome do tradicionalista, nem da freguezia. Agora debalde perguntei por elle. Ha días, nas Vellas, uma rapariga interrogada ácerca d'elle respondeu-me com um fragmento de uma variante notavel, dizendo que o não recordara mais depois que ha annos o aprendeu, e por isso o não sabia todo. Hoje 24 de Novembro me prometteram da Beira esse fragmento completo, que se chama *Flores e Ventos.* » Estas palavras do sin-

4 Ochoa, *Tesoro de los Romanceros*, p. 14.

cero collector georgiense são o melhor commentario historico d'estas venerandas reliquias.

**19, 20, 21.** — Romance de Dona Branca, Dom Alberto, e Flor de Marilia. — Estas trez versões parecem uma sequencia dos romances de *Flores e Ventos*; foram pela primeira vez recolhidas da tradição portugueza na ilha de Sam Jorge, e lá existem desde a primitiva elaboração poetica dos povos da Peninsula. Na mais antiga collecção de Romances, hespanhoes, o *Cancionero de Romances* impresso em Anvers, vem lá o romance de *Blanca scis, señoira mia*, que é em tudo semelhante ás versões portuguezas. Qual será mais antigo na tradição, o hespanhol ou as lições portuguezas? A resposta a esta pergunta é nada menos do que uma grande descoberta: os romances portuguezes não são imitados, como se suppõe, dos cantares hespanhoes; foram elaborados ao mesmo tempo pelo genio da mesma raça a que os dois povos pertencem. Desde o seculo xv que se recolhem romances populares em Hespanha, e em Portugal só desde a ultima metade do seculo xix; muitos thesouros da tradição poetica perderam-se cá, e pelo facto de apparecerem nas collecções hespanholas não se pode concluir que nos falte a invenção poetica. Quando encontramos romances antigos na tradição portugueza, os de que se acham paradigmas hespanhoes são sempre do seculo xvi, já recolhidos na collecção de Nucio; por isto se pode vêr a riqueza das nossas lições, a abundancia de variantes, e a diversidade de versões, ao passo que o collector hespanhol só appresenta uma lição contemporanea das nossas.

Os dois mil romances do Romanceiro hespanhol, não valem mais do que os nossos cem; aquelles,

tirando-lhes pouco mais de noventa, puramente *anonymos* e bellos, foram escriptos por litteratos conhecidos, que contrafizeram o gosto do povo, e porisso não podem ter o merito dos cem romances genuinos que ainda se repetem em Portugal. Nos primeiros trez volumes do *Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez* duvidavamos da originalidade do nosso povo; agora sentimos o prazer de restituir ao povo portuguez a parte que lhe cabe na elaboração dos romanceiros da Peninsula.

Eis o citado romance da collecção de Anvers, para que se confronte com as lições que discutimos. Duran e Ochoa dizem que este romance, no seculo XVIII, ainda era popular em Hespanha:

• Blanca sois, senora mia  
 Mas que no el rayo del sol:  
 Si la dormire esta noche  
 Desarmado y sin pavor?  
 Que siete anos habia, siete  
 Que no me desarmo, no?  
 Mas negras tengo mis carnes,  
 Que no un tiznado carbon.  
 — Dormidla, señor, dormidla,  
 Desarmado sin temor,  
 Que el Conde es ido á la caza  
 Á los montes de Leon.  
 Rabia le mate los perros,  
 Y aguilas el su halcon,  
 Y del monte hasta casa  
 A él arrastre el moron.

Ellos en aquesto estando  
 Su marido que llegó:

= Qué haceis, la blanca nina,  
 Hija de padre traidor?  
 • Señor, peino mis cabellos,  
 Peinolos com gran dolor,  
 Que me dejais á mi sola  
 Y á los montes os vais vós.  
 = Esas palabras, la nina,  
 No eram sino traicion;  
 Cuyo es aquel caballo  
 Que allá bajo relinchó?  
 • Señor, era de mi padre,  
 Y enviolo para vós.



— Cuyas son aquellas armas  
 Que están en el corredor?  
 «Senor, eras de mi hermano,  
 Y hoy vos las envié.  
 — Cuyas es aquella lanza  
 Que desde aquí la veo yo?  
 «Tomadla, Conde, tomadla,  
 Matadme con ella vos,  
 Que aquesta muerte, buen Conde,  
 Bien os la merezco yo.

A tradição é a mesma entre os dois povos. Qual d'elles romanceou com mais graça e paixão? As versões portuguezas nada deixam a desejar em belleza e antiguidade.

**22, 23 — Romances de Dom Aleixo.** — Encontra-se ainda completo na tradição oral dos Açores. A cidade de Hungria, como logar da acção, está aqui substituindo Castella, alludida na versão da Foz, o que prova, pela antiguidade da lição insulana, que a lenda se formou fóra do territorio da Peninsula. Nos *Chants populaires recueillis dans le Pays Messin*, traz Du Puymaigre o romance da morte do *Duque de Maine*, que tem suas analogias com a lição presente. O cavalleiro, ferido de morte, pede para escrever:

Il demande une plume  
 De l'encre et du papier,  
 Pour écrire à son maitre  
 Son roi, son allié.

P. 184.

*Dom Aleixo* moribundo, diz:

Dae-me tinta e papel,  
 Oh minha escrivania...

Se os dois romances são filhos da mesma tradição, podemos assignar-lhe a sua formação pelo século XV; por isso que, segundo Du Puymaigre, se refere á morte de Carlos d'Anjou, conde de Mai-

ne, sobrinho do bom rei René, morto em 1481. — Estas versões insulanas são devidas a Maria Ignacia da Silveira, sympathica e intelligente moça dos Rosaes, que de boa vontade communicou muitos romances de que tinha conhecimento, investigou e decorou outros muitos, que enriquecem a presente collecção.

**24, 25 — Romances de Caralinda.** — Um resto dos costumes primitivos se descobre ainda n'este romance. Segundo o *Codigo Wisigothico*, L. III, Tit. II, c. II, a mulher livre que se abandonava ao servo tinha pena de fogo. Esta versão é uma variante do bem conhecido romance de *Dom Claros d'Alem-mar*; a amante vae a queimar, por não saberem que o filho que ella traz no seu ventre é de sangue real. (Veja-se o *Romanceiro geral portuguez*, pp. 83 e 198). Aceitamos a opinião de Depping, attribuindo este romance ao cyclo de Carlos Magno. Nas tradições da Italia e de Hespanha Carlos Magno é representado como um typo ridiculo e cobarde. Antonio de Esclava, nos *Amores de Milon y Aglante*, retrata-o como tyranno de suas irmãs e filhas. Bertha, irmã do imperador, acha-se grávida, e elle, *segundo a lei*, a manda queimar; o amante a vem libertar do fogo e leva-a consigo.

Assim se vão apagando as tradições, e d'este cyclo resta-nos apenas o *Dom Carlos d'Alem-mar*. No romance de *Dona Ausenda* (Garrett, t. II, p. 172) ha as mesmas situações, mas esse pertence ao cyclo da Tavola Redonda, como se descobre pelo *maravilhoso da erva fadada*. No seculo XVII, este romance do *Conde Claros* tinha abandonado completamente os *pliegos sueltos*, e absorvera-se

na tradição do baixo povo. A este facto allude Don Francisco de Quevedo, na *Musa VI*, p. 455:

El Conde Claros, que fue  
Título de las guitarras,  
Se quedó en las barberías,  
Con chaconas de la gala.

O romance do *Conde Claros* considerado *velho* já no seculo XVI, foi recolhido por Salinas e por elle posto em musica, bem como o romance de *Retraída está la Infanta*, L. v. p. 342 e 348.

**26, 27, — Romances da Condessa.** — Aparece aqui pela primeira vez este romancé colligido da tradição oral dos Açores. Não tem referencia a facto algum da historia; as situações que apresenta lembram o *Conde de Allemanha*, o *Conde Niño* do cyclo da Tavola Redonda, o *Dom Garfos* e *Dom Claros d'Alem-mar*, do cyclo carlingiano. O povo confundindo os lances produz romances novos. Não se acha nas collecções hespanholas. A mãe, que vem vingar o filho e pedir conta d'elle ao rei, tem a grandeza das creações do *Niebelungen*, a energia d'aquellas mulheres que affrontavam destemidas os maiores guerreiros, como Bruhnild; esta não é a mulher feudal, a *Griselidis* submissa, é a mulher como o coração a fez, bella como um seraphim de Klopstock, terrivel como um diabo de Milton. (Diderot.)

**28 — Romance de Dom Pedro Menino.** — Quando se recolhe um romance da tradição oral é preciso conservar o nome que o povo lhe dá. O romance do *Conde Nillo*, publicado por Garrett, que o julgava francez, provençal e normando,

(t. III, p. 7) recolhido novamente em Bragança com o título de *Conde Niño*, trouxe um nome que descobriu o mysterio da sua origem. (*Romanceiro Geral*, p. 185, nota 14). Os amores do *Conde Niño*, como os conta o romance, acham-se na *Chronica do Conde Dom Pedro Niño* de Gutierre Diez de Games; a sua amada era Dona Beatriz, filha do Infante Dom João, e neta de Dona Inez de Castro. Este romance, colhido na tradição da Ilha de Sam Jorge, com o título de *Dom Pedro Menino*, vem confirmar de um modo mais absoluto a verdade do que tínhamos provado nas notas ao *Conde Niño*; esta versão parece-nos mais proxima ainda da realidade historica, por isso que, sumida nos Açores, não assimilou a si o episodio do romance de *Tristão e Yseult*, em que das sepulturas dos amantes nascem arvores d'onde corre leite e sangue, quando o rei as mandou cortar. E' difficil destrinçar todos os elementos da tradição, mas o trabalho tudo consegue. Este romance, já desconhecido no continente, continua a repetir-se nas ilhas. Garrett falou verdade quando disse, que sómente se encontra «na provincia de Traz-os-Montes e nas ilhas dos Açores.»

**29 — Romance do Conde Yano.** — A versão que apresentamos é de Ribeira d'Areia; tem uma originalidade e traços pittorescos não conhecidos. Bem se vê que ali está ainda em elaboração a poesia, por isso que da pequena circumstancia por onde *Sylvana* começa a accusar o pae, sae esta fusão do romance do *Conde Yano*; tambem as lições da Beira-Baixa e do Porto começam com a abertura do romance da *Sylvana*, o que revela a tendencia que os dois romances têm para se fundirem. O

snr. João Teixeira Soares descreve-nos o logar de Ribeira de Areia como: «uma pequena povoação na vertente norte da ilha de Sam Jorge, no extremo do concelho das Vellas a confinar com o da Calheta. E' uma das mais antigas povoações da ilha. E' notavel a elaboração que ali soffre a poesia popular. As mais das vezes, porem, os romances apparecem obliterados e confundidos, outros, com una completa modificação na idéa ou na forma. D'este ponto resultaram para a presente collecção versões e variantes curiosas, como V. deve de ter advertido. Muitas vezes tivemos de desprezar as versões pela sua grande adulteração. Ainda que receíamos a rejeição da nossa versão do *Conde Yano*, sempre a offerecemos em prova do que dizemos.» Recebemos mais trez versões do *Conde Yano*, bellas e antigas, mas tão conformes com a lição da Beira-Baixa, que as rejeitámos por isso. Basta-nos esta advertencia para as supprir. A versão de Ribeira d'Areia é superior a todas as que temos recolhido. Diz mais o nosso digno collecter: «*Conde Yano* é a denominação mais geral d'este romance aqui. Em Rosaes chamam-lhe *Conde Delpho*, e *Conde Dalvos* na Ribeira de Nabo.» Sobre as origens d'este romance importa vêr a nota 27 e 28 do *Romanceiro Geral*.

O *Conde Yano*, na collecção dos Romances asturianos do snr. Amador de los Rios, é o n.º xxxvi; diz elle que nas regiões orientaes da Peninsula se chama *El Conde Flores*. (Hist. crit. p. 454.)

**30, 31 — Romances de Geraldo.** — Tambem nas ilhas dos Açores se cantam os romances do pagem ditoso de Carlos Magno; os romances de *Gerinaldo* tem a particularidade de serem para o

povo a mnemónica da musica ou toada dos outros cantares. A versão da ilha de Sam Jorge termina com a idéa, verdadeiramente feudal, da distincção á mesa. Grande parte dos desafios na idade media faziam-se com a quebra dos rigores da pragmatica nos banquetes. Carlos Magno para elevar o pagem a seu genro senta-o comsigo á mesa. E lê-se nos livros de historia que não conhecêmos a sociedade feudal! A lenda de *Eghinart*, ou *Gerinaldo*, anda escripta tambem em prosa em um livro de contos intitulado: *Hora de recreyo nas ferias de mayores estudos e oppressão de maiores cuidados*, a p. 35, Centuria III, n.º 61. Vide a extensa nota do *Rom. Ger.* n.º 6, p. 167.

**32, 33, 34 — Romances da Filha Maria.** — As tres mimosas versões da Ilha de Sam Jorge são uma transformação da lenda dos amores de *Pedro Niño*, com a tradição do *Dom Duardos* de Gil Vicente. Todas ellas conservam essa pincelada característica do romance de *Tristão e Leonis*, do antigo *Cancionero de Romances* de Anvers:

Ferido está Dom Tristão  
De mal ferida lançada;  
Dera-lh'a el-rei seu tio  
Com zellos que d'elle andava.  
O ferro tem na ferida  
De fresco que ainda vibrava;  
Foi vel-o a rainha Auséa  
Por sua desdita má;  
Juntaram bocca com bocca,  
Como pombas cazaladas;  
Chora un e chora outro  
Que a relva deixam molhada,  
D'onde nasce um arvoreda,  
Açucenas se chamavam,

.....  
.....

Nos *Cantos populares do Norte* de Xavier Marmier, ha tambem a situação de uma donzella lançada ao mar. As tres versões que publicamos todas mutuamente se completam e desenvolvem.

35, 36 — *Romances de Flora, e de Lisarda.*— Remettendo algumas variantes d'este bello e um pouco aprimorado romance, diz-nos o snr. João Teixeira Soares: «Do proprio romance consta que o primo de Flora se chama Felix. De uma copia manuscripta consta pelas rubricas ser o pae Conde, e o amante, com quem veiu a ficar, Anteaque e Entheor, e seu pae Anacleto. Seria este romance já impresso em *folha volante*? Sempre d'elle tive esta desconfiança. E' vulgar, mas anda auxiliado na tradição por copias manuscriptas. Cento e outenta versos é muita extensão para romance inteiramente popular.» Todas estas considerações são judiciosissimas; o facto de ainda hoje se encontrarem copias d'este romance, vem em parte comprovar a asserção de Don Pascual de Gayangos e Don Henrique de Vedia, sustentando que os romances populares do seculo xiv e xv antes de andarem em *pliegos sueltos*, primeiro se vulgarisaram por *copias manuscriptas*, como as palavras do editor da *Silva de varios romances* de 1550 dão a entender claramente. E' de crêr que não exista, ou nunca se imprimisse *folha volante* do romance de *Flora*, e que a copia manuscripta seja o indicio da sua primitiva lição jogralesca, d'onde o povo iria tirando as partes mais bellas e dramaticas, isto é, *abreviando-o*, como diria Walter Scott. No decurso do nosso trabalho de colleção bastantes vezes encontramos cadernos de uso popular.

O romance de *Lisarda*, é uma versão moderna da *Dom Duardos* de Gil Vicente, porém mais phantasiada e mais dramatica.

37, 38, 39, 40 — Romances da Nau Catherine-  
ta.— Ao passo que esta admiravel reliquia da poesia da navegação portugueza se vae obliterando no continente, parece tornar-se mais vividoura na tradição oral das ilhas dos Açores. A nau a que se refere a lenda é sem duvida a nau *Santa Catharina*, como se vê pela terceira variante da ilha de Sam Jorge. Quem abre as sublimes e inimitaveis paginas da *Historia tragico-maritima*, vê como os velhos mariantes costumavam mudar o nome official dos galeões por outro de afeição. O galeão *Sam João* era chamado o *Biscainho*, a nau *Águia* era conhecida pelo nome da *Patifa*. E que nau seria a chamada *Barrileira*, muito velha, da qual até ao presente não houve mais noticia, nem se soube onde se perdeu. <sup>1</sup> Que tela soberba para a imaginação do povo crear á larga os seus romances! Quasi todas as nossas naus antigas tinham nomes de predilecção: a nau *Sam Thiago*, que se perdeu na barra de Quilôa em 1506, tinha por apellido a *Gallega*; outra chamava-se *Frol de la mar*; a nau *Sam Jorge* era a *Taforêa*, o galeão *Sam Bartholomeu* era o *Bota-fogo*, a nau *Santa Catharina* era *Zambuco*. Os marinheiros afaziavam-se ao navio em que navegavam, soffriam com elle as tormentas e as desgraças; ás vezes, nas suas relações de naufragio, falam como amantes e apaixonados. Os nomes das naus portuguezas só por si fazem lembrar essa poesia perdida das nossas

<sup>1</sup> *Historia tragico-maritima*, t. 1, p. 43.



expedições longiquas. Que tradições não acompanhariam na sua carreira a nau *Leonarda*, a *Ferrôa*, a *Frol da Rosa*, o *Gripho*, a *Urca*, a *Botica*, a *Framenga*, o *Drago* e o *Tigre*, nome apprehendido na plaga africana. <sup>1</sup> Garrett apresentou a hypothese de ser o *Naufragio de Jorge de Albuquerque Coelho* o factio historico a que se refere o romance; devia ter apresentado o parallelo da relação de Bento Teixeira Pinto que se achou n'esse transe, com as circumstancias similhantes do romance. Sem acceitar a hypothese do primeiro collector, fazemol-o nós para elucidar a questão da formação poetica da nossa epopea naval. O naufragio deu-se em 1565, quando Jorge Coelho vinha do Brazil. <sup>2</sup> Das terriveis fomes que passaram no mar, e das luctas de morte que entre si tiveram, conta-nos o velho marinheiro: « Faltava a agua e mantimento na Nau, e padeciam-se muitas necessidades de fome e sede; e sabendo Jorge de Albuquerque a necessidade em que vinhamos, e que não havia na Nau mais mantimento, que o que elle trazia para si, e para seus criados, mandou trazer diante de todos todo o seu mantimento e o repartiu pela companhia irmãmente, sem querer nada por elle, posto que todos lhe queriam pagar por valer muito, e elle não quiz por elle cousa alguma, com o que ficaram contentes todos, e se consolaram, e sustentaram por espaço de alguns dias. Mas o *demonio*, que não soffre ver ninguem contente, semeou entre os marinheiros e passageiros, que vinham na dita Nau, brigas e discordias

<sup>1</sup> Sobre este ponto é interessante vêr o *Livro de toda a Fazenda dos Reinos de Portugal, India e Ilhas adjacentes*, por Luiz de Figueiredo Falcão, no anno de 1697. Publicado por ordem do governo em 1859. Este livro é tambem de uma alta importancia para a *historia dos preços*.

<sup>2</sup> *Historia tragico-maritima*, t. II, pp. 7 a 59.

com que se houveram de perder de todo: etc.» <sup>1</sup>  
 Na altura das Ilhas o galeão foi acommetido por  
 um Corsario francez, que se apossara d'elle e da  
 manobra. Em uma versão insulana do romance  
 ha uma allusão a este successo :

— Não quero as tuas filhas  
 Que Deos t'as deixe gosar ;  
*Que eu tenho mulher em França*  
 Filhinhos de sustentar ;  
 Quero a Nau Catherineta  
 Para nella navegar.

Em outra versão, se diz :

• Acima, gageiro, acima  
 A'quelle tope real ;  
*Vé se vés partes de França,*  
 Ou reinos de Portugal.

O sr. João Teixeira Soares, collecter d'estes romances fez-nos a seguinte pergunta: «Referir-se-ha o romance a algum facto occorrido na marinha franceza?» A' vista da Relação do naufragio de Jorge Coelho torna-se evidente a allusão historica: «logo na mesma hora que amainaram... nos entraram pela quadra *desessete francezes armados* de armas brancas, com suas espadas, e bróqueis, e pistoletes, e alguns d'elles com alabardas: os quaes, sem se lhe poderem estorvar, se senho-rearam da Nau, etc.» <sup>2</sup> Um piloto francez caiu ao mar quando se renovou o temporal; seria esse o perfido gageiro da tradição popular? O maravilhoso do *diabo*, que se encontra na lição do Algarve, tambem anima a relação em prosa: «os mares davam na Nau, que pareciam que a que-

<sup>1</sup> *Hist. Trag. Marit.* t. II, p. 44.

<sup>2</sup> *Id.* t. II, p. 47.

riam abrir: e isto com tantos relâmpagos, que pareciam que *andavam ali os demonios do inferno.* <sup>1</sup> A presença dos francezes na Nau, a exagerada e insuportavel fome, fizeram passar pela mente dos marinheiros portuguezes as iguarias da mesa de Thyestes: « N'este tempo, *por não haver mantimento*, e os nossos estarem lastimados dos francezes, se quizeram levantar contra elles: etc. » <sup>2</sup> Porém em outro logar descreve a assombrosa tentação da antropophagia, e como o primeiro que esteve em perigo foi o *Capitão general*: « Aos vinte e sete d'este mesmo mez, que foi dia de Sam Cosme e Sam Damião, começamos a lançar ao mar algumas pessoas que tinham morrido de fraqueza, e com pura fome e trabalhos: e foi tanta a necessidade da fome que padeciamos, que alguns dos nossos companheiros se foram a Jorge de Albuquerque, e lhe disseram: Que bem via os que morriam e acabavam de pura fome, e os que estavam vivos não tinham cousa de que se sustentar; e que pois assim era, *lhes desse licença para comerem os que morriam*, pois elles vivos não tinham outra cousa de que se manter. Abriu-se a alma a Jorge de Albuquerque de lastima e compaixão, e arrazaram-se-lhe os olhos de agua quando ouviu este espantoso requerimento, por vêr a que estado os tinha chegado sua necessidade, e lhes disse com muita dôr, que aquillo que lhe diziam era tão fóra de rasão, que erro e cegueira muito grande seria consentir em tão bruto desejo; mas que bem via, que vencidos da necessidade presente tomavam aquelles conselhos que lhes dava

<sup>1</sup> Pag. 29.

<sup>2</sup> Pag. 34.

tão ruim conselheiro como a fome era, mas que lhes pedia que olhassem bem o que queriam fazer, porque elle em quanto fosse vivo tal não havia de consentir, e que depois d'elle morto, podiam fazer o que quizessem, e *comel-o a elle primeiro.*» <sup>1</sup> As facas e as espadas que o gageiro vê, como conta o romance, tambem vem citados na relação em prosa: «veiu a saber que estavam todos os que haviam vivos na Nau, postos em bandos e brigas...na Nau não havia mais que uns pedaços de *facas e paos para poder brigar.*» A peripecia do romance popular, de apparecerem os cansados mareantes de repente na barra de Lisboa, está admiravelmente descripta na relação: «Estando no misero estado que tenho dito, com a necessidade, fome, sede e trabalho que contei, sem sabermos onde estavamos, nem para onde caminhavamos, a misericordia de Nossa Senhora, que nunca faltou a quem por ella chama, nos soccorreu tão favoravelmente, que *milagrosamente*, a dois dias do mez de outubro, a uma terça feira, sem o cuidarmos, nos achamos entre as Berlengas, e a Roca de Cintra, defronte de Nossa Senhora da Pena, a qual casa vimos a horas do meio dia, *acabando-se de desfazer um grande nevoeiro e nebrina*, que se fizera pela manhã...» <sup>2</sup> E' natural que o povo romanceasse de preferencia este naufragio de Jorge Coelho de Albuquerque, por isso que foi o que mais lhe falou á imaginação, como se vê por esta passagem: «o Infante D. Henrique, Cardeal n'este reino de Portugal, que n'este tempo governava, mandou uma Galé

<sup>1</sup> *Hist. Trag. Marit* p. 47.

<sup>2</sup> *Idem*, *ibid.* p. 51.

para que trouxesse a Nau pelo rio acima, como se fez, e se poz a dita Nau defronte da igreja de S. Paulo, que ora é freguezia, e por espaço de um mez, ou mais que esteve, ia tanta gente vel-a, que era cousa espantosa, e todos ficaram admirados, vendo o destroço e davam muitas graças e louvores a Nosso Senhor, por livrar os que nella vinham de tantos perigos como passaram.»<sup>1</sup> Este periodo explica a propagação do romance da *Nau Catherineta*, e a sua ubiquidade em quasi todas as provincias. Porém as versões da ilha de Sam Jorge estão na sua pureza primitiva, taes como começariam a correr desde 1565.

Todas as cinco versões que apresentamos são profundamente bellas; cada uma tem situações diferentes, que revelam a elaboração poetica da mente do povo. A I é a mais parecida com as versões do continente, tem mais uns toques mimosos no retrato das tres meninas, e no que o gageiro alcança no horisonte. Não tem *maravilhoso*, nem o diabo intervem com as suas tropelias; o nó da acção está em não poder o capitão general dar em premio a Nau, que é do rei.

A II versão tem mais outra situação; as fachadas caem de todos os lados sobre o Capitão, que se acha milagrosamente protegido; o gageiro é *chiquito* ou o diabo, o qual ouvindo pronunciar o nome de Deos, caiu logo ao mar. A situação das meninas que o capitão offerece para vestirem e calçarem o gageiro, que já se encontra no romance da *Bella Infanta*, lembram os versos do velho romance de *Lanzarote do lago*:

1 *Hist. Trag. Marit.* t. II, p. 56.

Nunca fuera caballero  
De damas tan bien servido...  
Que duenas curaban dél.  
Doncellas del su rocino,

A III versão appresenta uma circumstancia que, aproximada do facto historico, explica a formação do romance : é a allusão a *partes de França*, mais sensivel ainda na versão v. De facto o naufragio que mais se aproxima do romance é o de Jorge Coelho de Albuquerque, o qual na altura das Ilhas foi agarrado por uns corsarios francezes. Na versão II a scena das sortes está horriavelmente bem descripta. As terras de Hespanha, que o gageiro diz estar vendo, concordam com estas linhas da Relação : « e porque quando vimos terra cuidavamos que podia ser Gallisa... » <sup>1</sup> O quadro do *Naufragio de Medusa* de Gericault faz comprehender esta situação estupenda. A IV versão é a que apresenta mais novidade ; ainda conserva um nome proprio, que é a primeira cousa que se perde na tradição ; o gageiro chama-se Pedro, e acceita a offerta que o capitão lhe faz das suas filhas ; porém, quando chega a terra já não está pelo prometido e as filhas, que deram com o gageiro no quintal, desancam-no todas tres com muita pancada. Sobre este lance já o povo tinha margem para continuar a rhapsodia. E' assim que se fazem as grandes epopeas. A v versão faz lembrar o naufragio descripto por Byron no *Don Juan* :

Já mataram o seu gallo  
Que tinham para cantar ;  
Já mataram o seu cão  
Que tinham para ladrar !

<sup>1</sup> Loc. cit. pag. 51.

O genio de Byron encontrou-se com a alma do povo. Vid. *Rom. Ger.* nota 23, p. 191.

**41, 42 — Romances da Bella Infanta.** — Parece visivelmente uma continuação da *Nau Catherine*; o romance da *Flor do Dia* que o completa, ajuda a esta hypothese. Os paradigmas da *Bella Infanta* são innumerous. Nos *Chants populaires du Pays Messin*, a lenda de *Germaine*, versa sobre o mesmo ponto da tradição portugueza:

Son mary l'a quitée  
A' l'âge de vingt ans,  
Pour aller guerroyer.

Pag. 8.

No *Romancerilho catalan*, de Milá y Fontanals, (p. 119, n.º 21) vem um romance de *Don Guillerme*, aonde, seguindo o mesmo enredo, vem a situação do anel:

A la porta de la cambra un anell li entregué,

M. Damase Arbaud, tambem recolheu uma ballada provençal, *la Pourcheireto*, bastante parecida com o romance catalão. Tambem se deve confrontar a *Esposa do Crusado*, recolhida por Villemarqué no *Barzas Breiz*, (t. I, p. 24), e o romance da Normandia, *Germine*, recolhido por Beaurepaire, e publicado por Chaupfleury, nas *Chansons populaires des Provinces de France*, (p. 195). No *Wolkslieder aus Venetian*, publicado em 1864 por Adolf Wolf, tambem se acha uma versão d'este mesmo romance:

• E si fosti il mio marito  
Qualche segno n'avreste dá ?  
Tira fuora la man bianca :  
— Quest'é l'anelo che vi ho sposa.

Pag. 50, n. 84.

Adolpho Wolf, nas notas de uma versão, indica as seguintes origens: collecção de Uhland, *Alte hoch und nederdeutsche Volkslieder*, (p. 263;) na de Mitler, *Deutsche Volkslieder*, (n.º 54); na collecção de Schade, *Volkslieder aus Thuringen*, (n.º 4); e dá-o como conhecido na Hollanda e em Flandres.

Nas cercanias de Genova tambem se canta, como se vê pelos *Canti popolari raccolti da Marcoaldi*, (p. 152).

Acrescente-se o que dissemos na nota 1, do *Romanceiro geral*, (p. 164). A forma dithyrambica d'este romance mostra a sua antiguidade; podemos assignar-lhe a sua formação pelos seculos XI e XII, época da grande elaboração das epopeas modernas. E' de todas as tradições poeticas da Europa a mais antiga, vulgar e vividoura.

43 — Romance de Dona Maria. — O genio celtico do povo portuguez revela-se n'este romance; a aventura maritima inspirou-o ao povo das ilhas dos Açores. Não se encontra, até hoje, em collecção alguma. Parece uma tradição dos claustros bretões, quando Barontus, Kadoc e San Brendan se deixavam perder pelo Oceano, entregues ao fluxo das aguas, enlevados na admiração do espectaculo da natureza. A leitura d'este romance confirma o principio de Grimm, que *o povo não mente na sua poesia*. Ha aqui um resto do antigo symbolismo juridico dos povos celticos. O rei, vendo que sua filha amava um capitão, mandou lançal-a ao mar em um navio sem leme e sem piloto. Junto do lago de Grandlien, o tribunal, a quem pertencia alta, media e baixa justiça, era assente em um



barco afastado da terra duzentos passos. <sup>1</sup> Em Athenas havia um tribunal, no porto do Pireu, á borda do mar, para julgar aquelles que, tendo sido condemnados ao desterro, eram accusados de homicidio. O réo estava dentro de uma barca a alguma distancia, e d'ali se defendia, sem lhe consentirem que tocasse na praia; provado o seu crime era desamparado á mercê dos ventos e das ondas, sem remos e sem leme: «*Erat vero iudicium in mari; et reum quidem adnavigantem, terram non attingentem, e navi causam dicere oportebat, neque scalam, neque anchoram in terram injicientem.*» (Pollux, *in Phreatt*, apud Chassan, loc. cit. p. LXXXI, aonde cita: Demosthenes, *in Aristocratem*; Meursius, *Areopag.* c. XI, e Robinson, *Ant. grecque*, trad. t. I, p. 170, 282. <sup>2</sup>

Nos *Cantos populares da Grecia moderna* encontram-se aventuras maritimas inspiradas pelo mesmo genio que dictou o romance açoriano; porém na legenda de *Edward* se lê: <sup>3</sup>

— Oh! eu matei meu pae,  
Desgraçado de mim!  
« Que pena terás tu d'isso,  
Dil-o meu caro filho.  
— Heide embarcar n'um navio  
Minha mãe, madre minha,  
Heide ir em um navio  
Por esse mar perdido.

Na *Historia do Direito portuguez* provamos á evidencia a origem germanica dos nossos Foraes;

<sup>1</sup> Mem. da Acad. Celtica, t. V. p. 145: apud Chassan, *Symbolique du Droit*, p. LXXX.

<sup>2</sup> Na idade media, a litteratura grega era conhecida dos romancistas e tropeiros. Diz Ritson: «*Nothing seems more probable than that the composers of romance were well acquainted with the ancient greek and latin poets.*» Du Méril, na introd. do poema de *Blanceflor*, p. cvij, not. 2, modifica a proposição, mas não a rejeita.

<sup>3</sup> Percy, *Reliques of ancient poetry*, t. I pag. 60,

a cada instante a poesia do povo nos vem confirmar esse pensamento, revelando ainda restos da poesia do tempo dos godos. Michelet, nas *Origines du Droit français*, (pag. 401) traz a seguinte lei do norte: «Se alguém fôr convicto de traição, metam-no em um navio, e aguardem-no na praia até que o vento ou os remos o façam perder de vista. Logo que esteja assás longe para ser engolido pelas vagas, toquem as trombetas e gritem tres vezes: Fuão perdeu os direitos da antiga aliança.» Vid. Du Cange, *Glossarium ad Scriptores mediæ et infimæ latinittatis*, vb.º *Abjuratio tarraæ*.

44, 45, 46 — D. João de Austria ou a Batalha de Lepanto. — Foi recolhido da tradição oral na Ilha de Sam Jorge; em Coimbra descobrimos uma variante mais moderna e incompleta, em que o facto historico se acha completamente obliterado. Na versão dos Açores, a allusão aos galeões dos turcos, ao mar vermelho de sangue, a Dom João de Austria, tornam evidente a referencia á batalha de Lepanto. Na *Floresta de varios*, de 1642, vem commemorado este facto; com as versões portuguezas nada tem de commum. Os dous povos da Peninsula romancearam a seu modo o feito que lhes deslumbrara a imaginação. Quevedo, na *Vida del Gran Tacaño*, (lib. II, cap. II, p. 58,) allude ás tradições e cantos populares da batalha de Lepanto: «Celebrava mucho la memoria del señor Don Juan, y oyle dezir muchas vezes de Luis Quixada, que avia sido honrado amigo: Nombtava turcos, galeones, y capitanes, todos los que avia leido en unas coplas que andavan desto: Y como èl no sabia nada de mar (porque no tenia

nada de nabal, mas de comer nabos) dixo (contando la batalha que avia tenido el señor Don Juan en Lepanto) que aquel Lepanto fué um Moro muy bravo. Como no sabia el pobrete que era nombre del mar, passavamos com èl lindos ratos.» Por este trecho de Quevedo se vê a popularidade da batalha de Lepanto nas coplas da tradição. O romance portuguez ao mesmo assumpto, é incontestavelmente contemporaneo do feito.

A batalha de Lepanto foi um dos successos mais estrondosos do seculo XVI; os catholicos exaggeraram-lhe a importancia, considerando-a como o triumpho definitivo da religião sobre a ruina ottomana. No anno de 1571, Dom João d'Áustria, filho de Carlos V e irmão do terrivel Philippe II, commandava as forças navaes de Hespanha, Veneza, Genova e do Papa. Dom João d'Áustria não obedeceu ás instrucções secretas que recebera, e atacou no golpho de Lepanto a armada ottomana, inconsiderado, com o desejo irresistivel da glória. André Doria oppoz-se ao plano de ataque e conservou-se immovel na acção. O enthusiasmo da liga christã deu-lhe a victoria; Dom João d'Áustria tornou-se o typo mais popular e admirado do tempo; isto lhe conquistou o rancor do Demonio do Meio Dia, que o desterrou para os Paizes Baixos a pretexto de abafar varias conjurações. Não lhe dando soldados para a empreza de que o encarregava, submetteu-o a uma vigilancia de espiões, que o informavam de todos os seus movimentos.

Como se espalharia na tradição popular portugueza o successo da batalha de Lepanto? Os nossos poetas cantaram a batalha como os de Hespanha e de Italia. Pedro da Costa Perestrello, o traductor do *Livro de Job*, ali esteve com o posto

de capitão. Elle escreveu um poema em outava rima, em seis cantos, a *Batalha Ausonia*, que, segundo Barbosa na *Bibliotheca Lusitana*, principiava :

La santa Liga de Christianos canto,  
De Austria las armas, y el varon potente.

O auctor do *Naufragio de Sepulveda*, Jeronymo Corte Real, tambem cantou em um poema heroico a *Victoria de Lepanto*. Herrera em Hespanha, e João Rufo em Italia, na sua *Austriada*, cantaram as glorias de Don Juan d'Austria. Existe em Italia uma collecção de poemetos em latim celebrando esta batalha.

As tres versões da ilha de Sam Jorge são altamente mimosas; tambem recebemos outras tres versões que omittimos, vindas das freguezias da Beira e Rosaes, que pouco diversificavam das guardadas, a não ser em furtuitas variantes de verso. O digno collecter georgiense diz da versão de Ribeira de Areia: « Viva a Ribeira de Areia, que apresenta com um differente colorido as suas tradições poeticas. Esta lição vale um romance novo. Já aconteceu o mesmo com o *Dom Varão*. » Tambem em uma versão do *Conde Yano* a Ribeira de Areia leva a palma no concurso poetico; esta pequena povoação é para a tradição dos Açores o mesmo que a Covilhã é para a Beira-Baixa, a provincia aonde a poesia popular está ainda em elaboração. A' ultima versão pozemos o nome de *Batalha de Lepanto*, visto que não é possivel duvidar-se da realidade da allusão historica. O povo tambem conheceu a importancia de

esta batalha,  
Que era de tanta valia.

47 — Romance do Mouro atraído. — Aparece primeira vez recolhido da tradição; recebemos duas versões, de que aproveitamos só uma por isso que tinham apenas meras discrepâncias de verso. Nada se encontra de semelhante no vasto Romanceliro hespanhol; é verdadeiramente original e popular. A acção fez lembrar as lendas pavorosas dos amores dos Abencerrages, dos Gomeles e dos Zegries. Como iria esta tradição cavalheiresca refugiar-se nos Açores, quando a imaginação do povo tinha ali thema bastante para phantasiar as lendas escuras dos piratas argelinos que infestavam a costa? O romance do *Mouro atraído*, é a perola dos cantos insulanos; tem o colorido que teriam, por certo, os romances granadinos de Abindarraes, de Gazul, de Aliatar, de Celidaja, se se conhecessem as versões anteriores á forma litteraria com que se lêem hoje. Ao desfiar as trovas cadentes e apaixonadas do romance do *Mouro atraído*, parece que entramos n'esse mundo de vistosas ficções, arranjadas por Gines Peres de Hita na *Historia de los bandos de los Zegries y Abencerrajes, caballeros moros de Granada, de las civiles guerras que hubo en ella, y batallas particulares que hubo en la Vega entre moros e christianos, hasta que el-rey Fernando quinto la ganó...*

Este monumento da tradição insulana, prova a sua antiguidade e pureza, se a compararmos com os cantos da Beira-Baixa e Traz-os-Montes. Foi dictado pela senhora Maria Victorina, natural dos Rosaes, a qual religiosamente guarda na memoria os thesouros poeticos de sessenta annos. Não me esquecerei de lembrar aqui tambem o nome de Mariana da Conceição, rapariga de Ribeira de

Areia «o mais rico repositório vivo de romances e xacaras, que por ventura existe em todo o Archipelago,» como com toda a justiça diz o sabio collector o snr. João Teixeira Soares.

48, 49. — Romance de Rico Franco, e Dona Inez. — E' admiravel este pequeno romance, colligido em uma das ilhas dos Açores, e conhecido nas collecções hespanholas com o nome de *Rico Franco*. Na lição portugueza ainda ha vestigios do mesmo nome :

Dê-me cá senhor *Dom Franco*...

Aqui está um bello quadro da sociedade feudal. A donzella depois de haver á mão o punhal emprestado, restitue-o ao roubador, cravando-lh'o no peito; comtudo esta peripecia não se comprehenderia se não conhecessemos a lição hespanhola :

#### RICO FRANCO

A caza iban, á caza  
 Los cazadores del rey,  
 No hallaban en ellos caza  
 Ni hallaban que traer.  
 Perdido habian los falcones,  
 Mal los amenaza el rey;  
 Arrimaram-se á un castillo  
 Que se llamaba Maynés,  
 Dentro estaba una doncella  
 Mui hermosa y muy cortés.  
 Siete condes la demandan,  
 Y asi hacen reys tres.  
 Robárala Rico Franco,  
 Rico Franco aragones :

— Si lloras tu padre ó madre,  
 Nunca mas vos los vereis,  
 Si lloras os tus hermanos,  
 Yo los maté todos tres.  
 «Ni lloro padre, ni madre,  
 Ni hermanos todos tres;

Mas lloro la mi ventura  
 Que no sé cuál ha de ser.  
 Prestédesme, Rico Franco,  
 Vuestro cuchillo lugues,  
 Cortaré fitas al manto,  
 Que no son para traer.»

Rico Franco de cortese  
 Por las tachas lo fué tender.  
 La doncella, que era artera,  
 Por los pechos se le fué á meter:  
 Así vengó padre y madre,  
 Y aun hermanos todos tres. 4

O romance do *Rico Franco* é commum aos povos do Meio Dia da Europa; em Italia, na Normandia e nas Asturias se encontram variantes proximas. No romance popular do Piemonte o *Corsario*, descobriu o cavalheiro Nigra profundas analogias; elle attribue a redacção primitiva ao seculo XI, vulgarisando-se na Provença:

#### O CORSARIO

« O marinar de la marina,  
 Oh canté'-me d'una canson.  
 (Su la flor del'acua,  
 Su la flor del mar.)  
 — Monté' bela, su la mia barca,  
 La canson mi la canterò.

Cuand la bela l'è stajta 'n barca,  
 Bel marinar s'buta canté'.  
 L'han navigá pi d'sincsent mia,  
 Sempre cantant cula canson.  
 Cuand la canson l'é 'stá furnia,  
 La bela a ca' n'in vol torné'.

— Sej già lontan pi d'sincsent ma,  
 Sej già lontan da vostra cà.  
 « Cosa dira la mama mia  
 Che n'a sto tant a' ritorne' ?

1 Wolf y Hoffeman, *Primavera y Flor de Romances*, Berlin, Asher y Comp. 1856. t. II, p. 22. Duran, *Romancero general*, Madrid, Rivadaneyra, 1864, t. I, p. 160.

— Pense' pa pi a la vostra mama,  
Oh pense', bela, al mariuar.

S'a n'in ven la mesa noiteja,  
N'in ven l'ora d'aude' durmi

— Oh despoje'-ve, oh descause'-ve,  
Coge'-ve si col marinar.  
• I'm'son solà-me tanto sciassa,  
Che'l gital poi pi dessoie'.  
O mariuar de la mariua,  
O preste-me la vostra speja;  
Preste, galante, la vostra speja,  
Che'l me gital possa tajè.

Cuand la bela l'ha vu la speja,  
An mes al cor a s'le' pianta.

— Oh maledetta sia la speja  
E cula man ch'a i l' hà prestá !  
Ma s'i l'hai nen basá-la viva,  
A l'é morta la voj base'.  
A l' ha pjà-la per soe man bianche,  
Ant' el mar al l'h campá.  
(Su la fior de l'acua,  
Su la fior del mar.) 4

### Eis como a traduzimos :

• Oh canta-me uma canção,  
Oh marinheiro do mar,  
(Por sobre a flor das aguas,  
Por sobre a flor do mar.)  
— Entra, bella, em minha barca  
A cantiga hei de soltar.

Mal que a bella entrou na barca  
Poz-se o mareante a cantar.  
Navegam quinhetas milhas  
A cantar sempre a cantar;  
Quando a canção se findou  
Quiz a bella atraz voltar.

— Estamos quinhetas milhas  
Tão longe do vosso lar !  
• Que dirá a minha mãe  
Que tanto tardo a voltar.

4 Caselli, *Chantos populaires de l'Italie*, p. 104.



— Não penseis em vossa mãe  
 Penseae no homem do mar!  
 Isto é já meia noite,  
 A hora de repousar.  
 Oh despi-vos, descalçae-vos,  
 Deitae-vos aqui a par.  
 • Eu estou tão apertada,  
 Não posso os nós desatar.  
 Emprestae-me a vossa espada  
 Oh marinheiro do mar ;  
 Donzel empresta-me a espada  
 Quero este cinto cortar. »

Mal a bella toma a espada  
 No peito a foi enterrar.

— Oh maldita seja a espada  
 E a mão que a quiz emprestar ;  
 Se a não abraçei em vida  
 Assim morta heide-a abraçar.

Pegou-lhe pelas mãos brancas  
 E no mar a foi lançar,  
 (Por sobre a flor das aguas,  
 Lá por sobre a flor do mar.)

Este canto é tambem popular na Normandia,  
 como se pode vêr na canção do *Beau Marinier*,  
 colligida por Beaurepaire :

#### LE BEAU. MARINIER

« Beau marinier, que marines,  
 (Vive l'amour, vive le marinier!)  
 Apprends-moi à chanter.  
 — Entrez dans mon navire,  
 Je vous l'apprendrai. »

Quand la belle fut dans le navire  
 Ell' se prit à pleurer.  
 — Eh ! qu'avez-vous, la belle ?  
 Qu'avez-vous à pleurer ?  
 « Hélas ! j'entends mon pèr' qui m'appelle,  
 Qui m'appelle pour souper.  
 — Eh ! taisez-vous, la belle,  
 Avec moi vous soup'rez. »

Quand la belle fut pour se coucher,  
 Son lîcèt s'est noué.

— Pretez-moi votre dague,  
 Mon lacet s'est noué.  
 Et quand elle eut la dague,  
 Dans le cœur se l'est plongé. 1

Oreste Marcoaldi publicou um outro romance piemontez, a *Monferrina*, que se aproxima bastante do *Rico Franco*:

O filho do senhor Conde  
 Vae a pedir prezenteiro,  
 Vae pedir a Monferrina,  
 A filha de um cavalleiro.  
 No sabbado são as bodas,  
 Domingo vae a esposar;  
 Levou-a quinhentas milhas  
 Sem uma palavra dar.  
 A primeira vez que fala  
 Fez logo esta arrasado:  
 — Olha, bella Monferrina,  
 O Castello bem murado !  
 Já cincoenta Monferrinas  
 Já para aqui arrastei ;  
 A todas as Monferrinas  
 A cabeça lhes cortei.  
 Heide fazer outro tanto  
 Quando lá sejas chegada.  
 «Escutaê-me, senhor Conde,  
 Empréstae-me a vossa espada.  
 — Dix oh bella Monferrina,  
 O que é que queres fazer!  
 «Quero cortar um raminho  
 Para o cavallo tanger.»

Logo que ella toma a espada  
 Meteu-lh'a no coração:

«Oh vae agora bom Conde  
 Para debaixo do chão.»

Volta redeas ao cavallo,  
 E para traz se tornou ;  
 Logo foi um irmãosinho  
 Quem primeiro ella encontrou :  
 -- «Dize oh bella Monferrina  
 Como é que estás aqui?  
 «Mataram-me o meu marido  
 Uns salteadores aí.

1 E. Beaurepaire, *Etudes sur la Poésie populaire en Normandie, et spécialement dans l'Avranchin*, p. 57. Avranches, 1856, 1 vol. in-8.

— Diz-me oh bella Monferrina  
 Se fizeste essa mal'ade.  
 • Fui eu, oh meu irmãosinho,  
 Mais vale falar verdade.  
 — Diz-me oh bella Monferrina,  
 Se a casa queres voltar ?  
 • Não quero não, irmãosinho,  
 Não quero a casa tornar,  
 Sem que vá primeiro a Roma  
 Ao Papa me confessar.

CASELLI, OP. CIT. P. 191.

Dé todos estes paradigmas se conclue a unidade da poesia popular no Meio Dia da Europa. Importa vêr o estudo que acompanha o romance da *Romeirinha*, no *Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez*, t. III, p. 175.

O velho romance de *Rico Franco* tambem se encontra modernizado na tradição oral das Asturias, e foi colligido pelo snr. Amador de los Rios com o titulo *La hija de la Viudina*. A esta mesma idêa se prende o romance que já publicámos da *Romeirinha*.

A presente versão é pela primeira vez recolhida e publicada.

**50, 51 — Romances de Florbella e da Pobre Viuva.** — Este romance pertence tambem ao cyclo do *Rico Franco*; o heroe é um marido pelo gosto do Marquez de Saluce, cuja victima é o typo eterno de *Griselidis*. O *Duque da Turquia*, citado em ambas as versões, mostra a afinidade d'ellas. Historias de maridos máos são frequentes nas tradições do Meio Dia da Europa. Nigra, (*Revista Contemporanea*, Genajo, 1858) publicou um romance, cuja realidade historica refere a Clotilde, filha de Clôves, casada com Amalaric, que a tratava horrorosamente. Nas *Memoires de la societé des Antiquaires de France*, e na *Histoire de la*

*Langue Romane*, de Mandet, encontra-se um canto provençal, em que é o thema uma mulher casada victima do marido. (Du Puymaigre, t. II, p. 458, not. 2, dos *Vieux Auteurs Castellans*). A situação em que o *Duque da Turquia* dá a comer á sua mulher a lingua da cunhada, é frequente nas tradições da sociedade feudal. Nas *Tradições Allemãs*, de Jacob Grimm, (t. II, p. 252), a Duquesa da Austria come pela mão de seu marido o coração do trovador Brennberger. A este cyclo de atrocidades maritaeas se prende tambem o velho conto de Fadas, colligido por Perrault com o titulo de *Barbe-Bleu*. Por tanto as origens d'estas tradições datam na Europa desde o seculo XI, e foram successivamente recebendo as formas novas da poesia popular. O romance da *Pobre Viuva* foi recolhido em uma ilha, aonde as tradições de quatro seculos se conservam na sua pureza; não se encontra no *Romanceiro* de Garrett, nem no meu *Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez*.

Este mesmo romance da *Pobre Viuva* que tinha as duas filhas, uma casada com o *Duque da Turquia*, e a outra solteira, tambem foi encontrado na tradição oral das Asturias, pelo senhor Amador de los Rios, e colligido com o titulo de *Filomena*. (Vid. *Historia critica da litteratura hespanhola*, t. VII, p. 452.) A mesma circumstancia da carta ali se repete:

— No tengo papel nin pluma  
 maguer serviros quisiera.  
 «El papel, será mi pano,  
 la tinta será mi lengua,  
 la pluma una yerbecira  
 que de este campo saliera.

52, 53—Romances do Cativo de Argel.— Tambem na ilha de Sam Jorge existe o lindo e inimi-

tavel romance do *Cativo de Argel*. Não é menos bella esta versão comparada com as do *Romanceiro geral*, n.ºs 41 e 42. Já Camões fazia allusões a este romance, nos *Disparates da India*, (*Rimas*, Lisboa, 1666, p. 284.) Camões termina uma estrophe com os dois versos com que o romance principia no *Cancionero de Romances* de Anvers :

    Mi padre era de Ronda  
    Y mi madre de l'Antequera, etc.

A poesia d'este romance animava todos os espiritos no seculo XVI. Na *Vida del Escudero Marcos de Obregon*, de Vicente Espinel, o mais bello episodio é o de uns amores que teve o aventureiro, quando cativo em Argel. (Pag. 216, 218 e 220, da edição de 1868.)

Logo que Marcos de Obregon chegou cativo a Argel, encontrou a mulher e a filha do capitão pirata na praia: «Saliéronle á recibir su mujer y una hija, muy española en el talle y garbo, blanca y rubia, con bellos ojos verdes, que realmente parecia más nacida em Francia, que criada en Argel: algo aguileña, el rostro alegre e muy apacible, y en todas las demás partes muy hermosa. — Hallé un agradable albergue en hija y madre; pero mucho mas en la hija, porque como habia oido decir á su padre muchos bienes de España y los habitadores de ella, que naturaleza la llevaba por este camino. Regalábame más que á los demás esclavos; . . . » A prosa de Vicente de Espinel dobra-se, aprimorada em phrases introduziveis, para contar o amor occulto que nascia entre elle e a filha do capitão pirata. A *doncellita* mandava-o continuamente, para ter o prazer de ser servida por

elle; o cativo veiu a receiar que descobrissem estes amores e tractou de combater em si a paixão: «La pobre doncella que sentió novedad en mi, llevó con mucha melancolia de corazon, abatimiento de ojos, arcaduces y lumbreras del alma, color mudado de rostro, suspencion en las palabras y encogimiento en el trato.» Era uma nostalgia profunda; depois de tentados todos os remedios, chamaram o cativo para lhe dizer umas palavras mysteriosas que sabia. Milagre do amor! ao aproximar-se da *doncellita*, ella começou a animar-se, a falar, a sorrir-se. Que pena! o cativo, mais do que tudo, amava a sua terra.

**54, 55 — Romances da Má Nova, e Casamento mallogrado.** — Para nós este romance é allusivo ao desastroso successo que privou Dom João II do herdeiro da sua corôa. Pela morte do Principe Dom Affonso casado de pouco tempo com Dona Isabel de Castella, da queda de um cavallo abaixo, veiu o sceptro a pertencer a Dom Manoel. O romance tradicional conserva quasi todas as circunstancias da historia; é digno de confrontar-se com um romance hespanhol, que vem no *Cancionero de diversas obras*, por Fray Ambrosio de Montesino, o qual inserimos na segunda parte da nossa *Floresta de Varios romances com forma litteraria*. Tanto na versão portugueza, como na lição hespanhola, as circunstancias são as mesmas; d'onde se conclue que o romance popular e a composição jogralesca foram á mesma fonte commum da historia. No *Cancioneiro geral* de 1516, Garcia de Resende colligiu numerosas coplas dos poetas portuguezes da corte de Dom João II á morte do principe Dom Affonso. As trovas de Alvaro de Bri-

to são notaveis pela sua forma quasi romanceada. Mais tarde ainda Jorge Ferreira de Vasconcellos, no *Memorial dos cavalleiros da Tavola Redonda*, compoz um romance ao mesmo assumpto, que se pode vêr no cap. 46, e se acha reproduzido no quinto volume do *Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez*.

**56, 57.—Romance de Dom Duardos e Flérída.**

—A maior e mais bella parte dos romances cavalleirescos, os quaes se encontram no *Cancionero de Romances* de Anvers, vêm citados nos *Autos* de Gil Vicente. O poeta da corte de Dom Manoel tinha todos os sentimentos da alma popular; as suas obras são a historia dos nossos costumes antigos. Elle tambem compoz varios romances, como *Lasso de la Vega*, *Juan de la Cueva* e outros, mas com mais facilidade e graça. Na tragicomedia de *Dom Duardos*, introduziu um romance de lavra sua, sobre os amores de Flérída, de tal forma simples e bello que o povo o adoptou na tradição, e os Romanceiros hespanhoes o acceitaram dando-lhe as honras de anonymo. Pode-se vêr na rarissima collecção de Anvers de 1581; o *Romanero* de Duran, já hoje o restitue ao seu auctor. A versão popular portugueza, recolhida pelo curioso cavalleiro de Oliveira, foi achada, segundo elle confessa, em um papel de letra do seculo xvii. A versão que apresentamos é mais verdadeira do que a do infeliz cavalleiro de Oliveira; foi achada na ilha de Sam Jorge pelo senhor João Teixeira Soares, antigo collaborador do *Romanceiro* de Garrett, que me confiou todos os seus trabalhos de investigação local. Em carta de 24 de Setembro de 1868 diz: «Na minha ultima an-

nunciei a descoberta de mais dois romances, e a grande probabilidade de que um d'elles fosse o *Dom Duardos* de Gil Vicente; hoje cabe-me a honra de lhe appresentar o referido romance de *Dom Duardos*, refugiado desde seculos em uma freguezia d'esta ilha! Apparece *contrahido*, como que para provar plenamente a theoria de Sir Walter Scott, mas não menos bello, se por ventura não mais. Foi um feliz achado. Tenciono ir a Rosaes ouvil-o da propria bocca da senhora Maria Victorina, mulher de José Silva Soares, abastado lavrador do logar, que m'o remetteu de bocca por uma rapariga que muito me tem ajudado n'estas cousas. Declarou ella, que o apprendera em sua mocidade, contando hoje sessenta e tantos annos.» E', portanto, a versão que appresentamos a mais genuina; a lição de Oliveira está muito proxima do original hespanhol; a versão insulana mostranos mais claramente o processo da elaboração popular. O principio do romance de Gil Vicente:

Em o mez era de Abril,  
De Maio antes um dia,

acha-se muitas e muitas vezes repetido nos romances hespanhoes, o que levou Du Méril a dizer, que era uma como *convenção poetica*, e que Gil Vicente se inspirara talvez de alguma antiga tradição.

Esta convenção poetica, como lhe chama Du Méril, encontra-se em grande parte dos cantos populares da Europa. Um hymno á Virgem, copiado de um manuscrito do seculo XII, começa:

En mai ki fet flurir les prez, etc.

Apud Thomas Wright e Hallmiell,  
*Reliquia antiqua*. t. 1, p. 200.



Gil Vicente em outro logar começa uma ense-  
lada d'esta forma:

En el mes era de Maio  
Véspera de Navidad,

*Obr.* t. III, p. 333.

E nas tragicomedias:

Por Maio era por Maio  
Ocho dias por andar,  
El infante Don Felipe  
Nació en Evora ciudad.

*Id.* t. II, p. 534.

Tambem no *Cancioneiro de Romances*:

Por el mes era de mayo  
Quando hace la calor,  
Quando canta la calandria  
Y responde el ruiseñor,  
Quando los enamorados  
Van à servir al amor, etc.

Du Méril na introdução ao poema do seculo XII *Flore et Blanceflor*, julga esta tradição de origem oriental où *le printemps est bien plus avancé*. Pag. LXV, not. 2. Paris, 1856.

Como os mais bellos romances do seculo XVI, o romance de *Dom Duardos* tambem foi glosado. Dom Agostin Duran, no Catalogo dos *pliegos sueltos*, cita uma folha volante in-4., 2 col. 4 fol.:

«Romance sacado de la farsa de Dom Duardos, que comienza: *En el mes era de abril*, nuevamente glosado por Antonio Lopez, estudiante portuquez, vizino de la villa de Trancoso, estante en la Universidad de Salamanca, etc.»

O cavalheiro Nigra comparou o romance de *Dom Duardos* com o romance italiano do Piemonte o

*Marinheiro*, cuja redacção primitiva, segundo elle, remonta ao seculo XIII, e com o romance hespanhol da *Infantina e o filho do Rei de França* (Rom. Gen. t. I, p. 163) muito mais antigo que a versão portugueza. O romance pertence ao cyclo dos Palmeirins, e até na poesia popular da Suecia se encontram reminiscencias. Nos *Cantos populares do Norte*, de X. Marmier (p. 201) o *Petit Batelier* começa d'este modo: «A donzella está assentada na sua camera, e está lavrando a ouro. O barqueirinho aproxima-se e olha» e depois termina: «Eu não sou um barqueiro; sou o melhor filho do Rei de Inglaterra.» Eis o romance hespanhol, da

## INFANTINA Y EL HIJO DEL REY DE FRANCIA

•Tiempo es, el caballero,  
 Tiempo es de andar de aqui,  
 Que ni puedo andar en pic,  
 Ni al emperador servir,  
 Pues me crece la barriga  
 Y se me acorta el vestir:  
 Verguenza he de mis doncellas,  
 Las que me dan el vestir,  
 Miranse unas á otras,  
 No hacen sino reir:  
 Verguenza he de mis caballeros  
 Los que sirven ante mi.  
 — Lloraldo, dijo, senora,  
 Que asi hizo mi madre á mi;  
 Hijo soy de un labrador,  
 Mi madre y yo pan vendi. —  
 La infanta desde que esto oyera  
 Comenzóse á maldecir:  
 •Maldita sea la doncella  
 Que se deja seducir.  
 — No os maldigais vos, senora,  
 No os querais vos maldecir,  
 Que hijo soy del rey de Francia,  
 Mi madre és dona Beatriz:  
 Cien castillos tengo en Francia,  
 Senora, para os guarir,  
 Cien doncellas me los guardan,  
 Senora, para os servir.

Ochoa, *Tesoro de los Romances*, p. 2.

## Eis o romance do Piemonte, comparado por Nigra :

A' borda do mar  
 Estava uma donzella,  
 Bordava n'um lenço,  
 Como ella era bella!  
 Em meio do bordado  
 Faltou-lhe o retroz;  
 Mas vinha chegando  
 Galera veloz.  
 «Oh marinheiro  
 Trazeis seda aí?  
 — Que cor quereis? branca,  
 Ou de carmezi?  
 «Eu quero-a verme'ha  
 Por que é da mais fina,  
 Eu quero-a vermelha  
 Porque é para a rainha.  
 — Entrae, entrae já  
 N'esta caravella. —  
 Mal poz o pé dentro  
 Fez-se logo á vella.  
 E o marinheiro  
 Cantava ao pé d'ella.  
 Com o canto do nauta  
 Fica adormecida,  
 Com o mar inquieto  
 Acorda sentida.  
 Assim que ella acorda  
 Viu já longe a terra:  
 «Oh marinheirinho  
 Para o porto aferra,  
 Que a vaga que se ergue  
 Me espanta e aterra.  
 — Não faço o que pedes  
 Serás minha amada.  
 «De tres irmãs que eramos  
 Sou mais desgraçada.  
 São ambas casadas  
 Com um duque, com um conde;  
 Vou ser marinheira  
 Sem saber aonde.  
 Que uma vista seda,  
 E a outra ouro tenha!  
 Mas eu, a mais bella,  
 Vou ter estamenha.  
 — Se uma veste seda,  
 E a outra ouro tinha,  
 Tu és marinheira  
 Que vae ser rainha:  
 O Rei de Inglaterra  
 Deu-me a caravella  
 Com que ha já sete annos  
 Te busco, donzella.

A esta mesma tradição parece ligar-se a bella canção de Camões :

Irme quiero, madre  
 A aquella galera  
 Con el marinero  
 A ser marinera.  
 Madre, si me fuere,  
 Do quiera que vò  
 No lo quiero yo,  
 Que el amor lo quiere:  
 Aquel nino fiero  
 Hace que me muera  
 Por un marinero  
 A ser marinera. —  
 El que todo puede,  
 Madre, nõ podrá  
 Pues el alma vá,  
 Que el cuerpo se quede;  
 Con el por quien muero  
 Voy, porque no muera,  
 Que si es marinero  
 Seré marinera.  
 Es tirana ley  
 Del nino señor  
 Que per un amor  
 Se deseche um rey :  
 Pues desta manera  
 Él quiere, yo quiero  
 Por un marinero  
 A ser marinera.  
 Decid, ondas, quando  
 Visteis vos doncella  
 Siendo tierna y bella  
 Andar navegando ?  
 Mas qué no se espera  
 De aquel nino fiero !  
 Vea yo a quien quiero  
 Y sea marinera.

*Obras de Camões, (1633) p. 341*

A cançoneta de Camões e a similhaça dos romances hespanhol e italiano com o *Dom Duardos* de Gil Vicente, provam-nos que o poeta compozera o romance sobre tradições antigas, que os povos do Meio Dia ainda conservam. E' este o motivo como se explica a adopção popular e a diversidade das variantes de *Dom Duardos*.

58. — Romance do terremoto de Villa Franca do Campo. — Publicando este notavel romance sobre o Terremoto de Villa Franca do Campo em 1522, não devemos deixar de dar uma noticia do historiador insulano Gaspar Fructuoso e do seu livro intitulado *Saudades da Terra*.

No anno de 1522, setenta e oito annos depois do descobrimento da Ilha de Sam Miguel, na então Villa de Ponta Delgada, nasceu Gaspar Fructuoso. Era seu pae lavrador chão e abonado na legitima phrase da Ordenação, e como tal dedicava o filho para a vida do campo; Gaspar Fructuoso sentia uma propensão irresistivel para os estudos de humanidades, e todas as vezes que seu pae o mandava tomar conta dos trabalhadores, elle os distrahia com varias leituras dos livros com que sempre andava acompanhado. Isto decidiu o bom do pae a mandal-o para uma das principaes Universidades da Europa; de facto, como conta Cordeiro na *Historia Insulana*, cursou o *trivium* e *quadrivium* na Universidade de Salamanca, recebendo ali o grau de Mestre em Artes. Voltou á Ilha de Sam Miguel para receber as ordens do sacerdocio, e tornou para Salamanca a tomar o grau de Doutor em Theologia. Ali ouviu as lições do celebre moralista Frei Domingos do Sotto. A fama de suas virtudes e sabedoria lhe grangeou a amizade de grandes dignatarios da Egreja; o Bispo de Miranda, Dom João d'Alva, o fixou por algum tempo junto a si; leu theologia no collegio dos Jesuitas em Bragança, d'onde veiu para Lisboa, quando o Bispo de Miranda foi nomeado capellão mór de Dom Sebastião. A mitra de Miranda lhe foi instantemente offercida, mas Gaspar Fructuoso preferiu antes voltar para a sua Ilha, trocando

o baculo por uma simples vigararia de Nossa Senhora da Estrella na Villa da Ribeira Grande. Viueu uma vida quieta e occupada com a pratica das virtudes evangelicas, morrendo em 24 de Agosto de 1591, com setenta annos de idade. A sua rica livraria excedia quatro centos volumes; foi deixada ao collegio dos Jesuitas de Ponta Delgada, a quem fez depositario do manuscripto da sua historia dos Açores, que intitulo *Descobrimto das Ilhas* ou *Saudades da Terra*.

Este livro notavel ainda está inedito. Quando o Marquez de Pombal ordenou a expulsão dos Jesuitas, o Reitor do Collegio, em presença da corporação, offereceu o livro ao Governador da Ilha de Sam Miguel, Antonio Borges de Betten-court, para que o conservasse. N'esse mesmo dia a fragata *Graça* levou todos os Jesuitas da Ilha de Sam Miguel. Possui o original d'este monumento o senhor Visconde da Praia, verdadeiro principe açoriano, que o obteve por compra a José Velho Quintanilha, que o recebera por herança do Vigario da Alagoa, o Ouvidor Luiz Bernardo, herdeiro do mencionado Governador da Ilha.

Existem duas copias d'este livro, uma de que é possuidor o snr. José do Canto, outr'ora pertencente ao erudito João da Arruda, e authenticada por dois tabelliães; a outra pode ler-se na Bibliotheca publica de Lisboa, cujo traslado foi feito pelo Corregedor Veiga. Algumas d'estas noticias foram recolhidas de um velho professor michaelense, e aproveitadas pelo meu antigo amigo e condiscipulo Antonio Pereira, no seu interessante estudo sobre os *Historiadores insulanos*, que se pode ler no *Santelmo*, jornallitterario, publicado em 1860.

O romance que publicamos, devemol-o ao illustre

michaelense José de Torres, que de ha muitos annos trabalha em uma *Historia geral dos Açores*, e para o que já tem extraordinarios monumentos reunidos. Este romance foi publicado em um jornal intitulado o *Philologo*, n.ºs 5 e 6. Diz-nos o snr. José de Torres: «Serviu á sua publicação no *Philologo* (jornal de rapazas de 14 e 16 annos de idade) copia tirada do apographo de parte das *Saudades da Terra*, que por sua propria mão tinha feito o nosso morgado João da Arruda, manuscrito que mais tarde foi comprado por José do Canto, cuidou eu.» No *Romanceiro geral* o publicámos (n.º 50) extrahido do *Agiologio* de Cardoso, em uma lição tão breve, que suppomos ser aquella a parte que andava na versão oral. O snr. José de Torres disse tambem que não conhecia outro algum monumento d'esta natureza.

**59 — Romance de Dona Inez de Castro.** — Era para admirar que a tradição do povo, conservando vivissima a memoria dos amores de Inez de Castro, os não perpetuasse nos seus cantares. Quando Camões, o poeta que mais profundamente comprehendeu e fez reviver o genio nacional, compoz com essa desfolhada bonina o mais bello episodio dos *Luziadas*, tinha em vista a tradição popular. A *Castro* de Ferreira não foi tirada da tradição, mas dos moldes academicos. No *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende (fol. 221) vem a historia dos amores de Inez de Castro em forma de romance culto:

«Eu era moça e menina  
per nome Dona Inez, etc.»

E' o unico romance que apparece n'essa vasta

collecção. O que publicamos foi achado entre os papéis velhos de um burguez honrado do Porto, escripto em letra dos fins do seculo XVIII. O seu caracter genuino atraiçoa-se em algumas palavras cultas que apparecem no romance, e na especie de lyra, com que acabam as quadras de Inez. Em todo o caso é um raro monumento, que, embora não pertença com todo o rigor á poesia anonyma, contudo tem de occupar um merecido logar entre os romances com forma erudita.

**60, 70 — Romances Sacros.** — Os romances ao divino appareceram pela primeira vez recolhidos da tradição oral no *Cancionero General* de Hernando del Castillo, em Valencia de Aragon em 1511; o collector, em um prologo que serve de dedicatória ao Conde de Oliva, diz que empregou vinte annos n'esse trabalho, vindo assim a dar-lhe principio em 1491. A poesia popular insulana data nos Açores desde o meiado do seculo xv, e tem-se conservado pura até ao presente. Emquanto os *Indices Expurgatorios* dos seculos XVI e XVII estigmatizam os cantos tirados do Velho Testamento e da letra do Evangelho, repellidos em Portugal e Hespanha, nas Ilhas passaram incólumes até hoje. O acaso salvou essas venerandas reliquias do povo da idade media, filhas da sua audacia fervorosa com que andava criando um christianismo, poetico em contraposição com o prosaico e severo christianismo dogmatico. Tambem as ricas tradições-poeticas dos povos do Norte desappareceram diante da acção do christianismo canonico. Diz Grimm: «O christianismo, introduzido entre elles, devia consumir a ruina de todos os monumentos do passado — porque lhes prescrevia como um dever o aban-



dono dos velhos costumes e o desprezo de todas as tradições do paganismo.» Os trez villancicos do Natal appresentam ainda um fervor e barbaridade semigothica; parecem os cantos da plebe quando invadia os templos e tomava parte na liturgia. Nossa Senhora ao portal de Belem, com o menino nos braços, é bem a mulher de José o Carpinteiro, como descreve o Evangelho apocrypho, e não a Senhora, descendente da real stirpe de David, como querem os Evangelhos authenticos; a cantiguinha, com que embala o filho, é o ideal da pobreza, como a cantava Francisco de Assis no seculo XIII pela Italia, e como se acha ainda hoje nas modernas cantigas do berço ou *nanarissa*. O romance 63, dos *Reis Magos*, é a crença pura de um povo que se sente vivamente impressionado pelas grandes emprezas e aventuras maritimas; a imaginação que teceu tão bello quadro é a mesma que inventou os bellos ornatos da architectura *manuelina* dos Jeronymos de Belem. Se não tem o mesmo tom d'este outro romance sacro do fim do seculo xv:

Durmiento yva el Senor  
 En una nave en la mar,  
 sus discipulos con el  
 que no le osan recordar;  
 el agua con la tormenta  
 començose a levantar,  
 las olas cubren la nave,  
 que la quieren anegar,  
 los discipulos con miedo  
 començaram de llamar,  
 diciendo:  
 — Senor, Senor,  
 quieras nos presto salvar.

Y desperto el bon Jesu  
 començoles de hablar:  
 «Oh hombres de peca fe  
 que temey? quered pensar,  
 quan gram ofensa es a Dios  
 de su gram poder dudar.

Y levantose, mandando  
a los vientos y a la mar,  
gran espanto puso entr'ellos  
y muy taas maravillar,  
diziendo, quien es aqueste  
que el tiempo hace mudar? 1

Apresentada esta reliquia como typo dos romances sacros do seculo XV, mais nos assombra vêr a grande analogia de colorido e de crença que têm com ella os *romances ao divino* ainda cantados nos Açores. Estes romances são, por assim dizer, a forma poetica anterior aos *Evangelhos apocryphos*, que já se julgava perdida. Diz Gustave Brunet, na sua introduccão aos *Evangelhos apocryphos*: «Estas legendas eram poemas populares dos primeiros neophytos do culto novo, a fé e a imaginação os embellezavam sem cessar; ainda se descobre n'ellas fragmentos visiveis de composição em verso, e que foram com toda a certeza cantados.» 2 D'estas legendas, regeitadas pela Igreja, diz Gustave Brunet: «Longe de permanecer estereis, exerceram, durante um longo decurso de seculos, a acção mais poderosa e a mais fecunda sobre o desenvolvimento da poesia e da arte; a epopea, o drama, a pintura, a esculptura da edade media não se pejaram de tirar de lá elementos ás mãos cheias. Não fazer caso dos *Evangelhos apocryphos* é não querer descobrir as origens da arte christã. Foram o manancial d'onde, após a extincção do paganismo, os artistas tiraram uma vasta symbolica que a edade media amplificou.» (Pag. v.) Os grandes mestres das Escolas italianas representam sempre Sam José como um velho, tal

1 *Cancionero general*, Anvers, em casa de Martin Nucio, MDLVII, p. xvj.

2 *Les Evangelies apocryphes*, traduits d'après l'édition de Thilo, p. II.

como o descreve o *Evangelho de José o Carpinteiro*; Raphael deu-lhe como symbolo perpetuo o ramo de lyrios, tirado do Evangelho apocrypho da *Natividade*; Simeão apparece nos quadros vestido de dalmatica; os animaes cercam o menino que acaba de nascer sobre as palhas, e nada d'isto, que a arte moderna sanctificou, se acha nos Evangelhos synopticos. Dante recolhe as lendas da descida ao Inferno, que a imaginação do povo formara em roda do Evangelho apocrypho de *Nicodemus*, que deu origem ao grande cyclo do *Saint Graal*; Milton, no *Paraiso perdido* desenvolve o quadro da revolta dos Anjos, esboçado no Livro de Enoc; Klopstok, espalha pela *Messiada* as côres mysteriosas do Evangelho de *Nicodemus*.<sup>1</sup> No romance 66, do *Presentimento da Paixão*:

Senhora Santa Maria  
Seu cabello de ouro fino...

condiz com o retrato antigo da Virgem, colligido de diversos auctores pelo padre Xavier, na *Historia Christi*, (pag. 30): «oculi ejus magni et vergentes ad cœruleum, *capillus ejus aureus*.» O que mais admira, sobre tudo, é o sentimento humano com que o povo revestiu todos os passos da Paixão; os Evangelhos authenticos são a parte exterior da acção; o que o povo canta é a parte psychologica, subjectiva. A Virgem, presente que lhe querem matar seu filho; não pode dormir com a afflicção d'esta idéa, desafoga com elle. Aonde ha cousa semelhante nos quatro Evangelistas? Na vespera do Sacrificio, a Virgem torna a avisar o

<sup>1</sup> Ver o notavel trabalho de Alfred Maury, sobre o Evangelho de Nicodemus, aonde cita, Gori, Thesaurus veter. dypt. t. i. figuras 14, 30, 34; e d'Agincourt, *Histoire de l'Art*, planche, 52, e 69.

filho, descobre-lhe todas as vozes que vogam acerca da sua morte; é então quando Christo lhe mostra a necessidade do immenso sacrificio. San João, o discipulo amado, vem a casa de Maria para a conduzir ao sitio aonde veja pela ultima vez a Jesus; Maria com a bondade profunda de Isis nos poemas da India, não sabe amaldiçoar os assassinos; ella vae pelas ruas de Jerusalem pranteando; que dialogos com a multidão que a atropella, com o filho no encontro da rua da Amargura! O povo tinha comprehendido o lado humano da paixão de Jesus, e cantou-o muito antes das idéas d'este seculo inspirarem a Paulo Delaroché a nova face e direcção que soube dar aos quadros religiosos.

74 — Romance de Santa Iria. — Até nos Açores se encontra o romance de *Santa Iria*. A legenda piedosa pode ler-se na *Espanha Sagrada* de Florez; mas o que torna este romance importantissimo para o philologo é ser um vestigio quasi extincto do tempo da revolta dos Foraes em Portugal. Segundo o *costume* de muitas terras, era defezo aos cavalleiros exigirem pousada dos burguezes e villãos; as extorções senhoriaes tinham feito proclamar este principio da inviolabilidade da casa do trabalhador. No Foral do Porto, no de Coimbra e Santarem se acha proclamada esta formula justa, que no romance popular parece um tanto crua:

*Passa um Cavalleiro, pedia pousada,  
Meu pai lh'a negou: quanto me custava !*

Já vem vindo a noite, é tam só a estrada...  
Senhor pae não digam tal da nossa caza;

*Que a um Cavalleiro, que pede pousada,  
Se fecha esta porta á noite cerrada.*

Estas estrophes são tiradas da versão de Santarem, aonde existia a garantia do Foral. (Vid. a minha *Historia do Direito portuguez*, Parte I, Cap. II, p. 31.) Não se imagina a immensa luz que a poesia de um povo espalha sobre a sua historia; grande parte do direito consuetudinario portuguez acha-se perpetuada na poesia popular. Já demonstramos esta asserção na *Historia de Direito portuguez* (p. 51.) Na versão insulana do romance de *Santa Iria*, o povo, já esquecido do privilegio do Foral, modificou a strophe d'este modo:

*Chegara um cavalleiro a pedir pousada,  
Meu pae lh'a dera, que bém me pesava!*

Por isso podemos dizer com Jacob Grimm, que se não encontra uma mentira na poesia popular. Tambem n'esta versão o povo perdôa ao assassino. E' assim a sua alma; não comprehende a maldição canonica, é incapaz de rancor. Emquanto a Igreja amaldiçôa Judas, o povo inventa-lhe uma acção boa na sua vida, em virtude da qual elle vem do inferno cada sabbado refrescar-se nos gelos do polo. (Du Méril, *Poesies populaires latines du Moyen Age*, p. 326.)

**72 — Romance de Santo Antonio.** — Já tinhamos publicado este romance em uma versão do Algarve, que suppomos ter recebido, antes de chegar á nossa mão, certo polimento litterario que destruiu a parte mais ingenua da creação popular. (Vid. *Romanceiro geral portuguez*, p. 120.) A versão da Ilha de S. Jorge é mais rude, mais pit-

toresca e genuina. O seu collector, o snr. João Teixeira Soares, diz-nos: «O outro romance (descoberto nos Rosaes) é tambem estimavel; é o de *Santo Antonio e da Princeza de Leão*; foi tambem communicado pela mesma senhora Maria Victorina, sexagenaria. Prova em parte o protesto que lhe fiz contra a genuidade dos romances do Algarve.»

A lenda tende sempre a localisar-se. A versão de Castro Marim (n.º 44 do Rom. ger.) cita como logar da acção *Realmonte* que é a corrupção do nome de *Ajamonte*, fronteiro em Hespanha a Castro Marim, no Algarve.

**73 — Romance do Pobre Preso.** — Em um povo aonde se encontra vivo ainda na tradição o costume da penalidade heroica, a preferencia da *interdictio tecti* á pena de morte faz que tambem seja natural e logico este protesto contra as prisões. O povo tem um horror absoluto pelo encarceramento; elle mesmo se expatria, antes da sentença, para evitar a detenção. E' n'estas pequenas cambiantes que se revela a verdade da sua alma. A poesia do Archipelago açoriano possui ainda na sua inteireza as ricas tradições primitivas, que se obliteraram já no continente. O romance do *Pobre preso* é das strophes mais bellas da grande rhapsodia popular.

**74 — Romance de Santa Thereza.** — Como o povo soube retratar o amor da alma d'aquella santa e apaixonada poetisa, que diza abrasada em fogos divinos:

Vivo sin vivir en mi,  
Y tan alta vida espero,  
Que muero porque no muero!

Em vez de fazer apparecer-lhe Jesus em um extasis voluptuoso na penumbra da cella, como os agiographos calculadores, leva Santa Thereza a encontrar um mendigo á porta do mosteiro, a quem faz todos os dias esmola. Que poesia verdadeira n'estes dois versos :

— Meu velho, como te chamas?  
— Chamo-me Jesus de Thereza.

Um amor assim declarado nada tem de sensual, mas rescende nas almas delicadas com o perfume inebriante da rosa mystica.

**75 — Romance de Jesus peregrino.** — Offerecido por um contemporaneo da Universidade, aqui apparece este bello romance sem o estribilho plangente com que os cegos o cantam. Nas *Tempes-tades Sonoras* publicámos uma imitação, no canto segundo das *Ceias de Nero*, como prova do muito amor que temos por esta lenda religiosa. A versão insulana tem um remate parecido com a lenda da Picardia, publicada por Champfleury; Jesus avisa a alma caridosa que o acolheu de que no dia seguinte o mandará buscar. (Vid. *Romanceiro geral*, not. 43.)

**76 — Xacara do Cego.** — E' popular nos Açores; supponho que é uma transformação remotissima, senão uma criação allusiva ás primitivas relações da sociedade mosarabe. No *Cancionero de Romances*, de Anvers, encontra-se um formoso paradigma, reliquia do seculo XIV :

Yo me era mora Moraina,  
Morilla de un bel catar :  
Cristiano vino á mi puerta,  
Cuitada, por me enganar.

Hablóme en *algarabia*  
 Como quien la sabe hablar :  
 — Abras-me las puertas, mora,  
 Si, Alá te guarda de mal.  
 -Cómo te abriré, mezquina,  
 Que no sè quien te serás?  
 — Yo soy el moro Mazote,  
 Hermano de la tu madre,  
 Que un cristiano dejo muerto,  
 Y tras mi viene el Alcalde:  
 Si no me abres tú, ni vida,  
 Aquí me verás matar. —

Cuando esto oí, cuitada  
 Comencéme á levantar  
 Vistírame un almeja,  
 No hallando mi brial,  
 Fuérame para la puerta,  
 Y abríla de par en par.

Quando o povo já não comprehende os factos a que allude nos seus cantares, vae insensivelmente accomodando-os ao presente. No romance da *Bella Infanta*, do tempo das Cruzadas, a Terra Santa vae sendo substituida pelo Brazil nas versões da Beira Baixa. Foi assim com o romance do *Cego*; o engano do christão á porta da moirinha já não era comprehendido em uma sociedade nova, por isso o povo aproveitou as situações antigas introduzindo personagens modernos. A forma metrica em *endeixas*, lembra a strophe arabe em que os dois versos neo-latinos se tornam os dois hemistichios *ogribait* e *saldribait*. Gil Vicente, na *Floresta de enganos*, traz um fragmento de romance, que em parte fundamenta aquella transformação:

Llevántate, panadera,  
 Si te has de levantar,  
 Que un fraile dejo muerto  
 No traigo vino, ni pan.

*Obras*, t. II, p. 439.

77 — Xacara da Rosa Pastorinha. — A' vista d'esta admiravel criação popular, comprehende-se



que fôrma poetica era essa que o Marquez de Santillana, na *Carta ao Condestavel de Portugal*, chama «*Cantigas serranas e decires portuguezes.*» A versãõ insulana é a mais completa e perfeita de todas as conhecidas ; recebemos variantes mais breves, mas sem alterações radicaes na aççãõ. O thema favorito dos tropeiros da edade media, cá está reduzido aos costumes da sociedade moderna no reconhecimento do irmão e da irmã. Nos *Chants populaires du Pays Messin* (p. 54), encontramos um romance perfeitamente analogo ao nosso ; transcrevemol-o para se seguir o fio originario da tradiçãõ :

## L' EPREUVE

-- Ma mère, où est ma sœur ?  
 « Mon fils, elle est aux champs,  
 Gardant ses moutons blancs.  
 -- Ma mère, n'avez-vous pas peur d'elle ?  
 Les soldats y sont si fréquents,  
 Qu'il y en a parmi les champs.  
 « Mon fils, quand il y en avait mille,  
 Dix mille, aussi dix millions,  
 Jamais votre sœur n'y auront.  
 -- Ma mère, voulez-vous parier  
 Cent pistoles, et qu'elle ne me reconnaisse point,  
 Et je vous promets que je l'emmènerai bien.

A pris son cheval par la bride,  
 S'en va, riant, tout falottant,  
 Trouver la bergère aux champs :

-- Que Dieu te garde, belle bergère,  
 Bergère, en gardant tes moutons,  
 Ensemble si tu veux nous causerons !  
 Ma bergère, jolie bergère,  
 J'ai cent écus à vous donner,  
 La belle, s'il vous plait de m'aimer.  
 « Do vos cent écus je n'en ai que faire,  
 Je n'ai point de bourse pour les serrer ;  
 Là, vous pouvez vous retirer.  
 -- J'ai une belle bourse, jolie bergère,  
 J'ai une belle bourse à vous donner,  
 La belle, s'il vous plait de m'aimer !

La belle a planté sa houlette :  
 • Gardera mes moutons qui voudra,  
 Avec mon amant je m'en vas.  
 — Tenez ma mère, voilà ma sœur,  
 Elle est à moi si je voulais,  
 Mais, c'est ma sœur, je n'oserais.

La belle a pris si grande honte,  
 Dans la rivière elle va se jeter.  
 La pauvre fille elle s'a noyée.

Este romance, colhido em Metz por Du Puy-maigre, é doloroso; explica a lenda portugueza, que pela sua parte principia e acaba em tom de risota. Ha uma versão publicada nos *Cantos populares do Norte*, por Xavier Marmier; a balada sueca tem um profundo caracter maritimo e uma bondade pura. Todas as analogias provam que o canto insulano não é tão moderno como parece. Sempre encontramos um anachronismo entre a fórma alexandrina e a acção actual.

78, 79 — Xacaras de Frei João e da Morena.— Os contos de Frades são vulgares no Meio Dia da Europa; em todos os escriptores, inspirados pela verdade e dotados de faculdades criticas, como Boccacio ou Rabelais, não faltam exemplares, que se possam considerar como prototypos de *Frei João*. Frère Jean des Entommeures tinha *as suas frescas madrugadas*, como se relata no *Gargantua*; no *Decameron*, apparece tambem um Padre João de Barole, amigo de um recoveiro, mecer Pedro, casado com uma mulher nova e bella, a quem o padre mandou pôr de quatro pés, para lhe ensinar o segredo de a transformar em jumenta. Quando o Padre João estava na operação de lhe fazer o rabo, mecer Pedro interrompeu-o: «Na verdade, não me faz conta esse rabo em um tal

sitio, e vós o prendeis muito em baixo; e já que era forçosamente preciso um, porque m'ó não dissesstes para o meter eu?» A moçoila, que estava gostando d'esta ultima cerimonia, prorompeu: «Que estúpido tu és! Aonde viste uma jumenta sem rabo? Queixa-te contra ti se formos toda a vida miseraveis.» (*Novella IX, Jornada Nona do Decameron.*) Nos contos d'este genero, quasi sempre o frade está na posição mais vantajosa; o marido logrado, supplantado pelo seu ridiculo, não sabe vingar-se. Porém estas novellas não são feitas pelo povo; quando os leões são pintores succede d'outra fórma. No romance popular o sentimento natural da dignidade do homem pinta a justa vingança. A *Morena*, no quadro popular, morre ás punhaladas do marido, para que se não torne a vêr nos braços de Frei João. O final da versão de Castello Branco, do *Romanceiro* de Garrett, acaba artificialmente; quando a *Morena* ia a enterrar, Frei João ria da aventura e o marido é quem chorava.

Na outava jornada do *Decameron*, Novella II, vem o *retrato do Cura de Varlongue*, dado a cantigas e bons ditos, o qual visitava as freguezas na ausencia dos maridos e as regalava com bolinhos, com agua benta e com côtos de cirios. O patuço do cura apaixonou-se pela mulher de um lavrador, gorducha, fresca, *morena*, esbelta, tal como lhe fazia conta. Veiu uma vez a casa da sua amada, quando o marido estava fóra; a historia, em que o romance popular urde a intriga na pergunta:

• A quem dás as tuas falas?  
— Perguntava á padieirinha  
Se cosia, se *amassava*...

na novella de Boccacio, segue o mesmo fio; mas era o Cura de Varlongue que *amassava* em um almofariz da parochiana. Felizmente o Decreto de 4 de Setembro de 1834 veio acabar entre nós com a ociosidade *thelemita*, lançando a crua realidade para os intermundios das phantasias decameronicas. Gil Vicente traz tambem um conto de *Frei João*, muito chistoso :

Era la Paschoa florida,  
 En el mes de San Juan,  
 Cuando la mona parida  
 Perguntó al sacristan:  
 Teresica de Robledo,  
 Que te guarde Dios de mal:  
 Respondió Pero Pinan  
 Estae quedo co'a mão,  
 Frei João, Frei João,  
 Estae quedo co'a mão.  
 Padre pois sois meu amigo,  
 Quando falardes conmigo,  
 Frei João,  
 Estareis vós quedo, mas estai vós quedo,  
 Mas estai vós quedo co'a mão ;  
 Frei João, estai quedo co'a mão.  
 Perguntaban cual Pirico,  
 Qual Pinão ou qual Frei João,  
 Não diria quien era la moça,  
 Não diria quem, nem quem não.

*Obras de Gil Vicente, L. iv. fine, t. iiii, p. 323.*

**79 — Xacara da Confissão do Pastor.** — Esta versão foi recolhida na Ribeira de Areia; eis o que nos diz o intelligente collector, o snr. João Teixeira Soares: «A respeito da tradição poetica popular na Ribeira de Areia, ha n'aquelle logar uma senhora Dona Barbara de Azevedo, matrona quasi nonagenaria; nasceu, foi criada e tem sempre vivido ali; conserva a memoria ainda fresca e gosto pela poesia popular, de que é um verdadeiro tombo. Foi d'esta senhora, exclusivamente, que Mariana da Conceição e mais uma ou duas rapa-

rigas do logar, têm recebido os seus conhecimentos sobre o assumpto. Isto prova o quanto a tradição d'estas cousas tende a obliterar-se da memoria do povo. Sem esta senhora, as tradições, que eram populares nas gerações contemporaneas na sua mocidade, não teriam attingido a actual.» A *Confissão do Pastor*, é um resto d'esses dialogos atrevidos e facetos da idade media, com que o povo parodiava os sacramentos; não se encontra um minimo vislumbre na tradição do continente. A fórma alexandrina prova a sua antiguidade. Na ilha de Sam Miguel, em criança, lembra-me de ter ouvido bastantes vezes cantar pelas ruas:

Dentro do convento faço sentinella...

O final, sobretudo, acaba com um traço pittoresco e gracioso, que escapa quasi á observação: O padre manda que o pastor ajoelhe, porém o mancebo das brenhas só está acostumado a ajoelhar-se para receber na bocca a *frechada de leite*, e acompanhal-a com a dentada de pão. Estes toques fazem o desespero da arte.

80 — *Xacara da Freira*. — E' tambem popular nos Açores este grito da alma saído dos *in-pace* dos claustros da idade media; não é um gemido sarcástico, como os de Jacopone de Todi no seculo XIV, é uma queixa dorida, é a fraqueza de mulher fortalecida pela verdade, apellando para que chegue a hora da rasão e da tolerancia. E' o que ha de mais superior no lyrismo moderno; a natureza rude venceu a arte culta na sublimidade da sua expressão. A versão insulana lá se acha *localisada* na terceira e quarta estrophe. Recebemos quatro versões fragmentadas, mas decidimo-nos

pela ultima, escripta em letra informe, junta com um *abc* de amor, formando parte de um velho caderno de uso popular. O manuscripto do seculo xvii, da Bibliotheca da Universidade, e a variante da Covilhã, parecem mais modernos. Quem escreveu ou sentiu as magoas d'esta xacara foi talvez alguma contemporanea, irmã no soffrimento, d'essa pobre *Religiosa portugueza*, Mariana Alcoforado, que soube exprimir com palavras eternas a paixão da alma.

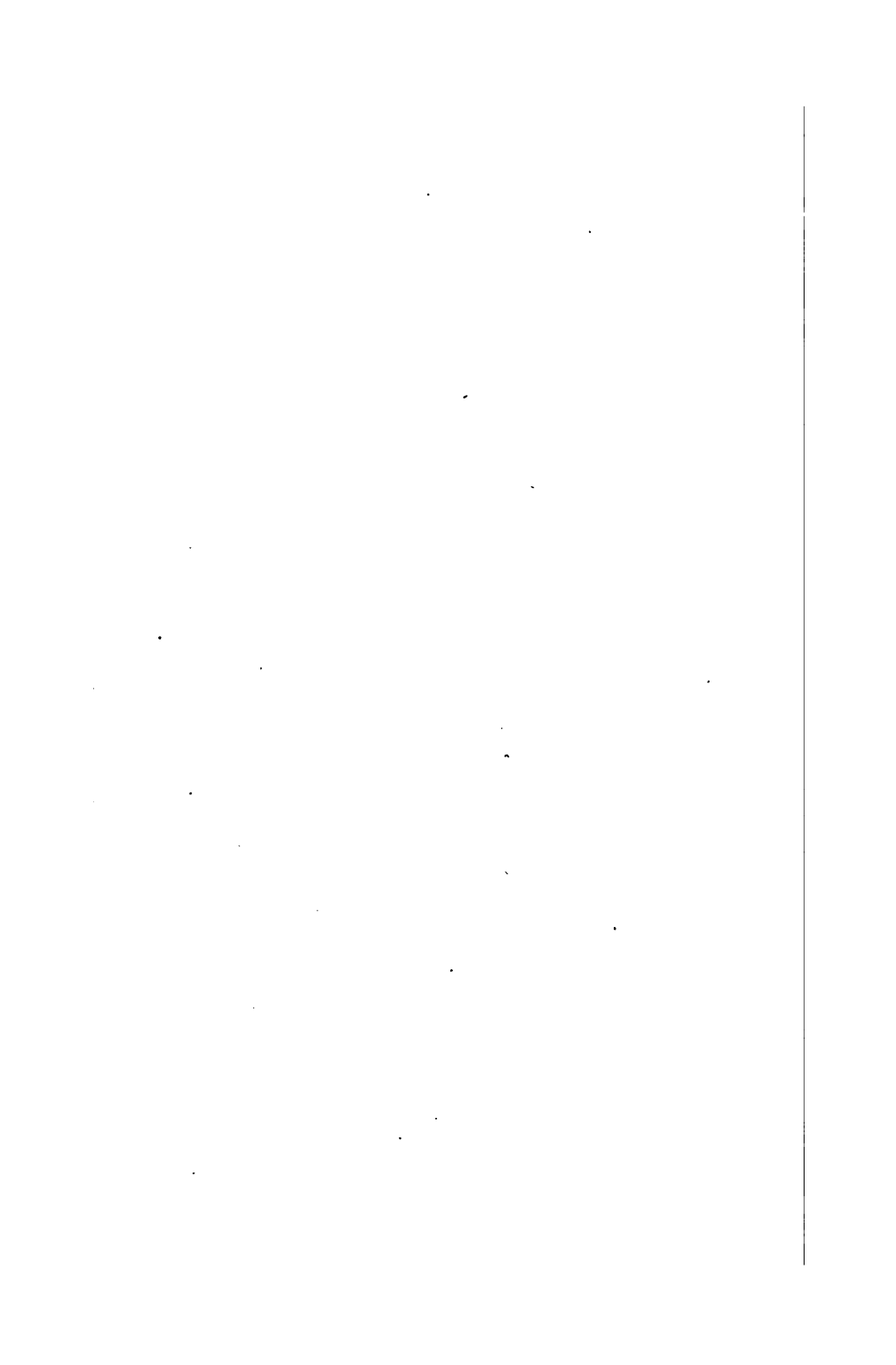
**81 — Xacara do Galante.** — Foi agora pela primeira vez colligida da tradição esta engraçada xacara; não se encontra em nenhuma aldeia do continente do reino. E' para notar como na Ilha de Sam Jorge o povo allude ao traje dos Estudantes:

Com meias de seda  
Calção de veludo,  
Fivelas de prata,  
Que desbancam tudo.

Em Coimbra não admirava que o povo contasse isto. A presente xacara é um conto decameronico que, mais anno, menos anno, se converterá em prosa. Os costumes a que ella se refere são da edade media.

Não podemos fechar este livro sem prestar um publico agradecimento ao snr. Dr. Antonio Pereira da Cunha, pela boa vontade com que interrogou a tradição popular da freguesia do Topo, na ilha de Sam Jorge.

FIM.



# INDEX

---

|                              |      |
|------------------------------|------|
|                              | Pag. |
| <i>Dedicatoria</i> . . . . . | V    |
| INTRODUCCÃO . . . . .        | VII  |

## CANCIONEIRO DAS ILMAS

---

### ROSAL DE ENAMORADOS

|       |                                   |    |
|-------|-----------------------------------|----|
| I.    | No terreiro . . . . .             | 3  |
| II.   | Declarações e requebros . . . . . | 6  |
| III.  | Flores, amores . . . . .          | 18 |
| IV.   | Retrato . . . . .                 | 24 |
| V.    | Arrufos . . . . .                 | 34 |
| VI.   | Ciumes . . . . .                  | 47 |
| VII.  | Pesares . . . . .                 | 51 |
| VIII. | Ausencias e saudades . . . . .    | 66 |
| IX.   | Moraes e graciosas . . . . .      | 74 |
| X.    | Locaes . . . . .                  | 82 |
| XI.   | Politicas . . . . .               | 86 |

### SERENADAS DO LUAR

|      |                                  |          |
|------|----------------------------------|----------|
| I.   | ABC de amores . . . . .          | 87       |
|      | Variante . . . . .               | 90       |
| II.  | Retrato de uma belleza . . . . . | 97       |
|      | Variantes . . . . .              | 99 — 102 |
| III. | Os mandamentos de amor . . . . . | 104      |



|  | Pag. |
|--|------|
| IV. Mandamentos da igreja . . . . .    | 106  |
| V. Os sete sacramentos . . . . .       | 107  |
| VI. Os cinco sentidos . . . . .        | 109  |
| VII. A confissão da menina . . . . .   | 110  |
| VIII. A Tricana. . . . .               | 115  |
| IX. Fado do marujo . . . . .           | 116  |
| X. Despiques de conversados . . . . .  | 119  |
| — Eu vivendo por vós morro . . . . .   | 121  |
| — Menina dos olhos verdes . . . . .    | 124  |
| — Tenho um papel de cantigas . . . . . | 126  |
| — D'onde vindes bella dama . . . . .   | 129  |
| — Rosa branca encarnada . . . . .      | 130  |
| — Entre canas e canaes . . . . .       | 132  |
| — Na eschola de Cupido. . . . .        | 135  |
| — D'onde chega este senhor. . . . .    | 137  |

#### DOCTRINAL DE ORAÇÕES

|  |            |
|--|------------|
| I. Os Mezes do anno . . . . .                                    | 139        |
| II. Anno bom . . . . .   | 141        |
| III. A Circumcisão . . . . .                                     | 142        |
| IV. Os Reis Magos . . . . .                                      | 144        |
| V. Folias do Espirito Santo . . . . .                            | 144        |
| VI. Resposos a Santo Antonio . . . . .                           | 148        |
| VII. Santo Antonio livrando o pae <i>da</i><br>forca . . . . .   | 150        |
| VIII. Oração a Santa Barbara . . . . .                           | 154        |
| IX. Oração a Santa Catherina . . . . .                           | 155        |
| X. Oração de Santa Apollonia . . . . .                           | 156        |
| XI. Oração contra os cobros . . . . .                            | 157        |
| XII. Oração a Sam Bartholomeu, <i>contra</i><br>o medo . . . . . | <i>157</i> |
| XIII. Vinde para mim meu Deos e senhor                           | <i>158</i> |
| XIV. Oh verbo divino . . . . .                                   | <i>159</i> |

|  | Pag. |
|--|------|
| XV. Senhora da Conceição . . . . .             | 159  |
| XVI. Deos te salve Cruz sagrada . . . . .      | 160  |
| XVII. Oração do Justo Juiz . . . . .           | 162  |
| XVIII. Oração do Dia de Juizo . . . . .        | 163  |
| XIX. ABC do Senhor amoroso . . . . .           | 164  |
| XX. ABC de Nossa Senhora . . . . .             | 167  |
| XXI. A Confissão. . . . .                      | 170  |
| XXII. As quinze petições . . . . .             | 172  |
| XXIII. Os mandamentos da lei de Deos . . . . . | 175  |
| XXIV. Parlendas e jogos populares . . . . .    | 177  |
| Notas do Cancioneiro . . . . .                 | 387  |

## ROMANCEIRO DE ARAVIAS

### ENSELADA DE ROMANCES NOVELLESCOS

|  |     |
|--|-----|
| 1 Romances da Filha do Rei de França—I                     | 183 |
| 2 O caçador e a donzella—II. . . . .                       | 185 |
| 3 Donzella encantada—III . . . . .                         | 188 |
| 4 Romances de Sylvana—I . . . . .                          | 191 |
| 5 Aldina—II . . . . .                                      | 193 |
| 6 Sylvana desamparada—III. . . . .                         | 197 |
| 7 Romance da Noiva desertora . . . . .                     | 200 |
| 8 Romances de Bernal-Françoilo—I. . . . .                  | 202 |
| 9 Dom Pedro Françoilo—II . . . . .                         | 205 |
| 10 Romance do Conde de Allemanha . . . . .                 | 208 |
| 11 Romances de Dom Varão—I . . . . .                       | 211 |
| 12 Donzella guerreira—II. . . . .                          | 215 |
| 13 Romances da Donzella que se fina de<br>amor—I . . . . . | 219 |
| 14 Rosal-florido—II . . . . .                              | 223 |

|   | Pag. |
|---|------|
| 15 Romances de Dona Helena — I . . . . .        | 225  |
| 16 Dona Helena — II . . . . .                   | 227  |
| 17 Romances de Joãozinho o Banido — I . . . . . | 230  |
| 18 Flores e Ventos — II . . . . .               | 232  |
| 19 Dona Branca — III . . . . .                  | 233  |
| 20 Dom Alberto — IV . . . . .                   | 236  |
| 21 Flor de Marília — V . . . . .                | 237  |
| 22 Romances de Dom Aleixo — I . . . . .         | 239  |
| 23 Dom Aleixo — II . . . . .                    | 241  |
| 24 Romances de Claralinda — I . . . . .         | 243  |
| 25 Dom Carlos de Montealvar — II . . . . .      | 246  |
| 26 Romances da Condessa — I . . . . .           | 249  |
| 27 Dom Pedro Menino — II . . . . .              | 253  |
| 28 Dom Pedro Pequeno — III . . . . .            | 257  |
| 29 Romance do Conde Yano . . . . .              | 259  |
| 30 Romances de Generaldo — I . . . . .          | 265  |
| 31 Girinaldo — II . . . . .                     | 268  |
| 32 Romances da Filha Maria — I . . . . .        | 271  |
| 33 Dom Doardos — II . . . . .                   | 272  |
| 34 A Ermida no mar — III . . . . .              | 274  |
| 35 Romance de Flora . . . . .                   | 276  |
| 36 Romance de Lizarda . . . . .                 | 282  |

#### PRIMAVERA DE ROMANCES MARITIMOS

|   |     |
|---|-----|
| 37 Romances da Nau Catherineta — I . . . . .    | 285 |
| 38 A Nau Catherineta — II . . . . .             | 287 |
| 38 A Nau Catherineta — III . . . . .            | 290 |
| 39 A Nau Catherineta — IV . . . . .             | 292 |
| 40 A Nau Catherineta — V . . . . .              | 295 |
| 41 Romance da Bella Infanta . . . . .           | 298 |
| 42 Romance da Flor do Dia . . . . .             | 301 |
| 43 Romance de Dona Maria . . . . .              | 302 |
| 44 Romances de Dom João da Armada — I . . . . . | 304 |

|                                       | Pag. |
|---------------------------------------|------|
| 45 Dom João Rei da Armada—II. . . . . | 307  |
| 46 Batalha de Lepanto—III . . . . .   | 310  |

## ROSA DE ROMANCES MOURISCOS

|   |     |
|---|-----|
| 47 Romance do Mouro atraído . . . . .     | 314 |
| 48 Romances de Dom Franco—I. . . . .      | 316 |
| 49 Dona Ignez—II. . . . .                 | 317 |
| 50 Romances de Florbella—I. . . . .       | 318 |
| 51 A pobre Viuva—II. . . . .              | 320 |
| 52 Romances do Cativo de Argel—I. . . . . | 323 |
| 53 O Cativo de Argel—II. . . . .          | 325 |

## SILVA DE ROMANCES HISTORICOS

|   |     |
|---|-----|
| 54 Romances da Má-nova—I. . . . .   | 328 |
| 55 O Casamento mallogrado—II . . . . .  | 330 |
| 56 Romances de Dom Duardos e Flérida—I  | 331 |
| 57 Dom Duardos—II . . . . .   | 333 |
| 58 Romance que se fez de algumas magoas<br>e perdas que causou o tremor de<br>Villa Franca do Campo em 1522,<br>(Lição de Gaspar Fructuoso) . . . . . | 335 |
| 59 Romance de Dona Ignez de Castro . . . . .  | 345 |

## CORO DE ROMANCES SACROS

|   |     |
|---|-----|
| 60 Romance da Noite de Natal . . . . .          | 448 |
| 61 Romance de Natal . . . . .                   | 349 |
| 62 Villancico de Natal. . . . .                 | 349 |
| 63 Romance dos Tres Reis. . . . .               | 350 |
| 64 Romance dos Reis Magos . . . . .             | 351 |
| 65 Romance da Fugida para Belem . . . . .       | 353 |
| 66 Romance do Presentimento da Paixão . . . . . | 354 |

|   | Pag. |
|---|------|
| 67 Romance da Vespera do Sacrificio . . . . .   | 355  |
| 68 Romance da Paixão. . . . .                   | 356  |
| 69 Romance do Planto da Senhora . . . . .       | 358  |
| 70 Romance dos Passos do Senhor . . . . .       | 361  |
| 71 Romance de Santa Iria. . . . .               | 364  |
| 72 Santo Antonio e a Princeza de Leão . . . . . | 365  |
| 73 Romance do Pobre preso . . . . .             | 367  |
| 74 Romance de Santa Thereza. . . . .            | 368  |
| 75 Romance de Jesus Peregrino . . . . .         | 370  |

#### ENSELADILHA DE ROMANCES ENTRETENIDOS

|  |     |
|--|-----|
| 76 Xacara do Cego. . . . .                 | 372 |
| 77 Xacara da Rosa pastorinha. . . . .      | 373 |
| 78 Xacaras da Morena— I . . . . .          | 375 |
| 79 Frei João— II . . . . .                 | 479 |
| 80 Xacara da Confissão do Pastor. . . . .  | 380 |
| 81 Xacara da Vida da Freira . . . . .      | 382 |
| 82 Xacara do Galante . . . . .             | 385 |
| Notas e Paradigmas do Romanceiro . . . . . | 397 |

---

**TYPOGRAPHIA DA LIVRARIA NACIONAL,**

Rua do Laranjal, 2 a 22.

---



---

FLORESTA DE ROMANCES

---



1880

Siboga

3

Sierra

de Santa

Barbara

5.

FLORESTA  
DE VARIOS

ROMANCES

POR

THEOPHILO BRAGA

Vimos rir, vimos folgar,  
Vimos cousas de prazer,  
Vimos zombar e apodar,  
Motejar, vimos trovar  
Trovas que eram para lèr.

GARCIA DE REZENDE.

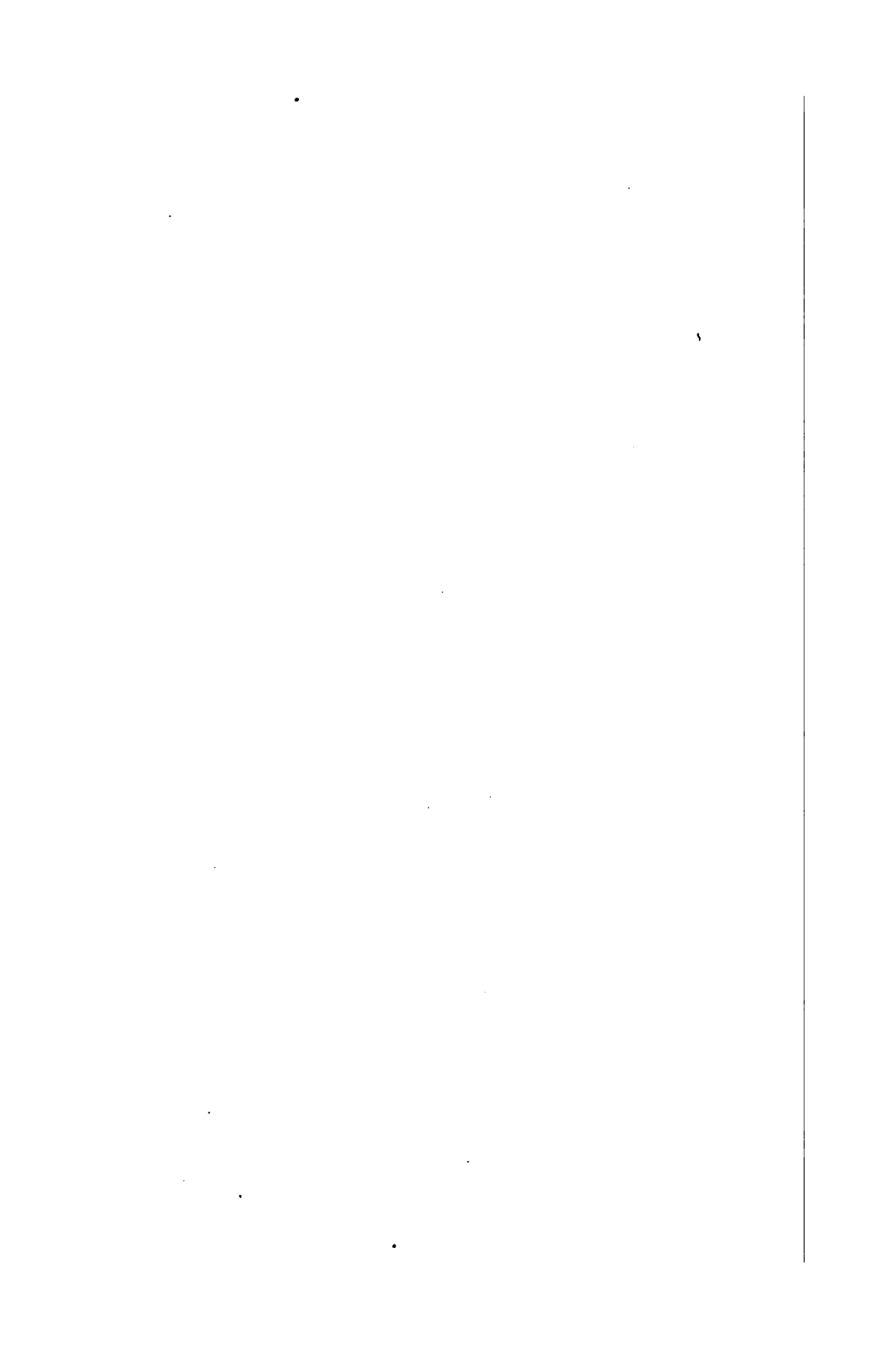
---

PORTO

TYP. DA LIVRARIA NACIONAL

Rua do Laranjal, 2 a 22.

—  
1868



# TRANSFORMAÇÕES

DO

## ROMANCE POPULAR

---

SEculo XVI A XVIII

Os romances genuinos da tradição oral do povo foram pela primeira vez recolhidos na *Silva de varios*, em 1550, tendo sido anteriormente glosados pelos poetas cultos hespanhoes da corte de João II e Henrique IV; no seculo XVI receberam uma fórma litteraria, dada por Lope de Vega, Gongora, Fuentes, Lasso de la Vega, Juan de la Cueva e outros. O mesmo factose deu em Portugal: Gil Vicente, Bernardim Ribeiro, Jorge Ferreira de Vasconcellos, Francisco Rodrigues Lobo, Dom Francisco Manoel de Mello e Balthazar Dias, glosam e imitam os romances populares, já cantando os feitos da nossa historia, já as façanhas da guerra de Troya e de Roma, da Tavola-Redonda e de Carlos Magno. Convinha colligir estas flores dispersas, por onde se mostra que o movimento litterario operado em Portugal no seculo XVI e XVII era analogo ao de Hespanha; sem ellas o *Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez* seriam uma obra truncada e imperfeita.

Não se pôde conhecer a litteratura portugueza ignorando as phases das litteraturas da idade media da Europa. Como a formação das linguas, do direito, da religião e das instituições sociaes, nenhum facto faz sentir mais do que a litteratura a unidade de raça dos povos neo-latinos. Quasi todas as transformações que experimentaram as litteraturas italiana, franceza, hespanhola e provençal, — quer na forma das primeiras poesias, nas novellas cavalheirescas, nas Chronicas ou nos contos decameronicos, no romance popular ou no sentimento da natureza despertado pela Renascença, — tudo, abertamente o sustentamos, se encontra, mais ou menos rudimentarmente, na litteratura portugueza. Foi a poesia dos jograes que soltou os dialectos neo-romanos da sua gaguez pelo canto; em Portugal vêmos tambem que os primeiros monumentos linguisticos são em verso, essas canções dos seculos XII e XIII, que os criticos não tem sabido avaliar.

Como conclusão dos estudos sobre a poesia popular portugueza, parecerá que este povo não tem uma poesia privativamente sua, filha espontanea do seu genio. As creações epicas que aí ficam nos romances colhidos da bocca do povo acham-se, é verdade, com alterações accidentaes nos Romanceiros hespanhoes. Devemo-nos desgostar com a falta de originalidade? Deveriamos abandonar a missão de recolher essas venerandas reliquias, por isso que não ha n'ellas uma feição propria? Os romances pertencem ao povo hespanhol pela fatalidade da raça e pelo estado social que os produziu. Não sômos nós do mesmo sangue, do mesmo tronco celtibero? não soffremos nós as mesmas modificações no cadinho da idade media da Europa? O facto de apparecerem os romances cava-

lheiroscos hoje em hespanhol é devido a uma circumstancia material, á curiosidade dos livreiros de Sevilha, Saragoça e Anvers; entre nós não se curou d'isso, mas nem por isso o povo portuguez deixou de cantar e poetisar as suas tradições. A parte mais bella dos romances hespanhoes constará, quando muito, de cem romances anonymos, os quaes se não referem a factos particulares da historia; estes mesmos andaram na tradição portugueza no seculo XVI, em tempo que a mente dos dois povos os elaborava ainda. (*Leis de formação poetica*, III e XIII). Se em politica Portugal e Hespanha são duas nacionalidades, nas tradições poeticas são mais do que gemeos, são um mesmo povo. O velho Romanceiro hespanhol da ultima metade do seculo XV, o legitimamente popular, tanto é hespanhol como portuguez; são os cantos d'esta epocha os que se repetem ainda na sua pureza nativa na Beira-Baixa, Traz-os-Montes e Açores. Que importa que não tenhamos os vultos poeticos de um Cid, de um Bernardo del Carpio, se os romances que os celebraram são na maior parte de origem litteraria, compostos por Lorenzo de Sepulveda, Juan de Leyva, Lasso de la Vega, e agrupados por Juan de Escobar? O *Romanceiro portuguez* é pequeno; mas, ainda ha tão pouco tempo interrogada a tradição, tem dado o que ha de mais bello e mais antigo na poesia peninsular.

No tempo de Dom João I, quando o povo deu pela primeira vez signal da sua existencia politica, foi ao mesmo tempo que revelou a poesia com que se alentava. Os cavalleiros cortezãos, que discretavam com damas, pertenciam á *Ala dos Namorados* e da *Madre-Silva*, e entretinham-se com as novellas de Cavallaria do cyclo da Tavola-Redonda: « Por que nam se nega aos Luzitanos, des ho

tempo dos Romanos que fizeram memoria dos feytos heroycos, hum abalisado e raro grao de cavalaria. E em tempo del Rey dom João *de boa memoria* sabemos que seus vassallos no cerco de Guimarães se nomearam por *cavalleyros da tavola redonda*; e elle por el rey Arthur. E de sua corte mandou treze cavalleyros Portuguezes a Londres, que se desafiaram em campo çarrado com outros tantos Ingrezes nobres e esforçados, por respeyto das damas do Duque Dalencastro. E de Santarem sayram tres cavalleyros andantes a buscar aventuras, por toda a Hespanha gaynhando muita honra: e em nossos tempos foram outros a Italia, Inglaterra e França, em que se abalisaram como gentys soldados: vindo dahi a capitães não menos que os antigos.»<sup>1</sup> Porem o unico documento da existencia da poesia popular portugueza mais evidente, são essas canções que os moradores de Restello e Sacavem vinham cantar sobre a sepultura do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira. Que ingenuidade de sentir n'aquella strophe dos pobres á porta do convento do Carmo, aonde estava Nun'al'vres! Recolheram-se essas trovas mais para provar a grandeza do Condestavel do que a santidade do povo. No reinado de Dom João II os costumes cortezãos tinham banido a poetica do vulgo; os cavalleiros, quasi todos heroes na conquista do Oriente, entretinham-se nos serões do paço em fazer versos ás damas sobre casos sentimentaes, imitações das coplas de Manrique, de Juan de Mena, de Juan Rodrigues del Padron, do Marquez de Villena e do de Santillana. Garcia de Resende, recolhendo todas essas coplas, seguira o exem-

<sup>1</sup> Memorial das proezas da Segunda Tavola Redonda, por Jorge Ferreira de Vasconcellos, cap. XLVI, de accordo com Fernão Lopes, na Chronica, Parte II, p. 490, cap. 76; e com a Chronica do Condestabre, p. 42.

plo do *Cancionero de Baena*; a poesia de um é modello da poesia do outro. Lendo a nossa vasta collecção de 1516, encontramos os filhos de Dom João I, como Dom Pedro, <sup>1</sup> adoptando os versos de arte maior e enlevado na admiração de Mena; seu filho, que foi Rei de Chypre, imita o gosto pre-vençal nas tres canções ali conservadas. <sup>2</sup> Na infinidade das outras composições não se descobre a minima allusão a costumes, nem a tradições populares. Existem lá composições historicas, cuja forma não lembra o romance.

Não é para admirar. Don Agustin Duran affirma que nenhum Codice anterior á primeira metade do seculo XVI conserva vestigios da poesia popular; apenas o *Cancionero general* de Hernando del Castillo, publicado em Valencia de Aragon em 1511, contém alguns fragmentos de romances glosados. Taes são os romances sacros: *Durmiendo yva el Señor*, <sup>3</sup> *Terra y cielos se quezavan*, <sup>4</sup> e mais trinta romances com glosas, como são o de *Conde Claros*, com glosa de Francisco de Leon e uma imitação de Lope de Sosa; o romance de *Rosa fresca, rosa fresca* com a glosa de Pinar; o de *Fonte frida, fonte frida* com a glosa de Tapia; o de *Yo m'era mora morayna*, e outros muitos feitos pelos poetas cultos das cortes de Dom João II e Enrique IV, como Don Juan Mançel, o Comendador de Avila, Juan de Leyva, Garcí Sanchez de Badajoz, o Bacharel Alonso Poza, Juan de la Ensina. <sup>5</sup> Estes poetas ou se serviam de

1 Cancioneiro geral de 1516, fol. lxxij: «sobre o menospreço do mundo».

2 Idem, fol. lxxij: «Del rrey don Pedro quatro cantigas» erradamente attribuidas a Don Pedro I.

3 Fol. xxvij. Edição de Anvers de 1557, em casa de Martin Nuncio.

4 Fol. xxvj. verso.

5 Da fol. cci a ccxvj São ao todo 38.



fragmentos de romances populares para as suas glosas, ou os parodiavam. Quando, pela primeira vez, os romances populares foram recolhidos da tradição oral, em 1550, por Estevan de Najera, na collecção de Saragoça intitulada *Silva de varios romances*, muitos fragmentos do *Cancionero* de Hernando del Castillo appareceram mais completos. E' natural que, antes d'esta primeira colleccção, os cantos do povo andassem em *pliegos sueltos* ou folha volante, com que mais tarde os livreiros tanto especularam. Pelo menos, os melhores romances da colleccção de Najera encontram-se em folha solta de duas columnas, em typo gothico, sem logar de impressão, sem data e frontispicio: taes são os romances de *Durandarte*, de *Grimaltos*, do *Marquez de Mantua*, dos *Sete Infantes de Lara*, de *Gayfeiros*, do *Conde Claros de Montalvan*, do *Conde Dirlos*, de *Calaynos*, e outros muitos que se podem vêr no precioso trabalho do infatigavel Don Agustin Duran. <sup>1</sup> Os commentadores de Ticknor são de opinião, que antes das colleccções os romances não andaram em *pliegos sueltos*, e fundam-se no prologo de Najera: «Eu não nego que em muitos dos romances impressos hajam casualmente erros; mas são devidos ás copias d'onde os extrai, copias quasi sempre alteradas, e á fraqueza da memoria das pessoas que nol-os dictavam e que se não podiam recordar perfeitamente.» D'onde concluem que o povo se servia de *cadernos manuscritos*. <sup>2</sup> Ao mesmo tempo Martin Nucio imprimiu esta mesma colleccção em Anvers, para

<sup>1</sup> Catalogo por ordem alfabetica de varios pliegos sueltos que contienem romances, vilancicos, cauciones, etc. «Romancero generale,» t. 1, pag. LXXVII.

<sup>2</sup> Durante o meu trabalho de colleccção, encontrei cadernos de uso do povo, cheios de emblemas pittorescos, e mais ainda de gordura. De um d'esses tirei a «Conversa de Namorados».

uso dos soldados e do povo que se achava fóra de Hespanha nos Paizes Baixos. O gosto da época pelas trovas cultas fel-o adoptar o titulo de *Cancionero*, com que então se nobilitavam todas as collecções. Emquanto o gosto dos romances populares se vulgarisava em Hespanha, em Portugal os poetas da corte de Affonso v e Dom João II não sonham a existencia d'esse riquissimo veio de poesia, continuam nas suas trovas do *cuydar e sospirar*. Apenas Garcia de Resende, chronista de Dom João II, e collecter das canções da sua corte, mostra ter conhecido esse renascimento em uma glosa que fez a um romance velho, e em algumas palavras da dedicatória do *Cancioneiro geral*.

No *Cancioneiro geral* sómente se depáram, com forma de romance, umas trovas que fez Garcia de Resende á morte de Ignez de Castro, que principiam : <sup>1</sup>

Eu era moça menina  
per nome dona Ines  
de Castro, e de tal doutrina  
e vertudes, qu'era dina  
de meu mal ser ho rreues.  
Uivia, sem me lembrar  
que paixan podia dar,  
nem dal-a ninguem a mim ;  
foy m'o principe olhar  
por seu nojo e mynha fim.

N'este tempo a fórma do romance popular estava despresada completamente ; Garcia de Resende, traz mais um romance fragmentado, conservado a a pretexto da glosa : <sup>2</sup>

#### RYMANÇE

Tyempo bueno, tyempo bueno,  
quyen te llevo de my !

<sup>1</sup> *Cancioneiro geral*, fol. 221.

<sup>2</sup> *Idem*, fol. 217.

Qu'en acordar-me de ti  
 todo plazer m'es ajeno.  
 Fne tyempo y oras ufanas,  
 em que mys dias gozaron.  
 Mas en elhas se sembraron  
 la symyente de mys canas.  
 Qyuen no lhora lo passado,  
 vyendo qual va lo presente ?  
 Qyuen busca mas acyente  
 de lo qu'el tienpo l'a dado ?  
 Yo me vy ser byen amado,  
 my deseo em alta çyma.  
 Contemplar em tal estado  
 la memorea me lastyma.  
 Y pues todo m'es ausente,  
 no ssé qual extremo escoja,  
 Byeu y mal, todo m'anoja:  
 mesquyno, de qyuen lo syente!

Este romance parece uma imitação dos dois celebres romances conservados no *Cancionero general* de Hernando del Castillo, *Fonte frida*, *Fonte frida*, e *Rosa fresca*, *Rosa fresca*, muitas e muitas vezes glosados pelos poetas palacianos. O romance de *Tyempo bueno* é um trecho conservado por causa da glosa. Então o renascimento das canções provençaes distrahia os serões das principaes cortes da Europa.

O romance popular era antigo e invariavel nos seus moldes; muitas das suas strophes tinham-se convertido em proverbio, como se vêem no *Don Quijote*; não se prestando a perpetuar as anectodas palacianas, a glosa veiu mobilisal-o. O romance popular, simples de condição, franco, rude, tocava a verdade na sua espontaneidade mais divina; era narrativo, não sabia abstrair, dramatisava, accumulava as situações. Era preciso um genio superior para comprehender a sua ingenuidade profunda. Lope de Vega foi um dos primeiros que lhe deu importancia; começou por mostrar que o metro octasyllabo servia para exprimir os mais altos pensamentos e poz em forma de romance os dolorosissimos passos da Paixão. Rengifo, na *Pue-*

*tica española*, reconhece a superioridade do romance. <sup>1</sup>

Só Gil Vicente foi o unico escriptor portuguez do seculo XVI conhecedor da vida do povo, das suas superstições e dos seus cantos. Na *Comedia de Rubena*, representada em 1521, cita um grande numero de romances populares, a que allude, como a cousa que por sabida não repete. E' certo que o nosso povo, apesar do desprezo dos cultistas, continuou a acceitar o romance, e d'outra sorte se não explica a reimpressão do *Cancionero de Anvers* em Portugal por Manoel de Lyra em 1551; a apparição do pequeno in-12, intitulado *Ramilhete de flores: quarta, quinta e sexta partes de romances nuevos hasta agora não impressos*, que Pedro de Flores, collector do *Romancero generale*, imprimiu em Lisboa em casa de Antonio Alvares em 1593; bem como o *Romancero del Cid* de Juan de Escobar, em Lisboa em 1605, 1613 e em 1615, e a *Primavera y Flor de los mejores romances* tambem em Lisboa, nos prelos de Matheus Pinheiro, em 1626.

O romance de *Dom Duardos*, composto por Gil Vicente, foi recolhido no *Cancionero de Romances* como anonymo, e assim a historia dos amores de Bernardim Ribeiro. Na *Menina e Moça* encontra-se o solao da *Ama* e o romance de *Avalor*, mas com a difficil alliança do artificio provençallesco com a naturalidade da alma popular. Nas novellas cavalheirescas usava-se intercalar varias

<sup>1</sup> «No ay cosa mas facil que hazer un Romance, ni cosa mas difficultosa, si hade ser qual conviene O que causa la facilidad es la composicion del metro, que toda es de uma Redondilla multiplicada. La difficultad está en que la materia sea tal, y se trate por tales terminos, que levante, mueva y suspenda los animos. Y se esto falta, como la assonancia de suyo no lleha el oydto tras si, no sè que bondad puede tener el Romance. Descrievase en los Romances hechos hazañosos, casos tristes y lastimeros, acontecimientos raros, nuevos, singulares.» Edição de 1593, p. 38, cap. XXXIII.

composições poeticas; no *Memorial dos cavalleiros da Tavola Redonda* de Jorge Ferreira, se lêem muitos romances do cyclo troyano, do cyclo de Arthur, da historia de Roma, como então os fazia Gabriel Lasso de la Vega e Juan de la Cueva; mas é para notar que alguns dos romances de Jorge Ferreira se parecem muito com os romances da tradição, conservados no *Cancionero de Anvers*, taes como os que tratam da morte de Policena. Quando a eschola italiana se introduziu em Portugal procurou tambem banir das composições poeticas o octosyllabo da redondilha.

A eschola italiana não foi introduzida sem luta na Peninsula; em Hespanha conhece-se bem qual foi a grandeza do combate. Em Portugal quasi nada consta, a não serem umas allusões de Sá de Miranda, de Ferreira e Bernardes. Boscan e Garcilasso davam-se por introductores em Hespanha dos novos metros italianos, fazendo uma revolução na poetica, pela qual o octasyllabo popular era expungido, substituido pelo endecasyllabo heroico. Argote de Molina nega-lhes o invento, e Lope de Vega decide-se abertamente pelo velho e desprezado octasyllabo, como o metro espontaneo da lingua hespanhola. Na edição do *Conde de Lucanor* de 1575, Gonzalo Argote de Molina, publicou um *Discurso sobre a poesia antiga castelhana*, em que diz: «Bolviendo al proposito, los Castellanos y Catalanes guardaron en esta composicion (redondilla) cierto numero de pies ligados, com cierta ley de consonantes, por la qual ligadura se llamó COPLA, compostura cierto graciosa, dulce, y de agradable facilidad, y capaz de todo el ornato que qualquer verso puede tener, si se les persuadiesse esto a los Poetas deste tiempo, que cada dia la van olvidando, por la gravedad y artificio de las rimas

*Italianas*, à pesar del bueno de Castillejo, que desto graciosamente se queixa en sus coplas, el qual tiene en su favor, y de su parte el exemplo deste Principe Don Juan Manoel, y de otros cavalleros muy principales castellanos, que se pagaram mucho desta composicion, como fueron el Rey Don Alonso el Sabio, el Rey Don Juan el Segundo, el Marquez de Santillana, Don Henrique de Villena, y otros de los quales leemos coplas y canciones de muy gracioso donaire.»<sup>1</sup>

Este documento revela-nos a reacção contra a poetica estrangeira. Mas bem vistas as cousas, a questão provinha de se não ter conhecido ainda a unidade das linguas romanas. Argote de Molina, provando que os metros endecasyllabos já existiam na velha poesia castelhana, afirmava insensivelmente a unidade da poetica das linguas neo-latinas. Transcrevemos aqui a sua opinião, para uso dos que ainda attribuem a Boscan e Garcilasso essa reforma ou renascença poetica, que vulgarisou os versos grandes ou endecasyllabos: «Es grave, lleno, capaz de todo ornamento y figura, y finalmente entre todos generos de versos le podemos llamar Heroico, el qual a cabo de algunos siglos que andava desterrado de su naturaleza, ha buuelto a España, donde ha sido bien recebido, y tratado como natural, y aun se puede dezir, que en nuestra lengua, por la elegancia y dulçura della, es mas liso y sonoro que en alguna vez parece en la Italiana. — No fueron los primeros que los restituyeron a España el Boscan e Garcilasso (como algunos creen) porque ya en tiempo del Rey Don Juan el Segundo era usado, como vemos en el libro de los Sonetos y Canciones del

<sup>1</sup> Conde de Lucanor, fol. 138. Edição de 1624.

Marquez de Santillana, que yo tengo, aunque fueron los primeros que mejor le trataron, particularmente el Garcilasso, que en la dulçura y lindeza de concetos, y en el arte y elegancia no deve nada al Petrarca, ni à los demas excelentes Poetas de Italia.» <sup>1</sup> A lucta contra a introdução dos versos italianos foi renhida; os buccolistas chamavam ao verso octasyllabo *humilde e rasteiro*. Lope de Vega, com a auctoridade do seu grande nome, decide-se pelo verso nacional, e escreve o poema de *Santo Isidro* para o fazer valer em um assumpto religioso: «y de ser en este genero que ya los Españoles llaman *humilde*, no doy ninguna, porque no pienso que el verso largo Italiano haga ventaja al nuestro: que si en España lo dizen, es porque no sabiendo hazer el suo, se passan al estrangero, como mas largo, y licencioso: y yo sé que algunos Italianos embidian la gracia, dificultad y sonido de nuestras redondillas, y aun han querido imitallas, como lo hizo Seraphino Aquilano.... Llamando a nuestras coplas castellanas Barzeletas, ò Fretolas, que mejor las pudiera llamar sentencias, y concetos, desnudos de todo cansado y inutil artificio, que cosa iguala á una redondilla de Garci Sanches, ò Don Diego de Mendoça: perdone el divino Garcilasso, que tanta ocasion dio para que se lamentasse Castillejo, festivo e ingenioso poeta castellano, a quien parecia mucho Luis Gualvez Montalvo, con cuya muerte subita se perdieron muchas floridas coplas de este genero, particularmente la traduccion de la Jerusalem de Torcato Tasso, que parece que se avia ydo á Italia à escritirlas para meterles las higas en los ojos. Maravillosas son las estancias del excelente

1 Idem, fol. 430, v.

portugues Camões: pero la mejor no yguala a sus mismas *redondilhas*, etc.» <sup>1</sup>.

O proprio Boscan, no prologo ao livro II das suas poesias, descreve os ataques que soffreu a nova eschola, e nos revela a quem foi devida a idéa para a revolução na poetica nacional. Um cavalleiro italiano, muito conhecido em Hespanha pelo seu gosto e importancia individual, Navajero, estando a conversar em cousas de letras, lembrou-lhe que experimentasse as trovas usadas pelos bons autores de Italia. Boscan cedeu ás instancias e experimentou; a final o verso endecasyllabo moldava-se á nova forma, como se fosse creado com ella. Garcilasso veiu imprimir o cunho da perfeição á nova tentativa. Aqui estão os dois modelos tão imitados em Portugal pelos poetas quinhentistas. O metro octosyllabo ficou desprezado; e as composições do povo que o preferiam, ficaram até ao principio d'este seculo desconhecidas.

O metro espontaneo das linguas hespanhola e portugueza é a redondilha octosyllabica; o verso da redondilha sae falado, natural, sem se pensar. No *Discurso sobre la lengua castellana* de Argote y de Molina, vem: «Leemos algunas coplillas Italianas antiguas en este verso, pero el es proprio e natural de España, en cuya lengua se halla mas antiguo que en alguna otra de las vulgares, y assi en ella solamente tiene toda la gracia, lindez e agudez que es mas propria del ingenio Español, que de otro alguno. — En el qual genero de verso al principio se celebravan en Castilla las hazañas y proezas antiguas de los Reys, y los trances y successos assi de la paz, como de la guerra, y los hechos notables de los Condes, Cavalleros, y In-

1 Santo Isidro, Barcelona, 1608. Prologo, p. 3 mihi.



fanções, como son testimonio los *Romances antiguos castellanos*, assi como el del Rey Ramiro cuyo principio es: *Ya se assienta el Rey Ramiro.*<sup>1</sup>

Muitas vezes a historia era fundada sobre os romances da tradição oral; Esteban de Garibay y Zamalloa traz na sua Historia varios romances vasconços. D'elles, diz Argote: «en los quales romances hasta oy dia se perpetua la memoria de los passados, y son una buena parte de las antiguas historias castellanas de quien el Rey Don Alonso se aprovechó en su historia, y en ella se conserva la antigüedad, y propiedad de nuestra lengua.»<sup>2</sup> Só a contar do seculo XVI é que os romances populares começaram a tomar uma natureza artificial; até aí as chronicas procuravam o subsidio da tradição oral; d'aí por diante os poetas iam tirar d'ellas os motivos e factos para os seus romances. Sepulveda poz em verso os principaes factos da Chronica de Affonso o Sabio.

O que se dava em Hespanha acontecia egualmente em Portugal; Gil Vicente cantava em romances a morte de Dom Manoel, a aclamação de João III, o casamento e partida da Infanta Dona Beatriz, o nascimento de Dom Philippe. Era a moda do tempo, como confessa o proprio Sepulveda no prologo da sua collecção: «va puesto en estylo que vuestra merced lea. Digo en metro Castellano y en tono de *Romances viejos, que és lo que agora se usa.*»<sup>3</sup> Por este tempo entraram na tradição do povo muitos romances de formação litteraria. O romance de *Don Duardos*, de Gil Vicente, foi re-

<sup>1</sup> Conde de Lucanor, edição de 1642, fol. 127.

<sup>2</sup> Ibid. fol. 128.

<sup>3</sup> Sepulveda, Romances nuevamente sacados de historias antiguas, Anvers, 1551, fol. 9 verso.

colhido nos Romanceiros hespanhoes; o Cavalheiro de Oliveira o colligiu outra vez da versão oral, e ha pouco nos veiu da Ilha de Sam Jorge, da freguezia dos Rosaes, outra variante não menos veneranda, se não mais pura. Estes romances eram intencionalmente compostos para serem cantados, em logar dos *velhos* e quasi perdidos da Tavola Redonda e do Cyclo carolino. Dil-o Sepulveda no prologo da sua collecção: que a fizera «para aproveitar-se los que cantarlos quisieren, en logar de otros muchos que yo he visto impresos y de muy poco fructo.»<sup>1</sup> Estes romances, a que allude Sepulveda com desprezo, são hoje a parte mais bella e divina dos Romanceiros da Peninsula. Portanto, pode dizer-se, que a transformação erudita do romance popular foi devida á falta de comprehensão dos cultistas litterarios. O mesmo tinha já succedido no seculo xv, quando o Marquez de Santillana, enlevado com os artificios da poetica provençal, considerava como *infimos* e *despresiveis* os que cultivavam a forma do romance. No seculo xvi, a imitação do classicismo e dos metros italianos fez novamente desprezar o metro octosyllabo pelo endecasyllabo heroico. Os que sustentam o combate pelo metro popular, como Lope de Vega, Argote y de Molina e Sepulveda, entregam-se ao romance como á forma mais do gosto do publico não accostumado ás canções petrarchistas. Não deixa de ser curiosa a lucta entre a eschola italiana e a nacional, em Hespanha suscitada por Boscan e Garcilasso, e em Portugal pelo Doutor Francisco de Sá de Miranda. Na sua viagem á Italia, Sá de Miranda tomou conhecimento da nova poesia; elle fala dos Provençaes, de Dante,

1 Idem, *ibid.* fol. 3.

de Petrarca, de Ariosto, de Bembo, e quiz implantar cá esses modelos. Não foi bem acolhido o pensamento. Igual arruido ao que se fez com Boscan, suscitou a tentativa de Sá de Miranda. Ninguem fala n'essa lucta; mas nos poetas quinhentistas se acham a cada pagina rastos de uma mal ferida pugna.

Sobre a introdução da eschola italiana, diz Sá de Miranda na Ecloga iv, a Dom Manoel de Portugal, *lume do Paço*, das musas *mimoso* :

que são dignos  
De perdão os começos já que fiz  
Aberta aos bons cantares peregrinos,  
Fiz o que pude . . . . 1

Riram-se dos novos metros; e Sá de Miranda quando esperava o bom acolhimento da boa obra,

ouve aos sisos  
Medo (que assi o confesso) e a uns pontosos  
De rosto carregados, e de uns risos  
Sardonios, ou mais claro, maliciosos.

Antonio Pereira de Marramaque, senhor de Basto, da familia dos Forjazes e Pereiras, offereceu a Sá de Miranda um exemplar das obras de Garcilasso, quando elle se retirára para a sua casa de campo. Agradecendo-lhe a offerta que o distrahia na solidão, ainda Sá de Miranda se lembra dos esforços que fez para implantar a nova eschola :

Que el son que me aplazia  
Por mi hiziesse a prazer a nuestra gente. 2

E na morte de Garcilasso canta :

Al tan antiguo aprisco  
De Lassos de La Vega  
Tuyo, el nuestro de Sá viste augmentado. 3

1 Pag. 67, edição de 1877.  
2 Pag. 87.  
3 Pag. 102.

A escola italiana, fundada por Sá de Miranda, teve por adeptos a Pero de Andrade Caminha, a Ferreira e Bernardes, que se proclamaram discipulos do poeta. Caminha envia-lhe os seus versos, para

que os queiraes vêr  
E riscar, e emendar, porque emendados  
Por vós, possam andar mais confiados  
Do que por meus poderam merecer. 1

Dom Manoel de Portugal tambem lhe envia poesias suas para serem revistas:

Por isso ante vós vão tão confiadas,  
Rarissimo Francisco, e excellente,  
A rudeza do estylo diferente,  
E as incultas estanças desornadas.

Diogo Bernardes como estreia do anno novo envia-lhe uma copia das suas Flores do Lima, como se deprehende do soneto xxiv:

Neste começo do anno, em tão bom dia  
Tão claro, porque não faleça nada,  
Me foi da vossa parte appresentada  
Vossa composição boa á porfia.

N'este mesmo soneto refere-se Sá de Miranda ás difficuldades que teve a escola italiana ao introduzir-se em Portugal:

De espanto me enche quanto ali via,  
E mais em parte cá tão desviada  
Sempre até agora da direita estrada  
De Clío, de Caliope e Thalia.

Sá de Miranda tambem louva Jorge de Montemayor, introductor da novella pastoril italiana na Peninsula. A lucta entre os poetas *velhos*, como chamavam aos partidarios da redondilha antiga, e

1 Soneto xxviiij.

os da eschola italiana, conhece-se que foi renhida pelas frequentes allusões dos quinhentistas ; não ha porém documentos que esclareçam a historia d'essas luctas tão vulgares no dominio da litteratura. A maledicencia não era poupada de parte a parte :

Em tal sashão, tempo tão avaro  
De louvores alheios, em tal dano  
Dos engenhos, que se acham sem amparo. 1

Antonio Ferreira dá a entender estas mesmas guerras, em uma Carta a Sá de Miranda :

Já contra «a tyrannia do costume»  
Que té qui, como escravos em cadeias  
Os tinha, subir tentam ao alto cume  
Do teu sagrado monte, d'onde as veias  
Desse licor riquissimas assiste  
De que já correm mil ribeiras cheias.

Mas oh tempos crueis ! (sôe meu grito  
Por todo o mundo) mas, ah tempos duros,  
Em que não sôa bem o bom escripto. 2

N'esta outra Carta de Ferreira a Antonio de Sá de Menezes, descobre a malevolencia que havia contra a eschola italiana :

Já esta nossa terra engenhos tem  
Das musas bem criados, «mas mal criados»  
Que sempre o mal anda abatendo o bem. 3

A final triumphou a eschola italiana, e com ella começou a decadencia da poesia nacional dos dois povos da Peninsula. Os romances populares caíram em um immenso desprezo ; nos escriptores de quinhentos encontrámos bastantes allusões a

1 Pag. 433 da ed. 4614.

2 Poemas Lusitanos, T. II, p. 98.

3 Idem, p. 46.

romances tradicionaes, mas citam-nos de passagem, como quem se envergonha de uma cousa baixa.

Jorge Ferreira de Vasconcellos, no *Memorial dos Cavalleiros da Tavola Redonda*, (p. 348) descrevendo umas festas do tempo de Dom João III, diz: «dentro vinha assentada a Deosa Diana em meio de duas ninfas, uma que tangia uma harpa, e outra um arrabilete, e a deosa cantando uma estancia da primeira ecloga de Garcilasso que diz:

Por ti el silencio de la selva umbrosa.»

O gosto da Renascença classica, em quanto entre nós não baniu o romance popular, serviu-se d'essa forma para popularisar as tradições da antiguidade grega e romana. Jorge Ferreira é o unico que nos appresenta alguns romances da historia de Troya; são elles tão parecidos com os do *Cancionero de Anvers*, que suppomos até serem as suas versões em parte aproveitadas da tradição oral, como foram os colligidos por Esteban de Najera. O romance ao casto Scipião sobre a morte de Sophonisba tambem foi romanceado por Juan de la Cueva no *Coro Febeo*; porém a lição de Jorge Ferreira é mais resumida, mais filha da tradição; o mesmo se póde dizer do romance da *Batalha de Pharsalia* do mesmo, comparado com os de Lobo Lasso de la Vega, no seu *Romancero y Tragedias*.

Como poderia um poeta classico considerar a poesia popular senão com desprezo? Soropita, no seu *Prognostico do anno de 1595*, descreve as festas das *Janeiras* e *Reis* de um modo grotesco: «na noute da vespera de janeiro e dos Reis, andarão cantando e tangendo pelas ruas, sem se te-

merem da justiça, por serem noites privilegiadas em que não correm o sino.»—Segundo elle os cantores nocturnos são «villões ruins que essas noites vos perseguem; porque, quando vos não percataes, achael-os á porta com seu pandeirinho eivado já do serão, e com mais sarro na garganta do que as cubas dos frades loios; e com tudo isso, vos põem em estado que forçosamente lhe haveis de louvar aquella musica de agua pé com chocalhada, que toda a noute vos zune nos ouvidos como bizouro, e sobre tudo isto haveis de lhe ofertar os vossos quatro vintens; e quando lh'os entregues, a candeia vos descobre o feitio dos ditos musicos: um mocho com sombreiro, com mais chocas que um corredor de folha, e lança-vos baforada de dentro d'aquellas fornalhas, que parece que toda a vida estiveram de vinho e alhos, como entrecosto de marrã.» (p. 79) Este trecho lança abundante luz sobre essas festas domesticas dos nossos maiores.

A reacção catholica contra o movimento da Reforma atacou barbaramente os cantos populares. Em Portugal não só as *Constituições dos Bispos* o provam, senão até o popular Gil Vicente, que se queixa da grande tristeza em que caira a alma do pobre povo:

Em Portugal vi eu já  
 Em cada casa pandeiro,  
 E gaita em cada palheiro;  
 E de vinte annos a cá  
 Não vi gaita, nem gaiteiro.  
 A cada porta um terreiro,  
 Cada aldeia dez folias,  
 Cada casa atabaqueiro;  
 E agora Jeremias  
 He nosso tamborileiro.

Isto descobre Gil Vicente na tragi-comedia do *Triumpho do Inverno*, representada em Lisboa no

parto da rainha Dona Catherina. Gil Vicente foi o primeiro que sentiu o tremendo cataclysmo que ameaçava este povo ; elle não se cansou de clamar em todos os seus Autos, de desmascarar o inimigo. Mas os presentimentos d'aquella grande alma não tiveram mais valor do que as facecias de um joral.

A influencia jesuitica fez-se notar pela proscricção da poesia popular no Brazil. O padre José Anchieta compoz o *Auto da Pregação Universal*, para expungir do templo os Autos populares. <sup>1</sup>

Na vida do padre Simão de Vasconcellos, diz o padre Anchieta, falando das crianças selvagens que educavam: «Espalhavam-se á noite pelas casas de seus parentes a cantar as cantigas pias de José (Anchieta) em propria lingua, cóntropostas ás que elles costumavam cantar vãs e gentilicas.» <sup>2</sup>

Da poesia popular do Brazil nos seculos XVI e XVII, diz Varnhagem: «Das *modinhas* poucas conhecemos ; e essas insignificantes e de epoca incerta, a não ser a bahiana:

Bangué, que será de ti ?

glosada por Gregorio de Matos : essa mesma sabemos ser antiga, mas não nos foi possível alcanç-a completa. Não deixaremos de commemorar a do *Vitú*, que crêmos ter o sabor do primeiro seculo da colonisação, o que parece comprovar-se com ser em todas as provincias do Brazil tão conhecida. Diz assim :

« Vem cá, Vitú ! Vem cá, Vitú !  
— Não vou lá, não vou lá, não vou lá — :

<sup>1</sup> Pereira da Silva, *Varões illustres*, t. 1, p. 15 e 16.

<sup>2</sup> Wolf, *Brásil litteraire*, cap. 1, p. 8.



«Que é d'elle o teu camarada?  
 — Agua do monte o levou.  
 e Não foi agua, não foi nada,  
 Foi cachaça que o matou.

Igualmente antiga nos parece esta modinha paulista :

Mandei fazer um balaio  
 Para botar algodão. 4

Os livros populares da Allemanha foram publicados no bello trabalho de Göerres (*Volksbücher*.) Entre nós nunca se recolheram as formulas symbolicas das jurandas, mas é certo que existiam, como se descobre pelo regimento dos officios na procissão de *Corpus*. (Extrahil-o de J. P. Ribeiro.) Os livros populares portuguezes são quasi todos de origem estrangeira ; o *Bertholdo e Bertholdino*, de origem italiana, são para o Meio Dia o mesmo que o *Eulenspiegel* para os camponios allemães. A Reforma restringiu a litteratura popular da Allemanha ; no Meio Dia banii a poesia, amaldiçoou a cantiga do pobre. Basta abrimos as *Constituições dos Bispados*, o *Index do Santo Officio*, para vêrmos como o catholicismo se debateu em tudo contra o receio da emancipação canonica. A novella de *Roberto do Diabo* acha-se condemnada no *Index Expurgatorio* de 1580, bem como a maior parte das comedias dos auctores mais populares, como Gil Vicente e Balthazar Dias, e assim os romances que andavam na tradição da Peninsula, como o do *Mouro Calaynos e todos os tirados da letra da Escripura*. O odio do catholicismo ao movimento espontaneo da Reforma creou a perseguição dos *Lollards*, e tornou estes povos da Pe-

ninsula sombrios, melancholicos, desconfiados; matou-lhes a poesia, embruteceu-os. Os cantos populares da Peninsula, que o povo repete hoje fragmentados, são todos dos fins do seculo xv. Que seiva de genio n'esse tempo! que differença de sentimento! Comparem-se os romances de *Fonte frida* e *Rosa fresca*, de *Mora Moraina* com as contrafações do gosto popular das eclogas e mesmo dos romances do seculo xvii!

A arte é como a consciencia pura; uma leve falsidade a perturba, e a obriga a trahir-se. O Concilio de Trento imprimiu unidade á Egreja, mas tirou-lhe a espontaneidade do sentimento, que a tinha tornado universal. Christo ficou desthronado pelo Papa.

Os livros populares portuguezes de *folha volante*, que se vendiam pelas feiras, na arqueta do belfurinho, ou no barbante do cego, foram tambem condemnados pelosmeticulosos da censura inquisitorial: « Os vendedores de *Autos* e *Cartilhas*, não vendam, nem comprem para vender, outros livros sem primeiro os mostrarem ao Revedor: porque algumas pessoas escondidamente tem alguns livros, que elles compram e vendem, sem saber o que ha nos taes livros, e se seguem d'isso inconvenientes: e ha enformação, que nas taes tendas, se acham livros suspectos e perjudiciaes. E os sollicitadores do Santo Officio visitarão algumas vezes os ditos logares e farão saber ao Revedor, os livros que ali se vendem. O mesmo se fará dos *livros que se vendem nas feiras.*» <sup>1</sup>

Quando Garcia de Resende, na *Miscellanea*, fala das varias dansas que se usaram nas cortes de D.

<sup>1</sup> Index de 1581, fol. 41.

Affonso v e D. João II, é já como de uma cousa  
que passára de moda, como reprovada:

Vimos grandes judarias,  
Judeos, guinolas e touras,  
tambem mouras, mourarias,  
seus bailes, galantarias  
de muitas fermozas mouras :  
sempre nas festas reaes  
s'eram os dias principaes  
festa de mouros avia ;  
tambem festa se fazia  
que non podia ser mais.

Vimos costume bem cham  
nos reys ter esta maneira  
corpo de Deos, Sam Joam  
aver canas, procissam,  
aos domingos carreira,  
cavalgar pela cidade  
com muyta solennidade,  
ver correr, saltar, luctar,  
dançar, caçar, montear  
em seus tempos e hidade.

Como não seriam engraçadas essas danças ju-  
dengas e mouriscas, das quaes diz um poeta do  
*Cancioneiro geral* de 1516 :

Doçe baylo da Mourisca  
mil sentidos faz perder,  
e la mete huma lal trisca  
que é muy má de guarecer. 4

Esses jogos que se usavam na corte de Affonso  
v e Dom João II, que o Coudel Mór tanto recom-  
mendava a seu sobrinho Garcia de Mello de Serpa  
para saber tratar no paço, foram banidos mais  
tarde pela influencia monastica, ficando os serões  
da corte uma cousa sorumbatica, como d'isso se  
queixa o bom Sá de Miranda. Eis os jogos e pas-  
satempos que Fernão da Silveira ennumera :

Item manha de louvar  
he jugar bem o « malham, »

e o « jogo do pião »  
 favor se lhe deve dar.  
 Nem sey porque may's vos gabe  
 ser gram pescador de « vasa ; »  
 mas « jogar a abadalassa »  
 em qualquer galante cabe.

Saber bem a « pega-chuna, »  
 e o « cubre bem jugar, »  
 sam duas para medrar  
 galante contra fortuna.  
 Nem saberia a hum fylho  
 escolher mylhor conselho,  
 se nam que jogo-o « fylho, »  
 « jaldeta, cunca, sarilho. » 1

Estes jogos passaram da corte para o povo ; o mesmo succedeu com as antigas festas do Espírito-Santo. Costa e Silva diz dos jogos que apontámos : « sam propriedade exclusiva dos garotos, dos rapazes e dos frequentadores das tabernas e das hortas de Chelas e de Arroios. »

Camões na comedia de *Philodemo*, em uma rubrica, cita varios instrumentos musicos das serenadas : « Neste passo se dá a musica com todos quatro, um tange *guitarra*, outro *pentem*, outro *te-lhinha*, outro *canta cantigas muito velhas...* » 2

Dos instrumentos musicos usados no seculo xvii, fala D. Francisco Manoel de Mello, no *Fidalgo Aprendiz* :

MESTRE. Ha em casa algum « laúde ? »  
 AFFONSO. Não ha mais que um « birimbao. »  
 MESTRE. « Violas ? »  
 AFFONSO. Sim, achareis  
 Na botica.  
 MESTRE. « Arpa ? »  
 AFFONSO. De couro.  
 MESTRE. Nem um « sestro ? »  
 AFFONSO. Um sestro agouro.  
 MESTRE. Nem sequer dois « cascaveis ? »

1 Canc. fol. 20.

2 Acto V, scena II.

N'esta comedia allude tambem ás danças então usadas :

GIL. Pois Mestre, que mais sabeis ?  
 MESTRE. Uma « Alta, » um « Pé de xibao, »  
 « Galharda, Pavana rica, »  
 E n'estas novas mudanças ;  
 GIL. Tende que isso não são danças  
 Se não cousas de botica.  
 Sabeis o « Sapateado ? »  
 O « Terollero ? » o « Villão ? »  
 O « Mochachim ? »  
 MESTRE. Senhor, não.  
 GIL. Pois sois Mestre mui minguado. 1

Além da eschola italiana e do Santo Officio, as influencias da corte tambem combateram a poesia popular portugueza. No tempo de Dom Manoel os romances hespanhoes eram de preferencia estimados em Portugal; Damião de Goes queixase da importancia que os *chocarreiros* castelhanos gosavam na corte portugueza. El-rei queria aliviar as saudades da filha de Fernando e Isabel com os cantares da sua patria. A *letra castelhana* era só ouvida, como diz D. Francisco Manoel; os ouvidos portuguezes estavam aforados por essas trovas, como os accusa Jorge Ferreira. Os belfurinhos portuguezes, que iam ás cidades de Hespanha vender os productos do Oriente, tambem traziam de lá boa copia d'esses romances. Assim, ao cultismo da eschola italiana, á pressão do Santo Officio depois da Reforma, accresceu mais esta causa que não deixou florir o romance popular portuguez, e lhe imprimiu feições que lhe não eram naturaes.

No *Romancero Generale*, vem um romance cujo heroe é um apaixonado portuguez victima de uma intriga amorosa ; por elle se descobrem os nossos

costumes antigos. No seculo XVI, os feirantes portuguezes iam levar pelas cidades de Hespanha os productos orientaes. Um d'esses, em um logar da Mancha, namorou uma mulher casada :

Alabábale su tierra,  
Su nacion, su fidalguia,  
Su musica, sus regalos,  
Su espada en Africa limpia,  
Prometiendole en efecto  
Las especies de las Indias,  
Los olores de Lisboa,  
Y los barros de la China.

De uma vez foi tocar-lhe uma serenada, cantando-lhe *em portuguez* este romance do Cid :

—A fora, a fora Rodrigo,  
El soberbo castejano,  
Acordar-se-te deveras  
D'aquelle tempo já passado.  
Quando te armei cavalleiro  
No altar de Santiago :  
Minha mãe te deu las armas,  
Miño pae te deu el caballo, etc.

Este romance tambem se encontra citado por Camões. Continuando a historia, o vendilhão entrou em casa da dama; dentro estava escondido o marido e alguns amigos que correram a pau o aventureiro galanteador. Esta classe de feirantes desapareceu quando perdemos as nossas conquistas. N'este mesmo romance se encontra um *cantarillo* em portuguez, que desapareceu da tradição oral, e que talvez se refira ao tempo de D. João I :

Pois que Madanella  
Remediou meu mal,  
Viva Portugal  
E morra Castella.  
Seja amor testigo  
De tamanho bem ;  
Não chegue ninguém  
A zombar commigo.  
Que a espada é rodela,  
A forneira sai :  
•Viva Portugal  
•E morra Castella.

Se o *Romanceiro hespanhol* é mais extenso e antigo do que o portuguez deve-se isso á curiosidade dos livreiros de Saragoça, de Anvers, e de Sevilha, e não á esterilidade do genio do nosso povo. Se agrupassemos as innumeradas allusões aos romances populares que se encontram nos quinhen-tistas, recomporíamos o *Romanceiro portuguez* e veríamos que não sômos menos ricos do que os nossos visinhos. Eis algumas citações passageiras, deixando de apontar muitas que ficaram já na *Historia da poesia popular portugueza* :

Quando o Conde de Marialva se queixou a Dom João III da affronta do Marquez de Torres Novas, que se declarou marido da filha Dona Guiomar, Frei Luiz de Sousa põe-lhe na bocca as seguintes palavras : « Não fizeram verdadeiramente mais affronta que esta os *Infantes de Carrion* ás filhas do Cid Ruy Dias, com quem eram casados. Porque se as deixaram no campo desamparadas, eram seus maridos ; tomavam vingança de sy, e de sua honra propria, da qual podiam usar bem ou mal, como cada um faz do seu. » <sup>1</sup>

O poema de *Alexandre*, tão popular na Europa da idade media, tem origens orientaes ; conheceram-nas em Portugal por influencia das nossas relações maritimas com o Oriente. Em uma carta que Luiz Falcão escreveu de Ormuz a D. João de Castro, em 1546, vem citada uma *estorya de Al-lyxandre* : « Alleyxes de carualho me dixe da parte de vosa s. que lhe mãodase *allyxandre* hem persyo : lla lho mãodo, haindaque has escreturas destes mouros, tenho-as por menos autemtes que has nosas. Nese llyvro vam houtras *estoryas* ha-

<sup>1</sup> Annaes de Dom João III, por Fr. Luiz de Sousa, publicados pelo sr. Herculanio, cap. viii, p. 35.

fóra has *d'allyxandre*, has quays me parece que follguará may com ellas etc.» A esta mesma historia allude uma carta de Garcia de la Penha : «Aleyxes carvalho pedio qua a el-rey e goazil hemires hum livro da *ystoria dalyxandre*. Com muyto trabalho acharão hum, que lhe mandão.» Este livro, por outra allusão d'esta carta, se conhece que era novella ou tradição cavalheiresca : «Peço a vosa s. que ho livro, e a mim com ele, queyra aver por seus com aquela vomtade e desejo, que noso senhor sabe que lho eu ofreço, *cuyo estado he castidade, acompanhada de tantas virtudes, como dizem que está.*» <sup>1</sup> A virtude da castidade era característica dos heroes cavalheirescos, como se vê no *Galuaç*; os heroes eram quasi sempre *parthenios* ou filhos de virgens.

Camões nas suas obras allude a muitos romances cavalheirescos. Na Carta II, <sup>2</sup> vem o verso *Afuera, afuera Rodrigo*, que é o principio do romance XXVI do *Romancero do Cid*, da edição de Lisboa de 1605, (p. 42) que se intitula : *De como se queza Doña Urraca al Cid por la embaxada que trae del Rey Don Sancho*. O verso :

Afuera, afuera Rodrigo

encontra-se em outros romances, como no XXV ; e o verso :

El sobervio castellano,

que forma com o antecedente o estribillo popular, tambem se lê no V romance.

<sup>1</sup> Vida de D. João de Castro, publicada por Fr. Francisco de S. Luiz, Doc. 60, 61, pag. 509. Lisboa, 1835.

<sup>2</sup> Pag. 361 das Rimas, edição de Franco Barreto, 1696.



Camões allude a outro romance do Cid na primeira Carta escripta da India, citando os dois versos :

Riberas de Duero arriba  
Cavalgaran Çamoranos ; 1

Na Comedia de *El rei Seleuco*, cita o romance do *Mouro Calaynos*, prohibido pelo *Index Expurgatorio* de 1624, nos versos :

Ya cavalga Calaynos  
A la sombra de una oliva. 2

Nos *Disparates da India* cita os primeiros dois versos do romance do Cativo, tal como principia no *Cancionero de Romances*, de Anvers :

Mi padre era de Ronda,  
Mi madre de l'Antequera, etc. 3

Na Comedia de *Philodemo*, allude Camões ao romance de *Bernardo del Carpio*, nos versos :

Mi cama son duras peñas,  
Mi dormir siempre es velar.  
.....  
Su comer las carnes crudas,  
Su beber la viva sangre. 4

1 Romance xxiii da collecção de Escobar, ed. de 1605, pag. 46, v.

2 Rimas, p. 173, ed. 1666.

3 Idem, p. 284.

4 Comedias p. 349. Estes versos são um fragmento do velho romance que vem no Cancioneiro de Anvers :

Mis arreos son las armas  
Mi descanso es pelear.  
Mi cama las duras peñas,  
Mi dormir siempre velar.  
Las manidas son oscuras,  
Los caminos por usar,  
El cielo con sus mudanzas  
Ha por bien de me dañar,  
Andando de sierra en sierra  
Por as illas de la mar,  
Por probar si en mi ventura  
Hay lugar donde avadar ;  
Pero por vos mi señora  
Todo se hade comportar.

A romances e cantigas desconhecidas allude nos versos da comedia d'*El-rei Seleuco* :

Ouviste vós cantar já:  
Velho malo em minha cama ?

e n'esta passagem :

Dizei, porque não dissestes :  
La que yo vi por mi mal.

No prologo d'esta mesma comedia Camões lembra uma cantiga desconhecida: «e tras ellas vem logo outro mundanos metidos em um covão, cantando :

Quem os amores tem em Cintra.» 1

Bem como esta cantiga popular, de que se recorda:

Meu bem e meu mal  
Lutaram um dia ;  
Men bem era tal  
Que o mal o vencia.

Camões glosou uma velha cantiga que começa:

De pequena tomei amor, 2

1 El-rei Seleuco, p. 153 da Segunda parte das Rimas.

2 Obras, p. 316, ed. 1666.

xxxvj

talvez a mesma a que allude Gil Vicente na Comedia de *Rubena*, que principia:

De pequena matais (tomais ?) amor.

Todos estes factos revelam o profundo sentimento da alma popular que possuia Camões.

No tempo em que os romances da tradição oral foram glosados pelos poetas cultos, como o declara a *Poetica* de Rengifo,<sup>1</sup> em Portugal soffreram tambem egual modificação. Bernardim Ribeiro glosou o celebre romance de *Durandarte*, desde o verso:

Oh Belerma, oh Belerma. 2

Na *Chronica de Dom Sebastião*, de Frei Bernardo da Cruz, vem citado o romance de *Don Rodrigo*:

Ayer fuiste rey de España ;  
Hoy no tienes un castillo. 3

Os romances dos *Sete Infantes de Lara* acham-se citados por Gil Vicente nos versos iniciaes:

Em Paris está Dona Alda, etc.  
Los hijos de Dona Sancha, etc.,  
Mal me quieren en Castilla, etc.

1 *Poetica española*, de 1592; cap. xxxviii.

2 Obras de Bernardim Ribeiro, p. 356, ed. 1852. Este romance achase na sua integra na « Floresta de Varios, » de 1642.

3 Ochoa, « Tesoro de los Romanceros » aonde se lê a pag. 86.

bem como o celebre romance da *Bella mal marrieda*, que no *Cancioneiro geral* de 1516 vem referido em uma trova de Nuno Pereira contra D. Leonor da Sylva. Assim como os romances hespanhoes eram conhecidos em Portugal, tambem muitos successos da historia portugueza foram romancados pelos autores hespanhoes; ha porém cantigas populares castelhanas a successos particulares, como aquella canção que se refere aos amores de Dom Fernando I: « el rey Don Fernando de Portugal e la muger de Juan Lorenzo de Acuña, que este rey Don Fernando le tomó por amores que della ovo; é por esta se levantó la cancion que dice :

Ay, donas ! porque tristura ?

y por esta causa el dicho Juan Lorenzo traia unos cuernos de oro en la cabeça por estes reynos de Castilla ; y el rey Don Fernando de Portugal casó con ella, fué llamada la reyna doña Isabel, que la decian *la flor de altura.*» <sup>1</sup>

Dom Francisco Manoel de Mello, além de ter escripto varios romances mouriscos, cita os mais celebres, como o de *Dragut*:

Se ha dez annos que amarrado  
Qual forçado de Dragut. <sup>2</sup>

No romance xxii da *Citara de Erato*, allude ao romance de *Gaifeyros* nos versos :

Perguntad allà en la Corte  
Por la virtud, y os diran :  
« Si is a Francia el cavallero  
Por Gayfeiros preguntad. » <sup>3</sup>

<sup>1</sup> « Compendio historial » de Llaguno y Amirola, ap. Amador de los Rios, Hist. critica de la litteratura hespanola, t. vii, p. 437, not. 2.

<sup>2</sup> Obr. t. ii, 215.

<sup>3</sup> Obras metr. t. ii, p. 97.

xxxviii

e ao romance do Mouro Zaide :

Trago a rojo lá do Minho  
Mais prisões que um mouro Zaide. 4

Mais loução que Don Reynaldos. 2

Na *Avena de Tersicore*, traz uma parodia da  
*Bella mal maridada* :

Bindilha mal maridada, etc. 3

Dom Francisco Manoel de Mello cultivou com predilecção a forma do romance tal como se usava no seculo XVII ; no primeiro côro das suas *Tres Musas de Melodino*, imita os romances mouros, usados pelos cultistas castelhanos. O romance de Aben-Humea começa :

Ya por la puerta de Elvira  
Saliendo vá de Granada  
Aben-Humea, el quexoso  
De su rey, e de su dama.

Canta tambem o romance de Celidaja :

Textiendo está Celidaya,  
La hermosa hija del Rey,  
Zambras de sus bellas Moras  
Una tarde en su vergel.

Traz tambem o romance de Ali-Aben, e de Xacen y Belaja. Não os transcrevemos na *Floresta* por serem todos em hespanhol. Na segunda jornada do *Fidalgo Aprendiz*, Dom Francisco Manoel de Mello faz-nos a historia do romance no seculo XVII, nas allusões da seguinte scena :

4 Canfonha d'Eut. p. 99.

2 Id. p. 116.

3 Pag. 71.

- Brites. Entoay por meu prazer  
qualquer cousa.
- GIL. Sem guitarra ?
- Brites. Eylla tomay. (Dá-lhe uma viola, tange como  
quem quer cantar.)
- GIL. (Pois que não posso al fazer.)
- Brites. Ay que canta, e não escarra !
- GIL. Ora eylo vay :  
(Canta Dom Gil o melhor que pode o que se  
segue :)
- « Passeava-se Silvana  
por um corredor um dia... »
- Brites. Ay Senhor ? eu não queria  
Senão letra castelhana.
- GIL. Cantarey algaravia  
se mandais, pois que quereis ?
- Brites. Huma letra nova quero.
- GIL. (Canta :)
- « A cazar vá Cavallero... »
- Brites. Ay mãy ! assinte o fazeis ?  
por isso eu me desespero.
- GIL. Ora estay, que já entendo  
quereis Romances trovados :
- « Mis amorosos cuidados,  
Como se estaran durmendo. »
- Brites. Isto foram meus peccados !  
Vos cuida que estaes zombando.  
Ora dizei.
- GIL. Já me estanco :
- « Gavião, gavião branco  
Vae ferido e vae voando. »
- Brites. Huy pelo passar o manco  
Sabeis alguma ao Divino ?
- GIL. Sey.
- Brites. Dizei.
- GIL. Pois é formosa :
- « Andorinha gloriosa. »
- Brites. Tendes cousas de menino.
- GIL. Sou todo Amor, minha rosa. 4

Bem se queixava Pedro de Flores, um dos editores do *Romancero generale* de 1594, e a perros se déra se visse como este malvado de Dom Gil Alcoforado estropiava os romances populares e os deixava incompletos :

« Y hize que de un disurso  
Se visse principio y cabo,  
Lo que el musteo no haze,  
Pues medio desbarado

4 Obras metricas de Dom Francisco Manoel, p. 247 — 8, t. II, Viola de Thalia. Leon de Francia, 1665.

Dexa un romance perdido  
 Diciendo que le da enfado :  
 Los quales conforme à la ley  
 Merecen ser desterrados  
 A las islas de Corfú  
 A cantar versos mosaycos  
 Y de tan alto auditorio  
 Uvieran de ser echados  
 Por quebrantadores de honras  
 De aquellos siglos dorados.\*

Na citação de Dom Francisco Manoel de Mello está resumida a historia do romance ; confirma-o Pedro de Flores. *O Fidalgo Aprendiz* é uma formosa comedia de costumes, pelo gosto da velha eschola de Gil Vicente ; é uma satyra aos *parvenus* do seculo XVII. Eis o caso : Dom Gil Cogominho é o nome de

um escondeiro  
 Enfronhado em Cavalleiro  
 Morto por ser namorado,  
 Contrabaxo e trovador  
 Cavalleiro, dançador :  
 Emfim Fidalgo acabado,  
 Valentão e caçador. 1

Afonso Mendes, seu ayo, vestido á *portugueza antiga*, tem uma comadre :

Mulher para muita aquella,  
 Anda armando-lhe esparrella  
 Com uma filha bonitinha,  
 Que eu fico que caia nella.

E' pois n'uma d'estas situações, quando Dom Gil Cogominho vae conversar de noite com Brites, filha da tal comadre Isabel, que se passa a scena que transcrevêmos. Brites pergunta-lhe se elle é poeta, se canta, que voz tem? Depois pede-lhe que cante qualquer cousa. O Fidalgo escusa-se

\* Primeira jornada, p. 459.

por não ter guitarra. N'este tempo os romances, que iam tomando forma culta, eram sempre cantados a instrumento. Muitos dos romances populares do seculo XVI, já então considerados *velhos*, foram postos em musica e publicados por Milan, Pisador, Valderrabano, Fuenllana, Mudarra e Salinas. A Dom João III, em 1535, offereceu Luiz de Milan um *Libro de Musica*, em que vinham notados em musica: *Mis arreos son las armas* etc., *Sospiraste* etc. e *Baldovinos*.

Jorge Ferreira, nos romances que traz no *Memorial das Proezas dos Cavalleiros da Tavola Redonda*, acrescenta sempre a rubrica: « Cantavam a violas de arco e doçayna mui concertadamente o romance, *que eram os cantos que então mais se usavam.* » <sup>4</sup> Isto era assim ainda no tempo de Dom Sebastião, porque o Fidalgo dá-se como contemporaneo do monarcha :

Sey o açougue no Rocio,  
Os Estaus na Inquisição,  
Vi el-Rey Dom Sebastião.

Dom Gil Cogominho a final, a instancias de Bristes, venceu a repugnancia e começa a cantar o velho e popularissimo romance da *Dona Silvana*, que a rapariga já não quer ouvir, talvez para mostrar que não é de baixa extração. Pede-lhe porém que cante *letra castelhana*. De facto, depois do casamento de el-rei Dom Manoel com a filha de Fernando e Isabel, o romance popular começou a cantar-se em hespanhol. Gil Vicente compoz os seus mais bellos n'essa lingua. Damião de Goes queixa-se da importancia que tinham na corte os

<sup>4</sup> Edição de 1867, p. 245.



chocarreiros de Castella; <sup>1</sup> e Jorge Ferreira diz que as trovas castelhanas se tem aforado comnosco e tomado posse do nosso ouvido. <sup>2</sup> O gosto dos romances na corte era uma imitação dos usos hespanhoes, do que diz o citado Jorge Ferreira, falando dos romances: « o que em Hespanha se usou muito, e usar-se agora para estímulo de imitação não fora máo.» <sup>3</sup> Continuemos na exposição da comedia: Brites era quesilenta e recusa-se a ouvir o romance de *Sylvana*, a que o Fidalgo chama *cantar algaravia*. Pede *letra castellana*, e Cogominho começa-lhe a cantar o vetustissimo romance da *Infantina*, que começa:

A caçar vá el cavallero. 4

A travessa rapariga continua a enfrenesiarse; o Fidalgo procura agradar-lhe, dá-se a tratos para adivinhar-lhe o desejo. Pergunta se ella quer *romances trovados*? Que seriam estes romances trovados? Rengifo, na *Poetica española*, diz que não havia muito tempo que os poetas tinham começado a glosar romances velhos, metendo cada dois versos na segunda das redondilhas. Esta transformação foi recebida agradavelmente pela sociedade elegante do seculo XVII. <sup>5</sup>

Nos poetas portuguezes de quinhentos encontramos signaes d'estas transformações. Sá de Miranda allude á *Bella mal maridada*, <sup>6</sup> em duas voltas ou

<sup>1</sup> Chr. de D. Manoel, Parte IV, c. 84.

<sup>2</sup> Historia da Poesia popular portugueza, p. 22

<sup>3</sup> Id. pag. 137.

<sup>4</sup> Romanceiro geral portuguez, p. 26 — 28.

<sup>5</sup> « No ha muchos años, que comenzaron nuestros Poetas a glosar Romances viejos, metiendo cada dos versos en la segunda de las Redondillas. Y han sido tan bien recibidas estas cosas, que los han dado los musicos muchas sonadas, y se cantan y oien con particular gusto.» *Poetica española*, cap. xxxviii, Salamanca, 1592.

<sup>6</sup> Obras, p. 312, edição de Lisboa de 1677,

glosas ; Gil Vicente cita muitas vezes este romance celebre da tradição oral :

Cantarle han por alvorada  
« La bella mal maridada  
Mal goso viste de ti. 1

D'este romance centenas de vezes glosado, e parodiado por D. Francisco Manoel de Mello na *Avena de Tersicore* <sup>2</sup>, canta Gregorio Silvestre a sorte desditosa nas mãos dos poetas :

O Bella mal maridada,  
A que manos has venido !  
Mal casada e mal « glosada »  
De los poetas tratada  
Peor que de tu marido :  
Si ello va por mas errar  
Y a vós os agrada assi,  
Ventaja hago yo aqui :  
Assi que por mal glosar.  
Vida no dejeis a mi. 3

Gregorio Silvestre falava contra os poetas cultos, que procuravam introduzir na Peninsula a eschola italiana. A forma poetica que apontamos era o que Dom Francisco Manoel chamava o *romance trovado*. Quando Brites pediu um d'este genero a Dom Gil, elle não atinou e deu-lhe umas coplas no gosto poetico da corte de Dom João II ; depois canta a seguidilha do *Gavião branco* ; afinal Brites pergunta-lhe se elle sabe alguma *trova ao divino*. Esta é tambem uma transformação do romance anonymo. Quando Lope de Vega começou a introduzir uma fórmula litteraria no romance, poz em verso quasi todos os passos da Paixão. Este genero pertence aos romances sacros. Sepulveda, nos *Romances sacados de varias historias*, tambem

1 Obras, t. III, p. 294, e outros logares.

2 Obras metricas, ed. de Leon de Francia de 1665, p. 71.

3 Tesoro de los Romanceros, p. 359.

descreve a Paixão ; com esta tendencia se iam romanceando quasi todas as scenas da Escripura. O grande uso e predilecção do genero sacro se nota pela prohibição expressa que d'elle faz o *Index expurgatorio* de 1624 : prohibe o romance que começa :

Com rabia está el Rey David.

« *E todos os mais Romances ou contos tirados do Testamento Velho, ou Novo ao pé da letra.* » — Prohibe mais : « *Romances sacados da letra del Evangelio. El primeiro La ressurreiçon de Lazaro. — El segundo El juizio de Salomão.* » <sup>1</sup> A celebre xacara de Quevedo, conhecida com o título de *Escarraman*, tambem andava convertida ao divino.

<sup>1</sup> *Index scriptorum damnatae memoriae*, p. 175. Transcrevemos para amostra do genero este bello romance de Gil Vicente :

#### OS CATIVOS DO PECCADO

Voces daban prisioneros,  
 Luengo tiempo estan llorando,  
 En el triste cárcel escuro  
 Padeciendo y suspirando,  
 Con palabras dolorosas  
 Sus prisiones quebrantando :  
 — Que es de ti, Virgen y Madre,  
 Que á ti estamos esperando ?  
 Despierta el Señor del mundo,  
 No estemos mas penando. —  
 Oyendo sus voces tristes,  
 La Virgem estava orando  
 Cuando vino la embajada  
 Por el ángel saludando !  
 « Ave rosa gracia plena, »  
 Su preñez anunciando.  
 Suelta los encarcelados,  
 Que por ti estan suspirando ;  
 Por la muerte de tu hijo  
 A' su padre estan rogando.  
 Cresca el nino glorioso,  
 Que la cruz está esperando.  
 Su muerte será cuchillo,  
 Tu anima trespasando.  
 Sufre su muerte, Señora,  
 Nuestra vida deseando.

Obras t. 1, p. 233.

Eis até aqui os factos que se deduzem da scena extractada do *Fidalgo Aprendiz*. Dom Francisco Manoel de Mello não allude ao exagerado gosto dos *romances mouriscos*, que prevaleceu no seculo XVII, se é que não significa isso a phrase — *cantar algaravia*. Outra transformação do romance popular foi a nova forma poetica, a que se chamou *Xacara*, antiga composição popular que Don Francisco de Quevedo tanto vulgarizou, e que o nosso Dom Francisco Manoel imitou tambem.

O gosto popular no seculo XVII soffreu uma grande transformação; os romances iam passando de moda. Diz Quevedo :

Ya pasó Dona Ximena,  
Y falleció Lain Calvo. 1

E do velho romance do *Conde Claros* diz:

El Conde Claros, que fue  
Titulo de las guitarras  
Se quedó en las barberias  
Com chaconas de la galla. 2

O velho romance do *Conde Claros*, recolhido da tradição para o *Cancionero de Anvers*, estava já bandido; uma transformação profunda se operava no gosto publico. Os romances mouriscos occupavam a attenção e o enthusiasmo. «O espirito da moda influiu muito na voga que tiveram, e na cansada monotonia que impoz a muitos a necessidade de os repetir para accomodar-se ao gosto publico e fastio da epoca.» 3 Fernando Wolf é de opinião que estes romances não têm o caracter arabe, e o

1 Musa VI, p. 464. ed. de Lisboa de 1652.

2 Musa VI, p. 455.

3 «Romancero general», prologo, p. xiv, t. 1 (Collec. Ribadaneira t. X.)

proprio assumpto que celebram revela a sua origem moderna. Mas é impossivel desconhecer a existencia de uma poesia da raça *mosarabe*, producto da fusão do baixo povo godo com os arabes invasores. Assim como hoje se vê que d'esta transformação social saíu um direito novo, os Foraes, <sup>1</sup> longo tempo attribuidos a origem romana, qual seria a poesia d'essas relações intimas, cantada na lingua, que o baixo povo chamava de *Aravias*? Sobre esta poesia pesou o mesmo desprezo, que o Marquez de Santillana descarregou sobre os velhos romances vulgares; mas no *Cancionero general* de Hernando de Castillo se descobre um apagado vestigio do romance *mosarabe*, em que se vê o retrato da coexistencia dos dois povos: é o romance da *Mora Moraina*, a cuja porta vêm um christão falar-lhe *algaravias*, para a enganar. Este romance ainda se encontra na tradição oral dos Açores e Beira, transformado segundo os usos da sociedade moderna. <sup>2</sup> O povo arabe teve uma poesia vulgar, sem o tom lyrico e artificial dos poetas cultos. O Arcipreste de Hita fala dos «*instrumentos en que convienen los cantares de arabico*», e cita um velho cantar que principia: *Caguil hallaco*. Diz mais: *arabigo no quiere biuela d'arco*. <sup>3</sup> Argote y de Molina, o mais atilado critico dos velhos escriptores hespanhoes, como o qualifica Ticknor, fala das *zambros* arabes, com que se celebravam os feitos publicos. <sup>4</sup> N'este periodo o romance *mosarabe* é commum a Portugal e Hespanha; a sua vulgarisação, segundo Duran, data do seculo XIV.

Porém quando os arabes começam a abandonar

<sup>1</sup> Historia do Direito portuguez, cap. I e IV.

<sup>2</sup> Vid. Cantos populares do Archipelago aoriano.

<sup>3</sup> Citações dos annotadores de Ticknor, ao cap. VII.

<sup>4</sup> Conde de Lucanor, de 1642, fol. 128.

o territorio da Peninsula, as saudades d'este paiz encantador e a vergonha da derrota inspira-lhes os cantares da despedida. N'este momento os chamados *romances mouriscos*, tem um nascimento espontaneo, sem artificio. Em 1575, Argote y de Molina fala d'esses «cantares lastimeros, que oimos cantar a los Moriscos del Reyno de Granada, sobre la perdida de su tierra a manera de endexas...» E cita o cantar:

Alhambra amorosa, lloran tas castillos  
o Muley Yuabdeli, que se ven perdidos  
dadme mi cavallo, y my blanca adarga  
para pelear, y ganar la Alhambra.  
Dadme mi cavallo, y mi adarga apul  
para pelear, y librar mis hijos:  
Guadix tiene mis hijos, Gibraltar mi muger  
senora Mafalta, hezisteme perder  
en Guadix mis hijos, y yo en Gibraltar  
senora Mafalta, hezisteme errar. 1

Além de muitos outros documentos que provam a existencia de uma poesia popular entre os arabes da Hespanha, ainda modernamente se ouvem cantares allusivos a Cordova e Granada, repetidos pelo povo em Tanger, Tetuão, Arzilla e em outros pontos do norte da Africa. 2

E' da imitação d'estes cantares, que datam os romances granadinos dos poetas cultos. Depois da conquista de Granada, os arabes que acceitaram o jugo de Fernando e Isabel, continuaram os seus queixumes; aquelles cantos tinham um accento novo, um colorido exagerado, uma paixão de arrebatamento. Assim seduziram a imaginação dos poetas; alguns d'esses cantos chegaram a entrar na corrente da tradição oral, como este recolhido na Serania de Ronda:

1 Conde de Lucanor, ff. 129, v.

2 Opinião dos snrs. D. Pascual de Gayangos e D. Henrique Vedia nos *Commentarios a Ticknor*, cap. vii.

Por las puertas de Celinda  
Galan se passa Zaida,  
Aguardando que saliera  
Celindo para hablalle. 1

O fervor dos romances *mouriscos* cultos data do fim seculo XVI a XVII; são como uma recordação gloriosa dos triumphos dos filhos de Hespanha; já não tem a quem combater, criam phantasmas na imaginação, com que se distraem. E' esta a opinião do sabio Duran, quando diz: «Logo que os nossos cavalleiros e poetas viram o paiz livre de seus contrarios para de logo se apoderaram das recordações que tinham deixado, de modo que ao ler os cantos d'aquelle tempo todos creiam que os mouros ainda occupavam a Hespanha.» — «De facto antes da conquista de Granada, e talvez alguns annos depois, se acham poucos romances mouriscos novellescos, que tenham vestigios sensiveis da poesia arabe.»<sup>2</sup> Os romances mouriscos tem poucas referencias a personagens historicos; umas vezes é um mouro, *Galvan*, que tem uma cativa christan, *Moriana*, com quem está jogando no seu jardim, e a cada jogo que perde, perde um castello ou cidade; o mouro *Bucar* resolve questões de amor; as aventuras e odios dos *Zegries* e *Abencerrages*, dos *Gomeles* e dos *Aliatares*, são o thema constante, bordado pela imaginação hespanhola. Cada personagem ideal forma um cyclo de aventuras, como *Zaide*, *Abenumeya*, *Tarfe*, *Abindarraez*, *Zegri*, *Zulema*, *Azarque*, *Arbolan*, e isto milhões de vezes romanceado até ao fastio e em formas já convencionaes, como a do verso :

Mira Zaide que te aviso.

1 Duran, «Romancero generale», t. I, p. 26, n.º 54.

2 Duran, Romancero, t. I, p. x, not. 8.

Por seu turno veiu a reacção contra o gosto dos *romances mouriscos*; começou-se por parodias burlescas. No *Romancero general* de Flores, já apparecem algumas amargas censuras contra a mania dos nomes mouriscos :

Tanta Zaida y Adalifa,  
Tanta Draguta e Daraja,  
Tanto Azarque e tanto Adulce,  
Tanto Gazul e Abenámar.

Renegaron de su ley  
Los romancistas de España  
Y ofrecieron a Mahoma  
Las primicias de sus gracias.  
Dejaron los graves hechos  
De su vencedora patria,  
Y mendigan de la agena  
Invenciones e patrañas.  
Los Ordoños, los Bermudos  
Las Rasuras y Mudarras,  
Los Alfonsos, los Euricos,  
Los Sanchos y los de Lara,  
Que es de ellos? y que es del Cid?  
Tanto olvido á gloria tanta.

Gongora também fez *romances mouriscos*, principalmente do cyclo turquesco, mas de um gosto bello e admiravel; cedo veiu a conhecer o enfado que já causavam os poetas granadinos, e elle proprio os ridicularizou em um romance. Os romances d'este genero, compostos por Dom Francisco Manoel de Mello e por Francisco Rodrigues Lobo, não appresentam o minimo merecimento; são em hespanhol, em um estylo cansado, e sem o esplendor da paixão oriental que os poetas hespanhoes imprimiram ás suas contrafações. Não vale apresentar especimen de composições taes; apenas servem para mostrar que o contagio litterario também chegou até Portugal. Do meado do seculo xvii por diante, os romances *mouriscos* perderam-se em um subjectivismo e requinte que lhes tirou o character. Foi então quando os ro-



mances se tornaram *pastoris*, sendo os heroes arabes substituidos pelos Belardos, Filis, e pelas aventuras dos rufões dos beccos, ou *xaques*. A *xacara* era o nome dado aos romances que celebravam esses feitos dos meliantes; os nossos *Fados* populares podem-se considerar como restos das *xacarandinas* do seculo XVII, a que D. Francisco de Quevedo imprimiu uma forma litteraria. <sup>1</sup>

Do que fosse este genero de poesia, procura o commentador na propria palavra *xacara*: «Y si bien à la primera noticia, que de si prometen con el nombre, parece peligra la estimacion.» Da linguagem formada pela gentalha, vadios, rufões, goliardos e maninellos, que se chama *giria*, e em hespanhol *geringonça* ou linguagem particular dos Ciganos, e *jargon* no francez, e tambem *germania*, se formou esta especie de poesia. Os mesmos vadios se chamam entre si *xaques*: «Pero como quiera que elo fuese, denominacion dieron infallible à las *xacaras* ò *xacarandinas* aquellos *xaques* mismos? y con legitima razon, pues de sus acontecimientos y penalidades continuas son annales las relaciones que ali se repiten: y nuestro Poeta (Quevedo) historiador suyo, ò verdadero, ò fingido, singularmente de adequado spiritu.» <sup>2</sup> A' vista d' esta simples noticia e da leitura de Quevedo, é facil de ver em que a *xacara* consistia: eram as aventuras dos goliardos, a forma antiga do *Fado*, uma historia longa das suas falcatruas. Na *xacara* de Escarraman, ha cartas entre Escarraman e Mendez, cartas entre Peralta e Lampuga. D' onde veiu D. Francisco Manoel dizer: «Começaram um dialogo

<sup>1</sup> Sobre a existencia das «xacaras» populares diz o seu annotador: «Muchas xacaras rudas y desabridas le avian precedido entre la tropeça del vulgo: pero las ingeniosas, y de donayrosa propriedad y capricho el fue el primero descubridor sin duda.» Musa V, p. 221, edic. de Lisboa de 1652.

<sup>2</sup> Edição de Madrid, 1724, pag. 248.

á maneira de *xacara*,» isto é, na linguagem *giriante* em que os *xaques* faziam as relações de seus desastres e aventuras divertidas, que era na *xacarandina*. A *xacara*, como quasi toda a poesia popular, era acompanhada de musica.

Do meiado do seculo XVI por diante começaram os romances populares a receber uma fórma artistica, a tornarem-se descriptivos e lyricos. Fuentes, Timoneda, Sepulveda, Lasso de la Vega os foram tornando subjectivos. As *xacaras* populares receberam tambem de Quevedo esta mesma influencia artistica, que se resentiu em Portugal, por isso que o *Index Expurgatorio* de 1624 prohibe a leitura do romance de *Escarraman*, e de todos os que sobre elle se fizeram. Dom Francisco Manuel de Mello initou o gosto das *xacaras* nos seus romances *entretenidos*. Alguem teve a ridicula lembrança de dar á *xacara* uma origem mourisca. Em que se fundariam para tal? Talvez no radical *xaque*, que quer dizer traidor. A *xacara* á força de exagerar o natural tornava-se grosseira; o metro seguia uma tendencia artificiosa que lhe tirava a vulgarisação popular.

Nos fins do seculo XVII a mania dos romances continuava; os frades escreviam-nos pelos mosteiros sobre assumptos pastoris; outros de longe em longe se lembravam do *Cid* e de *Durandarte*. Assim o diz um poeta coevo, Antonio Peixoto de Magalhães:

Algun sem que descanse  
Faz ás barbas do «Cid» logo um romance,  
Outro grave e queto  
Compõe a «Durandate» algum soneto.

Em Hespanha o romance tinha perdido o character *narrativo*, absolutamente popular, tornando-se *descriptivo* ou litterario, até se fundir em

um subjectivismo que o desnaturava. Em Portugal o povo continuou na sua obscuridade, como d'antes, mas o romance seguiu exactamente as mesmas transformações que em Hespanha. Por este tempo Francisco Lopes, livreiro de Lisboa, romanceava, á imitação de *Santo Isidro* de Lope de Vega, a vida do popular Santo Antonio e dos Cinco Martyres de Marrocos; servia a causa da liberdade na revolução de 1640 com as suas *folhas volantes* em verso, popularizando as victorias contra as armas de Castella. Propriamente a designação de *romance* servia para qualquer composição fastienta feita a proposito de circumstancias ridiculas, em metro octosyllabo, em assonancias. O uso da lingua hespanhola era immoderado. Como composição d'este genero podem-se vêr os romances de Frei Antonio das Chagas, quando tinha no seculo o nome de Antonio da Fonseca Soares. Na vida ociosa dos claustrros, os frades enchiam as suas horas com estas composições, mais insipidas do que as allegorias do paiz de *Tendre*. O Bispo do Grão Pará, nas suas *Memorias* verbera este costume. As glosas, que se haviam apoderado dos romances, começaram a applicar-se aos Outeiros freiraticos; nos palratorios se fazia o maior consummo dos romances. Quando Frei Antonio das Chagas entrou para os Bentos, aonde estava o seu amigo e confrade em Apollo Frei Antonio Vahia, foi achar lá dentro numerosas copias dos seus romances de galanterias; quando no enthusiasmo religioso as quiz rasgar, « gracejaram com elle e meteram-no á bulha.» O melhor do tempo passava-se em palestras com freiras, do que diz o severo Bispo do Grão Pará: «Eram moços, e muita a liberdade das grades d'aquelle miseravel tempo.» As subtilezas amorosas descambavam por vezes

na obscenidade; o gosto do tempo não sabia discriminar os assumptos, e adequava a mesma linguagem aos usos divinos e humanos. Quando Frei João de Sam José fez a visita ao seu bispado, entrando pelo Aracá, em uma capella ouviu uma missa no fim da qual quatro indios e mamelucos com suas vozes bem ajustadas cantaram « varias *cantatas devotas* e de edificação, sobre o que lhe fizemos uma pequena pratica em louvor do canto honesto e ao mesmo tempo *invectiva contra o lascivo das sarabandas e modas do tempo.* » O Bispo do Grão Pará é uma especie de Saint-Simon do nosso seculo XVIII.

A poesia popular á medida que ia caíndo no gosto dos cultistas, emancipava-se de novo, pela falta de espontaneidade dos que a queriam imitar. Podemos dizer que a poesia popular portugueza ficou absolutamente desconhecida até á incompleta, mas brilhante tentativa de Garrett; em Hespanha os vendedores das *folhas volantes*, romanceando os successos do tempo, continuavam obscuramente o trabalho dos Najeras, dos Nucios, dos Flores, dos Tortejadas; entre nós o povo parecia mudo, sem canto. Que symptoma mais franco de decadência ! Quando os nossos poetas quiseram imitar o que na Allemanha faziam Uhland e Bürger, trovando os seus poemas sobre as tradições nacionaes, mostraram-se a nú, mediocres e sem alma. E' vêr essa infinidade de *solaos*, xacaras de accalentar netos, balladas, e outros pre-nuncios do ultra-romantismo em Portugal, que se cansou de andar a tombos com uma idade media de papelão. Para que ennumerar aqui nomes odiosos, de falsos sacerdotes da arte? A poesia do povo precisa de uma extraordinaria boa-fé para ser entendida.



ROMANCES  
COM FORMA LITTERARIA  
DO  
SECULO XVI A XVIII

---

ALVARO DE BRITO

**Coroas á morte do principe D. Affonso  
filho de D. João 2.º**

Morto he o bem d'Espanha,  
nosso principe rreal,  
chora, chora Portugal,  
choremos perda tamanha!  
E carpindo lamentemos  
dous em huum triste responso,  
rrey & prinçepe choremos  
dom Affonso, dom Affonso!  
Ho que morte tam estranha,  
ho que nojo, ho que mal!  
chore, chore Portuguall,  
choremos perda tamanha!

Ho que queeda tam sanhosa  
pera chorar & carpir,  
ho que queeda tam danosa  
que nos fez todos cayr!  
Ho quanta nobre companha  
Sente tristeza mortall!  
chora, chora Portugall  
choremos perda tamanha!  
Choremos, que tal cayda  
por nossos grandes pecados  
nos leyxa desemparados,  
mata toda nossa vyda.  
Que pesar nos acompanha,  
que nunca foi visto tall;  
he perdido Portugal,  
choremos perda tamanha!  
Choremos hum jnoçente,  
huma santa creatura,  
que por nossa desventura  
morreo tam supitamente.  
Ho que mall, que nojo, sanha,  
que desemparo mortall  
nota todo Portugal,  
choremos perda tamanha!  
Morreo nossa defensam,  
& morreo nossa liança,  
morreo nossa esperança  
de nom vyr a ssogeyçam.  
Asy nos desacompanha  
nosso senhor natural;  
o senhor çelestial  
o rreçeba em sa companha!

## GARCIA DE RESENDE

**Cropas á maneira de romance feitas á morte  
de Dona Inez de Castro.**

Eu era moça menina,  
per nome dona Ynes  
de Crasto, & de tal doutrina  
& vertudes, qu'era dina  
de meu mal ser ho rreves.  
Uiuia, sem me lembrar  
que paixam podia dar,  
nem da-la ninguem a mym,  
foy m'o príncepe olhar  
por seu nojo & minha fym.  
Começou m'a desejar,  
trabalhou por me seruir,  
fortuna foy ordenar,  
dous corações conformar  
a huma vontade vyr.  
Conheceo-me, conheci-o,  
quys-me bem & eu a ele,  
perdeo-me, tambem perdi-o,  
nunca tee morte foy frio  
o bem que triste pus nele.  
Dey-lhe minha liberdade,  
nam senty perda de fama,  
pus nele minha verdade,  
quys fazer sua vontade  
sendo muy fremosa dama.



Por m'estas obras pagar  
nunca ja mais quys casar,  
polo qual aconselhado  
foy el rrey, qu'era forçado  
polo seu de me matar.  
Estaua muy acatada,  
como prinçesa seruida,  
em meus paços muy honrrada,  
de tudo muy abastada,  
de meu senhor muy querida.  
Estando muy de vaguar,  
bem fora de tal cuidar,  
em Coymbra d'aseseguo,  
polos campos de Mondeguo  
caualeyros vy somar.  
Como as cousas qu' am de ser,  
loguo dam no coraçam,  
começey entrestieçer  
& comiguo soo dizer :  
estes omêes d'onde yram?  
E tanto que preguntey,  
soube logo que era el rrey,  
quando o vy tam apressado,  
foy, que nunca mays faley.  
E quando vy que deçia,  
sahy ha porta da sala,  
deuinhand o que queria,  
com gram choro & cortesya  
lhe fiz huma triste fala.  
Meus filhos pus derredor  
de mym com gram omildade,  
muy cortada de temor,  
lhe disse: avey, senhor,  
desta triste piadade.  
Nam possa mais a paixam  
que o que deueys fazer,

metey nysso bem a mam :  
que'e de fraco coraçam  
sem porque matar molher.  
Quando mays a mym, que dam  
culpa, nam sendo rrezam,  
por ser mãy dos ynoçentes,  
qu'ante vos estam presentes,  
os quaes vossos netos sam.  
E tem tam pouca ydade  
que, se não forem criados  
de mym, soo com saudade  
& sua gram orfyndade  
morreram desemparados.  
Olhe bem quanta crueza  
faraa nisto voss'alteza,  
& tambem, senhor, olhay,  
pois do príncepe sois pay,  
nam lhe deis tanta tristeza.  
Lembre-uos o grand'amor  
que me uosso filho tem,  
e que sentiraa gram dor  
morrer-lhe tal seruidor,  
por lhe querer grande bem.  
Que s' algum erro fizera,  
fora bem que padeçera,  
& qu' estes filhos ficaram  
orfaãos tristes, & buscaram  
quem d'eles paixam ouera.  
Mas poys eu nunca errey  
& sempre mereçy mais,  
deueys, poderoso rrey,  
nam quebrantar vossa ley,  
que, se moyro, quebrantays.  
Usay mays de piadade  
que de rrigor, nem vontade :  
avey doo, senhor, de mym,

nam me deys tam triste fim,  
pois que nunca fiz maldade.  
El rrey, vendo como estaua,  
ouue de mym compaixam  
& vyo o, que nam oulhaua,  
qu'eu a ele nam erraua,  
nem fizera traçam.  
E vendo, quam de verdade  
tive amor & lealdade  
hoo príncepe, cuja sam,  
pode mais a piadade  
que a determinaçam,  
Que se m'ele defendera,  
c'a sseu filho nam amasse  
& lh'eu nam obedecera,  
entam com rrezam podera  
dar-m'a moorte c'ordenasse.  
Mas vendo que nenhum'ora,  
desque naçy ategora,  
nunca nisso me falou,  
quando sse d'isto lembrou,  
foy-se pola porta fora.  
Com sseu rrosto lagrimoso,  
c'o proposito mudado,  
muyto triste, muy cuidadoso,  
como rrey muy piadoso,  
muy Cristam & esforçado.  
Hum d'aqueles que trazia  
conssiguo na companhia,  
caualeyro desalmado,  
de tras d'ele, muy yrado,  
estas palauras dezia :  
Senhor vossa piadade  
he dina de irprender,  
pois que sem neçessidade  
mudaram vossa vontade

lagrimas d'uma molher.  
E quereys c'abarreguado  
com filhos, como casado,  
estê senhor vosso filho ;  
de vos mais me marauilho  
que d'ele, que'e namorado.  
Se a loguo nam matais,  
não sereis nunca temido,  
nem faram o que mandays,  
poys tam cedo vos mandays  
do consselho qu'era avido.  
Olhay, quam justa querela  
tendes, pois por amor d'ela  
vosso filho quer estar  
sem casar, & nos quer dar  
muyta guerra com Castela.  
Com sua morte escusareis  
muytas mortes, muytos danos,  
vos, senhor, descansareis,  
& a vos & a nos dareis  
paz para duzentos anos.  
O príncepe casaraa,  
filhos de bençam teraa  
seraa fora de pecado ;  
c'aguora seja anojado,  
a menham lh'esqueçeraa.  
E ouuyndo seu dizer,  
el rrey ficou muy toruado,  
por se em tais estremos ver,  
& que avya de fazer  
ou hum ou outro, forçado.  
Desejava dar-me vida,  
por lhe nam ter mereçida  
a morte, nem nenhum mal :  
sentya pena mortal  
por ter feyto tal partida.

E vendo que se lhe daua  
 a ele tod'esta culpa,  
 & que tanto o apertaua,  
 disse a aquele que bradaua:  
 mynha tençam me desculpa.  
 Se o vos quereis fazer,  
 fazey-o sem m'o dizêr;  
 qu'eu nisso nam mando nada,  
 nem vejo ha essa coytada  
 porque deva de morrer.  
 Dous caualeyros yrosos,  
 que tais palauras lh'ouvyram,  
 muy crus & nam piadosos,  
 perverssos, desamorosos,  
 contra mym rrijo se vyram.  
 Com as espadas na mam  
 m'atrauessam o coraçam,  
 a confissam me tolheram:  
 este he o gualardam,  
 que meus amores me deram.

Cancionciro Geral, t. III, p. 647.

## FRANCISCO DE SOUSA

### Trovas a este vilancete :

Abayx'este sserra  
 Verey minha terra.

Oo montes erguidos!  
 Deyxay-vos cahyr,  
 deyxay-vos somyr  
 & scr destroydos.

Poys males sentidos  
me dam tanta guerra,  
por vêr minha terra.  
Ribeyras do mar!  
que tendes mudanças,  
as minhas lembranças  
deyxay-as passar.  
Deyxay-m'as tornar  
dar nouas da terra,  
que daa tanta guerra.  
O ssol escureçe,  
a noyte sse uem,  
meus olhos, meu bem  
ja nam aparece.  
Mays çedo anoyteçe  
aaquem d'esta sserra  
que na minha terra.

Cancioneiro Geral, t. III, p. 532.

---

## GIL VICENTE

**Romance em memoria da partida da Infanta  
Dona Beatriç para Saboya, cantado no Auto  
das Cortes de Jupiter, que se representou  
nos Paços da Ribeira em 1519.**

Niña era la Ifanta,  
Dona Beatriz se decia,  
Nieta del buen Rey Hernando,  
El mejor Rey de Castilla,  
Hija del Rey Don Manoel

Y Reyna Dona Maria,  
Reis de tanta bondad  
Que tales dos no habia.  
Niña la casó su padre,  
Muy hermosa á maravilla,  
Con el Duque de Saboya,  
Que bien le pertenecia.  
Señor de muchos señores,  
Mas que Rey es su vaalia.  
Ya se parte la Ifanta,  
La Ifanta se partia  
De la muy leal ciudad  
Que Lisbona se decia ;  
La riqueza que llevaba  
Vale toda a Alejandria.  
Sus naves muy alterosas,  
Sin cuento la artilleria ;  
Va por el mar de Levante,  
Tal que temblaba Turquia.  
Con ella va el Arzobispo  
Señor de la Clerezia :  
Van Condes y Caballeros,  
De muy notable osadia ;  
Lleva damas muy hermosas,  
Hijas dalgo y de valia.  
Dios los lleve á salvamiento  
Como su madre querria.

---

**Romance burlesco, glosando o celebre romance de «Yo me estava alla eu Coimbra» cantado na Sarça dos Almoctevés que se representou em Coimbra em 1526.**

*Yo me estava en Coimbra,*  
Cidade bem assentada ;  
Pelos campos de Mondego  
Não vi palha nem cevada.  
Quando aquillo vi mesquinho,  
Entendi que era cilada  
Contra os cavallos da côrte  
E minha mula pellada.  
Logo tive a mao sinal  
Tanta milhan apanhada,  
E a peso de dinheiro  
O mula desamparada.  
Vi vir ao longo do rio  
Hua batalha ordenada,  
Não de gente, mas de mus,  
Com muita raiva pisada.  
A carne está em Bretanha,  
E as couves em Biscaia.  
Sam capellão d'hum fidalgo  
Que não tem renda, nem nada ;  
Quer ter muitos apparatus,  
E a casa anda esfaimada ;  
Toma ratinhos por pagens,  
Anda já a cousa damnada.  
Quero-lhe pedir licença,  
Pague-me minha soldada.



---

**Cantiga dos Romeiros em folia no Auto do  
Templo d'Apollo, representado em 1526 na  
partida da infanta filha de D. Manoel, que  
casou com Carlos V.**

Pardeos, bem andou Castella,  
Pois tem Rainha tão bella.  
Muito bem andou Castella  
E todos os Castelhanos,  
Pois tem Rainha tão bella,  
Senhora de los Romanos.  
Pardeos, bem andou Castella  
Com toda sua Hespanha,  
Pois tem Rainha tão bella,  
Imperatriz d'Allemanha.  
Muito bem andou Castella,  
Navarra e Aragão,  
Pois tem Rainha tão bella,  
E Duqueza de Milão.  
Pardeos, bem andou Castella  
E Sicilia tambem,  
Pois tem Rainha tão bella,  
Conquista de Jerusalem.  
Muito bem andou Castella,  
E Navarra não lhe pesa,  
Pois tem Rainha tão bella,  
E de Frandes he Duqueza.  
Pardeos bem anda Castella,  
Napoles e sua fronteira,  
Pois tem Rainha tão bella,  
França sua prisioneira.

---

**Romance ao nascimento do infante Dom Felipe,  
com que termina a tragi-comedia da Roma-  
gem de Aggravados, representada em Evora  
em 1533.**

Por Maio era por Maio  
Ocho dias por andar,  
El Ifante Don Felipe  
Nació en Evora ciudad.  
Viva el Ifante, El Rey, y la Reyna,  
Como las aguas del mar.  
No nació en noche oscura,  
Ni tampoco por lunar,  
Nació quando el sol dechina  
Sus rayos sobre la mar.  
En un dia de domingo  
Domingo para notar,  
Quando las aves cantaban  
Cada una su cantar.  
Quando los árboles verdes  
Sus fructos quieren pintar,  
Alumbró Dios á la Reina  
Con su fructo natural.  
Viva el Ifante, el Rey y la Reyna  
Como las aguas do mar.

Obr. t. II, p. 534.

---

**Romance á morte de El Rei Dom Manoel.**

Pranto fazem em Lisboa,  
Dia de Santa Luzia,  
Por El Rei Dom Manuel,  
Que se finou n'esse dia.  
Choram Duques, Mestres, Condes,  
Cada um quem mais podia;  
Os fidalgos e donzellas  
Muito tristes em porfia ;  
Os Iffantes davam gritos,  
A Iffanta se carpia ;  
Seus olhos maravilhosos  
Fonte d'agua parecia.  
Bem merecem ser escriptas  
As lastimas que fazia :  
«Paço tão desamparado  
«Derribado merecia,  
«Pois a sua fortaleza  
«Se tornou em terra fria.  
«Oh minha senhora madre  
«Rainha Dona Maria,  
«Quem a vós levou primeiro  
«Mui grande bem vos queria,  
«Pois que vos livrou da pena  
«Que passamos n'este dia.»  
E outras magoas, que de tristes  
Contar não mais ousaria.  
O Principe dava suspiros,  
Que a alma se lhe sahia ;  
Suas lagrimas prudentes,  
Como a gran senhor cumpria :

De dia sempre velava,  
De noite nunca dormia.  
A Rainha estrangeira  
Já chorar o não podia :  
Com rouca voz dolorosa  
Estas palavras dizia :  
«Oh Reina desamparada !  
«Qué haré sin compañía,  
«Pues que en esta triste vida  
«Sola una vida tenia !  
«Y pues me la llevó la muerte,  
«Para qué quiero la mia ?  
«Oh sin ventura casada  
«Tres años no mas habia,  
«Quien tan presto fue viuda  
«Triste para que nascia ;  
«Niña sola en tierra agena,  
«Huérfana sin alegría !»  
Se uma vez acordava  
Outras sete esmorecia ;  
Assi pedia a Deos morte  
Como quem pede alegria,  
Dizendo : «Llevenme luego,  
«Que esta tierra ya no es mia :  
«Por la mar por donde fuere  
«Algún peligro venia,  
«Que me matasse á mi sola  
«Salvando la compañía.»  
O bom Rei em seu acôrdo  
Deste mundo se partia :  
Sua morte conhecendo  
Com muita sabedoria,  
Per palavras piedosas  
Os sacramentos pedia ;  
Falando sempre com todos,  
Deu sua alma a quem devia.

Morto levam o gran Rei  
Senhores de gran valia,  
Dizendo uns aos outros :  
Oh que triste romaria !  
Que grande amigo perdemos  
E que doce companhia !  
Já passada a meia noite,  
Tres horas antes do dia  
Mettido em um ataúde  
O qu'inda ha pouco regia,  
O gran senhor do Oriente  
Dos seus Paços se partia.  
Seiscentas tochas accezas,  
Escuras a quem as via ;  
Triste pranto até Belem  
Nem passo não se esquecia.  
Em terra fica enterrado,  
Porque assi mandado havia,  
Conhecendo que era terra  
A mundanal senhoria.  
Disse que os vãos thezouros  
A' morta não pertencia.  
Desque ficou enterrado  
Cada um se despedia,  
Dizendo estes versos tristes  
A' gloriosa Maria. Etc.

Obr. t. III, p. 348.

---

### Romance á acclamação de D. João 3.º

Desanove de Dezembro,  
Perto era do Natal,  
Na cidade de Lisboa  
Mui nobre e sempre leal,  
Foi levantado por Rei

Dos reinos de Portugal  
O Príncipe Dom João,  
Príncipe angelical.  
Sahiu n'uma faca branca,  
Parecia de cristal,  
Guarnecida de maneira  
Que se não viu sua igual.  
Opa leva roçagante,  
Tudo fio d'ouro tal,  
Forrada de ricas martas,  
Bem parecia real ;  
Pelote de prata fina,  
Prata mui oriental,  
Barrado de pedraria  
Vinha-lhe mui natural.  
De perlas não fazem conta  
Porque é baixo metal ;  
Só um collar que levava  
Toda Alexandria val ;  
Na cabeça leva preto  
Por seu padre natural ;  
Sahiu com lagrimas tristes  
Como filho mui leal.  
O seu rosto tão formoso  
Que parece divinal,  
Seus olhos resplandeciam  
Como estrellas igual ;  
Os cabellos da cabeça  
D'ouro eram que não d'al ;  
Sua boca graciosa  
Com ar mui angelical,  
Um semblante soberano,  
Um olhar imperial.  
Não foi tal contentamento  
No povo todo em geral,  
Como ver na Rua nova

Ir o seu Rei natural  
Com tanta graça e lindeza,  
Que não parece humanal.  
Os forasteiros diziam :  
Mui ditoso é Portugal.  
O Iffante Dom Luis  
Leva o estoque Real ;  
O Iffante Dom Fernando,  
Outro seu irmão carnal,  
Ao estribo direito  
A pé, não lhe estava mal,  
Porque em tal solemnidade  
Tudo lhe vem natural :  
Todos os Grandes a pé,  
Quantos ha em Portugal.  
O Conde Priol levava  
A bandeira principal.  
Chegou assi a San Domingos,  
Onde estava o Cardial :  
Benzeu o mui alto Rei  
De benção pontifical,  
E deu logo juramento ;  
Jurou n'um livro missal  
De fazer cumprir as leis  
Como lei imperial ;  
Confirmou os privilegios  
D'esta cidade Real.  
Os povos muito contentes  
De Rei tão especial,  
De pequeno sempre grande,  
Magnifico e liberal,  
Que é virtude julgada  
Dos Principes principal.  
Isto tudo assi acabado,  
Disseram : Arraial ! Arraial !  
Alli tocam as trombetas,

Atabales outro tal :  
 Todos lhe beijam a mão,  
 Os senhores em geral.

Obr. t. III, p. 355.

**Cantiga do Natal, com que remata o Auto Pastoril, representado em Évora a D. João 3.º em 1523.**

Quem he a desposada ?  
 A Virgem sagrada.  
 Quem é a que paria ?  
 A Virgem Maria.  
 Em Bethlem, cidade  
 Muito pequenina,  
 Vi hua desposada  
 E Virgem parida.  
 Em Bethlem, cidade,  
 Muito pequenina,  
 Vi hua desposada  
 E Virgem parida.  
 Quem he a desposada ?  
 A Virgem sagrada.  
 Quem he a que paria ?  
 A Virgem Maria.  
 Hua pobre casa  
 Toda reluzia,  
 Os anjos cantavam,  
 O mundo dizia :  
 Quem he a desposada ?  
 A Virgem sagrada.  
 Quem he a que paria ?  
 A Virgem Maria.

Obr. t. I, p. 147.



---

**Dilancete de Abel no Auto da Historia de Deos,  
representado em Almeirim em 1527.**

Adorae, montanhas,  
O Deos das alturas,  
Tambem as verduras ;  
Adorae, desertos  
E serras floridas,  
O Deos dos secretos,  
O Senhor das vidas :  
Ribeiras crescidas,  
Louvae nas alturas  
Deos das criaturas.  
Louvae, arvoredos  
De fructo presado,  
Digam os penedos  
Deos seja louvado,  
E louve meu gado  
N'estas verduras  
O Deos das alturas.

Obr. t. I, p. 317.

---

A serra é alta, fria e nevosa ;  
Vi venir serrana gentil, graciosa.

Ceguei-me a ella de gran cortezia,  
Disse-lhe :—Senhora, quereis companhia ?

Disse-lhe :—Senhora quereis companhia ?  
Disse-me : «Escudeiro, segui vossa via.

Obr. t. III, p. 214.

---

**Fragmento da versão da « Bella mal maridada. »**

Le bella mal maruvada  
De linde que a mi ve,  
Vejo-ta triste nojada,  
Dize tu razão puruque.  
A mi cuida que doromia  
Quando me foram cassá ;  
Se acordaro a mi jazia  
Esse nunca a mi lembrá.  
Le bella mal maruvada  
Não sei quem cassa a mi,  
Mia marido não vale nada,  
Mi sabe razão puruque.

Obr. t. II, p. 333.

---

—D'onde vindes, filha,  
Branca e colorida ?  
« De lá venho, madre  
De ribas de um rio ;  
Achei meus amores  
N'um rosal florido.  
—Florido, enha filha  
Branca e colorida.  
« De la venho, madre,  
De ribas de um alto,  
Achei meus amores  
N'um rosal granado.  
—Granado, enha filha,  
Branca e colorida.

Obr. t. III, p. 270

---

**Cantiga cantada em chacota de pastores na tragi-comedia pastoril da Serra da Estrella, representada em Coimbra em 1527.**

Não me fraes, madre,  
Que eu direi a verdade.  
Madre, hum escudeiro  
Da nossa Rainha  
Falou-me d'amores ;  
Vereis que dizia,  
Eu direi a verdade.  
Falou-me d'amores,  
Vereis que dizia :  
Quem te me tivesse  
Desnuda em camisa !  
Eu direi a verdade.

Obras. t. II, p. 445.

---

**Cantiga conservada no Auto da Lusitania, representado em 1532.**

Vanse mis amores, madre  
Luengas terras van morar,  
Yo no los puedo olvidar.  
Quien me los hará tornar.  
Yo soñara, madre, un sueño,  
Que me dió nel corazon,  
Que se iban mis amores  
A' las islas de la mar,  
Yo no los puedo olvidar.

Quien me los hará tornar.  
Yo señora, madre, un sueño  
Que me dió nel corazon,  
Que se iban mis amores  
A' las terras de Aragon :  
Alla se van á morar.  
Yo no los puedo olvidar,  
Quien me los hará tornar.

Obr. t. III, p. 299.

---

**Cantiga conservada na comedia de Rubena.**

Halcon que se atreve  
Con garza guerrera  
Peligros espera.  
Halcon que se vuela  
Con garza á profia,  
Cazar la queria,  
Y no la recela:  
Mas quien no se vela  
De garza guerrera  
Peligros espera.  
La caza de amor  
Es de altaneria ;  
Trabajos de dia,  
De noche dolor :  
Halcon cazador  
Con garza tan fiera  
Peligros espera.

Obr. t. II, p. 49.

## BERNARDIM RIBEIRO

*Cantar á maneira de Solao, que vem no capitulo xxi da Menina e Moça.*

Pençando-vos estou filha,  
Vossa mãe me está lembrando,  
Enchem-se-me os olhos d'agoa  
N'ella vos estou lavando.  
Nascestes filha entre magoa,  
Pera bem inda vos seja,  
Pois em vosso nascimento  
Fortuna vos houve inveja.  
Morto era o contentamento,  
Nenhuma alegria ouvistes,  
Vossa mãe era finada,  
Nós outros eramos tristes.  
Nada em dôr, em dôr criada,  
Não sei onde isto hade ir ter,  
Vejo-vos filha fermosa  
Com olhos verdes crescer.  
Não era esta graça vossa  
Pera nascer em desterro ;  
Mal haja a desventura  
Que poz mais nisto que o erro.  
Tinha aqui sua sepultura  
Vossa mãe, e magoa a nós ;  
Não ereis vós filha, não,  
Pera morrerem por vós.  
Não houve em fados razão,  
Nem se consentem rogar ;  
De vosso pai hei mór dôr,  
Que de si se hade queixar.

Eu vos ouvi a vós só  
Primeiro que outrem ninguém ;  
Não foreis vós, se eu não fôra,  
Não sei se fiz mal, se bem.  
Mas não póde ser, senhora,  
Pera mal nenhum nascerdes,  
Com esse riso gracioso  
Que tendes sob olhos verdes.  
Conforto mais duvidoso  
Me é este que tomo assi,  
Deos vos dê melhor ventura  
Do que tiveste té aqui.  
A dita, e a formosura  
Dizem patranhas antigas,  
Que pelejaram um dia  
Sendo d'antes muito amigas.  
Muitos hão que é fantasia ;  
Eu que vi tempos e annos,  
Nenhuma cousa duvido  
Como ella é azo de damnos.  
Nem nenhum mal não é crido ;  
O bem só é esperado :  
E na crença, e na esperança  
Em ambas ha hi cuidado ;  
Em ambas ha hi mudança.

---

**Romance de Avalor, que vem no capitulo xi da  
segunda parte das Saudades.**

Pola ribeira de um rio,  
Que leva as agoas ao mar,  
Vai o triste de Avalor,  
Não sabe se hade tornar.  
As agoas levam seu bem,

Elle leva o seu pesar,  
E só vai sem companhia,  
Que os seus fora elle leixar.  
Cá quem não leva descanso,  
Descansa em só caminhar :  
Descontra donde ia a barca  
Se ia o Sol a baxar.  
Indo-se abaxando o Sol,  
Escurecia-se o ar :  
Tudo se fazia triste  
Quanto havia de ficar.  
Da barca levantam remo,  
E ao som do remar  
Começaram os remeiros  
Do barco este cantar :  
Que frias eram as agoas,  
Quem as haverá de passar?  
Dos outros barcos respondem :  
Quem as haverá de passar?  
Senão quem a vontade pôz  
Onde a não pode tirar,  
Trala barca levam olhos,  
Quanto o dia dá logar.  
Não durou muito ; que o bem  
Não pode muito durar.  
Vendo o Sol posto contr'elle  
Soltou redeas ao cavallo  
Da beira do rio andar.  
A noite era callada  
Pera mais o magoar  
Que ao compasso dos remos  
Era o seu suspirar.  
Querer contar suas magoas  
Seria arêas contar,  
Quanto mais se alongando  
Se ia alongando o soar.

Dos seus ouvidos aos olhos  
A tristeza foi egualar ;  
Assim como ia a cavallo  
Foi pela agua dentro entrar.  
E dando um longo suspiro,  
Ouvia longe falar :  
Onde magoas levam alma  
Vão tambem corpo levar.  
Mas indo assi, por acerto,  
Foi c'um barco n'agua dar,  
Que estava amarrado á terra,  
E seu dono era a folgar.  
Saltou, assim como ia, dentro,  
E foi a amarra certar,  
A corrente e a maré  
Acertaram-no a ajudar.  
Não sabem mais que foi d'elle,  
Nem novas se podem achar ;  
Suspeitou-se que era morto,  
Mas não é para afirmar ;  
Que o embarcou ventura  
Para só isso guardar,  
Mais são as magoas do mar  
Do que se podem curar.

---

**Romance que vem na Ecloga 5.<sup>a</sup> ao qual se  
chamou Cuidado e Desejo.**

Ao longo de uma ribeira,  
Que vae polo pé da serra,  
Onde me a mi fez a guerra  
Muito tempo o grande amor,  
Me levou a minha dôr ;  
Já era tarde do dia,



E a agua d'ella corria  
Por antre um alto arvoredó,  
Onde ás vezes ia quedo  
O rio, e ás vezes não.

Entrada era do verão,  
Quando começam as aves,  
Com seus cantares suaves  
Fazer tudo gracioso ;  
Ao rugido saudoso  
Das aguas cantavam ellas;  
Todalas minhas queréllas  
Se me pozeram diante ;  
Ali morrer quizera ante,  
Que vêr por onde passei ;  
Mas eu que digo ? passei !  
Antes inda heide passar  
Em quanto hi houver pezar,  
Que sempre o hi hade haver.

As aguas, que do correr  
Não cessavam um momentó,  
Me trouxeram ao pensamento,  
Que assim eram minhas magoas,  
D'onde sempre correm aguas  
Por estes olhos mesquinhos,  
Que têm abertos caminhos,  
Pelo meio do meu rosto.  
E já não tenho outro gosto  
Na grande desdita minha.  
O que eu cuidava que tinha  
Foi-se-me assim não sei como,  
D'onde eu certa crença tomo,  
Que pera me deixar veio.

Mas tendo-me assim alheio,  
De mim o que ali cuidava,  
Da banda d'onde a agoa estava,  
Vi um homem todo caã  
Que lhe dava pelo cham;  
A barba e o cabelo.  
Ficando eu pasmado d'ello,  
Olhando elle para mim,  
Falou-me, e disse-me assim:  
«Tambem vae esta agoa ao Tejo.»

N'isto olhei, vi meu Desejo  
Estar detraz triste e só,  
Todo cuberto de dó,  
Chorando, sem dizer nada,  
A cara em sangue lavada,  
Na bocca pósta uma mão,  
Como que a grande paixão  
Sua fala lhe tolhia.  
E o velho que tudo via,  
Vendo-me tambem chorar,  
Começou assi a falar:  
«Eu mesmo sou teu Cuidado,  
Que n'outra terra criado,  
N'esta primeiro nasci.  
E ess'outro que está aqui .  
E' o teu Desejo triste,  
Que má hora o tu viste,  
Pois nunca te esquecerá!  
A terra e mar passará  
Traspassando a magoa a ti.»

Quando lhe eu aquisto ouvi,  
Soltei suspiros ao choro;  
Ali claramente o fôro  
Meus olhos tristes pagaram

De um bem só qu'elles olharam,  
Que outro nunca mais tiveram,  
Nem o tive; nem m'o deram :  
Nem o esperei sómente.  
De só ver' fui tão contente,  
Que pera mais esperar  
Nunca me deram lugar.  
E n'aquisto, triste estando,  
Com os olhos tristes olhando  
D'aquellas bandas d'álem,  
Olhei, e não vi ninguem.  
Dei então a caminhar  
Rio abaixo, até chegar  
Àcerca de Monte-Mór.  
Com meus males derredor,  
Da banda do meio dia,  
Ali minha Phantasia,  
D'antre uns medrosos penedos,  
Onde aves que fazem medos  
De noite os dias vão ter,  
Me saíu a receber  
Com uma mulher polo braço,  
Que, ao parecer, de cansaço  
Não podia ter-se em si,  
Dizendo : — Vês, triste, aqui  
A triste Lembrança tua.—  
Minha vista então na sua  
Puz ; d'ella todo me enchi:  
A primeira cousa que vi,  
E a derradeira também,  
Que no mundo vão e vem!  
Seus olhos verdes rasgados,  
De lagrimas carregados,  
Logo em vendo-os, pareciam  
Que de lagrimas enchiam  
Contino as suas faces,

Que eram, gram tempo, paces  
Antre mim e meus cuidados.  
Louros cabellos ondados  
Que um negro manto cobria:  
Na tristeza parecia  
Que lhe convinha morrer.  
Os seus olhos de me ver,  
Como furtados, tirou,  
Depois em cheio me olhou.  
Seus alvos peitos rasgando,  
Em voz alta se aqueixando,  
Disse assim mui só sentida :  
—Pois que mór dôr, ha na vida,  
Pera que houve ahi morrer? —  
Calou-se sem mais dizer,  
E de mi gemidos dando,  
Fui-me pera ella chorando  
Pera a haver de consolar...

N'isto pôz-se o sol ao mar,  
E fez-se noite escura,  
E disse mal á ventura,  
E á vida, que não morri...  
E muito longe d'ali,  
Ouvi de um alto outeiro  
Chamar: *Bernardim Ribeiro*  
E dizer: —Olha onde estás.—  
Olhei de ante, e de trás  
E vi tudo escuridão,  
Cerrei meus olhos então,  
E nunca mais os abri,  
Que depois que os perdi  
Nunca vi tão grande bem,  
Porém inda mal, porém!

---

**CHRISTOVAM FALCÃO****Cantiga com suas voltas.**

Não posso dormir as noites,  
Amor, não as posso dormir.

Desque meus olhos olharam  
Em vós seu mal e seu bem,  
Se algum tempo repousaram  
Já nenhum repouso tem.  
Dias vão e dias vem,  
Sem vos vêr, nem vos ouvir,  
Como as poderei dormir?

Meu pensamento ocupado  
Na causa do seu pensar,  
Acorda sempre o cuidado  
Pera nunca descuidar.  
As noites de repousar  
Dias são ao meu sentir,  
Noites do meu não dormir.

Todo o bem que é já passado  
E passado em mal presente,  
O sentido desvelado,  
O coração descontente.  
O juízo que isto sente  
Como se deve sentir,  
Pouco deixará dormir.

Como não vi o que vejo  
C'os olhos do coração,  
Não me deito sem desejo,  
Nem me ergo sem paixão;  
Os dias sem vos vêr vão,  
As noites sem vos ouvir,  
Eu não n'as posso dormir.

---

## SÁ DE MIRANDA

## Cantiga.

Naquella alta serra  
Me quero ir morar,  
Quem me quizer bem,  
Quem bem me quizer,  
Lá me irá buscar.

## VOLTAS

N'estes povoados  
Tudo sam requestas,  
Deixay-me os cuidados  
Que em vós deixo as festas.  
D'aquellas florestas  
Verey longe o mar,  
Por-me-hey a cuidar.

Sombras e aguas frias,  
Quando o sol mais arde;  
Depois sobre a tarde  
Por cá bradarias,  
Vês, que pressa os dias  
Levam sem cansar,  
Nunca hamde tornar.

Não julgue ninguém  
Nunca outrem por si,  
Mais de um bem que ouvi  
A vida nam tem.  
Nam deixa este bem,  
Onde se elle achar  
Mais que desejar.

Deixa as vaydades  
Que da mão á bocca  
O prazer se troca,  
Trocão-se as vontades.  
Essas são saudades,  
Armadas no ár,  
Que podem durar?

Naquella espessura  
Me hey d'ir esconder,  
Venha o que vier,  
Achar-me-ha segura,  
Se tal bem não dura  
Ao seu trespassar  
Tudo hade acabar.

Obras, edição de 1677, p. 344.

---

## JORGE DE MONTE-MOR

### Canção tirada da novella pastoril intitulada «Diana.»

Os tempos se mudarão,  
A vida se acabará;  
Mas, a fé sempre estará  
Onde meus olhos estão.

Os dias e os momentos,  
As horas com suas mudanças,  
Amigas são de esperanças,  
E amigas de pensamentos.  
Os pensamentos estão,  
A esperança acabará,  
A fé não me deixará  
Por honra do coração.  
E' causa de muitos danos  
Duvidosa confiança;  
Que a vida sem esperança  
Já não teme desenganos.  
Os tempos se vem e vão,  
A vida se acabará,  
Mas a fé não quererá  
Fazer-me esta sem razão.

---

### Outra cançoneta

Suspiros, minha lembrança,  
Não quer, porque vos não vades,  
Que o mal que fazem saudades  
Se cura com esperanças.  
A esperança me val  
Por causa, em que se tem,  
Nem promette tanto bem  
Quanto a saudade faz mal.  
Mas, amor, desconfiança,  
Me deram tal qualidade,  
Que nem me mata a saudade,  
Nem me dá vida a esperança.  
Errarão, se se queixarem  
Os olhos, com que eu olhei,  
Porque não me queixarei



Em quanto os seus me lembrarem.  
 Nem poderá haver mudança  
 Jamais em minha vontade,  
 Ou me mate a saudade,  
 Ou me deixe a esperança.

---

JORGE FERREIRA DE VASCONCELLOS

Romance da batalha que *El-Rei Arthur* teve  
 com *Morderet*, seu filho.

Gram Bretanha desleal,  
 Ao melhor rei que tiveste  
 D'agora, té o fim do mundo  
 Chora quanto bem perdeste:  
 Jaz no campo, entregue á morte  
 Que falsa, ingrata lhe deste,  
 A flor da cavalleria  
 Com que te ensoberveceste.  
 A pena tem já da culpa  
 Que lhe assi favoreste,  
 Oh traidor de Mordereth,  
 Porque um tal rei vendeste?  
 Oh Bretanha desleal  
 Que grande traição fizeste,  
 A vinte quatro da Távola  
 Que por Ginebra escolheste.  
 A' demanda do Grial  
 Triste remate poseste;  
 Morto jaz de mil feridas,  
 E tu, soberba lh'as deste,  
 Dom Galvão tão animoso  
 Por quem mil glorias tiveste;  
 E matar Dom Galeazo  
 Ingrata como podeste?

Que em obras de fortaleza,  
Não sei se outro igual houveste!  
Pôde matar-te Bretanha  
Que tu tanto engrandeceste!  
Esforçado Flordemares,  
Que em forças mares venceste,  
A morte, que em defenderes  
Tal rei, d'ella padeceste.  
Oh animado Troyano,  
Nunca lh'o tu mereceste,  
Mal lhe merecias, mal  
O que d'ella recebeste.  
Palamedes, oh pagão  
Que nas armas floreceste:  
Dom Tristão de Leonís,  
Que por amores morreste.  
Em não morreres aqui  
Ditosa sorte tiveste,  
Tu, Lançarote do Lago  
Que as glorias de amor houveste;  
De damas servido, amado  
Da dona a quem mais quizeste,  
Com dano dos traydores  
A' morte a que te rendeste.  
Ficarás sem sepultura  
Co'a pena que mereceste  
Tu traidor Morderet  
Pois tal traição commetteste  
Aqui se acabou a gloria  
Quanta, Bretanha, tiveste:  
Em pago da qual a Arthur  
Nem a sepultura deste.  
Cá na Ilha de Avalom,  
Merlim, vergel lhe fizeste,  
Em que vive, e só salvall-o  
De affronta e morte podeste.

Como amigo que as más manhas  
 De Bretanha conheceste,  
 Mas n'algum tempo inda Arthur,  
 Bom Rei que desmereceste,  
 Bretanha virá a vingar-se  
 Da traição que lhe fizeste.

*Memorial das Proezas da Segunda Tavola Redonda, cap. III.*

**Romance ao modo hespanhol, com gentil arte e  
 disposição, sobre a Guerra de Troya.**

Naquelle montanha Ydée  
 Que Afrodísia frequentava,  
 Páris, aquelle pastor  
 A quem Enone amava,  
 Com ella de companhia  
 As feras bravas caçava,  
 As aves de mil maneiras  
 Armando laços tomava.  
 Antre murteiras, nos braços  
 Da Nimpha a sesta passava,  
 D'onde ter-lhe eterno amor  
 Muitas vezes lhe jurava ;  
 E de tel-a por senhora  
 Comsigo se vangloriava.  
 Aquelle que por ser justo  
 De hera os touros coroava,  
 Embaixada de Tronante  
 Mercurio lhe apresentava :  
 Pera julgar antre as Deosas  
 Que á discordia baralhava,  
 E de cada uma d'ellas  
 Promessas lhe apresentava,  
 Riqueza uma, outra victoria,  
 Venus formosura dava.

O justo pastor se incrina  
Ao que os olhos contentava,  
E quer ver núas as Deosas  
Que nada vêr lhe estorvava.  
Oh desenho temerario,  
Que tal perigo intentava,  
Com rasão e com desejo,  
Por Cytherêa julgava.  
E a Deosa satisfeita  
Da palavra penhorava:  
Enlevado na esperança  
Ênone já desprezava.  
Lagrimas por seu amor  
Em satisfação lhe dava:  
O seu descanso amoroso  
Por trabalhos o trocava.  
Venus cumpre sua promessa,  
Fortuna Ênone vingava,  
Com a fermosa Greciana  
A toda a Troya abrasava.  
E não lhe valeu Cassandra,  
Que furiosa o gritava,  
Que estes são os galardões  
Que amor vingativo dava.

*Memorial das Proezas, etc. cap. VIII*

---

### Romance da morte de Achilles, e desgraça de Policena.

Diante os muros de Troya  
Mui ufano passeava  
Achilles, o mui soberbo  
Que em seu peito a abrasava.  
A fermosa Policena

Antre as ameyas estava;  
E tal era a fermosura  
Com que d'ellas se estremava,  
Que ao romper per antre as nuvens  
A Aurora semelhava.  
O cruel inimigo os olhos  
A tal luz alevantava.  
De seus raios traspassado  
Dentro do peito se achava,  
Com a dor que na alma sente  
A falar-lhe se chegava;  
Mas a troyana princeza  
Que em extremo o desamava,  
Recolheu-se com gemidos  
Que a deoses apresentava,  
Pedindo-lhes a vingança  
Que ella a tomar não bastava.  
O cavalleiro indomavel  
Tam preso e triste ficava,  
Que com suspiros ao céo  
Sua dor manifestava:  
Já d'antes a tinha visto  
Quando ella Hector pranteava,  
Des então do seu amor  
Sua alma presa enxergava;  
De como pudesse havel-a  
Muitas contas só lançava.  
Como agora, amor repouso  
Nem soffrimento lhe dava,  
Soccorreu-se á esperanca  
Que a vida lhe sustentava;  
A Hecuba sua madre  
Tal mensagem ali mandava:  
Que se quer ver Troya livre  
Policena assegurava  
Que elle a fará descercar

Se por senhora lhe dava.  
Hecuba, que mais que a vida  
Vingar Hector desejava,  
Com Páris logo da morte  
De Achilles cruel tratava.  
Respondeu-lhe que se vissem  
No templo em que Apollo estava.  
Recebera Policena,  
Se a fé ante elle lhe dava ;  
E de imigo será filho,  
Se lhe Troya descercava.  
O triste amador que a via,  
Nem cem vidas estimava,  
A respeito do desejo  
Que Policena causava.  
Sem temer e sem receio,  
Sem cuidar que aventurava,  
Entregando-se á ventura  
E Amor que o guiava,  
Sem cautella e em seu conselho  
No templo de Apollo entrava.  
De gíolhos posto ante elle  
Muitas graças a amor dava.  
Páris, que com arco armado  
Escondido o esperava,  
Fazendo votos a Apollo  
Se lhe a seta endereçava,  
Em o vendo de gíolhos  
Muy prestes n'elle encarava ;  
Pola pranta do seu pé  
A vida lhe atravessava,  
Cae o triste namorado  
De quem tanto o desamava ;  
N'esta vingança de Hector  
Toda a Troya se alegrava

---

**Romance da morte de Policena para vingar  
os manes de Achilles.**

No templo de Apollo, Achilles  
Desprovido, namorado  
Jaz morto n'alma do pé  
De uma seta trespassado.  
E não lhe valeu no mar  
Por Thetis ser encantado,  
Aquelle que dos Troyanos  
Era temor e cuidado.  
Dos Gregos o defensor  
Pouca cinza já tornado,  
A pequena Úrna não enche  
Aquelle grande esforçado.  
Contem de sobre suas armas  
Todo capitão notado,  
A Thelamão e a Ulysses  
Todos o lugar tem dado.  
Não nas leva o cavalleiro  
E levou-as o avisado,  
A Troya é toda abrasada,  
O Illião derrubado.  
Querem-se partir os Gregos  
Não fica Achilles vingado.  
Da terra sae a sua sombra,  
E com o seu vulto ayrado,  
Como quando a Agamenão  
Tentou matar denodado:

«Quereis vos partir, (dizia)  
Grego exercito malvado?  
E fique eu na sepultura  
Sem vingança deshonorado.»

Pede Policena a alma  
De Achilles d'ella engeitado.  
Agora Pirho o soberbo  
Filho, do pae o traslado,  
Dos braços da triste mãy  
Que por todos tem chorado,  
Traz Policena ao sepulchro  
Virgem de animo estremado;  
E vendo Pirho, o cruel,  
Contr'ella determinado,  
Com rosto seguro, honesto,  
Fermoso, mas descorado,  
Diz: «Derrama o generoso  
Sangue real apurado:  
Farte-se a grega crueza  
Cumpra-se meu triste fado;  
Seja meu pescoço ou peito  
D'essa espada trespassado.  
Livre nasceu Policena,  
Servir outrem não lhe é dado.  
Não será com minha morte  
Algum idolo applacado,  
O coração só quizera  
Da minha mãe esforçado.  
O gosto da morte minha  
Esta dor m'o tem tirado:  
Deve chorar só sua vida  
E invejar meu estado.  
A filha do rei Priamo  
Sobre os reis afortunado,  
Vos roga que á triste mãe  
Seja seu corpo entregado;  
Não seja como o de Hector  
Por outro inda resgatado,  
Contentae-vos que com lagrimas  
A coitada o tem comprado.»



Isto disse, e de um só golpe  
Do cruel Pirho indomado,  
O peçoço cristalino  
Do corpo lhe foi apartado ;  
De recolher, em caindo,  
As fraldas, teve cuidado  
Por conservar o decoro  
Nas Virgens sempre estimado.

*Memorial, cap. xxxv.*

---

### Romance da Historia de Roma.

De ti casto Scipião  
Sofonisba ouvi queixar,  
Que foste imigo de amor  
Por querer d'ella triumphar.  
Na forte cidade Cirta  
Masenisa fôra entrar,  
E por teu mandado Sifax  
Seu marido foi matar.  
Com furia e odio imigo  
Nos seus paços fôra dar,  
Mas na mór força da furia  
Amor o pôde amansar :  
Dos encontros dos seus olhos  
O seu coração domar.  
De escrava feita senhora  
De quem vinha cativar,  
De eterno amor dada fé,  
As almas foram trocar :  
Lgrimas e fermosura  
Tudo puderam acabar.  
Sabido per Cipião  
Que amor não pôde abrasar,

Com coração deshumano,  
Com razões não de aceitar,  
A Masenisa escrevia  
Que lh'a mandasse entregar,  
Porque era imiga de Roma  
Da geração de Amilcar.  
Em grande affronta se vê  
Masenisa e gram pesar,  
O coração não lhe leva  
A' Sofonisba faltar.  
Cuidou um mui duro meio  
Pera haver de a libertar!  
Uma cópa de peçonha  
Lhe mandou appresentar,  
Em logar da liberdade  
Que lhe não podia dar.  
Sofonisba muy contente  
A bebeu sem receiar,  
Sentindo sómente a dor,  
Que se não pode escusar,  
Por amor da Masenisa  
Que vive pera a passar.  
Dizendo: «Por vós, amor,  
Me quero sacrificar,  
Não será d'outro cativa  
Quem toda se vos quiz dar.»  
Mal haja fortuna imiga  
Que tal amor foi cortar.

*Memorial, etc. cap. XIII.*

---

**Romance da vespera da batalha da Pharsalia**

De Roma sahe Pompeo,  
E toda Roma o seguia,  
Com temor de Julio Cesar  
Que de França já partia.  
O Robicão tem passado  
Contra Roma traz a via.  
Apesar do bom Metclo,  
Do thesouro se provia,  
Apoz Pompeo se vae,  
E Pompeo que o sabia,  
Em Brandusio se faz forte,  
E d'ali per mar fugia;  
Desamparando a Italia  
Defendel-a pertendia,  
De romanos e outra gente  
Grande exercito fazia;  
A Cesar dera batalha  
Se o seguira vencia,  
Por arredal-o do mar  
Fugir-lhe Cesar fingia:  
Ser arte de capitão  
Pompeo bem o entendia,  
A Cesar, contra o que entende,  
E a seu pesar, seguia.  
Já nos campos de Pharsalia  
Um contra o outro se via,  
Vendo-se chegado á summa  
Pompeo do que temia.  
Oh que grande senhorio  
O conjugal amor cria,  
Que só Cornelia é a causa  
Que reprime o que cumpria;

E' lhe forçado apartal-a,  
Dilata-o de dia em dia,  
No seu leito sem repouso  
Chorando, cá não dormia.  
Cornelia tem a seu lado  
Que animal-o commetia,  
De lagrimas suas faces  
Humidas ali sentia.  
Dissimula, cá não ousa  
Tomal-o em tal agonia,  
Parecendo-lhe que o magno  
Pompeo assi se abatia.  
Elle que a sente e entende  
Taes palavras lhe dizia :  
«Mulher, a que eu mais que a propria  
Vida, ditosa queria,  
Não esta que me aborrece  
Mas quando ledo vivia,  
E' vindo o tempo que eu triste  
Dilatado, e já não podia  
Cá Cesar está no campo  
E a batalha offerecia;  
Cumpre dar logar á guerra  
Mandar-te a Lesbos queria ;  
O al tenho a mi negado,  
Não cures de mais porfia,  
Este nosso apartamento  
Por muito pouco seria.  
Do teu verdadeiro amor  
Confiança não teria  
Se vêres esta batalha  
O coração t'o soffria.  
Corro-me de estar contígo  
Quando a guerra assi fervia ;  
Mais seguro é que de longe  
Ouças o que succedia,

Se me a fortuna fôr falsa  
E se me Cesar vencia!  
A melhor parte de mim  
Segurar, sequer, queria.  
Quero ter onde me ir possa  
Segurar minha agonia.»  
Cortada de mortal dor  
Cornelia, que isto ouvia,  
Esforçando-se com dor  
A triste assi respondia:  
— Dos deoses e da fortuna  
Já me queixar não podia,  
Pois per morte não me aparta  
Da conjugal companhia,  
Ser como vil engeitada  
De ti, d'isto me sentia.  
Cuidares que algum logar  
Sem ti me seguraria!  
E queres, se fôres morto,  
Que viva ainda algum dia?  
Já me ensinas a soffrer  
Dor que nem cuidar soffria:  
A mulher do gram Pompeo  
Esconder não se podia.  
D'onde se desbaratado  
Fôres, isto só pedia:  
Salva-te em toda outra parte  
E de Lesbos te desvia.»  
Partindo-se d'elle agora  
Um do outro não se espedia.  
A Lesbos se vae Cornelia  
Pompeyo logo a seguia.  
Vencido vae de seu sogro  
Tal Cornelia o recebia.  
«Esta é a minha fortuna  
Que me inda segue» dizia.

**Romance cantado a trez vozes, que se refere á  
morte do principe Dom Affonso, filho de El-  
rei Dom João II e seu unico successor.**

Principes e Emperadores  
 Que o mundo a sabor mandaes,  
 E tam pouco vos lembraes  
 Da róta da vida eterna!  
 A soberba que governa  
 Vossos peitos deshumanos,  
 Derruba os grandes tyrannos  
 Da mais alta monarchia:  
 Quem da fortuna se fia  
 Não lhe sabe a condição!  
 Soberba lançou Adão  
 Do Parayso deleitoso,  
 Ficando victoriosos  
 Do mundo o enganador.  
 Aquelle edificador  
 De Babel, que em competencia  
 Da eterna summa potencia  
 Presumiu d'ella isentar-se,  
 Cahiu por alevantar-se.  
 Apoz elle os successores  
 Assyrios emperadores  
 Que a fortuna sublimou,  
 Em breve os desapossou,  
 Sardanapalo o sentiu.  
 Dos Medos tambem se viu  
 Astiages, que cuidava  
 Que a seus fados atalhava  
 Com mandar matar o neto,  
 Cyro animoso e discreto  
 Que o despossou de seu estado,

E foi o Imperio passado  
Aos Persas, onde o perdeu  
Dario que desconheceu  
Vossa humana condição.  
E aquelle filho de Adão  
Que negou a natureza,  
Cuja soberba altiveza  
Teve em pouco e desprezou  
O mundo que conquistou,  
Sua cobiça atermada  
Foy com morte antecipada,  
Seu Imperio dividido.  
Cesar não menos temido  
Em confirmação d'este erro  
Foi morto dos seus a ferro.  
E todos quantos subiram  
Tyrannamente, caíram:  
Caíu Thebas, caíu Troya,  
Roma que levou a boya  
A toda potencia humana,  
Quando foi mais soberana  
Por si mesma se abateu,  
Que o mundo não concedeu  
Haver estado seguro:  
Por tanto quem quer ter muro  
Inexpunhavel, e um forte  
Que não entre humana sorte,  
Em Deos ponha a confiança,  
O fundamento, a esperança,  
Com verdade e com amor:  
D'onde tu, Rei Sagramor,  
No que ora vires, verás  
Exemplo que tomarás  
E te fique por aviso,  
Que todo o mundo é riso,  
Sem ter Deos por padroeyro,

Guia e norte verdadeiro.  
E verás um poderoso  
Rey prudente e justicoso  
Liberal, manso, benigno,  
Que em Deos tem posto seu tino,  
Christianissimo, cremente,  
Nos desgostos paciente,  
Sesudo em prosperidade.  
Soffreu na adversidade,  
De David claro traslado,  
Que sendo de Deos tocado  
Per vezes, em seu louvor  
Converte sempre sua dor ;  
A paciencia lhe sobeja,  
D'onde fortuna, de inveja,  
Quando mais contente o viu  
E descuidado o sentiu,  
De si mesma á traição  
Poz-lhe o Reyno em condição  
De fazer termo mortal,  
E acabar-se Portugal :  
O bom Rey, que assi o temia,  
A seu Deos se convertia,  
E com seu povo gemendo  
Confiança n'elle tendo,  
De um phenix que vivo ardeu  
Logo outro phenix nasceu  
Por Deos a Portugal dado,  
Pera ser mais exalçado  
Que Israel per Salamão.  
Taes pronosticos nos dão  
Os aspeitos celestiaes,  
E seus principios reaes,  
Como foram trabalhosos  
Assi hão de ser famosos  
Os meios e fins da vida,



Que longa lhe é concedida ;  
Cá o que se dá sopesado  
Dos céos sempre foi estremado,  
Tam beninas as estrellas  
Lhe serão, que suas velas  
No mundo sejam espanto,  
E elle, outro Affonso sancto  
Que o Reyno renovará,  
E os termos lhe augmentará  
Muyto melhor do que eu canto.

*Memorial das proezas, cap. 46.*

---

### Romance á morte do Principe D. João.

Soberbo está Portugal  
Em sua gloria enlevado,  
Vê-se de um rei sabedor  
Mimoso e bem governado.  
O mundo todo anda em guerras  
Injustas mui baralhado :  
Elle só estava em remanso  
Seguro e mui descansado,  
Plantando antre os infieis,  
Pendões do Crucificado,  
Por capitães animados  
Que os levam per seu mandado.  
E como Deos de taes obras  
Folga ver-se penhorado,  
C'os olhos em Portugal  
Está sempre occupado.  
E como filho mimoso  
De quem não perde o cuydado,  
Porque nam se ensoberbeça

Em se vêr tão prosperado,  
Na força das suas glorias  
No tempo mais festejado,  
D'antre os olhos lhe tirava  
O seu Principe estremado.  
Vendo no pae paciencia  
Pera ser mais apurado,  
Dá graças ao Criador  
Inda que desconsolado.  
A menina que seu amor  
Em flor assi viu cortado,  
Vencida com soffrimento  
A dor do amor encortado,  
No peito se abraza em magoa  
O rosto mostra esforçado;  
O coração lhe dizia  
O mal de que era assombrado,  
Entende, sofre e gemia,  
Padece e maldiz seu fado.  
A si mesmo se esforçava  
E fazel-o era forçado,  
Por dar esforço e consolo  
A um pae desconsolado,  
E pera poupar o fructo  
Do seu amor desejado.  
Oh animosa princeza,  
Quanto vos fica obrigado  
Um reino, que destruido  
Por vós ficou restaurado!  
Esforça-te, Portugal,  
Pois já te vês melhorado.  
De um Rey que antre os Reys  
Estremo será chamado.

## LUIZ DE CAMÕES

**Endechas a Barbara escrava**

Aquella cativa,  
Que me tem cativo,  
Porque n'ella vivo,  
Ja não quer que viva.  
Eu nunca vi rosa  
Em suaves mólhos,  
Que para meus olhos  
Fosse mais formosa.

Nem no campo flores,  
Nem no céo estrellas,  
Me parecem bellas,  
Como os meus amores.  
Rosto singular,  
Olhos socegados,  
Pretos e cansados  
Mas não de matar.

Uma graça viva,  
Que n'elles lhe mora,  
Para ser senhora  
De quem é cativa.  
Pretos os cabellos,  
Onde o povo vão,  
Perde opinião,  
Que os loucos são bellos.

Pretidão de amor  
Tão doce a figura,  
Que a neve lhe jura  
Que trocara a côr.

Léda mansidão  
Que o siso acompanha,  
Bem parece estranha,  
Mas barbara não.

Presença serena  
Que a tormenta amansa :  
N'ella em fim descansa  
Toda minha pena.  
Esta é a cativa,  
Que me tem cativo ;  
E pois n'ella vivo,  
E' força que viva.

---

### Mote

Descalça vae para a fonte  
Leonor pela verdura ;  
Vae formora, e não segura.

### VOLTAS

Leva na cabeça o pote,  
O testo nas mãos de prata,  
Cinta de fina escarlata,  
Sainho de chamalote :  
Traz a vasquinha de cote,  
Mais branca que a neve pura ;  
Vae formosa e não segura.

Descobre a touca a garganta,  
Cabellos de ouro entrançado,  
Fita de côr de encarnado,  
Tão linda que o mundo espanta :  
Chove n'ella graça tanta  
Que dá graça á formosura ;  
Vae formosa e não segura.

## FRANCISCO RODRIGUES LOBO

## Cantiga

Descalsa vae para a fonte  
Leonor pela verdura,  
Vae fermosa e não segura.

## VOLTAS

A talha leva pedrada,  
Pucarinho de feição,  
Saia de côr de limão,  
Beatilha suqueixada:  
Cantando de madrugada,  
Pisa as flores na verdura,  
Vae fermosa e não segura.

Leva na mão a rodilha,  
Feita de sua toalha,  
Com uma sustenta a talha,  
Ergue com outra a fraldilha:  
Mostra os pés por maravilha,  
Que a neve deixam escura;  
Vae fermosa e não segura.

As flores, por onde passa,  
Se o pé lhe acerta de pôr,  
Ficam de inveja sem côr,  
E de vergonha com graça.  
Qualquer pegada que faça  
Faz florescer a verdura;  
Vae fermosa e não segura.

Não na vêr o sol lhe val,  
Por não ter novo inimigo;

Mas ella corre perigo,  
Se na fonte se vê tal.  
Descuidada d'este mal  
Se vae vêr na fonte pura,  
Vae fermosa e não segura.

*Obras compl. Ecl. x, p. 651.*

---

### Cantiga

Antes que o sol se levante,  
Vae Violante a vêr o gado ;  
Mas não vê sol levantado  
Quem vê primeirô a Violante.

#### VOLTAS

He tanta a graça que tem  
Com uma touca mal envolta,  
Manga da camisa solta,  
Faixa pregada ao desdem ;  
Que se o sol a vir diante,  
Quando vae munir o gado,  
Ficará como enleado  
Ante os olhos de Violante.

Descalsa ás vezes se atreve  
Ir em mangas de camisa ;  
Se entre as ervas neve pisa  
Não se julga qual é neve ;  
Duvida o que está diante,  
Quando a vê munir o gado,  
Se é tudo leite amassado,  
Se tudo as mãos de Violante.

Se acaso o braço levanta,  
Porque a beatilha encolhe,

De qualquer parte que a olhe  
Leva a alma na garganta.  
E inda que o sol se alevant  
A dar graça e luz ao prado,  
Já Violante lh'a tem dado,  
Que o sol tomou de Violante.

*Idem, p. 653.*

---

### Romance do Desenganado

Sobre as aguas vagarosas  
Que o Tejo já traz cansadas  
De abrandar duros penedos,  
E de romper serras altas :  
Perto d'onde o mar oceano  
Lhe offerece livre entrada,  
Dando ás crystallinas ondas  
Livres e douradas praias :  
Leva o pescador sereno  
Com rôtas redes a barca,  
Tam perseguida dos ventos  
Quanto de amar sustentada ;  
E por que o leva forçado  
Sua virtude contraria,  
Desterrado do seu Lena,  
E de sua amada patria,  
Já o vento o favorece  
E o mar lhe mostra bonança,  
Porque para a desventura  
A ventura nunca falta.  
E ao som que os duros remos  
Fazem dividindo as aguas,  
Derramando-as de seus olhos,  
Vae dizendo estas palavras :

«Fermosas aguas do Tejo,  
Do mundo tão celebradas,  
Morada de tantas nymphas,  
E inveja de outras tantas ;  
Este corpo que amparaes,  
Que persegue a sorte ingrata,  
Dae-lhe vós a sepultura,  
Que é corpo que vac sem alma.  
Mil annos vivi sem tel-a,  
Por poder de uma esperança  
Enganada da ventura,  
Que tam facilmente engana.  
Causa foi da minha morte  
Lisêa, e melhor se acclara  
Que, pois tanto amei Lisêa,  
Eu fui de meu mal a causa.  
O espirito com que vivo  
E' de um tormento que mata,  
Que os males aonde ha firmeza  
Nem com a vida se acabam.  
Junto então do rio Lis  
Meu rebanho apacentava,  
Fiz-me pescador do Lena  
Provei a sorte em mudanças.  
Só no mal achei firmeza,  
Sei do bem quam cedo passa,  
E sei que a quem muda a vida  
Se muda mas não se acaba.  
Sei que vive um corpo morto  
Por milagre de esperanças,  
E que o mal ainda sustenta  
Quando as esperanças faltam.  
Se em vós móra piedade  
'Nessas humidas entranhas,  
Dae fim a meus tristes dias,  
E a vosso nome esta fama:



— Contra o poder da ventura  
Empregada em um sujeito,  
De um fogo de amor perfeito  
Aguas foram sepultura.»

*Romances, 2.ª parte, p. 722.*

---

## DOM FRANCISCO DE PORTUGAL

### Romance pastoril.

Deixou de ir Leonor á fonte,  
Por ver damas estrangeiras,  
Não para vir invejosa,  
Mas para matar de inveja.  
Mais que a vêr foi a ser vista,  
Que como novas estrellas,  
Não ha olhos que os seus levem,  
Alma que a sua não seja.  
De vinte e quatro alfinetes,  
Como dizem, foi a festa,  
Que muito que pique a muitos  
Quem tanto alfinete leva?  
Saia de palmilha azul,  
Que tudo são palmas n'ella,  
Que é bem que vista do céu  
O mór milagre da terra.  
Gibão de cannequim fino  
Que desconfiado confessa:  
Aqui jaz em neve um fogo  
Que o meu branco em branco deixa.  
Beatilha, melhor que ouro  
Encobre um par de madeixas,  
Alcaide de liberdades  
Que só soltando condemna.

Fita verde que entre raios  
Com perigos lisongeia,  
Inda que negue esperança  
Quando só mortes promete.  
O desprezo dos cathurnos  
De umas sapatas vermelhas,  
Purpura de unido aljofar,  
Nacar de animadas perolas,  
Tantas perfeições airosas  
Em naturaes extranhezas,  
Tanto computo artificio  
No descuido de ser bella;  
Aquelles olhos rasgados,  
Em que amor faz por mór guerra,  
Cada sobranceira um arco,  
Cada pestana uma setta.  
Aquelle engraçado riso,  
Que por crystaes de Veneza,  
Com gloria brinda as vontades,  
Sêde mortal que deleita.  
Em casa de um mercador  
Na rua nova á janella,  
Sem si Leonor estava  
Formosa ouvindo estas queixas:

Quebrou Leonor  
O pote na fonte,  
E deitou-lhe os testinhos tão longe?

Sem seu bem mais suspirado  
D'onde estava d'este modo  
A si o descuido todo,  
E a seu mal todo o cuidado.  
O peito tinha abrazado  
Tendo nos olhos a fonte,

E deitou-lhe os testinhos  
Mana, tão longe.

Diria quem a assim visse  
Que eram pedras que atirava,  
Porque tanto quanto amava  
Tanto tinha de doudice.  
E para que mais sentisse  
Seu sentido está na fonte,

E deitou-lhe os testinhos,  
Mana, tão longe.

---

### BALTHASAR DIAS

#### *Romance do Marquez de Mantua e do Imperador Carlos Magno.*

(Introdução recolhida pelo Cavalheiro de Oliveira)

Na caça andava perdido  
De Mantua o velho Marquez,  
E no peito pressentido  
O coração traz d'envez ;  
Mas não sabe o succedido !  
Farto já de caminhar  
Por tão fragosa montanha,  
Cansado assim sem companhia,  
Sem ter onde repousar  
'Nessa terra tão extranha,  
Vendo o mato tão cerrado,  
Assentou de se apear,  
E o seu cavallo deixar,  
Porque estava de cansado  
Que já não podia andar.

Marquez : Fortunosa caça é esta  
Que fortuna me ha mostrado,  
Pois que por ser manifesta  
Minha pena, e gram cuidado,  
Me mostrou esta floresta.  
Nunca vi tão forte brenha  
Desque me acórdo de mi ;  
Eu creio, que Margasi  
Fez esta serra d'Ardenha,  
Estes campos de Methli.  
Quero tocar a bosina  
Por vêr se alguem me ouvirá ;  
Mas cuido, que não será,  
Porque minha gram mofina  
Commigo começou já.  
Todavia quero vêr  
Se mora alguem n'esta serra,  
Que me diga d'esta terra,  
Cuja é para saber ;  
Que quem pergunta não erra.  
Por demais é o tanger  
Em logar deshabitado,  
Onde não ha povoado,  
Nem quem possa responder,  
Ao que lhe fôr perguntado.  
Gram mal é o caminhar  
Por tão fragosa montanha,  
Caçado assim sem companhia,  
Nem tendo onde repousar  
N'esta terra tão extranha.  
Vejo o matto tão cerrado,  
Que fiz bem de me apear,  
E meu cavallo deixar,  
Porque estava tão caçado,  
Que já não podia andar.  
Agora vejo-me aqui

N'esta tão grande espessura,  
Que nem eu me vejo a mi,  
Nem sei de minha ventura.  
Nem menos será cordura,  
Repousar n'este logar,  
Nem sei d'onde possa achar  
Descanço á minha tristura.

Valdevinos: Oh Virgem minha senhora,  
Madre do rei da verdade,  
Por vossa gram piedade  
Sêde minha intercessora  
Em tanta necessidade.  
Oh summa Regina pia,  
Radiante luz phebea,  
*Custodia animæ mea,*  
Pois está na terra fria  
A alma de pezar cheia.  
Pois és amparo dos teus,  
Consola os desconsolados,  
Rainha dos altos céos,  
Rogae a meu senhor Deos,  
Que perdoe meus peccados.

Marquez: Não sei quem ouço chorar  
E gemer de quando em quando!  
Alguem deve aqui estar...  
Segundo se está queixando,  
Deve ter grande pesar.

Valdevinos: *Domine momento mei,*  
Lembrae-vos de minha alma,  
Pois que sois da gloria Rei  
Nascido da flor da palma,  
Remedio da nossa Lei.

**Marquez :** Segundo d'elle se espera,  
Aquelle homem anda perdido,  
Ou por ventura ferido  
De alguma d'estas féras.  
Quero vêr este mysterio,  
Que a fala me dá ousadia :  
Porque dois em companhia  
Tem mui grande refrigerio  
Para qualquer agonia.

**Valdevinos :** Oh minha esposa e senhora,  
Já não tereis em poder  
Vosso esposo que assim chora,  
Pois a morte roubadora  
Vos roubou todo o prazer.  
Oh vida de meu viver,  
Resplandecente narcizo,  
Gram pena levo em saber,  
Que nunca vos heide ver  
Até o Dia de Juizo.  
Oh esperança, por quem  
Tinha victoria vencida !  
Oh minha gloria, meu bem ;  
Porque não partís tambem,  
Pois que sois a minha vida?  
Se não fôr vossa vontade  
De haver de mim compaixão,  
Mandae-me meu coração,  
Minha fé e liberdade,  
Que está em vossa prisão.  
Madre minha muito amada,  
Que é do filho que paristes  
De quem ereis consolada ?  
Como se ha tornado nada  
Quanta gloria possuistes ?  
Já me não vereis reinar,

Já me não dareis conselho;  
Nem eu o posso tomar,  
Que quebrado é o espelho,  
Em que vos sabeis olhar.  
Já nunca me haveis de vêr  
Fazer justas e torneios,  
Nem vestir nobres arreios,  
Nem Cavalleiros vencer,  
Nem tomar bandos alheios.  
Já não tomareis prazer  
Quando me virdes armado,  
Já vos não virão dizer  
A fama de meu poder,  
Nem louvar-me de esforçado.  
Oh valentes Cavalleiros,  
Reinaldos de Montalvão,  
Oh esforçado Roldão,  
Oh Marquez Dom Oliveiros,  
Dom Ricardo, Dom Dudão,  
Dom Gaiferos, Dom Beltrão,  
Oh Grão Duque de Milão,  
Que é da vossa companhia  
Duque Maimé de Baviera,  
Que é de vosso Valdevinos?  
Oh esforçado Guarinos,  
Quem comsigo vos tivera!  
Meu amigo Montesinhos,  
Já nunca mais vos verei;  
Dom Alonso de Inglaterra,  
Já não acompanharei  
O Conde Dirlos na guerra.  
Oh esforçado Marquez  
De Mantua, teu senhorio,  
Já não me poreis arnez,  
Nem me vereis outra vez  
Gozar vosso poderio.

Já não quero vosso estado,  
Já não quero ser pessoa,  
Nem mandar, nem ter reinado,  
Já não quero ter corôa  
Nem quero ser venerado.  
Oh Carlos Imperador,  
Senhor de mui alta sorte,  
Como sentireis grão dôr  
Sabendo da minha morte,  
E quem d'ella é causador !  
Bem sei, se for informado  
Do caso como passou,  
Que serei mui bem vingado,  
Ainda que me matou  
Vosso filho mui amado.  
Oh Principe Dom Carloto,  
Quem, sendo tão desigual,  
Te moveu a fazer mal  
Em um logar tão remoto  
A teu amigo leal?  
Alto Deos omnipotente,  
Juiz direito sem par,  
Sobre essa morte innocente  
Justiça queiraes mostrar,  
Pois morro tão cruelmente.  
Oh madre de Deos benigna,  
E fonte de piedade,  
Arca da santa Trindade,  
De donde o Verbo divino  
Trouxe sua humanidade.  
Oh Santa *Dómina mea*,  
Oh Virgem *gratia plena*,  
Em que a alma se recreia  
Dá remedio á minha pena,  
Pois que morro em terra alheia.



Marquez : Senhor, porque vos queixaes ?  
Quem vos tratou de tal sorte ?  
E quem é o que tal morte  
Vos deu, como publicaes,  
Que assás é esta má sorte !  
Não me negueis a verdade,  
Conta-me vosso pezar,  
Que vos prometto ajudar  
Com toda a força e vontade.

Valdevinos : Muito me agasta, amigo,  
Certamente teu tardar,  
Dize se trazes contigo,  
Quem me haja de confessar ?

Marquez : Eu não sou quem vós cuidaes ;  
Nunca comi vosso pão,  
Mas vossos gritos e ais  
Me trouxeram aonde estaes  
Mui movido á compaixão.  
Dizei-me vossa agonia,  
Que, se remedio tiver,  
Eu vos prometto fazer  
Com que tenhaes alegria.

Valdevinos : Meu senhor, muitas mercês  
Por vossa bôa vontade !  
Bem creio, que me fareis  
Muito mais do que dizeis,  
Segundo vossa bondade.  
Mas minha dor é mortal,  
Meu remedio só é morte,  
Porque estou parado tal,  
Que nunca homem mortal  
Foi tratado de tal sorte.  
Tenho, senhor, vinte e duas

Feridas todas mortaes,  
As entranhas rotas e nuas,  
E passo penas tão cruas,  
Que não poderão ser mais.  
Ha-me morto á traição  
O filho do Imperador,  
Carloto a gram sem razão;  
Mostrando-me todo o amor,  
Não o tendo no coração.  
Muitas vezes requeria  
Minha esposa com maldade,  
Mas ella não consentia,  
Pelo bem que me queria,  
Por sua grande bondade.  
Carloto com grão pezar  
Como mais traidor, que forte,  
Ordenou de me matar,  
Cuidando com minha morte  
Com ella haver de casar.  
Matou-me com gram falsia,  
Trazendo cinco comsigo,  
Sem eu trazer mais commigo,  
Que um pagem por companhia.  
A mim chamam Valdevinos,  
Sou filho de El-Rei de Dacia,  
E primo de El-Rei de Grecia,  
E do forte Montesinos  
Que é herdeiro de Dalmacia;  
Dona Hermelinda formosa  
Minha madre natural,  
Sibylla minha esposa,  
De graças especial,  
Mas com primores famosa.  
Esta nova contareis  
A' triste de minha madre,  
Que em Mantua achareis,

E ao honrado Marquez  
Meu tio, irmão de meu padre.

Marquez : Oh desastrado viver,  
Oh amargosa ventura,  
Oh ventura sem prazer,  
Prazer cheio de tristura,  
Tristura que não tem ser.  
Oh desventurada sorte,  
Oh sorte sem sofrimento,  
Desamparado tormento,  
Dôr muito peor que a morte,  
Morte de desabrimento!  
Oh meu sobrinho, meu bem,  
Minha esperança perdida!  
Oh gloria que me sustem,  
Porque vos partis de quem  
Sem vós não terá mais vida?  
Oh desventurado velho,  
Captivo sem liberdade!  
Quem me póde dar conselho,  
Pois perdido é o espelho  
De minha gram claridade.  
Oh minha luz verdadeira,  
Trévas do meu coração,  
Penas da minha paixão,  
Cuidado que me marteira,  
Tristeza de tal traição!  
Porque não queres falar  
A este Marquez coitado,  
Que tio sohieis chamar?  
Falae-me, sobrinho amado,  
Não me façaes rebentar.

Valdevinos : Meu tormento tão molesto  
Me faz não vos conhecer,

Nem na fala, nem no gesto ;  
Nem entendo vosso dizer,  
Se não fôr mais manifesto.  
Estou tão posto no fim,  
Que não sei se sou alguém,  
Nem menos conheço a mi ;  
Pois quem não conhece a si  
Mal conhecerá ninguém.

Marquez : Como não me conheceis  
Meu sobrinho Valdevinos ?  
Eu sou o triste Marquez,  
Irmão de El-Rei Dom Salinos,  
Que era o pae que vos fez.  
Eu sou o Marquez sem sorte,  
Que devêra rebentar  
Chorando a vossa morte,  
Por com vida não ficar  
N'este mundo sem de porte.  
Oh triste mundo coitado,  
Ninguém deve em ti fiar  
Pois és desaventurado,  
Que o que tens mais exaltado  
Mór quêda lhe fazes dar.

Valdevinos : Perdoae-me, senhor tio,  
A minha descortezia,  
Que a minha grande agonia  
Me pôz em tanto desvio,  
Que já vos não conhecia.  
Não me queiraes mais chorar,  
Deveis de considerar  
Que para isso é o mundo ;  
Que dobraes meu mal profundo,  
Para bem é mal passar:  
E bem sabeis que nascemos,

Para ir a esta jornada,  
E que quanto mais vivemos,  
Maior offensa fazemos  
A quem nos criou de nada.  
Assim que necessidade  
Não tendes de me chorar,  
Pois que Deos me quiz levar  
No melhor de minha idade,  
Para mais me aproveitar.  
Mas o que haveis de fazer,  
É por minha alma rogar,  
Porque o muito chorar  
A' alma não dá prazer,  
Mas antes mui grão pesar.  
Quero-vos encommendar  
Minha esposa e minha madre,  
Pois que não tem outro padre,  
Que as haja de amparar,  
Senão vós, como é verdade.  
Mas o que me dá paixão  
Em esta triste partida,  
É morrer sem confissão,  
Mas se parto d'esta vida,  
Deos receberá a tenção.

(Vem o Ermitão e o Pagem)

Ermitão: A paz de Deos sempiterno  
Seja comvosco irmão,  
Lembrae-vos da sua paixão  
Que, por nos livrar do inferno,  
Padeceu quanto a varão.

Valdevinos: Com cousa mais não folgára  
Dê que vê-lo aqui chegado,

Padre de Deos enviado,  
Que se um pouco mais tardara,  
Não me achára n'este estado.

Pagem : Oh que desastrada sorte  
Meu senhor Dones Ogeiro !  
Olhae vosso escudo forte  
Olhae, senhor, vosso herdeiro,  
Em que extremo o pôz a morte.  
Oh desditoso caminho,  
Caça de tanto pezar,  
Que cuidando de caçar,  
A morte a vosso sobrinho  
Viestes, senhor, buscar.

Ermittão : A gram pressa que trazia,  
Não me deu, senhor, logar,  
De conhecer, nem falar  
A vossa gram senhoria.  
N'este erro se ha culpa,  
Peço-lhe d'elle perdão,  
Ainda que a discrição  
Sua me dará desculpa.

Marquez : Rogae a Deos Padre honrado,  
Que me queira dar paciencia,  
Que o perdão é escusado,  
Porque vossa diligencia  
Vos não deixa ser culpado.

Ermittão : O filho de Deos enviado  
Vos mande consolação!  
E pois que aqui sou chegado  
Quero ouvir de confissão  
Este ferido e angustiado.  
Coisa é mui natural

A morte a toda a pessoa,  
A todo o mundo em geral,  
Pois que a nenhum perdôa,  
Não a tenhamos por mais.  
Porque o peccado de Adão,  
Foi tão fero e de tal sorte,  
Que não só por perdição.  
Mas Deos, que é salvação,  
Quiz tambem receber morte.  
E por tanto, filho meu,  
Não se deve de espantar,  
Da morte que Deos lhe deu,  
Pois que em provimento seu,  
Lh'a deu o para salvar.  
Lembre-lhe sua paixão:  
Veja este mundo coitado,  
E não o engode o malvado,  
Que não dá por galardão  
Senão tristeza e cuidado.  
Em quanto, filho, tem vida,  
Chame a Madre de Deos,  
Aquella que foi nascida,  
Sem peccado concebida,  
E coroada nos céos.  
Esta foi santificada,  
E visitada dos Anjos;  
E em corpo e alma levada  
A' gloria, onde exaltada  
Lá está sobre os archanjos.  
Assim, que ao Redemptor,  
E a esta Virgem sem par  
Se hade, filho, encommendar,  
Depois que os santos fôr  
Sua vontade chamar.  
As mãos levante aos céos,  
Faça confissão geral,

Confessando-se a Deos,  
E á Virgem celestial,  
E a todos os santos seus.

Marquez : Oh bonancia aborrecida,  
Oh desastrada fortuna !  
De prazeres gram tribuna !  
Porque não desamparaes  
A quem sois tam importuna?  
Tristeza, desconfiança,  
Porque não desesperaes  
A quem não tem confiança?  
Conta-me, pagem Burlor,  
O caso como passou,  
Quem foi aquelle traidor  
Que matou vosso senhor,  
Ou porque causa o matou.

Pagem : Seria mui mal contado  
Se a sua gram Senhoria  
Não contasse o que é passado.  
Eu sei certo que faria,  
O que não é esperado  
Contra quem me deu estado,  
E ha feito tantas mercês,  
Que nunca meu pae me fez,  
Que é meu senhor amado,  
E mais vós, senhor Marquez.  
Estando pois em Paris,  
O filho do Imperador,  
Mandou chamar meu senhor  
Nos paços da Imperatriz ;  
Falaram muitos a sabor,  
O que falaram não sei,  
Senão que logo n'essa hora  
Sem fazerem mais demora,



Com quatro detraz de si  
Foram da cidade fóra,  
Armados secretamente,  
Segundo depois ouvi.  
Partimos todos d'aí.  
E Dom Carloto presente,  
Tambem armado outrosi.  
E tanto que aqui chegaram,  
N'este valle de pezar  
Todos juntos se apearam,  
E fizeram-me ficar  
Com os cavallos que deixaram.  
E logo todos entraram  
Em este esquivo logar,  
Onde meu senhor mataram;  
E depois de o matar,  
Nos cavallos se tornaram;  
Como eu os vi tornar,  
Sentindo muito tal dôr,  
Temendo de lhe falar,  
Não usei de perguntar  
Onde estava meu senhor.  
Vendo-os assim caminhar,  
Porque nenhum me falava,  
Quiz a meu senhor buscar,  
Porque o coração me dava  
Sobresaltos de pezar.  
Não o podia topar,  
Porque a grande espessura  
E a noite medrosa, escura  
Me fazia não o achar:  
Do que tinha gram tristura.  
Buscando-o com gram paixão,  
N'aquelle logar remoto  
O achei d'esta feição.  
Disse como á traição

O matára Dom Carloto.  
Perguntei porque rasão?  
Triste, cheio de agonias,  
Disse-me com afflicção:  
«Vae-me buscar confissão,  
Já se acabaram meus dias.»  
Como taes novas ouvi,  
Com grande tribulação  
E pezar de vél-o assi,  
Me parti logo d'aqui  
A buscar esse Ermitão.  
Isto é, senhor, o que sei  
D'este caso desastrado,  
Quanto me ha perguntado,  
Outra cousa não direi  
Mais do que lhe hei contado.

Marquez: Quando sua magestade  
Justiça me não fizer  
Com toda a rigoridade,  
A' força de meu poder  
Cumprerei minha vontade.

Ermitão: Já, senhor, se ha confessado,  
E fez actos de christão;  
Morre com tal contricção,  
Que eu estou maravilhado  
De sua gram discrição.  
Muito não pode tardar,  
Segundo n'elle senti:  
Acabei de lhe falar,  
Porque lhe quero resar  
Os psalms de el-rei David.

Valdevinos: Não tomeis, tio, pezar,  
Que me parto de vos ver

Para nunca mais tornar;  
Pois Deos me manda chamar  
E não posso mais fazer.  
Torno-vos a encommendar  
Minha esposa e minha mãe,  
Que as queiraes consolar,  
E ambas as amparar,  
Pois que não tem outro pae.

Oração de Valdevinos:

Em as tuas mãos, Senhor,  
Encommendo meu espirito;  
Pois que és Salvador meu,  
Meu Deos, e meu Redemptor,  
Não me falte favor teu;  
Pois, Senhor, me redemiste,  
Como Deos, que és de verdade,  
Senhor de toda a piedade,  
Lembra-te d'esta alma triste  
Cheia de toda a maldade.  
Salve, Senhora benigna,  
Madre de misericordia,  
Paz de nossa gram discordia,  
Dos peccadores mesinha;  
Vida doce e concordia,  
*Spes nostra*, a ti invocamos,  
Salva-nos da escura treva.  
A ti, Senhora, chamamos  
Desterrados filhos de Eva;  
A ti, Virgem, suspiramos  
A ti gemendo e chorando  
Em aqieste lagrimoso  
Valle sem nenhum repouso,  
Sempre Virgem, a ti chamamos,  
Que és nosso prazer e gôso.

Ora pois, nossa advogada,  
Amparo da christandade,  
Volve os olhos de piedade  
A mim, Virgem consagrada,  
Pois que és nossa liberdade.  
Dá-me, Senhora, virtude  
Contra todos meus inimigos,  
Pois que és a nossa saúde,  
Eu te rogo, que me ajudes  
Nos temores e perigos;  
Roga tu por mim, Senhora,  
Oh santa madre de Deos,  
A quem minha alma adora,  
Pois és rainha dos céos,  
E dos anjos superiora.

(Aqui expira Valdevinos)

Marquez : Oh triste velho coitado!  
Oh câs cheias de tristeza!  
Oh doloroso cuidado!  
Oh cuidado sem ventura,  
Sem ventura desterrado!  
Quebrem-se minhas entranhas  
Rompa-se meu coração  
Com minha tribulação.  
Chorem todas as campanhas  
Minha grande perdição;  
Escura-se ó sol com dó,  
Caíam estrellas do céo,  
As trevas de Faraó  
Venham já sobre mim só,  
Pois minha luz se perdeu  
Na luz de mui claro dia;  
Claridade, sem clareza,  
Minha doce companhia,

Onde está vossa alegria,  
 Que me deixa tal tristeza?  
 Oh velhice desastrada,  
 Sem gloria e sem prazer,  
 Para que me deixaes scr,  
 Pois que sendo, não sou nada,  
 Nem desejo de viver?  
 Porque não vens, padecer,  
 Porque não vindes, tormentos?  
 Para que são soffrimentos,  
 A quem os não quer já ter,  
 Nem busca contentamentos?  
 Para que quero rasão  
 Para que quero prudencia,  
 Nem saber, nem discrição?  
 Para que é paciencia,  
 Pois perdi consolação?

Pagem · Oh meu senhor muito amado,  
 Porque vos tornastes pó!  
 Porque me deixastes só  
 Em este mundo coitado  
 Com tanta tristeza e dó?  
 Leváreis-me em companhia,  
 Pois sempre vos tive, vivo.  
 Oh minha grande alegria,  
 Porque me deixaes captivo,  
 Mettido em tanta agonia?  
 Meu senhor, minha alegria  
 Dizei, porque nos deixaes  
 Com tanta pena notoria!  
 Lembrae-vos, tende memoria,  
 De quantos desamparaes.  
 Oh sem ventura Burlor!  
 De quem serás amparado,  
 De quem terás o favor

Que tinhas do teu senhor,  
Pois que já te ha faltado ?

Ermitão: Não tomeis, filho, pezar  
Pois claramente sabeis,  
Que pelo muito chorar  
Não cobraes o que perdeis.  
Deveis, filho, de cuidar,  
Que nossa vida é um vento  
Tão ligeiro de passar,  
Que passa em um momento  
Por nós, assim como o ár.  
Quem viu o senhor Infante,  
Tão pouco ha, fazer guerra,  
E ser n'ella tão possante,  
E agora em um instante,  
Ser tornado escura terra,  
Diria com gram rasão  
Que este mundo coitado  
Não dá outro galardão,  
Senão tristeza e paixão,  
Como a vós outros foi dado.  
Olhae, el-rei Salomão  
O galardão que lhe deu:  
A Amão, e Absalão,  
E ao valente Sansão,  
E ao forte Macabeu.  
Em a Sacra Escriptura  
Muitos mais podia achar,  
Se os quizesse contar ;  
Mas vossa grande cordura  
Suprirá donde faltar,  
E pois que não tem já cura  
O mal feito e o passado,  
Cesse a vossa tristura,  
E demos á sepultura

Este corpo já finado.  
 Levemol-o onde convém  
 Para que seja enterrado;  
 E pode bem ser guardado  
 N'aquella ermida que vêem,  
 Até ser embalsamado.

(Aqui levam a Valdevinos á Ermida, e entra o Imperador e conde Ganalão)

Imperador : Certo, Conde Ganalão,  
 Muito gram perda perdemos,  
 Pêza-me no coração,  
 Porque na côrte não temos  
 Reinaldos de Montalvão,  
 Nem o Conde Dom Roldão,  
 Nem o Marquez Oliveiros,  
 Nem o Duque de Milão,  
 Mem o Infante Gaifeiros,  
 Nem o forte Meredião.

Ganalão : Muito alto Imperador,  
 Muito estou maravilhado  
 Porque mostraes tal favor  
 A quem vos ha deshonrado  
 Com tanta ira e rigor,  
 Que, chamando-se Almansor,  
 Com o seu rosto mudado  
 Aquelle falso traidor  
 Com mui grande deshonor,  
 Quiz deshonrar vosso estado :  
 Porque, senhor, não sentís,  
 Que este malvado ladrão  
 Vos prendeu de sua mão  
 Tomando-vos a Paris  
 Com muito grande traição?  
 Pondo-vos em Montalvão

Apesar de vosso imperio,  
 Onde com gram vituperio  
 Estivestes em prisão,  
 Sem ter nenhum refregerio?

Imperador: Verdade é isso, cunhado,  
 Porém deveis de saber  
 Que em Reinaldos me prender  
 Eu mesmo sou o culpado:  
 Isto bem o podeis crêr.  
 Se então me quiz offender  
 Não é muita maravilha,  
 Pois já me quiz guarnecer  
 Matando el-rei Carmeser,  
 Que me trouxe a sua filha.

Ganalão: Vossa real magestade  
 Dirá tudo o que quizer,  
 Mas eu espero a Beltrão...  
 Que se conheça a maldade,  
 De quem se hade conhecer.

(Aqui se vae Ganalão: e vem dois Embaixadores mandados pelo Marquez de Mantua, chamados Dom Beltrão e Duque Amão: e virão vestidos de dó)

Beltrão: Gram Cezar Octaviano,  
 Magno, augusto, forte rei,  
 Grande imperador romano  
 Amparo da nossa lei,  
 Poderosa magestade,  
 Senhor de toda a Magança,  
 Da Gascunha e da França,  
 Gram patrão da christande,  
 Esteio da segurança!  
 Pois sois senhor dos senhores,  
 Imperador dos christãos,



Somos vossos servidores,  
Anigos leaes e sãos.

Imperador: Eu me espanto, Dom Beltrão,  
De vos vêr d'aquella sorte,  
E a vós forte Duque Amão,  
Não é esta disposição  
E traje da nossa Côrte.

Duque: Muito mais será espantado  
De nossa triste embaixada,  
E do caso desastrado,  
O qual lhe será contado,  
Se seguro nos é dado.

Imperador: Bem o podeis explicar  
Sem ter medo, nem temor.  
Para que he assegurar?  
Pois sabeis que o embaixador  
Tem licença de falar.

Duque: Quiz senhor, nossa mofina  
Que o infante Valdevinos,  
Primo do forte Guarinos,  
Filho da linda Hermelinda  
E do grande rei Salinos,  
Fosse morto á traição  
Na floresta sem ventura.  
A tão grande desventura  
Haverá quem não procure  
De vingar tal perdição?

Imperador: E' certa tam gram maldade,  
Que o sobrinho do Marquez  
E' morto, como dizeis?

Duque: Pela maior falsidade,  
Que nunca ninguem tal fez.

Imperador: Este caso é desastrado:  
Saibamos como passou,  
E quem tão mau feito obrou;  
Que, o que tal senhor matou,  
Merece bem castigado.

Duque: Saiba vossa magestade  
Que dez dias pôde haver  
Que o Marquez foi á cidade  
De Mantua com gram vontade  
A' caça, que sóe fazer.  
Andando assim a caçar,  
Da companhia perdido  
Foi por ventura topar  
Com seu sobrinho ferido,  
Quasi a ponto de expirar.  
Bem pôde considerar  
O gram pezar que teria  
De se vêr sem companhia,  
E morrer em tal logar  
A coisa que mais queria.  
Perguntando a rasão,  
Sendo d'ella mui ignoto,  
Disse com grande paixão,  
Que o matára a traição  
Vosso filho Dom Carloto.  
A causa que o moveu  
Dar morte tão dolorosa  
A tão grande amigo seu,  
Não foi outra, senhor meu,  
Salvo tomar-lhe a esposa.  
Matou-o á falsa fé,  
Indo muito bem armado,

Com quatro homens de pé.  
Quem mata tão sem porque  
Merece bem castigado.  
O marquez Danes Ogeiró  
Lhe manda pedir, senhor,  
Justiça mui por inteiro:  
Que ainda que perca herdeiro,  
Elle perde successor.

Dom Beltrão: Não deve deixar passar  
Tão gram mal sem o prover,  
Porque deve de cuidar,  
Se seu filho nos matar,  
Quem nos deve defender?  
E mais lhe faço saber,  
Porque esteja aparelhado,  
Se justiça não fizer,  
Que o Marquez tem jurado  
De por armas a fazer.  
O mui valente e temido  
Reinaldos de Montalvão  
Entre todos escolhido,  
Está bem apercebido  
Como geral capitão.  
Dom Chrisão e Aguilante  
Com o forte Dom Guarinos,  
E o valente Montesinos  
Primo do morto Infante,  
Primo de el-rei Dom Salinos,  
E o mui grande Rei Jaião,  
De Dom Reinaldos cunhado,  
E o esforçado Dudão,  
E o gram Duque de Milão,  
E Dom Richarte esforçado,  
O Marquez Dom Oliveiros,  
E o famoso Durandarte,

E o infante Dom Gaifeiros,  
E o mui forte Ricardo,  
E outros fortes cavalleiros,  
Todos tem boa vontade  
De ajudar ao Marquez  
Em essa necessidade;  
Porque foi gram crueldade  
A que vosso filho fez.  
Evitae, senhor, tal damno,  
Pois que sois juiz sem par,  
Não vos mostreis inhumano,  
Acordae-vos de Trajano,  
Em a justiça guardar.  
Assim que, alto, esclarecido,  
Poderoso sem egual,  
O que fez tão grande mal,  
Bem merece ser punido  
Por seu mandado imperial.  
E pois, senhor, é proposta  
A causa, porque viemos,  
E sabeis o que queremos,  
Mandae-nos dar a resposta,  
Com que ao Marquez tornemos.

Imperador: Oh poderoso senhor,  
Que grande é o vosso mysterio:  
Pois para meu vituperio  
Me dêste tal successor,  
Que deshonrasse este Imperio?  
Se o que dizeis é verdade,  
Como creio que será,  
Nunca rei na christandade,  
Fez tão grande crueldade,  
Como por mim se verá.  
Por minha corôa juro  
De cumprir e de mandar

Tudo que digo e procuro.  
 Ao Marquez podeis dizer,  
 Que elle póde vir seguro,  
 E todos quantos tiver,  
 Venham de guerra ou de paz,  
 Assim como elle quizer.  
 E pois que justiça quer,  
 Com ella muito me praz.

(Entra Dom Carloto)

D. Carloto: Bem sei, que com gram paixão  
 Está vossa magestade  
 Pela falsa informação  
 Que de mim, contra rasão,  
 Deram com gram falsidade.  
 Porque um filho de tal home,  
 E tão grande geração,  
 Não deve sujar seu nome  
 Em caso tal de traição.  
 Por vida de minha madre,  
 Que se tão grande deshonor  
 Não castigar com rigor  
 Que me será cruel padre,  
 Não direito julgador.

Imperador: Não vos queiraes desculpar;  
 Pois que tendes tanta culpa,  
 Que se o mundo vos desculpa,  
 Eu não heide desculpar.  
 E por tanto mando logo,  
 Que estejaes posto a recado,  
 Até ser determinado  
 Por conselho de meu povo  
 Se sois livre ou condemnado.  
 Mando que sejaes levado

A' minha gram fortaleza,  
E que lá sejaes guardado  
De cem homens do estado  
Até saber a certeza.

D. Carloto: E como, senhor, não quer  
Vossa real magestade  
Saber primeiro a verdade,  
Senão mandar-me prender  
Por tão grande falsidade?

Imperador: Não vos quero mais ouvir,  
Levem-no logo á prisão,  
Onde eu o mando ir;  
Porque tam grande traição  
Não é para consentir.  
Vós outros podeis tornar,  
E contar-lhe o passado  
A quem vos cá quiz mandar;  
Que o seguro que lhe hei dado,  
Eu o torno a affirmar.

(Aqui vem a Imperatriz)

Imperatriz: Eu muito me maravilho  
De vossa grande bondade;  
Que sem rasão, nem verdade  
Trataes assim vosso filho  
Com tão grande crueldade.  
Olhe vossa magestade  
Que é herdeiro principal,  
E que toda a christandade  
Lh'o hade ter muito a mal.

Imperador: A mim, senhora, convém  
Ser contra toda a traição,

E se vosso filho a tem,  
Castigal-o-hei muito bem;  
E essa é a minha tenção.  
E mais eu vos certifico,  
Que com direito e rigor  
Heide castigar o iniquo,  
Ora seja pobre, ou rico,  
Ora servo, ou gram senhor.

Imperatriz: Como quer vossa grandeza  
Infamar o nosso estado  
Sem causa, com tal crueza?

Imperador: Quem me cá mandou recado  
Não foi senão com certeza.

Imperatriz: Por tal recado, senhor,  
Quereis tratar de tal sorte  
Vosso filho e successor,  
Que depois de vossa morte  
Hade ser imperador?

Imperador: Em eu o mandar prender  
Não cuideis que o maltrato;  
Mas se elle o merecer,  
Eu espero de fazer  
A justiça de Torquato;  
Porque pae tão poderoso,  
Sendo de tantos caudilho  
Se não fôr tão rigoroso,  
Nem elle será bom filho,  
Nem será rei justicoso.  
Que agora, mal peccado!  
Nenhum rei, nem julgador  
Faz justiça do maior;  
Mas antes é desprezado

O pequeno com rigor.  
Todo o mundo é afeição;  
Julgam com rara remissa  
O nobre que, sem rasão  
Alguma, tem opinião  
De lhe tocar a justiça...  
Que conta posso eu dar  
Ao Senhor dos altos céos,  
Se a meu filho não julgar  
Como outro qualquer dos meus?  
Assim que escusado é  
Buscar este intercessor;  
Porque Deos de Nazareth  
Não me fez tão gram senhor  
Para minha alma perder.

**Imperatriz:** Ai triste de mim coitada!  
Para que quero viver,  
Pois que sempre heide ser  
Do meu filho tão penada,  
Como uma triste mulher?  
Pois tão triste heide ser  
Por meu filho muito amado,  
Nunca tomarei prazer,  
Senão tristeza e cuidado.

**Imperador:** Não faças tantos extremos,  
Pois dizeis que tem desculpa,  
Que antes que sentença demos,  
Primeiro todos veremos  
Se tem culpa ou não tem culpa.  
Mostrae maior soffrimento,  
Que o caso é desastrado,  
E i-vos a vosso aposento,  
Que elle não será culpado.



(Aqui se vae a Imperatriz, e vem a mãe, e esposa de Valdevinos)

Mãe: Oh coração lastimado,  
Mais triste que a noite escura!  
Oh dolorosa tristura,  
Cuidado desesperado,  
E fortunosa ventura!  
Oh vida da minha vida,  
Alma d'este corpo meu!  
Oh desditosa perdida,  
Oh sem ventura nascida,  
A mais que nunca nasceu!  
Oh filho meu muito amado,  
Minha doce companhia,  
Meu prazer, minha alegria,  
Minha tristeza e cuidado,  
Minha sab'rosa lembrança,  
Que serei eu sem vos vêr?  
Filho de minha alegria,  
Oh meu descanso e prazer,  
Porque me deixaes viver,  
Vida com tanta agonia?  
Adonde vos acharei,  
Consôlo de meu pezar?  
Onde vos irei buscar,  
Pois que perdido vos hei  
Para jámais vos cobrar!  
Filho d'esta alma mesquinha,  
Dos meus olhos claridade,  
Onde estás, minha mesinha?  
Filho de minha saudade,  
Meu prazer e vida minha?

Esposa: Que é de vós meu coração,  
Que é da minha liberdade,  
Espelho da christandade,

Quem vos matou sem razão  
Com tão grande crueldade?  
Quem vos apartou de mim,  
Meu querido e meu esposo?  
Oh meu prazer saudoso,  
Porque me deixaes assim  
Com cuidado mui penoso?  
Oh minha triste saudade,  
Oh meu esposo e senhor,  
Minha alegria e vontade,  
Escudo da christandade,  
Dos tristes consolador!  
Que farei pobre coitada,  
Mais que nenhuma nascida?  
Miseravel, angustiada,  
Para que quero ter vida,  
Pois minha alma é apartada?  
Oh fortuna variavel,  
Triste, cruel, matadora,  
De prazeres roubadora,  
Inimiga perduravel,  
Mata-me se queres agora.

Hermelinda: Se vossa gram magestade  
Não dér castigo direito  
A quem tanto mal ha feito,  
Nem sustentar a verdade,  
Não será juiz perfeito.  
Não olhe vossa grandeza  
Sua madre dolorosa,  
Nem sua tanta tristeza;  
Mas olhe tão gram princeza  
Como esta sua esposa.

Imperador: Faz-me tanto entristecer  
Este tão gram vituperio,

\*

Que mais quizera perder  
Juntamente meu Imperio,  
Que tal meu filho fazer.  
Mas se tal verdade é  
Como já sou informado,  
Que tal castigo lhe dê,  
Que seja bem castigado.

Sybila: Seja justiça guardada  
A esta orpha sem marido,  
Viuva desamparada,  
Tão triste e desconsolada  
Mais que quantas têm nascido.  
Olhae, senhor, tão gram mal,  
Como vosso filho ha feito,  
E não queiraes ter respeito  
Ao amor paternal,  
Pois que não é por direito.

Imperador: Senhora, não duvideis  
Que eu farei o que hei jurado,  
Se é verdade o que dizeis,  
Porque cumpre meu estado  
De fazer o que quereis :  
Que mais quero ter commigo  
Fama de rigoridade,  
Que deixar de ter castigo  
Quem commetteu tal maldade.  
Para que é ser caudilho  
De tanto povo e tão grado,  
E Imperador chamado,  
Se não julgasse meu filho  
Como qualquer estragado?  
Não cuidem duques, nem reis,  
Que por meu herdeiro ser,  
Que por isso hade viver ;

Que aquelle, que faz as Leis,  
E' obrigado a as manter.  
Assim que, por bem querer,  
Amizade nem respeito  
Como agora sóem fazer,  
Não heide negar direito,  
A quem direito tiver.  
E bem vos podeis tornar,  
Fazei certo o que dissestes,  
E não tomeis tal pesar,  
Porque o bem que perdestes,  
Não o cobraes com chorar.

Hermelinda: Senhor, nós outras nos pomos  
Em mãos de vossa grandeza:  
Olhae bem, senhor, quem somos,  
E de que linhagem fomos,  
Pois Deos nos deu tal nobreza.

Sybila: Olhae os serviços dinos,  
Que tanto tempo vos fez  
Meu esposo Valdevinos;  
Tambem seu tio Marquez,  
E como foram continos.

(Aqui se vae Hermelinda e Sybila, e virá Reinaldos com uma carta, que tomaram a um Pagem de Dom Carloto)

Reinaldos: O summo rei dos senhores,  
Que morreu crucificado  
Em poder dos pharizeus,  
Accrescente vosso estado,  
E vos livre dos traidores.

Imperador: Mui valente e esforçado,  
Reinaldos de Montalvão,

Vós sejaes tambem chegado,  
 Como a sombra no verão.  
 Muito estou maravilhado,  
 Invencivel e mui forte,  
 De ver-vos assim armado,  
 Sabendo que em minha côrte,  
 Nunca fostes mal tratado.

Reinaldos: Senhor, não seja espantado  
 De vêr-me assim d'esta sorte,  
 Porque com todo o cuidado,  
 Ganalão vosso cunhado  
 Sempre me procura a morte.  
 Bem sabeis que sem rasão  
 Com vontade mui malina,  
 Fez matar com gram traição,  
 A Tiranes, e Erocina,  
 E ao feito Salião,  
 E a mim já quiz matar  
 Muitas vezes com maldade;  
 E para mais me danar,  
 Fez á sua magestade,  
 Mil vezes me desterrar.  
 O grande mal que me quer  
 De todo o mundo é sabido,  
 E por isso quiz trazer  
 Armas para offender,  
 Antes que ser offendido.  
 Mas deixando isto assim  
 Guardado p'ra seu logar  
 Onde se hade vingar,  
 Vos quero, senhor, contar:  
 Notorio a todo o christão  
 E' o pesar lastimeiro  
 Do Marquez Danes Ogeiro,  
 Que tem com justa rasão

Pela morte do herdeiro.  
N'esta nobre côrte estão  
Muitos mui nobres senhores,  
Que sabem que Dom Beltrão  
E o nobre Duque Amão  
Foram seus embaixadores :  
Tambem este é sabedor.  
Das respostas que lhe déstes,  
E mais de como prendestes  
Vosso filho successor.  
Do qual está mui contente  
De tel-o posto em prisão,  
E tem mui grande rasão,  
Porque na carta presente  
A qual fez da sua mão,  
Confessa toda a traição,  
E um pagem a levava  
Para o Conde Dom Roldão,  
Que na cidade de Boava  
Faz a sua habitação.  
E como não ha falsia,  
Que se possa esconder,  
Tinha o Marquez espia,  
Porque queria saber  
O que Dom Raldão faria.  
Esse pagem embuçado,  
Sem suspeita, sem revez  
Ia mui determinado,  
Onde logo foi tomado,  
E levado ao Marquez.  
Lendo a carta Dom Guarinos,  
N'ella contava a tenção,  
Porque o matára á traição.  
Isto é, senhor, a verdade,  
O que vos manda dizer:  
Se o que digo é falsidade,

(Que por isso a quiz trazer,)
   
A letra é bom conhecer,
   
Que é este o seu sinal.
   
Pois, quem fez tão grande mal,
   
Bem merece padecer
   
Morte justa corporal.

Imperador: Se tal a carta disser,
   
Não se ha mister mais provar,
   
Nem mais certeza fazer,
   
Senão logo executar
   
A pena que merecer.
   
E por tanto sem deter,
   
Lea-se publicamente
   
Ante esta nobre gente;
   
Porque todos possam vêr
   
Vossa verdade evidente.

Carta de Dom Carloto a Dom Roldão.

«Caudilho de gram poder,
   
Capitão da christandade,
   
Esta vos quiz escrever,
   
Para vos fazer saber
   
Minha gram necessidade.
   
Porque o verdadeiro amigo,
   
Hade ser no coração,
   
Assim como fiel irmão
   
E não hade temer p'rigo,
   
Por salvar quem tem rasão.
   
Porque sabereis, senhor,
   
Que me sinto mui culpado,
   
Como quem foi matador ;
   
E temo ser condemnado
   
De meu padre Imperador.
   
Eu confesso que pequei,

Pois com vontade damnosa  
 A Valdevinos matei.  
 Amor me fez com que errei,  
 E o primor de sua esposa.  
 O Imperador meu padre  
 Me mandou prezo guardar,  
 E nunca quiz attentar  
 Os rogos da minha madre.  
 A ninguem quer escutar,  
 E o Marquez tem jurado  
 De não vestir, nem calçar,  
 Nem entrar em povoado,  
 Até me vêr justiça.  
 Tendo por accusadores,  
 Reinaldos de Montalvão,  
 E seu padre o Duque Amão,  
 E muitos grandes senhores:  
 O Gram Duque de Milão  
 Com o forte Montesinos,  
 Qué é primo de Valdevinos.  
 Assim que todos me são  
 Accusadores continos.  
 Pois tantos contra mim são,  
 Eu vos rogo como amigo,  
 Que vós queiraes ser commigo;  
 Porque tendo Dom Roldão,  
 Não temo nenhum perigo.»

Imperador: Antes que algum mal cresça,  
 Façamos o que devemos:  
 Pois o sinal conhecemos,  
 E pois vemos que confessa,  
 De mais prova não curemos,  
 Nem vós façaes mais detença:  
 E pois já tendes licença,



Podeis dizer ao Marquez  
Que venha ouvir a sentença.

(Ir-se-ha Dom Reinaldos, e vem a Imperatriz vestida de dó)

Imperador: Senhora, já não dirão  
Que fui eu mal informado,  
Nem que o prendo sem rasão,  
Pois por sua confissão,  
Vosso filho é condemnado.  
Vêdes a carta presente,  
Que foi feita da sua mão,  
Para o Conde Dom Roldão;  
A qual muito largamente,  
Declara toda a traição.

Imperatriz: Eu muito me maravilho  
Do que, senhor, me ha contado;  
Pois que elle ha confessado,  
Melhor é morrer o filho  
Que deshonnar o estado.  
Mas a dôr do coração  
Sempre me hade ficar...  
Peço-lhe com affeição,  
Que lhe busque salvação,  
E que o queira escutar.

Imperador: Melhor é que o successor  
Padeça morte sentida,  
Que ficar o pae traidor,  
Que será trocar honor  
Pela deshonna nascida.  
Tambem eu padeço dôr,  
Tambem eu sinto paixão,  
Tambem eu lhe tenho amor,

Mas antes quero rasão,  
Que amizade sem favor.

Imperatriz: Pois que não póde escapar,  
Eu não consinto, nem quero,  
Que vós o hajaes de julgar,  
Porque vos podem chamar  
Muito mais peor que Nero.

Imperador: Não vivaes em tal engano,  
Que tambem foram caudilhos  
O gram Torcato, o Trajano,  
E quizeram com gram dano  
Ambos justiça seus filhos.  
Pois que menos farei eu  
Tendo tão grande estado?  
Quem é com rasão culpado  
Em maior caso que o seu?  
E por tanto eu vos rogo  
Que não tomeis tal pesar,  
Porque com vos enojar  
Dá-se gram tristeza ao povo.

Imperatriz: Eu cumprirei seu mandado,  
Porque vejo que é rasão;  
Mas sempre meu coração  
Terá tristeza e cuidado  
E grande tribulação.

(Aqui se vae a Imperatriz, e vem o Marquez de Mantua vestido de dó)

Marquez: Bem parece, alto senhor,  
Que vos fez Deos sem segundo,  
E de todos superior,  
Dos maiores o melhor,  
Rei e monarcha do mundo.

Porque vós, senhor, sois tal,  
Que com rasão e verdade  
Sustentaes a christandade  
Em justiça universal,  
A qual para salvação  
Vos é muito necessaria,  
Porque convém ao christão  
Que use mais de rasão,  
Que da affeição voluntaria :  
Como faz vossa grandeza  
Com seu filho successor  
Assim que digo, senhor,  
Que estima mais a nobreza  
Que amisade, nem favor.

Imperador: Não curemos de falar  
Em cousa tão conhecida ;  
Porque n'esta breve vida  
Havemos de procurar  
Pela eterna e comprida.  
Para sentir gram pesar,  
Vós tendes rasão infinda,  
E tambem de vos vingar,  
Pois foi justa vossa vinda.  
Bem vimos vossa embaixada,  
E a causa d'ella proposta  
Foi de nós mui bem olhada,  
E não menos foi mandada  
Mui convencivel reposta :  
E vimos vossa tenção,  
E soubemos vosso voto,  
E vemos tendes rasão,  
Pela grande informação  
Do principe Dom Carloto.  
E vimos a confissão  
De Dom Carloto tambem,

E soubemos a traição  
Como na carta contém,  
Que mandava a Dom Roldão.  
De tudo certificado,  
Eu condemno a Dom Carloto  
Tudo o que hei mandado.

(Vem um Pagem da Imperatriz)

**Pagem:** A Imperatriz, senhor,  
Está tão amortecida  
De grande paixão e dôr,  
Que não tem pulso nem côr,  
Nem nenhum sinal de vida.  
Nenhum remedio lhe vemos;  
Está n'esse padecer,  
Sem lhe podermos valer:  
E segundo n'ella cremos  
Mui pouco hade viver.

**Imperador:** Eu muito me maravilho  
De sua gram discrição;  
Mais sinto sua paixão,  
Que a morte de meu filho...  
Não te quero mais dizer,  
Quero-a ir consolar,  
Pois tanto lhe faz mister.  
Não sei porque é enojar,  
Por se justiça fazer.

(Aqui se vae o Imperador, e virá Reinaldos com o Algoz, o qual  
traz a cabeça de Dom Carloto)

**Reinaldos:** Já agora, senhor Marquez,  
Vos podeis chamar vingado,  
Porque assás é castigado

O que tanto mal vos fez,  
Pois que morreu degolado.  
Fazei por vos alegrar,  
Dae graças ao redemptor,  
Pois assim vos quiz vingar,  
Sem nenhum de nós p'rigar,  
E com mais vosso valor.

*Folha volante de 1665.*

---

**História da Imperatriz; Porcina, mulher do Imperador Lodonio de Roma.**

No tempo do Imperador,  
Que Lodonio se dizia,  
Que a grã cidade de Roma,  
E seu Imperio regia,  
Casado com a Imperatriz  
Que Porcina nome havia,  
Por suas muitas virtudes,  
Formosura, e valia  
Como princeza que era  
Filha do grão rei da Hungria:  
Tinha este Imperador  
Comsigo em companhia  
Um irmão por nome Albano  
Que elle muito queria,  
Em rasão do parentesco,  
O melhor que ser podia.  
Este nobre Imperador  
Bem dois annos estaria  
Com sua amada mulher,  
Sem haver filho, nem filha,  
Certamente mui contente  
Pois Deos assim o qüeria,

E d'isso era servido,  
Por muitos bens que fazia :  
As viúvas amparava,  
E os pobres soccorria.  
As orfãs todas casava,  
Quantas na cidade havia.  
As obras de misericordia  
Com grã vontade cumpria,  
Por amor de Jesus Christo,  
E da sagrada Maria.  
Tinha este Imperador  
Promettido em romaria,  
Visitar a terra santa,  
Que Jerusalem se dizia ;  
E ver os santos logares,  
Todos os que n'ella havia,  
Nos quaes havia de estar  
Um anno que assim cumpria.  
Antes de sua partida  
Quiz fazer o que devia,  
Deixou por governadores  
A sua nobre Porcina,  
E tambem a seu irmão,  
Que o povo assim o pedia.  
Como isto foi acceitado,  
O povo ajuntar fazia :  
Manifestou-lhe a partida,  
Que escusar-se não podia,  
Dizendo — que obedecessem,  
Sem curar de mais porfia,  
A sua amada mulher,  
Que em seu logar ficaria,  
E tambem a seu irmão,  
Pois tinha tanta valia.  
Todo o povo está contente  
Do que o Imperador quera,

E acabando de comer,  
A horas do meio dia,  
Entrou em o aposento  
Onde a Imperatriz dormia,  
Vi-a estar muito chorosa,  
Apartada de alegria.  
Como quem adivinhava  
O mal, que ella não sabia,  
Com o rosto dissimulado,  
Encobriendo o que sentia,  
Disse-lhe d'esta maneira,  
Com pena que padecia:

— Minha amada companheira,  
Minha doce companhia,  
Lume de meus claros olhos,  
Espelho em que eu me via ;  
Porque estaes assim chorosa  
Com tão sobeja agonia ?  
Porque de ver-vos assim,  
A alma se me saía ?  
Mas se vós quereis, senhora,  
Deixarei a romaria,  
Mandarei outrem por mim,  
Pois não se escusa esta via.

Respondendo a Imperatriz  
D'esta maneira dizia :

« Não olheis vós, meu senhor,  
A fraqueza, que em mim havia,  
Porque eu como mulher  
Nunca deixar-vos queria ;  
Nem estar de vós apartada  
Só um momento de um dia.  
Mas o que vós promettestes

Outrem cumprir não podia,  
Que seria grão peccado,  
Que Deos muito extranharia.  
Por tanto, Nosso Senhor  
Seja sempre em vossa guia,  
Que eu vos encommendarei  
A elle e a santa Maria.

Despediu-se o Imperador  
Sem cuidar de mais porfia,  
Abraçando a Imperatriz  
Que mil lagrimas vertia,  
Pois no coração lhe deu  
Que mui tarde o veria.  
E depois d'elle partido  
Para a sua romaria,  
Esta tão nobre senhora  
Quiz fazer o que devia  
No governo do Imperio,  
Com Albano em companhia,  
Que seu marido Lodonio  
Nenhuma mingua fazia.  
Como este Albano era  
Cheio de toda a falsia,  
Amava a Imperatriz  
Já de muito tempo havia;  
Morria por seus amores  
Que todo se desfazia,  
Pela sua honestidade  
D'ella não a requeria;  
Que como agora tivesse  
Tempo para o que queria,  
Determina entrar com ella,  
Pois que fazel-o podia,  
Que, como governador,  
Ella não extranharia.



Em estas coisas pensando  
Está até o outro dia.  
A's horas que a Imperatriz  
De sua cama se erguia,  
Estava quasi despida,  
Porque a ninguem temia:  
Como viu entrar o cunhado  
Toda se estremecia.  
Porque sua honestidade  
Tal cousa não requeria:  
Como dentro entrou com ella  
Mui contente em demazia,  
Foi-lhe a beijar as mãos,  
O que d'antes não fazia.  
A Imperatriz tão casta,  
Assombrada em demazia,  
Cobriu-se com um roupão  
De ouro e de pedraria;  
Com rosto mui vergonhoso  
Encobrindo o que sentia,  
Levantou-se logo em pé  
Descalça na pedra fria,  
Assombrada e mui turbada  
Espera o que lhe dizia.  
Disse-lhe o traidor cunhado,  
Sem olhar o que devia:

— «Perdoae-me, alta Princeza,  
Minha grande ousadia,  
Que d'onde ha força de amor  
Não póde haver cortezia.  
Muitos dias ha, senhora,  
Claro espelho e luz do dia,  
Que desejo descobrir-vos  
O que encobrir não podia;  
Que por vosso grande amor

Triste estou sem alegria,  
Se vós me não daes remedio,  
Sem nenhum eu ficaria.  
Por tanto se vós quereis,  
Grão prazer receberia  
De vos casardes commigo,  
Sem cuidar de mais porfia,  
Levantemo-nos c'o Imperio,  
Pois que fazer-se podia,  
Sendo nós Governadores  
Ninguem nol-o tolheria.  
Se vós, senhora, temeis  
Pelo que o povo diria,  
Eu irei matar meu irmão  
Estando na romaria.  
Far-lhe-hei dar tal peçonha,  
Que morra antes de um dia.

Foi-lhe a Imperatriz á mão  
Do mais que dizer queria,  
E abrazada toda em mágoa  
D'esta sorte respondia:

«Por certo, falso cunhado,  
Vós tendes grande ousadia,  
Vosso grande atrevimento  
Grão castigo merecia:  
Em que viva me queimassem,  
Nunca tal consentiria,  
Porque a fé e lealdade  
Que a meu marido devia,  
Em que me déssem mil mortes  
Eu nunca a quebrantaria!  
Tirae-vos diante de mim,  
Traidor cheio de falsia.»

Vendo-a elle tão irada,  
A grande pressa saía  
Da camara, onde estava  
Que assim se despedia.  
Temendo que aos seus brados  
Muita gente acudiria;  
Determinou entrar de noite  
Na camara onde dormia,  
E que com tapar-lhe a bocca,  
Seu desejo cumpriria.  
Descobrimdo isto a um pagem  
Que fiel lhe parecia,  
Porque o acompanhasse  
Na traição que commettia,  
Pareceu-lhe a este pagem,  
Que mui culpado seria,  
Se ali se deshonrasse  
Pessoa de tal valia;  
Determinou de dizer-lhe,  
Antes que chegasse o dia,  
Porque não viesse a effeito  
O que elle fazer queria.  
Como a Imperatriz o soube,  
Com grã pressa em demazia,  
O mandou logo prender  
Na casa d'onde dormia;  
Mandou-o pôr em uma torre,  
Que dentro do paço havia.

Depois que o Imperador  
Acabou sua romaria,  
Cumprindo sua promessa  
Como a tal senhor cumpria,  
Determinou de tornar-se  
Com muita grande alegria;  
Porque esperava de vêr

A quem tanto lhe queria.  
Mandou diante um correio  
Em que a saber lhe fazia,  
Como seria com ella  
Antes do oitavo dia;  
Com a qual a Imperatriz  
Foi alegre em demazia :  
Fel-o a saber á cidade,  
Porque assim fazer devia,  
Para fazer grandes festas  
A quem tanto merecia.  
Foi-se direita á prizão  
Onde o cunhado jazia,  
Disse-lhe :

« Senhor cunhado  
Não tenhaes tal fantazia,  
Porque já vem vosso irmão,  
Tomemos grande alegria ;  
Eu vos perdôo o passado,  
Pois que ninguem o sabia ;  
Recebei o Imperador  
Com toda a cavallaria,  
E levareis um vestido  
De ouro e argenteria,  
Que está feito para vós,  
Que é de muita valia.

Tirou-o da prizão fóra,  
Foi com elle em companhia,  
Porque ninguem conhecesse  
O mal que feito havia.  
Cuidava o falso cunhado  
Em como se vingaria  
De quem lhe fez tal pezar,  
Pois já tel-a não podia.

Foi-se receber o irmão  
Pela pósta ao outro dia,  
Vestido todo de dó  
Que o cavallo lhe cobria;  
Chegando onde elle estava,  
Vestido assim como ia,  
Fez-lhe grande acatamento,  
Fingindo mais que sohia;  
Quando viu o Imperador  
Certo não o conhecia,  
Mas depois de o conhecer,  
Mui turbado lhe dizia:

— Dizei-me por Deos, irmão,  
Por que assim o dó trazia,  
Como está a Imperatriz,  
Minha fiel companhia?  
Dizei-me se é viva ou morta?  
Tirae-me d'esta agonia,  
Que meu triste coração  
Grão sobresalto sentia.

Respondeu o falso irmão  
Com mui grande ousadia:

— «Eu vos direi a verdade  
Pela fé que vos devia,  
E por que sois meu irmão,  
A quem mentir não podia.  
Depois que d'aqui partistes  
Para ir á romaria,  
Deixastes a Imperatriz,  
E eu com ella em companhia,  
Para governar o Imperio  
De Roma e sua senhoria.  
Prouvera a Deos fôra eu

Sepultado em terra fria,  
Antes de ficar com ella,  
Pois tal traição commettia.  
Estando, senhor, dormindo  
Fóra de tão grã falsia,  
Entrou de noite commigo  
Na camara onde dormia,  
E chegando á minha cama  
D'esta sorte me dizia :  
« Que por mim perdida andava  
Já de muito tempo havia,  
Que casasse eu com ella,  
Sem cuidar de mais porfia :  
E que logo Imperador  
N'essas horas me faria,  
E quando vós viesses,  
Que ella vos mataria  
Com muito forte peçonha,  
Que não vivesses um dia.»  
E porque não consenti,  
Disse que eu a accommettia,  
E fez-me logo prender,  
O que ella merecia.  
Até agora preso estive  
Com muito grande agonia.  
Esta é, senhor, a verdade,  
Que de mim saber querias.

Quando o nobre Imperador  
Tam maldita nova ouvia  
D'aquella que tanto amava  
Mais que a vida, em que vivia,  
Caiu do cavallo em terra,  
Uma hora se amortecia,  
Fizeram-n'o tornar em si,  
Com lhe deitar agua fria ;

Cobriu-se logo de dó  
Com o que o irmão trazia;  
Todo o amor que lhe tivera,  
Em odio se convertia.  
Sem mais falar com ninguem,  
Que a tristeza lh'o tolhia,  
Determinou dar-lhe a morte,  
Que ella tam mal merecia.  
De noite secretamente,  
O mais quieto que podia,  
Entrou dentro da cidade,  
A' meia noite seria;  
Mandou tres homens dos seus  
Sem outra mais companhia,  
Que matassem a Imperatriz  
Antes que viesse o dia,  
N'uma floresta cerrada  
Por onde gente não ia,  
E vestida a enterrassem,  
Porque assim fazer cumpria;  
E se isto não fizessem,  
A vida lhes custaria.  
Mandou-lh'a logo entregar  
C'o vestido que trazia,  
Para receber aquelle  
Que tão mal a recebia.  
Vendo-se ella assim levar,  
Suspeitando o que seria,  
Como discreta, que era,  
Cheia de sabedoria,  
Levantou o rosto ao céo,  
D'esta maneira dizia:

«Encommendo a Deos minh'alma  
E á virgem santa Maria,  
Porque me criou de nada,

Por sua bondade pia.  
Lembrae-vos, Senhor, de mim,  
Pois sem culpa padecia,  
Não olheis os meus peccados,  
Nem o mal, que merecia;  
Mas vossa misericordia,  
Que todo o mundo cobria.  
Eu perdôo a meu cunhado  
Todo o mal que fazia,  
E tambem a meu marido,  
Porque enganado vivia.»

Os homens que a levavam  
Onde padecer havia,  
Viram sua formosura  
Co' a lua, que então saía,  
Disseram uns aos outros:

— Mal empregada seria  
A morte a esta senhora,  
Pois que tem tanta valia;  
Gozemos primeiro d'ella  
Que a coma a terra fria.

N'isto se determinaram,  
Sem cuidar de mais porfia.

Respondeu a Imperatriz:  
(Bem vereis o que diria.)

«Fazei o que vos mandaram,  
Não cureis de fantasia;  
Deixae a minha limpeza  
Para quem a merecia,  
Que se tocasses em mim,  
A vida vos custaria.»



Não cuidaram os algozes  
No que a senhora dizia,  
Antes remetteram a ella  
Com muito grande ousadia.  
A innocente cordeira,  
Vendo que a gente a despia,  
Começou a dar taes gritos,  
Que a floresta retinia;  
E como ainda era noite  
Em grande parte se ouvia.  
Acertou de ouvil-a um Conde  
Que muita gente trazia,  
Que vinha de Jerusalem,  
Onde muita gente ia.  
Quiz Deos que aquella noite  
Por ali fizesse via,  
Para livrar a Princeza  
Da pena que padecia.  
Como taes gritos ouviu  
Do cavallo se descia,  
E com muita grande pressa  
Na floresta se mettia;  
Seguiram-no seus criados,  
Cada um como podia,  
Ao som dos tristes gritos  
A gente toda o seguia;  
Foram dar n'aquella parte,  
Onde a coitada gemia,  
Que com mui grande fraqueza  
A força lhe fallecia,  
E se um pouco mais tarda  
Sua honra se perdia.  
O Conde mui piedoso,  
Que Clitaneo se dizia,  
Vendo tão grande maldade,  
Com grã pressa em demazia,

Disse: Matae, meus criados,  
Quem tal traição commettia.  
Todos foram logo mortos  
Antes d'uma ave-maria;  
E a Imperatriz ficou livre,  
Porque mal não merecia.  
Deu-lhe a Imperatriz as graças  
De bem que feito lhe havia;  
Quando isto aconteceu,  
Já era mui claro dia.  
E o Conde tão assombrado,  
Que quasi emmudecia  
De vêr sua formosura  
Mais que todas quantas via,  
Logo suspeitou que era  
Senhora de grã valia,  
Assim por seu parecer,  
Como pelo que vestia.  
Disse-lhe d'esta maneira  
Com mui grande cortezia :

« Não me negueis vós, senhora,  
Isto que agora diria,  
Porque não queria errar  
Contra vossa senhoria :  
Vós sois de alta linhagem,  
Isto eu o juraria ;  
Se vós me dizeis quem sois,  
Grã prazer receberia ;  
Quem vos trouxe a este logar  
Com tão falsa companhia ?  
Dizei-me toda a verdade  
Sem cuidar de mais porfia.

Respondeu a Imperatriz,  
Porque encobrir se queria :

« Eu sou mal afortunada,  
Que não sei porque nascia,  
Por um falso testemunho  
Perdi minha grã valia ;  
Não vos posso mais dizer,  
Porque escusado seria :  
Senão, quero vos rogar  
Por Deos e santa Maria,  
Me quereis levar comvosco  
O que eu não merecia ;  
Servir-vos-hei como escrava,  
Sempre de noite e dia.

Foi o Conde mui contente  
De fazer o que dizia ;  
Deu-lhe uma cavalgadura  
De muitas que ali trazia.  
Chegaram á pousada  
Com muito grande alegria,  
Onde foi bem recebido  
De sua mulher 'Sophia ;  
Contou-lhe o que passou  
Em a sua romaria ;  
Tambem lhe apresentou  
A senhora que trazia ;  
Contou-lhe como a achara,  
Que nada não lhe mentia.  
Beijou-lhe a Princeza as mãos  
Inda que ella não queria,  
Tomou-lhe mui grande amor  
A Condessa em demazia,  
Que não comia sem ella,  
Com ella folgava e ria ;  
Mais que sua irmã carnal,  
Era o que lhe queria,  
Até o menino de teta,

Que pouco maior seria,  
Lh'o deu á Imperatriz,  
E sempre com ella dormia.

Tinha o Conde um irmão,  
Que Nathão por nome havia,  
O qual por esta senhora  
Graves penas padecia:  
Não tinha nenhum prazer  
O dia que a não via.  
Determinou descobrir-lhe  
Como por ella morria;  
E um dia, tendo logar,  
Quando a Condessa dormia,  
Disse-lhe d'esta maneira  
Com grande dor que sentia:

— Mui resplandecente aurora,  
Claro sol do meio dia  
Que fez o Eterno Pintor,  
Que todas as coisas cria.  
Minha alma por vós padece,  
Minha vida se perdia;  
Por isso me deu o amor  
Esta tão grande ousadia,  
Que ousasse a descobrir  
O que o coração sentia.  
O que vós tendes roubado  
E' liberdade e alegria;  
Essas crystalinas mãos  
De aljofar e pedraria  
Me deixae beijar, senhora,  
Pois que tem tanta valia.  
Não consintaes que padeça,  
Quem a vida só queria,

Para vos poder servir,  
Como ella merecia.

Querendo-lhe a mão tomar,  
A Imperatriz se desvia,  
Em ira toda abrazada,  
Resposta lhe não dizia :

«Senão olhara, senhor,  
O mal que n'isto faria,  
Eu manifestara ás gentes  
Vossa louca ousadia.  
Tirae-vos diante de mim,  
Não cureis de mais porfia,  
Ou dil-o-hei á Condessa,  
Minha senhora Sophia,  
E tambem ao senhor Conde,  
Que de mim tanto se fia.

Sem curar de mais palavras,  
Na camara se recolhia,  
Queixando-se da fortuna,  
Porque tanto a perseguia.  
Ficou tão triste Nathão,  
Quanto dizer não podia,  
Por tão áspera resposta  
Como d'ella ouvido havia.  
Todo o amor que lhe tivera,  
Em tédio se convertia;  
Determina de vingar-se  
Por qualquer maneira ou via.  
Como a noite foi cerrada,  
Que já ceado se havia,  
O Conde e a Condessa  
E toda a mais companhia,  
Cada um em seu aposento

A dormir se recolhia,  
E tambem a Imperatriz  
A' cama d'onde dormia;  
Levava comsigo o menino,  
Como d'antes o fazia.  
Deixou a candeia acceza,  
Como de costume havia.  
Assim como se deitou  
Logo se adormecia,  
Com o menino nos braços,  
Porque muito lhe queria.  
Estava o falso espreitando  
Como a cordeira dormia,  
Cançada de muitos choros,  
Que de continuo fazia,  
Lembrando-lhe seu marido,  
E o bem que d'elle perdia;  
E que sendo Imperatriz  
De tanto estado e valia,  
Agora como escrava  
De uma vassalla se via,  
E que de um seu irmão  
Tanta affronta recebia.  
Como viu este malvado,  
Que o somno a embebia,  
Tirou a porta do couce,  
Com um engenho que trazia,  
E foi-se direito á cama,  
Onde o sobrinho dormia,  
Degollou-o c'um cutéllo  
Mui agudo em demazia.  
Depois que o teve morto,  
Que com pé nem mão bolia,  
Deixou o cutéllo nas mãos  
Da innocente que dormia,  
E saú cerrando a porta,

Melhor que elle podia.  
Era o sangue de tal sorte  
Que do menino corria,  
Que o corpo da Imperatriz,  
Olhos e mãos lhe enchia ;  
Como o tinha nos braços,  
Toda de sangue a cobria ;  
Entrando-lhe pela bocca,  
Acordar logo a fazia.  
Vendo na mão o cutéllo,  
E o menino que jazia,  
Começou com grandes gritos  
A publicar o mal que via,  
Dizendo : « Acudi depressa  
Minha senhora Sophia,  
Que mataram vosso filho  
Minha doce companhia. »  
A's vozes que ella dava,  
A Condessa se erguia,  
Que ainda estava na cama,  
Porque era antes do dia,  
E seu marido com ella  
Mui triste em demazia.  
Vendo o filho como estava,  
Em terra logo caía,  
Estava tal como morta,  
Que com pé nem mão bolia.  
A' coitada da Imperatriz  
A alma se lhe saía,  
Não podia suspeitar  
Quem tanto mal lhe fazia ;  
E ainda que suspeitasse,  
Pouco lh'aproveitaria.  
E n'isto chegou o irmão,  
Que de prazer não cabia,  
Porque tanto se vingara

De quem tanto a offendia.  
Disse o irmão a Clitaneo,  
Chorando, demais seria:

— Quem matou o meu sobrinho,  
Grande castigo merecia.  
Mandae-m'a vós queimar logo,  
Sem curar de mais porfia;  
Porque ali tem o cutélo  
Com que fez tão grã falsia.

Estas palavras dizendo,  
A Condessa em si volvia,  
Levantando-se em pé,  
Com o grande pezar que havia,  
Viu estar a Imperatriz,  
Que finada parecia,  
Seu rosto maravilhoso  
Feito côr de pedra fria;  
Seus olhos fontes de lagrimas  
Com o chorar que fazia;  
Tinha o coração cerrado,  
Falar a ninguem podia,  
Ainda que perguntavam,  
A ninguem não respondia.  
Estava como pasmada  
Com estas coisas que via.  
A Condessa piedosa,  
Com o bem que lhe queria,  
Não podia esta senhora  
Crêr que tal ella faria;  
Mas o malvado cunhado  
A todos os induzia,  
Que lhe déssem logo a morte  
Que ella tão bem merecia;  
E se matar a mandava,



Que elle mesmo a mataria,  
Por matar a seu sobrinho,  
Que tanto bem lhe queria.  
Chorando singularmente  
Mostrando que se doía ;  
E para mais a commover  
O cutélo lhe trazia,  
Todo coberto de sangue  
Do innocente que morria.  
A pomba sem fél chorava  
A tudo quanto ali via,  
Não querendo desculpar-se  
Porque crida não seria,  
E não por temor da morte,  
Que d'ella não se temia ;  
Mas antes continuamente  
A Deos sempre a pedia,  
Que quem vive sempre triste  
A morte lhe é alegria.  
E mais ella, que estava  
Com tão sobeja agonia :  
Acordou fazer-se muda,  
Pois falar-lhe não valia.  
A quanto lhe perguntavam  
Vendo que não respondia,  
Cuidando então a Condessa,  
Que culpada não seria,  
E que matára seu filho  
Alguem que mal lhe queria ;  
E que ella ora com pezar  
De tal sorte emmudecia,  
E dizendo a seu marido  
Isto que cuidado havia,  
Parecia-lhe bem ao Conde  
O que a Condessa dizia,  
Por não dar tão cruel morte

A quem tão bem a servia.

Foi determinado então,  
Desterral-a sem porfia,  
E n'uma Ilha lançal-a,  
Que dentro do mar jazia  
Quarenta leguas de terra,  
Onde gente não havia ;  
E que ali de fome e sêde  
Sua culpa pagaria,  
E comida de animaes,  
D'isto não escaparia.

Como a noite foi chegada  
A's horas que anoitecia,  
Manda que seja levada  
Por dois homens de valia,  
Com ella duas mulheres,  
Para ir em companhia,  
Para que fosse guardada  
Sua honra, como devia.  
Em um navio veleiro  
A Imperatriz se mettia,  
Com lagrimas dos seus olhos  
Da terra se despedia.  
Chegaram á dita Ilhá  
A' noite do outro dia,  
A Princeza deixam em terra  
Com grã choro em demazia.  
Tornaram-se com o navio,  
Porque assim fazer cumpria.

Quando a nobre Imparetriz  
Em tal logar só se via,  
N'uma Ilha tão deserta,  
Onde ninguem não vivia,

Senão bravos animaes,  
De que ella manjar seria,  
Chorando lagrimas tristes,  
D'esta maneira dizia :

«O' meu nobre Imperador,  
Meu bem e minha alegria,  
Que pouca é vossa lembrança  
De quem tanto vos queria!  
Que pouco tempo durou  
Vossa doce companhia?  
Sempre cuidei de vos ver  
Algum tempo ou algum dia ;  
Agora por meus peccados  
Jámais nunca vos veria.  
Deos perdôe a vosso irmão,  
E a Virgem santa Maria,  
Que eu lhe perdôo aqui  
Todo o mal, que me fazia.  
Oh senhor, e só meu pae,  
Principe e rei de Hungria,  
Quão triste vida será  
A vossa sem alegria,  
Em ouvindo tão má fama,  
Que em Roma de mim corria?  
Mais sinto vosso pezar,  
Que minha grande agonia ;  
Pois morrerei uma vez  
Vós morrereis cada dia.  
A vossa deshonra sinto,  
Que a morte não a temia,  
Porque mais hade temer,  
Quem tão sem culpa morria.

Estas palavras dizendo,  
Mui grande ruido ouvia,  
Tão terrivel e espantoso,

Que soffrer-se não podia ;  
Ouvindo isto a senhora  
A força lhe fallecia ;  
Como era delicada  
Em terra logo caía.  
Estes eram animaes  
De muitos que ali havia,  
Que tanto que a sentiram,  
Com grã pressa em demazia  
Correram para a comerem,  
Cada um qual mais podia.  
Antes que a ella chegassem  
Um resplendor apparecia.  
Estiveram todos quedos,  
Nenhum ali se movia,  
Com temor de uma senhora,  
De quem o inferno tremia ;  
Pois vinha com magestade  
A Virgem santa Maria,  
Para guardar a limpeza  
De quem a ella recorria.  
Chegando com grande amor,  
Onde a Imperatriz jazia,  
Disse-lhe d'esta maneira  
Com suave melodia :

«Minha Porcina, não temas,  
Que nenhum mal te viria ;  
Eu sou a Madre de Deos ;  
A quem serves cada dia,  
Que te venho soccorrer  
Em tão extrema agonia ;  
Não temas nenhum perigo  
Princeza nobre e mui pia,  
Porque Deos será contigo  
Sempre de noite e de dia,

Por muitos bens que fizeste,  
De que elle se servia.  
D'esta herva colherás,  
Que n'este logar nascia,  
Sem levar outra mistura  
Mais que sómente agua fria,  
Na qual cozida será  
Quanto te parecia :  
E um unguento farás  
De grande preço e valia,  
Com o qual darás saude  
A quem a mister havia,  
Em nome do Redemptor,  
Rei de toda a monarchia.»

E estas palavras dizendo  
A Virgem ao céo subia,  
Os animaes que ali estavam  
Nenhum mais apparecia.  
A Imperatriz ficou  
Mui alegre em demazia,  
E dando a Deos as graças,  
E á sagrada Maria,  
Colheu d'aquella herva tanta,  
Quanta mister lhe fazia.  
Acabando de colher,  
Um navio á vela via,  
Capiando-lhe com a mão,  
A gente á terra sahia,  
Mui espantados em vê-la  
Perguntaram que queria,  
Ou quem a trouxe ali,  
Onde ninguem não vivia.  
Respondendo a Imperatriz,  
D'esta maneira dizia :

«Que vindo com seu marido  
Para Roma sua via,  
A grã tormenta do mar  
Ali lançado os havia,  
E a Nau foi dar á costa  
Com a gente que trazia,  
E que ella escapara  
Sem outra mais companhia :  
Quero-vos rogar, irmãos,  
Por Deos, e por cortezia,  
Me leveis á terra firme,  
Que bem vol-o pagaria.

Todos foram mui contentes,  
Sem curar de mais porfia.  
Como foi posta em terra  
Com mui grande alegria,  
Foi-se direita ao Castello,  
Que Alberto se dizia,  
Pelo nome do Senhor,  
Que sempre n'elle vivia,  
O qual tinha sua mulher,  
A quem elle muito queria,  
Doente de sangue fluxo,  
Que grã pena padecia.  
Não lhe davam cura os Mestres  
Que grande pezar sentia,  
A Imperatriz piedosa,  
Licença ao marido pedia,  
Para curar a mulher,  
Que tanto mister havia :  
E assim logo entrou dentro  
Adonde a mulher jazia,  
Untou-lhe todo o seu corpo  
Com unguento que trazia,  
Pela vontade de Deos

A saude recebia.  
Levantou-se logo em pé,  
O que d'antes não fazia,  
Muito rija e muito inteira,  
E com grande melhoria,  
Clamando por seu marido,  
O qual logo lhe acudia :  
Disse-lhe como era sã,  
Do gram mal que padecia,  
Abraçando a Imperatriz,  
Tão leda, que não cabia,  
Tomou-lhe tão grande amor  
Como a razão o pedia.  
Muita gente a vinha vêr,  
Espantada do que via ;  
Que fosse sã tão depressa  
Quem tanto mal padecia.  
Olhava a Imperatriz  
A quem tal bem lhe fazia,  
Mui espantados de a vêr  
Tão formosa em demasia,  
Sorar tal enfermidade  
Com sua sabedoria.  
Elles a isto assistindo,  
Um cego apparecia,  
E chegando ao Castello,  
Que já dito vos havia,  
Quiz elle pedir esmola  
Assim como antes sohia.  
Vendo-o a Imperatriz,  
Movida com a obra pia,  
Curou-o em nome do Padre,  
Que todas as coisas cria,  
Do filho e do Espirito Santo,  
Que d'entre ambos procedia ;  
A Santissima Trindade

Saude lhe concedia.  
Como o cego se viu são,  
Com grã prazer que sentia,  
Pôz-se ante ella de joelhos,  
Dando vozes de alegria.  
Levantou-o a Imperatriz,  
Que tal coisa não queria,

«Irmão, dae graças a Deos,  
(Mui humilde lhe dizia),  
Que só vos deu a saude  
Com a sua sabedoria,  
E a infinita bondade,  
Que terra e mar enchia.

A fama d'estes milagres,  
Pela terra se estendia;  
A Clitaneo os contaram,  
E a sua mulher Sophia,  
Os quaes foram mui alegres  
Pelo que agora diria.  
Natão aquelle malvado,  
Que arriba se dizia,  
Que matou a seu sobrinho,  
Do que não se arrependia,  
Que offendendo tanto aquella  
Que nenhum mal merecia,  
Depois de ser derterrada  
Antes de passar um dia,  
Veiu a fazer-se gafo,  
Que nenhum remedio havia,  
Senão pagar com a morte  
No inferno o que devia.  
Era tal sua doença,



Que tudo aborrecia,  
E ninguem chegava a elle  
Tão fortemente fedia.  
Acordou pois Clitaneo  
(Porque muito lhe doía)  
De logo o levar consigo,  
Adonde Alberto vivia.  
Pois que era seu parente,  
Grande amigo em demasia,  
Disse tambem a mulher,  
Que com elle ir queria.  
Metteram-no em umas andas  
Aonde só ir podia.  
Partiram todos de casa  
Quando a luz apparecia,  
Chegaram ao dito Castello  
A' meia noite seria,  
No qual o parente Alberto  
Mui alegre os recebia.  
Ao tempo que ali chegaram,  
A Imperatriz dormia,  
E não a poderam ver,  
Até que foi bem de dia;  
Como foi pela manhã,  
A recebel-o saía,  
Com aquelle acatamento,  
Que a humildade devia;  
Todos logo a receberam  
Com mui grande cortezia,  
E quiz nosso Senhor Deos  
Que ninguem a conhecia,  
O Conde e a Condessa,  
Nem a sua companhia.  
Todos eram espantados  
Do primor, que n'ella havia,  
Contou Clitaneo então

A causa que os trazia,  
Pela doença do irmão,  
Que tal tormento sentia.  
Dizendo : — Pois Deos lhe dera  
Tal graça e tal valia,  
Que lh'o quizesse curar  
Como aos outros fazia,  
Que se por paga o houvesse  
Quanto quizesse daria.

Respondeu a Imperatriz  
Mui contente do que via,  
Para se manifestar  
Como sem culpa vivia;  
Que fosse onde elle estava,  
Porque ella vêr o queria.  
Foram com ella as senhoras  
Por lhes fazer companhia,  
Tambem todos os senhores,  
Para ver o que fazia.  
Chegando onde elle estava  
Tão fortemente fedia,  
Que não podia soffrel-o  
Toda a gente que ali ia,  
A Imperatriz piedosa,  
Com a humildade que havia,  
Chegando á sua cama,  
D'esta sorte lhe dizia :

«Meu irmão, salve-o Deos,  
Que todas as coisas cria ;  
E vos salve vossa alma,  
E ao corpo dê melhoria.  
Vós, irmão, quereis ser são?  
(Disse-lhe elle que queria.)  
Haveis-vos de confessar  
Sem cuidar de mais porfia,

Diante d'estes senhores,  
Porque assim fazer cumpria:  
E se vos não confessaes,  
Saude vos não daria  
Christo nosso eterno Deos,  
Porque d'isto se servia,  
Que digaes publicamente  
O que a consciencia sentia.

Confessou-se logo á hora  
Do tudo quanto sabia,  
Mas o que mais relevava,  
Calava, que não dizia.  
Disse-lhe a Imperatriz,  
Como quem o entendia:

• Se tudo não confessaes,  
Eu curar-vos não podia,  
Porque um grave peccado  
Que a Deos muito offendia,  
Convem que satisfaças  
A honra que se perdia  
D'aquella, que vós sabeis  
Quão innocente vivia.

Como isto ouviu Natão,  
Mui fortemente gemia,  
Dava tão grandes suspiros  
Que a alma se lhe sahia,  
Como quem do que fizera  
Muito se arrependia.  
Disse-lhe então o irmão,  
Vendo que tanto temia:

—Como tão grande peccado,  
Tendes vós na fantazia,

Que o não quereis confessar  
Pois que tanto vos cumpria,  
Por haverdes a saude  
De quem dar-vol-a podia ?

Respondeu logo Natão :

— Senhor, não tenho ousadia,  
Se vós me não perdoaes,  
E vossa mulher Sophia.

Disse elle, era contente,  
E ella, que lhe aprazia.  
Ouvindo isto Natão,  
Pois tal fazer não podia,  
Chorando lagrimas tristes  
Com mui grave agonia  
Contou logo todo o caso,  
De sua grande falsia :  
Como matára o sobrinho  
Na camara onde dormia,  
Porque ella não quizera,  
Fazer o que elle pedia ;  
E de como a commettera,  
E o que ella respondia ;  
Contou tudo sem deixar  
Nada, que assim lhe cumpria.

Como isto ouviu a Condessa  
Em terra se amortecia,  
E seu marido Clitaneo  
O mesmo tambem fazia.  
Depois que tornou em si  
A Condessa assim dizia :

— « Oh malvado ! quem cuidara

Tua grande hypocrisia,  
Porque te déra o castigo,  
Que tal traição merecia!  
A amiga maior perdi  
Que ninguem nunca perdia,  
Minha fiel companheira,  
Que a mim tanto me queria.  
Não me peza de meu filho,  
Em que a carne o requeria,  
Porque como pequenino  
Mui pouca mingua fazia;  
Mas a vós, minha senhora,  
Que eu matei com ousadia,  
Tenho tão grande pezar,  
Que a alma se me saía;  
Eu não posso perdoar  
Aquillo que não sabia;  
E se eu lhe dei perdão,  
Em muito me arrependia,  
Nem meu senhor e marido  
Perdoar-lhe tal devia;  
Porque, sendo seu irmão,  
Lhe fez tão grande falsia.

A prudente Imperatriz  
Muitas coisas lhe dizia,  
Porém nada aproveitava,  
Que tanto a aborrecia.  
Até que esta senhora  
A todos se descobria,  
Dizendo que ella era  
Por quem tanto se doía.  
Ouvindo isto a Condessa,  
Pelo que em ella via  
No resplendor do seu rosto,  
E na fala a conhecia,

Porque Deos lhe abriu os olhos  
De sua sabedoria:  
Foi-se c'os braços abertos,  
Que parecia sandia,  
Aos seus da Imperatriz,  
Que outra vez se esmorecia,  
Porque tambem isto faz  
A mui sobeja alegria.  
E seu marido Clitaneo  
De contente não cabia,  
Perdoára a seu irmão,  
Porque ella lh'o pedia;  
E logo quiz dar saude  
A quem lh'a não merecia,  
Untando-lhe todo o corpo,  
E as chagas que n'elle havia,  
E tambem a sua bocca  
D'onde máo cheiro sahia.  
Em nome de Jesus Christo,  
Saude lhe concedia,  
Mais são, e mais esforçado  
Do que antes ser podia.  
Como isto viu Natão,  
Mui contente em demazia,  
Foi-se a fazer penitencia,  
Onde mais não parecia.  
Toda a gente que ali estava,  
Tanta honra lhe fazia;  
Como se todos souberam  
Sua grande senhoria.  
Nunca d'ella se apartava  
A sua amiga Sophia,  
Tambem a mulher de Alberto,  
Que em extremo lhe queria.  
Vinham de todas as partes  
Ali enfermos cada dia,

Aos quaes ella curava,  
Sem nenhuma fantazia,  
E a todos dava saude,  
Porque Deos o permittia.

Como a fama era ligeira,  
Por todo o mundo corria,  
Disse-se ao Imperador  
Que em Roma residia,  
O qual foi mui contente,  
Quando taes cousas ouvia,  
Porque tinha seu irmão,  
De que acima dito havia;  
Doente em cama, mui gafo,  
Que já viver não podia,  
Mui peor do que Natão,  
Porque em taes casas fedia;  
Sua carne tão malvada  
De bichos já se comia;  
Ninguem o podia ver,  
Porque logo adoecia,  
Que tanto era o fedor,  
Que de seu corpo saía.  
Como lhe certificassem  
Ser de mui grande valia,  
Um Duque manda por ella,  
De quem muito se confia,  
Dizendo que lh'a trouxesse  
Antes do terceiro dia,  
Porque não viesse a morte  
A quem tanto lhe doía.  
Vendo o Duque seu mandado  
A grã pressa se partia,  
Chegando ao dito Castello  
Clitaneo o conhecia:  
Logo o foi a receber

Com mui grande cortezia,  
Fazendo-lhe aquella honra,  
Que tal senhor merecia.  
Como tão pouca detença  
O Duque fazer cumpria,  
Perguntou pela senhora,  
Que tantas coisas fazia.  
Como lhe fosse mostrada,  
Grande espanto recebia,  
De ver sua formosura  
Mais que todas quanto via,  
Lembrando-lhe a havia visto,  
Mas aonde lhe esquecia,  
Muito fóra de cuidar,  
Que a Imperatriz seria.  
A mui nobre Imperatriz,  
Que mui bem o conhecia,  
Seu rosto maravilhoso  
D'elle sempre escondia,  
De que causa se assombram  
Porque a todos se encobria.  
O Duque sem mais deter-se,  
Sua vinda lhe dizia,  
Contando-lhe como Albano  
Cruel pena padecia ;  
E que o Imperador  
Lhe rogava e lhe pedia  
Que logo o fosse curar,  
Pois tanto mister o havia,  
E que se o dêsse são,  
Que elle lhe promettia,  
Fazel-a tão grã senhora,  
Como ella bem veria.  
Foi a Imperatriz contente,  
Sem cuidar de mais porfia,  
Determinou ir com ella



A sua amada Sophia;  
Tambem a mulher de Albano  
Disse que não ficaria,  
Assim que ambos os maridos  
Lhe fizeram companhia,  
Porque tambem desejavam  
De ir a Roma em romaria.  
Partiram com tanta pressa,  
Que chegando ao outro dia  
A' grã cidade de Roma,  
Quando o sol claro saía,  
Era tanta pelas ruas  
A gente que a seguia,  
Que quando chegaram ao paço  
Caber n'elle não podia.  
O Imperador Lodonio  
Tão alegre a recebia,  
Que todos se assombravam  
De sua grande alegria.  
Foi ella beijar-lhe a mão,  
Mas elle o não consentia;  
Ia c'o rosto coberto,  
Que pouco lhe apparecia.  
Como ella se viu diante  
De quem mais que a si queria,  
Não podia ter-se em pé,  
Do grão prazer, que sentia.  
O Imperador fez honra  
A todos quantos trazia,  
Maiormente a Clitaneo,  
Por sua grande valia;  
Sentou-os todos á mesa,  
Com todos juntos comia.  
Em quanto durou o comer,  
Os seus olhos não desvia  
De sua amada mulher,

Que elle reconhecía ;  
Mas o coração lhe dava  
Sobresaltos de alegria.  
A prudente Imperatriz  
O mesmo também fazia.  
Acabando de comer  
A seu marido dizia :

«Clarissimo Imperador,  
Rei de toda a monarchia,  
A quem devem sujeição  
Todos os que a terra cria ;  
Eu, como serva menor  
De quantos no mundo havia,  
Conhecendo o grão pesar  
Que tendes em demasia,  
Pela doença do irmão,  
Que tanto mal padecia,  
Venho aqui para o curar  
Como quem em Deos confia,  
Como elle lhe dará saude  
Por sua clemencia pia ;  
Portanto eu quero vel-o  
Se o Senhor m'o concedia.

O benigno Imperador  
Muito lh'o agradecia ;  
Foram postos muitos cheiros  
Na cama d'onde dormia,  
Porque de outra maneira  
Ninguem lá entrar queria.  
Foram todos juntamente,  
Que ninguem ficar queria,  
A' camara onde estava  
Quem tanto mal padecia.  
Tinha tão grandes tormentos

Que a alma se lhe saia.  
A humilde Imperatriz,  
Por fazer o que devia,  
A rogos do seu irmão,  
A quem tanto amor havia,  
Chegando-se á sua cama,  
Salvando-o como sohia,  
A fazer que o curava,  
Como quem seu mal sentia:  
Albano lhe torna graças,  
Muito alegre em demasia,  
Disse-lhe a Imperatriz  
Com mui grande cortezia;

«Convém de se confessar  
Logo vossa senhoria,  
Diante do Imperador,  
E esta nobre companhia,  
De todos os seus peccados,  
Que contra Deos commettia,  
Se um só ficar por dizer,  
Saral-o não me atrevia.

Respondeu logo Albano,  
Como quem já se temia:  
Que elle os seus peccados  
Ao Sacerdote os diria,  
E que de outra maneira  
Confessar-se não podia.

«Será logo por demais,  
(A Imperatriz dizia,)  
Minha vinda a este logar,  
Pois nada aproveitaria.

O Imperador agastado,  
A seu irmão respondia :

— Quem agora vos curasse,  
Tam grã milagre fazia,  
Como resurgir um morto,  
Que já come a terra fria ;  
E pois por tal vos contamos,  
Porque vos falta ousadia  
De dizer vossos peccados  
Ante esta tal companhia?  
Dizei-nos, por Deos, irmão,  
Não cuideis de mais porfia,  
Se vós não confessaes,  
Grã pezar receberia.

Disse-lhe então Albano,  
Que pois isto elle queria,  
Que logo lhe perdoasse  
Um grã mal, que feito havia ;  
O qual era de tal sorte  
Que perdão não merecia,  
E se lhe não perdoava,  
Que não se confessaria.  
Respondeu-lhe o Imperador  
Que mil lhe perdoaria,  
E pois era seu irmão,  
Porque d'elle se temia?  
Respondeu então Albano,  
Com grã pezar, que sentia :

== Bem sei que sereis lembrado  
D'aquelle tam triste dia,  
Quando d'aqui vós partistes  
Para ir á romaria?  
Por Governador deixastes,

Como a razão pedia,  
A mim e á Imperatriz,  
Que eu matei com grã falsia.

Contou-lhe todo o successo,  
Porque nada lhe mentia.  
Ouvindo o Imperador  
Bem vereis o que diria:

— Piedoso Jesus Christo,  
Eterna sabedoria,  
Tam altos são teus mysterios,  
Que ninguem os entendia:  
Quem cuidara que um irmão  
Tão grã traição me faria?  
Eu fui mui pouco discreto,  
Pois fiz o que não devia,  
Sem primeiro me informar  
De quem o caso sabia.  
Oh minha amada mulher,  
Claro sol, e luz do dia,  
Minha saborosa lembrança,  
Espelho em que me via!  
Como partiste queixosa  
De uma tão penosa via,  
De mim mais, que do cunhado,  
Porque eu o merecia  
Em vos matar tão sem culpa,  
Sem olhar o que fazia.  
Porque devera olhar  
O que por razão seria,  
Que quem tem fiel amor,  
Nunca mudar se podia.  
Pelejem os elementos,  
E abra-se a terra fria,  
Para que consumma em si

Quem tanto a Deos offendia ?  
Escureça o sol, e a lua  
Que todo o mundo allumia,  
Porque ajudem a meu pranto,  
Como a razão o pedia.

Estas palavras dizendo,  
Com a dôr se amortecia,  
Era por morto julgado  
Da gente que assim o via.  
Vem logo todos os Mestres,  
Cada um como podia,  
Os quaes sabendo a verdade,  
Com muita grande agonia,  
Tantas cousas lhe fizeram  
Com sua sabedoria,  
Até que em si o tornaram,  
Como de antes sohia.  
Não quiz mais a Imperatriz  
Encobrir o que sentia,  
Descobriu seu lindo rosto,  
E a seu marido dizia :

«Oh meu bem tam desejado,  
Minha doce companhia,  
Eu sou a que com razão  
Devo de ter alegria;  
Pois Deos me deixou ver-vos  
Como sempre lhe pedia :  
Se agora viesse a morte  
Mui leda a receberia ;  
Eu sou a vossa mulher  
Filha do grão Rei de Hungria,  
Que vós mandaste matar,  
Pelo que não merecia :  
Quiz-me guardar Jesus Christo

E a Virgem santa Maria,  
Por guardar fidelidade  
A quem tanto me queria.

Poz-se ante d'elle de joelhos  
Ainda que o não merecia,  
Por força lhe beija as mãos,  
Mas elle o não consentia;  
Antes quando a conheceu  
Tão grã prazer recebia,  
Que abraçando-a docemente  
Todo o sentido perdia.  
Não ha ninguem que escreva  
O que cada um dizia,  
Nem papel onde caber  
O que escrever se podia.  
Em extremo se assombraram  
Clitaneo, e mais Sophia,  
Vendo a Imperatriz  
De tão grande Senhoria,  
Aquella que em sua casa,  
Como escrava os servia;  
Que mandaram desterrar  
Por culpa que não havia,  
Temendo-se que agora  
Algum grã mal lhes viria,  
As mãos postas, de joelhos,  
Mui tristes em demazia,  
Chorando pedem perdão,  
Que logo lh'o concedia,  
Fazendo-os levantar  
Com mui grande cortezia;  
A ambos os dois abraçou,  
Chorando com alegria,  
Contando ao Imperador  
O muito que lhes devia.

Que se por elles não fôra,  
Sua honra se perdia ;  
E do grande agasalhado,  
Que cada um lhe fazia  
E que a vida, e a honra  
A elles ambos devia.

O Imperador mui ledo,  
Quando estas cousas ouvia,  
A Deos dava muitas graças,  
E á Virgem sancta Maria,  
Promettendo a Clitaneo  
Que elle lh'o pagaria,  
Com fazel-o grã o Senhor  
De todos quantos havia.  
Tomou a Imperatriz  
A sua amada Sophia,  
Por sua camareira mór,  
Pelo bem que lhe queria.  
Tudo quanto ella mandava  
No imperio se fazia ;  
Determinou o Imperador  
Por fazer o que devia,  
Queimar a seu irmão vivo  
Doente como jazia,  
Dizendo: — que mais merece  
Quem tal traição commettia?  
A Imperatriz piedosa  
De joelhos lhe pedia,  
Lhe quisesse dar a vida.  
Ainda que não merecia,  
Dizendo que bem bastava  
A pena que padecia.  
Outorgou o Imperador,  
Porque mui chorosa a via,  
Porque a sua nobreza,



A muito mais se estendia.  
Levantou-se d'onde estava  
A que n'elle se veria,  
E se foi deitar á cama  
Em que morrendo vivia.  
E untando-o com ungento  
A saude recebia:  
Ficou muito forte e disposto,  
O qual d'antes não fazia;  
Conheceu o Imperador  
Sua virtude e valia,  
Que era ainda muito mais  
Do que elle cuidar podia.  
Seu irmão, por nome Albano,  
Que muito se arrependia,  
Fez mui grande penitencia,  
Porque bem se arrependia.  
O Imperador Lodonio,  
Mandou fazer cada dia  
Muitas grandes procissões  
A Deos e sancta Maria,  
Dando-lhe infinitas graças  
Pelos bens que lhe fazia.  
Fizeram por toda Roma  
Muitas festas de alegria,  
Os pobres se alegravam,  
E toda a gente dizia:  
Viva a nossa Imperatriz  
Que tanto bem nos fazia;  
Iam-na todos a ver,  
Como vem á romaria,  
A todos benignamente  
A Senhora recebia,  
Fazendo-lhes mais esmolas,  
Do que ella d'antes fazia.  
O Imperador Lodonio

Tambem com vontade pia  
 Fazia mui grandes bens,  
 A todos grã bem fazia:  
 Foram bemaventurados,  
 Segundo a historia dizia.

Folha volante, de 1660

DOM FRANCISCO MANOEL DE MELLO

Romance picaresco, intitulado  
 «Debuco de Pena,»

Que em portuguez a retrate  
 Me rogou Dona Breitís;  
 Porque tem nôjo das côres  
 Dos poetas de Madril.  
 Eil-a vae, escutae, vede,  
 Pois logo vereis se ouvís;  
 Que se não vae para vêr,  
 Vae, ao menos, para ouvir.  
 O *cabello* é pino de ouro  
 Tanto mais que o Potosy,  
 Que ao pino do meio dia  
 Faz cada dia o sol cris.  
 Apodara-lhe eu a *testa*  
 A um pedaço de marfil;  
 Mas ella diz d'esse apodo  
 Que m'o deixa para mim.  
 Os *olhos* são dois soldados  
 Da fronteira ou do Brazil;  
 A quem amor por valentes  
 Deu o habito de Aviz.  
 Trez *meninas* tem travessas  
 Com as duas que lhe vi,

Pois brincando ella com ellas  
São trez meninas, emfim.  
Porque são arcos de flores,  
Me jurou Maria Gil,  
Lhe comprára para a dança  
As sobranceiras sutis.  
*Pestanas* tem, não queimadas  
Por lhe não servir assi,  
Para uns olhos tão dormidos  
As *pestanas* são dormir.  
Ambas as *faces* parecem  
De obra de agulha gentil,  
Bainha de ambas as faces  
Em lenço feito em Cochim.  
Não falemos no do meio  
Ramalhete de jasmim,  
Que segundo é lindo, e cheira  
E' ramalhete ou *nariz*.  
O *carão* limpo e luzente  
Uma *pessa* é do *sitim*,  
Não picado, que picado  
É só quem tal *carão* vir.  
O *rosto* livro é de caixa  
Cujas partidas *gentis*  
Não viu o Infante Dom Pedro  
Emquanto andou por ahi.  
As *orelhas* fogem ás dores  
Porque as não querem sentir,  
Orelhas de mercador  
Vendendo mais dor assim.  
A *boca* d'esta fidalga,  
Se não vem como se diz  
A pedir de boca, é boca  
Que nunca vem a pedir.  
Que pouco direi dos dos *dentes*,  
Bem que muito dizer quiz;

Mas cada *dente* tem dente  
Contra a musa mais subtil.  
Se tomal-a pelo *beijo*  
Quer o cravo e o rubi,  
Ella pelo o beijo toma  
Mil cravos e mil rubis.  
Sem falta a moça não come  
Outro pão, que de ambar gris,  
Segundo vem perfumados  
Seus nãos, quanto mais seus sins.  
Na *garganta* me deu susto  
Quando fui e quando vim;  
Porque co'alma na garganta  
Sempre a verá quem a vir.  
O *talho* de muito inteiro  
E' feito tão sobre si,  
Que tal me depare Deos  
No meu feito o meu juiz.  
Conforme que prende e mata  
Com *olhar* e com *sorrir*,  
A senhora traz no gesto,  
Um algoz e um beleguim.  
Se trez foram como duas  
Que são duas flores de liz,  
Lhe tomára as *mãos* por armas  
De França o mesmo Delphim.  
Ouvi que lhe pediu Venus  
Para pôr nos seus jardins  
Os *pés*, que postos em terra  
Prendem quaes pés de jasmins.  
Quando pisa, o cravo cheiro,  
D'onde já disse Merlim,  
Que *pés* que assim pisam cravo  
São *pés* mãos de almotariz.  
Senhora Breitís, agora  
Comvosco vos conferi;

Que se este retrato é pouco  
Far-vos-hei d'estes cem mil;  
Porque só pinto o que vejo,  
Não lanço adiante o gis,  
Senão, dae-me mais que vêr  
Que eu vos darei mais que rir.  
Quando empunhando o rifão  
Faça crêr, como eu o cri,  
Que a Breitís sempre é das moças  
Qual das aves a perdiz.

*Obras metricas, t. II, p. 249. Edição de 1665.*

---

## M. QUINTANA DE VASCONCELLOS

### Romance da Claridea ao som da harpa da Torre

Todas as vezes que canto  
Por aliviar minha pena,  
Segue o pensamento a voz  
Té chegar á causa d'ella.  
Lá entre mil alegrias,  
Que a memoria representa,  
Tão triste me considero,  
Que me converto em tristeza.  
Ser alivio de um mal grande  
Qualquer gosto, ninguem creia,  
Que augmente ao contrario ás forças  
Uma debil resistencia.  
Rouba o tempo ao mesmo tempo,  
A musica o animo alegre,  
E é tão querida de amor,  
Que amando o mais rudo adestra.  
Tema do seu doce effeito

Prodigiosas experiencias,  
Nas aves de que é seguida,  
Nos animaes que deleita.  
Eu só me afflijo cantando,  
E todo o bem me atormenta,  
Que perder vida e memoria  
São os remedios da auzencia.  
Tem por mór mal o da morte  
Nossa fragil natureza;  
Mas, maior mal ha na vida  
Se ha memorias, o soffrel-a.  
Aqui só n'esta prizão,  
E em meu cuidado mais preza,  
Estam tão longe de mim,  
Que nada sei de mim mesma.  
Lagrimas me tem consigo  
Quando a suspirar-me leva,  
Do que fui tenho saudade,  
E de ser quem sou me pesa.  
Viver co'a dôr que padeço  
Deve ser ventura alheia,  
Inda que dão desventuras  
Forças da nossa fraqueza.  
Mas quem desespera auzente  
Do bem que amando deseja,  
Já não tem dor que sentir,  
E embalde outra morte espera.

## ANTONIO SERRÃO DE CASTRO

**Romance da briga de um cego e um corcovado**

De um Cego e de um Corcovado  
Hoje o desafio escrevo;  
N'um vou á cega lagarta,  
N'outro vou com grande peso.  
N'uma palestra se acharam  
Os dois a um mesmo tempo,  
Um carregado de espaldas,  
Outro de colera cego.  
Vinha o Corcovado armado  
De bacias de barbeiro,  
Uma trazia nas costas,  
Outra trazia no peito.  
Com vir nas conchas metido  
Parece vinha com medo,  
Pois nas conchas com alongo  
Um cágado estava feito.  
No Cego vejo a razão,  
No Corcovado a não vejo,  
Porque é um homem que nunca  
Teve avesso nem direito.  
Egrimiou o Cego um pau  
E andou com elle tão déstro,  
Que em dois angulos obtusos  
As pancadas deu correndo.  
Descarregou de pancadas  
No Corcovado um chuveiro,  
Porque os chuveiros nos montes  
Dão as pancadas mais cedo.  
Dar o Cego a bateria

No Corcovado era certo,  
Porque duas eminencias  
Tinha por onde batel-o.  
Sem haver pé de pèssoa  
Que a briga estivesse vendo,  
Foi o Cego dar com um pau  
Em dois vultos não pequenos.  
Tropeçou o Cego n'elles,  
Que é o tropeçar de cegos;  
E deu de cego pancadas  
Em dois mui grandes torpeços.  
Pôr no Corcovado o pau  
Não foi n'este Cego o erro;  
Que em casas que tem corcovas  
Pôr-lhe pontões é acerto.  
Dando na Casa dos Bicos  
Eram golpes tão horrendos,  
Que lá no Cunhal das Bolas  
Soando estavam seus eccos.  
Sempre um cego ha mister guia,  
Mas eu n'este Cego vejo  
Que não ha mister guiado  
Pois tanger sabe um camello.  
Como os cegos tanger bem,  
Este tangeu tão avesso,  
Que nas costas de um laúde  
Deu bordoadas aos centos.  
N'um mesmo tempo brigou,  
E acclamou o vencimento,  
Pois sempre na briga esteve  
Os atabales tangendo.  
O Cego teve a victoria  
Mas o Corcovado, é certo,  
Que nos despojos levou  
Os dous alforges bem cheios.



## ANONYMO

**Romances e cantigas da canonisação de  
San Francisco Xavier**

Pérola muy bella  
Nos traz Oriente;  
Mais resplandecente  
Qu'hũa nova Estrella.  
Quanto tem valia  
Muito áquem lhe fica;  
Pérola tam rica  
No mar não se cria.  
Orvalho dos céos  
Gerou tal belleza,  
Contra a natureza  
Junt'os Pyreneos.  
Vêdes quam ditosas  
São nossas montanhas,  
Pois tem nas entranhas  
Pedras preciosas.  
Não sei se notaes  
Grandeza tão rara,  
Pedras de Navarra  
Vencem orientaes.

Outra cantiga, que fala com o Piloto da Nau, que é o Sancto

Piloto da Nau ligeira,  
Que corre por terra e mar !  
A maré é de rosas,  
O porto seguro,  
As velas mandae tomar.  
No meio do coração  
Vos darêmos gasalhado,  
Que por bem aventurado  
Se terá com tal patrão.

Tendes vara de codão  
Pera todos cativar.

A maré é de rosas,  
O porto seguro, etc.

Enchestes o Oriente  
De luz e de piedade;  
Visitae esta cidade  
Qu' é senhora d' essa gente,  
E vereis quão diligente,  
Se mostr' em vos festejar.

A maré é de rosas,  
O porto seguro, etc.

De drogas celestias  
Vindes muito carregado,  
Vede que sois obrigado  
Repartir c' os naturaes:  
Amor quero, e nada mais  
Por ser pedra de bazar.

A maré é de rosas,  
O porto seguro  
As velas mandai tomar.

---

Oh Nau que pera a viagem,  
Marinheiros não temais,  
Pois tal Piloto levaes,  
Poderá com segurança  
Quem tal Piloto levar,  
Ou pollo mar com bonança  
Ou por terra navegar.  
Espertae a confiança  
Que dos céos vereis o caes,  
Pois tal Piloto levaes.

Desferi todas as velas,  
E botae de foz em fóra,  
Pera que possam enchel-as  
Ventos galernos emb'ora.  
Alegres todos a ellas,  
Tempestades não temaes,  
Pois tal Piloto levaes.  
Assás covarde será  
Quem receiar a viagem,  
Pois Xavier governará  
Que é Piloto de vantagem.  
Elle franquêa a passagem,  
Iça, iça, mais e mais,  
Pois tal Piloto levaes.

---

Xavier ao leme,  
Anjos a cantar,  
Larguemos a vela  
Pera navegar.  
É sabio o Patrão  
Que assi manda a via,  
Vêm ao Galeão  
Todos á porfia.  
Ledos e contentes  
Pera embarcar,  
E tudo está lestes  
Pera se navegar.  
Galeão fermoso  
E bem artelhado,  
Em tudo lustroso,  
Em partes dourado.  
Quem póde temer,  
Ou arreceiar?

Já se faz á vela  
Pera navegar.  
Pois não teme guerra  
Na terra ou no mar ;  
Por mar e por terra  
Pode caminhar.  
Vae esta Nau bella  
Ao Céu demandar,  
Larga, larga a vela  
Pera bolinar.  
Dourado pharol,  
Dourada bandeira,  
Francisco é o sol,  
Norte de carreira.  
E' Nau de alto bordo,  
Não póde remar,  
Tende logo acordo  
Pera velejar.  
Xavier ao leme  
Anjos a cantar,  
Larguemos a vela,  
Pera navegar.

Relaçam das Festas que a religiam da Companhia de Jesus fez em a Cidade de Lisboa, na beatificação do Beato S. Francisco Xavier, segundo Padroeiro da mesma Companhia, e Primeiro apostolo dos reinos de Japão, em Dezembro de 1620, recolhidas pelo Padre Diogo Marques Salgueiro, etc. Lisboa, por João Rodrigues, 1621.

---

### Cantiga de Abel

Doloroso gado  
De tanto primor,  
Dôa-te o fado  
Do triste pastor.

Lembrae-vos, cordeiros,  
Da minha tristura,  
Ovelhas, carneiros  
Que pastaes verdura.  
Abel sem ventura  
De vós apartado,  
Meu gado amado,  
De mim com amor,  
Dôa-te o fado  
Do triste pastor.  
Doei-vos de quem  
De vós se doía ;  
Lembrae-vos tambem  
Minha companhia,  
De quem ser sohia  
Sou outro tornado,  
Ficaes só deixado.  
Sem ter guardador  
Doei-vos do fado  
Do triste pastor.

*Auto do Dia do Juizo; — Folha volante  
de 1659.*

---

## FRANCISCO LOPES

### Romancc de Santo Antonio e a Princeza

Estava el-rei de Leão  
Casado com uma princeza  
De portugueza nação,  
Devota, por portugueza,  
De Antonio, santo varão.  
Tinha morta esta rainha  
Uma filha já mulher;

A qual não pode soffrer  
Que enterrem, como convinha,  
Pelo muito que lhe quer.  
El-rei e toda a mais corte  
Para a sepultura se ajunta,  
Mas era o amor tão forte,  
Que, tendo a filha defunta,  
Não crê a rainha a morte.  
Trez dias chegou a estar  
A mãe em continuo pranto  
E a filha sem sepultar,  
Com grande fé no seu santo,  
Que lh'a hade ressuscitar.  
Erguendo o rosto choroso  
Ao céo com fé verdadeira  
Ao seu Santo glorioso,  
Tão santo e tão poderoso,  
Orava d'esta maneira :

«Já que sois universal  
Nos milagres que fazeis  
Por todo o mundo em geral,  
O remedio não negueis  
A esta vossa natural.  
E se é justo que sintaes  
Esta ausencia tão esquivá,  
Porque a vida lhe negaes,  
Dae-me minha filha viva,  
Pois tantos ressuscitaeis.»

Inda a rainha não tinha  
Dita a sua oração santa,  
Quando Deos ouve a rainha,  
E Antonio põe a mésinha,  
Com que a moça se levanta.  
Porém a infanta amada,

Que tornou cá a esta vida  
Lá da angelica morada,  
Anojada e offendida  
Contra a mãe responde irada:

— Perdõe-vos Deos, senhora,  
Que me tirastes dos céos,  
Aonde eu estava agora,  
Porque santo Antonio fôra  
O que isto pedira a Deos.  
E Deos como o ama tanto,  
Porque tanto a Deos amou,  
Por aplacar vosso pranto,  
D'entre as virgens me tirou  
Do côro celeste e santo.  
Porém a bondade immensa  
Que tudo move e governa,  
Quinze dias só dispensa  
Que esteja em vossa presença  
E que torne á vida eterna. —

Como o divino recado  
Deu a ditosa menina  
Do que Deos tinha ordenado,  
Sendo este tempo acabado  
Subiu á patria divina.

*Santo Antonio*, Milagre xxxvi. — Vide Rom. Ger. n.º 44; Rom. de Aravias, n.º 72. Legitima assimilação popular, de 1620.

# ROMANCES

DA

## HISTORIA DE PORTUGAL

TIRADOS

DAS COLLECÇÕES HESPANHOLAS

---

1

### Romance del Conde Alfonso Enriquez

(ANONYMO)

Cuando el Conde Alfonso Enriquez,  
Primer rey de Portugal,  
Hijo del conde Borbon,  
De Borgofia natural,  
Despues que en campo de Ourique  
A muy duro pelear  
Venció siete reyes moros  
Y los trujo á su mandar,  
Y despues que por sus hechos  
Le vino Dios á premiar,  
Dándole sus cinco llagas  
Por armas y por señal;  
Ya que ganó á Santaren  
Con mucha guerra y afan,  
Y puso á Lisboa cerco  
Por la tierra y por la mar,



Salió de dentro el Rey d'ella,  
Llamado Venalmazar;  
Pide al Conde franca entrada,  
El cual se la mandó dar.  
— Habrás de saber, le dice,  
Que ha que tengo en heredad  
A la ciudad de Lisboa  
Treinta y siete años y mas;  
My padre cuarenta y tres  
En quieta y segura paz;  
Mi abuelo la tuvo treinta  
Con guerras e mucho afan.  
Al fin la habemos gozado  
En feliz seguridad  
Desde que el-rey Don Rodrigo  
La perdió con Portugal;  
Y que aquesta noche estando  
En mi casa á mi folgar,  
Vi venir una doncella  
Al parecer celestial,  
La cual hoy me dijo  
Ser su entera voluntad  
Que sin guerra te entregasse  
Mi reino y esta ciudad,  
Y que me torne cristiano '  
Para mi alma salvar,  
Y tu que te apartes luego,  
Buen Conde, de mas peccar. —  
El Conde quedó espantado  
De lo que al moro oyo hablar;  
Inclinadas las rodillas  
Comenzó de razonar:  
— Mil gracias le doy á Dios  
Por la merced que me hace,  
Y pues que d'esto se sirve,  
Cúmpla-se su voluntad. —

En esto luego se entraron  
Los dos dentro la ciudad,  
Do al moro hicieron cristiano  
Y al Conde rey natural.

*Romanceiro general, de Duran, t. II, pag. 215.*

---

## 2

**Romance de Don Egas Moniz**

(De Juan de la Cueva)

La villa de Guimaraes  
Don Alonso habia cercado,  
Oitavo rey de Castilla,  
Conmovido y alterado  
Contra Don Alonso Enriquez,  
Su infante y su mayorazgo,  
Que no obedeciendo al Rey  
Contra su edicto y su mando,  
Teniéndole en menosprecio,  
No acudiendo á su llamado,  
Ni á las cortes de Castilla,  
Aunque era á ellas citado,  
Como tenia obligacion,  
Y debe cualquier vasallo,  
Cual el era de Castilla  
Con juramento obligado,  
Y no acudia á sus cosas,  
Ni d'ellas tenia cuidado.  
O fuese por querer suyo,  
O por mal aconsejado,  
Al fin estimaba en poco

Ser de Castilla llamado.  
D'esto el Rey ardiendo en ira  
Contra el Infante indignado,  
Le comenzó á combatir  
Teniéndole ya cercado,  
Dándole por todas partes  
Fieros y duros asaltos,  
Perseverando en su intento,  
Prometiendo y protestando  
Que hade igualar por el suelo  
Su muro reedificado,  
De donde los portugueses  
Se defienden aunque en vano,  
Porque la porfia del Rey  
En un tiempo ya tan largo  
Los tenia tan estrechos,  
Tan sin fuerzas y gastados,  
Faltos de mantenimientos  
E de vituallas faltos,  
Costreñidos de la suerte  
Que estaban determinados  
A rendirse, pues se vian  
Sin remedio en tal estado,  
Y entregar al Rey la villa  
Por no recibir mas daño.  
Todo el pueblo en este acuerdo  
La ocasion anda trazando,  
Viendo que el Rey persevera  
Que su intento lleve al cabo,  
Sin desistir de su intento  
Ni alzar del cerco la mano,  
Y para que venga á efecto,  
Un dia andaba mirando  
El sitio, el lugar y asiento,  
Por uno e por otro cabo,  
Y por d'onde el dia siguiente

Pueda el pueblo ser entrado  
Con mayor facilidad,  
Pues casi estaba arruinado.  
Los de dentro temerosos,  
El presto fin aguardando,  
Viendo que él solicitaba  
Su total miseria y daño,  
Un caballero animoso,  
Que era Egas Nuñez llamado,  
Viendo el peligroso apierto  
Del cerco en que estan cercados,  
Temiendo ver que se entregue  
El pueblo ya acobardado,  
Que viendo al Rey junto al muro  
Todos estaban temblando ;  
Mas él con ánimo fuerte  
Y corazon levantado,  
Determina de morir  
O que su pueblo sea salvo ;  
Y asi con firme braveza  
Armado subió á caballo  
Y sale á do estaba el Rey,  
Y ante el puesto, asi ha hablado :  
— ¿ Qué razon hay que tu Alteza  
Con ánimo tan airado  
Asi quiera destruirnos,  
Y en ello ponga el cuidado,  
Siendo razon mas urgente  
Que mires por tus vassallos,  
Que no hacerles tal guerra,  
En la cual no acobardados  
Hallarás los corazones,  
Que nada les pone espanto,  
Ni les forzará á que hagan  
Por fuerza tu real mandado,  
Pues pueden sufrir el cerco

Y darte guerra diez años,  
Sin que les falte comida,  
Ni cosa para este caso?  
Mas una razon los vence,  
Y es esta quien me ha forzado  
Que venga á pedir que quieras  
Que esto acabe, el cerco alzando,  
Pues la fe que en ti tenemos  
Nos da esfuerzo en el quebranto,  
Que aceptarás nuestro ruego  
Cual te ha sido suplicado.  
A esto vengo como tio  
Del Infante, y su vasallo,  
Por el cual te doy la fe,  
Como noble hijo-dalgo,  
Que en todo cuanto mandares  
Seguirá tu real mandado;  
Y acabe ya esta contienda  
De cristianos á cristianos,  
Y vamos contra los moros  
Que nos hacen tanto daño,  
Entrandose por Castilla,  
Tu poder menospreciando;  
Que en lo que toca á nosotros  
Por la fe que ya te he dado,  
Juro en nombre del Infante  
Como deudo mas cercano,  
Que el y todos te obedezcan  
Como leales vasallos. —  
Esto oido por el Rey,  
Luego el cerco levantando,  
Egas Nuñez dió la vuelta  
El libre, y su pueblo salvo.  
Fuése el Rey, ordenó Cortés,  
Todo aquesto ya pasado,  
Citan al Infante á ellas

Por edicto señalado,  
Responde que él no hade ir  
A ellas, siendo forzado.  
Oyendo Egas Nuñez esto,  
Y habiendole al Rey jurado  
Que el Infante cumpliría  
Lo que dél fuese mandado,  
Visto que el enganá al Rey,  
Y que él era el obligado  
A cumplir el juramento  
Que hizo como hijo-dalgo,  
Con su mujer e sus hijos,  
Dispuesto y aparejado  
A lo que dél sucediese,  
Para el Rey siguió su paso  
Vestido de peregrino,  
Y de aquel modo llegado  
A la presencia del Rey,  
Le dice ante el humillado :  
— Gran señor, yo me presento  
Ante ti, en ti confiado,  
Que mirarás con clemencia  
La culpa en que soy culpado.  
Yo soy aquel caballero  
Con quien hablaste en tu campo,  
Cuando sobre Guimarães  
Lo tenias asentado.  
Fingiendo-me que era tío  
Del Infante, fuete dado  
Seguro de mi palabra  
Que vendria a tu llamado,  
Esto sin mas facultad  
De la que yo hube tomado,  
Pues no es mi deudo el Infante,  
Cual de mi te fue afirmado ;  
Mas es mi rey y señor

Y yo, como su vassallo  
Viendo el peligro y aprieto  
En que lo tenias cercado,  
Quise por aquesta via  
Ser remedio de su daño:  
Y asi pues yo me obligué,  
Y por mi fueste engañado,  
Yó, mis hijos y mujer  
Paguemos este peccado. —  
Esto diciendo Egas Nuñez  
Cruzó en el pecho los brazos,  
Y hincado de rodillas  
Como estaba se ha quedado.  
El Rey de oir la extrañeza  
Aunque de ira incitado,  
Se admiro, y mirando á Egas  
Le dijo, asiendole el brazo:  
— Levanta, que tu lealtad  
Te hace libre, y tu engaño  
Alabo, pues me engañaste  
Por hacer a tu rey salvo;  
Y asi llevarás el premio  
Digno de un hecho tan alto,  
Mandóle dar muchos dones,  
Aderezos e caballos  
Para volver-se a su tierra,  
Do vuelto, fué mui loado  
De todos, y del Infante  
Conforme al hecho estimado.

## 3

**Romãce del rey don Alfonso quando libertó del  
tributo al reino de Portugal.**

(Lorenzo Sepulveda)

En Sevilla estava Alfonso  
 Sabio por todos llamado,  
 El rey que ganara a Murcia  
 Antes que oviesse el reynado;  
 El infante don Dionis  
 A Sevilla avia llegado,  
 Hijo del rey don Alfonso  
 De Portugal el reynado,  
 Del rey Alfonso era nieto  
 El infante ya nombrado.  
 Gran plazer tomó su abuelo  
 Quando lo vido a su lado,  
 De edad era pequeño,  
 A quinze años no ha llegado,  
 Pedio por merced al rey  
 Cavallero lo aya armado  
 Con otros sus cavalleros  
 Que vienem a acompañarlo.  
 Concedierale el buen rey  
 Lo que le fue demandado,  
 Cavallero era el infante  
 A su abuelo se ha humillado,  
 Deixole: — Rey, mi señor,  
 Pues que soys tan señalado  
 Entre los reyes del mundo  
 De rey liberal y franco,  
 Concedeme lo que os pido  
 Seraas mucho loado,  
 Y es que quiteys de tributo  
 A Portugal mi reynado,  
 Y que no vengán sus reyes



A cortes siendo llamados,  
Ne les pidays gentes darmas  
Como hasta oy se os han dado.  
El rey respondiõ al infante :  
Quel solo por si en su cabo  
No podia responder  
Ni le dá lo demandado  
Hasta llamar los infantes  
Y los grandes de su estado,  
Que estavan, alli con el  
Que a cortes se avien juntado,  
Y que si ellos lo han por bien  
El no se lo avia negado.  
Otro dia al rey Alfonso  
Sus grandes avie llegado,  
Declaro delante todos  
Lo qu'el nieto ha demandado,  
Pidio que le den consejo  
Si lo hara o sera negado.  
Todos callaran gran pieça,  
Ninguno no avia hablado,  
El rey se enojo de todos  
Por que no le han replicado,  
Mas contra aquesse don Nuño  
La saña mas ha mostrado.  
Don Nuño se puso en pie  
Con el rostro demudado  
Dixo: «Al rey mi señor  
Mi hablar fuera escusado,  
Estando aqui presentes  
Los infantes vuestros hermanos,  
Y don Estevan con ellos,  
Y don Lope Diaz de Haro,  
Que son mas sabios que yo  
Para tal consejo daros;  
Pero quereys mi consejo  
Daros lo he yo de buen grado,

Y es que hagades mucha honra  
Mucho bien y mucho algo.  
Al infante don Dionis  
Que sera bien empleado,  
Por el deudo que le aveys  
A esto soys le obligado,  
Y por que era cavallero.  
Arnado por vuestra mano,  
Y si ajuda ha manester  
Tenido soys a ayudarlo  
Como a qualquier hijo vuestro  
De los que teneys amado ;  
Mas quitar de la corona  
De aqueste vuestro reynado  
El tributo que los reyes  
De Portugal han pagado  
A este reyno de Castilla  
Yo no os lo avre consejado. »  
Y en diziendo estas palabras  
Salido se ha del palacio.  
No le plugo al rey Alfonso  
De lo que Nuño ha hablado,  
El infante don Manuel  
Y otros han deliberado  
Haga lo que don Dionis  
Le pidio y a suplicado  
Pues el tributo era poco  
Que no se lo aya negado.  
El rey que lo ha en voluntad  
Otorgolo de buen grado,  
Sus cartas le dio de quito  
Y a Portugal se ha tornado  
Muy pagado de su abuelo  
Que su reyno ha libertado.

## 4

**Romances de D. Pedro 1.º de Portugal y Dona Inez de Castro. — I**

(De Gabriel Lobo Laso de la Vega)

El valeroso Don Pedro,  
Gran principe lusitano,  
Hijo del Rey Don Alonso,  
Sucesor en sus estados,  
De una doncella en Galicia,  
Dicha Doña Inez de Castro  
Y Valladares, fue preso  
De su hermosura forzado,  
Cuya recta descendencia  
Fue del tronco claro y alto  
De los antiguos de Lémos  
Que resplandecen hoy tanto,  
Hija bastarda que fué  
De Pedro Hernandez de Castro,  
Un valiente caballero  
Del Principe primo hermano.  
Digo pues que como fuese  
Este Principe casado  
Dió grandes muestras de estar  
D'esta Doña Inez prendado,  
A quien con sola la vista  
Iba su mal declarando,  
No gozando aun toda veces  
D'esto, que a nadie es negado,  
Que de amor cualquier afecto  
Ofende a un intento casto.  
Hizo muchas diligencias  
De hablarla, y todas en vano,  
Que la bella Doña Inez

Da a su pretension de mano,  
 Viendo que el mejor suceso  
 Tiene de ser en su daño;  
 Mas como és vispera el bien  
 Del acaecimiento malo,  
 Sucedió pués que murió  
 La Princeza en esto estado.  
 Hallóse Don Pedro libre,  
 Ya su mal medio buscando,  
 Se caso con Doña Inez  
 En Berganza con recato;  
 En la cual tuvo trez hijos,  
 De que fue el Rey avisado,  
 A quien peso por extremo;  
 Y de trez malos vasallos  
 Fué inducido con instancia  
 A hacer un hecho villano,  
 Que prosiguiendo adelanto  
 Se dirá el suceso infausto.

*Romancero y tragedias, etc.*

## 5

**Don Pedro 1.º de Portugal y Dona Inez  
 de Castro. — II**

(De Gabriel Lobo Laso de la Vega)

Contento con Doña Inez .  
 Está Don Pedro en Coimbra :  
 No en tanto el futuro cetro  
 Como el poseerla estima,  
 Y le paga Doña Inez  
 Con esta voluntad misma ;  
 Y como en el buen estado  
 La constancia está abscondida,  
 Ofreciosele a Don Pedro  
 Una ausencia hacer precisa,  
 Cosa que el que bien amare  
 Sabra bien cuanto lastima.

Sabiendo el Rey Don Alonso  
De su hijo la partida,  
Con lo trez crueles vasallos  
Que al mal, mal le persuadian  
Do está Doña Inez de Castro  
Con gran secreto camina,  
Confuso atemorizado  
Porque los trez le decian  
Que seria el casamiento  
Del reino total ruina,  
Y que el morir Doña Inez  
Era lo que convenia,  
Hirosele duro al Rey  
Su inocente culpa vista  
De que los trez indignados,  
Con suprema justicia  
Que eran del reyno, tomaron  
Sobre si aquesta malicia,  
Finalmente, Doña Ines  
Rindió a sus dagas la vida  
Cuya lastimosa muerte  
Por el Principe sabida  
Mueve guerra contra el padre,  
El cual morio en pocos dias  
De pesadumbre, y los trez  
Se huyeron para Castilla.  
Coronose el Portuguez,  
Segun su fuero en Coimbra,  
Coronando juntamente  
Por reina e mujer legitima  
Los huesos de Doña Ines,  
Que desenterrar hacia,  
Funestas bodas y exequias  
Celebrando un mismo dia;  
Y de los trez, dós cogiendo  
Hizo d'ellos cruel justicia.

## 6

**Don Pedro e Dona Ines de Castro. — III**

(ANONYMO.)

Don Pedro, a quien los crueles  
 Llaman sin razon Cruel  
 Desde Coimbra a Alcobaza  
 Cien mil hachas hizo arder.  
 Todas arden, mas que todas  
 Arde el corazon del Rey,  
 Lo que va de amôr á luces  
 Y de cera al querer bien.  
 Sentose a su lado y luego  
 Los fidalgos y la pleé  
 Y el reino besó en cenizas  
 La mano que nieve fué.  
 Para obrar tan gran fineza  
 No le faltó a Amor ser rey,  
 Sin juntarse con las armas  
 Del monarca portuguez.  
 El sol desconose el dia  
 Cuando por tierra la vê  
 En la noche de sus luces  
 Todo el firmamiento en pié.  
 La muerte que solo es fenix,  
 Este bodes supo hacer,  
 Donde en la vida e la muerte  
 Reinan marido y mujer.  
 Los clarines y clamores  
 Dan pésame y parabien,  
 Al vivo de su firmeza,  
 Y al cadaver, de su fé.  
 Lo que sobro del sepulcro  
 Cubre funesto dosel;  
 Tálamo y tumulo cubren  
 A Don Pedro y Doña Ines.

*Romances de varios e diferentes auctores*

**Doña Ines de Castro, Cuello de Garza, de Portugal. — IV**

(ANONYMO)

A la Reina de los cielos  
Que con excelencias tantas  
Se coronó de laureles  
Para llevar-se la palma ;  
A aquella que ave divina  
Se remontó bella garza  
A lo mas alto del cielo,  
Adonde está colocada,  
Le suplico que me preste  
Una pluma de sus alas  
Para que escriba mi ingenio  
La crueldad mas inhumana,  
Y la lastima que lloran  
De bronce y marmol estatuas.  
En ese lucido reino  
De la gente lusitana  
Nació un principe famoso,  
A quien dió nombre la fama  
De cruel, aunque para serlo  
Le dieron bastante causa.  
Por gusto del rey su padre  
Con una infanta de España  
Casó el Principe famoso  
Con grandeza soberana,  
Y á Portugal, con su reina,  
Pasó por dama, una dama,  
Cuya hermosura por grande  
Se igualó con su desgracia.  
Era Doña Ines de Castro,  
Ya lo he dicho, que esto basta.

Murió luego en Portugal  
La princesa castellana;  
Sintió Portugal su muerte  
Tanto como le tocaba,  
Y el Principe se portó  
Con grandeza para honrarla;  
Y sosegada la pena,  
Que el tiempo todo lo acaba,  
Salió para divertirse  
Al jardin, como estilaba,  
Donde dió vista á una fuente  
De una fabrica tan rara,  
Que era toda de alabastro,  
Com una taza de plata,  
Y alli poniendo sus ojos  
Vió reclinada una dama,  
Que en los frigidis cristales  
Al espejo se miraba.  
Llegó el Principe á la fuente,  
Porque el fuego busca al agua  
Y mirando su hermosura,  
Quedó su vista abrasada.  
Y á su cariñoso estilo  
Volvió Doña Ines la cara.  
Quedóse el Principe helado,  
Y Doña Ines quedó helada,  
Bebiendo se los alientos  
Por los ojos, hasta el alma.  
El fuego venció á la nieve,  
Y derriendiendo la causa  
Que aprisionaba su lengua,  
Rendido el Principe habia.  
Palabra le dió de esposo  
Prometiendiendo coronarla  
Por reina de Portugal;  
Y la dama cortesana  
Con juxto agradeciimiento



Su candido jazmin saca.  
Dióle la mano de esposa,  
Y en fe de mano y palabra  
Se casaron en secreto  
Con union muy voluntaria ;  
Y temiendo que su padre  
Esta accion les estorbara,  
Para que mas se ocultase  
Del real palacio la saca,  
Aposentando su hechizo  
En una quinta que estaba  
Convecina del Mondego.  
Y su padre, que ignoraba  
Los lances que he referido,  
Trató luego con Navarra,  
Atribuyéndolo á dicha,  
El casarle con su Infanta.  
Concediólo el Rey navarro,  
Y la infanta Doña Blanca,  
Acompañada de grandes  
De su corte y de su casa,  
Pasó á Lisboa, causando  
Mil penas eslabonadas.  
Visitó el Principe al Rey,  
El cual le ordena y le manda  
Que pues ha de ser su esposo,  
Visitase á Doña Blanca.  
Obedecióle Don Pedro,  
Y recibióle la Infanta  
Con cariñosos cortejos,  
Y el Principe así le habla :  
— Ilustrissima Señora,  
Cierto me holgara en el alma  
Excusar vuestro disgusto  
Y el mio, por ser yo causa  
De los presentes desaires  
En que os miro estimulada ;

Mas supuesto que es preciso  
Vuestra pena declarada,  
Rompa mi voz el silencio,  
Pues ya no puedo occultarla.  
Casé, Señora, en Castilla  
Primera vez con la Infanta  
Por el gusto de mi padre ;  
Pero pues no está ignorada  
La dicha de estos principios,  
Pasemos á la sustancia.  
Cuando mi querida esposa  
Pasó á Portugal, de España  
Vino asistiendola entónces  
Una bellissima dama,  
Una hermosura, un prodigio,  
Perdóneme el alabarla  
Vuestra Alteza en su presencia :  
De su belleza informarla  
Mi importa, porque disculpe  
Temeridades osadas,  
Cuando advertida conozca  
De estos extremos la causa.  
Es, en fin, por abreviar,  
Doña Ines, Cuello de Garza,  
Tan garza, que su hermosura  
Y discrecion remontada,  
Por ser un cielo, es el centro  
De la gloria de mi alma.  
Vióla mi vista, y perdila,  
Pues me la robó su gracia ;  
Solicité su hermosura,  
Y favoreció mis ansias  
Tanto, que logré la dicha  
De gozar premios por paga.  
Ya Doña Ines es mi esposa  
Que está conmigo casada,  
Su esposo soy tan gustoso

Que á mi dicha no se iguala  
La mayor dicha del mundo,  
Porque es mi dicha tan alta :  
Y asi podrá vuestra Alteza  
Volverse luego á Navarra,  
Que solo Ines hade ser  
En Portugal coronada. —  
Fuese el Principe, y quedó  
En blanco la triste Blanca,  
Dando á los ojos licencia  
Para que tristes lloraran  
La pena que padecia ;  
Y el noble rey de Navarra  
Sintió con grandes extremos  
El desaire de su hermana,  
Mandó que al arma tocasen  
Las trompetas y las cajas,  
Y los fuertes capitanes  
Se pusiesen en campaña  
Con ejercitos valientes  
Bien prevenidos de armas,  
Hasta ver de Portugal  
La corona derribada ;  
Que para recuperar  
El agravio de su hermana  
Solo pretende ponerla  
Por alfombra de sus plantas.  
Sonó el clarin belicoso,  
Crujió el parche de las cajas,  
Poblóse el campo de picas,  
De mosquetes y alabardas,  
Y con fieros estandartes,  
Y banderas tremoladas,  
Le puso sitio á Lisboa ;  
Y temiendo su arrogancia  
El portuguez, pidió treguas  
Y á sus consejeros llama :

Y puesto en el trono altivo  
Su consejo les demanda.  
Era el uno Egas Coello,  
Y Alvar Gonzalez llamaban  
Al segundo consejero,  
Y el consejo que le daban  
Fué que Dona Ines de Castro  
Muriese, que era la causa  
De las guerras, que su muerte  
Era de mucha importancia.  
El Rey replicó que no,  
Que era tirania ingrata.  
Replicaron los traidores  
Que perderia su fama,  
Y que junto con su vida  
Su corona peligraba  
Y en fin, tiranos, alevés,  
Tantos riesgos alegaban,  
Que bajó desde su trono  
El Rey, dejando firmada  
De Doña Ines la sentencia  
De que muera degollada.  
Al Principe aseguraron  
En la prizon de un alcázar,  
Y partieron á Coimbra,  
Donde Doña Ines estaba.  
Aqui la mano me tiembla,  
Aqui la pluma se pára,  
Aqui el pulso titubea,  
Y la lengua aprisionada  
Entre penas y tormentos,  
No pronuncia lo que habla,  
Le leyeron la sentencia  
A aquella cordera mansa,  
A aquella que imitó á Abel  
Entre el furor y la saña  
De tan ingratos Caines ;

Y vestida de mil ansias,  
Rociaron sus auroras  
Perlas, que en la filigrana  
De sus hermosas mejillas  
Se miraron esmaltadas ;  
Y sentada en una silla  
Las manos atras atadas,  
Llegó el tirano homicida,  
Cubrió su cielo una banda,  
Cortó el ingrato cuchillo  
Su bellissima garganta.  
Quedó aquella nieve, roja,  
Aquella luna, eclipsada,  
Aquel sol, todo nublado,  
Aquella luz, apagada,  
Aquella estrella, sin rayos  
Aquel lucero, sin alba,  
Sin purpura, aquella rosa,  
Aquel clavel, sin fragancia,  
Aquel jazmin, deshojado,  
Y sin cuello aquella garza,  
Abatidos ya sus vuelos,  
Y remontada su fama.  
Murió Doña Ines de Castro,  
Dios le dé gloria á su alma,  
Y entre hermosos paraninfos  
S'eternice colocada ;  
Y el Principe mas amante  
Cuando supo la desgracia,  
Sus amorosos extremos  
Digalos por mi la fama ;  
Y desmintiendo la noche  
Con la luz de cien mil hachas,  
Le hizo un entierro solemne  
Desde Coimbra á Alcobaza,  
Donde sobre su cabeza  
Puso la corona sacra,

Y luego todos sus grandes  
Besaron la mano blanca.  
Hizo que todo su reino  
Por su reina la jurara,  
Y á los ingratos traidores  
Por las traidoras espaldas  
Arrancó los corazones,  
Porque su culpa pagaran.  
Emplazado murió el Rey  
Para dar cuanta tan larga:  
Quedó Doña Ines sin vida,  
Y los traidores sin alma;  
Y cuando supo el suceso  
Levantó el sitio Navarra,  
Y el Principe sin consuelo  
Quedó llorando mil ansias.  
Rendido pide el ingenio  
Perdon de sus muchas faltas.

*Piiego suello*

## 8

**Romance de Dona Isabel**

— De cómo Dona Isabel quiso en vano ser reina de Castilla. —

(ANONYMO)

Yo me estando en Tordesillas  
Por mi placer y holgar,  
Vinome al pensamiento,  
Vinome a la voluntad  
De ser reina de Castilla,  
Infanta de Portugal.  
Mandé hacer unas andas  
De plata, que non de al  
Cubiertas con terciopelo  
Forradas en tafetan.

Pase las aguas del Duero,  
Paselas yo por mi mal  
En los brazos a Don Pedro  
Y por la mano a Don Juan,  
Fuerame para Coimbra,  
Coimbra de Portugal:  
Coimbra desque lo supo  
Las puertas mando cerrar.  
Yo triste, que aquesto vi,  
Rescibiera gran pezar:  
Fuerame a un monasterio  
Qu'estaba en el arrabal,  
Casa es de religion  
Y de grande santidade;  
Las monjas estan comiendo,  
Yá que querian acabar  
Luego yo quando lo supe  
Envie con mi mandar  
A decir á la Abadesa  
Que no se tarde en bajar  
Que espera Doña Isabel  
Para con ella hablar.  
La Abadesa que lo supo,  
Muy poco tardo en bajar:  
Tomarame de la mano,  
A lo alto me fué a llevar  
Hizome poner la meza  
Para haber de yantar.  
Despues que hube yantado  
Comenzome a preguntar  
Como vine a la su casa  
Como no entré en la ciudad?  
Yó le respondi: — Señora,  
Eso es largo de contar:  
Otro die hablaremos,  
Quando tengamos lugar.

**Romances de Doña Isabel de Ciar**

Cómo, porque el Rey tenia hijos de ella, la reina la mando matar. — I

(ANONYMO)

Yó me estando en Giromena  
Por mi placer y holgare,  
Subierame a un mirador  
Por mas descanso tomare:  
Por los campos de Monvela  
Caballeros vi asomare:  
Ellos de guerra no vienem,  
Ni menos vienem de paz,  
Vienem en buenos caballos,  
Lansas y adargas traen:  
Desque yó lo vi, mezquina,  
Peremelos a mirare,  
Conociera a uno d'ellos  
En el cuerpo y cabalgare,  
Don Rodrigo de Chavella  
Que llaman del Marechale,  
Primo hermano de la Reina  
Mi inemigo era mortale.  
Desque yó, triste, le viera,  
Luego vi malo señale.  
Tomé mis hijos conmigo  
Y subime al homenaje;  
Yó que yo iba a subir,  
Ellos en mi casa estane:  
Don Rodrigo és el primero,  
Y los otros traz el vane.  
— Salveos Diós, Doña Isabel.



«Caballeros bien vengades.  
— Conoscedenos, señora,  
Pues asi vais a hablare?  
«¡Yá os conozco, Don Rodrigo!  
Yá os conozco por mi male!  
¿A qu'era vuestra venida?  
¿Quien vos ha enviado acae?  
— Perdonemedes, señora,  
Porque lo que os quiero hablare,  
Sabed que la Reina, mi prima  
Aca enviado me hae,  
Porque ella es muy mal casada,  
Y esta culpa en vos estae,  
Porque el Rey tiene en vos hijos  
Y en ella nunca los hae,  
Siendo, como sois, su amiga,  
Y ella mujer naturale:  
Manda que murais, señora  
Paciencia querais prestar. —  
Respondió Doña Isabel  
Con muy grande honestidade:  
«Siempre fuistes, Don Rodrigo,  
Todo em mi contrariedade:  
Si vos queredes, señor,  
Ben sabedes la verdade  
Qu'el Rey me pedio mi amôr,  
Yo no se lo quiso dare,  
Teniendo en mas a mi honra  
Que no sus reinos mandare;  
Cuando vió que no queria  
Mis padres fuera a mandare,  
Ellos tan poco quisieron  
Por la su honra guardare  
Desde todo aquesto vido,  
Por fuerza me fué a tomare;  
Trujome a este fortaleza,

Do estoy en este lugare;  
Trez años he estado en ella  
Fuera de mi voluntade,  
Y si el Rey tiene en mi hijos  
Plugo a Diós y a su bondade,  
Y si no los ha en la Reina  
E's asi su voluntade.  
¿Porque me habeis de dar muerte  
Pues no merezco mal?  
Merced os pido, señores,  
No me la querais negare:  
Desterreisme d'estes reinos,  
Qu'en ellos no estaré mares  
Irme he yo para Castilla,  
O a Aragon mas adelante,  
Y si no bastare aquesto  
A Francia me iré a morare.  
— Perdonedenos, señora,  
Que no se puede hacer mas.  
Aqui está el Duque de Bavía  
Y el Marquez de Villareale,  
Y está el Obispo de Oporto  
Que os viene a confesare.  
Cabe vos está el verdugo  
Que os habia de degollare,  
Y aun aquesto pajecico  
La cabeza ha de llevare. —  
Respondió Doña Isabel,  
Con muy grande honestidade:  
«Bien parece que soy sola,  
No tengo quien me guardare,  
Ni madre ni padre tengo,  
Pues no me dejan hablare;  
Y el Rey no está en este tierra,  
Qu' ere ido allende el mare;  
Mas de qu'el sea venido

\*

La mi muerte vengarae.  
— Acabedes yá, señora,  
Acabedes de hablare.  
Tomalda señor Obispo,  
Y metedla a confesare.—  
Mientras en la confesion,  
Todos trez hablando estane,  
Si era bien hecho o mal hecho  
Esta dama degollare:  
Los dos dicen que no muera,  
Qu'en ella culpa no hae;  
Don Rodrigo, qu'es muy cruel,  
Dice que la ha de matare.  
Sale de la confesion  
Con sus trez hijos delante,  
El uno dos años tiene,  
Elle otro para ellos vae,  
Y el otro, qu'era de teta,  
Dandole sale a mamare,  
Toda cubierta de negro,  
Lástima es de la mirare:  
«Adiós, adiós, hijos mios;  
Hoy os quedareis sim madre:  
De alta sangre caballeros,  
Por ellos querais mirare,  
Que al fin son hijos de rey,  
Aunque son de baja madre.»  
Tiendenla en un repostero  
Para habella degollare:  
Asi murio esta Señora  
Sin merecer ningun male.

## Al mismo asunto. — II

(ANONYMO)

En Ceute estava el buen Rey,  
Ese Rey de Portugal,  
Cuando le dieron aviso  
De tristeza y de pesar,  
Diciendole que habian muerto  
A Doña Isabel de Liar  
Y que lo mandó la Reina  
Por su mala voluntad.  
Don Rodrigo fué el cruel,  
El que llaman del Marchal.  
Y ese Duque de Salinas,  
Y el Marquez de Villareal,  
Con el o bispo de Oporto,  
Que la fuera a confesar.  
Cuando aquesto supo el Rey,  
No hace sino llorar ;  
Juraba por su corona  
Que le habia de vengar.  
Mandó tocar sus trompetes,  
El real mandara alzar,  
Vistiose todo de luto  
Luego se quizo embarcar  
Con solo diez caballeros  
Que no le quieren dejar.  
No quiso aguardar la flota,  
Por no se tanto tardar,  
Y dentro de siete dias

A Sevilla fué á llegar  
Y de allí a pocos días  
Es llegado a Portugal.  
Fuese derecho a palacio,  
Do salia reposar.  
La reina cuando lo supo  
Vinose a lo visitar ;  
Mas el Rey con mucha saña  
D'esta suerte le fue a hablar :  
— Mal vengades vos, la Reina,  
Malo sea vuestro llegar. —  
En diciendo estas razones,  
La mandó presto tomar,  
Y en el mismo repostero  
Do su amiga fué a finir,  
Mandó degolar la Reina,  
Don Rodrigo cuartear,  
Y a ese Duque de Salinas,  
Y al marquez de Villareal,  
Y al buen Obispo de Oporto  
Le mandó descabezar.  
Hizo sacar a su amiga  
Para con ella casar,  
Y por heredar sus hijos,  
A Don Pedro y a Don Juan.  
Y despues con mucha honra  
La mando luego enterrar ;  
D'este modo vengo el Rey  
A Dona Isabel de Liar.

**Romances del Duque de Guimarans. — I**

Don Juan II de Portugal hace decapitar al Duque de Guimarans, y mata por su mano al joven Duque de Viseo, su primo y cuñado.

(ANONYMO)

Los grandes de Portugal  
Se muestran muy enojados,  
Con gran queja de su rey  
Muy gran odio le han tomado.  
Y el Duque de Guimarans  
Es el que mas le ha mostrado,  
El cual con sus trez hermanos  
Se siente mui agraviado.  
Por muy aspero le acusan  
Y de no bien enseñado,  
Porque mui mal los tratava  
No haciendo d'ellos caso,  
Siendo de su misma sangre,  
Y sus deudos muy cercanos,  
Fuera de lo que su padre  
Siempre los habia tratado,  
Y de la humana llaneza  
Con que era comunicado;  
Agravando el mal presente,  
Mirando en el bien pasado,  
Y con este descontento  
Estando muy indignados  
Publicaban que era el Rey  
Avariento en sumo grado,  
Injusto, incapaz que el reino  
Fuese por el gobernado;  
Lo cual por el Rey sabido,

Mostrando-se muy airado,  
Dicen que les levantó,  
O que fué de ello informado,  
Que el Duque y sus trez hermanos  
Que se habian conjurado  
De matar a su persona,  
Y de tomarle su estado  
Y darlo a su primo el Duque  
De Viseo, su cuñado,  
Y por esto los prendió  
Tomandolos descuidados  
Y procedio contra ellos;  
Y el processo sentenciado,  
Fué el Duque de Guimarans  
En publico degollado:  
Esotros sus trez hermanos  
Fueron todos desterrados,  
Y al Duque de Viseo  
Perdonó por ser muchacho.  
Y no dende a mucho tiempo  
En que aquesto hubo passado,  
Publicó que aquesto Duque,  
Su primo, queria matarlo,  
Y con otros caballeros,  
Que estaba yá conjurado:  
Envió a llamar al Duque  
El cual vino a su mandado  
De un pequeño luga suyo,  
Donde estaba aposentado,  
En la cámara del Rey  
Entró el Duque descuidado.  
Viendole el Rey ante si,  
Que le maten ha mandado;  
Pero teniendo respeto  
Nadie quiso ejecutallo  
Por ser su primo del Rey,

Y ser tambien su cuñado.  
El Rey sacando un puñal,  
Fué contra el muy airado  
Diciendole: — ¡ Oh traidor! —  
Y el Duque muy fatigado,  
Viendose llamar traidor  
Respondió muy denodado:  
«Vos sois traidor y mentis  
En eso que habeis hablado.»  
Dijole el Rey: — Tu pensabas  
Levantarte con mi Estado  
Y matarme a mi primero;  
Pues mal te se ha ordenado,  
Que si mi brazo me ayuda,  
No verás lo que has pensado.  
Y abrazandose con el  
Dos puñalados le ha dado,  
Y dejandole alli muerto  
Entró dentro en su palacio,  
Y preguntole a la Reina  
Con rostro disimulado:  
— A quien quisiese matarme  
Y alzarseme con mi Estado  
¿Que os parece que merece  
En pago de su pecado? —  
La Reina le respondió:  
«El que tal caso ha pensado  
Muy cruel muerte merece  
Como traidor y malvado.»  
Dijo El Rey: — Tened paciencia,  
Que asi he hecho a vuestro hermano.



**La Duquesa de Guimarans se queja al Rey por  
la muerte que hizo dar a su esposo. — II**

(ANONIMO)

— Quejome de vos, el Rey,  
Por haber credito dado  
Del buen Duque, mi marido,  
Do que le fue levantado.  
Mandastemelo prender  
No siendo en nada culpado.  
¡ Mal lo hicistes, mi Señor !  
¡ Mal fuistes aconsejado !  
Que nunca os hizo aleve  
Para ser tan maltratado ;  
Antes os servió, ¡ mezquino !  
Poniendo por vos su Estado :  
Siempre vino a vuestras cortes  
Por cumplir vuestro mandado.  
No lo hiciera asi, señor,  
Si en algo os hubiera errado,  
Que gentes y armas tenia  
Para darse a buen recaudo ;  
Mas vino, como inocente  
Que estaba de aquel pecado.  
Vos no mirando justicia,  
Habeismelo degollado.  
No lloro tanto su muerte  
Como vello deshonrado,  
Con un pregon que decia  
Lo por el nunca pensado.  
Murió por culpas ajenas  
Injustamente juzgado :

El ganó por ello gloria,  
Yó para siempre cuidado,  
Agora vivo en prisiones  
En que vos me habeis hechado,  
Con una hija que tengo  
Que otro bien no me ha quedado,  
Que trez hijos que tenia  
Habeismelos apartado:  
El uno és muerto en Castilla;  
El otro desheredado,  
El otro tiene su ama,  
No espero verle criado:  
Por el cual pueden decir  
Inocente, desdichado.  
Y pido de vos enmienda,  
Rey, señor, primo hermano,  
A la justicia de Diós  
De hecho tan mal mirado,  
Por verme a mi con venganza  
Y a el sin culpa, culpado.

*Cancionero de Romances*

## 13

**Romance del Duque de Braganza, Don Jayme**

(ANONYMO)

Lunes se decia lunes,  
Trez horas antes del dia,  
Quando el Duque de Braganza  
Con la Duqueza reñia.  
El Duque con grande enojo  
Estas palabras decia:  
— Traidora me sois, Duquesa,

Traidora, falsa, malina,  
Porque pienso que traicion  
Me haceis y aleivosía.  
«No te soy traidora, Duque,  
Ni en mi linaje lo habia.»  
Echo la mano a la espada,  
Viendo que asi respondia:  
La Duqueza con esfuerzo  
Con las manos la tenia.  
— Dejes la espada, Duqueza,  
Las manos te cortaria.  
«Por mas cortadas, el Duque  
A mi nada se daria,  
Si no, vedlo por la sangre  
Que mi camisa teñia.  
¡Socorred, mis caballeros,  
Socorred por cortesía!»  
No hay ninguno alli de aquellos  
A quien la favor pedia,  
Que eran todos portugueses  
Y ninguno la entendia,  
Sino era un pajecico  
Que a la mesa la servia:  
= Dejes la Duquesa, el Duque,  
Que nada te merecia. =  
El Duque muy enojado  
Detrás del paje corria  
Y cortole la cabeza  
Aunque no lo merecia,  
Vuelve el Duque a la Duquesa  
Antes que viniese el dia.  
«En tus manos estoy, Duque,  
Haz de mi a tu fantasia,  
Que padre y hermanos tengo  
Que te lo demandarian,  
Y aun que estos estan en España,

Allá mui bien se sabria.  
— No me amenaceis, Duqueza,  
Con ellos yo me avernia.  
«Confessar me dejes, Duque,  
Y mi alma ordenaria.  
— Confesaos con Diós, Duqueza,  
Con Diós y Santa Maria.  
«Mirad, Duque, esos hijicos  
Que entre vos y mi había.  
— No los lloreis mas, Duqueza,  
Que yó me los criaria. —  
Revolvio el Duque su espada,  
A la Duquesa heria :  
Diole sobre su cabeza,  
Y a sus pies muerta caia.  
Cuando ya la vido muerta  
Y la cabeza volvia,  
Vido estar sus dos hijicos  
En la cama do dormia,  
Que reian y jugaban  
Con sus juegos a porfia.  
Cuando asi jugar los vido,  
Mui tristes llantos hacia :  
Con lagrimas de sus ojos  
Les hablaba y les decia :  
— Hijos ¡cual quedais sin madre,  
A la cual yo muerto habia!  
Matela sin merecerllo,  
Con enojo que tenia.  
¿Donde irás, el triste Duque?  
De tu vida ¿que seria?  
¿Como tan grande pecado  
Diós te lo perdonaria?

**A' la muerte del principe de Portugal***(De Fray Ambrosio de Montesino)*

Hablando estaba la Reina,  
En cosas bien de notar,  
Con la infanta de Castilla,  
Princesa de Portugal:  
A grandes voces oyeron  
Un caballero llorar,  
La ropa hecha pedazos,  
Sin dejar de se mesar,  
Diciendo: — Nuevas os traigo  
Para mil vidas matar:  
No son de reinos estraños,  
De aqui son d'este lugar:  
Desgreñad vuestros cabellos,  
Collares ricos dejad,  
Derrubad vuestras coronas  
Y de jerga os enlatad;  
Por pedraria y brocado  
Vestid disforme sayal;  
Despedios de vida alegre;  
Con la muerte os remediad. —  
Entreambos á dos dijeron  
Con dolor muy cordial,  
Con semblante de mortales,  
Bien con voz para espirar:  
«Acabadnos, caballero,  
De hablar y de matar,  
Decid: qué nuevas son estas  
De tan triste lamentar?  
Los grandes reys de España  
Son varios, ó vales mal?  
Que tienen cerco en Granada  
Con triunfo imperial.  
A qué causa dais los gritos

Que al cielo quieren llegar?  
Hablad ya, que nos morimos  
Sin podernos remediar.  
— Sabed, dijo el caballero,  
Muy rouco de voces dar,  
Que fortuna os es crueldad,  
Y el peligro de su rueda  
Por vos hubo de pasar.  
Yo lloro porque se muere  
Vuestro Príncipe real,  
Aquel solo que paristes,  
Reina de dolor sin par,  
Y el que mereció con vós,  
Real Princesa, casar:  
De los príncipes del mundo  
Al mayor el mas igual,  
Esforzado, lindo, cuerdo,  
Y el que mas os pudo amar,  
Que cayó de un mal caballo  
Corriendo en un arenal,  
Do yace casi defuncto  
Sin remedio de sanar.  
Si lo quíeres ver morir,  
Andad, señoras, andad,  
Que ya ni ve, ni oye,  
Ni menos puede hablar,  
Suspira por vos, Princesa,  
Por señas de lastimar,  
Con la candela en la mano  
No os ha podido olvidar.  
Con el está el Rey su padre  
Que quiere desesperar:  
Dios os consuele, señoras,  
Si es posible conhortar;  
Qu'el remedio d'estes males  
Es a la muerte llamar.

**Romance de la muerte del enamorado Don  
Bernaldino.**

(ANÓNIMO)

Ya piensa don Bernaldino  
Ir su amiga visitar,  
Da voces á los sus pages  
Que vestir le queiran dar;  
Dábanle calzas de grana,  
Borceguis de cordoban,  
Un jubon rico broslado,  
Que en la corte no hay su par;  
Dábanle uma rica gorra,  
Que no se podria apreciar,  
Con una letra que dice:  
«Mi gloria por bien amar.»  
La riqueza de su manto  
No os la sabria yo contar,  
Sayo de oro de mastillo,  
Que nunca se vió su igual,  
Una blanca hacanea  
Mandó luego ataviar,  
Con quince mosos de espuelas  
Que le van compañar,  
Ocho pages van con él,  
Los otros mandó tornar;  
De morado y amarillo  
Es su vestir y calzar.  
Allegado han á las puertas  
Do su amiga solia estar;  
Hallan las puertas cerradas,  
Empieson de preguntar:

— ¿Donde está doña Leonor,  
La que aqui solía morar?  
Respondió un maldito viejo,  
Que el luego mandó matar :  
«Su padre se la llevó  
Lejas tierras a habitar.»  
El rasga sus vestiduras  
Con enojo y gran pezar,  
Y volvióse á los palacios  
Donde solía repozar :  
Puso una espada á sus pechos  
Por sus dias acabar.  
Un su amigo que lo supo  
Venialo á consolar,  
Y en entrando por la puerta •  
Vidolo tendido estar.  
Empiesa á dar tales voces  
Que al cielo quieren llegar ;  
Vienem todos sus vassallos,  
Procurar de lo enterrar  
En un rico monumento  
Todo echo de cristal,  
En torno del cual se puso  
Un letrero singular :  
«Aqui esta don Bernaldino  
Que morio por bien amar.»



## Romances del Rey Don Sebastian — I

(ANONYMO)

Una bella lusitana,  
Dama ilustre y de valia,  
Haciendo sus ojos fuentes,  
Con llanto estiende la vista  
A la poderosa armada,  
Que de Lisboa salia,  
La vuelta el mar de Levanto,  
Por Sebastiano regida.  
Y como vido que el norte  
Sopla furioso y aprisa  
Dijo con un ¡ai! del alma,  
Triste, turbada, affigida:  
«Que no hay quien baste  
Contra gallardo rey, moro arrogante.»  
Esta mirando por tierra  
La mucha gente lucida,  
Diferenciados en traje  
Y en diferentes divisas,  
Porque aunque Cristo llevan  
La cruz en medio tendida,  
El galan y enamorado  
Conforme a su intento pinta;  
Pero la affigida dama,  
Que vido una roja insignia  
En una alta popa puesta,  
Desde un balcon que partia  
Digo: «No hay quien baste  
«Contra un gallardo rey, moro arrogante.»

Mira las lucidas armas  
Que lleva la fidalguia,  
Y de telas de oro y plata  
Costosas ropas vestidas;  
Y las medallas compuestas  
De muy rica pedreria,  
Cadenas de oro pendientes,  
Tantas que la vista admiran;  
Considerando de muchos  
La dolorosa partida,  
Y que ve entre los que parten  
El bien de su alma y vida,  
Dijo: — «No hay quien baste, etc.»  
Tocan las trompas à leva,  
Y las cajas resonantes  
Con los pifaros parleros  
Dicen que todos se embarquen.  
Los marineros dan voces  
Para que el ferro se alce,  
Y los lijeros grumetes  
Al viento velas esparcen,  
Cuando la dama hermosa,  
Procurando consolarse,  
Dice: — «Plega, Diós que vuelvas  
Victorioso y muy pujante,  
«Y habra quien baste  
»Contra un gallardo rey, moro arrògante.»

**El Rey Don Sebastian — II**

(ANONYMO.)

De la sangrienta batalla  
Que tuvo el rey Sebastiano  
Con los africanos moros,  
Rompido y desbaratado  
Se ha escapado un español  
De los que Felipe ha enviado  
Al socorro y obediencia  
Del bando del lusitano.  
Despedazadas las armas,  
Sin aliento y sin caballo,  
En roja sangre teñido,  
Por muchas partes llagado,  
Arrimose el español  
A un arbol espeso y bajo,  
De donde vido en su gente  
Aquel mortifero estrago;  
Y aunque lacio y macilento,  
Dijo, que lo oyó un soldado:  
— No me pesa de mi muerte,  
Pues con una vida pago  
La deuda que a Diós le debe  
El catolico cristiano;  
Mas ¿porque ha de morir  
Un rey mancebo y lozano  
Y con el todos los suyos  
Por ser mal aconsejado? —  
Estas razones diciendo  
Llegó el Rey alborotado,  
Y dijo: «¿Como, español,

En tal priesa, tanto espacio? »  
— Inclito Rey, le responde,  
Oyeme bien lo que hablo,  
Y és que te guardes, señor,  
Y retires todo el campo,  
Y no des al enemigo  
Tan abierta y larga mano,  
Y que los tuyos perezcan,  
Sin que se escape un cristiano.  
Mira que una retirada,  
Cuando és con acuerdo sano,  
Vale mas que un vencimiento,  
Si el tal se alcanza con daño.  
El Rey atento le ha oido  
Y dijole: «Castellano,  
Toma para ti el consejo  
Que me dás, nó todo sano  
Mas con pecho de cobarde,  
Que no de diestro soldado.»  
El capitan que se vió  
Ser del Rey abaldonado,  
Cobró el aliento perdido  
Y tomó presto un caballo,  
Y con la espada desnuda  
Parte al sarraceno campo,  
Y dijole: — Excelso Rey,  
Porque entiendas que mi brazo  
No te ha de echar en afrenta,  
Ten cuenta con lo que hago. —  
Trez alcaides tiene muertos  
En una hora de espacio,  
Y mas de diez corredores  
De los que andan en el campo.  
El Rey, que atencion le tuvo  
Aunque no estaba parado,  
Dijo a los suyos: «Sin duda

El español es honrado;  
Haced lo mismo vosotros  
Los que vos preciais de hidalgos,  
Y ninguno vuelva atras,  
Mientras no vuelve mi brazo.»  
Pero la parca cruel  
Que tiene el cuchillo alzado,  
A Sebastiano dió muerte,  
Y a su reino eterno llanto.

*Romancete generalc.*

---

18

### El Rey Don Sebastiano. — III

(ANONIMO)

Discurriendo en la batalla  
El Rey Sebastiano bravo,  
Bañado en sangre enemiga  
Toda la espada y el brazo,  
Herida su real persona,  
Pero no de herir cansado;  
Que en tal valeroso pecho  
No pudo caber cansacio,  
A todas partes acude,  
Do el peligro está mas claro,  
Poniendo en orden su gente  
Y temor en el contrario,  
Entre los alarbes fieros,  
Haciendo en ellos estrago  
Con la prisa y peso de armas  
Sale cansado el caballo.  
A remediar su peligro  
Venir vió un valiente hidalgo;

Las armas traíasangrientas,  
Por muchas partes pasado,  
En un caballo lijero  
Contra moros peleando,  
Y sacando de flaqueza  
La voz, dice suspirando:  
— D'este caballo te sirve,  
Inclito Rey Sebastiano  
Y salvarás en salvarte  
Lo que queda de tu campo:  
Mira el destrozo sangriento,  
De tu pueblo lusitano,  
Cuya lastimosa sangre  
Hace lastimoso lago;  
Sin orden tu infanteria,  
Rompidos los de a caballo,  
Senal de triste suceso  
Favorable en el contrario.  
Que te apartes d'esa furia  
Te suplican tus vasallos  
Llenos de sangre los pechos,  
Puestas las vidas al caso:  
Pon los ojos en tu fé,  
Y recibe mi caballo;  
Prefierase el bien comun  
A la vida de un hidalgo:  
No abaldones mi deseo,  
Huye las manos del daño.—  
De cuyos ruegos movido,  
Respondió el Rey acetando:  
«A tel estrecho he venido,  
Que tengo de ser forzado  
A receber con tu muerte  
La vida que yá desamo;  
Pero poca es la ventaja  
Que me llevaras, hidalgo,

Que aqui do quiere fortuna,  
No está mal morir temprano.»  
Decende, le dice el Rey;  
Pero no puede el vasallo,  
Que mil honrosas heridas  
Le traian en tal estado:  
Ayudale a decender  
El Rey con sus propios brazos,  
Echandoselos al cuello,  
Y subiendo en el caballo.  
«Adiós, dice, caballero:  
Que a buscar venganza parto  
En los fieros enemigos  
Y a morir con mis vasallos.»

*Romancero general, n. 73 v.*

FIM

## ADDIÇÕES Á PAG. XXXII

Nos *Livros de Linhagens*, dos fins do seculo XIV, já lá se fala nas façanhas dos Doze Pares, do cyclo de Carlos Magno: «muitos rricos homeens que hiam pera lhes acorrerem disseram a el-rey dom Fernando que numca virom cavalleiros nem ouviram falar que tam soffredores fossem, e pose-ram-nos em par dos doze pares:» *Mon. Hist. Scriptores*. Vol. I, fasciculo III, p. 283.

Dos romances populares feitos a morte de Dona Inez de Castro, cantados pelo povo em Coimbra, fala o P.<sup>o</sup> Dom Marcos de Sam Lourenço, no manuscrito dos *Lusiadas* commentados, cujo autographo existe na Bibliotheca das Necessidades: «As filhas de Mondego, diz Camões que, longo tempo fizeram memoria d'esta morte de Dona Inez, o que se entende nãs cantigas que logo saem e se compoem quando algum caso notavel acontece, como quando mataram D. Alvaro de Luna, em Castella. Estas cantigas e romances duraram mais na bocca das moças de cantaro e lavandeiras, principalmente onde a gente é alegre e prezenteira como a de Coimbra, onde esta historia aconteceu <sup>1</sup>.» Este commento foi escripto depois de 1633, e é natural que andassem ainda na tradição os cantos que agora vão apparecendo em cadernos de uso popular.

Entre os peccados de bocca, el-rei Dom Duarte enumera, no *Leal Conselheiro* (p. 357), o cantar «cantigas sagraes.» N'esta passagem refere-se aos romances da paixão que começaram no principio do seculo XV, os quaes foram prohibidos no tem-

<sup>1</sup> O Visconde de Juromenha, na sua edição de Camões, fala n'este manuscrito, t. I, p. 323 — 328.



po da Reforma, e condemnados nos *Index Expurgatorios* de Portugal e Hespanha no seculo XVI.

Sá de Miranda na ecloga VIII, allude a um romance antigo :

o baboso da aldeia  
Que traz sempre a bocca cheia  
Das *Filhas de Dom Bellranc.* 1

Gil Vicente tambem allude á morte de Roland, do cyclo de Carlos Magno :

E' o precioso terçado  
Que foi no campo tomado  
Depois de morto Roldão. 2

Seropita faz allusão ao romance dos *Sete Infantes de Lara*, quauda fala dos namorados que aos domingos galanteiam do canto das travessas, «os quaes, pela maior parte, não sahem de obreiros de official que para este passo se almofaçam de maneira que vos pareceram uns *Sete infantes de Lara.*» (p. 109 das *Poesias e Prosas ineditas*).

No tempo de Dom Constantino de Bragança, vice rei da India, o povo, ao vel-o mandar construir uma Nau, vinha cantar-lhe injustamente de baixo da janella uma parodia do romance hespanhol :

Mira Nero de Tarpeia  
A Roma como ardia,

d'esta forma :

Mira Nero da janella  
La nave como se hacia. 3

1 Ed. de 1677, p. 477.

2 *Obr.* t. II, p. 416.

3 Juromenha, «*Vida de Camões,*» t. I, pag. 82. — Vid. igualmente t. I, p. 45.

# INDICE

---

## TRANSFORMAÇÕES DO ROMANCE POPULAR DO SECULO XVI A XVIII

|  |      |
|--|------|
| Os romances populares soffrem a mesma transformação que em Hespanha receberam no seculo XVI..... | V    |
| Originalidade dos romances portuguezes..   | VI   |
| O cyclo da <i>Tavola Redonda</i> em Portugal, no tempo de D. João I.....                         | VII  |
| A poesia palaciana exclue os romances populares.....   | VIII |
| As glossas do romance popular.....   | IX   |
| <i>Pliegos sueltos</i> e cadernos de uso popular. X  |      |
| O <i>Cancioneiro</i> de Resende não allude a romances populares.....                             | XI   |
| Gil Vicente e a Comedia de <i>Rubena</i> .....   | XIII |
| Edições portuguezas de Romanceiros hespanhoes.....   | XIII |

|  |        |
|--|--------|
| Luctas da <i>Escola italiana</i> em Portugal..                                       | xiv    |
| O metro encadecasyllabo e octosyllabo...   | xv     |
| Reacção do metro popular.....  | xviii  |
| Lucta de Sá de Miranda.....  | xx     |
| Os poetas classicos desprezam a poesia do<br>povo.....                               | xxiii  |
| A reacção contra a <i>Reforma</i> extingue em<br>Portugal a poesia popular.....      | xxiv   |
| Influencia jesuitica nos cantos do povo...   | xxv    |
| Condemnação dos <i>Livros de cordel</i> .....  | xxvi   |
| O <i>Index Expurgatorio</i> .....  | xxvii  |
| Extinção de varias festas populares.....   | xxviii |
| Instrumentos musicos do seculo xvii.....   | xxix   |
| Introdução dos romances hespanhoes em<br>Portugal.....                               | xxx    |
| Romances portuguezes em Hespanha....   | xxxi   |
| Causa da extensão do Romanceiro hespa-<br>nhol.....                                  | xxxii  |
| Romances conhecidos em Portugal hoje<br>obliterados na tradição.....                 | xxxii  |
| Adições a pag. xxxii. Vid p. 211 e 212.  |        |
| A comedia do <i>Fidalgo Aprendiz</i> encerra<br>a historia do romance em Portugal... | xxxiii |
| Os romances populares postos em musica.  | xli    |
| Letra castelhana em moda.....  | xlii   |
| Romances trovados ou glosados.....   | xliii  |
| Romances ao divino.....  | xliv   |
| As Xacarandinas.....   | xlv    |
| O que era o cantar de algaravia en aravia.   | xlvi   |
| Os romances mouriscos.....   | xlviii |
| Forma lyrica dos romances.....   | li     |
| Os romances amorosos dos Mosteiros.....  | lii    |
| Estado actual da poesia popular.....   | liii   |

---

ROMANCES COM FORMA LITTERARIA, DO  
SECULO XVI A XVII

|  |    |
|--|----|
| <b>Alvaro de Brito</b> — Trovas á morte de príncipe Dom Affonso, filho de D. João II...            | 1  |
| <b>Garcia de Resende</b> — Trovas á maneira de romance feitas á morte de Dona Inez de Castro ..... | 3  |
| <b>Francisco de Sousa</b> —Trovas a um Vilancete.  | 8  |
| <b>Gil Vicente</b> — Romance em memoria da partida da Infanta Dona Beatriz.....                    | 9  |
| — Romance burlesco, glosando o celebre romance <i>Yo me estava en Coimbra</i> .....                | 11 |
| — Cantiga dos romeiros.....  | 12 |
| — Romance ao nascimento do Infante Dom Felipe.....   | 13 |
| — Romance á morte de Dom Manuel.....   | 14 |
| — Romance á aclamação de Dom João III.   | 16 |
| — Cantiga do Natal.....  | 19 |
| — Vilancete de Abel.....   | 20 |
| — Fragmento da <i>Bella mal maridada</i> .....   | 21 |
| — Cantiga cantada em Chacota .....   | 22 |
| — Cantiga do <i>Auto da Luzitania</i> .....  | 22 |
| — Cantiga da Comedia de <i>Rubena</i> .....  | 23 |
| <b>Bernardim Ribeiro</b> — Cantar a maneira de Soláo.....  | 24 |
| — Romance de Avalor.....   | 25 |
| — Romance de Cuidado e Desejo.....   | 27 |
| <b>Christovam Falcam</b> — Cantiga com suas voltas .....   | 33 |
| <b>Sá de Miranda</b> — Cantiga.....  | 32 |
| <b>Jorge de Monte-Mór</b> — Canção.....  | 34 |
| — Outra cançoneta.....   | 35 |
| <b>Jorge Ferreira de Vasconcellos</b> — Romance da batalha de El-rei Arthur com Morderet.          | 36 |
| — Romance sobre a Guerra de Troya.....   | 38 |

|   |     |
|---|-----|
| — Romance da morte de Achilles.....   | 39  |
| — Romance da morte de Policena.....   | 42  |
| — Romance da Historia de Roma.....  | 44  |
| — Romance da Batalha da Pharsalia.....  | 46  |
| — Romance á morte do principe D. Affonso  | 49  |
| — Romance á morte do Principe D. João..   | 52  |
| <b>Luiz de Camões</b> — Endechas a Barbora es-<br>crava .....                             | 54  |
| — Mote com sua volta .....  | 55  |
| <b>Francisco Rodrigues Lobo</b> — Cantiga.....  | 56  |
| — Outra .....   | 57  |
| — Romance do Desenganado .....  | 58  |
| <b>Dom Francisco de Portugal</b> — Romance pas-<br>toril.....                             | 60  |
| <b>Balthazar Dias</b> — Romance do Marquez de<br>Mantua e do Imperador Carlos Magno...    | 62  |
| — Historia da Imperatriz Porcina (tirada do<br><i>Speculum historiale</i> ).....          | 104 |
| <b>Dom Francisco Manoel de Mello</b> — Romance<br>picaresco .....                         | 149 |
| <b>Quintana de Vasconcellos</b> — Romance de Cla-<br>ridea.....                           | 152 |
| <b>Antonio Serrão de Castro</b> — Romance da Bri-<br>ga de um Cego com um Corcovado.....  | 154 |
| <b>Anonymo (1620)</b> — Romances e cantigas da<br>canonisação de S. Francisco Xavier..... | 156 |
| — Cantiga de Abel (1659).....   | 159 |
| <b>Francisco Lopes</b> — Romance de Santo Anto-<br>nio e a Princeza.....                  | 160 |

---

ROMANCES DA HISTORIA DE PORTUGAL, TI-  
RADOS DAS COLLECÇÕES HESPANHOLAS

|  |     |
|--|-----|
| 1 — Romance del Conde Don Henrique..   | 163 |
| 2 — Romance de Egas Moniz.....   | 165 |
| 3 — Romance del Rey Don Affonso, quan-<br>do libertó Portugal del tributo.....                         | 171 |
| 4 — Romances de Don Pedro I de Portu-<br>gal y Dona Inez de Castro — I.....                            | 174 |
| 5 — Don Pedro I y Dona Inez — II....   | 175 |
| 6 — Don Pedro I y Dona Inez — III....  | 177 |
| 7 — Dona Inez de Castro, Cuello de Garsa<br>de Portugal — IV .....                                     | 178 |
| 8 — Romance de Dona Isabel.....  | 185 |
| 9 — Romance de Dona Isabel de Liar — I.  | 187 |
| 10 — Al mismo asunto — II.....   | 191 |
| 11 — Romances del Duque de Guimarans, I.   | 193 |
| 12 — La Duqueza de Guimarans se queja<br>al Rey por la muerte que hizo dar a su es-<br>poso — II ..... | 196 |
| 13 — Romance del Duque de Bragança Don<br>Jayme .....  | 197 |
| 14 — A la muerte del Principe de Portugal.   | 200 |
| 15 — Romance de la muerte del enamorado<br>Bernaldino .....  | 202 |
| 16 — Romances del Rey Don Sebastiano, I.   | 204 |
| 17 — El-Rey Don Sebastiano — II .....  | 206 |
| 18 — El-Rey Don Sebastiano — III.....  | 208 |

CANCIONEIRO

ROMANCEIRO GERAL

PORTUGUEZ

5 volumes in-8.º

**VOLUME I — HISTORIA DA POESIA POPULAR PORTUGUEZA —**  
*Primeira parte:* Vestigios da primitiva poesia popular portugueza. — *Segunda parte:* Unidade dos romances populares do Meio Dia da Europa. viii, 291 pag. Porto, 1867.

**VOLUME II. — CANCIONEIRO POPULAR,** colligido da tradição oral. — Reliquias da poesia portugueza do seculo xii a xvi. Sylva de cantigas soltas, Fados e Canções da rua, Orações, Prophecias nacionaes, Proverbial de aphorismos poeticos da lavoura. vii, 223 pag. Coimbra, 1867.

**VOLUME III — ROMANCEIRO GERAL,** contendo a Flor dos romances anonymos dos cyclos Bretão e Cartigniano; e um Vergel de Romances mouriscos, Contos de cativos, Lendas piedosas e Xacaras, com sessenta e uma notas extensas sobre as origens de cada romance. viii, 224 pag. Coimbra, 1867.

**VOLUME IV — CANTOS POPULARES DO ARCHIPELAGO AÇORIANO:**  
*Cancioneiro das Ilhas* Rosal de Enamorados, Serenadas de luar, Doutrinal de Orações. *Romancciro de Araviás:* Enselada de Romances novellescos, Primavera de Romances maritimos Rosa de Romances mouriscos, Silva de Romances historicos, Coro de Romances sacros, Enseladilha de romances entretenidos. Com oitenta e cinco notas sobre as origens e paradigmas das varias cantigas e romances. xvi, 478 pag. Porto, 1869.

**VOLUME V — FLORESTA DE VARIOS ROMANCES** com forma litteraria Estudo sobre as transformações do romance popular do seculo xvi a xviii. — Romances com forma litteraria dos eculo xvi e xvii. — Romances da Historia de Portugal, tirados das Collecções hespanholas. l. iii, 248 pag. Porto, 1869.

Preço da obra completa 2\$500.

AL

121 -  
12-18  
Ente

121 -  
12-18  
Ente

121 -  
12-18  
Ente

121 -  
12-18  
Ente

121 -  
12-18  
Ente





